

EDITORIAL

O AQUECIMENTO GLOBAL E A TEOLOGIA DO SÉCULO XXI

Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Editor da revista *Kerygm@*

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
reinaldo.siqueira@unasp.edu.br

Notícias e artigos tratando do aquecimento global e seus possíveis efeitos sobre o nosso planeta Terra foram as manchetes mais destacadas em muitos jornais e revistas nesses últimos meses. Imagens de impacto fizeram a capa de muitos deles. A revista *Época* do último 2 de abril, por exemplo, apresentou em sua capa uma visão aérea da cidade do Rio de Janeiro a partir do Cristo Redentor. Nessa imagem, os bairros de Ipanema e Leblon estavam sob o mar, podendo se avistar somente a parte alta dos edifícios.

Debates sobre o aquecimento global e seus possíveis efeitos começaram a ter destaque mundial há cerca de vinte anos. Este foi o tema central da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro, em 1992, e em Kyoto, no Japão, em 1997. Mas apenas agora tomou a dimensão que hoje presenciamos na mídia. O grande fator catalisador dessa intensa preocupação geral com esse assunto foi a recente divulgação do relatório do "Intergovernmental Panel on Climate Change" (IPCC), em Bruxelas, Bélgica. Nesse relatório, um grupo de cientistas apresentou evidências detalhadas do fenômeno do aquecimento global e fez previsões das possíveis consequências catastróficas que esse fenômeno terá sobre o nosso mundo nas próximas décadas (o relatório está disponível no site do IPCC: www.ipcc.ch).

O impacto dessa questão sobre a crença e a vida de pessoas e grupos religiosos já começa a se tornar uma questão relevante de debate. Hoje, ao se digitar em sites de busca, como o Google, algumas palavras-chaves em inglês, como "global warming" (aquecimento global), "religion" (religião), "Bible" (Bíblia), já se obtém mais de um milhão de resultados. Uma busca mais acadêmica no Google Scholar, por exemplo, resulta em mais de 830 produções científicas sobre a questão, entre artigos, dissertações, teses e livros publicados recentemente, de modo geral. A questão começa a ser debatida e tratada de todos os ângulos possíveis.

Qual será o impacto dessa questão sobre a teologia do século XXI? Qual será o impacto sobre a crença e comportamento de diferentes grupos religiosos? Somente o tempo poderá dizer. No entanto, essa não é uma questão que deve ser desprezada por aqueles que tomam a Bíblia como a Palavra inspirada de Deus e o livro guia para a sua vida. Seria o aquecimento global, e seu impacto sobre a terra e os oceanos, parte dos sinais do fim dos tempos preditos pelos profetas hebreus?

Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentre em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca (Ag 2:6).

Teria esse fenômeno algum relacionamento com as palavras de Jesus, ditas no Seu discurso escatológico no final do seu ministério?

Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. (Lc 21:25-26)



Seria o aquecimento global o início do processo que levaria ao superaquecimento da Terra predito no livro do Apocalipse?

O quarto anjo derramou sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para Lhe darem glória (Ap 16:8-9).

O texto bíblico exorta aquele que crê no Senhor a se manter vigilante, observando os sinais dos tempos, a fim de saber em que fase da história humana ele está vivendo e assim estar pronto para a volta de Jesus (Mt 24:32-44). A revista *Kerygm@* estará, sem dúvida, vigiando e acompanhando de perto esses eventos, procurando analisá-los à luz da revelação bíblica.

Na presente edição de *Kerygm@*, o tema do tempo da volta de Cristo é o assunto abordado no ensaio sobre a “tardança da Parousia”. A seção de artigos traz também estudos sobre o fenômeno da glossolalia (o falar em línguas), sobre a leitura cristocêntrica do Antigo Testamento, por parte dos autores neotestamentários, e sobre o tema da mulher virtuosa em Provérbios 31.

Uma série de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) torna público o esforço e a pesquisa acadêmica dos formados no bacharelado em Teologia do Unasp, Campus Engenheiro Coelho, notadamente do ano 2006. Como de costume, esses trabalhos estão disponíveis na sua íntegra, ao leitor interessado, no formato pdf. A seção de dissertações e teses traz o resumo das pesquisas doutorais do Prof. Dr. Renato Stencel, defendida na Unimep, de Piracicaba, e do Dr. Alceu Nunes, apresentada no próprio Unasp. O tema da ciência e da fé, evolução e criação, volta a ser analisado pelo Prof. Dr. Nahor N. Souza Jr, por meio da resenha do livro *Fé, Razão e História da Terra*, de Leonard Brand.

Uma boa leitura para todos!

ARTIGOS

A MULHER IDEAL: UMA REFLEXÃO HOMILÉTICA SOBRE A ESPOSA VIRTUOSA DE PROVÉRBIOS 31:10-31

Emilson dos Reis, MTP

Professor de teologia e pastor da igreja do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
emilson.reis@unasp.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema de estudo a mulher ideal. Se você tivesse que opinar a respeito, o que diria? Como a descreveria? Destacaria seus atributos físicos como medidas, cor de pele, de olhos ou de cabelo? Ou valorizaria bastante suas habilidades e qualidades morais? Ou salientaria sua posição social, sua educação e seus recursos financeiros?

Na Bíblia Sagrada, Deus nos deixou uma descrição da mulher ideal. Ela se encontra em Provérbios 31:10-31. É apresentada na forma de uma poesia acróstica com vinte e dois versos, cada um contendo duas linhas poéticas. Para facilitar a memorização do poema, cada verso começa com uma das vinte e duas letras do alfabeto hebraico, na devida ordem. É claro que na tradução isso se perde.

A mulher aqui retratada é uma dama de certa posição, que além de diversas habilidades, possui servas a seu dispor e dinheiro para investir. Por essa razão, relativamente poucas mulheres possuirão seu padrão de vida e poderão realizar o que ela faz. Contudo, precisamos saber também que, sendo um livro de religião prática que trata da conduta, Provérbios tem o propósito de demonstrar os resultados da fé em ação¹.

Portanto, ao apresentar várias amostras de comportamento, recomenda que aquelas que demonstram sabedoria sejam imitadas, tanto quanto possível. Assim, nesse relato da mulher ideal, existem alguns aspectos que servem como modelo para as demais mulheres, não importa a época ou o lugar em que vivam. Vamos examiná-los.

1. A MULHER IDEAL É UMA BOA ESPOSA

O texto inicia designando-a como “mulher virtuosa”, embora algumas traduções bíblicas prefiram a expressão “uma esposa excelente”², que reflete, de modo mais abarcante e fiel, o que o autor pretendia dizer. Como esposa exemplar, por meio de palavras e ações, ela faz bem a seu marido e não o mal (v. 12). Não é implicante, nem crítica, mas fala com sabedoria e bondade (v. 26). Também não o pressiona para gastar mais do que tem, nem esbanja o que possuem. Trata-o com amor, atenção e respeito, sempre e não conforme o humor do momento³.

A conduta dela demonstra que em seu lar não há batalha entre os sexos. Seu estilo de vida coopera para que ele seja respeitado, estimado e bem-sucedido na comunidade. De fato, seu marido é um dos mais nobres homens do lugar e se assenta como um dos juizes nas portas da cidade (v.23). Por tudo isso, ela conquistou a total confiança dele (v. 11). Tal descrição tem por objetivo mostrar as qualidades de uma boa esposa, para estímulo das próprias mulheres, e para indicar aos homens o perfil de companheira que devem buscar para esposa⁴.



2. A MULHER IDEAL É UMA BOA DONA-DE-CASA

A Bíblia de Jerusalém, considerada como a melhor tradução para a língua portuguesa, traz o seguinte título para este texto: “A perfeita dona de casa”. Embora a espécie de responsabilidades das mulheres difira de acordo com sua condição na sociedade em que vive, cada mulher tem o seu trabalho. Nos tempos antigos, até uma princesa fazia trabalhos domésticos.

A mulher virtuosa não pensa que as deveres domésticos sejam um fardo, uma eterna mesmice, um tédio, antes, trabalha com coragem, entusiasmo e persistência. Possui uma mente bem disposta e mãos diligentes⁵. O lar é sua esfera de ação e sua missão é tornar seu lar feliz⁶. Ela não é preguiçosa (vs. 4-6, 27), pois se levanta cedo e trabalha o dia inteiro (vs. 15, 18). Além disso, é precavida (vs. 4 e 7) e confiante (v. 7).

Ela tem muita saúde e força de vontade. É determinada, tem iniciativa (vs. 17, 25) e sabe administrar bem seus recursos de maneira a gerar novas riquezas. Com o dinheiro que adquiriu com seu trabalho compra um pedaço de terra e o limpa e nele planta vinhas, o que o torna mais valorizado (vs. 16)⁷. Além disso, administra bem sua casa. Distribui a tarefa entre os criados (v. 15) e não deixa faltar o agasalho (v. 21).

Como naqueles tempos, não era fácil encontrar roupas prontas para comprar e se tornava muito dispendioso contratar alguém para confeccioná-las, esperava-se que a esposa fosse uma boa costureira, preparando tanto as roupas comuns como aquelas usadas em dias especiais. Essa habilidade, que era ensinada de mãe para filha através das gerações⁸, é uma das qualidades da mulher virtuosa. Logo, suas roupas são luxuosas, feitas de ótimos tecidos e belas cores e sua casa é um lugar belo e atrativo, enfeitado com tapetes e cobertas coloridas no chão, nas paredes e nos leitos, como era o costume das famílias ricas nos países do oriente (vs. 21-22)⁹.

Ela também não deixa faltar mantimento e, como um navio mercante, faz provisão de tudo que é necessário para sua família (v. 14). Não se preocupa com o dia de amanhã (v. 25) porque tem em sua mente o consolo e a satisfação de quem cumpre seu dever. Em sua velhice se alegrará de haver sido diligente em sua juventude¹⁰. É verdade que desfruta de muitas coisas boas, todavia, tudo foi conseguido com muito esforço e trabalho duro.

3. A MULHER IDEAL É ESPIRITUAL

Quando esteve aqui na Terra, Jesus ensinou que nosso dever mais importante é amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos (Mc 12:29), o que indica, entre outras coisas, o amor a si mesmo é parte integrante da vida de um cristão. Também o é de uma personalidade emocionalmente equilibrada. Quem não gosta de si mesmo está em dificuldades e não poderá amar seu semelhante, como Deus deseja. A mulher desse relato é espiritual e, como tal, ama a Deus, ama a si mesma e ama ao próximo.

“Ela se relaciona bem com Deus” (vs. 8 -10). Abriga em seu coração o temor do Senhor e esse é o segredo de sua vida exitosa. Mas o que significa temer a Deus? Ao longo do texto sagrado o temor do Senhor é apresentado como algo positivo, benéfico e imprescindível para a formação de um caráter cristão. Ter o temor do Senhor abrigado em nosso coração significa conhecê-Lo (Pv 2:5; 9:10), o que nos levará a admirá-Lo por Sua grandeza, por Seu caráter, pelo que Ele é e pelo que tem feito (Sl 33:4-8), a reverenciá-Lo (Hb 12:28) e louvá-Lo (Sl 22:23; 115:10, 11, 13; Sl 118:3-4), a confiar Nele (Sl 115:11) e a Ele nos submeter, obedecendo com alegria aos Seus mandamentos (Sl 112:1)¹¹. A mulher ideal tem esse tipo de relacionamento com Deus. O temor do Senhor é seu valor primordial e o que dá verdadeiro valor a todas às demais virtudes¹².

“Ela se relaciona bem com seus semelhantes” (vs. 8 e 13). No relato, nós a vemos cuidando bem de sua família, dos criados e até dos pobres de sua comunidade. Frequentemente o sucesso financeiro das pessoas também conduz a uma completa falta de compaixão pelos menos capazes e pobres. Mas não nesse caso. Essa mulher se preocupa com eles e os socorre em suas necessidades¹³, sendo generosa para com eles. Além disso, ela atua como mestra, aconselhando e ensinando sabedoria, não de forma crítica ou áspera, mas com a bondade do céu (v. 26).

“Ela está de bem consigo mesma” (vs. 8 e 13). Isso pode ser constatado porque ela, além de valorizar o que é bom e belo, é vigorosa no corpo, elegante no vestir-se, digna,



animada e bondosa em seu comportamento e devotada e honrada em sua religião. Enfim, cultiva todas as excelências femininas¹⁴.

4. A MULHER IDEAL É BEM-SUCEDIDA

Ela é o deleite de sua família. Seu marido a considera a melhor mulher do mundo, e diz isso a ela, enquanto que seus filhos não se cansam de elogiá-la (vs.28-29). Não há conflito de gerações em seu lar. Ela tem sucesso na vida e sucesso no lar¹⁵.

Ela colhe o que semeou (v. 31). Uma das grandes leis da vida é que colhemos o que semeamos (Gl 6:7). Cada dia, cada momento, por meio de nossas palavras, de nossas ações, de nosso comportamento, estamos semeando sementes do bem ou do mal e, mais cedo ou mais tarde, haveremos de colhê-las; freqüentemente aqui mesmo, nesta vida. A mulher ideal semeou sempre e somente o bem e, agora, é retratada como a colher o que lhe é devido. É respeitada, apreciada e elogiada pelo marido, pelos filhos, pela comunidade e, mediante as Escrituras, pelo próprio Deus.

CONCLUSÃO

Ao descrever a mulher ideal, o texto nada diz quanto à sua aparência física. Não diz se é alta ou baixa, robusta ou esguia, se é loira ou morena, se os seus olhos são azuis, verdes ou castanhos, porque embora os aspectos físicos possam ter os seus encantos, a beleza, a graça e o charme são passageiros e de pouco valor, quando comparados com a beleza moral. "Elegância de formas, simetria na fisionomia, dignidade nas maneiras, beleza no rosto, todas essas coisas são vãs. A enfermidade as deforma; o sofrimento as macula e a morte as destrói"¹⁶. Em contraste com aqueles valores encantadores na aparência está o verdadeiro valor, o temor do Senhor, que é o lema do livro de Provérbios.

Embora muitos provérbios deste livro tenham sido sobre mulheres de vida imoral e mulheres contenciosas (2:16; 3:3-13; 6:24-25; 11:22; 21:9, 19; etc.) , cuja companhia é indesejável, suas últimas palavras são um elogio às mulheres virtuosas. Este texto é um verdadeiro espelho para as mulheres cristãs, que seriam ricamente abençoadas se freqüentemente olhassem para ele.

Mas, por que Provérbios, escrito, sobretudo, para os homens, termina exaltando a mulher virtuosa? Primeiramente porque é um livro sobre sabedoria, que aqui é personificada como uma mulher, por um lado porque é um nome feminino e, por outro, porque a mulher é um excelente exemplo da variedade de aplicações práticas da sabedoria. Esta é melhor ensinada e vivida no lar e resulta numa vida equilibrada, e que é dada atenção aos assuntos domésticos bem como aos empreendimentos dos negócios e às obras de caridade, e nos inspira a sermos fervorosos no uso do tempo e dos dons que Deus nos deu, de modo que outros também sejam beneficiados por ela.

Desse modo, vemos a sabedoria em ação no dia-a-dia e assim captamos lições concretas e não apenas a teoria. Ao mesmo tempo este poema vai de encontro à literatura do mundo antigo, que costumava ver a mulher simplesmente como algo decorativo, com charme e beleza, mas sem substância, e constitui-se num modelo para aqueles, homens e mulheres, que desejam desenvolver uma vida de sabedoria¹⁷.

Em segundo lugar, uma vez que a sabedoria aqui ensinada se origina no temor do Senhor, que é o tema de Provérbios, o livro encerra com o exemplo prático de alguém cuja virtude principal é justamente o temor do Senhor. De fato, Provérbios, que depois de uma breve introdução na qual são mencionados os objetivos do livro e seu público-alvo (1:1-6), começou com o temor do senhor (1:7), e depois retornou a ele diversas vezes (1:29; 2:5; 8:13; 9:10; etc.), agora termina com uma mulher que o possui (31:30) e que por isso também revela aquelas qualidades que foram exaltadas por todo o livro e é apresentada como um exemplo a ser seguido.

E, finalmente, porque de todas as pessoas com quem um homem se relaciona, quem mais pode contribuir para que em sua vida ele reflita as orientações do livro de Provérbios e se torne um sábio é a mulher temente a Deus: primeiro na qualidade de mãe e, depois, de esposa. Portanto, a descrição da mulher virtuosa encerra com "chave de ouro" as instruções precedentes, dedicadas todas ao homem¹⁸ e nos ensina que Deus quer que cada mulher de Sua igreja tenha o Seu temor no coração e dê prioridade em conquistar aquelas qualidades



que o céu aprova. Deseja que não viva para si, mas que a sua influência de modo a beneficiar a todos que puder.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ Virgínia Everett Davidson, "Provérbios que servem de orientação", *Lição da Escola Sabatina – Adultos*, 4º Trim. (Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1991), 3.

² Derek Kidner, *Provérbios – introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980; reimpresso em 1982), 92 e 177. A expressão hebraica para "mulher virtuosa" inclui prudência, fidelidade, laboriosidade, generosidade e iniciativa. – Matthew Henry, *Comentário exegético-devocional a toda a Bíblia*, 13 vols. (Viladecavallis, Barcelona: CLIE, 1988), 2:374.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 2:373.

⁵ R. N. Champlin, *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, 7 vols. (São Paulo: Hagnos, 2001), 4:2693.

⁶ Joseph S. Exell, *The Biblical Illustrator*, 23 vols. (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, s. d.), 5:688.

⁷ F. D. Nichol, ed., *Seventh-day Adventist Bible Commentary* [SDABC], 7 vols. (Washington, DC: Review and Herald), 1953-1957, 3:1070. Nos tempos antigos, muitas atividades econômicas eram parte das funções de uma mulher, como esposa e mãe: prover alimento e vestuário para a família e para si mesma, engajar-se em compra e venda e efetuar negócios que requeriam prudência e bom gerenciamento. – *The Interpreter's Bible*, 12 vols. (Nashville, New York: Abington Press, 1955), 4:956.

⁸ Champlin, 4:2693.

⁹ Ibid., 4:2694

¹⁰ Henry, 2:375-376.

¹¹ Emilson dos Reis, "Temor e medo de Deus: um estudo homilético sobre a relação com o divino nas Escrituras", *Parousia*, 2º semestre de 2004: 64-65.

¹² Henry, 2:375.

¹³ SDABC, 3:1071.

¹⁴ Exell, 5:688-690.

¹⁵ Na tradição judaica, este poema era recitado pelos maridos e pelas crianças na hora da refeição na sexta-feira à noite. – Frank E. Gaebelein, ed., *The Expositor's Bible Commentary* [TEBC], 12 vols. (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1991), 5:1128.

¹⁶ Adam Clarke, citado em Champlin, 4:2695.

¹⁷ TEBC, 5:1130.

¹⁸ Henry, 2:372.

ARTIGOS

TONGUES OF HEAVEN AND EARTH: THE VARIETIES OF GLOSSOLALIC INTERPRETATION

Marcos De Benedicto, D.Min.

Editor at the Brazil Publishing House (Casa Publicadora Brasileira)
in Tatuí, São Paulo, Brazil.
marcos.benedicto@cpb.com.br

ABSTRACT: Glossolalia, one of the most researched phenomena of the Christian world, can be viewed from three basic perspectives: (1) as a normal expression of known languages, but improper for the occasion, violating the accepted diglossia (naturalistic model), (2) as a supernatural expression of unlearned human languages (miraculous model), and (3) as an enthusiastic expression of inarticulate speech (ecstatic model). The biblical pattern seems to fit better into the miraculous model, but could include elements of the ecstatic model. For both Luke and Paul, the gift of tongues is an inspired intelligible utterance with multiple purposes, revelational/doxological content, and one source/origin (the Spirit). After decades of research, the ambiguity of this phenomenon still remains. However, a few provisional “certainties” can be outlined: (1) the understanding of glossolalia is highly dependent on one’s theological presuppositions; (2) the glossolalic phenomenon is not peculiar to Christian charismaticism; (3) glossolalia has multiple possible sources; (4) modern glossolalia can be identified with a learned behavior and bear no intelligible content; (5) glossolalia has a communitarian dimension; (6) glossolalia implies an altered state of consciousness; (7) current psychological research on glossolalia seems more objective; (8) glossolalia should not be taken as a sign of orthodoxy or higher spiritual status; (10) glossolalia in Christian settings should have a minimum of correspondence to the New Testament phenomenon.

KEYWORDS: glossolalia, speaking in tongues, diglossia, gift, sign, interpretation of tongues, Holy Spirit.

LÍNGUAS DO CÉU E DA TERRA: A VARIEDADE DE INTERPRETAÇÕES DA GLOSSOLALIA

RESUMO: A glossolalia, um dos fenômenos mais pesquisados do mundo cristão, pode ser vista a partir de três perspectivas básicas: (1) como uma expressão normal de línguas conhecidas, mas impróprias para a ocasião, violando a diglossia estabelecida (modelo naturalístico), (2) como uma expressão sobrenatural de línguas humanas não aprendidas (modelo miraculoso) e (3) como uma expressão entusiástica de fala inarticulada (modelo extático). O padrão bíblico parece se encaixar melhor com o modelo miraculoso, mas pode incluir elementos do modelo extático. Para Lucas e Paulo, o dom de línguas é uma elocução inspirada e inteligível, com múltiplos propósitos, conteúdo revelacional/doxológico e uma fonte/origem (o Espírito). Após décadas de pesquisa, o fenômeno continua ambíguo, mas algumas “certezas” provisórias podem ser esboçadas: (1) a compreensão da glossolalia depende das pressuposições teológicas da pessoa; (2) o fenômeno glossolálico não é peculiar ao carismatismo cristão; (3) a glossolalia pode ter múltiplas fontes; (4) a glossolalia moderna pode ser identificada com um comportamento aprendido e não apresenta conteúdo inteligível; (5) a glossolalia tem uma dimensão comunitária; (6) a glossolalia implica um estado alterado de consciência; (7) a pesquisa atual sobre a glossolalia parece ser mais objetiva; (8) a glossolalia não deve ser considerada um sinal de ortodoxia ou status espiritual mais elevado; (10) a glossolalia no ambiente cristão deve ter um mínimo de correspondência com o fenômeno descrito no Novo Testamento.



PALAVRAS-CHAVE: glossolalia, falar em línguas, diglossia, dom, sinal, interpretação de línguas, Espírito Santo.

INTRODUCTION

Speaking in tongues, or glossolalia, is one of the most controversial and studied gifts in the recent history of Christian scholarship.¹ Although there are scores of studies on the subject,² I would like to highlight three landmarks in the field: *Glossolalia*, released in 1985 by H. Newton Malony and A. Adams Lovekin, which is the most comprehensive/authoritative overview from a social and behavioral perspective;³ *Prophecy and Inspired Speech in Early Christianity and its Hellenistic Environment*, authored in 1997 by Christopher Forbes, which is perhaps the best approach to inspired speech available;⁴ and *Speaking in Tongues*, recently edited by Mark J. Cartledge, which provides a useful multi-disciplinary analysis of the topic.⁵

Not surprisingly, speaking in tongues has challenged theologians and other scholars for a long time. C. S. Lewis confessed that glossolalia was “a stumbling-block” and “an embarrassing phenomenon” to him.⁶ Long ago, Henry Barclay Swete said: “There is no historical statement in the New Testament which is more difficult to interpret than St Luke’s account of the Pentecostal gift of tongues.”⁷ Perhaps only the Pauline theological statements about the same gift surpass Luke’s account in mystery.

1. MODELS OF INTERPRETATION

What was the linguistic nature of this New Testament phenomenon? Is the biblical gift identical to the phenomenon known today as glossolalia? If the phenomena are different, how should one explain glossolalia?

To begin with a working definition, the biblical gift of tongues is a special ability that God gives to some believers to express potentially intelligible utterances to communicate the gospel, praise God, and/or attest God’s presence. Examples include the apostles (Acts 2:4), the household of Cornelius (Acts 10:44-48), a group of believers from Ephesus (Acts 19:6), the Corinthians (1 Cor 14:26), and Paul (1 Cor 14:18).

The Greek expression *glossa lalein* (literally, “to speak in tongues”) appears in five New Testament passages.⁸ Considering all references or allusions, there is a total of approximately 35 instances in the New Testament, with predominance in Pauline literature. The simpler expression *glossa lalein* possibly is an ellipse or abbreviation of the more original formula *heterais glossais laleo* (Acts 2:4) or *heteroglossais laleo*.⁹ As Roy Harrisville underlines, perhaps “by the time Paul and the author of Acts had put pen to paper the terms had become more or less fixed, a possibility which would also explain the combination of *glossa* with *lalein*, but never with *legein*.”¹⁰

A plethora of commentary interpretations have been offered for the biblical gift of tongues.¹¹ The options include tongues as an enthusiastic expression in native languages improper for a given setting, and against collective expectation, in a context of diglossia;¹² the ability to speak real unlearned languages (xenolalia or xenoglossia);¹³ angelic speech;¹⁴ “a kind of structured or ordered babbling”;¹⁵ complex speech patterns that “may bear all kinds of cognitive information in some coded array”;¹⁶ “a piece without fragments from known human languages, having linguistic deviations from patterns common to human languages, yet being indistinguishable by a naïve listener from a foreign language”;¹⁷ “language of the unconscious, but language capable of becoming conscious”;¹⁸ “prayer without concepts, prayer at a deep, noncognitive level”;¹⁹ an eschatological Spirit-inspired “groaning,” that is, a free, transcendent, and “unclassifiable” response to the free, transcendent, and “unclassifiable” Spirit of God;²⁰ a “discourse of resistance,” which resists current philosophical categories and defies the powers of the world, a kind of linguistic surrealism, a symbol/indicator of a divine reality.²¹

All these options may be simplified into three: (1) known languages improper for the occasion (naturalistic model), (2) previously unlearned human languages (miraculous model), and (3) inarticulate speech (ecstatic model). Another possibility is that Luke understood the phenomenon as intelligible, while Paul viewed it as unintelligible.

Supporters of the naturalistic model argue that the disciples spoke in Aramaic and Greek in a context of worship (the feast of Pentecost), so violating the Jewish diglossia. In plain



terms, diglossia is a kind of bilingualism with a “high” language for formal use and a “low” language for day-to-day talks.²² In the context of our study, this concept means that Hebrew was an upper or H language, proper for ceremony, liturgy, and learning (or the “holy language” of the temple), in the same sense that Latin once was the language of the Catholic liturgy. Aramaic and Greek were lower or L languages, everyday vernacular. Therefore, from a *gentile understanding*, we think that the disciples spoke in the languages of several nations; but in fact, from a *Jewish understanding*, they spoke in “other tongues” (Acts 2:4) than Hebrew.

This view assumes that Acts 2:9-11 presents a list of nations (geographical areas), not of languages, and that there was a small linguistic diversity among the first-century Jews of the Diaspora. The Septuagint would be just one evidence that most scattered Jews spoke Greek. Besides, Luke includes “Judea” in the list. So, why a language miracle? On the other hand, it is argued, the believers of Corinth spoke remote native languages, without translation, in the worship setting, violating the Greek as *lingua franca*, which everyone knew.²³

Another interpretation related to diglossia has been recently offered by William Harmening, an instructor of psychology and criminal law at Lincoln Land Community College in Springfield, Illinois.²⁴ Citing Jewish sources, including the Talmud, he argues that Hebrew was seen by the Jews as the language of God and the angels. Therefore, its use in the worship environment was heavily regulated. The meturgeman, or interpreter, was a key element in the liturgy of the synagogue because he “translated”/interpreted into the mother tongue of the assembly what was read from the scrolls in Hebrew, the holy tongue. The Christian synagogue/church followed the basic liturgy of the Jewish synagogue, but in Corinth there were some deviations.²⁵

According to Harmening, the linguistic phenomena described in Acts and 1 Corinthians are radically different. At Pentecost, in parallel with the giving of the Torah at the Sinai, the disciples were given the miraculous power to speak real unlearned languages, in order to start the Christian church. In Corinth, the Christian Jews, following the cultic traditions of the synagogue, were trying to impose a ritualistic use of the holy language (Hebrew) into the Christian assembly. Paul accepts the use of the Jewish tradition, but devalues the effectiveness of an enthusiastic recitation of the Scripture in the sacred tongue, especially when used without the help of a gifted interpreter and in a non-ordered way.

After quoting a statement by John Lightfoot (1602-1675) that seems to validate his view,²⁶ Harmening observes that “the use of Hebrew would have been confusing to the Gentile population in the Church who neither understood the language nor had any tradition requiring its use, thus resulting in the problems Paul addresses in his epistle.” Therefore, Paul “de-ritualizes the use of Hebrew and pulls away from using the language solely for the sake of fulfilling a synagogue requirement.”²⁷

This naturalistic interpretation is ingenious, but does not explain satisfactorily all facts stated in the text. For example, in Acts 2:6-12, people from many places wonder how Galileans could speak in their (the hearers’) own languages. It seems that their sense of wonder did not have to do only with the boldness of the apostles in speaking the things of God in common language (rather than Hebrew, the holy language), but with a much more spectacular phenomenon, namely, a linguistic miracle. Anyway, it is a welcome different exploration.

Conservative Protestant theologians tend to favor the option 2 above (the miraculous model).²⁸ Most Adventist theologians also support the miraculous model (so Ellen White,²⁹ Gerhard Hasel [see below], Morris Venden,³⁰ and George Rice³¹), but there are defenders of some version of the ecstatic model (so William Richardson [see below] and Ivan Blazen³²). The authors of the *Seventh-day Adventist Commentary* support the miraculous model for the phenomenon of Acts, but progressively work with both possibilities (the miraculous and the ecstatic models) for the Corinthian phenomenon.³³

The early Pentecostals started by explaining their glossolalic experience as a miraculous expression of previously unlearned languages (xenolalia), granted by God for the evangelization of foreign peoples, but linguistic counter-evidence made them to abandon this explanation in favor of the option 3 (ecstatic model).³⁴ Sophisticated research made an impossible shift possible. Technology sometimes changes theology! So, according to the current mainstream Pentecostal/charismatic interpretation, instead of a missiological gift, glossolalia is an ineffable gift for worship or private edification. In some way, the focus has been changed from the earth to heaven.



As James Smith puts it, “in the popular imagination, glossolalia is often thought to be a quintessentially unmediated, divinely given, ecstatic discourse which bypasses the conditions of interpretation – a kind of pure conduit from God, without the static or supposed distortion of semiotic mediation.”³⁵ Accordingly, while people do not understand the grammar of the s/Spirit, God does.

John Bertone, who sees a reference to glossolalic utterance in Romans 8:26, even for “the unlikelihood of silent prayer in antiquity” (people used to pray aloud), comments: “Glossolalic speech is the fundamental prerogative of the children of God exercising their right of expression through prayer; it is an acknowledgment of their insufficiencies and need for reliance upon God, who in turn understands their situation and meets their need by praying with them and for them.”³⁶ In this experience, the believer is intimately aligned with God and God is emotionally aligned with the believer.

This theology is beautiful. However, does the ecstatic view fit the biblical portrayal of glossolalia? For a tentative answer, see the assessment below. A key point to make here is that the apostle Paul clearly links tongues with interpretation, aiming at communication between utterer and listener.

Richardson, in consonance with many modern charismatic scholars, sees a difference between the gift in Acts and the gift in Corinth. In Pentecost, according to him, the gift was unlearned foreign language, given with two purposes: (1) “to enable the apostles to communicate in various dialects” and (2) “to grab the attention of the crowds and thereby add credence and credibility to the words of the apostles.”³⁷ In Corinth, the gift was a kind of holy enthusiasm, a euphoric experience, that is, unintelligible speech or ecstatic utterance.³⁸ He concludes:

Corinthian glossolalia, the charism that Paul included in his list of gifts, and that is nearly hidden behind all the abuses, began as a genuine, personal experience of prayer and praise, characterized by surrender of the human spirit to the divine Spirit. The result was an emotional feeling difficult to put into words. Occasionally, however, it burst forth in rapturous vocalizing, not unlike continuous expressions of “hallelujah,” which would need “interpretation” before anyone else could fully benefit from the reasons behind such enthusiasm.³⁹

Richardson’s reconstruction of Paul’s argument in 1 Corinthians 14 has plausibility, if we exegete just the Pauline text. Any Adventist with a charismatic taste certainly will feel inclined to appreciate his openness and effort to make sense of such a difficult passage. The problem is that there are other variants involved.

From a broader context, and working mainly with linguistic data, Hasel also makes a convincing case that the gift in both Acts and 1 Corinthians refers to unlearned foreign languages. He argues that in the New Testament the Greek term *glossa* (“tongues”) means either the physical organ of speech or languages; that “there is full and complete identity of language in every New Testament passage that treats the subject of ‘speaking in tongues’”; that the early church fathers and the majority of ancient scholars supported the tongues-as-foreign-language view, differently from modern scholars, which suggests a reading back into the New Testament; and that there is no use of the expression *glossa lalein* (“to speak in tongues”) “in non-biblical Greek texts to mean glossolalia in the sense of unintelligible speech.” Therefore, Hasel concludes, there is just one gift of tongues in the entire New Testament, “which is supported by the same terminology, the context of the Holy Spirit’s work, and the uniqueness of early Christian tongues-speaking,” and such gift is “non-ecstatic in nature.”⁴⁰ Any conservative Adventist will appreciate Hasel’s enterprise.

How should one situate oneself between these two Adventist scholars of the same school (Andrews University) holding opposing views? Assuming the risk of dissatisfying both parties, I will suggest that these views are not totally irreconcilable. Is it not possible to speak a real language through the Spirit and at the same time experience an overflow of enthusiasm or some degree of dissociation? Let us look for a biblical rationale.



2. BIBLICAL PERSPECTIVES

In Acts, Luke seems to make a deliberate effort⁴¹ to present the gift of tongues as unlearned foreign languages, but he also allows for an emotional accompaniment. First, the sacred historian declares that the Spirit “enabled” the disciples “to speak in other tongues” (2:4), which suggests a gift whose source lies not merely on human psychology. If their utterance were common or caused through some trance-inducing process, it would be difficult to explain the astonishing perceived novelty.

Then, using a hyperbole, Luke states that in Jerusalem there were Jews from “every nation under heaven” (vs. 5), a preparatory description for what he will say. In vs. 6, he adds that each one in the international and bewildered crowd heard the disciples speaking in his “own language” (*idia dialekto*). Here Luke seems to emphasize again the specificity and wideness of the phenomenon. The question of the amazed visitors whether the speakers were not all “Galileans” (vs. 7) reinforces the linguistic nature of the phenomenon.

To highlight his point, Luke says that the listeners wondered how each one was hearing “in his own native language” (vs. 8). This Lukan statement has been used to interpret the tongues at Pentecost as a miracle of hearing (*akolalia*). Luke Timothy Johnson and Jenny Everts are modern interpreters, among others, who support this view.⁴² Yet, the whole context, particularly vs. 4, seems to dismiss this interpretation.

Sharpening the focus, Luke then cites a list of countries and peoples that “closely resembles that of the regions and peoples of the Persian Empire according to the inscription made by Darius I at Behistun.”⁴³ Luke describes an “assembly of Jews in Jerusalem regarded as representing ‘every nation under heaven,’ but named for the dominions of the King of Persia,” perhaps in order to “represent, not the Dispersion, but the Return of the scattered people of God.”⁴⁴

If this hypothesis is correct, then the so divulged idea that the list of nations in Acts represents a reversal of the scattering in the episode of the Tower of Babel (Gen 11:1-8) loses force. I am not particularly impressed with the Babel case. In spite of the links between Genesis 11 and Acts 2 suggested by J. G. Davies and others,⁴⁵ I find Babel a little bit out of context in the account of Pentecost. Of course, it is possible to elaborate a theological contrast/connection between Babel and Pentecost, as Frank Macchia does so well.⁴⁶ However, such construal is more theological than exegetical. In this sense, while Babel was an arrogant, defiant, idolatrous, monolithic, homogeneous, oppressive, excluding, and failed experiment, Pentecost was a humble, submissive, worshipful, pluralistic, unifying, liberating, embracing, and successful event.⁴⁷

I see more plausibility in a connection between the giving of the law to Israel at the Sinai and the internalization of the law by the new international Israel at Pentecost. I will not discuss the evidences here, but they are strong.⁴⁸ “Patterned by the first Pentecost, when God gave the law on Mount Sinai, the antitypical Pentecost also is marked by a scenario of fire, earthquake, and wind.”⁴⁹ Luke is a Jew/Christian universalizing author. As such, he focuses on the Jews’ response to Christ, especially in the first chapters of Acts, as well as on the acceptance of the Gentiles into the covenant. He democratizes the identity of God’s people and the experiences of the Spirit, who makes possible the obedience to the law.

Finally, in the sequence of Acts 2, Luke observes that the phenomenon was perceived by some as a declaration of “the wonders of God,” and compared by others to drunkenness, although none knew exactly its meaning (vss. 11-13). This suggests that, even being an inspired utterance in foreign languages, the phenomenon may have involved a high level of emotion.

The other two occurrences of tongues in Acts, although not marked by external phenomena (fire, wind, earthquake), were patterned by that of Pentecost (10:44-47 [cf. 15:8]; 19:6), probably with a similar emotional involvement (note the praise in 10:46), except that in Ephesus the believers also “prophesied” (19:6). If the phenomena in Acts 10 were different from those of Pentecost, Peter probably would not have considered them as a proof of the acceptance of the Gentiles by God.

Accepting the phenomenon in Acts as foreign languages, as the natural reading suggests⁵⁰ and the early Christian writers seem to have understood it,⁵¹ what are we to do with the phenomenon in Corinth? Are both the same? Must we study them separately? Is it legitimate to use the clearer text of Acts to illuminate the more obscure text of Corinthians?



First of all, one thing seems logical: if we are to use any source to clarify or establish the meaning of tongues in Corinth, the best option is a sacred source that shares some kind of identity in terms of phenomenon, community, authorship, and interpretation. Jewish people in the first century, as a rule, were zealous for their uniqueness. Even a cosmopolitan Paul, with his contextualizing impetus, hardly would violate his religious-ethnic background, unless directly convinced by God.⁵²

Most scholars assume that the Corinthian phenomenon had counterparts in the Greco-Roman environment.⁵³ Nils I. J. Engelsens, in his research of ancient Greek and Hebrew sources, concludes that similar phenomena were known outside the Christian circles, but the technical terms *glossa* or *glossais lalein* do not appear in pre-Christian literature because automatic/inarticulate speech was “envisioned as an inherent feature of (ecstatic) prophetic speech,” that is, the phenomenon was considered part of divination or prophecy. He writes: “The ecstatic phenomena in Corinth are not as such distinctively Christian, but are pan-human. Still there might be essential differences because the faith which creates them gives to them its own motivation and intellectual frame of reference.”⁵⁴ However, Christopher Forbes has seriously challenged this consensus, arguing that the Christian phenomenon was unique.⁵⁵ T. M. Crone also has shown the improbability of such alleged parallels.⁵⁶ More recently, Gerald Hovenden came to a similar conclusion.⁵⁷

The phenomenon of tongues in Corinth seems to have been the specific catalyzer of the whole discussion about spiritual gifts in 1 Corinthians 12-14, although the overarching problem was perhaps of an eschatological nature. The Corinthians apparently had an “overrealized” eschatology, as defended by Anthony Thiselton and others.⁵⁸ They probably were influenced in their overall concept of spirituality by their social context.

Corinth, capital of the Roman province of Achaia, was proverbial by its sexual license. Destroyed in 146 B.C. and rebuilt in 44 or 46 B.C. by order of Julius Caesar (100-44 B.C.), it was a sparkling metropolis (for that time) and a competitive center for trade.⁵⁹ Temples dedicated to Aphrodite (goddess of love, beauty, and fertility; patroness of the sacred prostitutes), Asklepios (god of healing), and Apollo (god of prophecy), among other deities, punctuated the landscape of the city. Inserted in an honor-shame oriented world, the Corinthians apparently used a series of means to achieve high social status. “Corinth was a city where public boasting and self-promotion had become an art form,” says Witherington.⁶⁰ Therefore, reflecting the larger society and a pagan background, the church of Corinth had a series of doctrinal, ethical, and spiritual problems.

For the Corinthians, the gift of tongues probably was a “status indicator.”⁶¹ However, the specific status conferred by tongue-speaking may have had an internal, Jewish-Christian origin or influence. Pentecost, showing dramatic phenomena, involving apostolic leadership, and receiving eschatological interpretation, must have had a great impact on the early church.⁶² Therefore, the gift of tongues, regarded as an emblematic sign of the manifestation of the Spirit, must have incited a showy desire in Corinth—a phenomenon not without parallel in the twenty-first century.

To put it in fewer words, the believers of Corinth received the gift of tongues from their new Jewish-Christian community, but brought from their Hellenistic background a taste and/or motivation to use that gift as a mark of status. While the practice of tongues was typically Christian, the exaggerated elitism conferred on it in Corinth was typically pagan—not because the pagans necessarily had a similar phenomenon, but because the believers of Corinth, like their pagan co-citizens, were immature and valued flashy spirituality.

With pastoral sensitivity, Paul tries to create a more balanced view by (1) relativizing the gift of tongues as just one gift among many others (chapter 12); (2) encouraging love as the supreme way of the life controlled by the Spirit and the real measure of all gifts (chapter 13); and (3) stressing the intelligibility of tongues and underscoring the utilitarian primacy of prophecy over tongues (chapter 14).

Paul’s arguments about tongues in 1 Corinthians may be interpreted in harmony with the Lukan perspective. One may argue that evidence is pointing in another direction. This is not necessarily the case. To begin with, Paul may envisage tongues as a complex multiform phenomenon.⁶³ “It is possible that there was a continuum of experiences that moved from known human languages on one end of the spectrum, through several intermediate categories of language structure, to unintelligible vocalizations on the other end.”⁶⁴ Let us examine some data.



In 13:1, Paul says hypothetically that if he spoke “in the tongues of men and of angels,” but had not love, this ability would be meaningless. Here the apostle probably is not identifying the gift of tongues as tongues of angels. “This type of conditional clause in the Greek language is one that does not speak about reality,” observes Hasel. “Paul seems to say with hyperbole that if all linguistic possibilities, including angelic speech, were at his disposal and yet he lacked love, it would mean nothing.”⁶⁵

In 14:2, Paul says that “anyone who speaks in a tongue does not speak to men but to God,” and “utters mysteries with his spirit.” An alternative translation for this last clause is “speaking mysteries in the Spirit” (RSV). This solution seems better, for the word “his” is not in the original Greek text. The word “mysteries” may be taken in the “normal” Pauline usage, as something once hidden but now revealed by God, or as a contrast to the revelation of prophecy. For Richardson, this verse says that the gift of tongues “wasn’t a medium of communication with other humans but rather a medium of communication with God”; or, in other words, “the tongues experience had a vertical dimension but not a horizontal one.”⁶⁶ For Hasel, the mystery is due to the absence of people who understand the foreign language spoken.⁶⁷ John Baldwin thinks Hasel’s point of view is favored over that of Richardson.⁶⁸

Tongues really have a vertical dimension, but Paul is trying to restore the horizontal one. Prophecy, by its nature, is a vertical phenomenon, which becomes horizontal at the moment of communication to other humans. That is, it comes from God to the prophet and goes to the listeners in an intelligible way. Tongues, by their nature, are a vertical phenomenon, which only become horizontal when interpreted. That is, tongues come from God to the speaker, go back to God in form of praise, return to the interpreter, and then reach the audience as an intelligible message.⁶⁹ In Corinth, where the phenomenon had become an end in itself, at least for a group, the last part of the process was lacking. Yet, with their immature or childish behavior (vs. 20), the Corinthians continued to value tongues above other gifts, love, and community.

With a series of successive remarks in 1 Cor 14, especially in vss. 1-19, Paul seems engaged in making clear that tongues must be an intelligible phenomenon. To achieve this goal, he establishes two practical conditions: (1) the orderly utterance in the public worship of up to three speakers, one at a time, and (2) followed by interpretation (vs. 27). Therefore, tongues could be a form of praise or prayer with spiritual profit for the tongues-speaker (vss. 14-17), but was unprofitable (or, worse, harmful) for the community, leading unbelievers to charge the church with madness (vs. 23). If outsiders came into their gathering, they would consider them crazy, or mad, or possessed, no matter the kind of impression. In this case, tongues would have a negative evangelistic impact.⁷⁰ At least, this gift was an insufficient evangelistic tool.

At one level, the Corinthians had misunderstood the primary purpose of tongues, and accordingly were misusing the gift.⁷¹ The basic functions/purposes of tongues apparently are to magnify God through inspired prayer, to be (historically) a sign to unbelievers of a new international covenant, and to reveal inspired content. In Corinth, these purposes were incomplete. To meet their elitist/spiritualizing agenda, the Corinthians were extolling a lesser function of tongues to the detriment of its higher function. With this, we come to the question of tongues as a sign.

3. TONGUES AS A SIGN

In 1 Corinthians 14:21, Paul, with a rabbinical taste for midrashic interpretation⁷² and apostolical authority to apply Old Testament passages to new contexts, appeals to Isaiah 28:11, 12 (echoing the covenantal curse of Deuteronomy 28:49-50) in order to make his point that tongues, especially uninterpreted, are not designed to dominate the corporate worship. He says that tongues are a sign for unbelievers. In what sense are tongues a sign? There are multiple interpretations.⁷³

In my view, at Pentecost, in a Jewish context, tongues were implicitly (1) a sign of judgment for the unbelieving Israel, indicating that the kingdom was being given to people of all nations; (2) a sign of opportunity to the world, attesting that Jesus was the Messiah, now enthroned in heaven, and that God was speaking through the apostles; and (3) a sign of blessing for the church, evidencing that God was empowering the believers to extol God’s salvation and to preach Christ.⁷⁴ In other words, tongues as witnessed in its historical setting, outside the worship space, were a sign, either negative or positive, primarily for virtual



“unbelieving” believers (Jews), secondarily for potential “believing” unbelievers (Jews and/or Gentiles), and tertiarily for real “believing” believers (followers).

Independently, Blaine Charette also has advanced the argument that “the Pentecost language event,” as an eschatological event centered in Jesus, signals at the same time blessing (for the obedient, those who accept God’s salvation) and judgment (for the disobedient, those who refuse to accept God’s offer). The aspect of judgment is implied in Luke’s reference to “tongues as of fire” (Acts 2:3) in the Pentecost narrative.⁷⁵

But what kind of sign were tongues in Corinth, in a Gentile context? It is possible that Paul, in order to restrict the Corinthians, and having their “own point of view in mind”⁷⁶ (to correct it), was remitting them to the primary historical roles of tongues at Pentecost.⁷⁷ Paul seems to be saying: “God used tongues in a context of attestation of his new people before unbelievers; now you are using tongues in a context of exhibition before believers.” In some way, the remembrance of tongues as a sign for unbelievers, parallel to (or contradistinct of) prophecy as a sign for believers, was just one more theological/rhetorical device in the Pauline repertoire to make the triple point that the believers of Corinth should have a more realistic view of tongues, that prophecy is more profitable than tongues, and that public worship should be developed in an intelligible/orderly/edifying way.⁷⁸

There are, however, other plausible solutions. One is offered by Joop Smit, who considers irrelevant the original context of the quotation of Isaiah, and applies it “not to the glossolalists among the believers, but to the ecstatic speakers, present everywhere in the Hellenistic surroundings.” The correct rendition of vs. 22 in the form of a definition, in this case, would be: “So the tongues, regarded as a sign of recognition, are not proper to the believers, but to the unbelievers.” Smit concludes: “The thesis is simple: faced with ecstatic speakers the ordinary observer does not think of believers, but of unbelievers.”⁷⁹ A problem with this hypothesis is that it assumes (1) the Corinthian phenomenon had a Hellenistic background and (2) a highly negative view of tongues, which seems to go beyond Paul’s appraisal of the gift.

Another possible solution is presented by Robert Gladstone, who, promising to tie together all strands of the text, suggests this alternative translation to vs. 22: “Therefore tongues are a sign, not resulting in believers, but resulting in unbelievers; But prophecy [is a sign], not resulting in unbelievers, but resulting in believers.” With their “infatuation with tongues,” the Corinthians thought this gift would impress and convert unbelievers, but Paul warns them that they were not truly considering the perspective of the outsiders.⁸⁰

More recently, Stephen Chester wrote a fine article, trying to solve the puzzle of 1 Corinthians 14:23 by ascribing a positive reaction to the outsider (a non-expert) in face of the glossolalic manifestation. For him, the verb *maineste*—traditionally understood in a negative sense and diversely translated as “you are mad” (JB, KJV, REB, RSV), “you are out of your mind” (NRSV, NVI), “you are crazy” (GNB)—should be understood in a positive sense and is best translated as “you are inspired.” Tongues would be “a sign for unbelievers in the straightforward sense that they alert the outsider to the presence of divine activity among the Corinthian believers.” Instead of alienation or repulsion, the exclamation of the outsider would be recognition of “divine madness” among the Corinthians.⁸¹

Chester defends that Paul’s citation of Isaiah 28:11-12 (in 1 Corinthians 14:21) possibly applies either to the outsiders or to the insiders. In the first case, Paul’s statement in 14:22 that tongues are a sign for “unbelievers” would mean that tongues indicate divine presence to the outsiders, but do not cause their conversion. Therefore, tongues are in fact a sign, “but not a sufficient one.” In the second case, Paul’s statement would mean that the Corinthians were being childish for valuing tongues over prophecy, and (as in Isaiah 28) “God could then only speak” to them “using the babble of baby talk” (of uninterpreted tongues).⁸² No doubt, Chester’s hypothesis deserves serious attention.

No matter one’s view of Paul’s statement about sign, one has to recognize that the apostle emphasizes the importance of interpretation and intelligibility. If we accept that the gift of tongues was a supernatural ability to speak in foreign unlearned languages during a somewhat ecstatic state, what can we say about the gift of interpreting tongues?

One’s understanding of the “interpretation of tongues” (*hermeneia glosson*) in 1 Corinthians (12, 14) depends on one’s understanding of the term “tongues.” What one thinks of the nature of the gift of tongues will determine what one thinks the gift of interpretation of tongues is. There are two basic interpretations: (1) to translate the inspired content to another language and (2) to put the unintelligent glossolalia into intelligible words or to bring it to



articulate expression.⁸³ Although both views are possible, the “normal” use of the verbs *hermeneuo* and *diermeneuo* is in the linguistic sense of translation or interpretation.⁸⁴

Based on this, I would say that the gift of tongues-interpretation is a special ability that God gives to some believers to make sense in vernacular language of the content of inspired speech given through the gift of tongues. Although there are no biblical specific examples of tongues-interpreters, the gift certainly was known.⁸⁵

4. THE ASSESSMENT OF GLOSSOLALIA

So far, the general conclusion is that for both Luke and Paul the gift of tongues an inspired intelligible utterance with multiple purposes, revelational/doxological content, and one source/origin (the Spirit). It is possible, as Forbes argues, that Luke, unlike Paul, “conceives of glossolalia as a subspecies within the broader category of ‘prophecy,’ rather than as a separate, though related, phenomenon.”⁸⁶ Yet both are speaking of the same phenomenon, although in diverse contexts, and with different purposes.

Given this fact, what could we say about modern glossolalia? After decades of research, the ambiguity of this phenomenon still remains. However, a few provisional “certainties” can be outlined.

First, Christian understanding of glossolalia is highly dependent on one’s theological presuppositions. Traditional Protestant theologians tend to see the biblical phenomenon as real languages and the modern phenomenon as gibberish,⁸⁷ which causes them to oppose the modern experience. Pentecostal/charismatic theologians tend to see both Corinthian and contemporary phenomena as unintelligible utterances.

Second, the glossolalic phenomenon is not peculiar to, or exclusive of, Pentecostalism/charismatism. Anthropologist L. Carlyle May documented cases among several twentieth-century non-Christian cultures.⁸⁸ The respected Pentecostal scholar Russell Splitter recognizes: “Whatever its origin, glossolalia is a human phenomenon, not limited to Christianity nor even to religious behavior.”⁸⁹ Splitter mentions dramatic glossolalia, when actors, using their talents in television comedies, “spontaneously initiate a language, then put the punch line in the vernacular”; spiritualistic glossolalia, practiced by mediums and firstly studied by psychologists; pathological glossolalia, which “result of such causes as organic neurological damage, effects of drugs, or psychotic disorders”; and pagan glossolalia, both ancient and modern.⁹⁰ For someone concerned with biblical identity, this fact should suggest caution.

Third, glossolalia has three possible sources: (1) the Holy Spirit (divine origin), (2) the speakers (human origin), or (3) Satan (demonic origin).⁹¹ Options 2 and 3 certainly could be mixed. The question is: Can options 1 and 2 be mixed likewise? Might the Holy Spirit take a human-initiated phenomenon and transform it into a gift of praise to God? Biblically, no one can dare to say with assurance “yes” or “no,” although in some way every charismatic phenomenon is a confluence of divine and human elements.

Fourth, modern glossolalia, rightly or wrongly associated with the biblical gift of tongues,⁹² has been almost beyond doubt identified with a learned behavior,⁹³ bearing no intelligible or meaningful content. According to Malony and Lovekin, “it can with certainty be stated that there has been little or no confirmation of the claims that glossolalists have spoken in modern languages currently being spoken.”⁹⁴ Noted linguists have pointed out that glossolalia lacks the basic linguistic features. William Samarin writes: “When the full apparatus of linguistic science comes to bear on glossolalia, this turns out to be only a facade of language—although at times a very good one indeed.”⁹⁵ Glossolalics “have not tried to produce lexicons, nor do they feel a need to do so”; “they do not know what their speeches mean, and they trust God to interpret the meaning through the insight He gives to another person.”⁹⁶

Fifth, glossolalia has a communitarian dimension. “Public religious glossolalia typically occurs in an environment of shared expectations. The presence of God is assumed, and the power of the Holy Spirit to speak through individuals is taken for granted.” Yet, it must be noted, there are “individual differences among those who desire to become glossolalic”; not all who seek to speak in tongues receive this ability, probably due to personality traits.⁹⁷ That the cultural environment provides the socio-religious-psychological “rules” for the glossolalic experience seems beyond doubt.

Sixth, glossolalia implies an extraordinary or altered state of consciousness,⁹⁸ which may have diverse psychological/anthropological interpretations. Felicitas Goodman, noted for



her cross-cultural research, has assumed that glossolalia involves a complex state of trance.⁹⁹ According to Malony and Lovekin, *trance* (“the phenomenon observed from the outside,” “defined observationally”) and *possession* (“the experience reported from the inside,” “typically defined personally and culturally”) are the two words that have been applied to the glossolalic state.¹⁰⁰ John Kildahl sees a similarity between glossolalia and hypnosis in that either experience can be induced by an authority figure.¹⁰¹

Seventh, psychological research on glossolalia seems to be more objective today than it was in the past. William Kay says: “Early research on glossolalia was almost uniformly hostile, though with honourable exceptions, and this must reflect the value systems inherent within early psychology. . . . More recent investigation has been friendly, theologically informed and deliberately interdisciplinary.”¹⁰² Hopefully, there is less bias now. So, it is important to look for recent research, in order to correct eventual conceptual distortions inherited from various sources.

Eighth, glossolalia should not be seen as an isolated phenomenon. “Recent research on glossolalia has been concerned with wider theological contexts, whether these are related to churches, theological symbols, ministerial functions, congregational growth or healing.”¹⁰³ It is important to discover what the role of glossolalia is in a community of faith and whether it has a positive or negative impact on personal/collective spirituality.

Ninth, glossolalia, regardless of its nature, should not be taken as a sign of orthodoxy or higher spiritual status. Who dares to deny today that the glossolalic Corinthians were immature, carnal, and almost heretic? For Bloesch, “tongues should be related to the childhood of faith or to new beginnings in faith,” appearing “when we try to integrate past memories embedded in the unconscious with the new vision.”¹⁰⁴ Classical Pentecostal understanding of tongues as a/the sign of Spirit-baptism has been challenged by sound exegesis.¹⁰⁵ Moreover, Paul answers this question with another question: “Do all speak in tongues?” (1 Cor 12:30). The logical answer is “no.” If the gift is given only to some (vs. 10), how can it be a sign for all? Paul, evidently, does not consider the gift of tongues as normative for all believers.¹⁰⁶

Finally, glossolalia in Christian settings should have at least a minimum of correspondence to the New Testament phenomenon. Hasel rightly says: “If any contemporary glossolalia is to be identified with the New Testament gift of tongues-speaking, then it will have to be demonstrated that it matches the New Testament definition and specifications for ‘speaking in tongues,’ including its source, its purpose, its nature, its orderliness, its outreach design and so on.”¹⁰⁷

When evaluating an ambiguous phenomenon like glossolalia, one should be careful to avoid two pitfalls: (1) to accept it uncritically and (2) to reject it prejudicedly. The more ambiguous a phenomenon, the more one needs discernment.

For a long time, charismatics have spoken in tongues, and they certainly will continue to speak. Likewise, for a long time, researchers have spoken on tongues, and they probably will continue to speak. Speaking “in” or “on,” let the speakers speak intelligibly and with love, as Paul would advise.¹⁰⁸ There are different kinds of tongues and varieties of interpretations, but the goal is the same—to make sense of the sounds of glossolalia.

NOTES

¹. This article is a revised version of my analysis of the gift of tongues presented in Marcos C. De Benedicto, “The Role of the Holy Spirit in Enabling Believers for Ministry: An Adventist Perspective” (D.Min. dissertation, Andrews University, 2004), 290-308.

². For a still helpful literary/bibliographic source on the subject, see Watson E. Mills, ed., *Speaking in Tongues: A Guide to Research in Glossolalia* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

³. H. Newton Malony and A. Adams Lovekin, *Glossolalia: Behavioral Science Perspectives on Speaking in Tongues* (New York: Oxford University Press, 1985).

⁴. Christopher Forbes, *Prophecy and Inspired Speech in Early Christianity and its Hellenistic Environment* (Peabody: Hendrickson, 1997).

⁵. Mark J. Cartledge, ed., *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives* (Bletchley, UK; Waynesboro, GA: Paternoster, 2006).

⁶. C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (New York: Macmillan, 1949), 16.

⁷. Henry Barclay Swete, *The Holy Spirit in the New Testament: A Study of Primitive Christian Teaching* (London: Macmillan, 1909), 72.



- ⁸. Mark 16 (vs. 17, in the so-called “longer ending”), Acts 2 (vss. 4, 6, 11), Acts 10 (vs. 46), Acts 19 (vs. 6), and 1 Cor 12-14 (12:31; 13:1; 14:2, 4, 5 [2x], 6, 13, 18, 19, 21, 23, 27, 39).
- ⁹. See Roy A. Harrisville, “Speaking in Tongues: A Lexicographical Study,” *The Catholic Biblical Quarterly* 38 (1976): 35-48.
- ¹⁰. *Ibid.*, 45.
- ¹¹. See Vern S. Poythress, “The Nature of Corinthian Glossolalia: Possible Options,” *Westminster Theological Journal* 40 (1977): 130-135; and Mark J. Cartledge, “The Nature and Function of New Testament Glossolalia,” *The Evangelical Quarterly* 72 (2000): 136-139.
- ¹². Bob Zerhusen, “An Overlooked Judean *Diglossia* in Acts 2?” *Biblical Theology Bulletin* 25 (1995): 118-130; *idem*, “The Problem Tongues in 1 Cor 14: A Reexamination,” *Biblical Theology Bulletin* 27 (1997): 139-152; and Renton Maclachlan, *Tongues Revisited: A Third Way* (Wellington, NZ: ClearSight, 2000).
- ¹³. For example, Robert H. Gundry, “‘Ecstatic Utterance’ (N.E.B.)?” *Journal of Theological Studies* 17 (1966): 299-307; Max Turner, *The Holy Spirit and Spiritual Gifts in the New Testament Church and Today*, rev. ed. (Peabody: Hendrickson, 1998), 227-229; and Forbes, chapter 3 (44-74, especially 57-64).
- ¹⁴. Gordon D. Fee, *God’s Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul* (Peabody: Hendrickson, 1994), 200, 201. See the *Testament of Job* 48-50.
- ¹⁵. Luke Timothy Johnson, “Glossolalia and the Embarrassments of Experience,” *The Princeton Seminary Bulletin* 18 (1997): 121.
- ¹⁶. D. A. Carson, *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12-14* (Grand Rapids: Baker, 1987), 85.
- ¹⁷. See Poythress, 133.
- ¹⁸. Gerd Theissen, *Psychological Aspects of Pauline Theology*, trans. John P. Galvin (Philadelphia: Fortress, 1986), 304.
- ¹⁹. Clark H. Pinnock, *Flame of Love: A Theology of the Holy Spirit* (Downers Grove: InterVarsity, 1996), 173.
- ²⁰. Frank D. Macchia, “Sighs Too Deep for Words: Towards a Theology of Glossolalia,” *Journal of Pentecostal Theology* 1 (1992): 47-73.
- ²¹. James K. A. Smith, “Tongues as ‘Resistance Discourse’: A Philosophical Perspective,” in *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives*, ed. Mark J. Cartledge (Bletchley, UK; Waynesboro, GA: Paternoster, 2006), 81-110.
- ²². For studies on diglossia in ancient Hebrew and first-century Palestine, see Stanley E. Porter, ed., *Diglossia and Other Topics in New Testament Linguistics* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000).
- ²³. See the defense of this point of view in Zerhusen, cited above.
- ²⁴. William M. Harmening, *Mystery at Corinth: Seeking a Jewish Answer to a Christian Mystery* (Lincoln, NE: iUniverse, 2006).
- ²⁵. *Ibid.*, 97-109.
- ²⁶. John Lightfoot wrote: “While I consider these things used in the synagogues of the Jews, and remember that a great part of the church at Corinth consisted of Jews, I cannot but suspect that their ministers also used the same tongue according to the old custom; namely, that one read the scripture out of the Hebrew text, another prayed or preached in the Hebrew language according to the custom used in the synagogues. Which indeed the Apostle allowed, so there were an interpreter, as was done in the synagogue: because that language, full of mysteries, being rendered by a fit interpreter, might very much conduce to the edification of the church” (*Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica* [Oxford: Oxford University Press, 1859], 4:261, cited by Harmening, 108).
- ²⁷. Harmening, 108, 113.
- ²⁸. See, for example, Robert Gromacki, *The Holy Spirit: Who He Is, What He Does* (Nashville: Word, 1999), 229-232.
- ²⁹. At the Pentecost, according to Ellen G. White, the disciples (1) were enabled to speak with “fluency” and “accuracy” languages with which they “had been unacquainted”; (2) received this “miraculous gift” as an “evidence to the world that their commission bore the signet of Heaven”; and (3) now could permanently speak with precision in either “their native tongue or in a foreign language” of their target-audience (*The Acts of the Apostles* [Mountain View, CA: Pacific Press, 1911], 39-40).
- ³⁰. Morris L. Venden, *Your Friend, the Holy Spirit* (Boise, ID: Pacific Press, 1986), 79-85.



³¹ George E. Rice, "Spiritual Gifts," in *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, ed. Raoul Dederen (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), 616-617. "Uttering sounds that cannot be identified with any human language is not a perversion of but a counterfeit of the genuine [gift of tongues]," he states (619).

³² Ivan T. Blazen, *The Gospel on the Street: Paul's First Letter to the Corinthians* (Nampa, ID: Pacific Press, 1997), 109-117.

³³ See the "Additional Note on [1 Corinthians] Chapter 14," *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed. Francis D. Nichol (Washington, DC: Review and Herald, 1957), 6:795-796.

³⁴ For a fine discussion of this central experience of the early Pentecostals, see Grant Wacker, *Heaven Below: Early Pentecostals and American Culture* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003), 35-57.

³⁵ Smith, 98.

³⁶ John Bertone, "The Experience of Glossolalia and the Spirit's Empathy: Romans 8:26 Revisited," *Pneuma* 25 (2003): 54-65, citations from 54, 64.

³⁷ William E. Richardson, *Speaking in Tongues: Is It Still the Gift of the Spirit?* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994), 55.

³⁸ See *ibid.*, 69-94.

³⁹ *Ibid.*, 91-92.

⁴⁰ Gerhard F. Hasel, *Speaking in Tongues: Biblical Speaking in Tongues and Contemporary Glossolalia* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1995), 43-51, 70-71, 119, 121-122, *passim*.

⁴¹ As Hanz Conzelmann says, the basis for the Pentecost "account is clearly not a naive legend"; there is theological reflection (*Acts of the Apostles*, Hermeneia [Philadelphia: Fortress, 1987], 15).

⁴² Luke Timothy Johnson, *Religious Experience in Earliest Christianity* (Minneapolis: Fortress, 1998), 111; Jenny Everts, "Tongues or Languages? Contextual Consistency in the Translation of Acts 2," *Journal of Pentecostal Theology* 4 (1994), 71-80. For an additional discussion, see Gerald Hovenden, *Speaking in Tongues: The New Testament Evidence in Context* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002), 64-72.

⁴³ See Justin Taylor, "The List of the Nations in Acts 2:9-11," *Revue Biblique* 106 (1999): 408-420 (quoted from summary). Probably knowing this list through literary tradition, Luke may have been also influenced by the preamble to Cyrus's decree in 2 Chr 36:23.

⁴⁴ *Ibid.*, 419-420.

⁴⁵ J. G. Davies, "Pentecost and Glossolalia," *Journal of Theological Studies* 3 (1952): 228-231.

⁴⁶ Frank D. Macchia, "Babel and the Tongues of Pentecost: Reversal or Fulfillment? A Theological Perspective," in *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives*, ed. Mark J. Cartledge (Bletchley, UK; Waynesboro, GA: Paternoster, 2006), 34-51.

⁴⁷ See *ibid.*, 39-45. Insightfully, Macchia writes: "The tongues of Pentecost thus represent the first ecumenical language of the church. The first ecumenical language was not Greek or Latin. The tongues of Pentecost indicate that no single language can claim any absolute status with regard to one's understanding of truth. . . . There is in this event of Pentecost an inherent protest against any effort to domesticate the gospel to a single idiom or culture" (47).

⁴⁸ See the verbal allusions in Acts 2 to Exod 19 and 20 worked out by Jacques Dupont in his book *The Salvation of the Gentiles: Essays on the Acts of the Apostles* (New York: Paulist, 1979), 35-59. See also the parallels suggested by Harmening, 48-50. Regarding the giving of the law, Philo wrote that "a voice sounded forth in the midst of the fire which had flowed down from heaven, a most marvelous and awful voice, the flame being endowed with articulate speech in a language familiar to the hearers" (*Decalogue* 11.46). Was Luke a reader of Philo?

⁴⁹ De Benedicto, 329.

⁵⁰ Max Turner correctly writes: "Luke appears to understand the Pentecost phenomenon . . . to be *xenolalia*: that is, the speaking of actual (but unlearned) foreign languages. This is suggested *prima facie* by the very word *glossa* (the regular lexeme for human language, especially as it is qualified by *hetera* ('other')). More important, this sense is virtually demanded co-textually, where it is said of the crowd of diaspora pilgrims that 'they each heard them *speaking in their own dialect*'" ("Early Christian Experience and Theology of 'Tongues': A New Testament Perspective," in *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives*, ed. Mark J. Cartledge [Bletchley, UK; Waynesboro, GA: Paternoster, 2006], 4, italics in original).



⁵¹ For the possible presence and interpretation of glossolalia in the patristic age, see Harold Hunter, "Tongues-Speech: A Patristic Analysis," *Journal of the Evangelical Theological Society* 23 (1980): 125-137. According to Hunter, "when the fathers clarified the nature of the tongues-speech being practiced they most usually specified them as being xenolalic" (135).

⁵² Let us remember that Paul only ceased to persecute the Christians after his experience on the road to Damascus (Acts 9).

⁵³ For example, Watson E. Mills writes: "[W]hen the texts of Acts and 1 Corinthians were written there was extant a widely known practice variously referred to by terms like ecstatic and ecstasism. These ecstatic 'states' of being were generally at variance with the range of 'normal' behavior. These states were often, though not always, induced. In many instances the context of these altered states is described in specific ways that appear to fall well within the parameters of what today is regarded as a 'religious context.' The speech arising in these contexts is often, though not always, unintelligible on its face and was sometimes regarded as arising out of a god or gods. . . . [T]he elements of tongues accounts may well have their origin in the ancient ecstatic practices" ("Early Ecstatic Utterances and Glossolalia," *Perspectives in Religious Studies* 24 [1997]: 29-40, citation from 39, 40).

⁵⁴ Nils I. J. Engelsen, "Glossolalia and Other Forms of Inspired Speech According to 1 Corinthians 12-14" (Ph.D. dissertation, Yale University, 1970), ii, 20-21, 23.

⁵⁵ "In the case of early Christian glossolalia I have argued that no convincing parallels whatsoever have been found within the traditions of Graeco-Roman religion, as they were known in the environment of the New Testament, whether it be at the level of terminology, phenomena or concept," Forbes concludes (316).

⁵⁶ T. M. Crone, *Early Christian Prophecy* (Baltimore: St. Mary's University Press, 1973), chapter 1.

⁵⁷ Hovenden, 6-30.

⁵⁸ A. C. Thiselton, "Realized Eschatology at Corinth," *New Testament Studies* 24 (1978): 510-526; see also Carson, 16-17.

⁵⁹ The literature about Corinth is immense. For a helpful annotated bibliography on the archaeological evidence and topics related to the epistles of Paul to the Corinthians, see Ben Witherington III, *Conflict & Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans; Carlisle: Paternoster, 1994), 48-67.

⁶⁰ *ibid.*, 8.

⁶¹ For interesting insights on glossolalia as status indicator, see D. B. Martin, *The Corinthian Body* (New Haven: Yale University Press, 1995), 87-103; and *idem*, "Tongues of Angels and Other Status Indicators," *Journal of the American Academy of Religion* 59 (1991): 547-589.

⁶² Here in some way I am following John Chrysostom (*Homilies on 1 Corinthians* 29:1, 35:1), as well as Forbes (12, 172-174), who have a similar view about the origin of the status of tongues in Corinth.

⁶³ When Paul mentions "kinds of tongues" (1 Cor 12:10, 28), is he alluding to many kinds of languages or to multiple functions, species or expressions of tongues? Interpretations here vary. Anthony C. Thiselton stresses that we must take the word *gene* ("kinds," "sorts," "species") "with full seriousness" (*The First Epistle to the Corinthians: A Commentary on the Greek Text* [Grand Rapids: Eerdmans; Carlisle: Paternoster, 2000], 970). "Too much literature seeks to identify glossolalia as 'one thing' when Paul takes pains to refer to different species," says the scholar (*ibid.*, italics and bold removed from original). His opinion may be conditioned by his view of glossolalia as unintelligible, a "childish" characteristic of immature believers, but the warning is valid. Cyril G. Williams also carefully avoids pointing a straight meaning, for terms like ecstasy may have nuances (*Tongues of the Spirit: A Study of Pentecostal Glossolalia and Related Phenomena* [Cardiff: University of Wales Press, 1981], 30).

⁶⁴ William E. Richardson, "Liturgical Order and Glossolalia: 1 Corinthians 14:26c-33a and its Implications" (Ph.D. dissertation, Andrews University, 1983), 244.

⁶⁵ Hasel, 123.

⁶⁶ Richardson, *Speaking in Tongues*, 75.

⁶⁷ Hasel, 126.

⁶⁸ In an editorial note to my dissertation (mentioned above), Dr. John T. Baldwin, my adviser, made the following remarks: "In 1 Cor 14, Paul seems to describe the problems of the Corinthian use of tongues. Thus, not all elements in 1 Cor 14 are normative. This shows that Hasel's point of view is favored over [those of] Blazen and Richardson, who see no text in 1 Cor



14 as pejorative, but all as normative, which in my thinking is not correct. I think Paul is, as I said, describing the problem in 1 Cor 14:2, 14. Therefore, in these two texts, Paul is *not* telling us how things should be in speaking in tongues, but how they *should not be*. . . . Paul is saying: 'If I speak in tongues the way you, dear people, are doing in Corinth, then my spirit is praying to God (I know what I am saying), but my mind (*nous*, idea, concept, thought, prayer in this context) is not fruitful *to those who are listening to me* (because I am speaking in a language they do not understand).' The purpose of tongues in 1 Cor 14 is the edification of the church, and understanding is the only basis of edification in 1 Cor 14. Thus, the tongues-speaker edifies him or herself because the message is known."

⁶⁹ Hasel would say that tongues are purely horizontal, which is why Paul criticized the non-intelligible manifestation. A horizontal communication which is unintelligible is useless. I am trying to broaden the concept in order to include the "praise" that clearly appears in both Luke and Paul as a vertical manifestation.

⁷⁰ Since the mystery religions of Corinth put emphasis on ecstaticism, Paul's preoccupation makes still more sense. "The expression of the ecstatic state took various forms, such as gashing one's flesh, dancing nude in a frenzy, and speaking in ecstatic utterance," describes H. Wayne House ("Tongues and the Mystery Religions of Corinth," *Bibliotheca Sacra* 140 [1983]: 139).

⁷¹ In my view, the Corinthian glossolalia was not a counterfeit, for in this case Paul, with his gift to discern spirits, had prohibited the gift, not just corrected its use (see 1 Cor 14:39, 40). To argue that Paul did not forbid the phenomenon due to a pastoral concern, in order not to quench the charismata, only would make sense if Paul were sure that the phenomenon was not a counterfeit. That the phenomenon could be somewhat ambiguous, no question, but not a clear counterfeit. The Bible has no cases of true prophets, like Paul himself, condoning counterfeit phenomena in the name of pastoral diplomacy. Besides, Paul himself confesses to be a tongue-speaker (vs. 18).

⁷² Midrash: a Hebrew method of searching and expounding Scripture, updating and applying ancient sacred texts to current situations in creative ways.

⁷³ See O. Palmer Robertson, "Tongues: Sign of Covenantal Curse and Blessing," *Westminster Theological Journal* 38 (1975): 43-53; B. C. Johanson, "Tongues, a Sign for Unbelievers? A Structural and Exegetical Study of 1 Corinthians XIV.20-25," *New Testament Studies* 25 (1979): 180-203; J. P. M. Sweet, "A Sign for Unbelievers: Paul's Attitude to Glossolalia," *New Testament Studies* 13 (1967): 240-257; Wayne Grudem, "1 Corinthians 14:20-25: Prophecy and Tongues as Signs of God's Attitude," *Westminster Journal of Theology* 41 (1979): 381-396; Forbes, 175-181; Carson, 108-117.

⁷⁴ "It is reasonable to assume Luke considered the Pentecostal recognition of xenolalia, and the positive effect of this, to be a unique and providential sign marking the beginning of the age of the Spirit of prophecy: one that was not repeated exactly elsewhere," comments Max Turner (*The Holy Spirit and Spiritual Gifts*, 226).

⁷⁵ Blaine Charette, "'Tongues as of Fire': Judgment as a Function of Glossolalia in Luke's Thought," *Journal of Pentecostal Theology* 13 (2005): 173-186.

⁷⁶ Fee, 240. See also Sweet, 241, and Johanson, 193-194.

⁷⁷ Here one may object that the Corinthians did not know this theological technicality. Well, the right question is: Did Paul know this argument? And if he knew it or was able to elaborate or just to cite it, would he do it? We must not underestimate Paul's theological sophistication or his tendency to elevate the level of the debate in spite of his audience's maturity.

⁷⁸ This means that one should not press much on this passage, or on Pentecost accounts, to make a case on the role of tongues as a physical initial evidence of the Spirit's presence. In our modern context, glossolalia may be used in a Corinthian fashion as a sign of a "higher" spirituality. Could in the future a gift of tongues more patterned by the Lukan account of xenolalia come to be known during a final outpouring of the Spirit in attestation of the remnant? This is, of course, speculation.

⁷⁹ Joop F. M. Smit, "Tongues and Prophecy: Deciphering 1 Cor 14,22," *Biblica* 75 (1994): 186, 187.

⁸⁰ Robert J. Gladstone, "Sign Language in the Assembly: How Are Tongues a Sign to the Unbeliever in 1 Cor 14:10-25?" *Asian Journal of Pentecostal Studies* 2 (1999): 177-194, citations from 185, 192.



⁸¹ Stephen J. Chester, "Divine Madness? Speaking in Tongues in 1 Corinthians 14.23," *Journal for the Study of the New Testament* 27 (2005): 417-446, citation from 419.

⁸² Ibid., 438-446, citations from 441, 443.

⁸³ A. C. Thiselton defends this second use in his article "The 'Interpretation' of Tongues? A New Suggestion in the Light of Greek Usage in Philo and Josephus," *Journal of Theological Studies* 30 (1979): 15-36. However, see the strong criticism of Forbes (65-72).

⁸⁴ Forbes argues that "there are a large number of cases [in Philo and Josephus] where 'to translate' or 'to interpret or expound' is the translation required" (65).

⁸⁵ See 1 Cor 12:10, 30; 14:13, 26-28.

⁸⁶ Forbes, 51.

⁸⁷ Reflecting the hypercritical view of the past on glossolalia, Merrill F. Unger wrote: "Much of what parades as an ecstatic utterance supposedly evidencing a deeper spiritual experience is mere gibberish produced by auto-suggestion under great emotional stress and strong desire for a tongues experience" (*New Testament Teaching on Tongues*, 3rd ed. [Grand Rapids: Kregel, 1973], 166).

⁸⁸ L. Carlyle May, "A Survey of Glossolalia and Related Phenomena in Non-Christian Religions," *American Anthropologist* 58 (1956): 75-96.

⁸⁹ R. P. Splittler, "Glossolalia," *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, ed. Stanley M. Burgess and Gary B. McGee (Grand Rapids: Zondervan, 1988), 336.

⁹⁰ Ibid., 336.

⁹¹ Unger, 163-164.

⁹² D. Moody Smith suggests: "The modern critical view that the translation miracle of Acts is a later interpretation of Luke still seems the best one. . . . [M]odern glossolalia is probably a revival of the New Testament phenomenon as it is described by Paul" ("Glossolalia and Other Spiritual Gifts in a New Testament Perspective," *Interpretation* 28 (1974): 307-320, citation from 318. Well, in spite of his theological elaboration, Luke certainly wrote what he thought was a historical fact. Regarding the identification of modern glossolalia with the Corinthian gift of tongues, no one knows for sure if the phenomena are the same.

⁹³ See W. J. Samarin, "Glossolalia as Learned Behavior," *Canadian Journal of Theology* 15 (1969): 60-64.

⁹⁴ H. Newton Malony and A. Adams Lovekin, *Glossolalia: Behavioral Science Perspectives on Speaking in Tongues* (New York/Oxford: Oxford University Press, 1985), 28.

⁹⁵ W. J. Samarin, *Tongues of Men and Angels: The Religious Language of Pentecostalism* (New York: Macmillan, 1972), 127-128.

⁹⁶ Malony and Lovekin, 32.

⁹⁷ Ibid., 31, 63.

⁹⁸ In modern science, altered states of consciousness do not imply necessarily abnormality or psychopathology; today extraordinary phenomena are studied with less prejudice than in the past.

⁹⁹ Felicitas D. Goodman, *Speaking in Tongues: A Cross-Cultural Study of Glossolalia* (Chicago: University of Chicago Press, 1972), 8, 124.

¹⁰⁰ Malony and Lovekin, 98, 99.

¹⁰¹ John Kildahl, *The Psychology of Speaking in Tongues* (New York: Harper & Row, 1972), 37, 54, 55.

¹⁰² William K. Kay, "The Mind, Behaviour and Glossolalia: A Psychological Perspective," in *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives*, ed. Mark J. Cartledge (Bletchley, UK; Waynesboro, GA: Paternoster, 2006), 204. He summarizes: "Recent research has overturned most of the findings of earlier research: glossolalics are not in trance-like states when they are speaking in tongues; they do not show signs of psychopathology; they are not especially susceptible to hypnosis; they are not neurotic; evidence for social learning of glossolalia is weak; glossolalics are not especially dependent on authority figures; glossolalia may be, but need not to be, a sign of commitment to a charismatic group; the meaning of glossolalia may indeed be theologically derived, but this need not be to its detriment" (204-205). We must consider his positive evaluation, but I do not think that his conclusions invalidate my assessment of glossolalia.

¹⁰³ Ibid., 205.



^{104.} Donald G. Bloesch, *The Holy Spirit: Works & Gifts* (Downers Grove: InterVarsity, 2000), 196. Theissen also believes that “glossolalia does in fact exhibit regressive traits in linguistic, social, and psychological aspects” (312).

^{105.} For a recent bibliography on the Pentecostal doctrine of initial evidence, see Gerald J. Flokstra III, “Sources for the Initial Evidence Discussion: A Bibliographic Essay,” *Asian Journal of Pentecostal Studies* 2 (1999): 243-259.

^{106.} See Max Turner, “Tongues: An Experience for All in the Pauline Churches?” *Asian Journal of Pentecostal Studies* 1 (1998): 231-253.

^{107.} Hasel, 153.

^{108.} “Unless you speak intelligible words with your tongue, how will anyone know what you are saying? You will just be speaking into the air” (1 Cor 14:9). “If I speak in the tongues of men and of angels, but have not love, I am only a resounding gong or a clanging cymbal” (1 Cor 13:1).

ARTIGOS

THE DELAY OF THE PAROUSIA IN MODERN INTERPRETATION

Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Professor of Old Testament Exegesis and Theology
Centro Universitário Adventista, Campus Engenheiro Coelho, Brazil
reinaldo.siqueira@unasp.edu.br

ABSTRACT: The concept of a “delay” of the Parousia has become a common idea in the theological circles that deals with New Testament’s eschatology. It is usually accepted that Jesus and the Early Church expected an imminent coming of God’s kingdom, and its implementation in the midst of humanity in their days. The passing of time, however, brought only disillusion and confusion to the NT believers who tried to cope with such a crisis through the belief in a “delay” of the Parousia. This concept, however, raises in itself a series of complex questions in relation to Jesus, the Bible, and the Christian faith. It is the purpose of this study to approach this issue from the perspective of a “holistic” view of the question, investigating it both from the divine and human perspectives that are presented in the biblical text. This kind of “holistic” approach has been generally forfeited by the theologians that deals with the question.

KEYWORDS: Parousia, delay, imminence, Jesus, Apostles, New Testament, Theology.

A TARDANÇA DA PAROUSIA NO DEBATE TEOLÓGICO MODERNO

RESUMO: O conceito de uma “tardança” da Parousia tornou-se uma idéia comum no meio teológico que se dedica ao estudo da escatologia do Novo Testamento. Normalmente se crê que Jesus e a Igreja Primitiva aguardavam a iminente vinda do Reino de Deus e que sua implementação, no seio da humanidade, ocorresse durante os seus próprios dias. O passar do tempo, no entanto, provocou desilusão e confusão entre os crentes do Novo Testamento que tentaram lidar com essa crise através da crença em uma “tardança” da Parousia. Este conceito, no entanto, provoca por si só uma série de complexos questionamentos em relação a Jesus, a Bíblia, e a fé cristã. É propósito desse estudo abordar essa questão a partir de uma perspectiva “holística,” investigando o problema tanto da perspectiva dos fatores divinos e humanos a ele relacionados no texto bíblico. Esse tipo de abordagem “holística” tem sido geralmente negligenciado pelos teólogos que se têm dedicado à questão.

PALAVRAS-CHAVE: Parousia, tardança, iminência, Jesus, apóstolos, Novo Testamento, teologia.

INTRODUCTION

The concept of the “delay” of the Parousia is a pretty well established idea in modern Christian theology (cf. Smalley, 1964, p. 41-54; Taylor, 1999, p. 40-42). Most scholars maintain the point of view that the NT writers, in general, as well as the Early Christians, expected that an imminent, visible return of Christ would occur at any time after his ascension to heavens. However, with the passing of time such a hope resulted into a crisis in the Early Church which was answered by a shift from this imminent expectation to a belief in a delayed Parousia (Käsemann, 1964, p. 170). Finally, the centuries that followed the Early Church Era saw a complete eclipse of the belief in the Parousia and of the eschatological hope of the kingdom of God and their replacement by ecclesiology (cf. McArthur, 1962, p. 658-661).

However, as Gallagher (1982, p. 363-365) observed, the implications of this theory can be quite heavy. The concept of a “delay” of the Parousia often carries within it a negative idea, as if a mistake had occurred, an error was done, a failure had happened. Such a notion led some theologians to speak about the misguided belief of Jesus and of the Early Church concerning an



imminent Parousia (Schweitzer, 1968, p. 123-125, 137-139; Taylor, 1999, p. 34-36). Reacting against such a negative notion, some scholars defend that Jesus never believed in a imminent Parousia (Dodd, 1952, p. 101-110); while others maintain that the "delay" concept is more of a problem for modern scholarship than it was for the Early Church (Morris, 1973, p. 126), and so on.

So the concept of a "delay" raises questions concerning Jesus. Did he really know what he was talking about? Was he right? Was he wrong? Was he really what he taught to be? It also raises questions concerning the sayings of Jesus. Were they really his own or the Church's, or the Redactor's? It raises questions about the nature of the NT. Was it inspired or was it the fruit of human experience and genius, the result of some men religious deceptions and struggles, and the reformulation of their previous ideas? It even raises questions concerning God, the God depicted in the NT, and in the Bible¹. Is He really omniscient, omnipotent? Is God really like the way the NT, or the Bible depicts Him?

Therefore, to have a good perception of the so called "delay" of the Parousia and its theology is not an issue of minor importance for the understanding of the Bible and its message. It is the purpose of this paper to inquiry into this question in view of a better understand of the matter.

This study will first present a synthetic overview of the main texts in the NT which deal with the question of the "delay". Then, it will briefly survey the major different approaches to these texts in modern theology. A special attention will be given to the way the question has been treated in the Seventh-day Adventist context. In a third moment, a brief critical analysis will be presented to each approaches covered in the previous section. Finally, there will be an essay of an answer concerning the questions raised by the concept of the "delay" of the Parousia. Since it will not be able to cover all the questions that may rise from such an important issue (and some of them were just presented above), this paper will concern itself with the basic question of the relevance of the hope in the Parousia for Christians today. It will try to address this problem by focusing in the three basic issues that seems to be central to this issue: the questions of time, imminence, and delay.

1. THE "DELAY" OF THE PAROUSIA IN THE NEW TESTAMENT

In the sequence, the main texts of the NT in which it has been attested the motif of the "delay" of the Parousia are presented (cf. Bauckham, 1980, p. 19-36; Gaventa, 1982, p. 27-42; and Holman, 1982, p. 168-383).

1.1. THE SYNOPTIC GOSPELS AND ACTS

In the Synoptic Gospels, the theme of the "delay" of the Parousia appears chiefly in the Synoptic Apocalypses (Mt 24:1-35, Mk 13:1-31 and Lk 21:5-36) and in the "watch" parables (Mt 24:36-51; 25:1-30; Mk 13:32-36; Lk 12:35-48).

In the Synoptic Apocalypses, after warning the disciple against being deceived by those who claim be the Christ and say "the *time is near*" (Lk 21:8)³, Jesus said:

"You will hear of wars and rumors of wars, but see to it that you are not alarmed. Such things must happen, *but the end is still to come*" (Mt 24:6).

"When you hear of wars and rumors of wars, do not be alarmed. Such things must happen, *but the end is still to come*" (Mk 13:7).

"When you hear of wars and revolutions, do not be frightened. These things *must happen first, but the end will not come right away*" (Lk 21:9).

He then spoke about a time of animosity among the nations, famine, pestilences and earthquakes. In that time, Christ's followers would be persecuted and betrayed by all (Mt 24:9,10; Mk 13:9,11,12; Lk 21:12-18). This sayings clearly present a time of trouble that *will precede* the end. It is this difficult time that would be imminent in the believers nearby future and not the Parousia. In view of that, Christ exhorted his disciples to stand firm, to endure to the end (Mt 24:13; Mk 13:13; Lk 21:19 - Luke however does not have the temporal clause "to the end"). This



time, which precedes the Parousia, would be long enough to allow the Gospel to be preached to all the nations, in accordance to Matthew and Mark as follow:

And this gospel of the kingdom *will be preached in the whole world as a testimony to all the nations , and then the end will come*" (Mt 24:14).

And the gospel *must first be preached to all the nations* (Mk 13:10).

In the sequence of the Synoptic Apocalypses, Jesus spoke about the destruction of Jerusalem (Mt 24:15-20; Mk 13:14-18; Lk 21:20-23), then about a time of great tribulation and affliction which Matthew presents as being posterior to the destruction of Jerusalem (see Holman, 1982, p. 277-279, for the use of the adverb *tóte* in the Greek text as carrying an idea of consequence or subsequence in time and action). It is only after this time of great tribulation that the Parousia would take place:

Immediately after the distress of those days the sun will be darkened, and the moon will not give its light; the stars will fall from the sky, and the heavenly bodies will be shaken. *At that time* the sign of the Son of Man will appear in the sky, and all the nations of the earth will mourn. They will see the Son of Man coming on the clouds of the sky, with power and great glory. (Mt 24:29,30)

But in those days, following that distress, the sun will be darkened and the moon will not give its light; the stars will fall from the sky, and the heavenly bodies will be shaken. *At that time* men will see the Son of Man coming in clouds with great power and glory. (Mk 13:24-26)

... Jerusalem will be trampled on by the Gentiles *until the times of the Gentiles are fulfilled* . There will be signs in the sun, moon and stars. On the earth , nations will be in anguish and perplexity at the roaring and tossing of the sea. Men will faint from terror, apprehensive of what is coming on the world, for the heavenly bodies will be shaken. *At that time* they will see the Son of Man coming in a cloud with power and great glory. (Lk 21:24-27)

The idea of the "delay" appears also in the "watch" parables. In the Synoptic text, these parables are preceded by the assertion that no one knows the day and the hour of Christ's second coming but only the Father, therefore there is a need to "watch" and be ready (Mt 24:42-44; Mk 13:33-37; Lk 12:35-40; 21:34-36). While Mark stresses only on the need to be ready, to be watchful, for the Parousia can occur any time – an emphasis that goes with the line of an imminent expectation; the text of Matthew and Luke presents also a "delay" element in these parables. In the parable of the faithful and the wicked servants (Mt 24:45-51; Lk 12:42-48), while the faithful servant, who was put in charge of the household while his master goes in travel, does whatever is needed faithfully until the return of the master, the wicked says to himself:

My master *is staying away a long time* (Mt 24: 48).
My master *is taking a long time in coming* (Lk 12: 45).

He starts then to beat his fellow servants, eat and drink until to the point of getting drunk. But on a day the wicked servant does not expect his master comes and punishes him severely. That parable seems to be a rebuke to the members of the Early Church who would be tempted to have the same attitude of the wicked servant in face of the "delay" of Christ's Coming (see Lk 12:45 in Nolland, 1993; and Mt 24:48 in Hagner, 1995) .

Only the Gospel of Matthew has then the "Parable of the Ten Virgins"² (Mt 25:1-13). These virgins went out to meet the bridegroom, but they all became drowsy and fell asleep because "the bridegroom was *a long time in coming*" (Mt 25:5). When the bridegroom finally came, only those virgins who thought it could be a "delay" went with him to the wedding banquet, while the others who expected an imminent coming were rebuked and did not get in. The



exhortation is then to "keep watch, because you do not know the day or the hour" (Mt 25:13). So it seems that here Christians who only expected an imminent coming were rebuked, while those who have made room for a possible "delay" of the Parousia were praised.

Both the Gospel of Matthew and Luke have the "Parable of the Talents" or "of the Ten Minas" (Mt 25:14-30; Lk 19:12-27) that speaks of a man, or a noble, who went on a journey and entrusted his property to three servants. The two first worked with the portion they got, while the third one hid his part. The issue of the "delay" appears in Matthew by the end of the parable:

"After a long time the master of those servants returned and settled accounts with them" (Mt 25:19).

In Luke, it seems to be referred in the beginning of the parable as it is written:

"A man of noble birth went to a distant country to have himself appointed king and then to return" (Lk 19: 12).

When the master settles accounts with his servants, he praises those who worked diligently with the amount they got to the point of doubling it, but he rebukes the one who did nothing while waiting for his return (Mt 25:20-30; Lk 19:15-26).

These texts of the Synoptic Apocalypses and of the "watch" parables are commonly considered as evidences of the shift in the Early Church from an expectation for an imminent Parousia (indicated in passages such as Mt 24:34, Mk 13:30, and Lk 21:32 that speak of the Parousia as an event that would take place in "this generation") to the teaching of a delayed Parousia which would be preceded by a certain indefinite time.

In book of Acts, the theme of the "delay" of the Parousia seems to be evidence in the fact that the book shows little concern with eschatology. While the first two chapters of Acts have a strong eschatological tone (cf. Ac 1:3, 6, 11; 2:17-21) this tone seems to cease from chapter 3 onwards. Indeed, Luke seems to be more concerned in Acts with writing the history of the Christian religion as a secular history, fact that for theologians as Käsemann (1969, p. 21) "only becomes possible where primitive Christian eschatology, the dynamic force of New Testament preaching, is in eclipse", for "you do not write the history of the Church, if you are expecting the end of the world to come any day" (Käsemann, 1964, p. 28).

1.2. The letters of Paul

Almost every letter of Paul speaks about the Parousia.⁴ Some of his passage seems to point to an imminent expectation of the Parousia, such as 1Th 4:15-17:

According to the Lord own word, we tell you that *we who are still alive, who are left till the coming of the Lord*, will certainly not precede those who have fallen asleep. For the Lord himself will come down from heaven, with a loud command, with the voice of the archangel and with the trumpet call of God, and the dead in Christ will rise first. After that, *we who are still alive and are left* will be caught up together with them in the clouds to meet the Lord in the air. And so we will be with the Lord forever.

Many scholars consider that Paul expected the Parousia in his lifetime, since he included himself and his readers among those who would be alive in the Second Coming (Bruce, 1982, 99, 105). However, Paul's expectation for the imminence of the Parousia seems to have been lessened in his later letters. This "shifting" in Paul's expectations would be evidenced by passages such as in 2 Thessalonians, Philippians and 2 Timothy:

Concerning the coming of our Lord Jesus Christ and our being gathered to him, we ask you brothers, not to become unsettled or alarmed by some prophecy, report or letter supposed to have come from us, saying that the day of the Lord has already come. Don't let anyone deceive you in any way, *for that day will not come until the rebellion occurs and the man of lawlessness is revealed, the man doomed to destruction.*" (2Th 2:1-3)



"I am torn between the two: *I desire to depart and be with Christ* which is better by far" (Php 1:23).

For I am already being poured out like a drink offering, *and the time has come for my departure. I have fought the good fight, I have finished the race, I have kept the faith. Now there is in store for me the crown of righteousness, which the Lord, the righteous Judge, will award to me on that day* –and not only to me, but also *to all who have longed for his appearing.* (2Ti 4:7, 8)

In 2 Thessalonians Paul speaks about a time of rebellion before the Parousia so that the Christians in Thessalonica should not expect for an imminent Parousia. In Philippians, Paul does not seem to expect to be alive anymore during Parousia. In 2 Timothy, he expects the Parousia in the future without making any reference to time. Therefore, some conclude that his imminent expectation became a hope in the Parousia but no connection with a time schedule anymore. This fact would be indicated by itself Paul's shift from an imminent to delayed Parousia (McArthur, 1962, p. 659-660; Bruce, 1982, p. 105).

1.3. The Johannine Literature

In writings of John, the great emphasis on the Parousia appears in Revelation chapters 1-3 and 19-22. Many times, in these chapters, the imminence of the event is highlighted (Rev 1:1, 3; 2:16, 25; 3:3, 11; 22: 7, 10-12, 20). In his gospel, references to the Parousia appear in chapter 5:27-29; 6:39-40, 44, 54; 14:3; 12:48; 21:22-23; and in his letters, it appears in passages such as 1 John 2: 28 and 3: 2.

While in Revelation, an expectation for an imminent coming of Christ is stressed by the passages indicated above, the theme of the delay appears in the martyrs' cry "*how long?*", and in the answer given to this question: "*they were told to wait a little longer*" (Rev 6:10). For Bauckham (1980, p. 29-36) the motif of the "delay" is worked out in the very structure of Rev. 6-11. The audience in the time of John would identify the "delay" motif first in the series of seven movements expressed by the seven seals, the seven trumpets, and the seven bowls (Rev 6:1-8:1; 8:6-11:19; 16); and second, by the long parenthesis (Rev 7: 10; and 11:1-13) inserted between the sixth seal and trumpet (where the Parousia is imminent) and the seventh seal and trumpet which deals with the very event of the Parousia. These textual "evidences" in the book of Revelation would also testify about a shift from an expectation of an imminent Parousia to a delayed one.

1.4. Other NT books

The expectation for an imminent Parousia seems to be reflected in other NT passages like James 5:7-9, where it is written that "*the Lord's coming is near*"; in 1 Peter 1:7,13; 4: 7,13, where it is stated that "*the end of all things is near*" (1Pe 4: 7); or in Jude 6, 21. However, an emphasis on the "delay" of the Parousia seems to be the subject of 2 Peter 3: 3-10, where it is written:

First of all, you must understand that in the last days scoffers will come, scoffing and following their own evil desires. They will say, "*Where is this 'coming' he promised?* Ever since our fathers died, everything goes on as it has since the beginning of creation... .. But do not forget this one thing, dear friends: With the Lord a day is like a thousand years, and a thousand years are like a day. *The Lord is not slow in keeping his promise, as some understand slowness. He is patient with you, not wanting anyone to perish, but everyone to come to repentance.* But the day of the Lord will come like a thief...

This passage of 2 Peter seems to clearly present the crisis which occurred in the Early Church when the time passed by. The generation that received the apostles' message was dying and the Lord had not come. Some members started to doubt the Lord's promise, and apostasy followed. Peter appears to be facing the problem by trying to provide an answer to the dilemma of the "delay" (Bauckham, 1980, p. 19-28).

By the testimony of these diverse sections of the NT, many scholars concluded that the Early Church faced the problem of the "delay" of the Parousia, and that there was a shift from an



imminent expectation to a delayed one. However, if this reality of the early christian experience is accepted by almost the majority of the theologians (cf. McArthur, 1962, p. 660-661; and Rowland, 1992, p. 168-169), the interpretation of it differs widely among them. These different interpretations are exactly the subject of the next section.

2. THE INTERPRETATIONS OF THE DELAY

Modern theology has six major trends of eschatological interpretation (Ladd, 1982, p. 130-131; see also Aune, 1992, p. 599-600): 1) The "Consistent (also called 'Unrealized' or 'Consequent') Eschatology"; 2) the "Realized Eschatology"; 3) the "Existentialism"; 4) the "Timeless Eschatology"; 5) the "Moderate (also called 'Proleptic') Eschatology"; and 6) the "Orthodoxism". Each trend approaches the question of the "delay" from a different perspective. In the sequence, their majors representatives will be surveyed with their respective answers to the problem of the "delay" of The Parousia.

2.1. THE "CONSISTENT ESCHATOLOGY"

The "Consistent Eschatology" was introduced by Albert Schweitzer who interpreted Jesus as a Jewish apocalyptic preacher whose entire mission was centered in the belief of an imminent end of the world and the coming of the kingdom of God. For Schweitzer, Jesus died in disillusionment because the end did not come. However, Paul and the Early Church believed that with the death and resurrection of Jesus the messianic age had begun and that the eschatological blessings could be actually experienced. It initiated then a process of "de-eschatologising" by the removal of future hopes and their replacement by present ethical motivation (cf. Ladd, 1982, p. 131; for a detailed presentation of the "Consistent Eschatology" views see the discussion in one of its tenant Werner, 1957, p. 40-115).

Albert Schweitzer was the first to formulate the concept of "the delay of the Parousia" (Hoekema, 1979, p. 111), and with him started the whole discussion about the *role* of the "delay" in Early Christianity and in the Christianity.

According to Schweitzer, when Jesus sent his twelve disciples to preach to the lost sheep of Israel that "the kingdom of heaven is near" (Mt 10:5-42), he was expecting that the Kingdom would come before they had finished their task. In this occasion, Jesus stated to his disciples: "I tell you the truth, you will not finish going through the cities of Israel *before* the Son of Man comes" (Mt 10:23). Commenting on this episode, Schweitzer wrote:

To how an extent this was the case in regard to the mission of the Twelve is clearly seen from the "charge" which Jesus gave them. He tells them in plain words (Matt. x. 23), that He does not expect to see them back in the present age. The Parousia of the Son of Man, which is logically and temporally identical with the dawn of the kingdom, *will take place before they shall have completed* a hasty journey through the cities of Israel to announce it... It is equally clear, and here the dogmatic considerations which guided the resolutions of Jesus become still more prominent, that this prediction *was not fulfilled*. The disciples returned to Him; and the appearing of the Son of Man had not taken place... [italics supplied] (Schweitzer, 1950a, p. 358, 359).

This was the first "delay of the Parousia". It provoked an alteration in Jesus' plans, after that he started to believe that he must bring in the Kingdom by his own suffering and death (ibid., p. 359, 360). For Schweitzer:

In order to understand Jesus' resolve to suffer, we must first recognize that the mystery of this suffering is involved in the mystery of the Kingdom of God, since the Kingdom cannot come until the *peirasmós* has taken place... The 'must be' of the sufferings is the same – the coming of the Kingdom, and the Parousia, which are dependent upon the *peirasmós* having first taken place. (Schweitzer, 1950b, p. 387).

Jesus then died as an disillusioned man, without revealing his understanding of the meaning of his death to the disciples. Schweitzer sustained that "Jesus carried with him to the



grave the secret of the Passion which was to be revealed to the inheritors of the Kingdom at its coming. But the Kingdom did not come" (Schweitzer, 1950a, p. 152), and "since the Kingdom had not arrived and the original causal connection [Jesus' hope that his death would bring the Kingdom] was dissolved with the temporal" there was there another "delay" (ibid., p. 153).

For Schweitzer, the "delay" of the Parousia is the most influential factor in the shaping of Christianity, since its very beginning, as he explains:

The whole history of 'Christianity' down to the present, that is to say, the real inner history of it, *is based on the delay of the Parousia, the non-occurrence of the Parousia, the abandonment of eschatology, the progress and completion of the "de-eschatologising"* of religion which has been connected therewith. [italics supplied] (Schweitzer, 1950b, p. 360).

Therefore, for him the "delay" of the Parousia is associated a mistaken hope that misquided Jesus and the early christians who expected the coming of the kingdom, the Parousia. Both hope for the Parousia and the "delay" explanations found in the NT and Early Christianity must be understood as a temporal garb that must be discarded, and that was indeed was by Christianity in the following centuries. Therefore, the "delay" of the Parousia does not constitute a problem for the "Consistent Eschatology," for even to speak about it today is a nonsense, as Schwietzer observed:

...The expectation of the Kingdom which would come of itself was not to find actual fulfillment. For centuries Christianity looked for it in vain. It could not easily come to terms with the fact. It had to try to understand what could be learned from it. When it applied itself to the interpretation of the signs of the times, it could understand them only as meaning that it is called up to renounce its old ideas and learn anew. The task was laid upon it of giving up its belief in the Kingdom which would come of itself and giving its devotion to the Kingdom which must be made real.

... In the thought of Paul the supernatural Kingdom is beginning to become the ethical and with this to change from the Kingdom to be expected into something which has to be realized. It is for us to take the road which this prospect opens up. (Schweitzer, 1968, p. 183).

2.2. THE "REALIZED ESCHATOLOGY"

For the theologians of the "Realized Eschatology," the Kingdom of God *has come* in the person and mission of Jesus. While Jesus in some sayings speaks of the Kingdom of God as future, and in other as present, his great and distinctive emphasis was in the actual presence of that kingdom among men. The apocalyptic language he sometimes used was only a symbolic representation of that which stands beyond history - the absolute, the "wholly other," which in his person has entered into time and space. It was the Early Church that, by misinterpreting Jesus' "realized eschatology," read back Jesus' words and reinterpreted them under the light of the Jewish eschatology. They introduced the issues of a future Parousia, and of a "delayed" Parousia into most of the NT. Only the Gospel of John and the Book of Hebrews retained Jesus' original teachings on a "realized eschatology" (Ladd, 1982, p. 131; Aune, 1992, p. 599-600).

C. H. Dodd was the first defender of the ideas of the "Realized Eschatology" trend. By strongly reacting against Schweitzer's theory of the "Consistent Eschatology," he proposed that in Jesus "the *eschaton* has moved from the future to the present, from the sphere of expectation into that of realized experience" (Dodd, 1957, p. 50). Concerning Jesus' perspective on the Kingdom of God, he wrote:

But Jesus declares that this ultimate, the Kingdom of God, has come into history, and He takes upon Himself the 'eschatological' role of 'Son of Man.' The absolute, the 'wholly other,' has entered into time and space. And *the Kingdom of God has come and the Son of Man has come, so also judgement and blessedness have come into human*



experience. The ancient images of the heavenly feast, of Doomsday, of the Son of Man at the right hand of power, are not symbols of the supra-sensible, supra-historical realities; they have also their corresponding actuality within history. Thus both the facts of the life of Jesus, and the events which He foretells within the historical order, are 'eschatological' events, for they fall within the coming of the Kingdom of God. The historical order however cannot contain the whole meaning of the absolute. The imagery therefore retains its significance as symbolizing the eternal realities, which though they enter into history are never exhausted. The Son of Man has come, but also He will come; the sin of men is judged, but also it will be judged.

But these future tenses are only an accommodation of language. *There is no coming of the Son of Man 'after' His coming in Galilee and Jerusalem, whether soon or late, for there is no before or after in the eternal order.* The Kingdom of God in its full reality is not something which will happen after other things have happened. It is that to which men awake when this order of time and space no longer limits their vision, when they 'sit at meat in the Kingdom of God' with all the blessed dead, and drink with Christ the 'new wine' of eternal felicity. 'The Day of the Son of Man' stands for the timeless fact. [italics supplied] (ibid., p. 107-108)

For Dodd, the view of Jesus and of the Early Church's, immediately after Jesus' life on earth, was that they were living in "the age of fulfillment" (ibid., p. 132). The apostles, however, expected the end of the "crisis" in the shortest time possible, by the coming of the End. But, as months and years went by and everything remained as before, the question rose "where was the promise of His coming on the clouds of heaven?" Dodd stated that:

In the course of time the better minds of the Church, under the guidance of such teachers as Paul and the author of the Fourth Gospel, arrived at an interpretation which did justice to the deeper meaning of Jesus. But meanwhile those who took his words literally built up a new Christian eschatology on the lines of the Jewish apocalyptic tradition.

The result of this development was that the original unity and continuity of the eschatological process was broken up. This is the profound and significant difference between the outlook of the sayings of Jesus and that of the formed tradition of His teaching as it entered into our written Gospels. *The sayings were uttered in and for a brief period of intense crisis: the tradition was formed in a period of stable and growing corporate life, conceived as the interval between two crisis, one past, the other yet to come.* [italics supplied] (ibid., 133,134).

Therefore, the "delay" of the Parousia is a relecture of Jesus' words influenced by Jewish apocalypticism, in order to give to the Early Church, which was so influenced by the Jewish eschatology, a reason for the "delay". For Christianity today, the "Realized Eschatology" see no motif for speaking of a "delay" of the Parousia, for the coming of Christ is always present through the ongoing spiritual relationship present in conversion, baptism, meditation and death (ibid., p. 108). Dodd affirmed:

...But we have warrant to affirming that God comes to meet us in history, and sets before us the open but narrow door of His Kingdom. To accept His Kingdom and enter in brings blessedness, because the best conceivable thing is that we should be in obedience to the will of God. Such blessedness may be enjoyed here and now, but it is never exhausted in any experience that falls within the bounds of time and space. Our destiny lies in the eternal order... (ibid., p. 209, 210; for another expositor of the "Realized Eschatology" ideas see Glasson, 1963, p. 116-167).

2.3. THE "EXISTENTIALISM"

In the "Existentialism," eschatology is mythology and it is alien to the modern world view. Jesus was an apocalyptic prophet, but his eschatological perspective was only a reflex of his intense God-consciousness. In face of such kind of God-consciousness the world falls away and



seems be at its end. When a person is confronted by the demands of God, he who answers positively enters into an eschatological existence. He comes to the end of his old life –he is free from his past; and he enters into a new life –he is open to the future (Ladd, 1982, p. 131). As representative of the "existentialism", this study will try to survey briefly the view of Rudolf Bultmann.

Rudolf Bultmann is the foremost representative of the perspectives of "Existentialism" in rapport to the NT. For him, the "early Christian community understands itself not as a historical but as an eschatological phenomenon", "the *new people of God* has no real history, for it is the community of the end-time" (Bultmann, 1957, p. 37, 36). Such consciousness however was tread by the lengthening of time. The expected coming of Christ failed to take place and disappointment and doubt were rising. 2 Peter 3: 5-10 represents an essay of answer to those problems. However, "such answer could not provide a solution of the problem for any length of time" (ibid., 37). For Bultmann:

The problem of Eschatology grew out of the fact that the expected end world failed to arrive, that the 'Son of Man' did not appear in the clouds of heaven, that history went on, and the eschatological community could not fail to recognize that it had become a historical phenomenon and that the Christian faith had taken on the shape of a new religion. This is made clear by two facts: (a) the historiography of the author of Luke and the Acts of the Apostles (b) the importance which tradition gained in the Christian community. (Ibid., p. 38).

The Parousia was then moved to the indefinite future. Christians became used to waiting, and finally the eschatological hope was replaced by the sacramentalism, and the "delay" was not a problem anymore (ibid., p. 51). Bultmann urges, however, our present need of re-interpreting such forms of ancient belief in order to make it relevant for today. For him, the hope in the Parousia is an expression of an existential relationship with God, a symbol of the moment of decision, to be ready for the future that God has to every one of us, as he states:

... this hope or this faith can be called readiness for the unknown future that God will give. In brief, it means to be open to God's future in the face of death and darkness.

... to be open to God's future which is really imminent to every one of us; to be prepared for this future which can come as a thief in the night when we do not expect it; to be prepared for this future will be a judgement on all men who have found themselves to this world and are not free, not open to God's future. (Bultmann, 1958, p. 31, 32).

For Bultmann, every instant of history "has the possibility of being an eschatological instant and in christian faith this possibility is realized" (Bultmann, 1957, 154).

For today, in "Existentialism," there is no question of a "delay" of the Parousia, for the Parousia is part of the existential *now*, the decision point in relating to God, as Bultmann makes plain:

... According to the New Testament, *Jesus Christ is the eschatological event*, the action of God by which God has set up an end to the old world. In the preaching of the Christian Church the eschatological event will ever again become present and does become present ever and again in faith. The old world has reached its end for the believer, he is 'a new creature in Christ'. For the old world has reached its end with the fact that he himself as 'the old man' has reached his end and is now 'a new man', a free man. (Ibid., 151).

2.4. THE "TIMELESS ESCHATOLOGY"

The "Timeless Eschatology" has its founder in Karl Barth. In such view, the eschatological event is not a future event but a eternal present in which God is forever coming to meet man. It has a vertical dimension, rather than horizontal. God's eschatological kingdom stands above man and his time, rather than ahead in the future (Gallagher, 1982, p. 325, 326). "The Parousia is no longer understood as the future return of Christ but rather as 'a timeless symbol for the endless



earnestness of eternity in every existential situation" (Hoekema, 1979, p. 307, 308). Writing on Romans 13:11, Barth commented the following concerning the "delay" of the Parousia:

... It is not time but Eternity that lies 'beyond'. Standing on the boundary of time, men are confronted by the overhanging, precipitous wall of God, by which all time and everything that is in time are dissolved. There it is that they await the Last Hour, the Parousia of Jesus Christ. But the Day and the Hour no man knoweth.... Do not our ears burn when we hear this? Will there never be an end of all our ceaseless talk about the *delay* of the Parousia? How can the coming of that doth not *enter in* ever be *delayed*? The End of which the New Testament speaks is *no temporal event, no legendary 'destruction' of the world; it has nothing to do with any historical, or 'telluric', or cosmic catastrophe* [italics supplied]. The end of which the New Testament speaks is really the End; so utterly the End, that in measure of nearness or distance our nineteen hundred years are not merely of little, but of no importance; so utterly the End that Abraham already saw the Day - and was glad.... What *delays* its coming is not the Parousia, but our awakening.... But rather, knowing that the eternal 'Moment' does not, has not, and will not, *enter in*, we should then become aware of the dignity and the importance of each single concrete temporal moment, and apprehend its qualification and its ethical demand. Then we should await the Parousia: we should, that is to say, accept our present conditioning its full seriousness; we should apprehend Jesus Christ as the Author and the Finisher; and then we should not to hesitate to repent, to be converted, to think the thought of eternity, and therefore to-love. (Barth, 1933, p. 500-501).

Therefore there is not such a thing as a "delay" of the Parousia, as commonly understood, for there will be nothing of a such cosmic end, a cosmic Parousia. If is there a "delay", this is the result of our poor or missing awakesness. If we do awake in any "single concrete temporal moment" (that means "accept our present condition", "apprehend Jesus Christ as the Author and the Finisher", "to repent", "to be converted", "to think the thought of eternity", "to love") the Parousia will take place. In the "timeless eschatology" there is no reason for speaking of a "delay" of the Parousia for here, as in the "Existentialism," the important factor is the "now," as Barth explains it:

...whether we wish it or not, we do stand at every moment on the frontier of time; did we, standing in the frontier, dare to love the Unknown, to apprehend and lay hold of the Beginning in the End...

... Far too *nigh at hand* is the Kingdom of God, far too *near* is the overhanging wall of eternity - in every stone and flower, in every human face! - far too oppressive is the boundary of time - memento mori! - far too insistent and compelling is the presence of Christ as the turning-point of time. The direct and concrete movement of life, governed as it is by BIOS and EROS and PATHOS, cannot remain undisturbed. Indeed, it has already been disturbed. The form of this world passeth away, and the Kingdom of God cometh. Love, and all that proceeds from love, demonstrates this passing away and this coming. (ibid., p. 501).

2.5. THE "MODERATE ESCHATOLOGY"

The "Moderate Eschatology" recognizes that there is truth in both "Consistent" and "Realized" eschatology. In one hand, the hope of the OT is in some real sense fulfilled in the person and mission of Jesus, but in the other hand the consummation of hope waits for an eschatological consummation (Ladd, 1982, 131; Aune, 1992, p. 600). Many modern theologians adopted the views of the "Moderate Eschatology" trend, such as Werner G. Kümmel (1957), Oscar Cullman (1964), Wolfhart Pannenberg (1968), and others.

Kümmel, i.e., accepts that Jesus expected an imminent Parousia. However, he explains this expectation as being merely a contemporary way of expressing the definite and certain nature of the Parousia (Kümmel, 1957, p. 152,153). Jesus did mistake when he emphasized the imminence of the Parousia. However, the idea of imminence did not receive much emphasis in Jesus' message, as Kümmel explains:



... Jesus does not proclaim in quite general terms the future coming of the Kingdom of God, but also its *imminence*. What is more: on the one hand he emphasized this so concretely that he limited it to the lifetime of his hearer's generation; yet on the other hand he only expected a *part* of them to live to experience this eschatological event; so he did not wish to limit its proximity too closely. It is very clear that this prediction of Jesus was not realized and it is therefore impossible to assert that Jesus was not mistaken about this. On the contrary it must be unreservedly admitted that Jesus' eschatological message remained confined at least in this respect to a form conditioned by time, which proved untenable owing to developments after the beginning of Christianity. Now the significance of what has just been established must certainly not be overrated. For the number of texts which place a definite limit to the imminent expectation (Matt. 10.23; Mark 9.1; 13.30) is extraordinarily small and it is correct to conclude from this fact that this idea did not receive much emphasis in Jesus' message. (Ibid., p. 149, 150).

For Kümmel, concepts such as imminence and "delay" are secondary, for the eschatological event does not depend of an "end of the world as such, but in the fact that the approaching eschatological consummation will allow the Kingdom of *that* God to become a reality which has already in the present allowed his redemptive purpose to be realized in Jesus" (ibid., p. 154). Kümmel does not see a need to give an "eschatological" significance for the present, and thereby speak about "delay" or imminence; rather, the meaning of the eschatological message lies in just this: that in Jesus the Kingdom of God came into being and in him it will be consummated (ibid., p. 155).

Hence, the "delay" of the Parousia is not a problem for the "Moderate Eschatology." The lapse of time does not constitute in itself a problem that would lead a Christian to forsake the hope in the coming kingdom of God, for it was made sure already in Jesus. Indeed Kümmel explains:

...for the believer the question is not whether he will accept the correctness of the apocalyptic prediction or of an interpretation referring to the present of that which relates to the beyond, but whether he will respond to the divine mission of *that* Jesus who could promise us the reign of God, because it was already fulfilled in him. The Christian can assent to this question with complete confidence only because he knows of God's action in raising the one who was crucified and in founding his Church through the gift of the Spirit which lies beyond the earthly activity of Jesus. But the Christian knows also that the possibility of a such a faith is bound up with the reality of the Jesus in whom God brought his salvation to fulfillment in history and through whom God authoritatively promised his approaching consummation of history. (ibid.)

2. 6. THE "ORTHODOXISM"

The "Orthodoxism" is mainly represented by conservative Protestantism. However, its perspectives are very differentiated from a conservative protestant group to another. As representatives of the major orthodox approaches this paper will briefly cover: first, the dispensationalistic view, taking as a representative John F. Walvoord; second, the classical evangelical view, through Anthony A. Hoekema; and finally, the Seventh-Day Adventist view.

2.6.1. THE DISPENSATIONALISM

In John F. Walvoord's view, the time of the Parousia has a double aspect: The first one is its imminence, expressed through the secret rapture of the Church before the time of tribulation. Speaking about the imminence of the coming of the Lord through the secret rapture, he wrote:

... It is because it is a moment-by-moment expectation that the believer is exhorted to holiness. It is as if a distinguished guest were expected at any moment. Everything must be in order and spotless. There will be no time of preparation when he comes. Not only is there the customary cleaning; but as the moments of waiting continue there is the constant reinspection to be sure that all is in order. If it were known that the guest would not arrive for days or months or years, there would be no need of vigilance. It is the



imminence of his coming that determines the urgency of preparation. (Walvoord, 1975, p. 56, 57).

Such imminence was the hope of the Early Church, it has been the expectation of each generation of Christians. There was no mistake in the apostles prediction about the imminence of the Parousia and this was not a naive hope, but it is the very expression of the faithful christian hope (ibid., p. 48).

The second aspect is that the Parousia will occur at a fixed time, after the 7 last years of the seventy weeks prophecy of Daniel 9. At that time, the Lord will come to establish his kingdom on earth, as he explains: "... The "end" of which Daniel 9:27 speaks can only be the return of Christ to bring righteousness, peace, prosperity, and universal knowledge of God to this evil world" (ibid., p. 78).

Therefore, with such double approach, he sees two future comings of Christ (ibid., p. 87, 88). The concept of a "delay" of the Parousia has no place in the thinking of Walvoord, for, in that which concerns the time of the Parousia, in one hand it is imminent with the Translation through the secret rapture; and in the other hand, it is a fixed prophetic time in what concerns the final coming.

2.6.2. CLASSICAL EVANGELICAL VIEW (ANTHONY A. HOEKEMA)

Anthony Hoekema sees a need for the Church today of the same spirit of "lively expectation of Christ's return" that characterized the life and the belief of the Early Church (Hoekema, 1979, p. 110). For him, "if this expectation is no longer present, there is something radically wrong. It is the unfaithful servant in Jesus parable who says in his heart, 'My lord delays his coming'" (ibid.). And he continues:

... Whatever the reasons may be, the loss of a lively, vital anticipation of the Second Coming of Christ is a sign of a most serious spiritual malady in the church. Though there may be differences between us on various aspects of eschatology, all Christians should eagerly look forward to Christ's return, and should live in the light of that expectation every day anew. (Ibid., p. 110, 111).

Concerning the "delay" of the Parousia, Hoekema (ibid., p. 122) wrote that in the Synoptic Gospel: First, Jesus did not set a date for his return (Mt 24: 36; Mk 13: 32), therefore one can note speak about a "error in perspective" on his part. Second, "Jesus did, however, teach that within the lifetime of his hearers he would come in kingly glory (Mt 16:28); these words referred to his resurrection, which would be a prelude to and a guarantee of his Parousia. Jesus therefore taught the certainty of his Parousia, without giving us its exact date". Third, some of the sayings of Jesus leave room for a considerable amount of time before his return. Fourth, since the date is unknown there is need of constant watchfulness, which is not idle waiting but diligent use of our gifts in the service of Christ's kingdom.

For Hoekema, all the dimensions above need to be considered together for a whole picture of the issue; to neglect one or another is a "gross oversimplification" (ibid., p. 112).

About Paul's eschatological perspective he says that:

.. It seems quite evident that Paul did indeed expect Christ to return very soon. In fact, it seems reasonable to believe that Paul himself hoped still to be living at that time. But that does not mean that Paul left room for no other possibility, nor that he set a "within-this-generation" date for the Parousia as a part of his authoritative teaching. Paul was not interested in date-setting; his great interest was teaching the certainty of Christ's return, and the importance of being always ready for that return. To say Paul hoped still to be alive at the Parousia is one thing; but to say that he definitely taught that the Parousia would occur before his death is quite another thing. (ibid., p. 124).

On 2Pe 3:3-4, he observed that were the scoffers who spoke of a delay. So the "delay" of the Parousia is not a question raised by the anxious believer but by mockers who were attempting to discredit God's Word. Peter's answer shows that the so called "delay" by the mockers "is not a



stalling off the return of Christ, as if he has forgotten his promise, but is deliberated waiting in order the better to reveal his love, his compassion, and his forbearance toward sinners" (ibid., p. 127). Therefore, he concluded that instead of speaking about a "delay," "we should thank God for this manifestation of his love, and be all the more diligent to bring the gospel to those who may not yet have heard it" (ibid.).

Therefore, for Hoekema, the concept of the "delay" of the Parousia as maintained by many NT scholars, with its co-related idea of Jesus and the Early Church's mistaken belief in a soon Parousia, is not found in the teaching of Bible when it is correctly understood (ibid., p. 126, 127).

2.6.3. THE SEVENTH-DAY ADVENTIST INTERPRETATION

Roy Branson, in his article "Responding to the Delay," presents that are three Seventh-Day Adventist responses to the question of the "delay" of the Parousia: the expansionist, the moral and the cosmic responses (Branson, 1986, p. 8-17). Since the two first responses have many points in common and both emphasize the human side of the problem, this study will reorganize this tripartite division and reclassify them as: first, those who emphasize the human aspect of the problem; second, those who emphasize the divine aspect of the question; and finally, those who emphasize that there is no "delay" at all.

(1) The human aspect – this group could be divided into three subgroups:

The first one stresses the need for the spreading of the Gospel to every nation and people of the world. The main biblical support for that position is Mt 24: 14: "And this gospel of the kingdom will be preached in the whole world as a testimony to all the nations, and then the end will come". The "delay" of the Parousia therefore depend on the preaching the Gospel, for only when the Church will accomplish such prediction Christ will come (ibid., p 9-11).

The second one emphasize the need for God's people to develop their character to the standard expected by God. Herbert E. Douglas (1979, p. 65-82) call it the "Harvest Principle", based in the analogies of the NT between the kingdom of God and the harvest (i.e. Mk 4:26-29; and Rev 14:14-16). He explains that "as the wise farmer must wait for his seed to mature, so Jesus chooses to wait until the gospel seed has produced a sizeable group of mature Christians in the last generation" (ibid., p. 67). He indicates that the source for his interpretation are the commentaries of Ellen G. White on the need for the manifestation of the character of Christ in his people before his coming. He he quotes from the book *Christ's Object Lessons*: "Christ is waiting with longing desire for the manifestation of Himself in His church. When the character of Christ shall be perfectly reproduced in His people, then He will come to claim them as His own" (ibid.). Therefore, Douglas concludes that:

...the delay in the harvest of this world has not been due to a change of mind on the part of the divine Husbandman, or because of a mistake in the divine catalog describing the harvest of this world. As far as God is concerned, and should have ripened decades ago. The divine catalog said: 'anytime within the generation living in 1844!' We live now in the time of the delayed harvest. The fruit - the Christian witness that reproduces the character of Jesus - has not matured as God has wished. Thus, the purpose of planting the gospel seed has not been achieved. (Ibid., p. 68).

The third subgroup can be represented by the position of Morris Venden (1987, p. 25-30). Observing the parallels between the Exodus of Israel from Egypt to Canaan and the Advent movements¹, Venden underlines Dt 9: 4-7. In this biblical text, Moses said that it was not because of the righteousness of the children of Israel that the Lord giving them the Land, for they were a stiffnecked people; but it was because of the wickedness of the nations of Canaan that the Lord was driven them before Israel (ibid., p. 28). For Venden, the reason of the "delay" is primarily the fact that the world did not yet filled up the measure of its iniquity, as he writes: "So there will come a time at the end of the world, a certain point, when the world has filled up its cup of iniquity and corruption. And that time will come, regardless of what you or I do, or don't do, regardless of what you and I am - or we aren't." (Ibid., p. 29).



(2) The divine aspect - for the tenants of such position, the reasons for the time of the Second coming do not depend of man but rather it has a cosmic dimension and depends much more of God. Branson (1986, p. 13) writes that "when the Lord will return and exactly what will bring His return is beyond our finite knowledge." He concludes that the "problem of the delay" is a mystery to be acknowledged" (ibid.). In an article maintaining a similar position, Firtz Guy writes that:

When the element of transcendence and mystery in the advent hope is recognized, there is no demand for an answer to the question, "Why hasn't Jesus come?"... As in the biblical drama of Job, there may be reasons for the absence of God that remain unknown to humans until after the new beginning of human existence when we enter the immediate presence of God. (Guy, 1986, p. 118).

(3) The third group can be represented by Ralph E. Neall. For him there is no "delay" of the Parousia at all, it is more an apparent "delay" for us who do not know the time. He makes a comparison with a four year-old child who waits for Christmas, for the child "the holiday seems long delayed" (Neall, 1988, p. 91). For Neall "God's purpose know no haste and no delay," therefore the world still waits, but the inheritance will be given at the time God has set (ibid.).

In conclusion, in the "Orthodoxism" the answers to the question of the "delay" of the Parousia can be either positive or negative. In one side, there those who maintain that is a "delay" and the reason for it can be either because of human factors (as in the answers of the first group of the Seventh-Day Adventist), or because of divine factors (second group among the Seventh-Day Adventists and Hoekema). On the other side, there are those who deny the very idea of a "delay" (the third Seventh-day Adventist group and the Dispensationalism).

3. A CRITICAL EVALUATION AND ESSAY OF AN ANSWER

3.1. CRITICAL EVALUATION

In the evaluation of the different interpretations presented above, this study will only address two basic issues: First, the common view held by these interpretations, with the exception of the "Orthodoxism", that Jesus and the Early Church were mistaken in their expectation for an imminent Parousia. Second, the one sidedness common in the "Orthodoxism" when considering the question of the "delay." Besides these two points, only very general observations will be made to some other issues that will be required to address in order to make the above evaluation more logical and clear. These issues, however, will not be treated in a systematic manner. For an extensive critic to issues that are superficially or not addressed here see Gallagher (1982, p. 362-373) and the appendix in Hoekema entitled "Recent Trends in Eschatology" (Hoekema, 1979, p. 288-316).

A great majority of interpreters consider that there was a mistaken expectation for an imminent Parousia in the hopes that Jesus and the Early Christian held for the nearby future. Such misguided hope lead with the passing of time to the crisis of the "delay" and consequently to the abandon of the original expectation of an imminent coming of the Kingdom, and finally a total abandon of the eschatological expectation and its replacement by ecclesiology. However, as E. Earle Ellis observed, Hegel's view of history stands behind the modern theologian's reconstruction of the "delay" as a major crisis. In such reconstruction the hope in an early Parousia would be the "thesis", the fact of the lengthening "delay" the "antithesis", and the "delay" of the Parousia and later abandon of the eschatological expectation the "synthesis". So, Ellis contended, that the difficulty in this issue is not the "delay" itself but a "false apocalyptic speculation" in modern theology (Ellis, 1972, p. 17, 18). Modern interpretation usually fails to understand the tension that exists in both Jewish and Early Christian Apocalyptic between imminence and "delay" (see the discussion of this modern problem in Smalley, 1964, p. 52-54; Morris, 1973, p. 121-136; Bauckham, 1980, p. 4-36; Gallagher, 1982, p. 369-371; Gaventa, 1982, p. 27-42).

As Stephen S. Smalley observed, the sayings of imminence and "delay" are found side by side in the NT, and one cannot separate them so easily as if the sayings of the "delay" were written latter, as it has been done so frequently in modern interpretation (Smalley, 1964, p. 47). He concludes that: "The tension persists, exerting its moral demands as much in the realm of mission



as ethics, and both truths cohere – that Our Lord comes in, even as we wait for him" (ibid., p. 54). Commenting on the tension between imminence - "delay," Leon Morris observed that: "Clearly the first Christians expected some interval and they never indicated how long it would be... All in all one cannot escape the impression that the delay of the parousia is more of a problem to some modern scholars than ever it was to the early Christians" (Morris, 1973, p. 126). For Gallagher¹:

... The parousia as understood by the New Testament writers is an ever-present reality that no believer can ignore, but its fulfillment cannot be (and never was) quantified in terms of time.

The parousia has always been near since Christ's first advent made his second advent possible. It is hard for western minds to accept the concept of nearness in time not being quantifiable, but that is the very message of the gospels. (Gallagher, 1982, p. 373)

The problem of the the "delay" of the Parousia, as currently understood in modern interpretation, has been usually interpreted more in accordance with the western mind, under a Hegelian structure of thought, than in accordance with the semitic mind where the tension between imminence - "delay" exist and cannot be separated from one another. Therefore the "Consistent Eschatology", the "Realized Eschatology", the "Timeless Eschatology", the "Existentialism" and even the "Moderate Eschatology"⁵ do not make justice to biblical expectation by judging it with a western mind and by modern concepts. Indeed, the reality of the Parousia and of the kingdom of God play little role in these interpretations.

On the other side, "Consistent Eschatology" seems to be right when it points the eschatological expectation in the NT as future. However, as Kümmel (1957, p. 62-64) observed, it forces the texts when it wants to see an expectation for the Parousia in the return of the disciples to Jesus in Mt 10:23, or in the death of Jesus at the cross. The "Realized Eschatology" seems also to be right when it points to the importance of Jesus ministry, life, death and resurrection. However, its denial of a future kingdom of God is criticized by many as introducing a Platonic notion into the biblical thought. Dodd's proposal that the kingdom of God is "beyond time and space," that it belongs to "that order of eternal reality whose shadows or reflections form the world of phenomena," is against the biblical concept of the kingdom of God as a reality connected to time and space.⁶ For the Bible, the kingdom of God is a historical reality (see further criticism to Dodd's idea in Hoekema, 1979, p. 296). In the "Existentialism," one can appreciate the insistence on the need for a decision in response to the word of God. However, its rejection of all future eschatology is totally arbitrary and the biblical message is reduced to anthropology (cf. ibid., p. 311). The "Timeless Eschatology" also urges man to experience God's reality now. It is, however, very vague in referring to the second coming and the future kingdom of God. Indeed, it almost dismisses these ideas as mere superstitions and comes close to Plato's concept of "timeless" eternity and far away from the biblical view (ibid., p. 305). The "Moderate Eschatology" does much more justice to the NT and its eschatological view. However, it somehow keeps Schweitzer's negative perception on Jesus' and the Early Church's expectation for an imminent Parousia.

In what concerns the "Orthodoxism," the one-sidedness that usually characterizes its approach is its major problem. In the quest to understand the issues related to the Parousia, "Orthodox" theologians have a tendency to emphasize either the divine aspects of the issue at the expense of the their human side, or the reverse. In the NT, the Parousia is depicted as an event that involves both the divine and the human, and therefore any consideration on the "delay" of the Parousia needs to take in consideration both aspects. So "Dispensationalism" seems to take it only under the divine perspective. It emphasizes imminence because of the Secret Rapture that can occur at anytime (whenever God desires). At the same time the Parousia will take place at a fixed time, at the end of the last week of the seventy weeks of Daniel (the time fixed by God). It fails to consider passages such as Rev 6:10, the "how long?" question of the saints. The texts of the "delay" are completely rule out. Besides, "Dispensationalism" view of the Parousia as a double event is highly questionable since the Bible seems to point rather to an unique Parousia, both for the Church and for the world after a period of tribulation (cf. the discussion in LaRondelle, 1983, p. 186-204). The classical evangelical view held by Hoekema represents a well balanced position that tries to take into consideration the different ideas related to the Parousia in the NT. It



is an interesting and serious approach to the problem, however, it is a little vague and general in its definitions. Seventh-day Adventist answers show clearly the tendency of emphasizing either the human or the divine side of the problem. The three groups analyzed had good points and have established them from the perspective of the biblical text. Nevertheless, their one-sidedness is perceptible, leaving room for improvement.

3.2. ESSAY OF AN ANSWER

The concept of "delay" is usually defined as the exceeding of a stated period of *time*, beyond which the *event* is considered as late, postponed, delayed. Therefore, as Gallagher observed¹, in dealing with the question of the "delay" of Christ's return one needs to take into consideration the notion of time and its relation to the Parousia. So, in the quest for an answer to the question of the "delay" one needs to address the questions of *time* and the Parousia, and their correlated issues of *imminence* and "delay."

3.2.1. TIME

In any reflection on the question of time and the Parousia both the divine and the human aspects of the problem must be taken into consideration.

Jonathan Gallagher (1982, p. 368, 369) in his dissertation calls the attention to the relationship between God and time. He points out that God, as part of His divine attributes, is understood to be besides our restriction in time. The eternity of God places Him above time and out of human time. Ps 90: 4 and 2 Pet 3: 8 call one's attention to the fact that for the Lord "a day is like one thousand years, and a thousand years like a day", i.e., there is no time for God, or it is very relative (long periods of time for Him are equal to human very short time). Taking into consideration the divine sphere, it is hard to speak about "delay" in time. In God sphere, it would seem rather be more adequate to speak of imminence for no matter how long a time could last, for it is "like a day that just has gone by, or like a watch in the night" (Ps 90: 4). It is only in the relationship between God and the human time, in the action of God in the human sphere, that such notions of time such as imminence or "delay" take meaning. In His relation to the human time, the Bible represents God as the One who has control of it (Da 2:21; Ac 17:26). When the Bible speaks about the time of the Parousia and God, there is no notion of either of a shortening or of delaying in time, but rather of an established time: The Father knows the day and the hour of the Parousia (Mt 24:36; Mk 13:32); He has set it by His own authority (Ac 1:7); He does not delay it (2Pe 3:9); He will bring it in the time He has established (1Ti 6:14, 15). Therefore, in what concerns God, it seems to be more appropriate to say that "God's purposes know no haste and no delay" (Neall, 1988, p. 91).

However, when the NT speaks about man and the time of the Parousia, then a tension between imminence and "delay" is clearly presented. In the watch parables, since man does not know the day and the hour of the Parousia, it is depicted as imminent (Mt 24:42; 25:13; Mk 13:33-37; Lk 12:40; Rev 3:3). The notion of a "delay" in relation to the wicked servant (Mt 24:48; Lk 12:45), the ten virgins (Mt 25:4), and the servants who received the talents or minas (Mt 25:19; Lk 19:12). From this Bible's depiction, one can conclude that the concepts of imminence and "delay" need to be taken in relation to time and man and not to time and God.

3.2.2. IMMINENCE

In Php 1:20-23, Paul expresses his desire "to depart and be with Christ". As Oscar Cullmann noticed, it does not refer to the immortal soul that goes to heaven after the death, but to death and resurrection, as it is indicated later on in chapter 3: 21 of the same book (Cullmann, 1969, p. 170). The interesting point is that Paul associates the immediacy of God's kingdom with the concept of death and resurrection. Does other passages in the NT do the same? In Mt 22: 23-33 and its parallels (Mk 12:18-27; Lk 20:27-40) when questioned about the reality of resurrection, Jesus not only affirmed it but he stated that through resurrection the gap between the living and dead is undone in the perspective of the kingdom for "have you not read what God said to you, 'I am the God of Abraham, the God of Isaac, and the God of Jacob' ? He is not the God of the dead but of the living" (Mt 22:31, 32). In 1Th 4: 15-17, Paul explains that the resurrection makes the Parousia a reality both for the living and dead. One could say that here it is imminent for both, as Paul seems to imply by saying that "He died for us so that, whether we are awake or asleep, we



may live together with him" (1Th 5:10). This statement of Paul appears in the context of a discussion about the soon coming of Christ. Also, when Paul says "whether we live or die, we belong to the Lord" (Rm 14:8), for Christ is "the Lord of both the dead and the living" (Rm 14:9) he does it in the context of God's judgement, a theme related to the Parousia. The same appears when he speaks of death and resurrection in 2Co 5 (cf. Cullmann, 1969, p. 167-169). All these passages are related to resurrection and therefore to the hope in the Parousia (ibid., p. 169). The resurrection plays an important role in NT eschatology for "if only for this life we have hope in Christ, we are to be pitied more than all men" (1Co 15:19). In the sequence of this text Paul presents again the importance of that hope in relation to the Parousia (1Co 15: 51-56) and exhorts his readers to be faithful for their labor in the Lord will not be in vain (v. 58).

Having therefore such dimension of death and resurrection in relation to the Parousia, one can really say that the coming of the Lord is imminent for no one will wait for the Lord more than the length of his life, and then it becomes really imminent for no one knows how long his life is.

3.2.3. "DELAY"

Looking at the sayings of the "delay" in the NT, it is quite noticeable that they are related to multiples aspects, usually related to the human side of the problem, as emphasized by the first Seventh-Day Adventist group of interpretation (preaching of the Gospel; God's people preparedness; possibility of repentance and salvation of future generation; mankind's wickedness). One can also recognize a relationship to a cosmic level as the one emphasized by the second Seventh-Day Adventist group. However, such sayings of the "delay" are kept in balance with those which present God has an appointed time. And when the NT speaks about "delay" it implies that there is no "delay" at all, or that this "delay" is only apparent, as Ralph E. Neall has observed.

Therefore, it would seem more correct to say that the NT presents not exactly a tension between imminence and "delay", but rather the tension between imminence- apparent "delay"-and appointed time, where each element is not conflicting each other but naturally understandable when taken in the tension of time in relation to man and to God. As 2Pe 3:9 says, "the Lord is not slow in keeping his promise as some understand slowness."

CONCLUSION

The concept of the "delay" of the Parousia, as first proposed by Schweitzer and accepted by a great majority of scholars today, does not do justice to the biblical text and its teaching concerning the Parousia. It is hard even to speak of a "delay," as one usually understand it, for such conception denotes a postponement of an indicated time, implying an error of calculation, and idea that 2Pe 3 clearly argues against. But instead of error, one can perceive an harmony in the NT texts for they take the question of the Parousia in all its dimension, both human and divine. This wholistic view provide the basis upon which the concept of the time of the Parousia must be understood. And Gallagher (1982, p. 369) seems right when he says that:

Since the parousia is a divine event, and since God Himself can experience no delay, it is perhaps more correct to speak of an "apparent" delay since it is only from the man's viewpoint that more time has seemed to elapse than might have been expected. After all, God is said to *know* the day and the hour of the parousia (Mt. 24:36)."

NOTES

¹. The question of the "delay" of the Parousia in the NT is often related to its parallel issue of the "Day of the Lord" and the coming of God's kingdom in the OT and in the Jewish Intertestamental and Rabbinic Literature (cf. Sinclair, 1975, p. 19-35; Bauckham, 1980, p. 3-36; and Holman, 1982). Therefore its implications goes far beyond the scope of the Early Church, it involves the whole Bible, and the very basis of the judeo-christian religious belief.



² Unless otherwise indicated, all scriptural quotations are from *The NIV Study Bible*, Grand Rapids: Zondervan, 1985. All the word in italics in the biblical text represent my own emphasis to highlight the idea of the delay.

³ Although there are many similarities between the parable of the Ten Virgins and Luke 12:35-38 (keeping the lamps burning, waiting for someone, a wedding banquet, knocks at the door, opening the door) there are too many difference: in Luke there is the question of male servants who wait for their master when in Matthew there is the question of ten virgins who wait for the bridegroom; the master comes from a wedding banquet in Luke, the bridegroom goes to the wedding banquet in Matthew; the master knocks at the door in Luke, the five foolish virgins knock at the door in Matthew; the servants open the door in Luke, the bridegroom opens the door in Matthew; the master does good to his servant in Luke, the bridegroom does not acknowledge the foolish virgins. Therefore the parable of the Ten virgins will be taken in an independent way.

⁴ Cf. Rm 2: 16; 8: 18 ff; 13:11; 1Co 1: 7; 4:5; 5:5; 11:26; 15: 20-28, 51-57; 16:22; 2Co 4: 14; 5: 1-10; Php 1: 6,10; 2: 16; 3: 20-21; 4: 5; Col 3: 4; 1Th 1: 9-10; 2: 19; 3: 13; 4: 13-5:10; 5: 23; 2Th 1: 5-10; 2:1-12; 1Ti 6: 14; 2Ti 1: 18; 2: 11ff.; 4: 1,8; Tit 2: 13; Heb 9: 28; 10: 25.

⁵ Although the "Moderate Eschatology" theologians do recognize the tension between the "now" (imminence) and the "not yet" (delay), they usually consider the imminent expectation to be a mistake.

⁶ In the message of the prophets and of the apostles, the theme of the kingdom is always related to time and space, for they spoke about a future time when God will bring His kingdom and establish it upon the earth – cf. passages such as Isa 35; 60; 65:17-25; Da 2:44, 45; 7:13, 14, 26, 27; 12:1-3; Am 9:11-15; Mt 5: 1-12; Jn 14:1-3; Ac 1:6-8; Hb 10:8-16; 2Pe 3: 1-13; Rev 21; 22.

BIBLIOGRAPHY

AUNE, D. E. (1992). "Eschatology (Early Christian)." In: FREEDMAN, D. N. et al. (Eds.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday. v. 2, p. 594-609.

BAUCKHAM, R. J. (1980). "The Delay of the Parousia." *Tyndale Bulletin*, v. 31, p. 3-36

BARTH, K. (1933). *The Epistle to the Romans*. Oxford: University Press; London: Humphrey Milford.

BRANSON, R. (1986). "Responding to the Delay." In: BRANSON, R. (Ed.). *Pilgrimage of Hope*. Takoma Park: Association of Adventist Forums. p. 8-17.

BRUCE, F. F. (1982). *1 & 2 Thessalonians*. Waco/TX: Word Books. (*Word Biblical Commentary*, v. 45).

BULTMANN, R. (1957). *History and Eschatology*. Edinburgh: University Press.

_____ (1958). *Jesus Christ and Mythology*. New York: Charles Scribner's Sons.

CULLMANN, O. (1964). *Christ and Time: the Primitive Christian Conceptions of Time and History*. Rev. ed. Philadelphia: Westminster Press.

_____ (1969). *Des sources de l'Evangile à la formation de la théologie chrétienne*. Paris/Neuchatel: Delachaux et Niestlé. (Bibliothèque Théologique).

DODD, C. H. (1957). *The Parables of the Kingdom*. London: Nisbet & Co.

DOUGLAS, H. E. (1979). *The End: The Unique Voice of Adventists About the Return of Jesus*. Mountain View/CA: Pacific Press.

ELLIS, E. E. (1972). *Eschatology in Luke*. Philadelphia: Fortress



- GALLAGHER, J. (1982). *Believing Christ's Return: An Interpretative Analysis of the Dynamics of Christian Hope*. Ph. D. dissertation, University of St. Andrews.
- GAVENTA, B. R. (1982). "The Eschatology of Luke-Acts Revisited." *Enconter*, v. 43, p. 27-42.
- GLASSON, T. F. (1963). *The Second Advent. The Origin of the New Testament Doctrine*. London: Epworth Press.
- GUY, F. (1986). "Dynamics of the Advent Hope." In: BRANSON, R. (Ed.). *Pilgrimage of Hope*. Takoma Park: Association of Adventist Forums. p.118.
- HAGNER, D. A. (1995). *Matthew 14-28*. Dallas/TX: Word Books. (*Word Biblical Commentary*, v. 33b. CD-ROM edition).
- HOEKEMA, A. A. (1979). *The Bible and the Future*. Grand Rapids/MI: W. B. Eerdmans.
- HOLMAN, C. L. (1982). *Eschatological Delay in Jewish and Early Christian Apocalyptic Literature*. Ph.D. dissertation, University of Nottingham.
- KÄSEMANN, E. (1964). *Essays on the New Testament Themes*. London: S.C.M.
- _____ (1969). *New Testament Questions of Today*. London: S.C.M.
- KÜMMEL, W. G. (1957). *Promise and Fulfillment. The Eschatological Message of Jesus*. Naperville: Alec R. Allenson. (Studies in Biblical Theology, no. 23).
- LADD, G. E. (1982). "Eschatology." In: BROMILEY, G. W. et al. (Eds.). *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids/MI: W. B. Eerdmans. v. 2, p. 130-143.
- LaRONDELLE, H. K. (1983). *The Israel of God in Prophecy. Principles of Prophetic Interpretation*. Berrien Springs/MI: Andrews University Press.
- MORRIS, L. (1973). "Luke and Early Catholicism." *The Westminster Theological Journal*, v. 35, n. 2, p. 121-136.
- NEALL, R. E. (1988). *How Long, O Lord ?* Washington: Review & Herald.
- NOLLAND, J. (1993). *Luke 9:21-18:34*. Dallas/TX: Word Books. (*Word Biblical Commentary*, v. 35b. CD-ROM edition).
- PANNENBERG, W. (1968). *Jesus - God and Man*. Philadelphia: Westminster Press.
- McARTHUR, H. K. (1962). "Parousia." In: BUTTRICK, G. A. et al. (Eds.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nashville/New York: Abingdon Press. v. 3, p. 658-661.
- ROWLAND, C. (1992). "Parousia." In: FREEDMAN, D. N. et al. (Eds.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday. v. 5, p. 166-170.
- SCHWEITZER, A. (1950a). *The Mystery of the Kingdom of God*. New York: Macmillan.
- _____ (1950b). *The Quest of the Historical Jesus*. New York: Macmillan.
- _____ (1968). *The Kingdom of God and Primitive Christianity*. London: Adam & Charles Black.
- SINCLAIR, L. A. (1975). "Sayings on the Delay of the End." *Papers of the Chicago Society of Biblical Research*, v. 20, p. 19-35.



SMALLEY, S. S. (1964). Delay of the Parousia. *Journal of Biblical Literature*, v. 83, p. 41-54.

TAYLOR, N. H. (1999). Early Christian Expectations Concerning the Return of Jesus: From Imminent Parousia to Millenium. *Journal of Theology for Southern Africa*, v. 104, p. 32-43.

VENDEN, M. L. (1987). *Here I Come, Ready or Not*. Boise: Pacific Press.

WALVOORD, J. F. (1975). *The Return of the Lord*. Grand Rapids/MI: Zondervan.

WERNER, M. (1957). *The Formation of Christian Dogma*. New York: Harper & Brothers.

ARTIGOS

A LEITURA CRISTOCÊNTRICA DO ANTIGO TESTAMENTO: UMA ANÁLISE DE COLOSSENSES 1:13-20

Rodrigo P. Silva, Th.D.

Professor de Novo Testamento do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
rodrigo.silva@unasp.edu.br

Resumo: Alguns acadêmicos minimalistas têm sugerido que os primeiros teólogos do Cristianismo, com severo acento em Paulo, forjaram uma hermenêutica artificial e anti-semita do gênio da literatura hebraica. Logo, teriam forçado o Antigo Testamento a emitir conceitos, sobretudo cristológicos, que jamais poderiam ter sido aceitos por seus autores originais. No entanto, uma atenta verificação das várias escolas interpretativas do primeiro século, apontam que essa leitura enfaticamente messiânica ou cristocêntrica das Escrituras Hebraicas não era característica única dos primeiros cristãos. Neste trabalho, analiso brevemente uma dessas muitas aproximações cristológicas do Antigo Testamento, tomando por base o texto grego de Colossenses 1:13-20.

Palavras-chave: Cristologia, Novo Testamento, Hermenêutica.

INTRODUÇÃO

As modernas leituras e releituras da História têm proporcionado uma continuidade e uma descontinuidade, ao mesmo tempo, em relação à nossa aproximação da Bíblia Sagrada. Trata-se da forma como os destinatários imediatos receberam essas Escrituras e como nós, muitas vezes, as lemos hoje em dia.

Dizemos “continuidade”, porque a exegese bíblica revela-se uma teologia em constante projeto. Ou seja, estamos sempre avançando em nosso conhecimento acerca da Palavra de Deus. Jamais haverá época em que não existam novidades a serem exploradas. Não obstante, é claro que tais verdades não devem contradizer marcos já estabelecidos e dos quais não se pode prescindir. A Teologia Bíblica, portanto, da mesma forma que é expansível, constitui-se, em alguns aspectos, um saber irredutível, pois não podemos abrir mão das verdades trazidas pela Revelação divina.

Ademais, o exegeta nunca deve olvidar o fato de que cada passagem do Antigo e do Novo Testamento possui um contexto (*Sitz im Leben*), que a antecede e envolve. Em termos de “método”, torna-se necessário dizer que somente depois de descobrir qual é esse contexto, é que estamos realmente aptos para entender o seu alcance teológico até os nossos dias.

A “descontinuidade”, por sua vez, aparece no choque que nossa mentalidade moderna sofre ao deparar-se com a hermenêutica dos primeiros exegetas do Cristianismo. À primeira vista, dá-se a impressão que eles estariam forçando passagens do Antigo Testamento a um contexto cristológico que, originalmente, não fazia parte de seu conteúdo e propósitos iniciais.

Noutras palavras, não estaria na mente do profeta vétero-testamentário predizer aquilo que o autor do Novo Testamento disse que ele previu. Exemplos disto podem ser vistos nas citações mateanas dos profetas em relação a Cristo: os textos de Isaías 7:14; Oséias 11:1 e Jeremias 31:15, todos citados no início do Evangelho, não parecem, em princípio, aludir ao Messias. Antes, parecem passagens distorcidas que foram “cristianizadas” pelo evangelista. E esse é um argumento muito utilizado por biblistas da linha minimalista¹.

A conclusão sustentada por estes acadêmicos seria a de que os primeiros teólogos do Cristianismo, com severo acento em Paulo, forjaram uma hermenêutica artificial e anti-semita do gênio da literatura hebraica. Logo, teriam forçado o Antigo Testamento a emitir conceitos, sobretudo cristológicos, que jamais poderiam ter sido aceitos por seus autores originais.



Nada, porém, estaria mais longe de ser autêntico. O Antigo Testamento era o padrão teológico da Igreja primitiva e eles o liam com o mesmo respeito hermenêutico que o mais conservador dos líderes judeus². Conforme nos lembra R. Greer, "os escritores do Novo Testamento assumem a autoridade da Bíblia hebraica e fazem uso dela não somente na citação de textos, mas ainda no uso de suas categorias para expor a Cristo e sua importância. Muitos outros cristãos tiveram a mesma aproximação e até mesmo os cristãos gnósticos foram obrigados a interpretar a Bíblia hebraica..."³.

Uma atenta verificação das várias escolas interpretativas do primeiro século, mostram que essa leitura enfaticamente messiânica ou cristocêntrica das Escrituras Hebraicas não era característica única dos primeiros cristãos⁴. O mesmo comportamento pode ser visto em exegetas de outros ramos do Judaísmo, especialmente nos escritos dos rabinos e da comunidade de Qumran⁵.

1. CRISTO COMO CENTRO DAS ESCRITURAS

A cristologia ou "messianismo"⁶, ao que tudo indica, foi a chave interpretativa dos textos hebraicos tanto para os cristãos primitivos quanto para os judeus do primeiro século⁷. Afinal, o que são os evangelhos e epístolas senão apologias dirigidas aos judeus com o fim de "provar" que o homem Jesus cumpriu as profecias da antiga aliança?

Além disso, vale lembrar que não é ainda um ponto pacífico e indubitável afirmar que o "apocalipsismo" messiânico estivesse em total declínio na mentalidade popular da época. Pelo contrário, há fortes indícios de que os judeus tinham uma grande expectativa pela vinda do Messias, que os livraria dos romanos e faria de Jerusalém a capital dos novos tempos⁸. Logo, é bem provável que tal clima influenciava sua aproximação das Escrituras numa atmosfera tão messiânica como aquela demonstrada pelos autores cristãos⁹.

Neste trabalho, analisaremos brevemente uma dessas muitas aproximações cristológicas do Antigo Testamento. Tomaremos por base o texto grego de Colossenses 1:13-20 que, embora controverso quanto a autoria, faz parte tradicional do Corpus Paulino. Vejamos a perícopos conforme a tradução de Almeida, revisada:

13 e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado;
14 em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados;
15 o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;
16 porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele.
17 Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas;
18 também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,
19 porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude,
20 e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.

O que encontramos aqui é uma clara leitura cristocêntrica do Gênesis. Os judeus chamavam esta dinâmica hermenêutica de Midrash, cujo intento era justamente retirar valores, sobretudo messiânicos, de conhecidos textos da Sagrada Escritura¹⁰.

Os versos 13 e 14 parecem funcionar como um título remissivo do que se seguirá. Eles dão a impressão de que o autor resumirá ou parafraseará, em linguagem messiânica, todo o relato da criação e queda humana, traçando uma ponte entre o pecado adâmico e a redenção oferecida pelo Filho de Deus. Ou seja, um link hermenêutico desde o Éden até ao Calvário, com uma leve referência à remissão final.

"Ele nos libertou do império das trevas" – uma clara evocação do primeiro elemento criativo: "a luz" com a conseguinte separação das trevas. A seguir, o que é luz no Gênesis torna-se "o reino do filho do seu amor" em Colossenses. E a alusão à cruz vem na conclusiva declaração de fé: "no qual temos a remissão dos pecados".



Porém, o que esperávamos ser uma analogia do relato das origens, acaba sendo abruptamente interrompido por uma série de adjetivos atribuídos ao Filho de Deus. A concatenação das palavras parece sugerir que, embora o autor não se empenhe num exercício targúnico, pois está escrevendo em grego e não em aramaico, ele empreende uma espécie de tradução parafrástica de Gênesis 1:1.

O processo utilizado seria o de esgotar ao máximo os possíveis sentidos semânticos do texto hebraico para o grego. Talvez uma forma literária de tentar equiparar a riqueza das duas línguas ou, ainda, exaltar o hebraico como língua superior uma vez que esta precisará de apenas um vocábulo para expressar uma idéia messiânica. Enquanto que grego pressupõe uma pluralidade de sinônimos para abarcar, de modo não tão perfeito, a mesma verdade doutrinária.

Ora, é evidente que este “patriotismo idiomático” está longe de ser uma verdade gramatical quando comparamos a pobreza de vocabulário do paleo-hebraico com a riqueza vocabular de outras línguas, especialmente a grega. No entanto, o que nos interessa aqui será ver como o cristocêntrismo exegético direciona a leitura paulina do Gênesis.

2. ANÁLISE MORFOLÓGICA DE GÊNESIS 1:1

A primeira palavra que aparece na frase inicial do Gênesis não é um substantivo ou um verbo, mas curiosamente uma preposição inseparável (*b^e*)¹¹. Dependendo do contexto, esta preposição pode adquirir uma ampla gama de sentidos, como: “em, a, para, por e com”. Em se tratando do correspondente grego, ela equivaleria às invariáveis *en* (em), *eis* (a, para), *diá* (através de), *prós* (com), *syn* (com) e *upó* (por meio de)¹².

No texto de Colossenses, Paulo faz amplo uso destes equivalentes gregos da preposição hebraica e procura aplicar todos à pessoa de Cristo para evidenciar o caráter cristocêntrico de sua hermenêutica.

O texto inicia dizendo que Deus nos transporta “para” (*eis*) o reino de seu Filho (v. 13). A seguir, declara que é “no” (*en hô*) Filho que temos a redenção e remissão (v.14). Então, a partir do verso 16 até o 20, alude à criação de um modo ainda mais centralizado na figura de Cristo, a saber:

“‘Nele’ (*en autô*) foram criadas todas as coisas ...”.

“‘Tudo foi criado ‘por meio dele’ (*di’ autou*) e ‘para ele’ (*eis auton*)”.

“‘Nele’ (*en autós*) tudo subsiste.”

“...para ‘em todas as coisas’ ter [ele] a primazia” – aqui a frase original segue apontando a preposição para a pessoa de Cristo. Lit.: “... e as coisas todas ‘nele’ (*en autô*) têm sido formadas”.

“Porque aprovou Deus que ‘nele’ (*en autô*) residisse toda a plenitude.”

Novamente voltamos à estrutura original para citar o verso 20 que diz: “... e ‘por meio dele’ (*di’ autou*) reconciliou todas as coisas ‘para ele’ (*eis auton*)...”

“...fazendo a paz por meio do sangue da cruz ‘dele’ (*dia ... autou*)”.

Os mss p46, Alef, A, C, D1 e outros ainda trazem um último aceno preposicional à pessoa de Cristo no final do verso 20: “... ‘por meio dele’ (*di’ autou*) [fiquem reconciliadas] quer sejam as (coisas) sobre a terra quer sejam as coisas nos céus.”

Chama-nos ainda a atenção, a ênfase dada a Cristo como pessoa ativa da divindade criadora. Note-se a insistência do autor em ligar, quase sempre, as preposições ao pronome pessoal “ele” (*autós*). Isto nos leva a sugerir as seguintes paráfrases midrásticas que o escritor teria em mente ao ler Gênesis 1:1:

“‘Através’ do princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Pelo’ princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Nele’ (*en auto*), o princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Para’ o princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Com’ o princípio, criou Deus o céus e a Terra” – idéia inferida da negativa “‘sem ele’ nada do que foi feito se fez”.



3. PERSONIFICAÇÃO PAULINA DO “PRINCÍPIO”

Esta apresentação morfológica de Colossenses inspira uma releitura de Gênesis 1:1, que personifica a expressão “no princípio”. Não que o autor despreze a dimensão temporal do hebraico, mas ele personifica aquilo que para a maioria dos leitores seria apenas um tempo abstrato. Aliás, tal abstração do tempo era uma noção grega advinda através do helenismo e não uma herança hebraica.

Para o gênio da antiga religião dos hebreus, não havia abstracionismos. Tudo era concreto, inclusive o tempo. E que maneira melhor havia de concretizar o tempo senão através da pessoa do Messias? É através de Cristo, cognominado “princípio”, que todas as coisas foram criadas.

João também exporia o mesmo conceito, anos mais tarde, ao introduzir seu evangelho dizendo que este “no princípio” “era” o Verbo (Jo 1:1). Note que, a despeito do sentido de permanência que pode ser lido no original do prólogo (equivalência entre *ên* e “estar”), é muito pertinente a idéia de identificação: “O ‘no princípio’ [de Gênesis] era o Verbo”.

A prova maior disto está em que mais abaixo, ao apresentar a permanência de Cristo com o Pai, João utiliza outra estrutura grega: “... e o Verbo ‘estava com’ Deus” (*ên pros* e não apenas *ên*). Depois, ao voltar para o tom identificador, ele repete a mesma seqüência do enunciado: “e Deus ‘era’ (*ên*) o Verbo”. O Verbo, pois, não se limitava a estar no princípio de tudo, ele era o próprio princípio¹³.

Quando nos aproximamos do substantivo hebraico *rē’shīt* (princípio), sua multiplicidade de idéias nos faz entender melhor a aplicação dos diversos adjetivos gregos apontados pela perícopes a Cristo. Para melhor sistematização, recordamos que *rē’shīt* é um substantivo feminino, derivado da raiz *rō’sh* que aparece em aproximadamente todas as partes do Antigo Testamento com os seguintes significados¹⁴:

Cabeça (parte física do corpo ou chefe de grupo) = Gênesis 3:15, Êxodo 6:14; 12:9; Números 31:26; Zacarias 4:7.

Primeiro = Isaías 9:1; Ezequiel 20:40.

Princípio = Gênesis 10:10; Provérbios 8:23; Eclesiastes 3:11.

Primogênito ([por inferência] relativo às primícias. Correlato de *nābar*)¹⁵ = Levítico 2:12; 23:10; Neemias 12:44.

Preeminência = Números 18:12; Daniel 11:41.

Com base neste vocabulário disponível, o autor da epístola alista os elementos qualificativos de Cristo, aplicando-os, agora, a uma nova dimensão eclesiológica (versos 17 e 18):

“Ele é antes [i.e. o ‘primeiro’] de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,” (grifo nosso)

Note que nos verbetes assinalados temos explícita a correlação dos possíveis sentidos de *rē’shīt* à pessoa de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

O fechamento da perícopes possui outra estrutura bastante significativa. A aplicação final dos versos 19 e 20 volta-se para uma soteriologia tão cristocêntrica quanto a criação antes apontada. Por meio da reconciliação, quebraram-se finalmente as barreiras de separação entre Deus e a humanidade.

Mas, uma ênfase última ainda é dada por meio de uma mescla de referências ao Pai e Filho. A unidade divina é aqui ressaltada. É dito que aprouve a Deus que residisse no Filho toda a plenitude. Contudo, o autor deixa em aberto para a imaginação de quem lê, a plenitude que está se referindo. Plenitude salvífica? Plenitude da divindade? Ambas? Os temas aferidos nos versos anteriores parecem indicar o “tudo universal”.

Noutras palavras, Cristo deve ser o primeiro em todas as coisas, na criação, na redenção, na eclesiológica e nas reflexões teológicas. O último verso ganha um tom ainda mais



enfático: o universo, isto é, “o todo” existe e se reconcilia com Deus, apenas por causa de Cristo.

É bem provável que seja este o ponto faltante em muitas reflexões e releituras da atualidade, e, talvez aqui, resida a maior contribuição desta perícopa. Toda a busca racional, especialmente o saber da Fé, deve ter a Segunda Pessoa da divindade como centro e como ponto de partida. Não que o cristocentrismo exclua as demais leituras e reflexões da teologia bíblica, porém, ele as coloca no seu devido lugar, impedindo uma perda de objetivo ou um enaltecimento além daquele que lhes convém.

Portanto, as teologias genitivas a partir do pobre, da mulher, do negro, do excluído, etc. ou mesmo as leituras estruturalistas, discursivas e contextualizadoras das Escrituras, deveriam ser, segundo Paulo, **teologias a partir de Cristo** que incluam as necessidades modernas, mas não as torne o centro da reflexão. Sem a figura de Cristo, todo saber teológico se resumiria a uma poluição sonora, cheia de ruídos irritantes que não trazem nenhum significado.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Para uma visão dos estudos gerais a este respeito veja: Coleman, R. O., “Matthew’s use of the Old Testament”, in *Southwestern Journal of Theology* 5 (1962), pp. 29-39; O’Rourke, “Fulfilment Texts in Matthew” in *Catholic Biblical Quarterly* 24 (1962), pp. 394-403; Gundry R. H., *The Use of the Old Testament in St. Matthew’s Gospel*, Leiden: Brill, 1967.
2. Lindars, S. B., *New Testament Apologetic*, Philadelphia: Westminster, 1961, pp. 216-217.
3. Greer, R. A. e Kugel, J. L., *Early Biblical Interpretation*, Philadelphia: Westminster Press, 1986, p. 126.
4. Vários exemplos de exegeses cristocêntricas ou messiânicas de grupos contemporâneos ao cristianismo primitivo podem ser vista na reunião de vários ensaios de David Flusser que resultaram na obra em três volumes *O Judaísmo e as origens do cristianismo*, [coleção *bereshit*] Rio de Janeiro: Imago, 2000.
5. Veja alguns exemplos desta exegese em Vanderkan, J. e Flint, P., *The Meaning of Dead Sea Scrolls – Their Significance for Understanding the Bible, Judaism, Jesus and Christianity*, New York: HarperCollins Publishers, 2002, pp. 293-308; Campbell, J. “The Use of Scriptures in the Damascus Document 1-8, 19-20” in *Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 228, Berlim e New York: DeGruyter, 1995.
6. Neste trabalho, o leitor perceberá uma proposital intercambialidade entre os termos “cristologia” e “messianismo”. O sentido será mostrar que tanto cristãos como judeus viviam uma atmosfera altamente messiânica. Afinal, devemos lembrar que os primeiros seguidores do Jesus de Nazaré eram judeus que espelhavam as mesmas expectativas dos seus contemporâneos, ainda que estes últimos não tenham aceitado a Jesus como o Cristo.
7. W. Kaiser argumenta que a promessa messiânica é o foco central do pacto de Deus com o homem desde o princípio, e o papel principal dos escritores do Novo Testamento foi reconhecer Jesus Cristo como o cumprimento de todas as modalidades desta antiga aliança. C.f. Kaiser, W. C., *Toward an Old Testament Theology*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978, pp.12,14, 32 - 35. Vide ainda Manson T. W., *The Servant Messiah*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1953, veja o cap. I sobre a natureza da esperança messiânica nos salmos de Salomão (Salmo 8 e 17); Longenecker, R., *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*, Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1977 p. 29.
8. Price, R. *Secrets of Dead Sea Scrolls*, Eugene: Oregon, 1996, p. 298; Ferch, A. J., “The Two Aeons and the Messiah in Pseudo-Philo, 4 Ezra, and 2 Baruch” in *Andrews University Seminary Studies* (2/1977)pp. 135 - 151.
9. Veja como claro exemplo a exegese emergente dos textos de Qumran. Sua leitura messiânica do Pentateuco, por exemplo, compara Moisés como tipo histórico do Profeta Escatológico (anunciador do Messias?) e Arão e Israel como símbolos perfeitos de dois Messias um procedente do sacerdote outro do povo. É com esta hermenêutica que a *Regra da Comunidade* (IQS IX, 10 e 11) lê Deuterônimo 18, 15 - 18. Sobre este tipo de exegese em Qumran, vide Price, R., op. cit., pp. 239-311; Greer, R. A., op. cit., p. 127; Pouilly, J. *Qumrã [sic]*, São Paulo, Ed. Paulinas, pp. 92 a 97; Barrea, J. T., *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 517 - 520 e 541 - 550 e ainda a controvertida obra de Eisenman, R. e Wise, M., *A Descoberta dos manuscritos do Mar Morto*, São Paul, Ediouro,



1992 p. p. 91 e 92. Para uma tradução dos textos de Qumran, vide Martínez, F. G., *Textos de Qumran*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

¹⁰ Veja Limentani, G., *O Midraxé [sic] como os mestres judeus liam e viviam a Bíblia*, São Paulo: Paulinas 1998, esp. Pp. 13-25; Goulder, M. D., *Midrash and Lection in Matthew*, London: SPCK, 1974; pp; 28-47.

¹¹ A transliteração do hebraico segue conforme a lista de Harris, R. L, Archer, Jr., G. L., Waltke, B. K., *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, pp. xiv-xvii.

¹² A transliteração do grego segue conforme a lista de Rega, L. S., *Noções do grego bíblico*, São Paulo: Vida Nova 1992, p. 3.

¹³ Rienecker, F. e Rogers, C., *Chave lingüística do Novo Testamento grego*, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1988, p.161; Brown, R. *The Anchor Bible: The Gospel According to John*, New York: Doubleday & Company, Inc. 1979, vol. 29, pp.4-5.

¹⁴ c.f. White, W., *rê'shit* in: Harris, L. R., Archer Jr., G. L., Waltke, B. K., op. cit., 1387-1389; König, E., *Hebräisches und aramäisches Wörterbuch zum Alten Testament*, Leipzig, Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung, 1922, p. 427; Davidson, B. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, London:, Samuel Bagster & Sons Ltd., 1967, pp. 671 e 672.

¹⁵ c.f. Wilson, W., *Wilson's Old Testament Word Studies*, McLean, VA: Mac Donald Publishing C. , s.d., p.166.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

LIGAR E DESLIGAR: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE MATEUS 18:18

Elton Batista

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2006
Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.
elton.souza@unb.org.br

RESUMO: Em Mateus 18:18, Jesus disse que tudo que a Igreja “ligasse” ou “desligasse” na Terra, o mesmo se daria no Céu. Essa autoridade de que trata o texto tem recebido várias interpretações: (1) seria uma autoridade de estabelecer doutrinas; (2) de perdoar pecados; ou (3) aplicar disciplina eclesiástica. Essa pesquisa tem o objetivo de buscar uma melhor interpretação do texto, por meio de um estudo contextual e léxico-gramatical das principais palavras do verso. Concluí-se que a passagem trata da disciplina eclesiástica.

PALAVRAS-CHAVE: autoridade da Igreja, perdão de pecados, estabelecimento de doutrinas, disciplina eclesiástica, Mateus.

“Bind” and “Loose”: A Exegetical Study of Matthew 18:18

ABSTRACT: In Matthew 18:18, Jesus said that all that the Church would “bind” or “loose” in Earth would be equally done in Heaven. This authority given to the Church, in this text, has been the object of many interpretations: (1) this is an authority to establish doctrines; (2) to forgive sins; or (3) to exercise ecclesiastic discipline. This research had the goal of searching for the best understanding of this text by meanings of a contextual and lexical-grammatical study of the main words in the text. The conclusion reached is that the text deals with the question of ecclesiastic discipline.

KEYWORDS: Church’s authority; forgiveness of sins; establishment of doctrines; ecclesiastic discipline; Matthew.

ELTON BATISTA DE SOUZA

**LIGAR E DESLIGAR:
um estudo exegético de Mateus 18:18**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção da graduação no Bacharelado
em Teologia do Centro Universitário
Adventista de São Paulo.

Prof. Wilson Paroschi Cordeiro, Ph.D.

Engenheiro Coelho – S.P.
Dezembro de 2006

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0.1. Problema	1
0.2. Propósito.....	1
0.3. Metodologia	1
0.4. Delimitações	1
CAPÍTULOS	
I PRINCIPAIS INTERPRETAÇÕES DE MATEUS 18:18	2
1.1. Autoridade doutrinária	2
1.2. Autoridade para perdoar pecados	3
1.3. Autoridade para disciplina eclesial (excomunhão)	4
1.4. Interpretações alternativas	7
1.5. Conclusão parcial	8
II. CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO	9
2.1. Contexto histórico	9
2.2. Contexto literário.....	12
2.2.1. Contexto amplo	12
2.2.2. Contexto imediato	13
2.3. Conclusão parcial	13
III. ANÁLISE LÉXICO-GRAMATICAL DE MATEUS 18:18	14
3.1. Insights léxicos preliminares sobre o texto	14
3.2. Análise de δεω e λυω.....	15
3.3. Comparação entre Mateus 18:18 e 16:19.....	18
3.4. Conclusão parcial	19
CONCLUSÃO	20
BIBLIOGRAFIA	22

INTRODUÇÃO

0.1 PROBLEMA.

Em Mateus 18:18 encontram-se as seguintes palavras de Jesus dirigidas aos apóstolos: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus (ARA)”. Como entender estas palavras de Jesus? Qual o significado das expressões “ligar” e “desligar”? O que este texto quis dizer para o contexto que foi escrito? Quais as suas implicações hoje?

0.2 PROPÓSITO.

O objetivo deste trabalho é compreender mais claramente o que significam as expressões “ligar” e “desligar”. Para tanto, desenvolver-se-á uma exegese do texto, na tentativa de uma definição do significado e das implicações destes termos e sua interpretação segundo seu contexto bíblico.

0.3 METODOLOGIA.

Para atingir este objetivo, primeiramente analisar-se-ão as principais interpretações de Mateus 18:18. As divisões deste capítulo serão decorrentes às posições dos autores.

Em seguida, trataremos do contexto histórico e literário desta passagem, onde procurar-se-á definir fatores como contexto político, social e religioso.

Por fim, far-se-á uma análise léxico-gramatical de Mateus 18:18. Esforçar-se-á para compreender o significado das expressões “ligar” e “desligar” assim como são empregadas na língua original.

Então, a conclusão mostrará as descobertas ao longo das pesquisas e as suas implicações para a compreensão do verso.

0.4 DELIMITAÇÕES.

O objetivo deste trabalho é entender “ligar” e “desligar” em Mateus 18:18. O trabalho limita-se a analisar de forma exaustiva somente este texto. Outros textos serão considerados, porém sem análises exaustivas.

CAPÍTULO I

PRINCIPAIS INTERPRETAÇÕES DE MATEUS 18:18

Diversos comentaristas bíblicos divergem em relação ao real sentido de Mateus 18:18. No presente capítulo, apresentaremos as três principais posições em relação à interpretação deste texto e mais algumas interpretações alternativas do mesmo.

1.1 AUTORIDADE DOUTRINÁRIA.

Alguns autores acreditam que Mateus 18:18 fala da autoridade doutrinária dada à igreja. Raymond Collins¹ classifica estes intérpretes como aqueles que acreditam, ter Cristo delegado autoridade aos discípulos para desenvolverem uma *Halakah* cristã. Então teriam toda a autoridade de estabelecer regras e mandamentos, semelhante a tradição oral dos mestres de Israel.

R. T. France² reconhece a autoridade delegada por Cristo, como sendo o privilégio de poder definir o que é pecado e o que não é pecado. Outro teólogo que tem posição semelhante é Leon Morris³. Ele afirma que provavelmente Jesus está concedendo autoridade de permitir e proibir. A igreja é comissionada a decidir a conduta correta do crente. Com uma pequena nuance de diferença, Ulrich Luz⁴ interpreta a autoridade de Mateus 18:18 como autoridade de ensinar em nome de Jesus.

¹ Raymond Collins, "Bind and Loose", in David Noel et al. (eds.), *The Anchor Bible Dictionary* (New York: Doubleday Anchor Books, 1992), 1:744.

² R. T. France e Leon Morris (eds.), *Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), 1:275.

³ Leon Morris, *The Gospel According to Matthew* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), 469.

⁴ Ulrich Luz, *The Theology of Gospel of Matthew* (Cambridge: Cambridge University Press, 2003), 97.

1.2 AUTORIDADE PARA PERDOAR PECADOS.

Existem autores que interpretam a autoridade de “ligar” e “desligar” dada por Jesus em Mateus 18:18 como sendo uma autorização para perdoar pecados.

Um dos teólogos que pensam desta maneira é Michael Wilkins¹. Ele acredita que Mateus 18:18 tem o significado paralelo ao de João 20:22,23, onde é dito: “E havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”.

Semelhantemente a Michael Wilkins, David Garland² também interpreta Mateus 18:18 com base em outras passagens dos evangelhos (Mt 9:1-8;16:19 e Jo 20:23). Deste modo Garland advoga que Jesus concedeu autoridade à igreja, para perdoar pecados.

Outro autor que interpreta Mateus 18:18 como autoridade para perdoar pecados é Donald Hagner³. Ele diz que o verso fala sobre a autoridade da igreja em tomar decisões referentes ao pecador. Hagner também interpreta o verso com base em João 20:23. Hagner compara o verso com Mt 16:19, mas salienta algumas diferenças entre as duas passagens. Mateus 16:19 teria um caráter mais geral enquanto Mateus 18:18 tem um caráter mais específico na questão do trato com o pecador. Ele interpreta “δεω” (ligar) como reter pecados e “λυω” (desligar) como perdoar pecados.

Como já mencionamos no tópico anterior, R. T. France⁴ advoga que o texto trata da autoridade doutrinária. Mas ele também defende que o texto fala de perdão ou condenação do pecador.

Outro argumento a favor desta posição é o de George A. Buttrick⁵. Ele argumenta que “δεω” e “λυω” originalmente tinham o significado de proibir e permitir, mas neste verso é utilizado no contexto de condenação e absolvição. O autor completa dizendo que este pensamento é endossado pelo autor do quarto evangelho ao apresentar a frase dita pelo Cristo ressurreto (Jo 20:23). Segundo o autor a autoridade de perdoar e condenar certamente foi exercida pela Igreja nos primeiros séculos da era cristã.

¹ Michael Wilkins, *Discipleship in the Ancient world and Matthew's Gospel* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), 194-198.

² David Garland, *A Literally & Theological Ccommentary on the First Gospel* (Macon, Georgia: Smyth & Helwys Publishing, 2001), 103.

³ Donald A. Hagner, in: Bruce Metzger (ed.), *Word Biblical Commentary: Matthew 14 – 28* (Nashville: Nelson Publishers, 1995), 33b: 532-534.

⁴ France e Morris (eds.), *Tyndale New Testament Commentaries*, 1:275.

⁵ George A. Buttrick (ed.), *The interpreter's Bible: The Gospel according to St. Matthew; The Gospel according St. Mark* (New York: Abingdon Press, 1952), 12:473.

Uma idéia semelhante à de Buttrick e dos outros já citados é a de Oscar Cullmann¹. Ele também interpreta o verso com base na etimologia dos termos “δεω” e “λω”. Cullmann afirma que estes termos, de acordo com o uso rabínico têm dois sentidos. O primeiro sentido é o de “proibir” e “permitir”, e o segundo tem o sentido de “proscrever” e “absolver”. Ele defende que o segundo sentido foi utilizado por Mateus. A passagem se refere ao perdão de pecados, à semelhança dos outros autores citados neste tópico ele interpreta o texto com base em João 20:23.

1.2 AUTORIDADE PARA DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA (EXCOMUNHÃO).

Muitos autores interpretam Mateus 18:18 como sendo uma referência a autoridade de exercer a disciplina eclesiástica ou excomunhão.

Ralph Earle² argumenta que a autoridade dada a Pedro (Mateus 16:19) agora era dada aos doze (Mt 18:18). Ele afirma que os discípulos eram o núcleo da Igreja que surgiria no pentecostes. “Ligar” e “desligar” refere-se a disciplina e julgamento na Igreja primitiva.

Semelhante a Earle, Matthew Henry³ acredita que existe uma conexão entre Mateus 16:19 e 18:18. A única diferença é que a primeira passagem é direcionada especificamente a Pedro e a segunda é direcionada aos doze, pois eles eram o embrião da igreja citada em Mateus 18:17. Henry enfatiza que existe uma ratificação por Deus da decisão tomada pela igreja. Ele diz que a ratificação ocorre mediante o cumprimento do processo especificado em Mateus 18:15-17. Henry acredita que o texto não trata de infalibilidade, mas de fidelidade a Deus por parte da igreja, tais decisões devem ser tomadas mediante oração e união da igreja (vss 19 e 20).

O reformador João Calvino⁴ enxerga uma diferença de significados entre Mateus 16:19 e 18:18. Segundo ele, a primeira passagem trata de autoridade doutrinária e a segunda de autoridade para disciplina eclesiástica. Mas diz que os dois versos estão interligados, pois a disciplina eclesiástica é um apêndice a doutrina. Calvino afirma que aquele que comete pecado e o confessa será perdoado pela igreja e pelos

¹ Oscar Cullmann, *Peter: Disciple, Apostle, Martyr* (Philadelphia: The Westminster Press, 1967), 205.

² Ralph Earle et al., *Wesleyan Bible Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969), 4:81-82.

³ Matthew Henry, *Comentario Exegético-devocional a Toda la Bíblia* (Barcelona, Espanha: CLIE, 1983), 347-349.

⁴ John Calvin, *Calvin's Commentary* (Grand Rapids, MI: Associated Publishers and Authors, s.d.), 7: 367.

homens. Mas, quem for contrário à repreensão será condenado pela igreja e Deus ratificará a decisão.

Segundo Calvino, a autoridade da Igreja não está acima da autoridade de Deus e Ele não ratifica as decisões e doutrinas da Igreja, independente de como elas sejam. Pelo contrário, Ele guia as decisões através de Sua palavra e do Espírito Santo. A conclusão final de Calvino sobre Mateus 18:18 é: “Quem liga e desliga é Cristo por meio da igreja. Ao dar a autoridade à igreja, Cristo não diminui a Sua autoridade, só aumenta”.

George M. Smiga¹ declara que Mateus 18:17,18 reflete o pensamento judaico em relação à excomunhão. Ligar e desligar tem um pano de fundo judaico. Segundo ele as expressões “gentio” e “publicano” são um reflexo do pensamento judaico.

Para Wayne Grudem² Mateus 18:18 trata da autoridade para disciplinar ou livrar de disciplina. Por causa da semelhança entre Mateus 16:19 e 18:18 Grudem afirma que juntando as duas passagens pode-se definir as chaves do céu como: 1) capacidade de admitir pessoas no reino através da pregação (Mt 16:19); 2) autoridade de exercer a disciplina (Mt 18:18).

Grudem afirma que no verso é usada a expressão “o que” e não “quem”. Esta expressão mostra que a ênfase no ato de ligar e desligar não seriam em pessoas, mas em situações, acontecimentos ou relacionamentos.

Uma idéia semelhante à de Grudem é apresentada por Craig S. Keener³. Ele afirma que Mateus 18:18 fala sobre a autoridade judicial decidida com base na lei de Deus. Ao analisar o uso das expressões “δεω” e “λυω” Gerhard Kittel⁴ afirma serem termos rabínicos que designavam livre poder para realizar mágicas. Mas Cristo teria usado estes termos com sentido diferente do sentido rabínico. Jesus estaria aplicando os termos no contexto de imposição ou remoção de membro por decisão doutrinária.

Mesmo advogando que Mateus 18:18 fale sobre perdão de pecados, Michael Wilkins⁵ também acredita que o texto fala sobre a autoridade para fazer entrar ou banir, tanto no reino do céu (Mt 16:19) quanto na igreja local (Mt 18:18).

¹ George Smiga, *Pain and Polemic: Anti-Judaism in the gospels* (Mahwah, NJ: Paulist Press, 1992), 53.

² Wayne Grudem, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Edições Vida Nova, 2002), 746-748.

³ Craig S. Keener, *A Commentary on the Gospel of Matthew* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), 454-455.

⁴ Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983), 2:60-61.

⁵ Wilkins, *Discipleship in the Ancient World and Matthew's Gospel*, 194-198.

Um dos pais da igreja, Theodoret¹ utiliza Mateus 18:18 para advogar excomunhão em caso de propagação de falsas doutrinas.

O reformador Martinho Lutero² utiliza Mateus 18:18 no contexto de excomunhão, mas critica aqueles que utilizam tal passagem para advogar os abusos feitos pela igreja de Roma em relação à excomunhão. Lutero enfatiza o aspecto pedagógico da excomunhão, pois ela deve ser amada e não temida.

Daniel Patte³ afirma que Mateus 18:18 não pode ser interpretado separadamente de Mateus 18:19. Ele afirma que a autoridade dada por Deus à igreja é condicional. A condição é a união dos membros, a oração e por conseqüência a igreja é levada a tomar decisões corretas. Esta autoridade seria de excluir ou readmitir o pecador na comunidade. Patte declara que o objetivo principal da disciplina é “ganhar o irmão e a irmã”, pois quando se ganha o irmão e a irmã, ganha-se também a autoridade de ligar e desligar.

Ao falar sobre o abuso de autoridade exercido por algumas igrejas baseando-se em Mateus 18:18, Francis Nichol⁴ declara que a igreja só permitirá e proibirá aquilo que o céu permitir (Mt 7:21-27; Mc 7:6-13). Ampliar o significado de ligar e desligar para autoridade doutrinária seria um erro, seria colocar a autoridade humana acima da divina.

Considerando a audiência de Jesus no discurso que está escrito em Mateus 18, Jay E. Adams⁵ afirma que Cristo estava antevendo as dificuldades que os discípulos enfrentariam, por isso deu as instruções contidas em Mateus 18:15-20, para encorajar a igreja a praticar a disciplina. Augustus H. Strong⁶ declara que as decisões feitas pela igreja, guiadas pelo Espírito Santo, em relação à disciplina Eclesiástica são nada menos que uma “antecipação do juízo final”. Outro autor que enfatiza a ação do Espírito Santo no ato de ligar e desligar é John Lightfoot⁷.

¹ Theodoret, in: Philip Schaff (ed.), *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969), 342.

² Martinho Lutero, In: Arnildo Figur et al. (eds.), *Martinho Lutero, Obras Seleccionadas: O programa da reforma – escritos de 1520* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2000), 2: 197-252.

³ Daniel Patte, *The Gospel according to Matthew: A Structural Commentary on Matthew's Faith* (Philadelphia: Fortress Press, 1987), 253-254.

⁴ Francis D. Nichol (ed.), *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1980), 5: 432, 433, 448.

⁵ Jay E. Adams, *Handbook of Church Discipline: A Right and Privilege of Every Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974), 11-12.

⁶ Augustus H. Strong, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Editora Hagnos, 2003), 2: 690.

⁷ John Lightfoot, *Commentary in the New Testament from the Talmud and Hebraica* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publisher, 1983), 1:215.

O caráter eclesiológico de Mateus 18:18 é enfatizado por Miroslav M. Kis¹. Ele afirma que a disciplina eclesiástica contribui para o processo de santificação da igreja, não é mera votação, mas tem um objetivo maior².

1.3 INTERPRETAÇÕES ALTERNATIVAS.

Alguns autores apresentam interpretações de Mateus 18:18 diferentes das apresentadas até agora.

L. R. Keylock³ interpreta Mateus 16:19 e 18:18 como se referindo a um contexto escatológico. Os termos significariam “ser colocado” e “ser tirado” debaixo do poder e controle de Satanás.

Um caráter mais mágico de Mateus 18:18 é visto por Falk⁴. Ele interpreta a passagem como a libertação da pessoa de um voto. H. W. Basser⁵ interpreta a autoridade mencionada em Mateus 18:18 como a autoridade de afetar as conseqüências do pecado. Baseado no Novo Testamento e na tradição helenista, interpreta “ligar” e “desligar” como uma comissão apostólica para expulsar demônios.

Ao analisar os significados dos termos “δεω” e “λυω” W. von Meding e D. Muller⁶ defendem que Mateus 16:19 e 18:18 usam termos rabínicos, mas trazem um significado diferente. O texto faz um contraste com a casuística rabínica. A autoridade, seria que através da pregação os discípulos abririam e fechariam a oportunidade de pessoas entrarem no reino dos céus.

Uma interpretação menos presa ao contexto imediato do texto é feita por Paul F. M. Zahl⁷. Ele defende que esta passagem pode-se aplicar a quase Qualquer coisa, como por exemplo: Ao Papa, à benção, eucaristia/comunhão, pregação no púlpito, manifestação do dom de línguas ou profecia e também ao sacerdócio.

¹ Miroslav Kis, “Holiness of the church”, in Gerald e Martin Klingbeil, Miguel Angel Núñez (eds.), *Pensar la Iglesia Hoy: Hacia una eclesiología adventista* (Entre Rios: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), 218-221.

² Para outros autores com idéias semelhantes a esta, ver: Stanley D. Toussaint, *Behold the King: A Study of Matthew* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1980), 206; Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), 304.

³ L. R. Keylock, “Bind and Loose”, in Merrey Tenney (ed.), *Zondervan Pictorial Encyclopedia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967), 1: 611.

⁴ Citado em Raymond Collins, “Bind and Loose”, in David Noel et al. (eds.), *The Anchor Bible Dictionary*, 744.

⁵ Ibid.

⁶ W. von Meding e D. Muller, “amarrar”, in Collin Brown e Lothar Coenen (eds.), *O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1995), 1:109.

⁷ Paul F. M. Zahl, *A Short Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000), 27-28.

1.5 CONCLUSÃO PARCIAL

Através deste capítulo foram expostas as três principais posições a respeito da autoridade dada por Cristo em Mateus 18:18. Foram expostas também algumas interpretações menos freqüentes com relação ao mesmo texto. Pode-se notar que existe uma divergência a respeito do real significado do verso. Cada autor expõe argumentos para advogar suas idéias. Alguns utilizam outras passagens bíblicas, outros utilizam o contexto imediato do texto, outros ainda analisam a etimologia das palavras chaves do texto. Através deste capítulo pode-se concluir que com tantos argumentos e posições diferentes, é necessário realizar uma exegese deste texto.

CAPÍTULO II

CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Este capítulo parte do pressuposto de que o Evangelho de Mateus foi escrito pelo ex-publicano chamado Levi Mateus, entre o ano 64 A.D e 70 A.D. e destinado a um público alvo judeu¹.

Ao se datar a composição do evangelho de Mateus entre os anos 64 A.D. e 70 A.D., pode-se concluir que foi escrito durante o domínio político romano sobre a palestina. Os imperadores que governaram Roma entre 64 A.D. e 70 A.D. foram: 1) Nero Cláudio César, que reinou de 41 até 68 A.D.²; 2) Sérvio Suplicio Galba, que governou a partir de Julho de 68 A.D. até janeiro de 69 A.D.³; 3) Marco Sálvio Óton, que governou de Fevereiro à Abril de 69 A.D.⁴; 4) Aulo Vitélio, que governou em 69 A.D.⁵; 5) Tito Flávio Vespasiano de 69 A.D. até 79 A.D.⁶.

Durante o período de composição do evangelho de Mateus é possível que o autor tenha presenciado ou tenha sido influenciado por alguns eventos históricos como o incêndio de Roma (64 A.D.), a perseguição aos cristãos por Nero Claudio César (64 – 68 A.D.), o martírio de Pedro e de Paulo (por volta de 64 A.D. ou 67 A.D.), a ordem para crucificar alguns judeus em Jerusalém no verão de 66 A.D., êxodo de alguns nobres e de cristãos para Pela, a reconquista da Galiléia por 60.000 homens liderados por Vespasiano em 67 A.D. e outros fatos⁷.

¹ Para um estudo mais completo ver: Frank E. Gaebelein (ed.), *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979), 8:20-22; D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *A Introduction to the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), 76-77; R. K. Harrison, "Gentiles", in Tenney (ed.), *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, 5:176-179.

² Caio Suetônio, *A Vida dos Doze Césares* (São Paulo: Martin Claret, 2005), 395.

³ Ibid., 341.

⁴ Ibid., 354

⁵ Ibid., 372

⁶ Ibid., 395.

⁷ *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulus, 2002), 2186-2187.

No tempo da composição do evangelho de Mateus havia judeus espalhados nas principais cidades do Império; as línguas faladas eram o aramaico o grego e o hebraico era uma língua restrita aos eruditos¹.

Os dois principais locais de adoração para um judeu eram o templo de Jerusalém e as sinagogas espalhadas por todo o império. A tradição judaica afirma que as sinagogas tiveram sua origem em Moisés, mas é mais evidente que tenha surgido a partir do exílio babilônico quando não existia mais templo. Nesta época os sacerdotes e levitas continuaram a instrução religiosa em locais que passaram a se chamar “sinagogas” que em grego significa “reunidos juntos”. O propósito da sinagoga não incluía o oferecimento de sacrifícios, mas sim a instrução da lei².

As sinagogas eram administradas por um grupo de anciãos que eram chamados “Zeqenim” ou “Archontes”, dentre eles era eleito um presidente que era chamado de “Sheliach” ou “Archesynagogós”. A função do presidente da sinagoga era manter a ordem durante as reuniões e escolher o orador para o culto de Sábado. O presidente tinha um auxiliar chamado de “Hazzam” que tinha a função de produzir e manusear as Escrituras. É possível que a responsabilidade do ensino tenha sido transferida gradualmente a ele³.

O Sinédrio executava a função da suprema corte dos judeus, tendo o sumo sacerdote como presidente. A tradição diz que a origem do sinédrio ocorre no conselho mencionado em Números 16:16. Os anciãos na história de Israel exerciam poder judiciário, legislativo e executivo da nação. Em alguns períodos da história o sinédrio não exerceu grande influência, como por exemplo, na época de Herodes o Grande, mas houve tempos de grande influência e poder como na época de Jesus e na era apostólica⁴.

O sinédrio era composto por no mínimo setenta e um membros e era liderado pelo sumo sacerdote. Era composto de muitos membros que pertenciam à linhagem sacerdotal (saduceus), alguns fariseus ricos e bem conhecidos, especialmente os grandes rabis. “Através da tradição rabínica pode-se dizer que é possível que o

¹ Broadus D. Hale, *Introdução ao Estudo do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: JUERP, 1983), 7.

² Ibid., 16.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 18.

sinédrio tinha o poder de legislar regras de conduta para todos os judeus em todo o lugar”¹.

O julgamento por parte do sinédrio funcionava da seguinte forma: 1) A sentença capital só ocorria com permissão do Império Romano; 2) utilizavam o termo “ligar” para proibir, declarar uma ação ilegal e “desligar” para permitir, declarar uma ação legal; 3) No caso de absolvição era necessário o voto de maioria simples; 4) No caso de condenação o voto precisaria de uma maioria de no mínimo dois terços; 5) Discípulos dos rabis do sinédrio tinham participação restrita podendo falar apenas para a absolvição, nunca condenação².

Tanto na literatura secular romana e helenista, no Novo Testamento e nos escritos rabínicos encontramos a figura do cobrador de impostos (publicano) retratada numa visão negativa. Escritores romanos e helenistas como Cícero e Diógenes Cynicus, Lucan e Dio Chrysostomo os comparavam com “pedintes, ladrões e salteadores”. O Novo Testamento os apresenta sendo comparados a pecadores (Mc 2.15; Mt 9.10; 11.19; Lc 7.34; 15.2), pessoas imorais (Mt 21:31) estando a nível de igualdade com os gentios (Mt 5.46; 18.17). Os Fariseus os colocavam no mesmo grau de culpa de ladrões, adúlteros e injustos (Lc 18.11). Quando os fariseus queriam difamar a Jesus o chamavam de “bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11.19). Os escritos rabínicos, escritos com base na tradição oral, apresentavam os cobradores de impostos como salteadores, assassinos, e pecadores e aparece na lista de “trabalhos desprezados”³.

Outro grupo proscrito pelos judeus nos primeiros séculos da era cristã era dos Gentios. Temendo contaminação com o paganismo no período grego levou os judeus a adotarem atitudes rigorosas com os povos não judeus. O termo gentio se tornou sinônimo de “alvo de desprezo”⁴.

¹ Ibid.

² Bruce Metzger, *The New Testament: Its Background, Growth, and Content* (Nashville: Abingdon, 1965), 52-53.

³ John R. Donahue, “Tax Collector” in Noel et al. (eds.), *The Anchor Bible Dictionary*, 6:337-338.

⁴ Harrison, “Gentiles”, 2:697.

2.2. CONTEXTO LITERÁRIO

2.2.1. Contexto amplo

O discurso que se encontra no capítulo 18 do evangelho de Mateus é precedido por um bloco de narrativas (13.53-17.27). O bloco de narrativa inicia-se com Cristo em sua terra (Nazaré), pregando na sinagoga e enfrentando a incredulidade de seus compatriotas (13.53-58). A narrativa prossegue com a descrição de Herodes conhecendo a fama de Cristo e a descrição da morte de João Batista (14.1-12). Logo em seguida é contado que Cristo se afasta dos domínios do governo de Herodes e realiza a primeira multiplicação de pães e peixes (14.13-20). Após isto Cristo caminha sobre as águas com Simão Pedro e depois realiza milagres em Genesaré (14.34-36). O autor continua a narrativa descrevendo a discussão entre Cristo e os fariseus referentes às tradições humanas agregadas à lei de Deus (15.1-20). Os episódios seguintes são, a cura da filha da mulher cananéia (15.21-28), as curas junto ao mar da Galiléia (15.29-31), a segunda multiplicação de pães (15.32-39).

Após a segunda multiplicação dos pães Ele vai a Magadã, em seguida é descrito o pedido de um sinal por parte dos fariseus e saduceus (15.39-16.4). Ao irem para o outro lado do lago ocorreu a advertência a respeito do fermento dos fariseus e saduceus (16.5-12). Após tal discussão os Jesus e os discípulos se encaminharam para Cesaréia de Filipe que era uma cidade pequena ao sopé do monte Hermon, cerca de 40 km ao norte da Galiléia. Neste local ocorre a famosa confissão de Pedro e o anúncio da morte e ressurreição de Cristo (16.13-28).

No capítulo 17 dos versos 1-8 é descrito o episódio da transfiguração de Cristo que ocorreu seis dias após a confissão de Pedro, num monte de nome não mencionado, mas que é comumente identificado como o monte Hermon¹. Quando Cristo desce do monte conversa com os discípulos sobre a vinda de Elias e cura um rapaz possesso (17. 9-21). Em Mateus 17.22 é dito que Jesus e seus discípulos voltaram à Galiléia (ou seja, aos domínios de Herodes Antipas) e no verso 23 Jesus prevê mais uma vez a sua morte e ressurreição. No verso 24 é descrito que Cristo retorna a Cafarnaum, onde é cobrado imposto de Pedro e de Cristo e assim um milagre é realizado para pagar o referido imposto. É neste contexto que Cristo inicia o quarto discurso do evangelho de Mateus.

¹ R. V. G. Tasker, *Mateus: Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1980), 133.

2.2.2 Contexto imediato

Mateus 18 pode ser dividido em duas seções: a primeira seção se inicia com o verso 1 indo até o verso 20, e a outra do verso 21 até o 35.

A primeira seção se inicia com a pergunta dos discípulos: “Quem é, porventura, o maior no Reino dos céus?”. Então Cristo começa a discursar sobre a unidade da igreja, o trato com os recém conversos e pecadores.

A segunda seção se inicia com a pergunta de Pedro: “Senhor até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?”. Com base nesta pergunta, Cristo discursa sobre o trato com pessoas que ofendem às outras.

2.3 CONCLUSÃO PARCIAL

Parcialmente pode-se concluir que o Evangelho de Mateus foi escrito para um público alvo judaico. O objetivo do evangelista era mostrar a seus irmãos da fé, que Jesus é a culminação das profecias messiânicas vétero-testamentárias.

Conclui-se também que a sinagoga era referencia para adoração e ensino naquele contexto. O Sinédrio era a autoridade legislativa e estabelecia regras e julgamentos. As expressões “ligar” e “desligar” são usadas neste contexto rabínico, indicando proibição ou permissão. Jesus provavelmente adotou estes termos com a mentalidade rabínica.

CAPÍTULO III

ANÁLISE LÉXICO-GRAMATICAL DE MATEUS 18:18

3.1 Insights léxicos preliminares sobre o texto.

Antes de estudarmos as palavras principais deste texto (δεω, λυω), analisaremos outras expressões-chave do texto que em menor escala contribuem para a resolução do problema de nosso estudo.

A primeira expressão a ser estudada é Αμην λεγω. A palavra Αμην pode ser traduzida como, em verdade, de certo e assim seja. Tanto no AT como no NT carrega um sentido litúrgico de assentimento a uma prece, também sendo utilizado para assentimento a uma ordem divina. Quando Αμην é utilizado por Deus no AT tem um sentido que equivale a “assim é e assim será”¹. A palavra λεγω é geralmente traduzida como: dizer, contar, falar, reportar, chamar, declarar². A palavra λεγω leva em conta a importância do que é dito diferente de λαλεω que significa o simples ato onomatopéico de se emitir som³.

Nos evangelhos, quando a palavra Αμην é somada à palavra λεγω forma-se uma expressão sem paralelos na literatura do judaísmo antigo nem no NT. Esta expressão é proferida somente por Jesus. Segundo Joachim Jeremias⁴ esta expressão pode ser uma analogia à expressão do AT “Assim diz o Senhor”, esta fórmula típica da aliança tinha o objetivo de mostrar que a mensagem não é humana mas divina⁵.

Outra expressão que merece a atenção neste estudo é ‘οσα εαν. A palavra ‘οσα é o pronome relativo neutro plural de ‘οσος que significa: quanto, ao menos porquanto, quanto, por quanto⁶. A palavra εαν é uma conjunção que significa: se, no

¹ Para outros usos da palavra Αμην ver: W. E Vine, *Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento* (Barcelona: CLIE, 1984), 1:91-92.

² Para outros significados de λεγω ver: F. W. Gingrich e F. W. Danker; *Shorter Lexicon of the Greek New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1983), 117; Balz e Schneider; *Exegetical Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990), 2:346.

³ J. H. Moulton e G. Milligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament* (London: Hodder and Stoughton, 1952), 368.

⁴ Joachim Jeremias, *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 1977), 60; idem, *The Problem of the Historical Jesus* (Philadelphia: Fortress Press, 1964), 18.

⁵ Ver: Mt 10:23; 19:28; 24:34; 25:40.

⁶ Carlos Rusconi, *Diccionario do Grego do Novo Testamento* (São Paulo: Paulus, 2003), 339.

caso de, eventualmente, até se, embora, quando¹. Segundo Wayne Grudem o fato de ὅσα εἶναι ser uma expressão neutra não está se referindo especificamente à pessoas mas a situações e relacionamentos².

Duas palavras que ocorrem em Mateus 18:18 e que trazem auxílio para uma melhor compreensão do texto são: γῆ (terra) e οὐρανός (céu). Estas duas palavras quando somadas trazem dois sentidos básicos: 1) conjunto da obra criada pelas mãos de Deus³; 2) Mundo criado em contraste com o local da habitação de Deus⁴. O contexto eclesiológico de Mateus 18:18 indica que Cristo utiliza estas duas palavras para mostrar uma conexão existente entre igreja terrestre e o trono de Deus⁵.

3.2 Análise de δεω e λυω.

Nesta seção será realizado um estudo detalhado das palavras principais de Mateus 18:18 (δεω e λυω).

O verbo δεω é encontrado duas vezes em Mateus 18:18. Na primeira vez ele aparece como δησητε que está no subjuntivo aoristo ativo da segunda pessoa do plural. Isto indica uma ação possível de se ocorrer.

Na segunda vez que a palavra δεω ocorre, ela aparece como δεδεμενα que está no particípio perfeito passivo nominativo neutro plural⁶. Isto indica uma ação já completada no tempo futuro considerado, e como tendo resultados permanentes⁷.

Na LXX o sentido da palavra δεω é de maneira exclusivamente literal podendo significar: Atar (Gn 38:28); algemar (Gn 42:24); aprisionar (2 Cr 36:2); amarrar (2 Sm 3:34); acorrentar (Jr 40:1); prender (Na 3:10); enlaçar (Ct 7:6); atrelar (Jó 39:10); capturar (Is 22:3); enfaixar (Ez 16:4)⁸.

¹ Ibid., 141.

² Grudem, *Teologia Sistemática*, 747.

³ Ver: Mt 5:18; 24:35; Lc 12:56; 2 Pe 3:13; Ap 14:7; 21:1.

⁴ Ver: Mt 6:10; 11:25; 16:19; 28:18; Lc 10:21; 11:2; Ef 1:10.

⁵ Para um estudo mais completo de γῆ e οὐρανός ver: R. Morgenthaler, "terra" in Brown e Coenen (eds.), *O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento*, 2:2493-2494.

⁶ A. T. Robertson, *Word Pictures on the New Testament: The Gospel According to Matthew; The Gospel According to Mark* (Kregel Publications, 2003), 156.

⁷ Wilber T. Dayton, *John 20:23; Matthew 16:19 and 18:18 in the Light of Greek Perfect Tenses* (The Asbury Seminary, 1974), 74-89.

⁸ Outras ocorrências da palavra δεω na LXX se encontram nas seguintes passagens: Jz 15:10,12,13; 16:5,6,7,8,10,11,12,13,21; 2 Rs 7:10; 12:21; 17:04; 25:7; 2 Cr 33:11; 36:6; Jt 6;13; 16:8; Tb 8:3; Sl 149:8; Jó 36:13; 40:25; 40:29; Sb 17:16; Eclo 28:19; Is 42:7; 43:14; Jr 52:11; Ez 3:25.

A palavra δεω no Novo Testamento aparece 43 vezes¹. Ela aparece com os seguintes significados: Ligar²; acorrentar³; amarrar: alguém⁴; algo⁵; por na prisão literal⁶; ser encarcerado⁷; prisão espiritual⁸; envolver⁹; algemar¹⁰.

Ao se estudar as ocorrências desta palavra no NT, pode-se notar que em alguns casos a palavra é utilizada em um sentido literal, geralmente em uma narrativa onde é narrado um aprisionamento. Mas existem algumas referências que mostram um sentido mais metafórico da palavra δεω.

Para uma melhor compreensão do sentido metafórico de δεω¹¹, será feita uma breve análise de suas ocorrências no sentido metafórico. Mateus 16:19 e 18:18 serão estudados à parte logo mais. Lucas 13:19 apresenta Cristo curando uma mulher enferma que estava “aprisionada por Satanás” por 18 anos. Em Atos 20:22 diz estar “amarrado” pelo Espírito, ou seja estava constrangido, compromissado ou ligado ao Espírito santo ou ao seu próprio espírito. O apóstolo Paulo em Romanos 7:2 e em 1 Coríntios 7:27, 39, utiliza a palavra δεω no contexto da união matrimonial, afirmando que o casal é unido através de um compromisso eterno. Paulo em 2 Timóteo 2:9 utiliza δεω para dizer que a Palavra de Deus não está “algemada”, neste exemplo pode-se ver que Paulo utiliza uma palavra concreta para passar uma idéia abstrata.

Ao se ver como o Novo Testamento utiliza δεω também de forma abstrata referente a uma forma de compromisso firmado, pode-se sugerir que em Mateus 18:18 Cristo poderia estar falando de um certo compromisso firmado¹².

¹ F. Standinger; δεω in: Balz e Schneider; *Exegetical Dictionary of the New Testament*, 292-294.

² Mt 16:19; 18:18; 20:22; Rm 7:2; 1Co 7:27,39.

³ Mc 5:3,4; At 12:6.

⁴ Mt 12:29; 14:3; 22:13; 27:02; Mc 3:27; Mc 15:1; Jo 11:44; 18:12,24; At 9:21; 21:11; 22:5; 22:29; Ap 9:14.

⁵ Mt 13:30; 21:2; Mc 11:2,4; Lc 19:30.

⁶ Mc 15:7; At 9:2,14; 21:13; Cl 4:3; Ap 20:2.

⁷ Mc 6:17; At 24:27.

⁸ Lc 13:16.

⁹ Lc 19:40.

¹⁰ 2 Tm 2:9.

¹¹ Mt 16:19; 18:18; Lc 13:16; At 20:22; Rm 7:2; 1 Co 7:27; 7:39; 2 Tm 2:9. Mt 16:19 e 18:18.

¹² Meding e Muller, “amarrar”, in Brown e Coenen (eds.), *O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento*, 1:109.

O verbo λυω também é encontrado duas vezes em Mateus 18:18. Na primeira vez ele aparece como λησητε que esta no subjuntivo aoristo ativo da segunda pessoa do plural. Que semelhante a δησητε indica uma ação possível de se ocorrer.

Na segunda vez que a palavra λυω ocorre, ela aparece como λελυμενα que está no particípio perfeito passivo nominativo neutro plural¹. Que semelhante a δεδεμενα indica uma ação indica uma ação já completado no tempo futuro considerado e como tendo resultados permanentes².

Na LXX o sentido da palavra λυω traduz sete diferentes verbos hebraicos com os seguintes significados: Abrir (Gn 42:27); livrar (Sl 105:20); soltar presos (Sl 146:7); tirar sandálias (Êx 3:5); desatar nós (Dn 5:12); estar contente (Is 40:2); levantar (Jó 42:9); remover³. Estes sentidos ocorrem tanto de forma literal quanto na figurada⁴.

A palavra λυω no Novo Testamento aparece com os seguintes significados: 1) soltar, libertar, redimir, resgatar⁵; 2) remover, violar, destruir, anular, derrubar⁶; 3) desligar⁷; 4) desamarrar⁸; 5) falhar⁹; 6) destravar¹⁰; 7) despedir¹¹; 8) abrir.

Ao se analisar as ocorrências da palavra λυω também pode-se notar que existem algumas vezes que a palavra tem um sentido literal e outras vezes metafórico.

A seguir serão estudadas algumas passagens em que λυω ocorre em um sentido metafórico. Em Lucas 13:16 a palavra é utilizada para descrever um livramento de possessão demoníaca. Em Atos 2:24 o sentido de λυω é o de “romper os grilhões da morte”. O apóstolo Paulo em 1Coríntios 7:27 utiliza λυω para expressar a idéia de que um solteiro é alguém “livre” de mulher. Em Efésios 2:14 o apóstolo Paulo utiliza λυω

¹ Robertson, *Word Pictures on the New Testament*, 156.

² Dayton, *John 20:23; Matthew 16:19 and 18:18 in the light of greek perfect tenses*, 74-89.

³ Brown (ed.), “redenção” in Brown e Coenen (eds.), *O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento*, 2:1974.

⁴ As demais passagens em que λυω ocorre na LXX são: Êx 3:5; Js 5:15; 1 Ed 1:52; 9:13, 46; Jud 6:14; 9:2; Tob 3:17; 3 Mac 1:4; 6:27,29; 4 Mac 3:11; 7:13; 12:8; 12:9; Sl 101:21; 104:20; 145:7; Jó 5:20; 39:2; 39:5; Eclo 28:2; Is 5:27; 14:17; 58:6; Jer 47:4; Dn 3:92.

⁵ Lc 19:30,31,33; Lc13:16; 1 Co 7:27; At 22:30; Ap 1:5; 9:14,15; 20:3,7.

⁶ Mt 5:19; Jo 2:19; 5:18; 7:23; At 2:24; Ef 2:14; 2 Pe 3:10,11,12; 1 Jo 3:8 .

⁷ Mt 16:19; 18:18.

⁸ Mt 21:2; Mc 1:7; 11:2,4,5; Lc 3:16; 13:15; Jo 1:27; Jo 11:44; At 7:33; 13:25; Ap 5:2,5.

⁹ Jo 10:35.

¹⁰ Lc 7:35.

¹¹ At 13:43.

para descrever a “derrubada do muro” que separa judeus e gentios. Em 1João 3:8 a palavra $\lambda\upsilon\omega$ é utilizada no sentido de “destruir” as obras do Diabo.

Ao se estudar as palavras $\delta\epsilon\omega$ e $\lambda\upsilon\omega$ de maneira separada, pode-se notar que elas adquirem o sentido metafórico quase sempre em discursos, sermões e conselhos enquanto o sentido literal destas palavras quase sempre é encontrado nas narrativas.

As palavras $\delta\epsilon\omega$ e $\lambda\upsilon\omega$ eram usadas na literatura rabínica como termos referentes a autoridade disciplinar e autoridade doutrinária¹. John Lightfoot cita dezenas de exemplos na literatura rabínica em que estas palavras aparecem no contexto doutrinário, em muitos destes exemplos pode-se notar frases como “a escola de Shammai proíbe algo e a escola de Hillel permite algo”. Lightfoot afirma que na literatura rabínica nunca é encontrada as palavras $\delta\epsilon\omega$ e $\lambda\upsilon\omega$ se referindo a pessoas mas sempre a coisas².

Sem dúvida Cristo fez uso da linguagem rabínica mas isto não quer dizer que Ele utilizou esta linguagem para denotar o mesmo sentido dos mestres da sua época. Através de estudo cuidadoso dos ensinamentos de Cristo nos evangelhos pode-se concluir que Ele não estava preso as convenções de sua época (Mt 15:1-9). Ele poderia estar utilizando estas expressões tanto para concordar com o pensamento rabínico quanto para refutá-lo³.

3.3 Comparação entre Mateus 18:18 e 16:19.

É impossível negar a semelhança existente entre Mateus 16:19 e 18:18. Para compreender melhor o real sentido de Mateus 18:18 serão estudadas as semelhanças e diferenças entre as duas passagens.

As semelhanças entre as duas passagens são: 1) As duas frases foram ditas por Jesus; 2) Ambas utilizam nomenclatura rabínica; 3) Ambas são utilizadas no mesmo Evangelho; 4) Ambas outorgam algum tipo de autoridade.

As diferenças entre as duas passagens são: 1) Mateus 16:19 está no singular e 18:18 está no plural; 2) Em Mateus 16:19 Pedro é endereçado, em 18:18 os demais discípulos são endereçados; 3) Mateus 16:19 está situado em um bloco de narrativas em que o assunto é o ensino e pregação do evangelho⁴. No entanto

¹ Meding e Muller, “amarrar”, in Brown e Coenen (eds.), *O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento*, 1:109; Wilkins, *Discipleship in the Ancient world and Matthew's Gospel*, 194-198.

² Lightfoot, *Commentary in the New Testament from the Talmud and Hebraica*, 236 -241

³ Meding e Muller, “amarrar”, in Brown (ed.), *O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento*, 1:109.

⁴ Ver: Mt 15:10-20; 16:5-12; 24-26.

Mateus 18:18 é parte de um discurso sobre o trato com novos conversos e pecadores dentro da comunidade messiânica¹.

As “chaves do Reino” são tradicionalmente identificadas como os ensinamentos de Cristo ou a Palavra de Deus². Era costume nos tempos bíblicos um patrão conceder as chaves de sua propriedade para um mordomo como autorização para administrar seus bens³ como se pode ver em Isaías 22:21-22. Com base nesta informação pode-se interpretar que a autoridade confiada por Cristo em Mateus 16:19 é voltada à pregação do evangelho. Seria então a autoridade de admitir pessoas no Reino dos céus através da pregação da Palavra de Deus.

3.4 CONCLUSÃO PARCIAL.

Após análise do texto chega-se a algumas conclusões importantes para a solução do problema de pesquisa. As expressões “ligar” e “desligar” possuem dois possíveis sentidos: um sentido literal, empregado em narrativas e um outro, sentido metafórico, encontrado em discursos e sermões. Os tempos verbais empregados na passagem demonstram que a ação de Deus não está subordinada à humana. Mateus 18:18 faz parte de um discurso de Cristo onde aparentemente o sentido metafórico é evocado. Tudo conduz a crer que Jesus está referindo-se ao assunto de disciplina eclesiástica. Outros elementos presentes no texto endossam a idéia de que “ligar” e “desligar” referem-se a situações e não a pessoas.

¹ Ver: Mt 18:5-11; 15-20.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991), 413-414; R. C. Sproul (ed.), *Bíblia de Estudo de Genebra* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), 1124.

³ José M. Rocha, *Organização e Administração Eclesiástica* (notas de sala de aula, 2005), 26.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo foram analisadas um grande número de fontes bibliográficas e pôde-se constatar que ao tratarem de Mateus 18:18, os autores se dividem em três grupos principais: 1) Aqueles que aplicam “ligar” e “desligar” a autoridade doutrinária, 2) aqueles que afirmam que “ligar” e “desligar” são uma referência a autoridade para perdoar pecados e 3) aqueles que aplicam estas expressões a autoridade para disciplina eclesiástica (excomunhão). Existe ainda um grupo com algumas interpretações alternativas. Este capítulo acabou por reforçar a necessidade de uma exegese do texto.

No capítulo 2 estudou-se o contexto histórico e literário, onde foi possível determinar que o Evangelho segundo Mateus teve como público alvo uma comunidade judaica. Mateus era um judeu que tinha o objetivo de provar aos seus, a messianidade de Jesus Cristo. Muito importante ressaltar com isso, a mentalidade judaica por detrás do evangelho. Constatou-se aqui, que “ligar” e “desligar” eram termos usados pelo Sinédrio para designar proibição ou permissão.

O capítulo 3 tratou de cobrir a análise léxico gramatical do texto. A análise das expressões “ligar” e “desligar” demonstraram que existem dois sentidos possíveis para elas. O primeiro sentido; literal, empregado em narrativas. O segundo sentido; metafórico, é encontrado em discursos e sermões. Outro detalhe importante a ser mencionado é que a combinação οσα εαν é uma expressão neutra e não está se referindo especificamente à pessoas, mas à situações e relacionamentos. As expressões $\gamma\eta$ e ουρανος indicam que existe uma conexão entre igreja terrestre e trono de Deus.

Na literatura rabínica as palavras “ligar” e “desligar” são usadas como termos referentes à autoridade disciplinar e a autoridade doutrinária. O fato de Cristo utilizar a linguagem rabínica não implica que tenha utilizado “ligar” e “desligar” com o mesmo significado. Através do contexto literário nota-se que o texto trata da autoridade disciplinar e não doutrinária.

Nota-se que Mateus 16:19 contém significado diferente de Mateus 18:18. Portanto não há lógica em usar um texto para explicar o outro. Apesar de que em essência os dois textos abordem um assunto semelhante (trato com o pecador).

Depois de todas estas conclusões, é possível responder às perguntas apresentadas na introdução: “Qual é o significado das expressões ‘ligar’ e ‘desligar’”? Estas expressões expressam o sentido metafórico semelhante a um dos usos

rabínicos destas expressões. Logo “ligar” e “desligar” é uma autorização para a Igreja exercer disciplina eclesiástica, ou seja, confirmar ou romper o vínculo da pessoa com a comunidade de fiéis. “O que este texto quis dizer para o contexto que foi escrito?” Este texto pôde ser compreendido pelo público-alvo como sendo uma transferência da autoridade rabínica para exercer disciplina na Igreja cristã. “Quais as suas implicações hoje?” Desde que sejam seguidas as instruções referentes à disciplina eclesiástica relatadas em Mateus 18, a Igreja tem a autoridade de confirmar ou não a permanência de um fiel na igreja após haver este cometido alguma ofensa pública. Esta é a conclusão geral do trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Jay E. **Handbook of Church Discipline: A Right and Privilege of Every Church.** Grand Rapids/MI: Zondervan, 1974.

BALZ e SCHNEIDER. **Exegetical Dictionary of the New Testament.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990. 3 vols.

BAZAGLIA, Paulo (Ed.). **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BROWN, Colin. "Redenção". In Collin Brown e Lothar Coenen (eds.). **O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995. 2 vols.

BUTRICK, George A. (Ed.). **The Interpreter's Bible: The Gospel According to St. Matthew; The Gospel according St. Mark.** New York: Abingdon Press, 1952. 12 vols.

COLLINS, Raymond. "Bind and Loose". In: David Noel et al. (ed.). **The Anchor Bible dictionary.** New York: Doubleday Anchor Books, 1992. 6 vols.

CALVIN, John. **Calvin's Commentary.** Grand Rapids, MI: Associated Publishers and authors, s.d.. 9 vols.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **A Introduction to the New Testament.** Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992.

CORBO, Virgilio. Capernaum. In: David Noel et al. (eds.). **The Anchor Bible dictionary.** New York: Doubleday Anchor Books, 1992. 6 vols.

CULLMANN, Oscar. **Peter: Disciple, Apostle, Martyr.** Philadelphia: The Westminster Press, 1967.

DAVIDSON, F. **O Novo Comentário da Bíblia.** 3. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995. 3 vols.

DAYTON, Wilber T., **John 20:23; Matthew 16:19 and 18:18 in the Light of Greek Perfect Tenses.** The Asbury Seminary, 1974.

DONAHUE, John R. Tax Collector In: David Noel et al. (eds.). **The Anchor Bible dictionary.** New York: Doubleday Anchor Books, 1992. 6 vols.

EARLE, Ralph, et al., **Wesleyan Bible Bible Commentary.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969. 6 vols.

FRANCE, R. T. e MORRIS, Leon (ed.). **Tyndale New Testament Commentaries.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. 20 vols.

GAEBELEIN, Frank E. (ed.). **The Expositor's Bible Commentary.** Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979. 20 vols.

GARLAND, David. **A Literally & Theological Commentary on the First Gospel**. Macon, Georgia: Smyth & Helwys Publishing, 2001.

GINGRICH, F. W. e DANKER F. W., $\lambda\epsilon\gamma\omega$ in: **Shorter Lexicon of the Greek New Testament**. Chicago: University of Chicago Press, 1983

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.

HALE, Broadus D. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983

HARRISON, E. **Introduction to the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964.

HARRISON, R. K. "Gentiles". In TENNEY, Merrey (ed.). **Zondervan Pictorial Encyclopedia**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967. 5 vols.

HENRY, Matthew. **Comentario Exegético-devocional a Toda la Bíblia**. Barcelona, Espanha: CLIE, 1983.

HAGNER, Donald A.; Bruce Metzger (ed.) **Word Biblical Commentary: Matthew 14 – 28**. Nashville: Nelson Publishers, 1995. 52 vols.

JEREMIAS, Joachim, **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.

———, **The Problem of the Historical Jesus**. Philadelphia: Fortress Press, 1964.

JEROME. In: Philip Schaff (ed.). **A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church: Second Series**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1954. 13 vols.

KEENER, Craig S. **A Commentary on the Gospel of Matthew**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

KEYLOCK, L. R. "Bind and Loose". In Merrey Tenney (ed.). **Zondervan Pictorial Encyclopedia**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967. 5 vols.

KITTEL, Gerhard. **Theological Dictionary of New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983. 10 vols.

KIS, Miroslav. "Holiness of the church". In Gerald Klingbeil. Martin G. Klingbeil; Miguel Angel Núñez (eds.). **Pensar la Iglesia Hoy: Hacia una eclesiología adventista**. Entre Rios: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002.

LIGHTFOOT, John. **Commentary in the New Testament from the Talmud and Hebraica**. Peabody, Massachusetts: Hendricksen Publisher, 1983. 5 vols.

LUTERO, Martinho. In Arnildo Figur (ed.) et al. **Martinho Lutero: Obras selecionadas, o programa da reforma, escritos de 1520**. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2000. 6 vols.

- LUZ, Ulrich. **The Theology of Gospel of Matthew**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MORGENTHALER, R. “terra” in: Brown e Coenen (eds.), **O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995. 2 vols.
- MORRIS, Leon. **The Gospel According to Matthew**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992.
- MOULTON J. H. e MILLIGAN G., **The Vocabulary of the Greek New Testament**. London: Hodder and Stoughton, 1952.
- MULLER e MEDING, “amarrar” in: Brown e Coenen (eds.), **O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995. 2 vols.
- NICHOL, Francis D. **Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington, D.C.: Review and Herald, 1980. 7 vols.
- PATTE, Daniel. **The Gospel According to Matthew: A Structural Commentary on Matthew’s Faith**. Philadelphia: Fortress Press, 1987.
- ROBERTSON A. T., **Word Pictures on the New Testament: The Gospel According to Matthew; The Gospel According to Mark**. Kregel Publications, 2003.
- ROCHA, José M., **Organização e Administração Eclesiástica**. notas de sala de aula, 2005.
- ROCHE, Paul. **The Bible’s Greatest Stories**. New York: Penguin Books, 1990.
- RUSCONI, Carlos, **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SMIGA, George. **Pain and Polemic: Anti-Judaism in the Gospels**. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1992.
- SPROUL, R. C. (ed.). **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.
- STANDINGER, F.; δεω in: Balz e Schneider; **Exegetical Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990. 3 vols.
- STRONG, Augustus H. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. 2 vols.
- SUÊTONIO, Caio. **A Vida dos Doze Césares**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- TASKER, R. V. G. **Mateus: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- THEODORET. In: Philip Schaff (ed.) **A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969. 13 vols.

TOUSSAINT, Stanley D. **Behold the King: A Study of Matthew.** Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1980.

VINE, W. E. "Αμην" in: **Dicionário Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento.** Barcelona: CLIE, 1984.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990

———, **O Desejado de Todas as Nações.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

WIGRAM, George V. **The Englishman's Greek Concordance of the New Testament.** Grand Rapids, MI, 1970.

WILKINS, Michael. **Discipleship in the Ancient World and Matthew's Gospel.** Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995.

YOUNG, Robert. **Analytical Concordance to the Bible.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975.

ZAHL, Paul F. M. **A Short Systematic Theology.** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

A INTEGRAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO PASTORAL E O MINISTÉRIO DE PUBLICAÇÕES: COMO O PASTOR PODE FAZER USO DA COLPORTAGEM NO TRABALHO DISTRITAL

Ezinaldo Ubirajara Pereira

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2006
Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.
ezinaldoubirajara@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é analisar a possível integração do trabalho do pastor com a prática da colportagem (evangelismo por meio da venda de literatura). A partir dessa análise, o estudo também procura identificar os resultados espirituais, práticos e numéricos do uso da colportagem pelo pastor e por seus membros. A metodologia se baseou em fontes bibliográficas mais relevantes e representativas sobre a colportagem, analisando a integração desta com o ministério da pregação, em alguns momentos históricos e no contexto atual. Também foi feita uma pesquisa de campo com 240 alunos do curso de Teologia do Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP), a fim de verificar como trabalhariam o ministério de publicações dentro do pastoral. O trabalho conclui que esta integração entre pastor e colportor resulta na solidificação doutrinária dos membros e no crescimento numérico de convertidos ao adventismo. Assim temos crescimento qualitativo (doutrinário e espiritual) e quantitativo (batismos).

PALAVRAS-CHAVE: colportor, crescimento, pastor, pregação, mensagem, colportagem.

THE INTEGRATION BETWEEN THE PASTORAL MINISTRY AND THE PUBLICATION MINISTRY: HOW A PASTOR CAN MAKE USE OF CANVASSING IN HIS PASTORAL DISTRICT

ABSTRACT: The objective of this research is to analyze the possibility of integration between the work of a pastor with the implementation of a program of Canvassing (evangelism through the selling of religious literature). From this perspective, the research aimed to identify the spiritual, practical and numerical results obtained by a pastor and his members through Canvassing. The methodology of the research was based on the analysis of pertinent bibliographical sources on the subject. The research also surveyed 240 students of the Adventist Theological Seminary at the UNASP, Campus Engenheiro Coelho. This survey had the goal of verifying what were the expectations and the ideas of these students concerning this kind of integration in their future pastoral ministry. The research concluded that the integration between pastor and colporteur results in a doctrinal solidification of the members and in a numerical growth of converts to the Adventism. Thus we have qualitative growth (doctrinal and spiritual) and quantitative (baptisms).

KEYWORDS: colporteur, growth, pastor, preaching, message, canvassing.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Faculdade Adventista de Teologia

A INTEGRAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO PASTORAL E O MINISTÉRIO DE
PUBLICAÇÕES: COMO O PASTOR PODE FAZER USO
DA PÁGINA IMPRESSA NO
SERVIÇO PASTORAL

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

por

Ezinaldo Ubirajara Pereira

Dezembro de 2006

A INTEGRAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO PASTORAL E O MINISTÉRIO DE
PUBLICAÇÕES: COMO O PASTOR PODE FAZER USO
DA PÁGINA IMPRESSA NO
SERVIÇO PASTORAL

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Ezinaldo Ubirajara Pereira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

José Miranda Rocha
Orientador

Avaliação

Emilson Reis
Leitor

Data da Aprovação

Amin Américo Rodor
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Definição do problema	1
Propósito do estudo	2
Delimitação	2
Metodologia	3
Definição de termos	3
Organização do estudo	4
Capítulos	
I. ANÁLISE HISTÓRICA DAS PUBLICAÇÕES INTEGRADA À PREGAÇÃO DO EVANGELHO	6
O uso da escrita com a pregação nos tempos bíblicos	6
Os pré reformadores e a invenção da imprensa	8
A colportagem e a Reforma Protestante	13
A colportagem e o movimento adventista pré e pós 1844	16
A colportagem como pioneira do adventismo no Brasil	31
Conclusão parcial	35
II. A INTEGRAÇÃO ENTRE O PASTOR E O COLPORTOR NO CONTEXTO ATUAL DA IASD	37
O chamado	37
A missão	40
O apoio	43
Conclusão parcial	50
III. PESQUISA DE CAMPO COM OS ALUNOS DE TEOLOGIA NO ENVOLVIMENTO DA COLPORTAGEM	52
Conclusão parcial	61
IV. APLICAÇÃO DA COLPORTAGEM AO PASTORADO	62
A colportagem estudantil como preparo para o Ministério Pastoral	62

A colportagem evangelística no trabalho pastoral.....	65
Conclusão parcial.....	68
CONCLUSÃO.....	70
Resumo.....	70
Conclusões.....	72
Sugestões.....	73
APÊNDICE 1.....	74
Pesquisa de campo.....	74
APÊNDICE 2.....	75
O programa de colportagem com pastores.....	75
APÊNDICE 3.....	80
O evangelismo através da “Colportagem Comunitária”.....	80
APÊNDICE 4.....	83
Tributo à colportagem – testemunho.....	83
APÊNDICE 5.....	85
Disciplina na FAT sobre o Ministério de Publicações.....	85
BIBLIOGRAFIA.....	88

INTRODUÇÃO

Definição do problema

A imprensa sempre foi usada para a comunicação interpessoal, a divulgação de conceitos e a preservação de ensinamentos para os anos posteriores. Também tem sido usada como instrumento de propaganda para o oferecimento de seus produtos com o objetivo de conseguirem o interesse de seus clientes.

Desde os primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD)¹, a imprensa é usada a fim de contribuir para a informação e o crescimento espiritual de seus membros e como uso de evangelização às pessoas que não pertencem à fé adventista. A prática de se usar a página impressa para estes fins é conhecida como colportagem evangelística, e a pessoa que desenvolve este trabalho é conhecida como colportor. Este método de trabalho continua sendo usado até hoje pelos membros da IASD.

De que maneira o pastor adventista pode fazer uso deste método evangelístico em suas atividades pastorais? Quais são as estratégias que o pastor pode usar para o crescimento da sua igreja usando o trabalho da colportagem? Qual é a contribuição da colportagem em locais onde há presença adventista ou em regiões ainda não alcançadas pela mensagem? Como que o uso da imprensa pode ser útil para o exercício da pregação do evangelho?

¹ Sigla usada para identificar a Igreja Adventista do Sétimo Dia que será adotada neste trabalho.

Propósito do estudo

Este estudo tem como objetivo analisar a aproximação entre o trabalho do pastor com a prática da distribuição de literaturas evangelísticas. O objetivo é identificar os resultados espirituais, práticos e numéricos quando o pastor faz uso das publicações em suas atividades pastorais motivando igualmente os seus membros a participarem deste método de evangelismo com literatura. Segundo Ellen G. White, os dois ministérios (pastoral e colportagem) podem trabalhar de forma combinada a fim de promoverem a pregação do evangelho.²

Além de pesquisar esta parceria entre o trabalho do pastor e o colportor o estudo destacará a importância da colportagem no cumprimento da missão evangelística da IASD.

Metodologia

O método a ser usado nos primeiros dois capítulos é uma análise bibliográfica e está baseado no uso de fontes primárias mais relevantes e representativas sobre o assunto.

Para os capítulos posteriores será usado o método de pesquisa quantitativa (pesquisa com 240 alunos da FAT) e o método de pesquisa qualitativa que será feita por meio de entrevistas realizadas com pessoas ligadas ao Departamento de Publicações e ao Ministério Pastoral.

² Ellen G. White, *O Colportor evangelista* (Casa Publicadora Brasileira, 1983), 98.

Delimitação

Para a pesquisa de campo trabalharemos com os alunos de teologia do UNASP-EC. Esta pesquisa observará a influência da colportagem na vida do pastor já em seus tempos de estudante e quais são os fatores que determinarão o seu grau de participação na colportagem quando estiver exercendo o pastorado.

O estudo estará concentrado apenas no trabalho da colportagem integrado ao ministério pastoral com o objetivo de observar como esta integração pode promover o crescimento quantitativo e qualitativo de igrejas. Desta forma não esgotaremos o tema deixando oportunidades para novas pesquisas.

Definição de termos

Diversos termos estão associados como o serviço de distribuição de literatura da IASD. Alguns destes termos, usados neste trabalho, são definidos na lista que se segue:

“*Colportagem*”: programa evangelístico realizado através de vendas ou distribuição gratuita de Bíblias, livros, revistas ou folhetos religiosos.

“*Departamento de Publicações*”: setor da IASD que cuida da literatura da Igreja (tanto denominacional como evangelística) e responsabiliza em promovê-la e distribuí-la para os seus membros ou através deles.

“*Ministério Pastoral*”: expressão denominacional adotada para referir-se ao serviço realizado pelo pastor da IASD.

“*Ministério da Página Impressa*”: expressão denominacional adotada pela IASD para referir-se ao trabalho desenvolvido pelos colportores.

“*Campanhas evangelísticas*”: período em que pregações bíblicas são realizadas em um determinado lugar escolhido. As pessoas são visitadas durante o dia e convidadas à noite para assistirem as reuniões.

“*Literatura Denominacional*”: literatura produzida pela IASD.

“*Mensagens angélicas*”: refere-se ao texto de Apocalipse capítulo 14:6-12 onde estão sintetizados alguns dos fundamentos doutrinários da IASD.

Organização do estudo

O presente estudo será organizado em quatro capítulos e uma conclusão conforme o escopo descrito a seguir.

No capítulo 1 apresentam-se as considerações da pesquisa bibliográfica em que se discorre sobre a participação da escrita em alguns exemplos nos tempos bíblicos. Também analisa o uso da colportagem nos seguintes períodos: na pré-reforma e na invenção da imprensa, durante a Reforma Protestante, no movimento do adventismo pré e pós 1844 e no início do adventismo no Brasil. Estes exemplos procuram destacar o uso da página impressa pelo pastor/pregador e também estuda a função do colportor evangelista e a natureza do seu trabalho, comparando-a com o serviço pastoral e com o objetivo de perceber pontos de integração entre os dois ministérios – o pastoral e o da página impressa.

O capítulo 2 faz uma análise de como o Ministério de Publicações tem sido usado atualmente pela IASD em seus projetos evangelísticos. Neste capítulo são usados exemplos de campanhas evangelísticas nas quais é promovida a distribuição de literatura tanto pelos colportores como por membros da Igreja.

No capítulo 3 encontra-se a pesquisa de campo realizada com os alunos de teologia do UNASP-EC e os resultados obtidos.

O quarto capítulo considera os principais resultados da pesquisa e elenca sugestões para o trabalho integrado entre o Ministério Pastoral e o Ministério de Publicações, ao mesmo tempo em que propõe maneiras de investimento para a formação pastoral do estudante de teologia visando a sua participação na colportagem quando exercer o pastorado.

Concluindo os capítulos, segue as considerações finais do trabalho, apresentado um resumo do conteúdo discutido em cada capítulo com suas respectivas conclusões e formulará uma declaração final conclusiva do estudo, seguida de propostas para futuros trabalhos na mesma temática.

CAPÍTULO I

ANÁLISE HISTÓRICA DAS PUBLICAÇÕES INTEGRADA À PREGAÇÃO DO EVANGELHO

O presente capítulo tem como objetivo analisar a participação da escrita unida à pregação do evangelho. Para isso, a pesquisa se concentrou nos seguintes períodos: 1) alguns exemplos do uso da escrita com a pregação nos tempos bíblicos; 2) o início da colportagem com os pré-reformadores e a invenção da imprensa; 3) a colportagem durante a Reforma Protestante; 4) a colportagem e o movimento adventista pré e pós 1844; e 5) a colportagem e o seu início no Brasil.

O uso da escrita com a pregação nos tempos bíblicos

O primeiro exemplo na Bíblia em que a escrita foi usada para proclamar uma mensagem é do próprio Deus. Após a batalha de Israel com Amaleque, Deus dá a seguinte ordem a Moisés: “Escreve isto para memória num livro e repete-o a Josué; porque Eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu” (Êxodo 17:14).³

No monte Sinai, o Senhor entregou a Moisés os Dez Mandamentos e diversas leis para o regimento de Israel, de tudo o que foi comunicado “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor...” (Êxodo 24:4). Deus não só pediu para que Moisés escrevesse, mas Ele mesmo fez uso da escrita na entrega da Sua lei: “E, tendo acabado de falar com ele

³ O “livro” dos tempos bíblicos era de material diverso dos livros atuais. A escrita era feita em material de papiro, pergaminho ou até mesmo em pedras.

[Moisés] no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus”. (Êxodo 31:18). No texto dos Dez Mandamentos (Êxodo 20:3-17) observamos os seis elementos indispensáveis para que se ocorra uma comunicação publicada: 1) o escritor – Deus; 2) a mensagem – o amor de Deus; 3) o livro – as tábuas de pedra; 4) a impressora – o dedo de Deus; 5) o mensageiro – Moisés; e 6) os leitores – os israelitas.⁵

Outros meios Deus poderia ter usado para Se comunicar. Por que então Ele fez uso da palavra escrita? Almir Marroni enumera algumas razões: 1) a capacidade mental diminuiu por causa do pecado. O homem facilmente ficou propenso a se esquecer, e a mensagem escrita ajudaria a relembrar as instruções dadas ao longo dos séculos. O quarto mandamento é um convite a relembrar aquilo que os israelitas tinham aprendido no passado (Êxodo 20:8); 2) com o surgimento da idolatria e da apostasia, a mensagem de Deus deveria ser preservada com exatidão; e 3) a Palavra escrita inspira autenticidade e faz com que o conteúdo escrito seja preservado para a posteridade.⁶

No exemplo do Sinai, nota-se o exercício da pregação da Palavra com o uso da escrita. Ao mesmo tempo em que Deus, através da Sua voz, proclamava a Sua lei, Israel recebia esta mesma lei escrita em tábuas de pedra. Este seria o método que Deus usaria para

⁵ Howard Faigao, “O Ministério de Publicações – Um plano divino”, *O Colportor Evangelista*, ab./jun., 2003, p. 3

⁶ Almir Marroni, *Colportando com sucesso: manual de capacitação do colportor evangelista*, vol. I (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 9.

comunicar a Sua mensagem aos homens – a Palavra falada acompanhada da mensagem escrita - ambas usadas pelos Seus profetas no decorrer dos séculos. “Desde a entrega da lei a Moisés, Deus tem usado a comunicação escrita para preservar a verdadeira história da Criação, da queda do homem e do Plano da Redenção, escolhendo homens e mulheres para a tarefa de escrever a Sua mensagem”.⁷

Falando através do profeta Isaías, Deus pediu para que a Sua mensagem falada fosse escrita “numa tábua” e registrada “num livro” (Isaías 30:8). A mesma instrução repete-se em profetas tanto do Antigo como do Novo Testamento, a mensagem pregada era registrada em livros (Jeremias 30:2; Habacuque 2:2; Apoc. 1:11, 19).⁸

Assim vemos desde os tempos bíblicos a integração entre a mensagem pregada com a mensagem escrita.

Os Pré-Reformadores e a Invenção da Imprensa

O método da colportagem surgiu próximo ao final do século XII, sendo iniciado e organizado por Pedro Valdo, comerciante rico que morava no sul da França.⁹ Após ter lido as Escrituras, converteu-se ao cristianismo, vendeu todas as suas propriedades deixando apenas o suficiente para o sustento da sua família. Investiu sua fortuna na tradução da Bíblia para os habitantes do sul da França e para o norte da Itália. Pedro Valdo

⁷ Ibid.

⁸ Jacynte Col Neto, “A teologia do ministério impresso”, *Revista Adventista*, novembro, 2001, 20. Ver também entrevista com o Pr. Paulo Korkischko no apêndice 1.

⁹ Ronald E. Appenzeller, *Curso básico para colportores*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 10.

pregava para as pessoas em suas casas e vendia exemplares da Bíblia que ele mesmo trabalhou para serem traduzidos.¹⁰ Muitos se uniram a ele, formando assim o movimento dos valdenses. Estes continuaram usando o mesmo método de combinar a pregação do evangelho com a venda das Escrituras. Eles se espalharam pela Europa vendendo Bíblias e porções destas que haviam copiado, carregavam todos estes exemplares em uma bolsa pendente no pescoço, daí o termo colporteur, que é uma palavra derivada do francês e significa aquele que “vende ou distribui livros religiosos de porta em porta”¹¹. Já Wilson Sarli confirma a origem francesa da palavra e acrescenta que o seu significado é “vendedor ambulante de livros, especialmente de Bíblias, e tratados religiosos.”¹² Entretanto, Sarli completa dizendo que o mais importante “não é o significado do termo em si, mas, inegavelmente, seu significado histórico”.¹³

Durante séculos, os valdenses abrigaram-se nos vales localizados entre os elevados Alpes do noroeste da Itália.¹⁴ Havia entre eles assistência espiritual pelos seus líderes/pastores. Estes “não somente pregavam o evangelho, mas visitavam os doentes, doutrinavam as crianças, admoestavam aos que erravam e trabalhavam para resolver as

¹⁰ Ibid.

¹¹ Antonio Houssais; Mauro de Salles Vilar, *Dicionário Houssais de língua portuguesa* (Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001), 764.

¹² Wilson Sarli, *Colportagem: o que é? objetivos e algumas dicas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 25.

¹³ Ibid.

¹⁴ Virgílio E. Robinson, *Heróis de todas as épocas: a história dos valdenses* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969), 7.

questões e promover harmonia e amor fraternal”.¹⁵ Além de prestarem o cuidado pastoral, estes líderes mantinham-se ocupados em preparar cópias da Bíblia e promoverem a sua distribuição.

Os pais, desde cedo, procuravam inculcar em seus filhos os princípios do cristianismo e o apego às Escrituras Sagradas. Os jovens memorizavam grandes porções da Bíblia e auxiliavam os adultos em copiá-la, e os que desejassem ingressar no trabalho pastoral deveriam passar os primeiros três anos colportando em terras estrangeiras a fim de estarem devidamente preparados para assumirem o pastorado.¹⁶

Nestes exemplos, nota-se que o serviço dos pastores valdenses era acompanhado do uso da escrita, a qual eles utilizavam para a preservação das Escrituras e para a sua distribuição.

Após o período dos valdenses, houve pessoas que também contribuíram para o surgimento da Reforma Protestante e entre estes se destaca João Wycliffe, nascido na Inglaterra e conhecido como o “arauto da reforma”.¹⁷ Caracterizado pelo estudo da Bíblia, Wycliffe logo identificou erros doutrinários na Igreja Católica e viu que a confissão desta não condizia com os ensinamentos das Escrituras.

Como professor universitário, Wycliffe pregava aos seus alunos e também às multidões que se aglomeravam para ouvi-lo. Ele “começou a escrever e a publicar folhetos

¹⁵ Ellen G. White, *O Grande conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 68.

¹⁶ Nicolas Chaij, *O Colportor de êxito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 23.

¹⁷ Ellen G. White, *O Grande conflito*, 80.

contra os frades... despertando o espírito do povo ao estudo da Bíblia e do Seu Autor”¹⁸

Além destes folhetos, ele “pregava ao povo o Evangelho simples na linguagem popular”.¹⁹

Esta é a primeira vez em que Wycliffe começa usar a escrita para disseminar os seus ensinamentos.

O maior desejo deste pré-reformador era traduzir para o seu país a Bíblia Sagrada. Com muito esforço, esta tarefa foi concluída, e então, Wycliffe organizou um grupo de pregadores para disseminar os seus ensinamentos e distribuir a Bíblia e os seus escritos. Neste exemplo se vê claramente a união conjunta dos dois ministérios: a pregação da mensagem bíblica acompanhada com a distribuição de literatura. Esta técnica avançou “com êxito tal que a nova fé foi aceita por quase metade do povo da Inglaterra”.²⁰

Os escritos de Wycliffe foram espalhados às terras distantes, levando as pessoas a se voltarem para a Bíblia ao invés das tradições religiosas dominantes na época. Podemos mencionar a esposa de Ricardo II que era rei da Inglaterra, após convertida por intermédio dos escritos de Wycliffe os espalhou na Boêmia, a sua terra natal.²¹ Este trabalho teve resultado na vida de Jerônimo, um morador da cidade de Praga que se converteu ao ler os escritos distribuídos pela rainha. Jerônimo levou os escritos ao reitor da Universidade de Praga, João Huss, que também aceitou a mensagem de Wycliffe. Ambos, Jerônimo e Huss,

¹⁸ Ibid, 84.

¹⁹ A. Knight, & W. Anglin, *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX* (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1983), 182.

²⁰ Ellen G. White, *O Grande conflito*, 89.

²¹ A. Knight, & W. Anglin, *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, 189.

uniram-se à proclamação destes novos ensinamentos usando também a escrita para defenderem o movimento iniciado por Wycliffe. Por fim, foram condenados pela Igreja Católica como hereges e terminaram a vida como mártires.²²

Não resta dúvida que os escritos de Wycliffe foram os instrumentos que provocaram o despertar religioso na Boêmia,²³ em Florença e no norte da Alemanha, preparando “todo o solo europeu” para o movimento da Reforma.²⁴

Os pré-reformadores tinham que fazer uso da escrita manual, tarefa que requeria muito tempo da parte do escritor e do copista. Mesmo diante desse esforço, a escrita era o principal instrumento para a divulgação da Bíblia e das idéias reformadoras. Porém, já no segundo século da nossa era, os chineses já usavam tipos de madeira antes mesmo que Johannes Gutenberg, no século XV, inventasse a imprensa.²⁵ O que Gutenberg fez foi desenvolver letras em tipos de metal, e começar a imprimir com esta nova forma de tipos que eram mais resistentes do que os de madeira – assim surgiu a imprensa em tipos de metal em 1448.²⁶ A primeira obra que Gutenberg imprimiu foi a Bíblia Sagrada, conhecida como a Bíblia das 42 linhas por conter este total de linhas nas duas colunas de cada

²² Ibid., 99. Ver o capítulo 6 intitulado “Dois Heróis da Idade Média”.

²³ A. Knight, & W. Anglin, *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, 189.

²⁴ Sônia M. M. Gazeta, “A Obra de Publicações Através das Eras”, em *A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história*, ed. Alberto Ronald Timm (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000), 8.

²⁵ Wilson Martins, *A Palavra escrita permanece: história do livro, da imprensa e da biblioteca* (São Paulo, SP: Ática, 1998), 127, 128 e 135.

²⁶ Ronald E. Appenzeller, *Curso básico para colportores*, 11.

página.²⁷

Com a invenção da imprensa, o conhecimento agora poderia atingir todas as classes. O povo comum teria com mais rapidez em suas mãos a Bíblia Sagrada e os escritos dos reformadores.²⁸ “As tiragens fabulosas atingidas nessa época demonstram que o livro vinha responder a uma necessidade... havia nessas populações que não conheciam o livro uma extraordinária fome de leitura: *nenhuma invenção terá surgido mais do que a imprensa no seu momento próprio*”.²⁹ Certamente, o cenário estava preparado para o início da Reforma Protestante. Os pré-reformadores haviam lançado as bases para o movimento e a imprensa seria o veículo para difundir as idéias reformadoras.

A Colportagem e a Reforma Protestante

Um dos grandes líderes deste período, o qual deu início a este movimento foi Martinho Lutero. Nasceu em Eisleben, na província de Mansfeld, no dia 10 de Novembro de 1483.³⁰ Estudou na Universidade de Erfurt e depois obteve o seu doutorado em teologia na universidade de Wittenberg, futuramente tornando-se monge nesta mesma universidade.³¹ Neste período, ele já havia contrastado alguns erros da Igreja Romana com

²⁷ Ibid.

²⁸ Rubem Scheffel, “A Importância da Imprensa”, em *Revista Adventista*, janeiro de 2006, 17.

²⁹ Wilson Martins, *A Palavra escrita permanece*, 187. Itálico suprido.

³⁰ A. Knight, & W. Anglin, *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, 207.

³¹ Marc Lienhard, *Martin Lutero: tempo, vida e mensagem* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998), 32, 37.

os ensinamentos das Escrituras, erros tais como o uso das tradições em substituição à Bíblia e a venda de indulgências que enfatizava a salvação pelas obras.³²

O reformador não dispensou o uso da imprensa no seu trabalho. Lienhard indica dois canais essenciais pelos quais a mensagem de Lutero se espalhava: por meio dos seus escritos e por meio da pregação.³³ Isto se vê pela primeira vez quando ele afixou nas portas da igreja de Wittenberg as suas noventa e cinco teses que contrariavam a doutrina das indulgências e defendiam a posição bíblica sobre a justificação pela fé.³⁴

Segundo Nicolás Chaij, Lutero organizou um grupo de estudantes para saírem durante as férias a fim de venderem os seus escritos e ao mesmo tempo conseguirem recursos para continuarem os seus estudos.³⁵ Além destes estudantes, muitos dos seus seguidores vendiam seus escritos e a Bíblia que ele mesmo traduzira para o alemão, formando grupos de pregadores que também tinham sido influenciados pelas idéias reformadoras e saíam pela Europa levando a mensagem luterana. Observa-se que o uso de um método não minimizava o outro, a imprensa acompanhava a mensagem que era pregada.

Ellen G. White informa que o povo recebia com alegria os escritos de Lutero. Quando seus livros chegavam às aldeias, os professores liam em voz alta para que todos

³² A. Knight, & W. Anglin, *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*, 212-215.

³³ Marc Lienhard, *Martin Lutero: tempo, vida e mensagem*, 95.

³⁴ Ellen G. White, *O Grande conflito*, 129-130.

³⁵ Nicolas Chaij, *O Colportor de êxito*, 26.

ouvissem. Os seus escritos despertavam no povo interesse e necessidade das Escrituras, cumprindo assim o objetivo dos reformadores: exaltar a Bíblia Sagrada.³⁶

Não somente na Alemanha, mas em outros países da Europa a Reforma cresceu graças à ampla disseminação de Bíblias, livros e folhetos espalhados pelos colportores de Lutero.³⁷ Ellen White acrescenta que “de seus sermões e escritos procediam raios de luz que despertavam e iluminavam a milhares.”³⁸

A obra mais importante de Lutero foi traduzir a Bíblia das línguas originais para o alemão, fazendo isto, o reformador tinha como objetivo colocar as Escrituras nas mãos do povo. Lutero começou com o Novo Testamento, o qual em 11 (onze) semanas já estava traduzido e que foi publicado em 1522. O Antigo Testamento só foi concluído em 1534, completando assim todo o volume das Escrituras. Esta Bíblia de Lutero alcançou ampla circulação, pois até a sua morte “mais de 430 edições da Bíblia por ele traduzida ou de extratos dessa Bíblia viram a luz do dia. Foi possível calcular que em 1535 um alemão entre cada 70 era proprietário de um Novo Testamento”.³⁹

Não só Lutero, mas outros reformadores como Zwínglio, João Calvino, João Wesley e Knox perceberam a vantagem de usar o método da colportagem acompanhada do exercício da pregação. Os reformadores uniram a proclamação da Palavra com a

³⁶ Ellen G. White, *O Grande conflito*, 194.

³⁷ Marc Lienhard, *Martin Lutero: tempo, vida e mensagem*, 96.

³⁸ Ellen G. White, *O Grande conflito*, 133.

³⁹ Marc Lienhard, *Martin Lutero: tempo, vida e mensagem*, 274 e 277.

distribuição de literatura, sendo esta última uma força propulsora para a primeira.⁴⁰ Lutero ainda afirmou que “A imprensa é o último supremo dom, pois através dela Deus quer tornar conhecida em toda Terra a questão da verdadeira religião... É a última chama de luz antes da extinção deste mundo”.⁴¹

A colportagem e o movimento adventista pré e pós 1844

No final do século XVIII, começou haver um interesse pelo estudo das profecias bíblicas concernentes ao Segundo Advento de Jesus Cristo. Neste período, alguns sinais cósmicos também estavam acontecendo, motivando os estudiosos a concentrarem-se nos livros proféticos de Daniel e Apocalipse.⁴²

Estes eruditos também fizeram uso da página impressa para exporem as suas conclusões sobre a brevidade da volta de Cristo à luz das profecias bíblicas. Menciona-se o exemplo de um jesuíta espanhol chamado Manuel Lacunza, que em 1812, publicou na Espanha e na Itália, o livro *La Venida del Mesías en gloria y majestad* (A Vinda do Messias em glória e majestade). Antes de publicar o livro, manuscritos de Lacunza já estavam circulando em latim e italiano.⁴³ Tratando-se do seu livro “Uma vez impresso, se espalhou

⁴⁰ Sônia M. M. Gazeta, “A Obra de Publicações Através das Eras” em *A Colportagem adventista no Brasil*, 11.

⁴¹ Marc Lienhard, *Martin Lutero: tempo, vida e mensagem*, 263.

⁴² Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1990), 25, 26.

⁴³ Richard W. Schwarz; Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002), 25.

rapidamente, criando uma agitação considerável em todo sul da Europa e América Latina”.⁴⁴ Ellen White também acrescenta que esta obra de Lacunza “serviu para aprofundar o interesse que já se despertava na Inglaterra pelo assunto do segundo advento”.⁴⁵

Bengel e Gausson também foram outros que preferiram usar a escrita a fim de propagarem os seus estudos sobre o advento. Sobre Gausson, informa-se que ele publicou um conjunto de lições com o objetivo de promover o estudo das profecias nas igrejas de língua francesa.⁴⁶

Entre estes pesquisadores encontra-se a pessoa de Guilherme Miller, nascido em 1782, na cidade de Pitsfield, Massachussets.⁴⁷ Após sua conversão, dedicou-se ao estudo da Bíblia procurando compreender os versos mais obscuros. Destes versos, o que mais despertou a sua atenção foi Daniel 8:14, levando-o a concluir que a segunda vinda de Cristo ocorreria por volta de 1843, quando finalizaria a contagem profética mencionada neste mesmo texto de Daniel.⁴⁸

Miller sentiu-se incumbido a pregar esta mensagem com o objetivo de advertir as pessoas do fim iminente. Para cumprir este propósito, em 15/02/1836, ele usou pela

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ellen G. White, *O Grande conflito*, 363.

⁴⁶ Ibid., 365.

⁴⁷ Everett N. Dick, “The Millerite Movement, 1830-1845”, em *Adventism in America: a history*, ed. Gary Land (Berrien Springs, MI: Andrews University, 1998), 3.

⁴⁸ Idem, *Fundadores da mensagem* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 17, 18.

primeira vez a imprensa como veículo de comunicação. Suas considerações foram impressas em um jornal batista chamado *The Vermont Telegraf*. Posteriormente ele publicou um folheto de 64 (sessenta e quatro) páginas sobre a segunda vinda de Cristo e o ano de 1843.⁴⁹

Como resultado da pregação de Miller, milhares aceitaram a sua pregação estimando-se entre 50 a 100 mil pessoas.⁵⁰ Pastores e pregadores de outras denominações também se uniram ao movimento. Josiah Litch, pregador metodista, após ter lido um dos livros de Miller, aceitou os seus pontos de vista e uniu a sua voz à pregação do milerismo. Litch também fez uso da página impressa preparando um livro de 200 páginas, intitulado, *The Probability of the Second Comming of Christ About A. D. 1843* (A Probabilidade da Segunda Vinda Ocorrer ao Redor de 1843).⁵¹ Outro associado de Miller foi Joshua V. Himes, o contato entre os dois fora feito quando Himes convidou Miller para dirigir uma série de pregações em sua igreja. Após este contato, o milerismo recebeu novo ímpeto.⁵²

Qual foi a contribuição que Himes deu a Miller? Que método ele usou para auxiliar o movimento milerita? Segundo George R. Knight, “o meio mais importante e

⁴⁹ Ibid., 21.

⁵⁰ Alberto Ronald Timm, *O Santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas* (Engenheiro Coelho, SP: Instituto Adventista de Ensino – Campus 2, 2002), 19.

⁵¹ Richard W. Schwarz; Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día*, 32.

⁵² Sonia M. M. Gazeta, “A Obra de Publicações Através das Eras” em *A Colportagem adventista no Brasil*, 13.

influyente foi a página imprensa.”⁵³ Sentindo a urgência da mensagem, Himes começou a publicar em 20/03/1840 a revista *Signs of the Times* (Sinais dos Tempos) que tinha como objetivo preparar as pessoas para a Segunda Vinda de Cristo.⁵⁴

Um dos métodos que Himes usava para fortalecer a pregação de Miller era distribuir as literaturas em períodos em que eles realizavam campanhas evangelísticas. No outono de 1842, em Nova York, os dois planejaram uma série evangelística, e para despertar os habitantes da cidade, Himes fundou o jornal *Midnight Cry* (O Clamor da Meia-Noite), que era vendido por meninos jornalheiros com uma saída diária de dez mil exemplares. A próxima série foi na cidade de Rochester, e para esta foi criado um outro jornal, intitulado, *They Glad Tiding of the Kingdom to Come* (As Alegres Novas do Reino Vindouro).⁵⁵ Depois dos resultados destas experiências, os mileritas adotaram o método de sempre incluírem a distribuição de literatura em seus programas evangelísticos.⁵⁶ Desta maneira, os líderes mileritas anunciavam o breve retorno de Cristo interligando estes dois métodos de pregação: o uso da voz e a página impressa. “À palavra falada ajuntaram-se revistas e folhetos que ensinavam a doutrina adventista”.⁵⁷

Himes também produziu *A Biblioteca do Segundo Advento*, uma série constituída de tratados e livros de Miller e de outros pregadores adventistas. Além desta

⁵³ George R. Knight, *Uma igreja mundial: breve história dos adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 13.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Everett Dick, *Fundadores da mensagem*, 55, 56.

⁵⁶ Idem, *The Millerite Movement, 1830-1855*, 11.

⁵⁷ Odair Linhares e Isolina A. Waldvoguel, trads., *História da nossa igreja*, 2º ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965), 154.

série, ele publicou muitos folhetos com as explicações de Miller os quais eram enviados aos correios de todo o país e aos capitães de barcos nos diversos portos. Este empreendimento foi de tamanha amplitude, que no começo de 1843 esses folhetos podiam ser encontrados em países da Europa como França e Alemanha.⁵⁸ “O método milerita de alcançar o mundo geralmente não era enviar missionários, mas colocar suas publicações em navios destinados a vários portos marítimos. Foi assim que... Himes pôde escrever que as publicações mileritas haviam sido ‘enviadas a todos os postos missionários conhecidos do globo’”.⁵⁹

O uso da imprensa foi marcante no início deste movimento, seus defensores não ousaram dispensar este recurso, pois criam que este era o método mais eficiente para cumprirem a comissão evangelizadora ordenada por Jesus Cristo em Mateus 28: 19-20.⁶⁰

Acaso Miller não tivesse se encontrado com Himes, será que o milerismo alcançaria tal êxito? O que seria deste movimento sem o uso da publicidade de Himes através da página impressa? O fator determinante encontra-se nas seguintes palavras: “A distribuição de literatura e a pregação da mensagem iam de mãos dadas, pois aonde quer que fosse o pregador havia imediato pedido de literatura, e onde quer que a literatura chegasse havia pedidos de pregadores”.⁶¹ Assim se percebe que não havia uma minimização entre o pregador e o divulgador de literatura, ambos cumpriam uma missão conjunta indispensável para levar o movimento “de uma curiosidade local, a uma causa que

⁵⁸ Richard W. Schwarz; Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día*, 36, 37.

⁵⁹ George R. Knight, *Uma igreja mundial*, 15.

⁶⁰ Uma breve descrição das literaturas que foram publicadas neste período encontra-se em Land, *Adventism in América*, 10-13.

⁶¹ Everett Dick, *Fundadores da mensagem*, 54.

receberia a atenção nacional”.⁶²

No final de 1842, Miller afirmara que a data para o advento de Cristo seria entre 21/03/1843 a 21/03/1844,⁶³ mas Samuel Snow, após pesquisar o período profético de 2300 dias de Daniel 8:14 e fazendo uma comparação desses dias proféticos com o calendário judaico, concluiu que o final exato desta profecia se daria em 22/10/1844.⁶⁴ Ao aproximar-se o dia, os mileritas redobram as suas forças fazendo com que o prelo trabalhasse ininterruptamente e as literaturas fossem distribuídas aos milhares de casa em casa.⁶⁵ Neste tempo, calcula-se que aproximadamente oito milhões de exemplares de literatura adventista chegaram às mãos das pessoas.⁶⁶

Mas ao chegar o dia marcado, o evento tão esperado não ocorreu, trazendo assim um profundo desapontamento para os expectantes. O erro não estava na contagem dos cálculos proféticos, mas na interpretação do evento que ocorreria no final desta contagem. Os mileritas criam que a purificação do santuário fosse a purificação da Terra com fogo por ocasião da volta de Jesus, mas estudos posteriores revelaram que o santuário celestial, não a Terra, entraria em um processo de purificação entendido como juízo

⁶² Richard W. Schwarz; Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día*, 33.

⁶³ Alberto Ronald Timm, *O Santuário e as três mensagens angélicas*, 32.

⁶⁴ George R. Knight, *Uma igreja mundial*, 19.

⁶⁵ C. Mervyn Maxwell. *História do adventismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), 33.

⁶⁶ *Ibid.*, 18.

investigativo.⁶⁷

Após este desapontamento, o movimento adventista se dividiu em quatro grupos: (1) Adventistas Evangélicos; (2) A Igreja Cristã do Advento; (3) Adventistas da Era Vindoura; e (4) Adventistas do Sábado e da Porta Fechada. Deste último surgiram os Adventistas do Sétimo Dia.⁶⁸ Qual foi a contribuição das publicações no início da Igreja Adventista do Sétimo Dia e como elas foram usadas pelos pioneiros pós 1844?

No dia seguinte ao desapontamento, Hiram Edson, O. R. L. Crosier e F. B. Hahn começaram a estudar com mais cuidado o texto bíblico de Dan. 8:14; convictos, eles concluíram que em 22/10/1844, Jesus Cristo dirigiu-Se do primeiro ao segundo compartimento no Santuário Celestial, dando início ao juízo investigativo.⁶⁹ A primeira literatura que conteve estas conclusões de Edson foi publicada em Março de 1845, intitulada, *The Day – Dawn* (O Amanhecer do Dia) e no dia 07/02/1846 foi lançado o *The Day – Star* (A Estrela do Amanhã).⁷⁰ A interpretação do santuário contida nesta literatura trouxe aos adventistas dispersos conforto e segurança ao compreenderem novos aspectos da profecia e do ministério sacerdotal de Jesus Cristo.⁷¹ E com o êxito desta publicação em

⁶⁷ Frank B. Holbrook, *O Sacerdócio expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 169-171.

⁶⁸ Herbert E. Douglass, *Mensagem do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 50.

⁶⁹ Para um estudo mais detalhado sobre este tema ver White, *O Grande Conflito*, 479-491.

⁷⁰ Sônia M. M. Gazeta, “A Obra de Publicações Através das Eras” em *A Colportagem Adventista no Brasil*, 21.

⁷¹ Enoch de Oliveira. *A Mão de Deus ao leme* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 153.

unir o movimento, Edson convenceu-se do poder da imprensa como um veículo eficaz para a pregação do evangelho. Esta convicção levou-o em 1852 vender a sua fazenda e aplicar as rendas nas primeiras impressoras para o adventismo.⁷²

Além do santuário, outra doutrina já estava sendo compreendida e aceita pelos adventistas antes mesmo do desapontamento – a obrigatoriedade da guarda do sábado. O pastor Frederico Wheeler era um ministro metodista-adventista da cidade de Hillsboro, New Hampshire. Ele recebeu em sua igreja a visita de uma senhora chamada Raquel Preston, que era membro da Igreja Batista do Sétimo Dia. Após entreter conversa com Preston, Wheeler aceita o sábado em 16/03/1844 como verdadeiro dia de guarda, sendo o primeiro pastor adventista a se decidir por esta doutrina.⁷³ Entretanto, antes de conversar com Wheeler, Preston também já havia aceitado o adventismo e tinha distribuído aos membros da igreja de Wheeler alguns folhetos sobre a guarda do sábado.⁷⁴

Outro pastor que também se tornou observador do sábado foi Tomás M. Preble, em agosto de 1844.⁷⁵ Um mês depois, no editorial do *Midnight Cry*, publicou-se um extenso estudo sobre o sábado.⁷⁶ Preble vai começar publicar suas convicções sobre o sétimo dia somente em 28/02/1845, na revista *Hope of Israel* (Esperança para Israel). Neste

⁷² Ibid., 154.

⁷³ Alberto Ronald Timm, *História da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Engenheiro Coelho, SP: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 2003), 23.

⁷⁴ Nicolas Chaij, *O Colportor de êxito*, 36.

⁷⁵ Alberto Ronald Timm, *História da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 23.

⁷⁶ George Knight, *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 67, 68.

mesmo ano, ele também preparou um folheto de doze páginas contendo mais argumentos a favor do sábado, este folheto intitulava-se *Tract, Showing That the Seventh-Day Should Be Observed as the Sabbath, Instead of the First Day; "According to the Commandment"* (Folheto Mostrando que o Sétimo Dia, e não o primeiro, é o Sábado Que Dever Ser Observado "Conforme o Mandamento").⁷⁷

No ano de 1845, o artigo que Preble publicou na *Hope of the Israel* é lido por José Bates, um dos mileritas-adventistas que havia passado pelo desapontamento e se tornou um dos co-fundadores da IASD.⁷⁸ Ao ler o artigo, Bates convenceu-se do sábado e decidiu publicar um folheto que tratasse do assunto. Publica em agosto, de 1846, o folheto intitulado *The Seventh Day Sabbath, a Perpetual Sign* (O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo). Este folheto contribuiu para que outros adventistas aceitassem a observância do sábado, entre os quais se destacavam Tiago e Ellen G. White.⁷⁹

Ao entrar em contato com O. R. L. Crosier, F. B. Hahn e Hiran Edson, Bates obteve conhecimento da doutrina do santuário, e agora, em seus escritos, ele procura relacionar os temas do santuário com o sábado e integrar ambas doutrinas com a interpretação profética das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12. Desta forma, nos escritos de Bates, estavam inseridos "em essência a plataforma do que viria a ser o núcleo da teologia adventista do sétimo dia".⁸⁰ Estas primeiras publicações sobre o sábado

⁷⁷ Idem, *Uma igreja mundial*, 37.

⁷⁸ Alberto Ronald Timm, *História da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 37.

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ George R. Knight, *Em busca de identidade*, 69.

foram fundamentais para formarem a teologia adventista sobre o quarto mandamento. Bates fazia com que as publicações fossem um meio para que a comunidade adventista conhecesse esses pontos doutrinários “Embora o testemunho pessoal de Bates tenha tido sua importância no desenvolvimento da mentalidade sabatista, seus livros foram ainda mais essenciais”.⁸¹

Ellen G. (Harmon) White, co-fundadora da IASD, nasceu em Gorham, Estado do Maine, em 26/11/1826.⁸² Após o desapontamento de 1844, precisamente em dezembro do mesmo ano, Ellen G. Harmon⁸³ recebeu sua primeira visão⁸⁴ que se seguiria de muitas outras as quais contribuíram para confirmar sobre Ellen o recebimento do dom profético conforme crêem os adventistas do sétimo dia.⁸⁵ Ellen G. White e seu esposo também fizeram uso das publicações para que o grupo de adventistas conhecesse e aceitasse as visões como manifestações do dom de profecia.⁸⁶

No início de seu ministério, Ellen White foi chamada por Deus para escrever as visões e as mensagens que Ele revelara. Devido a esta vocação, ela desenvolveu um

⁸¹ Ibid.

⁸² Ellen G. White, *Testemunhos para a igreja*, 1 vol. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 9.

⁸³ Este era o seu nome como solteira. Em 30/08/1846, ela casou-se com o Pr. Tiago White e passou assinar Ellen G. White. Ver Douglass, *Mensageira do Senhor*, 52.

⁸⁴ Ellen G. White, *Vida e ensinamentos*, 57-61.

⁸⁵ Rubens S. Lessa; Márcio D. Guarda; Rubem M. Scheffel (eds.), *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, trad. Hélio L. Grellmann, 7ª ed., (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 301-307.

⁸⁶ Richard W. Schwarz; Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día*, 69.

profícuo ministério como escritora, alcançando no final de sua vida um total com mais de cinco mil artigos escritos e cerca de cem mil páginas, incluindo cartas, manuscritos e livros, o equivalente a 25 milhões de palavras.⁸⁷

No fim da primavera de 1847, apareceu a primeira publicação conjunta de Tiago, Ellen White e José Bates, intitulada, *A Word to the "Little Flock"* (Uma Palavra Para o "Pequeno Rebanho"). Nesta obra incluía várias visões de Ellen, algumas considerações de Bates concernentes às visões, e interpretações de Tiago White sobre temas apocalípticos e acontecimentos relacionados à volta de Cristo.⁸⁸

A distribuição destas primeiras literaturas contribuiu grandemente para a formação inicial do corpo doutrinário dos adventistas sabatistas. Estes pioneiros não se limitaram apenas à pregação da mensagem pela voz, mas fizeram abundante uso da página impressa. Suas publicações serviram para convocar, informar e unir o grupo de crentes em torno da tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14: 6-12.⁸⁹

Em 1848, a distribuição de publicações seria o centro das atenções dentro do adventismo. Dick informa que em "22 de Outubro de 1848, numa reunião em Topsham, no Maine, os crentes [entre estes Tiago White e sua esposa] tornaram a impressão da mensagem assunto de oração".⁹⁰ Um mês depois da reunião, Ellen G. White recebeu uma

⁸⁷ Ver dados de Ellen G. White como escritora em Douglass, *Mensageira do Senhor*, 108-121.

⁸⁸ Richard W. Schwarz; Floyd Greenleaf, *Portadores de luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día*, 71.

⁸⁹ George R. Knight, *Uma igreja mundial*, 54.

⁹⁰ Everett N. Dick, *Fundadores da mensagem*, 123.

visão com um recado para o seu esposo: “Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo ao povo. Que seja pequeno a princípio; mas, lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo, e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo”.⁹¹

Em seguida, Tiago White começa a concentrar a sua atenção em preparar o primeiro periódico adventista chamado *The Present Truth* (A Verdade Presentte), lançado em Julho de 1849. Em Agosto de 1850, foi publicado outro periódico chamado *Adventist Review* (Revista Adventista) e em Novembro do mesmo ano, uniram-se os dois periódicos em um só, intitulado *Second Advent Review and Sabbath Herald* (Revista do Segundo Advento e Arauto do Sábado).⁹² Em 1852, Tiago White começou publicar um outro periódico mais direcionado aos jovens, intitulado *Youth's Instructor* (Instrutor da Juventude), e por esta publicação foi criado o departamento de Escola Sabatina.⁹³

No ano de 1880, George Albert King, jovem canadense convertido ao adventismo, estrutura o plano de vendas de literatura dentro da IASD. Na Conferência Geral de 1881, King solicita à administração da Igreja para que publicasse em um só volume os livros *Thoughts on Daniel* e *Thoughts on Revelation* (Pensamentos Sobre Daniel e Pensamentos Sobre Apocalipse) da autoria de Uriah Smith. King também recrutava membros da igreja para ingressarem na colportagem a fim de ajudá-lo nas vendas destes livros. Ele foi o primeiro colporteur da IASD, alcançando êxito desde o início do seu

⁹¹ Ellen G. White, *Vida e ensinos*, 128.

⁹² George R. Knight, *Uma igreja mundial*, 55, 56.

⁹³ *Ibid.*

trabalho.⁹⁴

Por que os pioneiros dispensaram tanta atenção à página impressa? Mais uma vez, o uso deste método serviu como uma “alavanca” para desenvolver e fortalecer o crescimento do adventismo do sétimo dia. Timm completa dizendo que “Essas publicações ajudaram a propagar a mensagem em lugares onde os fundadores do movimento adventista sabatista não podiam ir pessoalmente”.⁹⁵

Nestes exemplos, nota-se o trabalho conjunto do pregador/pastor com a colportagem. Os pioneiros tanto pregavam como colportavam. Eles não desvinculavam estes dois ministérios, pois sabiam que a página impressa daria “asas” à mensagem falada a fim de que essa alcançasse os lugares mais remotos.

É comum encontrar na literatura histórica da IASD exemplos de pastores pioneiros que usufruíram a força da imprensa e alcançaram excelentes resultados tanto para o crescimento de membros como para alcançar novos convertidos. Cita-se o Pastor Arthur G. Daniells que foi presidente da Associação Geral de 1901-1922. Ele fazia campanhas evangelísticas e motivava a igreja e seus alunos para promoverem o ministério de publicações no período destas campanhas.⁹⁶

Com o exemplo de Daniells, nota-se que os pioneiros prosseguiram com o mesmo método usado pelos reformadores e os mileritas, colocando o programa de

⁹⁴ Nicolas Chaij, *O Colportor de êxito*, 38-41.

⁹⁵ Alberto Ronald Timm, *O Santuário e as três mensagens angélicas*, 64.

⁹⁶ Leonard Masuku, “Uma Olhada Histórica no Ministério de Publicações”, *O Colportor Evangelista*, jan. – set., 2005, 9.

colportagem em companhia do ministério da pregação. Daniells também exemplifica o que Ellen White escreve sobre os pastores afirmando que esses são os mais qualificados para promoverem a obra da colportagem.⁹⁷ Tiago White também compartilhava deste mesmo pensamento, e para ele, uma das maneiras do pastor fazer esta promoção era realizar um trabalho conjunto: além de visitar as pessoas e orar com elas ele [o pastor] deveria fazer circular nossas publicações por onde quer que fosse.⁹⁸ Com este apoio, Tiago White acrescenta que o ministério de publicações “pode se tornar mais eficiente e receber um novo ímpeto pela cooperação calorosa de nossos ministros”.⁹⁹

A visão de Ellen G. White em 1848 mostrou que o ministério de publicações cresceria a tal ponto que espalharia a mensagem adventista em todo o mundo. Como exemplo da expansão do programa mundial de colportagem desenvolvido pela Igreja Adventista, destacam-se os números abaixo informados por Rubens S. Lessa.¹⁰⁰

Editoras	56
Escolas de Treinamentos de Colportores	17
Línguas usadas nas publicações	310

⁹⁷ Ellen G. White, *Testemunhos para a igreja*, vol., 1, 687.

⁹⁸ Felix Cores, “O Poder da Imprensa”, *O Colportor Evangelista*, out. – dez., 2000, 14.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ Rubens S. Lessa, ed. *Casa publicadora brasileira 100 anos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 7.

Línguas usadas em publicação e trabalho oral	803
Colportores de tempo integral	16.889
Colportores estudantes	4.579
Colportores de tempo parcial	6.559
Total de colportores	28.027
Líderes de publicações	1.117
Vendas no ano 2000	US\$113.218.544
Contatos em 2000 (orações, folhetos, estudos bíblicos).	8.769.575
Batismos pela influência da literatura	56.792

Os dados acima são referentes ao ano 2000, mas abaixo segue um relatório divulgado pela Associação Geral¹⁰¹ que apresenta o trabalho realizado pelo programa mundial de colportagem da IASD durante o quinquênio de 2000-2004.¹⁰²

Total de colportores	42.000
Livros distribuídos anualmente	16.500.000
Vendas	US\$350.000.000
Horas Trabalhadas	73.000.000
Livros distribuídos durante o quinquênio	Mais de 54.000.000

¹⁰¹ Órgão administrativo superior da IASD com sede em Silver Spring, MD–USA.

¹⁰² José Luis Campos, “Um Quinquênio de Milagres com Nossas Publicações: um exército de corajosas testemunhas para Cristo”, *O Colportor Evangelista*, jan. – set., 2005, 4.

Revistas e folhetos	Mais de 25.000.000
Pessoas matriculadas em cursos bíblicos	Cerca de 11.000.000
Estudos bíblicos dados pelos colportores	Mais de 5.000.000
Pessoas batizadas	392.467

A partir daquele simples começo na casa de Tiago White, quando foi impresso o primeiro periódico *The Present Truth*, a colportagem se desenvolveu servindo como método de vanguarda para a introdução do adventismo em vários países¹⁰³, inclusive no Brasil.

A Colportagem como pioneira do adventismo no Brasil

O Brasil hoje é considerado o país que possui o maior número de adventistas no mundo.¹⁰⁴ Admira-se a maneira como as instituições da Igreja crescem neste país. Há um expressivo número de escolas e internatos, a área médica é representada por hospitais e clínicas modernamente equipados e o número de membros cresce a cada dia. Apesar de existir regiões que não haja nenhuma presença adventista, de uma forma geral, nota-se o êxito que a Igreja está tendo neste país; porém, é interessante rever como foi o começo de tudo isto.

Por volta de 1878, um jovem alemão por sobrenome Buchard, comete alguns

¹⁰³ Nicolas Chaij, *O Colportor de êxito*, 26.

¹⁰⁴ Ruy H. Nagel, “Nossa Igreja cresce sob a influência do Espírito Santo: relatório da Divisão Sul-Americana publicado na *Adventist Review* por ocasião da 58ª Assembléia da Associação Geral em St. Louis”, *Revista Adventista*, julho de 2005, 10-12.

crimes no sul do país e foge de navio para a Alemanha. Durante a viagem, ele conversa com alguns missionários adventistas que se interessam em ajudá-lo. Buchard começa a estudar a Bíblia com eles e lhes dá o seu endereço aqui no Brasil para que sejam enviadas algumas literaturas à sua família. Foi assim que um pacote contendo dez revistas alemãs chegou a um mercado próximo à cidade de Brusque, Santa Catarina. Este mercado também servia como agência rural de correio e o seu dono era David Hort. O pacote foi aberto e as revistas eram a *Stime der Wahrheit* (A Voz da Verdade), que foram distribuídas pelo Srº Dreefke.¹⁰⁵

Outras publicações continuaram sendo enviadas ao Brasil, e entre os distribuidores estava um alcoólatra, que vendia as revistas para sustentar o seu vício; mais tarde, foi enviado um exemplar em alemão, intitulado, “Comentário Sobre o Livro de Daniel”. Guilherme Belz encontra este livro e o lê, aceitando logo em seguida a doutrina sobre o sábado com mais três famílias que totalizaram vinte e duas pessoas.¹⁰⁶

Foi somente em Maio de 1893 que pisa em solo brasileiro o primeiro colporteur adventista, Albert B. Stauffer. Após ele, imigra para o país mais colportores como Elwin Winthrop Snider, W. H. Thurston, Alberto e Frederico Burger e Augusto Brack.¹⁰⁷ Neste período, eles trabalharam com literatura alemã no sul do Brasil e alguns livros traduzidos do inglês para o português, mas somente em 1900, no Rio de Janeiro, foi impresso o

¹⁰⁵ Werner Mayr, “O Ministério de Publicações”, *O Colporteur Evangelista*, ab.-jun., 2000, 3.

¹⁰⁶ Michelson Borges, *A Chegada do Adventismo ao Brasil*, 2 ed. (Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 59-62. Ver também os capítulos 4-6.

¹⁰⁷ Débora C. A. Siqueira. “Desenvolvimento Cronológico da Colportagem no Brasil”, em *A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história*, ed. Alberto Ronald Timm, 137.

primeiro periódico em língua portuguesa, intitulado, “O Arauto da Verdade”, e em 1907, foi impresso o primeiro livro de colportagem: “A Vinda Gloriosa de Cristo”. Assim começou a impressão da literatura adventista no Brasil, marcando o início da Casa Publicadora Brasileira (CPB), editora dos Adventistas do Sétimo Dia.¹⁰⁸

Já passaram mais de cem anos, e durante este século se nota o êxito que a colportagem está tendo e a sua contribuição para o desenvolvimento do adventismo no país. As grandes instituições da Igreja no país como escolas, internatos, hospitais, casas de alimentos, são resultados daquele pacote que fora enviado em 1878 ao mercado-correio de David Hort.

A respeito dos primeiros colportores que pisaram no solo brasileiro, Wilson Sarli observa que “os pregadores da Palavra devem um tributo de gratidão a esses destemidos missionários da página impressa. Se a Igreja é o que é, hoje, na Divisão Sul-Americana, deve em grande parte àquelas sementinhas lançadas por humildes colportores-missionários”.¹⁰⁹

Por ocasião do seu centenário, a CPB (Casa Publicadora Brasileira), notificou os dez livros mais vendidos durante estes cem anos.¹¹⁰ Destacam-se os três primeiros, todos de autoria de Ellen G. White:

1º) Caminho a Cristo - o primeiro número saiu em 1908, intitulado, “Vereda de Cristo”, e no ano 2000 atingiu mais de 4,5 milhões de exemplares vendidos.

¹⁰⁸ Ibid.

¹⁰⁹ Wilson Sarli, “Colportagem: patrimônio histórico e espiritual da Igreja”, *Revista Adventista*, setembro, 1992, 16.

¹¹⁰ Rubens S. Lessa, “Marcos Editoriais”, *Revista Adventista*, abril, 2000, 14.

2º) O Grande Conflito – Lançado em 1921, e no ano 2000, chega à sua 35ª edição atingindo o número de 3.162.558 exemplares vendidos.

3º) Vida de Jesus – Sua primeira edição foi em 1910, chega em 2000 à sua 74ª edição, totalizando a quantia de 2.180.000 exemplares.

Para termos números mais exatos de todo o trabalho que a Casa Publicadora Brasileira realizou neste país, apresenta-se a relação abaixo da produção de livros durante o período de 1900-2000.¹¹¹

Períodos	Unidades Produzidas	Consumo de Papel
	Livros	Quilos
1900-1909	2.700	3.234
1910-1919	112.140	139.339
1920-1929	321.530	385.180
1930-1939	468.410	561.136
1940-1949	1.334.830	1.599.071
1950-1959	3.053.880	3.658.422
1960-1969	4.784.180	5.731.250
1970-1979	6.039.510	7.235.083
1980-1989	6.516.210	7.806.150
1990-1999	17.957.540	21.512.391
Total nos 100 Anos	40.590.930	48.626.257

¹¹¹ Idem, *Casa publicadora brasileira 100 anos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 138-139.

Lessa explica que a totalidade destes números soma 28 bilhões de páginas impressas em todo este período, se cada página fosse colocada uma ao lado da outra numa faixa de 25 cm de largura, resultaria em uma extensão de 5.600.000 km que equivale a cento e quarenta voltas ao redor da Terra.¹¹² É importante notar que estes dados se referem somente à Casa Publicadora Brasileira, sem incluir as outras editoras adventistas que estão em outros países.

Este resultado pode ser comparado ao que Ellen G. White disse ao seu esposo sobre o começo do trabalho com publicações: “Desde este pequeno começo foi me mostrado assemelhar-se a *torrentes de luz que circundavam o mundo*”.¹¹³

Assim vemos que a distribuição de literatura foi o método escolhido por Deus a fim de contribuir para o crescimento da Igreja e para o fortalecimento dos próprios membros do movimento.¹¹⁴

Conclusão parcial

Ao recapitular a história, começando desde os tempos bíblicos, passando pelo período que antecedeu a Reforma, no próprio exemplo dos reformadores, no movimento adventista pré e pós 1844 e no início do adventismo no Brasil, nota-se que a pregação do evangelho foi fortalecida com o ministério da página impressa. Por estes exemplos, temos um modelo de trabalho conjunto que pode ajudar o pastor em sua missão de conservar e

¹¹² Ibid., 179.

¹¹³ Ellen G. White, *O Colportor evangelista* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1983), 11. Itálico suprido.

¹¹⁴ Rubem Scheffel, “A Importância da Imprensa”, *Revista Adventista*, jan., 2006, 17.

fazer crescer o número de membros da sua congregação.

Devemos continuar usando o mesmo meio que tem dado força, poder e sucesso à mensagem adventista porque “a pregação e os livros são as duas pernas que permitem à Igreja avançar em direção à conquista do mundo para Cristo. Se faltar um desses elementos à Igreja, ela apresentar-se-á aleijada, incapaz de trazer vida completa à humanidade. Devemos pregar e disseminar a mensagem através da literatura”.¹¹⁵ E Ellen White acrescenta que “O setor de publicações de nossa causa tem muito que ver com o nosso poder”.¹¹⁶

¹¹⁵ R. A. Rodriguez, “O que Um Livro Pode Fazer”, *O Colportor Evangelista*, out.-dez., 2000,3.

¹¹⁶ Ellen G. White, *O Colportor evangelista*, 143.

CAPÍTULO II

A INTEGRAÇÃO ENTRE O PASTOR E O COLPORTOR NO CONTEXTO ATUAL DA IASD

O colportor ocupa uma elevada posição no cumprimento da missão evangelística da Igreja Adventista. Para realçar este conceito, Ellen G. White assevera que “O colportor inteligente, temente a Deus e amante da verdade, deve ser respeitado; porque ele ocupa uma posição *igual a do ministro evangélico*”.¹¹⁶ Mas em que aspectos se pode ver esta igualdade? Podemos encontrar semelhanças no trabalho de ambos obreiros?

O presente capítulo tem como objetivo responder estas perguntas, comparando a função do ministro às atividades do colportor, e mostrando como pode haver entre os dois um trabalho recíproco para a manutenção espiritual da Igreja em seu contexto atual e para a pregação do evangelho como foi exemplificado no capítulo anterior.

O chamado

Assim como nos tempos bíblicos, Deus ainda escolhe pessoas para trabalhos especiais em Sua obra, essas pessoas são comissionadas e capacitadas por Deus para

¹¹⁶Ellen G. White, *Testemunhos seletos*, Vol. 2 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 540. Itálico suprido.

cumprirem o que lhes foi designado.¹¹⁷

Aqueles que entram no pastorado devem ter a convicção que foram chamados por Deus. Esta certeza é importante para que sustente o ministro diante dos desafios e problemas que podem ocorrer na vida da igreja.¹¹⁸ Conforme Erwin Lutzer, esta certeza deve ser confirmada pela Palavra de Deus e pela igreja.¹¹⁹ Fisher também concorda que a vocação interior deve estar acompanhada da vocação exterior que é adquirida pela aprovação favorável da igreja para com o ministro,¹²⁰ portanto, aquele que escolhe o pastorado deve entender que “O ministério não é simplesmente uma profissão; é um chamado. Não é por um tempo até que apareça outra ocupação mais atraente ou conveniente, mas ao contrário disso, é uma ocupação para toda a vida”.¹²¹

Da mesma maneira como no pastorado, aqueles que ingressam na colportagem devem responder ao mesmo chamado. “Deus convida a obreiros de cada igreja entre nós, para que entrem em Seu serviço como colportores-evangelistas”.¹²²

¹¹⁷ Donald T. Turner. *A Prática do pastorado*, 12 ed. (São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1989), 18-19.

¹¹⁸ David Fisher, *O Pastor do século 21: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio*, trad. Yolanda Mirsda Krieven (São Paulo, SP: Vida, 2001), 117-118.

¹¹⁹ Erwin Lutzer, *De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério*, trad. Josué Ribeiro (São Paulo, SP: Vida, 2000), 14.

¹²⁰ David Fisher, *O Pastor do século 21*, 120.

¹²¹ *Regulamentos eclesiásticos-administrativos* (Brasília-GO: Divisão Sul-Americana da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2002), 376.

¹²² Ellen G. White, *O Colportor evangelista*, 26. O mesmo convite é repetido nas páginas 25, 27, 119 e 130.

Três características foram classificadas que identificam o chamado para o pastorado: 1) convicção interior que é 2) confirmada pela Bíblia e pela 3) aprovação da igreja. Estas mesmas características devem ser vistas naqueles que ingressam na colportagem. O colporteur precisa ter convicção de que está cumprindo exatamente a missão que Deus quer que ele faça, ¹²³ esta certeza impedirá que ele se desvie do seu ministério para outros ramos de trabalho, ¹²⁴ assim como o pastor também não pode se desviar do seu posto. ¹²⁵

Esta certeza acompanha o colporteur, fazendo com que ele desenvolva o seu ministério com entusiasmo e dedicação mesmo diante dos obstáculos. “O ministério de publicações é mais do que uma profissão. É um ministério vocacional de Deus. O colporteur evangelista é uma pessoa chamada pelo próprio Deus para sair e abrir as portas do céu para todas as almas”. ¹²⁶ Campos acrescenta que “Cada colporteur deve estar consciente de que é um ministro de Deus”. ¹²⁷

Giácomo Molina explica que esta certeza pode ser definida como um impulso intenso que não deixa a pessoa em paz enquanto ela não atende ao chamado. A pessoa é fortemente impressionada pelo desejo de evangelizar, então ela “vê na colportagem a

¹²³ Ibid., 61.

¹²⁴ Ibid., 20, 28.

¹²⁵ *Regulamentos eclesiásticos-administrativos*, 376.

¹²⁶ José L. Campos, “Alcançando o sucesso: colportando”, *O Colporteur Evangelista*, ab-jun., 2003, 13.

¹²⁷ Idem. “Líder de publicações avalia a colportagem no Brasil”, *Revista Adventista*, maio, 1993, 16.

concretização desse desejo e se apresenta para o trabalho”.¹²⁸ Molina acrescenta que esta convicção é despertada e confirmada pelo estudo da Bíblia e pela indicação dos membros da igreja, que vêem na pessoa características promissoras para o ramo da colportagem.¹²⁹

A missão

O serviço pastoral compreende várias atividades entre pregar, visitar, administrar, aconselhar e corrigir a igreja.¹³⁰ O pastor “Deve ser o diretor e conselheiro espiritual da igreja. Compete-lhe instruir os oficiais da igreja em seus deveres, e com eles planejar todos os ramos do trabalho e atividades da igreja”.¹³¹ E sendo um ministro ordenado, ele está capacitado para dirigir todos os ritos e cerimônias da igreja.¹³²

Mas entre as diversas atividades pastorais, destaca-se a pregação e a visitação. A primeira é essencial dentro do programa do pastor¹³³ e é uma das maiores exigências em

¹²⁸ Giácomo Molina, *Como folhas de outono; memórias e reflexões de um colporteur bem-sucedido* (São Paulo – SP: Editora Universitária Adventista – Eduna, 1997), 17.

¹²⁹ *Ibid.*, 18-19.

¹³⁰ Orley M. Berg, “O Programa Diário do Pastor”, *O Ministério*, jul-ag., 1990, 30.

¹³¹ *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 14 ed., trad. Naor G. Conrado (Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 139.

¹³² *Ibid.*, 138.

¹³³ José Carlos Ramos, “A dimensão pastoral da pregação”, *Ministério*, julho-agosto, 2000, 11.

seu ministério.¹³⁴ E a visitação é o que torna a pregação eficaz, assim observa Berg “O tempo despendido nos lares do povo é de vital importância, se deseja que a pregação seja eficaz. Pregação eficaz e fiel pastoreio do rebanho são dois elementos indispensáveis na atividade do ministério. Da mesma forma como deve o programa prover tempo suficiente para o sermão, deve-o para a visitação”.¹³⁵

Um dos temas que o ministro adventista deve se deter em sua pregação é a apresentação da mensagem do terceiro anjo acompanhada das outras mensagens que a antecedem.¹³⁶ Tal tema compõe o quadro de assuntos doutrinários e proféticos da IASD e devem ser apresentados pelo ministro com o objetivo de preparar as pessoas para o clímax escatológico da segunda vinda de Cristo.¹³⁷

Mas a pregação do pastor só terá significado e prosseguimento se ele visitar os membros, atendendo-os de uma forma mais pessoal e trabalhando com os que foram despertados para o evangelho.¹³⁸ Ellen White observa que não só a pregação, mas também a visitação “de casa em casa constitui uma importante parte do trabalho do pastor”.¹³⁹

¹³⁴ Kittim Silva, *De pastor a pastor: como melhorar seu ministério pastoral* (São Paulo – SP: Vida, 1995), 7.

¹³⁵ Orley M. Berg, “O Programa Diário do Pastor”, *O Ministério*, 30.

¹³⁶ Ellen G. White, *Conselhos sobre escola sabatina*, 3 ed. (Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 131.

¹³⁷ Idem, *Obreiros evangélicos*, 5 ed. (Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 148.

¹³⁸ Idem, *Evangelismo*, 3 ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 437-438.

¹³⁹ Idem, *Testemunhos para a igreja*, Vol. 2 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 338.

Estas duas importantes atividades do ministro são vistas também no trabalho do colporteur – este tanto prega o evangelho como visita. Sua pregação é feita através da distribuição de literatura, pois “distribuindo as publicações, o colporteur está evangelizando da mesma forma e com os mesmos méritos daquele que faz evangelismo público ou que *prega através do púlpito*”.¹⁴⁰

Como pregador da mensagem, o colporteur é chamado de “mensageiro silencioso”¹⁴¹, pois a forma dele cumprir a sua missão como pregador é deixando que os livros falem por ele nos lares das pessoas. O conteúdo da mensagem destes livros é o mesmo que o da pregação do pastor¹⁴², e quando este conteúdo religioso é enfatizado nos livros, nota-se um aumento na distribuição dos mesmos como consequência do interesse do público.¹⁴³

Os colportores também desenvolvem um programa de visitação aos lares, pois é desta forma que eles encontram pessoas interessadas em suas literaturas, “Ao entrardes nos lares de vossos vizinhos para lhes vender ou dar nossa literatura... sereis acompanhados pela luz do céu”.¹⁴⁴ Estas pessoas podem ser visitadas várias vezes pelo mesmo colporteur

¹⁴⁰ Wilson Sarli, *Colportagem o que é?: objetivos e algumas dicas*, 56. Itálico suprido.

¹⁴¹ Ellen G. White, *O Colporteur evangelista*, 17.

¹⁴² O conteúdo da literatura que é distribuída pelos colportores tem como objetivo principal preparar as pessoas para o advento de Cristo através da proclamação da tríplice mensagem angélica, principalmente com a distribuição do livro *O Grande Conflito* de autoria de Ellen G. White. Ver White, *O Colporteur Evangelista*, 12-13, 122-126.

¹⁴³ José L. Campos, “Editorial”, *O Colporteur Evangelista*, jul.-set., 2002, 2.

¹⁴⁴ Ellen G. White, *O Colporteur evangelista*, 88.

sempre quando houver interesse de mais literaturas ou quando estas visitas forem seguidas de estudos bíblicos. Assim, o colportor pode encaminhar pessoas para a igreja, prestando este tipo de atendimento aos seus clientes. “Quando o colportor visita as pessoas em seus lares, muitas vezes terá oportunidade de ler partes da Bíblia ou dos livros que ensinam a verdade. Quando ele descobre aqueles que estão buscando a verdade, pode realizar estudos bíblicos com eles. Esses estudos bíblicos são justamente o que o povo necessita.”¹⁴⁵

O apoio

Pastores e colportores devem procurar meios para trabalharem juntos a fim de promoverem o crescimento da igreja. Este crescimento foi exemplificado no capítulo anterior por movimentos históricos que fizeram uso da página impressa e tiveram resultados expressivos no aumento do número dos membros. Esta cooperação entre a página impressa e a pregação é expressa nas palavras de Ellen G. White:

Fui instruída de que mesmo onde o povo ouve a mensagem do pregador vivo, o colportor deve continuar sua obra em cooperação com o pastor; porque ainda que o ministro apresente fielmente a mensagem, o povo não é capaz de retê-la totalmente... As publicações farão muito maior obra iluminando e confirmando pessoas na verdade do que a que pode ser cumprida unicamente pelo ministério da Palavra. Os silenciosos mensageiros que são colocados nos lares pelo trabalho do colportor fortalecerão o ministério evangélico em todo sentido; porque o Espírito Santo impressionará a mente dos que lerem os livros, do mesmo modo que o faz à mente dos que ouvem a pregação da Palavra.¹⁴⁶

Como este exemplo de integração pode ser usado atualmente? Sendo usado, quais são os resultados que podem ser obtidos? Os exemplos citados abaixo responderão

¹⁴⁵ Idem, *Testemunhos para a igreja*, vol. 6 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 324.

¹⁴⁶ Ibid., 315-316.

estas perguntas.

Na Associação da IASD do Texas, Estados Unidos, o diretor de publicações Eddie Canales implantou um plano de trabalho denominado “Programa de Três Fases: semear, cultivar e colher”. Na primeira fase é organizada uma equipe de colportores para trabalhar em um local próximo a alguma Igreja Adventista da cidade. Além de oferecerem os livros, os colportores inscrevem interessados nos cursos bíblicos que serão ministrados aos sábados; na segunda fase, os colportores levam os membros da igreja a acompanhá-los nas visitas destes interessados a fim de que eles (os membros) prossigam com os estudos bíblicos; na terceira fase, o pastor da igreja local realiza uma série evangelística e os interessados que estão recebendo os estudos são convidados a comparecerem nas reuniões. Este método foi aplicado na Igreja da cidade de McAllen, no Texas. Os colportores inscreveram 120 pessoas nos estudos bíblicos, destes 120, 70 continuaram estudando a Bíblia com os membros. Destes 70, 55-60 compareceram às reuniões, e no final da conferência foram batizadas 40 pessoas. Este resultado foi um esforço conjunto dos colportores, dos membros da igreja e do pastor.¹⁴⁷

O mesmo modelo foi aplicado na República Dominicana. Para lá foi enviado o colportor José Rafael Gomes, que iniciou o seu trabalho na cidade chamada Constanza, uma cidade de cinco mil habitantes com nenhuma presença adventista. Gomez começou vender os livros e reuniu um grupo de interessados para reuniões de estudos bíblicos. Como resultado destes esforços foi estabelecida uma congregação de 35 pessoas, das quais 10

¹⁴⁷ Eddie Canales, “Trabalhando em Cooperação com o Pastor”, *O Colportor Evangelista*, out. – dez., 1995, 15.

inicialmente foram batizadas. O trabalho foi prosseguido por uma conferência realizada pelo pastor Dante Gil.¹⁴⁸

Para comemorar o 150º aniversário de publicações da Igreja Adventista, foi realizada uma série evangelística em Nairobi, Quênia. Esta série começou a ser realizada no dia 01 de Agosto de 1999, porém, quatro meses antes, um grupo de 215 colportores foi designado para trabalhar no local, visitando e distribuindo literaturas para as pessoas que seriam convidadas para a série. Como resultado deste trabalho, no dia 27 de Dezembro, foram batizadas 3.393 pessoas.¹⁴⁹

Outra série foi realizada na Uganda, África. Desta vez as palestras ocorreram em diferentes regiões do país. Nesta campanha evangelística, 56 colportores participaram visitando as pessoas juntamente com os membros da Igreja para distribuírem um curso bíblico preparado especialmente para este evento. Além deste programa de visitação, os colportores podiam expor os seus livros a cada noite após as reuniões. Deste trabalho, totalizaram 10.173 pessoas batizadas, e ainda um grande número de interessados continuaram estudando a Bíblia sendo preparadas para o próximo batismo.¹⁵⁰

No Camboja, havia dificuldades para fazer com que a Igreja Adventista crescesse. É um país extremamente pobre e muito supersticioso, a religião predominante é o budismo, que totaliza 90% da população. Algumas tentativas de expansão foram feitas

¹⁴⁸ Rubens S. Lessa, “Literatura abre portas na Republica Dominicana”, *Revista Adventista*, maio, 1993, 30.

¹⁴⁹ Ronald E. Appenzeller, “Campanha em Nairobi batiza mais de 3000!”, *O Colportor Evangelista*, ab.-jun., 2000, 16.

¹⁵⁰ Witson Mwamakamba, “Quando o povo de Deus se reúne”, *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2001, 6-8.

pela sede da Igreja local, mas não houve possibilidades de prosseguir. Até que no mês de Maio, ano 2000, foi idealizado um plano de evangelização através da colportagem. Primeiramente foram escolhidos três membros da Igreja para serem líderes de colportagem, uniu-se a estes o pastor da Igreja local, Hang Dara. Após o treinamento e a formação desta liderança, foram recrutados e treinados mais outros membros que resultou na primeira equipe de 15 colportores. Um ano depois, esta equipe já compunha o número de 49 integrantes, e durante este período eles levaram ao batismo 49 pessoas, resultado direto da colportagem. Além desses novos membros, 145 pessoas estão freqüentando a Igreja a cada sábado. Agora, a Igreja Adventista de Phnom Penh está pequena para acomodar o número crescente de membros.¹⁵¹

O mesmo método foi usado pelo pastor Richard Elofer, pastor geral da Igreja Adventista em Israel. Quando ele iniciou o seu trabalho naquela região, havia apenas 250 membros. Para fazer com que a Igreja crescesse, ele adicionou ao seu programa de evangelismo a distribuição de literatura. Ele trouxe de Gana um colportor evangelista que começou a vender com crescente êxito às diversas etnias espalhadas dentro do território de Israel. E para atender o povo judeu com literatura hebraica, foram envidados esforços para o início da primeira casa publicadora no país chamada Casa Publicadora Amor e Paz. Como resultado, de 250 membros no seu início, a Igreja Adventista em Israel conta com 1500 membros, 30 igrejas e grupos que são liderados por 13 pastores.¹⁵²

¹⁵¹ Abraham J. Oberholster, “Uma Combinação vencedora no Camboja”, *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2002, 14.

¹⁵² José L. Campos, “O Crescimento da Igreja em Israel: a conexão colportor evangelista”, *O Colportor Evangelista*, out.-dez., 2003, 7.

A Igreja Adventista mantém um programa de evangelismo mundial denominado “Missão Global”. Este programa envolve a Igreja inteira no estabelecimento de novas congregações em áreas ainda não penetradas. Para isto, os membros são convidados a servirem como “Pioneiros da Missão Global”, cuja missão é servirem à Igreja pelo menos durante um ano para abrirem uma nova congregação ou fortalecerem um pequeno grupo que precisa aumentar o seu número de membros.¹⁵³

Neste projeto, a colportagem ocupa uma posição indispensável, porque muitos destes pioneiros adotam este método para começarem o trabalho nas áreas ainda não penetradas. O Departamento de Publicações da Associação Geral votou o desenvolvimento de uma nova categoria de colportor denominado “Colportor Evangelista Missão Global”, o qual atenderá as áreas onde ainda não foi estabelecida uma Igreja Adventista.¹⁵⁴

Na Espanha, estabeleceu-se uma equipe de colportagem especializada que recebeu o nome de *AVANZADA* – “aqueles que abrem o caminho”. Esta equipe se estabelece em uma cidade onde não há presença adventista, estes colportores trabalham combinando as vendas das literaturas com estudos bíblicos.¹⁵⁵

No Brasil, não só os colportores, mas todos os membros batizados podem

¹⁵³ Michael Ryan, “Ministério da Colportagem e Missão Global”, *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 1997, 10.

¹⁵⁴ José L. Campos, “Reunião Mundial de Planejamento de Publicações da Associação Geral: 19-23 de março de 2001, Silver Spring, Marland”, *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2001, 13.

¹⁵⁵ Carlos Puyol, “Pioneiros na Espanha”, *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 1993, 16-17.

participar do programa da Missão Global usando as publicações.¹⁵⁶ A Divisão Sul-Americana¹⁵⁷ em parceria com a Casa Publicadora Brasileira lançou em 1993 a revista missionária chamada *Decisão*. Esta revista fora lançada para o cumprimento do projeto da Missão Global a fim “de um modo mais ágil e mais econômico alcançar todas as pessoas individualmente, através de cada membro da igreja e da colportagem”.¹⁵⁸ Em 1996, esta experiência foi repetida com o lançamento de outra revista missionária intitulada *Paz na Tempestade*. Desta vez, o método era envolver todos os departamentos da Igreja na distribuição da revista.¹⁵⁹ Este exemplo é consoante ao que Ellen G. White escreveu da participação não só do colportor, mas também dos membros na distribuição de literatura “A igreja deve dispensar sua atenção à obra da colportagem”.¹⁶⁰

Um líder presbiteriano escreveu sobre a consideração que a Igreja Adventista deve dispensar para com a colportagem:

Imagino o que aconteceria se a Igreja Adventista do Sétimo Dia canalizasse todos os seus recursos para encorajar cada membro a tornar-se um colportor evangelista. Imagine, por exemplo, o efeito sobre toda a igreja se uma das mais altas e mais apoiadas prioridades fosse recrutar e treinar seus estudantes de

¹⁵⁶ Osvaldino Bonfim, “A mensagem impressa perdura: a colportagem nasceu na mente de Deus e vencerá os obstáculos do momento”, *Revista Adventista*, janeiro, 1993, 4.

¹⁵⁷ Órgão administrativo da IASD na América do Sul.

¹⁵⁸ Rubens S. Lessa, “Nova *Decisão* Missionária: literatura na mão da Igreja”, *Revista Adventista*, abril, 1993, 14.

¹⁵⁹ Idem, “Paz na Tempestade: uma revista para evangelizar o Brasil”, *Revista Adventista*, ago., 1996, 10-11. Neste artigo, o Pr. Henrique Berg que era diretor da Missão Global na Divisão Sul Americana afirmou que a “Paz na Tempestade é um instrumento formidável para pavimentar o caminho a fim de que a igreja chegue a todas as localidades onde ela ainda não está presente”, 11.

¹⁶⁰ Ellen G. White, *O Colportor evangelista*, 16.

faculdade para carreiras profissionais na colportagem evangelística. Considerando o impacto e o resultado a longo prazo, não haveria ataque de mídia que pudesse igualar-se.¹⁶¹

Na sede administrativa da Igreja Adventista em Mato Grosso, todo ano é reservado um período para que os pastores se envolvam em uma campanha evangelística com publicações. No ano de 1996, do dia 17 a 26 de Junho, dez pastores se alojaram na cidade de Sorriso para iniciarem este trabalho. Além de visitarem as pessoas durante o dia e oferecerem os livros, todas as noites eles realizavam reuniões evangelísticas. Como resultado desta campanha, um número expressivo de livros foi entregue as diversas famílias e 54 inscrições para cursos bíblicos foram passadas às mãos do pastor local, Roberto Horta.¹⁶²

Neste último exemplo nota-se os pastores participando como colportores. Isto é endossado por Ellen G. White ao escrever que “O pastor-evangelista que se empenha na colportagem está realizando um serviço tão importante quanto a pregação do evangelho perante a congregação a cada sábado”.¹⁶³ E ao se empenhar na colportagem, o ministro não é rebaixado de sua posição, pois ele segue o mesmo método de trabalho que era usado pelo apóstolo Paulo em visitar as pessoas de casa em casa a fim de levar a mensagem evangélica.¹⁶⁴

James Cress salienta que os pastores devem apoiar o trabalho dos colportores,

¹⁶¹ Ronald E. Appenzeller, “Carta ao Redator: o colportor evangelista sob a perspectiva do observador”, *O Colportor Evangelista*, jan.-mar., 1997, 10.

¹⁶² Wilson Sarli, “Necessidades, desejos, problemas”, *Revista Adventista*, março, 1997,35. Ver entrevista com o Pr. Paulo Korkischko no apêndice 2.

¹⁶³ Ellen G. White, *O Colportor evangelista*, 47.

¹⁶⁴ Idem, *Testemunhos para a igreja*, vol. 6, 321-322.

pois estes “servem como assistentes pastorais para tornar a igreja inteira eficiente”.¹⁶⁵

Appenzeller reforça esta idéia respondendo “que o pastor deve considerar o trabalho do colportor como uma extensão de seu ministério; deve ver o colportor como seu assistente, como alguém que está despertando o interesse das pessoas na mensagem”.¹⁶⁶

Cress também sugere algumas maneiras para que o ministro faça o trabalho do colportor mais produtivo: o pastor pode recrutar pessoas qualificadas do seu distrito para a colportagem; separar um tempo do seu trabalho para orar com o colportor; recomendar o colportor às pessoas que estão precisando de alguma literatura e encorajar os membros da igreja a adquirirem a literatura do colportor.¹⁶⁷

Conclusão parcial

Neste capítulo foram destacados três aspectos de semelhança entre o pastor e o colportor: o chamado, a missão e o apoio recíproco que deve haver entre ambos. No chamado, tanto o pastor como o colportor recebem a mesma incumbência divina para o serviço. Entre as diversas atividades do pastor destacamos a pregação e a visitação que também são exercidas pelo colportor. Este também visita as famílias em seus lares e prega

¹⁶⁵ James Cress, “Eu Acredito no Ministério da Colportagem”, *O Colportor Evangelista*, ab.-jun., 1996, 2-3. Cress é o Secretário Ministerial da Associação Geral e neste artigo ele relata que “não gosta de começar uma série evangelística em uma cidade sem que uma equipe de colportores passe ali antes de mim com literatura”, 2.

¹⁶⁶ Ronald E. Appenzeller, “Obra de Publicações: desafios e metas”, *Revista Adventista*, agosto, 1994, 5.

¹⁶⁷ James Cress, *O Colportor Evangelista*, ab.-jun., 1996, 2-3.

através da literatura que distribui. E entre os dois ministérios existe um recíproco apoio no trabalho, pois a pregação do pastor pode ser fortalecida com a participação do colportor na distribuição de literatura.

Pastor e colportor, ambos foram escolhidos para transmitirem a mesma mensagem; um, através da voz, o outro, através da página impressa. A mesma aprovação Deus dispensa para ambos ministérios a fim de que cumpram a missão que lhes foi designada,¹⁶⁸ e o “mesmo ministério de anjos que auxilia a obra do pastor, acompanha os livros que contém a verdade”.¹⁶⁹

Os exemplos demonstram que este mesmo sistema integrado entre o ministério pastoral e o ministério da colportagem são eficientes para o cumprimento dos dois principais propósitos do Departamento de Publicações: alcançar os que ainda não conhecem a mensagem evangélica e fortalecer a fé dos membros da igreja.¹⁷⁰

¹⁶⁸ Ellen G. White, *O Colportor evangelista*, 47.

¹⁶⁹ *Ibid.*, 97-98.

¹⁷⁰ Almir Maroni, “Divisão Sul Americana: alimentando o rebanho”, *O Colportor Evangelista*, jan.-set., 2005, 29.

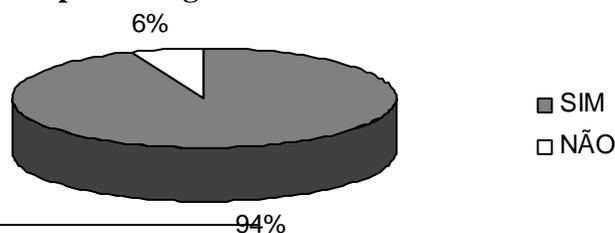
CAPÍTULO III

PESQUISA DE CAMPO COM OS ALUNOS DE TEOLOGIA NO ENVOLVIMENTO DA COLPORTAGEM

No capítulo anterior, foi descrito a reciprocidade que pode haver entre o pastor e o colportor e como o primeiro pode usufruir do Ministério de Publicações para o crescimento da sua igreja e para cumprir o seu programa evangelístico.

O objetivo deste capítulo é analisar o nível de participação dos futuros pastores na colportagem evangelística, para isso, se procurou identificar algum fator positivo ou negativo, com base na experiência que os alunos de teologia obtêm no período estudantil como colportores estudantes. Esta pesquisa foi aplicada no dia 24/05/06 e participaram 240 alunos do curso de teologia do UNASP - EC.¹⁷¹

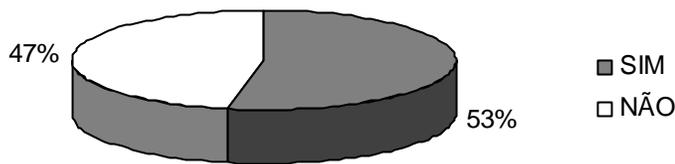
1) Você já colportou alguma vez?



¹⁷¹ O curso de Teologia, segundo estudos administrativos patrocinados pela União Central Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia, através de sua reitoria, será transformado em Faculdade de Teologia. Levando em consideração essa perspectiva do estabelecimento da Faculdade Adventista de Teologia, usaremos a sigla FAT para nos referirmos ao curso de teologia. Veja no apêndice 1 o questionário aplicado para colher os dados dessa pesquisa.

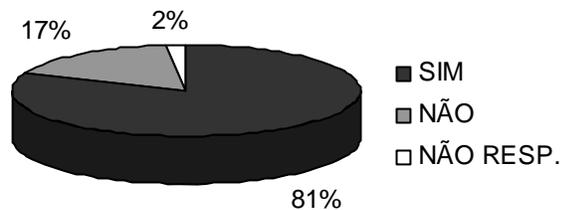
Dos 240 alunos que responderam a primeira pergunta, 94% já colportaram ou ainda colportam no período em que estão de férias da faculdade. Outros 6% nunca colportaram.

2) Você depende da colportagem para os seus estudos?



Estas duas perguntas iniciais demonstram que a colportagem é um programa participativo na FAT e determinante para que mais da metade dos alunos (53%) continuem mantendo os seus estudos.

3) Você já passou por alguma decepção na colportagem?

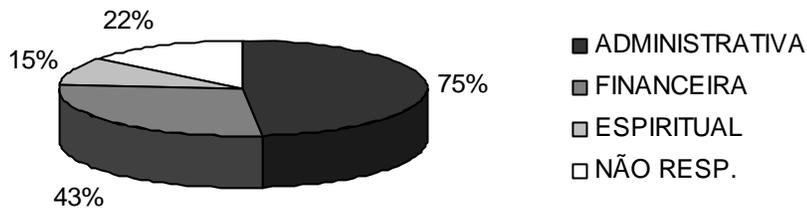


A resposta revela que 81% dos estudantes já vivenciaram algum tipo de decepção e 17% nunca passaram por este tipo de experiência, e os que optaram em não responder foram 2%.

As próximas perguntas foram direcionadas somente ao grupo que já passou por alguma decepção na colportagem. O objetivo é verificar se esta experiência influenciará o

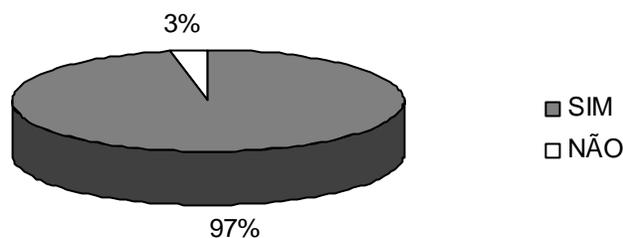
interesse do aluno em incluir a colportagem como plano de trabalho em seu ministério pastoral.

4) Esta decepção foi de ordem administrativa, financeira ou espiritual?



Nesta pergunta, os alunos puderam assinalar mais de uma opção. A opção com mais porcentagem foi na área administrativa (75%). Em segundo lugar na área financeira (43%). Em resposta a esta questão, 15% tiveram alguma decepção espiritual relacionada a algum problema pessoal que dificultou o seu desenvolvimento no trabalho. Um percentual de 22% escolheu não responder.

5) Você acha que a colportagem contribui para a sua formação pastoral?



Aqui se constata que 97% dos que responderam à pesquisa acreditam que a colportagem contribui de alguma maneira na sua formação pastoral, contra 3% que escolheram como resposta, não. Isso significa que, mesmo ao passarem por alguma

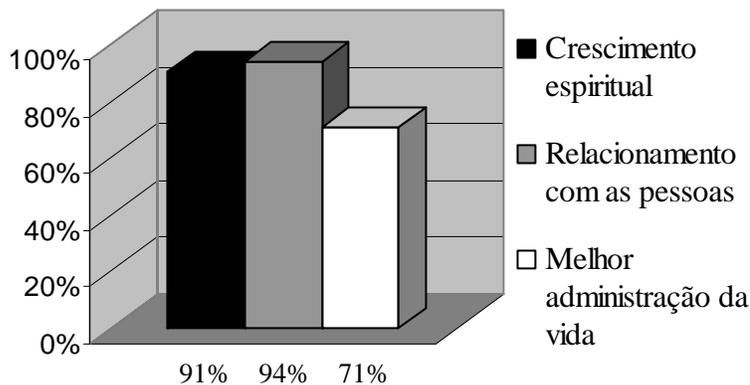
experiência negativa, a maioria dos alunos de teologia acredita que a colportagem é um dos métodos apropriados para o preparo de um pastor.

6) Em quais aspectos a colportagem mais contribui?

A) Crescimento espiritual ();

B) Relacionamento com as pessoas ();

C) Melhor administração da vida ().



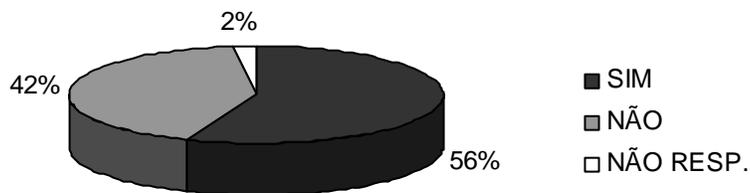
Nesta questão, os alunos também puderam assinalar mais de uma alternativa. A mais assinalada foi a letra *b* (94%), em seguida a letra *a* (91%) e depois a letra *c* (71%).

Conforme os resultados da letra *b* observa-se que na colportagem os futuros pastores conseguem superar vários obstáculos pessoais ajudando-os a se relacionarem melhor. Isto é indispensável para o pastor já que ele ocupa uma posição totalmente sociável por trabalhar em contato contínuo e direto com as pessoas. Esperava-se que a posição *a* fosse superior ou igualasse à posição *b*, mas se percebe um percentual quase igual entre as duas opções com uma diferença de apenas 3%.

6) Você é favorável que no curso de teologia haja uma disciplina sobre o Ministério de Publicações?

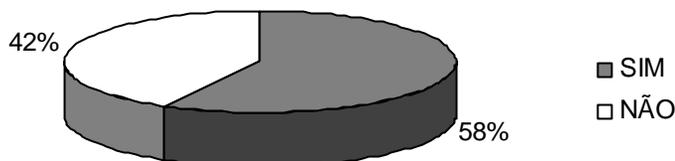
Esta pergunta propõe uma disciplina sobre o Ministério de Publicações no programa acadêmico do curso de teologia para que os alunos obtenham uma visão mais ampla da filosofia teológica deste ministério. Desta vez, a pergunta foi dirigida para todos os que responderam à pesquisa no total de 240 alunos (gráfico A), e depois dirigida aos que já passaram por alguma decepção como colportores estudantes (gráfico B). A pergunta foi dirigida aos dois grupos para certificar se a opinião era comum entre ambos independente da experiência que eles obtiveram ao colportarem.

Gráfico A – inclui todos.



No gráfico A temos 56% que são favoráveis à inclusão desta disciplina, contra 42% não favoráveis e 2% que não opinaram.

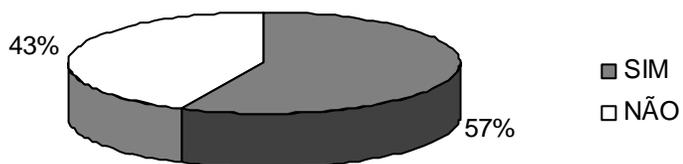
Gráfico B – os que passaram por experiências negativas.



No gráfico B temos 58% favoráveis à inclusão desta disciplina, contra 42% não favoráveis. Em ambos os gráficos nota-se que mais da metade dos estudantes de teologia

são receptivos à idéia de implantar uma matéria relacionada à colportagem no currículo acadêmico do curso.

7) Em seu futuro ministério, com a autorização do campo, você colportará por algum tempo?



Concentrando-se no grupo que passou por alguma decepção na colportagem, perguntamos se em algum momento do ministério eles separarão algum tempo para colportar tendo a autorização da respectiva administração local onde trabalharão. Os que responderam sim foram 57% e os que optaram pelo não foram 43%.

O fato de o estudante de teologia ter obtido êxito na colportagem não garante que ele separará algum tempo do seu ministério para colportar. Embora ele possa apoiar a colportagem e considerá-la necessária para o avançamento da obra, isto não indica que ele venha incluí-la em seu programa de trabalho. Diante disso resolvemos comparar duas perguntas da pesquisa que revelam esta posição dupla do estudante em participar da colportagem em seu período estudantil e não manifestar nenhuma participação quando estiver exercendo o pastorado.

A comparação foi feita nos seguintes gráficos usando os resultados obtidos das perguntas 5 e 7:

Gráfico 1. Pergunta 5. Você acha que a colportagem contribui para a sua formação pastoral?

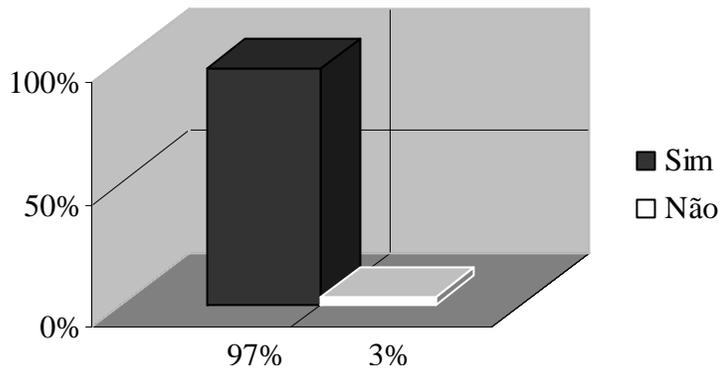
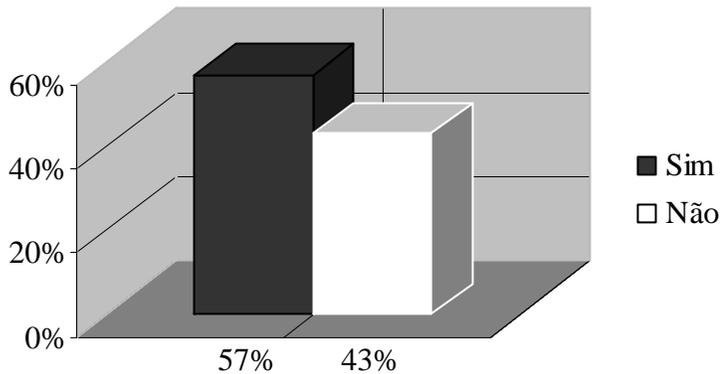


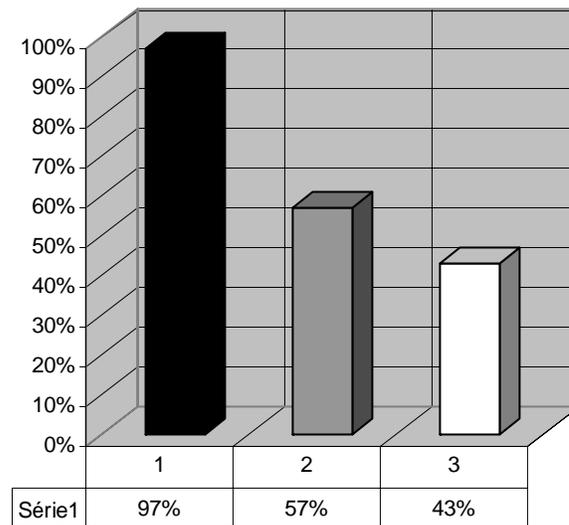
Gráfico 2. Pergunta 7. Em seu futuro ministério, com a autorização do campo, você colportará por algum tempo?



Na questão número 5 que está representada pelo primeiro gráfico 1, perguntamos aos alunos se a colportagem contribui para a sua formação pastoral, 97% responderam sim e 3% responderam não.

Na pergunta número 7 que está representada pelo gráfico 2, perguntamos se no ministério pastoral estes mesmos alunos separarão algum tempo para colportar tendo a autorização da administração local. Em resposta à pergunta 57% responderam sim e 43% não.

Comparando estes resultados, nota-se uma diferença de 40% entre aqueles que acreditam que a colportagem contribui para a sua formação pastoral (97% no gráfico 1) e aqueles que no pastorado dedicarão algum tempo para a colportagem (57% no gráfico 2). Esta diferença de 40% é adicionada ao grupo de 3% que não acredita na contribuição da colportagem (Gráfico 1) e resultando no grupo de 43% da pergunta de número 7 (Gráfico 2). Estes 43 % representam os futuros pastores que em nenhum momento do seu ministério participarão da colportagem. Assim, temos o seguinte gráfico:



Dos alunos de teologia que já passaram por alguma experiência negativa:

1) 97% acreditam que a colportagem contribui para a formação pastoral;

Destes 97%:

2) 57% incluirão a colportagem em seu programa ministerial;

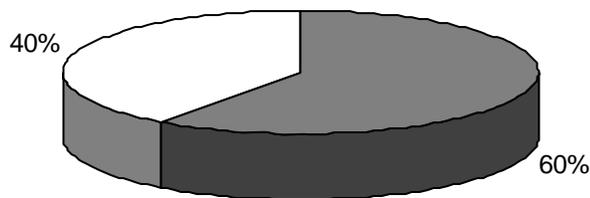
A diferença de 40% foi adicionada aos 3% do gráfico 1 resultando em:

3) 43% que não se envolverão com a colportagem.

Esta comparação permite observar que um grupo destes alunos (40%) acredita que a colportagem proporciona um melhor preparo para o serviço ministerial, no entanto,

mesmo diante desta contribuição, este grupo não participará da colportagem quando forem pastores. Isto suscita a seguinte pergunta. Se a colportagem é tão positiva para este grupo no período estudantil, qual a razão para não incluí-la quando exercerem o pastorado?

Lembrando que todos esses dados são referentes àqueles que já vivenciaram alguma decepção na colportagem, conclui-se que esta experiência negativa vai determinar para que 43% dos atuais alunos de teologia não participem do Ministério de Publicações quando estiverem no Ministério Pastoral. O gráfico abaixo representa estes resultados de uma forma geral:



- a) Pastores que se envolverão com a colportagem - 60%
- b) Pastores que não se envolverão com a colportagem - 40%

Em média, como demonstra o gráfico acima, nota-se o resultado de 60% dos futuros pastores que de alguma maneira direta ou indiretamente se envolverão com a colportagem e 40% que não se envolverão. Espera-se que estes últimos, mesmo não querendo atuar por algum tempo como pastores/colportores, apóiem este ministério através da distribuição de literatura em seu território pastoral, motivando e indicando membros qualificados para ingressarem na colportagem ou adotando de uma forma freqüente o método de evangelismo com publicações.

Conclusão parcial

Ellen G. White convoca os membros da igreja para que participem ativamente da colportagem, mas para que esta participação seja bem representada os pastores devem ser os primeiros a darem o exemplo. Este capítulo procurou averiguar nos estudantes de teologia o grau de participação e apoio que eles dispensarão em relação à colportagem quando estiverem exercendo o pastorado.

A pesquisa revelou que dos 240 alunos entrevistados, 40% não se envolverão com o Ministério de Publicações durante o seu pastorado. Perguntamos aos alunos se eles vivenciaram alguma experiência negativa na colportagem, o resultado com base nos entrevistados foi de 81%, esta porcentagem corresponde a 195 alunos dos 240 que responderam à esta pergunta. Esta decepção é determinante para que 43% destes 195 alunos não manifestem mais interesse em participar da colportagem quando forem pastores.

Os pastores podem integrar ao seu programa de trabalho os diversos ministérios que a sua igreja possui sem necessariamente usarem as publicações. Mas diante dos exemplos que foram dados nos capítulos anteriores, a colportagem foi um método indispensável para o crescimento da IASD em lugares ainda não trabalhados e para a manutenção e fortalecimento dos membros em torno das doutrinas bíblicas. Se o pastor objetiva alcançar estes dois alvos para as suas congregações, o porquê não fazer uso do método da página impressa? O pastor não precisa necessariamente atuar como colportor, mas espera-se que ele seja um defensor e promotor deste departamento em suas respectivas congregações.

CAPÍTULO IV

APLICAÇÃO DA COLPORTAGEM AO PASTORADO

A colportagem é um departamento indispensável para que Igreja Adventista continue cumprindo a sua missão evangelística e o pastor é uma das pessoas principais que precisa apoiar este setor. Talvez ele não tenha o talento para colportar, mas é importante que ele faça o uso das publicações em seu trabalho pastoral a fim de experimentar um crescimento tanto quantitativo como qualitativo em sua congregação.

O que nos preocupa é que segundo a pesquisa apresentada no capítulo anterior, 43% dos futuros pastores que hoje cursam a FAT não se envolverão com este ministério por terem passado por alguma experiência negativa como colportores estudantes, e por isto, manifestarão certo grau de distanciamento da colportagem quando forem pastores.

Diante deste quadro, o presente capítulo traz sugestões para fortalecer no estudante de teologia a aptidão pela colportagem e a importância desta no cumprimento da missão adventista. Também propõe maneiras de como o pastor pode incluir o método da colportagem em seu ofício pastoral.

A colportagem estudantil como preparo para o Ministério Pastoral

Na FAT, o programa acadêmico é distribuído de uma forma equilibrada entre disciplinas teóricas e práticas. Estas últimas os alunos podem exercer através de estágios coordenados por professores responsáveis pelas respectivas matérias. Todo este

programa visa preparar o aluno para exercer a função pastoral na IASD.¹⁷²

Mas para que o estudante de teologia adquira este devido preparo, Ellen G. White indica a colportagem como um dos melhores meios de habilitação para o pastorado.¹⁷³ À isto os alunos de teologia do UNASP-EC concordam, pois segundo a pesquisa demonstrada no capítulo anterior, 94% deles colportam e 97% acreditam que a colportagem é fundamental para o seu preparo ministerial. Marroni completa dizendo que a colportagem é “uma excelente oportunidade para testemunhar de Jesus e desenvolver habilidades necessárias para ser um pastor de êxito.”¹⁷⁴

Na colportagem estudantil, o estudante de teologia aprende lições que o prepararão para o seu futuro trabalho. Geraldo Tostes cita oito lições essenciais que podem ser assimiladas na colportagem: dependência de Deus, relacionamento com as pessoas, administração financeira, horário, disciplina, respeito mútuo, cordialidade e tato.¹⁷⁵ Estas lições podem habilitar o pastor “a encarar a vida com ousadia, tornando-se incapaz de acovardar-se diante dos mais variados obstáculos.”¹⁷⁶ O Pr. Rodolpho Gorski confirma este preparo, relatando que para ele a colportagem foi o fecho da preparação para o ministério, ensinando-o lições sobre a dependência de Deus, relações humanas e os princípios básicos

¹⁷² Informação obtida pelo site www.unasp.edu.br/index-graduacao-gr015.html.

¹⁷³ Ellen G. White, *Obreiros evangélicos*, 96.

¹⁷⁴ Almir Marroni, “Tributo à educação e à colportagem”, *Revista Adventista*, setembro, 2006, 20.

¹⁷⁵ Geraldo Magela O.Tostes, “Uma escola chamada colportagem”, *Revista Adventista*, janeiro, 2002, 10.

¹⁷⁶ *Ibid.*

da psicologia.¹⁷⁷ O Pr. Siegfried J. Schwantes, que também atuou como colporteur estudante, sugere que cada estudante de teologia deveria passar por esta experiência.¹⁷⁸ Ele também explica que “nem todos são talhados para a obra de colporteur-evangelista, mas uma experiência ainda que breve na colportagem devia continuar a ser um requisito para a admissão pastoral.”¹⁷⁹ Almir Marroni concorda com Schwantes, recomendando que seja incluso um regimento na Faculdade de Teologia que requeira do aluno, no mínimo, um período de férias na colportagem para a conclusão do curso.¹⁸⁰

Além desta experiência prática, recomenda-se que o estudante de teologia também receba informações teóricas que compreendam a filosofia e a teologia do Ministério de Publicações. Este programa curricular já foi implantado em algumas regiões administrativas da IASD. Citamos como exemplo as regiões da Divisão do Pacífico Norte Asiático e da Divisão do Pacífico Sul Asiático¹⁸¹, em ambos os campos administrativos foi

¹⁷⁷ Rubens S. Lessa, “Colportagem: um estilo de vida”, *Revista Adventista*, agosto, 1992, 31.

¹⁷⁸ Siegfried J. Schwantes, *Professor toda a vida* (São Paulo, S. P.: Instituto Adventista de Ensino, 1991), 22.

¹⁷⁹ Ibid. Ver o testemunho do Pr. Malcon Gordon em Campos, “Por que ser um colporteur evangelista?”, *O Colporteur Evangelista*, jan. - março, 2003, 13. Gordon, que no ano de 2003 era presidente da Union Southern faz o seguinte relato: “Eu recebi meu título do Mestrado em Divindade, mas os seis verões que passei colportando fizeram mais pelo meu ministério do que qualquer curso que eu tenha feito”. Verificar no apêndice 4 outro testemunho de um pastor que também colportou quando foi estudante.

¹⁸⁰ Almir Marroni, “O Desenvolvimento da Colportagem com Estudantes no Brasil” em *A Colportagem adventista no Brasil: uma breve história*, ed. Alberto R. Timm, 111.

¹⁸¹ Organizações administrativas da IASD no continente asiático.

incluso no Seminário de Teologia a disciplina “A Filosofia do Ministério de Publicações” que procura integrar a prática com a teoria da colportagem.¹⁸² Na primeira fase da disciplina, o Seminário requer de cada aluno 350 horas de experiência na colportagem para que seja graduado como pastor; na segunda fase, a disciplina é incluída no currículo escolar como requisito para os que estão se preparando para o Ministério.¹⁸³

Mesmo que o estudante de teologia não tenha habilidade para colportar, estas informações contribuirão para que ele apóie o Departamento de Publicações, não necessariamente atuando como colportor, mas motivando a sua igreja a fazer uso da página impressa assim como ele pode usá-la em suas atividades pastorais. Assim, a Igreja estará seguindo o exemplo dos valdenses que exigiam dos seus futuros pastores um período determinado de tempo como colportores missionários.¹⁸⁴

A Colportagem evangelística no trabalho pastoral

Como pode ocorrer a inclusão da colportagem no trabalho do pastor diante das diversas atividades que ele exerce? A seguir, seguem-se sugestões para esta integração.

O pastor pode solicitar à administração regional da Igreja Adventista na qual ele trabalha um tempo limitado para querer atuar como colportor-evangelista. Ellen White recomenda que pastores que tenham boas condições físicas possam se empenhar com

¹⁸² Howard Faigao, “Uma janela nas Divisões do Pacífico Asiático”, *O Colportor Evangelista*, janeiro – março, 2002, 6-7.

¹⁸³ Ibid. Ver entrevista no apêndice 5 com Pr. Emilson dos Reis.

¹⁸⁴ Almir Marroni, “O Desenvolvimento da Colportagem com Estudantes no Brasil”, em *A Colportagem adventista no Brasil*, 2000.

devido tempo na venda de publicações.¹⁸⁵ Ao se empenhar neste ramo evangelístico, o pastor estará estendendo o trabalho que ele já faz junto às suas igrejas. “O pastor-evangelista que se empenha na colportagem está realizando um serviço tão importante quanto à pregação do evangelho perante a congregação a cada sábado.”¹⁸⁶ Adotando este exemplo, o pastor estará seguindo o modelo dos pioneiros adventistas, que mesmo como pastores ainda atuavam na colportagem para fazerem com que a mensagem do advento avançasse em lugares ainda não trabalhados.¹⁸⁷

Ao fazer uma campanha evangelística no seu distrito, o pastor precisa atentar para alguns requisitos indispensáveis, entre estes está a preparação do local a ser evangelizado, e nesta preparação inclui a propaganda da campanha evangelística na comunidade local. Um dos meios de comunicação que o pastor pode usar para a divulgação da campanha é a propaganda impressa.¹⁸⁸ Este modelo já foi exemplificado no capítulo 2 deste estudo, no qual foi analisada a distribuição de literatura evangelística no contexto atual da IASD.

O pastor pode solicitar ao Diretor de Publicações da administração local uma equipe de colportores para trabalhar na região onde será feita a conferência bíblica. Com este trabalho, os colportores poderão divulgar o início das reuniões evangelísticas e

¹⁸⁵ Ellen G. White, *Testemunhos para a igreja*, Vol. I, 688-689.

¹⁸⁶ Ellen G. White, *O Colportor evangelista*, 47.

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ Samuel Eman Rodrigues. *Evangelismo público no Brasil*. Dissertação de Mestrado (São Paulo, S.P.: Instituto Adventista de Ensino, 1984), 36-38. Eman apresenta várias formas de propaganda impressa, folhetos, jornais, cartazes e revistas.

contactar pessoas interessadas a fim de encaminhá-las para os membros da igreja. “Grupos de colportores poderão descobrir muitos interessados na área e despertar o interesse para as palestras que virão. Equipes fazendo assinaturas ou vendendo revistas avulsas também podem fazer contato com as pessoas e descobrir interessados em potencial”.¹⁸⁹

O uso de publicações pelo pastor não só pode ser usada em evangelismo público como em suas outras atividades pastorais. Em seu trabalho de visitação, o pastor pode levar consigo pequenos livros, revistas ou folhetos para deixar nos lares dos interessados. “Todos os nossos ministros devem sentir na liberdade de levar livros consigo para dispor deles, aonde quer que vão. Aonde quer que o ministro v a, pode deixar um livro com a família em cuja casa se hospeda, seja vendendo ou dando-o”.¹⁹⁰

O pastor também pode motivar a sua igreja a usar literatura para o evangelismo. Esta foi uma das metas estabelecidas pelo Departamento de Publica es da Associa o Geral, no Concílio Quinquenal do Ministério de Publica es realizado nos dias 19-23/03 em Silver Spring, Maryland, USA.¹⁹¹ Todos os anos, a administra o da Igreja Adventista na América do Sul adota um livro para esta finalidade, este programa   denominado “Colportagem Comunitária”. Neste programa, todas as sedes administrativas da Igreja têm o desafio de levar cada membro a distribuir ao menos um livro por mês ou por ano. Se uma

¹⁸⁹ Ibid., 186.

¹⁹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos seletos*, Vol. II, 540.

¹⁹¹ Rubens S. Lessa, ed., “Torrentes de Luz: líderes estabelecem planos de grande alcance para a obra de publica es”, *Revista Adventista*, maio, 2001, 34. Alguns objetivos estabelecidos neste Concílio foram “... levar todos os membros a se envolverem na divulga o da mensagem impressa” e “Fortalecer o Ministério de Publica es em nível de igreja local. Cada membro da igreja um evangelista com publica es”, 34-35.

sede tem 20.000 membros, serão 20.000 livros por mês/ano.¹⁹²

Este plano ganhou força com o lançamento do livro do Pr. Alejandro Bullón, intitulado, “*O Terceiro Milênio e as Profecias do Apocalipse: como viver sem medo do futuro*”, cinco meses após este lançamento, o livro já havia alcançado o número de 110.000 exemplares distribuídos por membros da igreja e colportores.¹⁹³ Outro livro do mesmo autor também foi lançado em 2001, intitulado, “*Passaporte Para a Vida*” que também foi usado no programa da “Colportagem Comunitária”.¹⁹⁴ No ano de 2006, a Divisão Sul-Americana escolheu o livro *O Grande Conflito* para o programa da Colportagem Comunitária e o alvo é distribuir 900.000 exemplares em seu território.¹⁹⁵

Conclusão parcial

As sugestões apresentadas neste capítulo tem como principal objetivo propor ao pastor adventista subsídios de preparo e crescimento para que ele aplique-os em suas metas

¹⁹² Rubens S. Lessa; Rubem Scheffel; (eds.). “Finanças e Publicações: concílio reúne 350 líderes sul-americanos para discutir planos financeiros e de colportagem”, *Revista Adventista*, julho, 2002, 25. Ver Marco A. Pinho, “Colportagem Comunitária”, *Revista Adventista*, setembro, 2002, 16. Ver também entrevista no apêndice 3.

¹⁹³ Rubens S. Lessa, ed., “Juntar o Fermento à Massa”, *Revista Adventista*, dezembro, 1998, 35.

¹⁹⁴ Idem., “Novos livros para a colportagem são lançados”, *Revista Adventista*, dezembro, 2001, 32.

²³ Almir Marroni, “Mantendo viva a visão: há espaço para todos na obra de publicações”, *Revista Adventista*, maio de 2006, 20. Só para o Brasil foram encomendados 500.000 exemplares do livro *O Grande Conflito* para serem distribuídos neste ano de 2006, ver Michelson Borges “Folhas de Outono: Igreja vai distribuir meio milhão de livros *O Grande Conflito* no Brasil”, *Revista Adventista*, outubro, 2005, 24.

e tenha a alegria de vê-las alcançadas através do uso de um dos departamentos da sua igreja, o Ministério de Publicações.

Quanto aos estudantes de teologia que representam a atual geração de pastores, a sugestão é que se integre a prática da colportagem com a sua teoria no programa acadêmico do curso de teologia. Isto resultará em um grupo de pastores que não só considerarão a colportagem como um preparo para a obra pastoral, mas que compreenderão a sua natureza teológica para o cumprimento da missão adventista.

CONCLUSÃO

A declaração de missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia consiste em anunciar o evangelho eterno ao mundo no contexto da tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12.¹⁹⁶ Para o cumprimento desta missão a Igreja faz uso de seus diversos departamentos que atuam para alcançarem este objetivo missiológico. Entre estes departamentos situa-se o Ministério de Publicações que coordena a distribuição de literatura denominacional e evangelística através dos colportores ou dos membros da Igreja.

Resumo

O capítulo I, intitulado “Análise Histórica da Pregação Integrada ao uso da Escrita”, observou como que a pregação foi acompanhada pelo uso da escrita no decorrer da história. Alguns períodos foram considerados: (1) A pregação e o uso da escrita nos tempos bíblicos; (2) Os pré-reformadores e a invenção da imprensa; (3) A colportagem e a Reforma Protestante; (4) A colportagem e o movimento adventista pré e pós 1844; e (5) A colportagem como pioneira do adventismo no Brasil.

Nestes exemplos se constatou que o método de integrar a pregação com a página impressa se demonstrou eficaz e propulsor para o avançamento da mensagem bíblica. Também se observou três fatores que resultaram desta integração: (1) o

¹⁹⁶Informação obtida no site www.adventist.org/world_church/name_mission/index.html.en.

avanzamento da mensagem bíblica demonstrado no crescimento numérico de conversos; (2) a solidificação dos membros na doutrina; e a (3) união do grupo de crentes em torno de uma verdade comum.

No segundo capítulo, “A Integração entre o Pastor e o Colportor no Contexto atual da IASD”, se procurou relacionar a semelhança existente entre o pastor e o colportor e as diversas maneiras em que ambos podem se apoiar no cumprimento missiológico da IASD. Dois pontos comparativos foram destacados: o chamado e a natureza da missão. Assim como o pastor, o colportor deve ter a convicção que foi chamado por Deus para exercer o seu ministério. Entre as diversas atividades do pastor, as tarefas de pregação e visitação constituem a essência de sua missão/função. Estas mesmas atividades são características notáveis no trabalho do colportor; porém, este prega deixando as suas literaturas nos lares das famílias as quais visita.

No capítulo III, “Pesquisa de Campo com os alunos de Teologia no envolvimento da Colportagem”, averiguou o grau de participação dos estudantes de teologia no Departamento de Publicações e como esta participação contribui para a sua formação pastoral influenciando o apoio e o envolvimento da parte deles na colportagem quando estiverem exercendo o pastorado. Com base na pesquisa realizada, se constatou que dos 240 alunos que responderam a pesquisa, em média geral, 40% destes não se envolverão. Isto é devido a alguma experiência negativa que eles vivenciaram quando atuaram como colportores.

O quarto capítulo, intitulado “Aplicação da Colportagem ao Pastorado”, procurou mostrar como que o pastor pode fazer uso deste departamento no seu pastorado. Para isto foram indicadas cinco maneiras, a começar pela Faculdade de Teologia: (1) que

esta integração entre pastor e colportor se inicie no curso teológico, onde o aluno participará da colportagem na prática, como já é feito nos meses de férias, e na teoria, através da inclusão de uma disciplina voltada para o Ministério de Publicações; (2) o pastor pode estar agendando com a administração regional da IASD alguns dias do ano para colportar, desde que isto não atrapalhe o seu programa de trabalho; (3) pode solicitar uma equipe de colportores para o ajudarem na realização de uma série evangelística; (4) que leve literaturas para serem distribuídas em suas visitas pastorais; e (5) motive os membros de suas igrejas a distribuírem literaturas evangelísticas.

Conclusões

O presente estudo conclui que o pastor adventista do sétimo dia deve seguir o modelo dos evangelistas pioneiros e atuais que fizeram uso da página impressa a fim de expandirem a mensagem do evangelho. Esta visão integrada dos pastores com a colportagem precisa ser iniciada já no curso de teologia, no qual, de uma forma teórica e prática conscientizará os futuros pastores da relevância da colportagem no acompanhamento do Ministério Pastoral.

Certamente, esta atividade não está restrita apenas ao pastor, mas os membros de suas igrejas também devem ser motivados a incluírem as publicações em suas atividades missionárias. Isto demonstra que a colportagem não é a única “ferramenta” que a igreja e o pastor devem se concentrar para o cumprimento da missão, existem os outros departamentos que também devem ser usados e trabalhados de uma forma integral. Assim, se reconhece que nenhum departamento é mais importante do que o outro, mas pelos

exemplos históricos e atuais apresentados neste estudo nota-se que o uso da página impressa se caracteriza como uma força propulsora para a difusão da mensagem bíblica.

Não só o pastor é beneficiado com esta integração, mas também o colporteur. Este percebe a grande importância do seu trabalho dentro do programa missionário da Igreja. Percebe que o seu campo de atuação não é só evangelizar as pessoas que não possuem nenhum conhecimento do evangelho, mas em prover sustento espiritual para os membros do distrito regional no qual congrega, especificamente para a sua igreja na qual é membro. Trabalhando desta forma ele auxiliará o pastor na manutenção e no crescimento do distrito, entenderá que a sua ocupação assemelhasse a do pastor e procurará constante crescimento espiritual, técnico e intelectual a fim de corresponder às exigências do seu ministério.

Sugestões

O presente estudo focalizou apenas a integração que pode haver entre o pastor da IASD e o Departamento de Publicações e como este último pode ajudar o primeiro em suas atividades de pregação, visitação pastoral e reuniões evangelísticas. É sugerido, portanto, que sejam feitas pesquisas em outras áreas relacionadas ao mesmo tema, que são: (1) o perfil do colporteur evangelista para que corresponda à altura da sua missão; (2) um estudo sobre a colportagem estudantil promovida dentro dos internatos adventistas; e (3) verificar o índice de membros da IASD no Brasil (ou em alguma região específica do país) que conheceram o adventismo através da colportagem.

APÊNDICES

APÊNCIDE 1

Pesquisa de campo

1) Você já colportou alguma vez?

Sim () Não ()

2) Você depende da colportagem para os seus estudos?

Sim () Não ()

3) Você já passou por alguma decepção na colportagem?

Sim () Não ()

4) Esta decepção foi de ordem administrativa, financeira ou espiritual?

Administrativa ()

Financeira ()

Espiritual ()

5) Você acha que a colportagem contribui para a sua formação pastoral?

Sim () Não ()

6) Em quais aspectos a colportagem mais contribui?

Crescimento espiritual ()

Relacionamento com as pessoas ()

Melhor administração da vida ()

7) Você é favorável que no curso de teologia haja uma disciplina sobre o Ministério de Publicações?

Sim () Não ()

8) Em seu futuro ministério, com a autorização do campo, você colportará por algum tempo?

Sim () Não ()

APÊNDICE 2

O programa de colportagem com pastores

Entrevista respondida por e-mail pelo Pr. Paulo Korkischko, secretário da Associação Paulistana da IASD, no dia 07 de julho de 2006.

1) Na página 46 do *O Colportor Evangelista*, Ellen G. White escreveu que o colportor “ocupa um posição igual a do pastor evangélico”. Esta igualdade envolve todos os aspectos ou existe alguma dessemelhança?

Pr. Korkischko. Não. Esta expressão “ocupa uma posição igual a do pastor evangélico” refere-se à importância do trabalho que o colportor realiza. Também está relacionada ao respeito e reconhecimento que a Igreja e os demais obreiros devam ter para com o colportor. Sempre tenho me valido do exemplo do Antigo Testamento e da existência de dois Ministérios que aconteciam simultaneamente em favor do povo: Q Sacerdote que era da tribo de Levi e que era sustentado pelos dízimos (assalariado) e o Profeta que era chamado por Deus dentre o povo e cuja sustentação devia-se mais ao reconhecimento de abrigo e ajuda voluntária da comunidade e de seus empreendimentos ou habilidades pessoais (não assalariado). Hoje convivemos com a existência dos Pastores e Colportores. Um conduz os ritos da Igreja e o outro conduz e espalha a mensagem profética... (Dá para ampliar muito a idéia!).

2) Diante da relevância da colportagem, é possível que esta seja inferiorizada ou tratada com indiferença por líderes ou membros da Igreja?

Pr. Korkischko. Sim. Leia o 2º capítulo do “O Colportor Evangelista”, o subtítulo “Comentários de Espectadores Descuidosos” (pág. 21).

3) Quais são as causas desta indiferença?

Pr. Korkischko. As causas podem ser várias, entre elas, o fato de que grande parte dos membros da Igreja que se candidatam à colportagem são aqueles que tiveram poucas oportunidades para o preparo acadêmico (ver pág. 27 – 2º parágr. do *O Colp. Ev.*). Outras vezes, esta falta de valorização está atrelada ao nível de vida financeira que um colportor vive até se desenvolver em seu trabalho; outra situação pode ser a de alguém que se dispõe a realizar o trabalho, mas não se qualifica e nem faz o devido esforço para representar da melhor maneira este Ministério, se colocando em dificuldades financeiras bem como sua própria família, e às vezes até mesmo a Obra de Publicações.

4) O que o pastor e a Igreja podem fazer para que esta situação seja revertida?

Pr. Korkischko. O Pastor do distrito, departamentais e administradores podem fazer muito no sentido de enaltecer a colportagem pregando sobre ela e valorizando com testemunhos vividos e mostrando que as publicações fazem parte de um ramo complementar na obra de um ministro da Palavra. Um ministério não dispensa o outro; ambos se completam.

5) O colporteur tem alguma culpa por esta situação? O que ele mesmo deve fazer para mudar a situação?

Pr. Korkischko. Sim, às vezes isso acontece quando o colporteur deixa de representar bem a sua classe de obreiros e sempre um mau exemplo acabará sendo a primeira impressão que muitos estarão recebendo. Essa imagem negativa acaba sendo espalhada para outros e cria-se uma antipatia não justificada à colportagem, obra esta que deve ser mantida em honra.

6) Ellen G. White recomenda que a colportagem faça parte do programa de serviço dos pastores. De que maneira o pastor pode integrar a colportagem ao seu trabalho? Quais são os benefícios que ele recebe com esta integração?

Pr. Korkischko. O pastor pode envolver a colportagem em seu trabalho não com o propósito de ganho ou aumento dos seus rendimentos, pois ele já é um obreiro assalariado, mas com propósitos de evangelização e de firmar os que já são membros na verdade. O pastor deve participar ativamente da Colportagem Comunitária que estamos tendo com o “Grande Conflito”. Este programa é semelhante àquele que já tivemos com o “Terceiro Milênio” e o “Passaporte Para Vida”.

Num campo missionário em que a obra esteja avançando e vive momentos de dificuldades financeiras para a manutenção do obreiro e até mesmo na busca de recursos para os projetos evangelísticos e de construção, podemos estudar com carinho as sugestões apresentadas por E. G. White à pág. 46 e 47 do livro já mencionado e nos esforçarmos em aplicá-las.

7) O senhor realizou uma campanha de colportagem com pastores na cidade de Sorriso em Mato Grosso. Relate-nos um pouco desta experiência.

Pr. Korkischko. A campanha de colportagem com pastores em Sorriso - MT foi extraordinária. O trabalho na cidade foi apenas de 10 dias. Eu também colportei com os pastores a fim de ajudá-los. Levei comigo um dos assistentes de colportagem mais experiente do Brasil, José Costa Cavalcante, o qual trabalhava comigo no departamento. Juntos abrimos a região fazendo contato nas escolas, autoridades, prefeitura e outros. Programamos com a igreja uma semana de oração na qual cada pastor presente dirigia uma noite e exaltaria o Ministério de Publicações e também convidamos o prefeito da cidade para estar presente conosco. Foi uma benção!!

8) Como que um programa deste tipo pode ser implantado e estruturado em outros campos?

Pr. Korkischko. A implantação deste programa vai depender muito de acertos com a Administração do campo por parte do departamental de Publicações.

9) Além de trabalhar na comunidade onde vive, de que maneira o colportor pode servir o pastor e á sua igreja?

Pr. Korkischko. O colportor poderá ser uma benção à igreja local e especialmente ao pastor do distrito assumindo responsabilidades em que possa ajudar sem prejudicar o seu trabalho, como por exemplo: Diretor da Escola Sabatina, Promotor de Literatura Denominacional, etc.

10) A igreja a qual o colportor “pastoreia” são os seus clientes. Como que ele pode cumprir a sua missão em atender estes clientes assim como o pastor cuida de seus membros?

Pr. Korkischko. Muitas pessoas não terão oportunidade de ter a convivência com uma igreja ou pastor. O colportor poderá e deverá sentir-se um pastor dando toda assistência espiritual que seus clientes necessitam. Orar com eles e por eles; visitá-los regularmente, não só para vender. Essa é na verdade a sua igreja e seu território de trabalho, o seu distrito. Muitas surpresas estão reservadas para o último dia!!

APÊNDICE 3

O evangelismo através da “Colportagem comunitária”

Entrevista respondida por e-mail pelo Pr. Marco Aurélio de Pinho, diretor de Publicações da União Central Brasileira da IASD, no dia 08 de Agosto de 2006. O tema é sobre o evangelismo com publicações realizado no território da Divisão Sul-Americana.

1) Na *Revista Adventista* do mês de setembro de 2002, na pág. 16, o senhor escreveu sobre a Colportagem Comunitária. Explique este projeto e como está sendo desenvolvido no campo da U.C. B?

Este projeto é a igreja distribuindo literatura. Ellen White escreveu que a igreja tem uma arma poderosa para o evangelismo que é a distribuição de nossa literatura.

2) O senhor pode relatar alguma experiência como resultado deste projeto?

Temos já pessoas decidindo pelo batismo como resultado desse projeto. A igreja na UCB, neste ano, distribuiu mais de 100.000 G.C. Fico imaginando quantas pessoas terão a oportunidade de entrar em contato com a verdade.

3) Quais são os resultados obtidos pela igreja local ao realizar a Colportagem Comunitária?

A igreja cumpre com a missão de evangelizar, os irmãos têm a oportunidade de

evangelizar com literatura e muitos são alcançados pela mensagem que de outra forma não seria possível.

4) Como que um pastor pode implantar este programa em seu distrito?

Logo no início do ano os diretores de colportagem lançam o projeto do livro missionário para aquele ano. O pastor distrital pode procurar o diretor de colportagem do seu Campo e juntos fazerem uma estratégia.

5) Se no distrito houver algum colportor, como este pode cooperar com o pastor para a implantação deste programa?

O colportor pode ser um promotor. Ele, através de bonitas experiências, promove o envolvimento dos irmãos nesse projeto.

6) Na pág. 7 do *O Colportor Evangelista*, Ellen G. White explica que “Quando os membros da igreja sentirem a importância da circulação de nossas publicações devotarão mais tempo à essa obra”. Segundo esta declaração, o que pode ser feito para que os membros dêem mais atenção à distribuição de literatura?

Nós, diretores de colportagem, temos que convidar com mais frequência os nossos irmãos para evangelizarem com literatura. O convite deve ser acompanhado de motivação espiritual.

7) Algumas igrejas ainda separam os sábados à tarde ou o primeiro sábado do mês para distribuírem folhetos. Como esta atividade pode ser estruturada para envolver os membros da igreja e obter melhores resultados evangelísticos?

Eu creio que essa distribuição deveria ser mais direcionada. Teria que ter um propósito mais objetivo. Distribuir um folheto a uma pessoa e convidá-la para uma

programação espiritual ou um evento musical não é o suficiente. Acho que só distribuir o folheto e não “fechar a boca do saco” é um desperdício.

8) Ellen G. White recomenda que os próprios pastores também se envolvam com a distribuição de literatura (*TS vol. II, 540*). Existe um plano para que a Colportagem Comunitária também seja desenvolvida pelos pastores? Como estes podem aplicar o evangelismo com publicações em seu ministério pastoral?

Sim, existe. Este projeto pode ter mais resultado quando o pastor se envolve. Na igreja tudo passa pelas mãos do pastor, ele é o líder. Quando ele “pega o boi pelo chifre” certamente as coisas acontecem com mais resultado.

APÊNDICE 4

Tributo à colportagem – testemunho

Pr. João Vicente Pereyra, gerente de vendas da Casa Publicadora Brasileira.

Posso dizer sem medo de errar: se não fosse a colportagem eu não seria hoje um pastor. Tudo começou quando eu seguia a carreira militar. Cheguei a ser cabo e logo seria promovido a sargento do Exército Brasileiro. Em um exercício de campo, acabei pegando uma pneumonia que me levou a ficar internado por três semanas no hospital militar de Porto Alegre. Foi aí que recebi a visita de um pastor distrital, (Natanael Moraes) que me desafiou a mudar de exército. Ele me mostrou que eu poderia ser um pastor. Aceitei o convite, porém não sabia como pagar os estudos.

Sou oriundo de família pobre e meu pai já havia falecido. Os recursos eram escassos. Foi então que conheci a colportagem. Fui para o campo pela primeira vez em 1983, e nunca mais parei. Era tão bom colportar que me satisfazia em ser um colportor efetivo. No entanto conheci uma moça por nome Isaura, que hoje é minha esposa. Ela me convenceu que eu deveria fazer teologia. Casamos-nos e fomos estudar. Através da colportagem consegui pagar os meus estudos e os dela também. Mesmo o nascimento de meu primeiro filho, quando cursava o terceiro ano, não me desequilibrou financeiramente. Recordo-me que ao findar o período letivo, contava as horas para sair a colportar. Pela

graça de Deus, nunca fiquei sem alcançar meus alvos, ao contrário, sempre os superava. Com a colportagem consegui comprar um bom carro, um bom apartamento, mobiliar completamente a casa, comprar livros teológicos etc. Jamais fiz outra atividade a não ser vender livros da Casa Publicadora Brasileira.

Antes de colportar, era um moço muito tímido, não sabia falar em público, sequer me relacionava com as pessoas. A colportagem transformou minha vida. Abriu-me um mundo de oportunidades. Fez-me conhecer pessoas diferentes que participaram de minha formação. Além disso, minha espiritualidade cresceu muito, passei por muitas experiências em que pude ver a mão de Deus atuando diretamente em minha vida.

O preparo acadêmico me trouxe um conhecimento teórico, muito importante para o ministério. Porém a colportagem me proporcionou um conhecimento experimental. Ao longo de meu ministério, percebo que os melhores pastores são os que colportaram quando ainda estudantes. Estes pastores são intrépidos, corajosos e seus projetos normalmente alcançam êxito. Para mim não foi diferente. Ainda hoje, utilizo as mesmas “técnicas de vendas” para lograr bons resultados com minha equipe.

Depois de formado, no ano de 1989, recebi três chamados, aceitei ser diretor associado de publicações na ARJ, onde comecei meu ministério. De lá para cá, já trabalhei em quatro campos, duas uniões e agora na CPB. Sempre envolvido diretamente na tarefa de distribuir literatura. Se tivesse que escolher de novo, faria exatamente da mesma maneira, pois penso que o Senhor tem dirigido meu ministério até aqui, e espero fazer isto até que Jesus Volte.

APÊNDICE 5

Disciplina na FAT sobre o Ministério de Publicações

Entrevista sobre a inclusão de uma disciplina opcional do Ministério de Publicações no curso de Teologia. Esta entrevista foi respondida por e-mail no dia 29/11/06 pelo Pr. Emilson dos Reis que é secretário acadêmico do curso de Teologia do UNASP-EC.

1) No dia 24/05/06, os alunos de teologia responderam uma pesquisa sobre a participação deles na colportagem. Uma das perguntas era a respeito da opinião do grupo sobre a implantação de uma disciplina no curso de Teologia sobre o Ministério de Publicações. A resposta revelou que mais da metade (56%) do grupo são favoráveis a esta idéia. Considerando esta porcentagem, é possível que tal disciplina seja implantada?

Pr. Emilson: Depende do parecer da diretoria do Salt e do colegiado. Acontece que o Salt não tem condição de oferecer tudo que se julga relevante para o ministério. Algumas atividades ou temas que não foram contemplados na matriz curricular são abordados em seminários oferecidos ao longo do curso. Com relação à colportagem, até recentemente havia um curso ministrado aos novatos na semana anterior ao início do ano letivo. Todavia, muitos, por estarem colportando, acabavam não assistindo. Nossa matriz curricular já contém um número excessivo de disciplinas na opinião de alguns e, com certeza, bem maior que diversos outros seminários teológicos.

2) Como uma disciplina voltada para a colportagem pode contribuir para a formação pastoral dos estudantes de teologia?

Pr. Emilson: É muito importante que aquele que inicia uma atividade receba toda a informação pertinente antes de começá-la a fim de que se evitem muitos contratempos que certamente virão se este procedimento não for adotado.

3) Isto seria uma junção da prática com a teoria, já que a primeira os alunos exercem durante as férias?

Pr. Emilson: Sim. Mas a teoria pode ser dada em outra circunstância que não seja a de uma disciplina específica ministrada no curso de teologia.

4) Durante o seu período como estudante, o senhor obteve excelente resultado na colportagem. Relate-nos um pouco desta experiência e como esta lhe ajudou no preparo para o ministério.

Pr. Emilson: Colporei durante quinze férias consecutivas, desde que eu tinha catorze anos até logo após a formatura. Basicamente, a colportagem me ajudou a ter uma experiência mais íntima com Deus, a confiar plenamente nEle e a me relacionar melhor com as pessoas de todos os níveis.

5) O pastor não precisa necessariamente colportar para demonstrar o seu apreço para com este ministério, ele pode apoiar a colportagem distribuindo literaturas ou motivando os seus membros para isto. Mas a pesquisa revelou que 40% dos alunos de teologia não participarão da colportagem quando forem pastores por terem passado por alguma experiência negativa na colportagem estudantil. Com base

nestes dados, o que pode ser feito para reverter este quadro e conseguir maior envolvimento dos futuros pastores para com o Ministério de Publicações?

Pr. Emilson: Não participarão ou não apoiarão? A informação acima demonstra claramente a necessidade de melhor preparo de quem ingressa na obra da colportagem. Não tenho uma sugestão específica com o que fazer com estes 40%, mas podemos mudar o quadro em relação aos pastores do futuro, aqueles que ainda estão no processo de formação pastoral.

6) Quando o estudante de teologia sai para colportar, o que ele deve fazer para manter o senso missionário que deve caracterizá-lo como futuro pastor da IASD?

Pr. Emilson: Encarar a colportagem não apenas como um meio de subsistência, mas como uma valiosa oportunidade de preparar-se para o ministério pastoral e de alcançar a outros com o evangelho.

BIBLIOGRAFIA

- Appenzeller, Ronald E. “Campanha em Nairobi batiza mais de 3000!”. *O Colportor Evangelista*, ab.-jun., 2000, 16.
- _____. “Carta ao Redator: o colportor evangelista sob a perspectiva do observador”, *O Colportor Evangelista*, jan.-mar., 1997, 10.
- _____. *Curso básico para colportores*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- _____. “Obra de Publicações: desafios e metas”, *Revista Adventista*, agosto, 1994, 5.
- Berg, Orley M. “O Programa Diário do Pastor”, *O Ministério*, jul-ag., , 1990, 30.
- Bonfim, Osvaldino. “A mensagem impressa perdura: a colportagem nasceu na mente de Deus e vencerá os obstáculos do momento”, *Revista Adventista*, janeiro, 1993, 4.
- Borges, Michelson. *A Chegada do adventismo ao Brasil*. 2º ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. “”Folhas de Outono: Igreja vai distribuir meio milhão de livros *O Grande Conflito* no Brasil”. *Revista Adventista*, outubro, 2005, 16.
- Campos, José Luis. “Alcançando o sucesso: colportando”. *O Colportor Evangelista*, ab.-jun., 2003, 13.
- _____. “Editorial”. *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2002, 2.
- _____. “Líder de publicações avalia a colportagem no Brasil”. *Revista Adventista*, maio, 1993, 16.
- _____. “O Crescimento da Igreja em Israel: a conexão colportor evangelista”. *O Colportor Evangelista*, out.-dez., 2003, 7.
- _____. “Por que ser um colportor evangelista?”. *O Colportor Evangelista*, jan. - março, 2003, 13.

- _____. “Reunião Mundial de Planejamento de Publicações da Associação Geral: 19-23 de março de 2001, Silver Spring, Marland”. *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2001, 13.
- _____. “Um Quinquênio de Milagres com Nossas Publicações: um exército de corajosas testemunhas para Cristo”. *O Colportor Evangelista*, jan. – set., 2005, 4.
- Canales, Eddie. “Trabalhando em Cooperação com o Pastor”. *O Colportor Evangelista*, out. – dez., 1995, 15.
- Chaij, Nicolas. *O Colportor de êxito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.
- Cores, Felix. “O Poder da Imprensa”. *O Colportor Evangelista*, out. – dez., 2000, 14.
- Cress, James. “Eu Acredito no Ministério da Colportagem”. *O Colportor Evangelista*, abr.-jun., 1996, 2-3.
- Damsteegt, Gerard. *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission*. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1990.
- Dick, Everett. *Fundadores da mensagem*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- Dick, Everett N. “The Millerite Movement, 1830-1845”, em *Adventism in America: a history*, ed. Gary Land. Berrien Springs, MI: Andrews University, 1998, 3, 11.
- Douglass, Herbert E. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- Faigao, Howard. “O Ministério de Publicações – Um plano divino”. *O Colportor Evangelista*, ab./jun., 2003, p. 3.
- _____. “Uma janela nas Divisões do Pacífico Asiático”. *O Colportor Evangelista*, janeiro – março, 2002.
- Fisher, David. *O Pastor do século 21: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio*. Trad. Yolanda Mirsda Krieven. São Paulo, SP: Vida, 2001.
- Gazeta, Sônia M. M. “A Obra de Publicações Através das Eras”. Em *A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história*, ed. Alberto R. Timm. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista 2000, 8, 11, 13.
- Holbrook, Frank B. *O Sacerdócio expiatório de Jesus Cristo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

- Houaiss, Antônio; Vilar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.
- Knight, A. & W. Anglin. *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1983.
- Knight, George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Uma igreja mundial: breve história dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- Lessa, Rubens S. ed. “Nova Decisão Missionária: literatura na mão da Igreja”. *Revista Adventista*, abril, 1993, 14.
- _____. “Marcos Editoriais”, *Revista Adventista*, abril, 2000, 14.
- _____. *Casa Publicadora Brasileira 100 anos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- _____. “Juntar o Fermento à Massa”, *Revista Adventista*, dezembro, 1998, 35.
- _____. “Novos livros para a colportagem são lançados”, *Revista Adventista*, dezembro, 2001, 32.
- _____. “Torrentes de Luz: líderes estabelecem planos de grande alcance para a obra de publicações”, *Revista Adventista*, maio, 2001, 34.
- _____. “Colportagem: um estilo de vida”, *Revista Adventista*, agosto, 1992, 31.
- _____. “Literatura abre portas na República Dominicana”, *Revista Adventista*, maio, 1993, 30.
- _____. “Paz na Tempestade: uma revista para evangelizar o Brasil”, *Revista Adventista*, ago., 1996, 10-11.
- _____.; Scheffel, Rubem (eds.), *Revista Adventista*, julho, 2002, 25. Ver também Marco A. Pinho, “Colportagem Comunitária”, *Revista Adventista*, Lessa (ed.), setembro, 2002, 16.
- _____.; Guarda, Márcio D.; Scheffel, Rubem M. (eds.), *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia*, trad. Hélio L. Grellmann, 7ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

- Lienhard, Marc. *Martin Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.
- Linhares, Odair e Isolina A. Waldvoguel, trads. *História da nossa igreja*, 2º ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965.
- Lutzer, Erwin. *De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo, SP: Vida, 2000.
- Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 14 ed. Trad. Naor G. Conrado. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- Marroni, Almir. “Divisão Sul Americana: alimentando o rebanho”. *O Colportor Evangelista*, jan.-set., 2005, 29.
- _____. “Mantendo viva a visão: há espaço para todos na obra de publicações”, *Revista Adventista*, maio de 2006, 20.
- _____. “O Desenvolvimento da Colportagem com Estudantes no Brasil”. Em *A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história*, ed. Alberto R. Timm. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista 2000, 111.
- _____. “Tributo à educação e à colportagem”. *Revista Adventista*, setembro, 2006, 20.
- _____. *Colportando com sucesso: manual de capacitação do colportor evangelista*. Vol. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- Martins, Wilson. *A Palavra escrita permanece: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo, SP: Ática, 1998.
- Masuku, Leonard. “Uma Olhada Histórica no Ministério de Publicações”. *O Colportor Evangelista*, jan. – set., 2005, 9.
- Maxwell, C. Mervyn. *História do adventismo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- Molina, Giácomo. *Como folhas de outono; memórias e reflexões de um colportor bem-sucedido*. São Paulo – SP: Editora Universitária Adventista – Eduna, 1997.
- Mwamakamba, Witson. “Quando o povo de Deus se reúne”, *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2001, 6-8.

- Nagel, Ruy H. “Nossa Igreja cresce sob a influência do Espírito Santo: relatório da Divisão Sul-Americana publicado na *Adventist Review* por ocasião da 58ª Assembléia da Associação Geral em St. Louis”. *Revista Adventista*, julho de 2005, 10-12.
- Neto, Jacynto Col. “A teologia do ministério impresso”, *Revista Adventista*, novembro, 2001, 20.
- Oberholster, Abraham J. “Uma Combinação vencedora na Camboja”. *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 2002, 14.
- Oliveira, Enoch de. *A Mão de Deus ao leme*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.
- Pinho, Marco A. “Colportagem Comunitária”. *Revista Adventista*, setembro, 2002, 16.
- Puyol, Carlos. “Pioneiros na Espanha”. *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 1993, 16-17.
- Regulamentos eclesiásticos-administrativos*. Brasília-GO: Divisão Sul-Americana da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2002.
- Robinson, Virgílio E. *Heróis de todas as épocas: a história dos valdenses*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969.
- Rodrigues, Samuel Eman. *Evangelismo público no Brasil*, Dissertação de Mestrado. São Paulo, S.P.: Instituto Adventista de Ensino, 1984.
- Rodriguez, R. A. “O que Um Livro Pode Fazer”. *O Colportor Evangelista*, out. - dez., 2000, 3.
- Ryan, Michael. “Ministério da Colportagem e Missão Global”. *O Colportor Evangelista*, jul.-set., 1997, 10.
- Sarli, Wilson. “Colportagem: patrimônio histórico e espiritual da Igreja”. *Revista Adventista*, setembro, 1992, 16.
- _____. *Colportagem: o que é? objetivos e algumas dicas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.
- _____. “Necessidades, desejos, problemas”. *Revista Adventista*, março, 1997, 35.
- Scheffel, Rubem. “A Importância da Imprensa”. *Revista Adventista*, janeiro de 2006, 17.
- Schwantes, Siegfried J. *Professor toda a vida*. São Paulo, SP: Instituto Adventista de Ensino, 1991.

- Schwarz, Richard W; Floyd Greenleaf. *Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día*. Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002.
- Silva, Kittim. *De Pastor a pastor: como melhorar seu ministério pastoral*. São Paulo, SP: Vida, 1995.
- Siqueira, Débora C. A. “Desenvolvimento Cronológico da Colportagem no Brasil”. Em *A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história*, ed. Alberto R. Timm. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000, 137.
- Timm, Alberto R. *História da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho, SP: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 2003, 23, 32.
- _____. *O Santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho, SP: Instituto Adventista de Ensino – Campus 2, 2002.
- Tostes, Geraldo Magela O. “Uma escola chamada colportagem”. *Revista Adventista*, janeiro, 2002, 10.
- Werner Mayr. “O Ministério de Publicações”, *O Colportor Evangelista*, ab.-jun., 2000, 3.
- White, Ellen G. *Conselhos sobre escola sabatina*, 3 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- _____. *Evangelismo*. 3 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- _____. *O Colportor evangelista*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1983.
- _____. *O Grande conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- _____. *Obreiros evangélicos*. 5º ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.
- _____. *Testemunhos para a igreja*. Vol. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. *Testemunhos para a igreja*. Vol. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Testemunhos para a igreja*. Vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Testemunhos para a igreja*. Vol. 6. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. *Testemunhos seletos*. Vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

_____. *Vida e ensinos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

www.adventist.org/world_church/name_mission/index.html.en.

www.unasp.edu.br/index-graduacao-gr015.html.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

“COLMÉIA VIVA DE CRISTIANISMO PRÁTICO”: UM PROJETO DE ENVOLVIMENTO DOS MEMBROS NO EVANGELISMO

Gilberto Messias

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2006
Orientador: Natanael Bernardo Moraes, DTP
gilberto_messias@hotmail.com

RESUMO: Apesar do número de adventistas aumentar significativamente a cada ano, estudos recentes apontam que o adventismo não tem um crescimento maior pelo fato de apenas 20% dos seus membros estarem envolvidos na missão da denominação. Esta estatística parece mostrar que, dentro da Igreja Adventista, uma minoria dos fiéis está sobrecarregada e uma maioria, ociosa. O presente estudo se propõe a verificar como um projeto de envolvimento dos membros, que enfatize o uso dos dons, poderia contribuir para o cumprimento da missão adventista. Para isso, se vale de uma análise do sistema evangelístico “Colméia Viva de Cristianismo Prático”, desenvolvido no distrito pastoral de Vila Rodrigues, na cidade de Osasco, em São Paulo. Essa proposta sugere que os departamentos já instituídos na igreja adventista local não somente atendam o público interno, mas também atuem na comunidade. O projeto apresentou resultados positivos nas igrejas que o aplicaram, dobrando a participação dos seus membros no evangelismo e aumentando significativamente o número de batismos no ano.

PALAVRAS-CHAVE: crescimento, envolvimento dos membros, dons espirituais, “Colméia”.

“THE LIVING HIVE OF PRACTICAL CHRISTIANITY”: A PROJECT OF MEMBERSHIP’S ENGAGEMENT IN EVANGELISM.

ABSTRACT: Although Adventist membership has experiencing a yearly steady growth, recent studies have demonstrated that such a growth is not greater because only 20% of its members are involved in the mission of the Church. This statistic show that in the Adventist Church only a minority of believers carries all the burdens, while a great majority remains inactive. The present study has the goal to verify how a project that fosters involvement of the members of a Church, on the basis of their engagement according to their gifts, would improve the fulfillment of the Adventist mission. It focused on the evangelistic approach known as the “Living Hive of Practical Christianity,” deployed in the pastoral district of Vila Rodrigues, in the city of Osasco, São Paulo, Brazil. This approach proposes that the local church departments should not only serve its internal public, but that they should also be active in the city’s community at large. The project presented positive results in the local churches where it was applied, doubling the percentage of members involved in direct evangelic actions, and increasing significantly the number of baptisms by the end of the year.

KEYWORDS: growth; members’ involvement; spiritual gifts; “Hive”.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Curso de Teologia

“COLMÉIA” VIVA DE CRISTIANISMO PRÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentação Como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Gilberto Messias

Novembro de 2006

“COLMÉIA” VIVA DE CRISTIANISMO PRÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentação Como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Gilberto Messias

COMISSÃO DE APROVAÇÃO

Natanael de Moraes
Orientador

Avaliação

Emilson dos Reis
Leitor

Data da Aprovação

Amim A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

INTRODUÇÃO

A definição de missão da Igreja Adventista do Sétimo é a seguinte:

A missão da Igreja é anunciar as boas novas ao mundo no contexto da mensagem dos três anjos de Apocalipse 14:6-12, levando as pessoas a aceitar a Jesus como Salvador pessoal e unirem-se à Sua Igreja na preparação para Sua breve volta. Esta é a mensagem universal, para todos, em todas as partes. A “cada nação, e tribo, e língua e povo”; a cada cidade, a cada vila; a cada país, comunidade, colônia e “criatura”. Isto é, a cada pessoa.¹

De fato a igreja Adventista do Sétimo Dia tem cumprido sua missão em anunciar o nome de Jesus Cristo ao redor do mundo. Prova disso esta no fato de vê-la presente em 202 países ao redor do mundo e seu crescimento médio é de 500.000 novos membros a cada ano.² Porém a questão é a seguinte, será que esse crescimento não poderia ser maior? Segundo Alberto R. Timm, uma pesquisa foi realizada recentemente e comprova que a IASD não experimenta um crescimento maior por que a média de envolvimento de seus membros não ultrapassa a casa dos 20%.³ Esta estatística revela que na Igreja Adventista do Sétimo Dia, uma minoria esta sobrecarregada com as diversas tarefas a serem realizadas, enquanto que a maioria prefere não se envolver na missão de ganhar almas.

¹ Portal Adventista, “Declaração de Missão”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igrejaadventista.org.br/sobreadventistas.asp>, no dia 12 de Novembro de 2006.

² Conferência Geral, “Estatísticas mundial da igreja”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldAbr=GC, no dia 12 de Novembro de 2006.

³ Alberto R. Timm, “Podemos ainda ser Considerados uma Igreja Missionária” *Revista Adventista*, Fevereiro de 2002, 8-10.

Onde está o problema? Talvez as atividades não estejam sendo distribuídas corretamente? Porventura a estrutura departamental favoreça este estilo de vida ocioso escolhido por muitos membros? Ao se observar a missão desta igreja e os diversos ministérios em que ela pode atuar no cumprimento de sua missão. Este trabalho se propõe estudar um projeto que venha somar com o cumprimento da missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Definição do Problema

Ao longo do tempo, tem-se percebido que na Igreja Adventista do Sétimo dia (IASD), uma pequena parcela dos membros se envolve nas atividades desenvolvidas pela denominação. Por outro lado, constata-se que de todos os ministérios/departamentos da igreja, apenas alguns estão voltados para a sociedade (Clube de Desbravadores, Clube dos Aventureiros, Adra, Ministério Pessoal e Ministério da Saúde) enquanto que os demais estão voltados para dentro da própria igreja.

Em Seu ministério terrestre, Cristo primeiro supria as necessidades físicas das pessoas e depois de atendê-las, dizia, “Segue-me”. Uma vez que esta também é a missão da igreja, ter tantos departamentos voltados para os que já são membros não estaria impedindo de receber um número maior de pessoas alcançando com isso, um maior crescimento? Também não seria este motivo que leva tantos membros da igreja a adotar um ocioso estilo de vida cristã?

Propósito do Estudo

O presente estudo se propõe a analisar brevemente os dons espirituais mencionados pelos apóstolos Paulo e Pedro bem como suas implicações no contexto evangelístico da IASD. Também pretende fazer uma apreciação da implantação do sistema evangelístico “Colméia de São Francisco”¹, no distrito de Vila Rodrigues em Osasco, estado de São Paulo onde o Pr. Elcio Magalhães, responsável por este distrito, está implantando as técnicas de evangelização da “Colméia”, que nesta nova versão recebe o nome de “Colméia Viva de Cristianismo Prático”.²

O presente estudo não tem como objetivo dizer que o atual sistema evangelístico da IASD é ultrapassado e sem valor. Pelo contrário, o objetivo é oferecer a igreja, mais uma opção evangelística para que a mesma continue sua missão de proclamação, assim como Cristo ordenou em Mateus 28:19. Por fim, uma análise será realizada da implantação deste projeto com o objetivo elaborar uma sugestão para a IASD na área de crescimento de igreja.

Escopo e Delimitação do Estudo

Efetua-se uma breve análise de alguns textos bíblicos, do Novo Testamento, que abordam os dons espirituais. Esta pesquisa restringiu-se ao estudo do conteúdo de Romanos

¹ Ellen G. White, *Beneficência social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, ano), 112. Nesta obra a Sra. White relata que na IASD de São Francisco nos EUA, por volta dos anos 1900 desenvolveu um trabalho missionário voltado à sociedade, e muitos dos membros estavam envolvidos nestes projetos, por isso, a expressão “Colméia”, posteriormente este fato tornou-se conhecido como “Colméia de São Francisco”.

² As sete igrejas e o único grupo do distrito estão envolvidos na implantação do projeto que esta sub-dividido em três áreas de atuação: projetos sociais, projetos de saúde e projetos evangelísticos.

12:3-8; 1 Coríntios 12; Efésios 4:7-11 e 1 Pedro 4:7-11. Embora haja outros textos que tratem do assunto como, 1 Coríntios 7:7 e 1 Coríntios 13 o presente estudo se limitará a analisar o conteúdo anteriormente mencionado.

Por sua vez, Ellen G. White apresenta em seus escritos, várias sugestões de métodos a serem aplicados para o crescimento de igreja,¹ todavia o presente trabalho fica restrito a descrição feita por ela sobre a “Colméia de São Francisco”.

Metodologia

Na primeira parte deste trabalho, que está dividido em cinco passos, analisa-se os dons espirituais mencionados nos escritos dos apóstolos Paulo e Pedro. Primeiro, será realizado um breve estudo do contexto em que se encontrava a igreja de Corinto ao receber do apóstolo Paulo as instruções sobre os dons espirituais. Segundo, será realizado um estudo sobre o significado das palavras “dom”, “espiritual” e “ministério”. Terceiro, aprecia-se as definições que alguns escritores modernos fazem dos dons espirituais mencionados pelos apóstolos Paulo e Pedro encontrados em Romanos 12, 1 Coríntios 12, Efésios 4 e 1 Pedro 4. Quarto, analisa-se a relação que existe entre a Trindade e os dons espirituais. E no quinto e último passo faz-se uma análise do “dom de Cristo” mencionado em Efésios 4:7.

¹ Ellen G. White, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 50, 88 e 274; *Administração eficaz* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 35-36; *Este dia com Deus*, Meditação matinal (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira 1980), 301 e *A maravilhosa graça de Deus*, Meditação matinal (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1974), 61.

De igual forma, a segunda parte deste trabalho também está dividida em quatro passos, para melhor compreender o assunto em questão. No primeiro, faz-se um breve estudo sobre a implantação da 17^o doutrina da IASD. No segundo, uma comparação entre a igreja de Corinto do primeiro século e a IASD. No terceiro, um breve estudo sobre o funcionamento da “Colméia de São Francisco” mencionado nos escritos da Sra. White no livro *Beneficência Social*. E, por fim, no quarto passo analisa-se a ligação entre o projeto, “Colméia do Cristianismo Prático”, os dons e ministérios espirituais.

E na terceira parte analisa-se a implantação do projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático” no distrito de Vila Rodrigues em Osasco, estado de São Paulo, através de uma pesquisa de campo realizada com os membros deste distrito.

Pressuposições

Para desenvolver este trabalho, o escritor parte dos seguintes pressupostos: primeiro a Bíblia é a Palavra de Deus, única fonte de conduta para os seres humanos. Segundo Ellen G. White foi uma profetiza inspirada por Deus. Suas visões e seus escritos estão de acordo com a Bíblia e servem para orientar em temas relevantes para o crescimento da igreja.

Resumo do Estudo

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, faz-se uma análise bíblica dos dons espirituais. No segundo, estuda-se o desenvolvimento organizacional da IASD e sua missão. E no terceiro, analisa-se a implantação do projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático”.

Os capítulos estão detalhados como segue: No capítulo I, intitulado “Análise bíblica dos dons espirituais” analisa-se: O contexto a igreja de Corinto ao receber do apóstolo Paulo as instruções sobre os dons espirituais; um estudo das palavras “dom”, “espiritual” e “ministério”; os dons espirituais – a lista dos dons encontrados em Rm 12, I Co 12, Ef 4 e I Pe 4; uma definição dos dons mencionados por Paulo; a trindade e os dons espirituais; uma análise do “dom de Cristo” mencionado em Ef 4:7 e Pedro e os dons espirituais.

No capítulo II intitulado “O Desenvolvimento organizacional da IASD e sua missão”, analisa-se: uma comparação entre a igreja de Corinto do primeiro século e a IASD; a IASD e os dons espirituais; um breve estudo sobre a sistematização das doutrinas da IASD; uma breve análise do desenvolvimento organizacional na IASD; a departamentalização da IASD; o Senhor cumpriu sua palavra e por fim, as colméias de San Francisco e Oakland.

Já no Capítulo III, intitulado, “Análise da implantação da Colméia Viva de Cristianismo Prático”, analisa-se: o distrito de vila Rodrigues; a implantação da Colméia Viva de Cristianismo Prático; a reestruturação departamental das Igrejas do distrito de Vila Rodrigues; a descrição dos projetos; a Colméia na Igreja de Vila Yara; os sete pilares da Colméia Viva de Cristianismo Prático; a divulgação dos projetos, documentação e registro; uma avaliação dos organizadores e por fim, segue uma sugestão do escritor, um projeto intitulado, “Família Feliz” que juntamente com os demais projetos da área social, contribuirá com a qualidade de vida das famílias da comunidade.

CAPÍTULO I

ANÁLISE BÍBLICA DOS DONS ESPIRITUAIS

Os dons espirituais dados aos homens são usados por Deus a fim de fazer Sua igreja crescer. Nota-se no Novo Testamento, que os dons espirituais tiveram um papel relevante tanto na organização como no crescimento da igreja cristã. Por isso, se vê os apóstolos Paulo e Pedro orientando algumas igrejas com o fim de ajudá-las neste período. O apóstolo Paulo diz, “A respeito dos dons espirituais, não quero irmão, que sejais ignorantes” (1 Co 12:1). Também é necessário para a igreja, hoje, compreender o real significado dos dons, dos ministérios espirituais e o contexto em que eles foram aplicados.

O Contexto da Igreja de Corinto

Para compreender melhor o porquê o apóstolo Paulo introduz em sua primeira carta a igreja de Corinto as informações sobre os dons espirituais faz-se uma breve análise do contexto em que esta igreja estava envolvida ao receber do apóstolo estas instruções.

Vindo de Atenas, Paulo foi o primeiro missionário cristão a chegar a Corinto. Com o auxílio do casal Áquila e Priscila, Paulo iniciou seu trabalho junto àquela igreja com intensidade. Mas, como ocorrera em outros lugares por onde o apóstolo havia passado dificuldades, perseguições e risco de morte, tornaram-se uma dura realidade.

Mas, mesmo diante dos perigos, o apóstolo permaneceu naquela cidade o tempo suficiente para ali fundar uma das mais relevantes igrejas do primeiro século.¹

Mas, a igreja de Corinto teve uma queda espiritual lastimável após o afastamento do apóstolo Paulo. Desentendimentos internos, vícios, falsos mestres, e outros problemas, tornaram-se rotina nesta igreja. Outro problema detectado entre os crentes de Corinto, foi o abuso feito por eles, dos dons espirituais, criando desordem no culto da igreja. Por esses motivos, o apóstolo sentiu-se impulsionado a enviar uma correspondência a esta igreja.²

Estudo das Palavras Dom, Espiritual e Ministério

Karismata é o termo grego empregado por Paulo em 1 Coríntios 12 para dom, por sua vez, este termo é aplicado somente nos versículos 4, 9, 28, 30 e 31 do mesmo capítulo. Esse termo também é traduzido por dom em Romanos 1:11; 6:23; 11:29; 12:6; 2 Coríntios 1:11; 4:14; 1:16; 4:10. Entretanto, na introdução de 1 Coríntios 12 no verso 1, o termo grego usado por Paulo para se referir à palavra dom é *pneûmaticos*, que trás o sentido de coisas espirituais.³

A palavra *karismata*, que é um genitivo, plural, masculino⁴, deriva do termo carisma que significa “dom”, “graça”.⁵ O termo *karismata* tornou-se uma espécie de

¹ Russell N. Champlin, *O Novo Testamento interpretado (ATI)*, (São Paulo: Editora Hagnos, 2002), 4:2.

² Ellen G. White, *Paulo o apóstolo da fé e da coragem*, Tercio Sarli Ed. (São Paulo, Certeza Editora, 2004), 155-171.

³ Champlin *ATI*, 4:189.

⁴ *Analytical Greek Lexicon* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers), 435, ver “Karismata”.

⁵ Carlo Rusconi, *Dicionário do grego do Novo Testamento* (São Paulo: Paulus, 2005), 492.

termo técnico para referir-se a dons espirituais. A raiz básica deste vocábulo é a palavra *kairo* que transmite o sentido de “favor livre”, “dom livre”.¹

O apóstolo Paulo faz uso do termo grego *pneûmatico*, que tem o sentido de coisas espirituais para referir-se a palavra “espirituais” em 1 Coríntios 12:1². O adjetivo *pneumaticon* deriva do substantivo *pnûma* que significa sopro, hálito, vento, mas que traz neste texto o sentido de “poder de inspiração e ação do homem”.³

Outra palavra usada pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 12:5 e relevante para a compreensão deste assunto é a palavra “ministério” e que vem do termo grego *diaconiôn*. É um substantivo e pode ser entendido como “ofício, ministério, serviço ou função do diácono”, ou também entendido como “funções ministeriais na igreja”, segundo Atos 1:17 quando se referindo ao então ex-apóstolo Judas.⁴

Ao unir o sentido original dessas três palavras, chega-se à conclusão de que um “dom espiritual” é um poder que inspira e leva o homem a realizar uma ação, um favor livre em prol de uma outra pessoa.

“Um dom espiritual não pode ser confundido com um dom natural. Um dom natural é uma capacidade dada por Deus para fazer bem alguma coisa, por exemplo: tocar algum instrumento musical, saber operar um computador, ser um bom orador, um médico, um engenheiro, etc. Já um dom espiritual é uma capacidade dada por Deus,

¹ *Analytical Greek Lexicon*, 433, ver “Kairo”.

² Champlin, *ATI*, 4:189.

³ Rusconi, 379.

⁴ *Ibid.*, 124.

para que se possa realizar bem uma tarefa, mas que tenha um significado espiritual e que, necessariamente, auxilie a igreja a cumprir sua missão neste mundo.”¹

Os Dons Espirituais

Em três momentos diferentes, Paulo refere-se aos dons espirituais, como em Romanos 12, 1 Coríntios 12 e Efésios 4 e Pedro em I Pe 4:7-11. Além de falar sobre o assunto, os apóstolos fornecem uma lista contendo os dons em uso na igreja primitiva, porém, cumpre destacar que nessas oportunidades, os apóstolos falam aos crentes que há uma necessidade de união de propósitos mesmo havendo variedade de dons Paulo traça um paralelo entre o corpo humano e a igreja, a quem ele se refere como corpo de Cristo. Calvino certa vez disse, “nenhum membro do corpo de Cristo recebe tal perfeição que torne apto a suprir suas próprias necessidades, sem assistência dos outros”.²

Definições dos Dons Espirituais Mencionados por Paulo

Em Romanos 12; 1 Coríntios 12 e Efésios 4, encontram-se os seguintes dons: exortação ou aconselhamento, palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, dons de cura, operação de milagres, profecia, evangelista, pastor, discernimento de espíritos, variedade de línguas, capacidade de interpretar as línguas, apóstolo, mestre, socorro ou ministério e governo.

¹ Emilson dos Reis, “Dons Espirituais”, *Revista Adventista*, Janeiro de 2004, 12.

² Francis Foulkes, *Efésios introdução e comentários – Série Cultura Bíblica*, 2ª Edição (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1983), 95.

Exortação ou aconselhamento é uma habilidade que Deus dá a algumas pessoas para que essas possam ministrar palavras de consolo, encorajamento, ânimo e conselho a algumas pessoas de tal forma que essas sejam ajudadas.¹

Palavra de Sabedoria é uma capacidade especial concedida a alguns membros do corpo de Cristo, e os habilita a transmitir a outras pessoas, como os conhecimentos adquiridos podem ser aplicados da melhor forma a determinadas situações críticas que surgem no corpo de Cristo.²

Palavra de Conhecimento é a capacidade dada por Deus a alguns a descobrir, coletar, analisar e formular informações e idéias que são relevantes para o bem estar e o crescimento da igreja.³

Fé é a capacidade de discernir com grande confiança à vontade de Deus para o desenvolvimento do trabalho futuro. Dá-lhe confiança plena para cumprir os propósitos e vencer os obstáculos.⁴

Dons de cura é uma concessão dada a membros no corpo de Cristo a quem Deus capacita a ser intermediário por meio de quem Deus restaura a saúde de pessoas doentes, aparte do uso de meios naturais.⁵

¹ C. Peter Wagner, *Descubra seus dons espirituais* (São Paulo: Editora Abba Press, 1995), 154.

² Christian A. Schwarz, *O Teste dos seus dons*, Série: O Desenvolvimento Natural da Igreja (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1997), 128.

³ Schwarz, 86.

⁴ Elias G. Gomes, *Movimentacion laica* (São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1995), 47.

⁵ Wagner, 263.

Operação de milagres é uma concessão dada a alguns homens a quem Deus capacita a servir como instrumentos, por meio dos quais Ele age poderosamente e de acordo com a percepção dos observadores violam as leis da natureza.¹

Profecia é uma concessão dada por Deus a alguns homens capacitando-os a receber diretamente, por meio do Espírito Santo, uma mensagem e transmiti-la Ao seu povo.²

Evangelista é uma capacidade especial que Deus concede a algumas pessoas para compartilhar as boas novas do evangelho a não cristãos, de forma que essas pessoas venham tornarem-se discípulos e membros responsáveis do corpo de Cristo.³

Pastor é uma habilidade oferecida por Deus a algumas pessoas para que essas assumam a responsabilidade pessoal a longo termo, pelo bem estar espiritual de um grupo de crentes.⁴

Discernimento de Espírito é uma concessão dada a alguns homens a quem Deus capacita a discernir com segurança, se um determinado comportamento, que supostamente vem de Deus, na verdade tem origem divina, humana ou diabólica.⁵

Variedade de línguas é uma concessão dada pelo Espírito Santo a alguém para que este, em tempo oportuno, fale em outra língua (idioma) com o fim de comunicar-se com alguém estrangeiro.⁶

¹ Schwarz, 130.

² Ibid., 122.

³ Wagner, 173.

⁴ Ibid., 143.

⁵ Schwarz,126.

⁶ “Fourteenth Year” [I Co 14:2], *Seventh-day Adventist Bible Dictionary*, (SDABC) ed. Francis D. Nichol (Hagerstown, MD: Review And Hehald, 1946), 6:789-791.

Capacidade de interpretar as línguas é uma concessão dada pelo Espírito Santo a algumas pessoas para que estas possam interpretar o que está sendo dito, por alguém que esteja falando em alguma língua, para que haja edificação.¹

Há membros no corpo de Cristo a quem Deus habilita a serem apóstolos com base na sua autoridade espiritual, a serem reconhecidos de forma voluntária por diversas igrejas, como líderes espirituais.²

A palavra mestre procede do termo grego *didaskalos*, derivado deste, tem-se a palavra “didática”. O dom de ensinar, ou de mestre, abrange uma arte em transmitir uma idéia, em expor um assunto.³

Socorro ou ministério é a capacidade de identificar as carências de pessoas aflitas ou necessitadas e sensibilizar-se ao sentir a dor do outro e responder com compaixão e ternura.⁴

O dom de governar também é conhecido como presidir. Em o Novo Testamento encontram-se duas palavras para presidir ou governar, a primeira é *proistemi*, no sentido de estar à frente, presidir, estar sobre, governar. Já, a segunda é *kubernesis*, no sentido de administrador e aparece somente em 1 Coríntios 12:28.⁵

¹ Wilson H. Endruweit, *Movimento carismático* (Petrópolis,RJ: Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, 1976), 35.

² Schwarz, 74.

³ João A. de Souza Filho, *Dons espirituais – O poder de Deus em você* (Belo Horizonte, MG: Editora Atos, 1999), 87.

⁴ David Kornfield, *Desenvolvimento, dons espirituais e equipes de ministério*, (São Paulo: Editora Sepal, 1998), 159.

⁵ Souza Filho, 96.

A Trindade e os Dons Espirituais

Em 1 Coríntios 12:4-6, vê-se nitidamente a atuação da Trindade na distribuição, direcionamento e capacitação dos dons espirituais.¹ Ao se ler estes versículos, nota-se uma espécie de sumário do que o capítulo inteiro haverá de dizer. Há uma unidade essencial que envolve todos os dons espirituais, isso pelo fato de os dons provirem de uma mesma fonte.² Isso é tão importante que todos os membros da trindade estão envolvidos.³

O Espírito Santo distribui os dons conforme Lhe aprouver, dando a cada pessoa um ou mais dons com o fim de que estes possam ser utilizados para o desenvolvimento da igreja. Jesus Cristo, por sua vez, oferece uma diversidade de ministérios, são áreas específicas onde cada pessoa pode desenvolver seu dom, por exemplo, a habilidade de falar envolve os dons do apostolado, conhecimento, profecia, línguas, interpretação de línguas e sabedoria, no serviço os dons envolvidos são, governo, discernimento dos espíritos, fé, curas, socorros e milagres.⁴ E por último, Deus, o pai, exerce o papel de capacitador dando as pessoas o poder para realizar as tarefas específicas de cada dom e necessárias para o desenvolvimento do corpo de Cristo.

O Dom de Cristo

Em Efésios 4:7 encontra-se a expressão “dom de Cristo”. Nota-se que cada dom é um dom de Cristo. E essas informações confirmam a citação feita em Salmo

¹ Schwarz, *As 3 Cores dos Seus Dons* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2003), 15.

² Champlin, *ATI*, 4:191.

³ Reis, 12.

⁴ Gomez, 46-48.

68:18, que diz: “Quando Ele subiu as alturas, levou cativo o cativo, e concedeu dom aos homens”.¹ Todos os cristãos partilham da herança da fé e são responsáveis pelos dons que receberam imerecidamente, e isso consiste em um privilégio, ser chamado por Deus a realizar algum serviço e ao ser capacitado com um dom,² recebe uma graça segundo a proporção do dom de Cristo.³

Segundo Clifton J. Allen, ao analisar este versículo deve-se interpretar de forma conjugada as palavras “dom” e “graça”, assim chega-se à conclusão de que o dom, por excelência, de Cristo dado de graça aos homens é o Espírito Santo.⁴ Essa idéia se confirma ao levar-se em conta os seguintes textos: João 14:26, 15:26 e 16:13-14, pois esses textos afirmam que o Espírito Santo tem como função glorificar e testemunhar de Jesus, guiar os fiéis em toda a verdade e os fazer lembrar das palavras de Jesus. Logo, o dom de Cristo é o Espírito Santo dado aos homens para distribuir os dons espirituais a cada pessoa conforme lhe apraz.

Pedro e os Dons Espirituais

O público para quem o apóstolo remete sua carta é um povo que está passando por diversos problemas. Prova disso é que em todo o capítulo quatro do livro de 1 Pedro, o apóstolo procura motivar seu auditório para que este não desanime diante das

¹ Foulkes, 95.

² John R.W . Stott, *A mensagem de Efésios* (São Paulo: Abu Editora, 1994), 111.

³ Francis W. Beare, “Exposition of the book of Ephesians” *Interpreter’s Bible* (IB), (New York: Abingdon Press, 1953), 10:687-688; e Andrew T. Lincoln, *Ephesians, Word Biblical Commentary* (Dallas, TX, Word Books, 1957), 42:241-242.

⁴ Clifton J. Allen, “Efésios”, *Comentário bíblico Broadman* (CBB), (RJ: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990), 11:192.

dificuldades.¹ É neste ambiente que Pedro fala acerca do amor intenso que um deve ter pelo outro, para que cada um exercite o dom que recebera.²

Nos versículos de sete a onze do quarto capítulo de 1 Pedro, o apóstolo cita alguns dons: hospitalidade, serviço e fala. A hospitalidade tem a ver com a habilidade de manter a casa aberta e estar pronto, a receber de forma calorosa, pessoas que necessitam de hospedagem e alimentação.³ Os outros dois, o serviço e a fala já foram analisados, pois são uma repetição dos dons já mencionados pelo apóstolo Paulo.

De acordo com Pedro, honra-se a Deus quando se usa adequadamente os dons que Ele concede, pois ao colocar o dom em prática pode-se ajudar a alguém, isso enaltece o doador dos dons e enriquece a comunidade dos crentes.⁴

A Parábola dos Talentos

Ao contar a parábola dos talentos (Mt 25:14-30), Jesus salientou a necessidade que a igreja tem de descobrir seus dons espirituais. A parábola dos talentos revela que Espírito Santo ao fornecer os dons espirituais, esta capacitando a igreja a trabalhar em prol da segunda vinda de Cristo. Logo essa parábola nos ensina que todos recebem pelo menos um dom, um dom é valioso e os que não usam seus dons, podem ficar sem eles.⁵

¹ Allen , CBB, 12:197.

² W. Wilbert Welch, *Primeira epístola de Pedro* (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1978), 76.

³ Schwarz, 92.

⁴ Wayne A. Grudem, *The First Epistle of Peter* (Michigan, Willian B. Eesdmans Publishing Company, 1998), 174-175.

⁵ Russell Burrell, *Revolução na Igreja* (Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico S.A., 1999), 65-74.

Resumo e Conclusão

O motivo que levou o apóstolo Paulo a escrever o conteúdo de 1 Coríntios 12 foi à queda da espiritualidade e os constantes abusos cometidos com o uso indevido dos dons espirituais. Com esta exortação, queria o apóstolo persuadir os irmãos desta igreja a retornar ao primeiro amor e as antigas práticas do tempo em que o apóstolo estava com eles. Ao unir o sentido original das palavras dom, espiritual e ministério, chega-se à conclusão de que um “dom espiritual” é um poder que inspira e leva o homem a realizar uma ação, um favor livre em prol de outras pessoas.

Palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, dons de cura, operação de milagres, profecia, discernimento de espírito, variedade de línguas, capacidade de interpretar as línguas, apóstolo, mestre, socorro e governo são os dons espirituais mencionados por Paulo que estavam em vigor nas igrejas de Roma, Corinto e Éfeso. Foi, também, a correta aplicação destes dons que permitiu a sobrevivência dessas igrejas quando o apóstolo se ausentava.

O interesse demonstrado pela Trindade em relação ao assunto, demonstra que os dons espirituais são uma ferramenta importante para se alcançar sem muitos problemas o desenvolvimento do corpo de Cristo, Sua igreja. Nota-se em 1 Coríntios 12:4 que é o Espírito Santo quem distribui os dons espirituais, mas, Efésios 4:7 afirma que Cristo tinha um dom e Salmo 68:18 diz que Cristo concede dons aos homens. Então, pode-se dizer que Allen, não está equivocado ao dizer que o dom de Cristo é o Espírito Santo. Essa idéia se confirma ao levar-se em conta os seguintes textos: João 14:26, 15:26 e 16:13-14. Esses textos afirmam que o Espírito Santo tem como função glorificar e testemunhar de Jesus, guiar os fiéis em toda a verdade e os fazer lembrar das palavras de Jesus. Logo o dom de Cristo é o Espírito Santo dado aos homens para distribuir os dons espirituais a cada pessoas conforme lhe apraz.

O apóstolo Pedro, por sua vez, escreve para encorajar cristãos perseguidos e confusos exortando-os a permanecerem firmes na fé, por isso, o apóstolo dá algumas orientações sobre o correto comportamento cristão em meio aquele sofrimento. Ao falar sobre o dom da hospitalidade, serviço e fala, Pedro estimula aos cristãos a se ajudarem mutuamente.

Tanto Paulo como Pedro escreveram para um auditório que estava passando por problemas. Entre as orientações transmitidas pelos apóstolos, estava a questão dos dons espirituais, isso demonstra que a correta aplicação dos dons espirituais na igreja minimiza os problemas e melhora o desenvolvimento dos membros do corpo de Cristo. Ao registrar a participação da Trindade na questão dos dons espirituais, o apóstolo Paulo deixa claro, que este tema é importante e deve ser considerado com atenção não só pela igreja primitiva, mas também pela a igreja da atualidade.

CAPÍTULO II

O DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL DA IASD E SUA MISSÃO

A missão da IASD é anunciar as “boas novas” ao mundo no contexto da mensagem dos três anjos (Ap 14:6-12). Levando as pessoas a aceitar a Jesus como salvador pessoal e unirem-se à Sua igreja. Esta é uma mensagem universal, a ser apresentada a “cada nação, tribo, língua e povo”. Mas sem a devida organização, a IASD jamais alcançaria seus objetivos. Segundo a Sra. White “o aumentando o nosso numero, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito”.¹

Uma Comparação Entre a Igreja de Corinto do Primeiro Século e a IASD

A cidade de Corinto era uma das maiores cidades do mundo romano, estava estrategicamente bem posicionada e era uma cidade com um alto fluxo internacional. Para a igreja, isso não era positivo, pois sofria diversas influências negativas.

Como já visto anteriormente, à igreja de Corinto sofreu dificuldades espirituais, após o afastamento do apóstolo Paulo. Brigas internas, vícios, falsos mestres, tornaram-se rotina nesta igreja. Outro problema detectado entre os crentes de Corinto foi o abuso dos

¹ Ellen G. White, *Testemunhos para ministros* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 26.

dons espirituais, criando desordem no culto da igreja. Por esses motivos, o apóstolo sentiu-se impulsionado a enviar uma correspondência a esta igreja onde trata, entre outros assuntos, a respeito dos dons espirituais.¹

Após serem batizados, os membros da igreja de Corinto, receberam dons concedidos pelo Espírito para a edificação daquela igreja. Porém, as disputas internas prejudicaram o bom desenvolvimento da obra de Deus naquele local. Por isso, o apóstolo Paulo se sentiu tocado a escrever e enviar aquela igreja algumas orientações quanto ao uso correto dos dons espirituais.

Mesmo com algumas dificuldades, a igreja de Corinto prosseguiu firme em seu propósito de anunciar a Cristo, semelhante o que fizeram as demais igrejas cristãs do primeiro século. Até os dias atuais, cerca de dois mil se passaram e o cenário que se vê, não é muito diferente, igrejas cristãs estão espalhadas por muitos lugares e nome de Cristo tem sido anunciado a muitas pessoas. A IASD, mesmo com constantes os desafios que se apresentam, a cerca de 160 tem se empenhado em anunciar a Cristo e sua breve volta.

A IASD é uma denominação religiosa e foi fundada a partir do movimento Millerita da década de 1840. Hoje está presente em quase todas as nações do globo. O termo “adventista” refere-se à crença no advento, ou seja, a segunda vinda de Jesus a terra e o termo “sétimo dia” é uma referência à crença de que o Sábado é o dia da semana que Deus estabeleceu para o descanso físico e espiritual do homem.

A IASD se concentrou na América do Norte até 1874, quando J.N. Andrews foi enviado oficialmente para a Suíça como o primeiro missionário além-mar. A África teve seu primeiro contato com o adventismo em 1879. A IASD tem apresentando um

¹ White, *Paulo o apóstolo da fé e da coragem*, 155-171.

crescimento notável na América do Sul e África, com atuação reconhecida na área de saúde. Segundo estudo da City University of New York, nos Estados Unidos à denominação apresentou crescimento líquido de 11% no período de 1990 a 2001, indo de 668.000 a 724.000.¹

Em 2005, os Estados Unidos contava com 908.450 membros (um crescimento de 25% em 5 anos).² Em um século e meio, a IASD cresceu de um pequeno grupo de pessoas provenientes de várias denominações, para uma comunidade mundial, totalizando em 2005 14.400.000 membros divididos em 60.237 igrejas e grupos organizados em 202 países do globo e outros seis milhões de simpatizantes.³

Como se pode ver, existem poucas semelhanças entre a igreja de Corinto e a IASD, primeiro porque aproximadamente dois mil anos as separam, segundo porque a igreja de Corinto era uma igreja local e não mundial como a IASD. Talvez a semelhança entre essas duas igrejas, esteja no fato de ambas terem sido comissionadas a “ensinar e batizar”, e o recebimento dos dons do Espírito Santo.

A IASD e os Dons Espirituais

Diversas denominações cristãs, crêem que os dons espirituais cessaram com [João] o último dos apóstolos. A IASD não aceita este ponto de vista. Na verdade a ela se

¹ Barry A. Kosmin, Egon Mayer e Ariela Keysar, *American Religious Identification Survey* (New York, The Graduate Center of the City University of New York, 2001), 12

² Wikipédia a enciclopédia livre, “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Adventista_do_S%C3%A9timo_Dia, no dia 30 de Agosto de 2006.

³ Conferencia Geral, http://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldAbr=GC, 12/11/2006.

coloca como uma das defensoras da idéia de que os dons estão em vigor até hoje e também entende que o conteúdo de Joel 2:28 que diz: “E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda carne; vossos folhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões”, refere-se à distribuição dos dons espirituais, inclusive o dom de profecia, também se aplica aos últimos dias da história da humanidade.¹

As ultimas palavras de Jesus antes de partir, foram: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28:19). Porém, diante da difícil tarefa, Cristo instrui-os a esperar o cumprimento da promessa do Pai. “Mas, recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (At 1:4-8). Após terem sido batizados pelo Espírito Santo os discípulos cumpriram a ordem do mestre e fizeram discípulos, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as palavras de Jesus.²

A IASD compreende que seu dever não é diferente ao dos discípulos, pois a ordem de Jesus, “ide, pregai e batizai”, se aplica a ela também. Porém, para cumprir tal missão, a IASD crê que Deus concedeu dons espirituais, para que cada membro empregue em algum ministério para o bem comum da igreja. Sendo distribuídos pelo Espírito Santo, os dons provêm as aptidões e ministérios necessários para que a igreja tenha condições de cumprir sua missão. Quando os membros do corpo de Cristo utilizam corretamente esses

¹ James Zackrison, “Dons espirituais – chave para o ministério”, *Lição da Escola Sabatina*, Janeiro-Março de 1997), Lição 3; Pág. 4.

² *Nisto cremos* (Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 4.

dons, a igreja é protegida contra falsas doutrinas e experimenta um crescimento na fé e no amor.¹

C. Peter Wagner, afirma ter aproximadamente 28 dons, doze a mais do que os dons mencionados pelos apóstolos Paulo e Pedro e já analisados no primeiro capítulo deste trabalho. Os outros doze dons mencionados por Wagner são: administração, contribuição, celibato, pobreza voluntária, martírio, intercessão, exorcismo/libertação, música, oração, organização e missionário.²

O fato de não se encontrar na Bíblia, menção direta a esses dons, não significa que eles não existiram, pelo contrario, ao se estudar a vida de alguns personagens bíblicos, fica evidente uso de alguns desses dons, principalmente o Novo Testamento. Esses dons não foram reservados exclusivamente para a igreja moderna, porém não se sabe o porquê não foram mencionados diretamente na bíblia pelos apóstolos Paulo e Pedro.

A Bíblia apresenta mais de um modelo de organização de igreja. Nos tempos do Antigo Testamento, os Israelitas foram os missionários enviados ao mundo. Neste período, Deus usou o sistema evangelístico “centrípeto”, ou seja, o que estava na parte exterior era atraído para o interior. Israel deveria cumprir sua missão dando testemunho do Deus que os mantinha, e com isso, deveria atrair outras nações. Já, no Novo Testamento, há uma mudança de estratégia. Agora o sistema evangelístico é o “centrifugo”, onde quem esta no interior é atraído para o exterior, ou seja, a igreja deve ir até as pessoas onde elas estão.

¹ Ibid., 279.

² Wagner, 7.

A IASD compreende que sem a correta utilização dos dons espirituais, o cumprimento de sua missão seria praticamente impossível. Por isso, ela inseriu os dons espirituais em seu corpo doutrinário. A sistematização das doutrinas Adventistas se deu mediante a um longo processo de estudo da Bíblia e oração, para saber qual à vontade de Deus para esta igreja e seus membros.

Um Breve Estudo Sobre a Sistematização das Doutrinas da IASD

As doutrinas da IASD começaram a ser definidas a partir de 1844. Joseph Bates, pioneiro do movimento adventista, tornou-se um dos principais responsáveis pela elaboração e organização de algumas dessas doutrinas.¹ Após esforços de alguns líderes do movimento adventista, entre eles o pastor Arthur G. Daniells presidente da IASD de 1901-1922², foi preparado e publicado um documento contendo as crenças fundamentais adventistas pela primeira vez em 1931. Este documento continha 22 doutrinas e foi elaborado para atender aos apelos dos líderes da igreja Adventista na África.

E em 1980 este corpo de doutrinas foi revisado e ampliado para 27 doutrinas.³ E em 2005, na 58ª sessão da Associação Geral⁴, após 25 anos, foi acrescentada mais uma

¹ Albert R. Timm, *O santuário e as três mensagens angélicas* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002), 58.

² Enoch de Oliveira, *A mão de Deus ao leme* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 245-252.

³ *Nisto cremos*, 4.

⁴ Rubens S. Lessa, “Adventistas de 203 Países Participam da 58ª Sessão da Associação Geral”, *Revista Adventista*, Agosto de 2005, 27.

doutrina intitulada “*crescimento em Cristo*”.¹ Desde de então, o corpo de doutrinas da IASD contém 28 doutrinas, sendo que a 17º doutrina refere-se aos dons e ministérios espirituais.

Percebe-se que o corpo doutrinário da IASD esta baseado na Bíblia. Outro ponto a ser compreendido, é o fato de que este corpo doutrinário não esta fechado. O fato de se ter introduzido uma nova doutrina na ultima sessão da Conferência Geral, demonstra que a igreja esta atenta a esta questão. Mas a introdução de uma nova doutrina se dá mediante exaustivo estudo da Bíblia para que não se cometa qualquer erro.

Em paralelo a sistematização das doutrinas Adventistas, ocorreu também o desenvolvimento organizacional desta igreja. Ciente de sua missão e do fato de ser uma igreja mundial, a IASD compreende que sem a devida organização, tanto em assuntos teológicos [doutrinas] como no desenvolvimento de sua missão, jamais alcançaria seus objetivos.

Uma Breve Análise do Desenvolvimento Organizacional na IASD

Por volta do ano de 1853, a IASD, que na época era conhecida como “os Sabatistas”, teve que enfrentar alguns problemas decorrentes do seu ao rápido crescimento,

¹ “Crescimento em Cristo”, ultima doutrina inserida no corpo doutrinário adventista. Foi inserida na décima primeira posição entre as doutrinas “A experiência da salvação” e “A igreja”, respectivamente décima e décima segunda. A nova crença fundamental tem dois propósitos. Primeiro, aborda o crescimento cristão de modo a excluir o espiritismo e o misticismo Oriental como exercícios espirituais, por serem incompatíveis com o evangelho cristão. Segundo, proclama a libertação do medo das forças demoníacas por meio de Cristo de modo a demonstrar que a busca de ajuda nessas coisas é incompatível com o crescimento em Jesus. A nova declaração reúne dois fatos inseparável da experiência cristã, libertação das forças demoníacas por meio da morte de Jesus e o crescimento em Cristo por meio do poder do Espírito Santo. Lessa, 27-28.

pois de 200 membros em 1850 saltou para 2.000 membros em 1852, um aumento de aproximadamente 500% em apenas dois anos. Logo organizar o movimento, tornou-se uma necessidade imprescindível para a igreja.¹

Porém, um grupo se colocou contra a organização do movimento, com a acusação de que se isso acontecesse o movimento se transformaria em “Babilônia”. Mas, após experimentar tal crescimento, outro grupo liderado por Tiago White entendia que se não houvesse tal organização o movimento corria o risco de entrar num caos e logo poderia deixar de existir. E em seis de Dezembro de 1853, Tiago White publicou na *Review and Harold*, quatro artigos sobre a importância da organização do movimento para igreja. Embora o grupo pró-organização tivesse apresentado com eficiência seus argumentos nessa discussão, somente depois de uma década eles alcançaram seu objetivo.²

Até 1863, o desenvolvimento rumo à formação de uma estrutura organizacional ocorreu em três níveis básicos: o primeiro foi à organização de igrejas locais. A primeira igreja Sabatista organizada, foi a de Park Ville, Michigan, no dia 13 de Maio de 1860. O segundo nível do desenvolvimento organizacional foi à formação de Associações estaduais.

Em Outubro de 1861, foi organizada a primeira Associação Adventista, também em Michigan. E o terceiro nível do desenvolvimento organizacional foi o estabelecimento da Associação Geral, órgão maior da IASD. Nos dias 20-23 de Maio de 1863, foi adotada uma forma representativa da organização da igreja e constituída a Associação Geral e em 1

¹ George R. Knight, *Uma igreja mundial* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 57-59.

² Idem, *Organizing to Beat the Devil – the Development of Adventist Church Structure* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2001), 86-96.

de Outubro de 1860 foi definido o nome desta igreja que passou a se chamar Igreja Adventista do Sétimo Dia.¹

Entre 1890 a 1900, A. T. Jones; E. J. Waggoner; D. J. Paulsen; P. T. Magan e W. W. Prescott apresentaram, o que segundo eles, era um modelo organizacional cristocêntrico que enfatizaria a natureza da igreja. Como a igreja é o corpo de Cristo, logo esta igreja deve estar organizada tendo como base os dons espirituais.²

Entretanto, em seu artigo intitulado “Seventh-day Adventist Ecclesiology, 1844-2001: A Brief Historical Overview”, Alberto R. Timm afirma que tal “sugestão” na verdade era uma tentativa de impedir a organização da igreja por departamentos conforme a sugestão apresentada por A. G. Daniells, W. C. White, terceiro filho de Tiago e Ellen White³, e W. A. Spicer.

Diante deste fato, na sessão da Conferencia Geral de 1901 em Battle Creek, Michigan seis importantes decisões foram tomadas. (1) o estabelecimento de Uniãoes/Missãoes; (2) a centralização da estrutura departamental da igreja; (3) a descentralização da liderança do presidente da Conferencia Geral e do comitê executivo composto por vinte e cinco membros; (4) transferir as propriedades e a administração de instituições da Conferencia Geral para as respectivas Uniãoes/Missãoes; (5) Decidiu-se criar um fundo comum para suporte financeiro do trabalho mundial da igreja e (6) Coordenar os trabalhos de Missões do comitê da Conferencia Geral e a escolha de A.G. Daniells como

¹ Timm, 143-148.

² Barry D. Oliver, *SDA Organizational Structure: Past, Present and Future* (Ausdds 15, Berring Spring: Andrews University Press, 1989), 139-140.

³ Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor*, O ministério profético de Ellen Gold White (Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2003), 254.

novo presidente executivo da IASD e W.A. Spicer como secretário¹. Diante desses dois grupos, a senhora White optou por posicionar-se ao lado do grupo liderado por A.G. Daniells, W. C. White e W. A. Spicer, que entendiam ser necessário a organização do movimento.²

Sem querer entrar no mérito da questão que motivou A. T. Jones; E. J. Waggoner; D. J. Paulsen; P. T. Magan e W. W. Prescott, a fazer tal sugestão, não seria de fato um bom método de trabalho organizar a igreja a partir dos dons espirituais? Pois alguns especialistas em reavivamento e crescimento de igreja como Russell Buril³ e Rick Warren⁴ afirmam que é possível alcançar bons resultados trabalhando a partir deste princípio, levando cada membro da igreja a atuar em uma área que está de acordo com sua capacidade.

Em um artigo publicado na revista Ministério de Novembro-Dezembro de 2006 intitulado, “Livres para Crescer”, Wilson Borba trata do relevante tema, “crescimento de igreja”, identificando dez fatores que tornam possível este crescimento nas igrejas modernas. Borba o apresenta como sendo uma realidade que todos os pastores gostariam de experimentar em suas congregações e no terceiro fator, onde apresenta os dons espirituais, ele cita Christian A. Schwarz, que afirma que em pesquisa realizada nas igrejas que mais crescem nos cinco continentes, revelou que 68% dos seus membros estão envolvidos em

¹ Timm, “Seventh-day Adventist Ecclesiology, 1844-2001: A Brief Historical Overview”, *Pensar en la iglesia hoy: Hacia una eclesiología Adventista* (Entre Rios, AR: Editorial Universidad Adventista Del Plata Libertador San Martín, 2002), 292-293.

² C. C. Crisler, *Organization, its Character, Purpose, Place and Development in the Seventh-day Adventist Church* (Takoma Park, Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1938), 154-155.

³ Buril, 65-74.

⁴ Rick Warren, *Uma igreja com propósitos* (SP: Editora Vida, 1958), 68.

ministérios compatíveis com os dons espirituais que receberam. Ao passo que nas igrejas decrescentes, o envolvimento em ministérios compatíveis é de apenas 9%.¹

No processo organizacional, a IASD entendeu que deveria dividir suas funções em departamentos para melhor cumprir sua missão. E essa organização por departamentos, também se deu mediante um longo processo de estudo e análise.

A Departamentalização da IASD

O termo *ekklesia*, que significa igreja, era usada pelos gregos para denotar uma assembléia ou congregação de cidadãos livres, convocados ou chamados por arauto. Há várias ocorrências do termo *ekklesia* nos escritos apostólicos. Deve ser notado que em todos os casos a palavra “igreja” refere-se sempre a pessoas e não a edifícios. No seu sentido mais amplo, o termo é usado para descrever “o grupo de fiéis ao redor do mundo”.²

Há quatro formas de governo eclesiástico: episcopal, papal, independente e representativa, e podem ser apresentadas da seguinte maneira: a primeira, episcopal, é a forma de governo por meio de bispos, comumente com três ordens: Bispos, Sacerdotes e Diáconos. A segunda forma é a papal, que tem o Papa como pessoa investida de autoridade suprema. A terceira forma é a independente. Esta torna a congregação da igreja local suprema e final dentro de seu próprio domínio. E a quarta e última forma é a representativa.

¹ Christian A. Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja* (Curitiba, PA: Editora Evangélica Esperança, 1996), 10.

² José Miranda Rocha, *Organização e administração eclesiástica*, (Uma monografia para o SALT “Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia sede Brasil Sul”, segundo semestre de 2006), 1-2.

Esta forma de governo reconhece que a autoridade da igreja repousa nos seus membros, sendo a forma de governo eclesiástico adotada pela IASD.¹

A IASD esta organizada da seguinte maneira: um grupo de membros forma uma igreja; um grupo de igrejas forma um distrito; um grupo de distritos forma uma associação/missão; um grupo de associações/missões forma uma união; um grupo de uniões forma uma divisão e um grupo de divisões forma a A.G (Associação Geral).²

Em todas as esferas, desde a igreja local até a Associação Geral., a IASD esta subdividida por departamentos. E eles são: ancião; diáconos e diaconisas, únicos restritos apenas às igrejas locais; secretária; tesouraria; ministério pessoal; departamento de escola sabatina; ministério jovem; ministério da musica; clube de desbravadores; clube de aventureiros; departamento de comunicação; ministério da saúde; departamento de liberdade religiosa; adra, ministério da recepção; ministério da família; ministério da fidelidade e ministério da mulher.³

Ao tratar sobre a importância da organização da igreja, a Sra. White diz as seguintes palavras:

Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para prover a manutenção do ministério para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto igrejas como ministros para a conservação das propriedades da igreja, para a publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins.⁴

¹ *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 25-26.

² *Ibid.*, 26.

³ *Ibid.*, 49-72; 99-143.

⁴ White, *Testemunhos para ministros*, 26.

A IASD possui uma sólida estrutura organizacional que existe com um duplo propósito de (1) manter a unidade doutrinária da própria denominação e (2) facilitar o cumprimento de sua missão evangelizadora no mundo.¹

Como foi visto, a quarta forma de governo eclesiástico é a representativa. Esta forma de governo reconhece que a autoridade da igreja repousa nos seus membros e é a forma de governo eclesiástico adotado pela IASD. Todas as pessoas que exercem alguma função administrativa na IASD fazem-no mediante indicação e voto da maioria e isto acontece de forma representativa em todas as esferas organizacionais da igreja.

O Senhor Cumpriu Sua Palavra

Em 1876, Ellen G. White, recebeu de Deus uma visão. Nesta visão, ela se deparou com um modelo organizacional diferente do que a IASD tem utilizado ultimamente. Por motivos desconhecidos, somente 24 anos após a instrução divina, ela encontrou duas igrejas que estavam aplicando o conteúdo daquela visão.

Na visão a Sra. White viu uma igreja que realizava diversos projetos, alguns eram realizados na igreja e outros fora do prédio da igreja, projetos que iam ao encontro das pessoas e de suas necessidades onde quer que elas estivessem. Muitas eram as pessoas envolvidas na realização de cada projeto e isso levou a Sra. White a comparar aquelas igrejas como duas “colméias”, pois cada um realizava sua função de maneira ordenada. Ao contemplar o trabalhos das igrejas de San Francisco e Oakland, Ellen White fez a seguinte afirmação: “O Senhor cumpriu Sua palavra”.²

¹ Timm, “Podemos ainda ser Considerados uma Igreja Missionária”, 8-10.

² Ellen G. White, “The judgments of God on our Cities”, *The Review and Herald* July 5, 1906, 7-9.

As Colméias de São Francisco e Oakland

No Sábado dia 10 de Novembro de 1900, Ellen G. White visitou as igrejas de San Francisco e Oakland na Califórnia, nos Estados Unidos, e as encontrou repletas até o máximo de sua capacidade. Entre os motivos apresentados pela Sra. White para justificar tal sucesso evangelístico, estão alguns projetos que são: visitação a enfermos e desamparados, fundação de lares para órfãos, obras em favor dos desempregados, as verdades bíblicas eram ensinadas de casa em casa, distribuição de literaturas, aulas sobre vida saudável e cuidado com os enfermos, escola para crianças, lar para trabalhadores, uma missão médica, sala de tratamentos naturais, armazém de produtos saudáveis, um restaurante vegetariano, trabalho missionário realizado ao longo do ancoradouro nas embarcações e conferências públicas.

Eram quatorze projetos divididos em três áreas, projetos sobre saúde, projetos sociais e projetos evangelísticos. Estes projetos atendiam a comunidade em suas diversas necessidades. Muitos dos membros estavam envolvidos nestes projetos, por isso, a expressão “Colméia”, pois cada um desempenhava sua função de maneira ordenada.¹

Resumo e Conclusão

As poucas semelhanças entre a igreja de Corinto e a IASD, estão no fato de ambas terem sido comissionadas a “ensinar e batizar” e no recebimento dos dons espirituais para o cumprimento de suas tarefas.

Os métodos evangelísticos “centrípeto e centrífugo” utilizados respectivamente no Antigo e Novo Testamentos dão a idéia de que em algum momento Deus entendeu que se

¹ Idem, *Beneficência social*, 112.

não houvesse uma mudança na estratégia, as pessoas não seriam evangelizadas como Ele gostaria. Essa mudança levou a igreja a desenvolver mecanismos para alcançar as pessoas onde elas estivessem e esses mecanismos se tornam eficientes, à medida em que cumprem seu papel. Às vezes, mudar a estratégia ou introduzir novos mecanismos se tornam necessários para o cumprimento da missão.

Conforme analisado neste capítulo, a organização de uma igreja é de fundamental importância, pois sem organização o trabalho se torna mais difícil. No processo organizacional, é indispensável levar os membros a trabalhar em áreas conforme os dons dados por Deus a cada um. Isso pode ser feito através de testes, levando os membros a descobrir qual ou quais são seus dons e depois apresentar-lhes ministérios onde possam aplicá-los, pois quando o assunto é crescimento de igreja, tudo deve ser realizado de tal forma a envolver os membros neste processo de crescimento para que seja não só um crescimento quantitativo, mas também qualitativo.

No processo de crescimento, é viável envolver os membros no ato da organização. Nas igrejas que optaram por uma forma de governo eclesial representativa, isso é possível, pois de forma representativa a opinião dos membros é considerada em todos os momentos. Logo, esta forma de governo reconhece que a autoridade da igreja repousa nos seus membros.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO DA COLMÉIA VIVA DE CRISTIANISMO PRÁTICO

Tendo como base a experiência vivida pela Sra. White ao receber de Deus uma visão e ao ter testemunhado o cumprimento desta nas igrejas de São Francisco e Oakland, os pastores Sidionil Biazzzi e Élcio Magalhães, respectivamente, presidente da Associação Paulistana e pastor do distrito de Vila Rodrigues em Osasco/SP, entenderam que seria possível à implantação de um projeto semelhante. Isto foi feito nas igrejas do distrito de vila Rodrigues em São Paulo.

O Distrito de Vila Rodrigues

O distrito de Vila Rodrigues encontra-se na cidade de Osasco em São Paulo e compõe com outros distritos a 3º região da Associação Paulistana. É liderado pelo pastor Élcio Magalhães desde o início 2005 e conta com oito igrejas, são elas: Vila Rodrigues (sede do distrito), Cidade das Flores, Jardim Boa Vista, Jardim Oriental, Jardim Santa Maria, Jardim Veloso, Jardim Kennedy e Vila Yara. Esta última agregada ao distrito em Março de 2006, por este motivo não acompanhou os primeiros passos da implantação do projeto Colméia, porém a partir de Outubro de 2006, esta igreja, iniciou o processo de implantação do projeto Colméia.

Implantação da Colméia Viva de Cristianismo Prático

No dia 3 de dezembro de 2005, no centro de treinamento Adventista de Cotia em São Paulo, houve uma reunião em que foram lançadas as bases para a implantação do projeto “Colméia”. Nesta reunião, estiveram presentes cerca de 125 líderes de sete das oito igrejas do distrito,¹ junto com os pastores Sidionil Biazzi e Élcio Magalhães para avaliar o projeto “Colméia” e decidir implantá-lo nas igrejas. Além dos quatorze projetos descritos pela Sra. White, o grupo optou por desenvolver e implantar outros projetos e somá-los aos quatorze já existentes, chegando a um total de 26 projetos.

Após as considerações, o grupo decidiu implantar os projetos agrupando-os em três áreas: social, saúde e evangelística/mental. Cada um dos 26 projetos conta com um diretor e cada uma das três áreas conta com um coordenador que atua diretamente com os diretores dos projetos de sua área.

Reestruturação Departamental das Igrejas do Distrito de Vila Rodrigues

O grupo reunido no dia 3 de dezembro de 2005 no centro de treinamento Adventista de Cotia entendeu, que para implantar o projeto “Colméia”, era necessário fazer uma reestruturação departamental em cada igreja do distrito. Os departamentos de ministério de lar e família, ministério da fidelidade, ministério de liberdade religiosa, ministério da saúde, ministério pessoal, expansão patrimonial, ministério da comunicação, literatura denominacional, ministério da mulher, ministério da música e Adra ficaram todos sobre a administração dos anciãos e os líderes que anteriormente estavam à frente desses departamentos/ministérios agora estão “livres” para se envolver com algum dos projetos da

¹ Vila Yara, esta igreja foi implantada ao distrito de Vila Rodrigues em Março de 2006.

“Colméia”.

Desta forma, a comissão das igrejas do distrito de vila Rodrigues é composta agora pelos seguintes membros: pastor, anciãos, secretária (o), tesoureiro (a), diaconato, recepção, ministério jovem, escola sabatina e os três coordenadores da Colméia, o coordenador da área da saúde, o coordenador da área da evangelística/mental e o coordenador da área social. Nesta reestruturação, o clube de Desbravadores e Aventureiros foram introduzidos na colméia como projetos na área social e assim como os demais projetos, na comissão de igreja são representados pelo coordenador da área social.

Mesmo tendo optado por esta reestruturação, entendeu-se que esta só deveria ocorrer após um ano de adaptação, então o ano de 2006 foi escolhido como o período em que o sistema tradicional deveria conviver com o novo sistema organizacional.

Descrição dos Projetos

São projetos na área evangelístico/mental como: classe de investigação da Bíblia, programa público de estudos proféticos, anjo amigo (reencontro), oração intercessória, pequenos grupos familiares, investigação bíblica domiciliar, escola cristã de férias e distribuição de literatura.

A classe de investigação da Bíblia é a implantação de classes de estudos bíblicos em locais disponíveis como: igreja, escola, casas, etc. Este projeto é tradicionalmente conhecido como classe bíblica.

O programa público de estudos proféticos é um projeto que semanalmente e de forma coletiva desenvolve um programa de estudos bíblicos proféticos. Este projeto é tradicionalmente conhecido como série evangelística.

O anjo amigo é um programa que tem como finalidade aproximar ex-membros da IASD a fim de reintegrá-los ao corpo de membros da igreja, para isso, promove desjejuns e almoços coletivos, programações especiais etc. Este projeto é tradicionalmente conhecido como o dia do reencontro.

A oração intercessória é um projeto que se vale do poder da oração para interceder por alguma pessoa, que geralmente é do círculo de relacionamento dos membros da igreja e dos projetos da “Colméia” que esteja necessitando de cura física, mental, social e espiritual.

Os pequenos grupos familiares são estabelecidos em locais para reuniões familiares para um grupo de pessoas, a fim de promoverem o bem-estar pessoal e familiar, bem como, o envolvimento nos projetos da colméia.

A investigação bíblica domiciliar é um projeto que organiza equipes que possam levar os estudos bíblicos aos lares das pessoas que porventura não estejam participando de algum outro projeto de investigação da Bíblia.

A escola cristã de férias é um projeto que desenvolve atividades para crianças em idade escolar, durante o período de férias, visando o aprimoramento físico, social, mental e espiritual de cada aluno. Desenvolvem-se também atividades com os pais presentes.

A distribuição de literatura deste projeto promove a leitura, junto à comunidade, dos folhetos, revistas e livros relacionados com as áreas da saúde física e espiritual.

Os projetos na área social são: escola de instrumentos musicais, curso de artesanato, clube de excelente idade, dia de ação social, arte de falar em público, classe de alfabetização, biblioteca comunitária, programa de geração de renda, clube de desbravadores e clube de aventureiros.

A escola de instrumentos musicais tem como objetivo implantar o ensino de instrumentos musicais e canto para a comunidade em geral.

O curso de artesanato ensina a produzir objetos artesanais que sirvam como fonte alternativa de renda.

O clube de excelente idade cria atividades sociais religiosas para idosos tanto da comunidade em geral como da igreja.

O dia de ação social é um projeto a ser realizado em parceria com poderes públicos, profissionais liberais, empresários, etc., a fim de estabelecer um dia em que se possa oferecer atendimento comunitário gratuito.

A arte de falar em publico promove cursos de oratória secular e sacra, contatando eventuais instrutores que auxiliem aos participantes a se desenvolverem nesta área.

A classe de alfabetização tem como principal finalidade oferecer, através de pessoas habilitadas, a alfabetização de jovens e adultos bem como reforço escolar aos que estão parcialmente alfabetizados.

A biblioteca comunitária torna acessível ao estudante e outros interessados livros didáticos, denominacionais e seculares de bom nível, além de revistas, livretos e outros matérias de pesquisa escolar.

O programa de geração de renda auxilia desempregados na busca de ocupação ou obtenção de uma nova profissão ou atividade.

O Clube de Desbravadores reúne juvenis, tanto da comunidade com da igreja, para realização de diversas atividades com o fim de desenvolvimento físico, social, emocional/mental e espiritual.

O Clube de Aventureiros tem os mesmos ideais que o Clube de Desbravadores, mas seu público-alvo são crianças de seis a nove anos.

Os projetos na área da saúde são: *home care*; promoções de hábitos saudáveis; enfermeiros comunitários; orientação sexual; sala de tratamento natural; lojas de produtos naturais; controle de hipertensão e diabetes e combate ao tabagismo.

Home care é um projeto que deve organizar uma equipe composta de médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e outros profissionais da área médica para atender através da visitação a domicílios, pessoas que não tenham condições de buscar ajuda. Caso necessário, encaminhar os casos mais complexos para um hospital a fim de obter melhores atendimentos.

A promoção de hábitos saudáveis promove cursos, palestras, seminários que envolvam orientações e esclarecimentos sobre a melhoria da qualidade de vida. Também visa organizar grupos para educação física e outras atividades afins envolvendo profissionais da área.

Os enfermeiros comunitários realizam programas de prevenção a doenças e higiene junto à comunidade, contando sempre com profissionais habilitados. Caso necessário, encaminhar os casos mais complexos para um hospital, para obter melhores atendimentos.

A orientação sexual elabora e fomenta programas que visem esclarecer e orientar jovens e casais em questões sexuais. Buscar parceria em órgãos como a delegacia da mulher para palestras sobre prevenção ao abuso e violência doméstica além de outros assuntos.

A sala de tratamento natural procura fundar sucursais do Espaço Vida Natural em cada Colméia, treinando e capacitando profissionais habilitados para a instalação e funcionamento de programas de tratamentos naturais, tais como: escalda-pés, banho de assento, tratamento com argila, etc.

A loja de produtos naturais distribui produtos naturais com preços acessíveis a todos, para fornecer a matéria-prima para os tratamentos naturais e se possível realizar parceria com lojas já existentes. Este projeto deve trabalhar em parceria com o projeto da sala de tratamento natural.

O controle de hipertensão e diabetes conta com uma equipe habilitada. Atende em dias determinados pessoas para a verificação da pressão arterial, diabetes e colesterol.

O combate ao tabagismo realiza sistematicamente as tradicionais semanas anti-fumo, passeatas, etc. Deve-se também, estabelecer um dia da semana para atendimentos periódicos.

A Colméia na Igreja de Vila Yara

A IASD de Vila Yara se diferencia das demais do distrito de Vila Rodrigues. As razões são as seguintes: por estar localizada na Escola Adventista de Vila Yara, uma das maiores escolas adventistas da Associação Paulistana, dispõe de excelente espaço físico e de salas de aulas úteis para reuniões e treinamentos. Também, por contar em sua membresia com alguns professores e alguns administradores desta escola, bem como alguns empresários e profissionais liberais e por estar localizada em um bairro de classe média-alta.

Os membros da igreja optaram, no ato da implantação da “Colméia”, por manter a base como nas demais colméias, mas implantar alguns projetos diferenciados das demais colméias com a finalidade de servir como uma espécie de central, servindo tanto as colméias do distrito como da comunidade. Os projetos também estão agrupados nas áreas da saúde, social e mental/evangelística.

Na área evangelístico/mental os projetos são: classe de investigação da Bíblia, programa público de estudos proféticos, anjo amigo (reencontro), oração intercessória, pequenos grupos familiares, investigação bíblica domiciliar, escola cristã de férias, e distribuição de literatura. Como se vê, não ouve alteração em nenhum projeto desta área.

Na área social os projetos são: clube de excelente idade, dia de ação social, arte de falar em público, programa de geração de renda, clube de desbravadores e clube de aventureiros. A área social desta igreja não conta com os demais projetos: escola de instrumentos musicais, curso de artesanato, classe de alfabetização e biblioteca comunitária. Por sua vez, outros quatro projetos foram desenvolvidos para complementar esta área, e são eles: atendimento a órfãos e idosos; curso de inglês; doutores da alegria e palestras e eventos.

O atendimento a órfãos e idosos é um projeto que tem como objetivo atender crianças, que por motivo de força maior, residem em orfanatos e lares para moços e moças, dando a eles a oportunidade de novos relacionamentos.

O curso de inglês é um projeto que visa oferecer gratuitamente a todos os que queiram, aulas de inglês em dias e horários afins.

Os doutores da alegria realizam visitação hospitalar, levando um pouco de alegria e entretenimento aos que se encontram hospitalizados.

As palestras e eventos atendem as necessidades da comunidade em que aquela “Colméia” esta inserida.

Na área da saúde os projetos são: *home care*; combate ao tabagismo. A área da saúde desta igreja não conta com os demais projetos: promoções de hábitos saudáveis; enfermeiros comunitários; orientação sexual; sala de tratamento natural; lojas de produtos naturais; controle de hipertensão e diabetes. Por sua vez, outros dois projetos foram

desenvolvidos e inseridos nesta área, e são eles: consultório odontológico e curso de culinária vegetariana.

O consultório odontológico reúne profissionais da área e organiza-os em atividades voluntárias atendendo a pessoas que não tenham a oportunidade de um tratamento odontológico adequado.

O curso de culinária vegetariana busca alcançar de maneira eficaz pessoas que estejam preocupados em obter uma qualidade de vida melhor e procura fazê-lo através de uma reeducação alimentar, priorizando alimentos saudáveis em detrimento a alimentos que são prejudiciais a saúde.

Outros projetos foram desenvolvidos, na “Colméia” da igreja de Vila Yara, com o fim de servir não só a comunidade como também às demais “Colméias” do distrito, são eles: controle de qualidade dos projetos, administração dos recursos, *call center*, divulgação dos projetos, documentação e registro.

O controle de qualidade dos projetos cuidará do bom desenvolvimento dos demais projetos oferecendo aos líderes condições de executar, sem maiores dificuldades, suas atividades.

A administração dos recursos visa reunir os meios destinados à “Colméia”, por pessoas ou empresas, e repassá-los de forma organizada e equilibrada aos projetos que necessitem desses recursos.

O *call center* será uma central telefônica que direcionará uma pessoa que esteja a procura de algum atendimento específico, informando a partir de seu endereço, qual “Colméia” esta mais próxima de sua residência fornecendo endereço, horário e qual pessoa estará prestando o atendimento solicitado. Também receberá críticas e sugestões para a melhoria do atendimento oferecido.

A divulgação dos projetos, documentação e registro trabalhará em duas frentes distintas. A primeira cuidará com marketing da colméia e a segunda cuidará em preservar a memória da “Colméia Viva de Cristianismo Prático” em Osasco, arquivando documentos, fotos e outros materiais necessários para manter atualizado os arquivos desta colméia.

Os Sete Pilares da Colméia Viva de Cristianismo Prático

No início da igreja primitiva, os cristãos viveram uma experiência relacional bem atípica a que é vivida ultimamente. Segundo a Bíblia, eles “diariamente” perseveravam unânimes “no templo”, partiam o pão “de casa em casa” com alegria e singeleza de coração (At 2:44-47). Como se vê, três pontos são destacados neste verso, “diariamente”, “no templo” e “de casa em casa”. Essa idéia é enfatizada também em Atos 5:42, onde diz: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo.” Esses dois versos apresentam uma igreja que diariamente, tanto no templo como de casa em casa, realizava o trabalho em prol da evangelização de seus contemporâneos.

A Sra. White faz a seguinte afirmação:

A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência.¹

Diante deste conceito, entende-se que as pessoas envolvidas no projeto “Colméia” deveriam buscar uma experiência relacional semelhante à vivida pelos cristãos da igreja primitiva. Então, para alcançar tal experiência de forma consistente, a “Colméia” foi elaborada tendo como base “sete pilares” que norteiam e mantêm os princípios da IASD. Estes pilares são: membros/discípulos, líderes, doutrinas, organização/departamentos,

¹ Ellen G. White, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 9.

testemunho, comunhão e o sábado.

Os membros/discípulos são a razão da existência da igreja. Jesus mesmo ordenou “ide, fazei discípulos batizando-os” (Mt 28: 19), ou seja, pessoas trabalhando em prol de pessoas. Para que a igreja continue crescendo, é necessário oferecer a devida atenção aos que já foram alcançados, por isso, na implantação do projeto “Colméia”, reforçou-se a importância de que os anciãos deveriam assumir o papel de visitantes dando, junto com o pastor distrital, suporte espiritual aos membros da igreja, oferecendo treinamento e capacitando-os a servir na missão de buscar outros para a igreja de Cristo.

Em seu livro, *Serviço cristão*, a Sra. White apresenta a seguinte declaração:

Não é por falta de conhecimento que o povo de Deus está perecendo agora... A luz, preciosa luz, brilha sobre o povo de Deus, mas não os salvará, a menos que consintam em ser por ela salvos... transmitindo-a a outros que se acham em trevas.¹

Diante disto, os membros, também são levados a entender que a responsabilidade de levar pessoas à salvação não repousa somente nos ombros do pastor e dos líderes da igreja. Cada um é comissionado por Cristo ao trabalho. Com a atividade melhor distribuída, o pastor tem mais tempo para a visitação e capacitação dos membros da igreja.

Os líderes são os responsáveis pelo bom andamento da igreja de Cristo, por isso, esses homens e mulheres devem estar bem treinados e motivados. Numa realidade de trabalho adventista, onde um pastor é responsável por um distrito, o papel do ancião é de fundamental importância para manter os demais líderes ativos no trabalho. Logo, a idéia é a seguinte, o pastor local dando atendimento especial para os anciãos e demais membros da igreja, os anciãos dando atendimento especial aos demais líderes e também aos demais membros; os demais líderes dando atendimento especial aos membros e interessados a

¹ Idem, *Serviço cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 39.

unirem-se a igreja de Cristo.

As doutrinas são de fundamental importância para se manter uma unidade de pensamento quanto à vontade de Deus. Entende-se, portanto, que os membros da igreja deveriam ter mais contato com sermões que os ajudem a manter sua identidade denominacional, então foram elaborados e apresentados, ao longo do ano, sermões sabáticos versando sobre as 28 crenças fundamentais das IASD que visem lembrar e esclarecer acerca das verdades baseadas na Bíblia.

A organização da igreja baseia-se em pessoas dotadas por Deus com dons específicos para o desenvolvimento de Sua obra. Diz o apóstolo Paulo:

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé (Ef 4:11-13).

Como já visto anteriormente, as igrejas do distrito de Vila Rodrigues passaram por uma reestruturação departamental, visando dar uma atenção maior ao foco missionário.

Ao testemunho, foi dada uma ênfase especial. Cada membro foi incentivado a testemunhar aos que estavam ao seu redor. Em paralelo com o projeto “Colméia”, foi desenvolvido outro projeto intitulado, “Quero Ver no Céu!”. Cada família da igreja deveria escolher uma família vizinha ou amiga para orar por ela e com ela, e no mínimo uma vez por semana, reunirem-se para testemunhar. Este projeto passou a ser conhecido no distrito como micro-grupo.

Para a comunhão dos membros com Deus, foi introduzido o programa “Intimidade com Deus” incentivando cada membro a separar a primeira hora do dia para a intimidade com Deus. Estes deveriam orar por cinco amigos adventistas e por cinco

amigos não adventistas. Foram realizadas reuniões de confraternização e testemunhos com os envolvidos neste programa.

No sétimo e último pilar de sustentação da “Colméia” está a observância do sábado. No projeto “Colméia”, o sábado é apresentado aos líderes e membros da igreja como uma extraordinária oportunidade, dada por Deus, de se passar tempo com a família e não se envolver com reuniões e atividades da igreja que não sejam os cultos de adoração a Deus. Sobre o assunto, a Sra. White diz o seguinte:

O Sábado e a família foram, semelhantemente, instituídos no Éden, e no propósito de Deus acham-se indissolúvelmente ligados uns ao outro. Neste dia, mais do que em qualquer outro, é-nos possível viver a vida do Éden. Era o plano de Deus que os membros da família se associassem no trabalho e estudo, no culto e recreação, sendo o pai o sacerdote da casa, e pai e mãe os professores e companheiros dos filhos. Mas os resultados do pecado, tendo mudado as condições da vida, impedem em grande parte esta associação. Muitas vezes o pai dificilmente vê a face de seus filhos durante toda a semana. Acha-se quase totalmente desprovido de ocasião para companhia ou instrução. O amor de Deus, porém, estabeleceu um limite às exigências do trabalho. Sobre o Sábado Ele põe Sua misericordiosa mão. No Seu dia Ele reserva à família a oportunidade da comunhão com Ele, com a natureza, e uns para com outros. Visto que o Sábado é a memória do poder criador, é o dia em que de preferência a todos os outros devemos familiarizar-nos com Deus mediante Suas obras... Felizes são o pai e a mãe que podem ensinar a seus filhos a palavra escrita de Deus com ilustrações tiradas das páginas abertas do livro da natureza; que podem com eles reunir-se sob as verdes árvores, no ar fresco e puro, para estudar a palavra e cantar os louvores do Pai celestial.

Por meio de tais associações, os pais poderão ligar os filhos a seu coração, e assim a Deus, mediante laços que jamais se hão de romper. O sábado deve ser tornado tão interessante para nossas famílias, que sua volta semanal seja saudada com alegria.¹

Para tornar o sábado um dia deleitoso para toda a família, os envolvidos no projeto decidiram executar tanto a obra do Senhor como a secular em seis dias, de domingo a sexta. Decidiram, também, modificar os paradigmas do sábado, dedicando o dia para a família, fazendo assim com que o sábado e não o domingo seja o melhor dia da semana.

¹ Idem, *Filhos e filhas de Deus*, Meditações diárias (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 181.

Outra iniciativa tomada pelos líderes daquele distrito, está no fato de reverter o culto e a escola sabatina, para que com isso, se possa em primeiro lugar na manhã de sábado. Ouvir a voz de Deus através do sermão e depois a escola sabatina.

A partir da implantação do projeto “Colméia”, está sendo evitada qualquer reunião ou ensaios no dia de sábado. Os membros estão sendo incentivados a marcar para outros dias da semana seus compromissos com a igreja, como estudos bíblicos, visitas missionárias, ensaios e outros.

Divulgação dos Projetos, Documentação e Registro

Com o fim de se divulgar o projeto Colméia, foi criado um site. Este deve servir como uma espécie de fonte de informações, onde o internauta pode, através de um simples acesso, saber onde e quando os projetos estão acontecendo, bem como, quem são as pessoas que estão a frente de cada um desses projetos. Seu funcionamento será semelhante ao do *call center* a ser desenvolvido pela igreja de vila Yara. O endereço da “Colméia” na internet é www.colmeiaviva.org.br ou www.paulistana.org.br. Este último é o site oficial da Associação Paulistana, onde existe um link que conduz diretamente para o site da colméia.

Foi elaborado um informativo intitulado “Colméia Viva de Cristianismo Prático”, como outra forma para divulgar o que está acontecendo na “Colméia”. O primeiro número deste informativo, contém a apresentação do projeto “Colméia”, bem como seu histórico, de forma resumida, acompanhado de algumas fotos para ilustrar o que está acontecendo no distrito.

Para que a implantação do projeto ocorresse de forma organizada, foram elaboradas algumas fichas de detalhamentos dos projetos, dois diagramas contendo a

proposta da estruturação das igrejas, após a reestruturação departamental. Um diagrama contém a fase transitória de implantação e o outro diagrama contém a estrutura definitiva da implantação e um quadro de horários contendo o programa de atividades semanais da “Colméia”.

Avaliação dos Organizadores

Em 1948, a ONU fundou a Organização Mundial da Saúde, e definiu que a saúde é “o completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecções ou enfermidades”.¹ O projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático” tem como principal finalidade trazer ao ser humano, independente da raça, sexo ou nacionalidade, qualidade de vida através de projetos que vêm ao encontro das mais distintas necessidades nas áreas da saúde, social e mental/evangelística.

Ao observar o projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático”, nota-se que o objetivo não está em inventar algo novo, e sim, sistematizar o que já existe no meio adventista. Um exemplo claro está no curso para deixar de fumar e o Clube de Desbravadores, que são atividades conhecidas entre os adventistas. A diferença, porém, está no fato de ao apresentá-los como diferentes frentes de trabalho de um mesmo projeto, torna-se mais fácil receber o apoio dos membros e alcançar empresas interessadas em patrocinar este tipo de trabalho, ajudando, assim, a fazer o que sempre foi realizado pela IASD. Não que o objetivo apenas seja angariar recursos, mas sim, receber apoio para continuar realizando o trabalho.

Os organizadores deste projeto o definem da seguinte forma:

¹ Wikipédia a enciclopédia livre, “Organização Mundial da Saúde”, pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Adventista_do_S%C3%A9culo_21, no dia 20 de Novembro de 2006.

O conhecimento da “Verdade Presente” é à base do processo que nos leva, de maneira racional e eficiente, praticar a vontade de Deus. Sem ele, nossos atos são desordenados, desembaraçados e carentes de poder do Espírito, pois o Espírito deseja nos guiar ao pleno conhecimento da estratégia planejada por Deus para levar Sua igreja ao triunfo final. Anos após anos, trabalhamos esperançosos para apressarmos a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, contudo, nossos atos (embora entusiasmantes num primeiro momento), deixam-nos um profundo senso de frustração. Mesmo que atinjamos, eventualmente, a fantástica satisfação de levar uma alma à conversão, permanece a dificuldade em contagiar a igreja como um todo. A igreja precisa atuar unida para o desenvolvimento ou crescimento que finalizaria a nossa missão.¹

Entretanto, sabe-se que houve alguns problemas neste período de implantação.

Um deles foi o fato de que nenhuma das oito igrejas do distrito conseguiu implantar os vinte e seis projetos sugeridos. Outro problema esteve por conta da dificuldade de adaptação encontrada por alguns membros a este novo sistema organizacional. Alguns manifestaram seu saudosismo pelo sistema anterior. Talvez a igreja de Jardim Boa Vista tenha sido a que mais enfrentou dificuldades no ato desta implantação, pois nesta igreja não foi possível implantar a maioria dos projetos.

Por sua vez, a direção deste projeto entende que para o próximo ano, será necessário realizar algumas pequenas modificações para melhoria do atendimento. Mas, é do conhecimento de todos os que estiveram envolvidos, que com a implantação deste projeto, é possível obter bons resultados. Porém, não se tem a pretensão de se pensar que este projeto solucionará todos os desafios enfrentados pela IASD e que, com a aceitação e implantação do mesmo, todos os demais projetos evangelísticos já existentes perdem seu valor. A idéia é tê-lo como mais uma opção, mais uma forma de se cumprir à missão ordenada por Cristo. Na verdade, este projeto em parceria com outros, trará um melhor resultado para as igrejas.

¹ Sidionil Biazzi, “Colméia Viva do Cristianismo Prático”, pesquisa realizada na Internet, no site <http://www.colmeiaviva.org.br>, no dia 15 de Outubro de 2006.

Projeto Família Feliz

A família foi estabelecida por criação divina como instituição humana fundamental. É o principal ambiente em que são apresentados valores e desenvolvida a capacidade para íntimos relacionamentos com Deus e com outros seres humanos. Vive-se numa época, em que tanto o casamento como as famílias estão passando por um período de desestruturação e descrédito. A sociedade necessita de algo que possa ajudá-la no ato de estruturar ou reestruturar suas famílias.

O projeto “Família Feliz” atuará em parceria com os demais da área social. Este projeto tem como proposta, oferecer a todos quanto queiram, informações pertinentes nas áreas de orientação pré-marital acessível a todos os casais antes do casamento; difusões das leis que governam o matrimônio para o fortalecimento do casamento; relacionamento conjugal; paternidade; educação de filhos com o fim de minimizar conflitos existentes na sociedade; educação de pais, dando especial atenção às necessidades de famílias sem pai ou mãe, ou em que há padrastos ou madrastas; promover encontros de casais para estreitar os laços matrimoniais e apresentar aos casais palestras que tratem, entre outros assuntos, das finanças no lar.

Algumas atividades poderão ser realizadas visando os objetivos acima apresentados, bem como, o entrosamento social dos casais. Essas atividades são: acampamento de famílias; “junta-panels” e dia de atividades sociais e esportivas.

Para os jovens solteiros, o projeto “Família feliz” visa promover atividades sociais, ministrar palestras com instrutores capacitados para instruí-los em diversas áreas, oferecer orientação sexual, e promover curso para noivos.

Este projeto também servirá para identificar as principais necessidades das famílias envolvidas e direcioná-las para serem atendidas pelos demais projetos da

“Colméia”¹. Este projeto é uma contribuição particular do escritor visando contribuir com a melhoria dos serviços prestados, tanto a igreja como à comunidade pelo projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático”.

Resumo e Conclusão

Considerando a experiência vivida pela Sra. White, por volta de 1900, nas igrejas de São Francisco e Oakland, o distrito de Vila Rodrigues na cidade de Osasco em São Paulo, decidiu sob liderança do pastor Sidionil Biazzi presidente a Associação Paulistana e Élcio Magalhães pastor desse distrito implantar um projeto nos moldes do que fora apresentado pela Sra. White no livro *Beneficência Social* e intitulado “Colméia de São Francisco”. Essa nova versão em Osasco recebe o nome de “Colméia Viva de Cristianismo Prático”.

Diversas reuniões foram realizadas com o fim de treinar e capacitar as pessoas envolvidas na implantação deste projeto. Nestas reuniões, o projeto tomou forma, analisando as sugestões apresentadas por todos os envolvidos, com isso, alguns novos projetos foram sugeridos e aceitos. Então o projeto “Colméia”, nesta nova fase, é formado por 26 projetos divididos em três áreas de atuação, área da saúde, social e mental/evangelística.

Os líderes das igrejas do distrito de Vila Rodrigues entenderam que para tornar possível a implantação deste projeto, o distrito deveria passar por uma reestruturação departamental. Logo, os departamentos de ministério de lar e família, ministério da fidelidade, ministério de liberdade religiosa, ministério da saúde, ministério pessoal,

¹ Alguns conceitos usados para o desenvolvimento do projeto ‘Família feliz’ foram extraídos do Manual de Atividades, “*Lar – campo para sementes... frutos para eternidade*”, do Ministério da Família da Associação Paulistana do ano de 2002.

expansão patrimonial, ministério da comunicação, literatura denominacional, ministério da mulher, ministério da música e Adra. Ficaram todos sobre a administração dos anciãos e os líderes que anteriormente estavam à frente desses departamentos/ministérios agora estão “livres” para se envolver com algum dos projetos da “Colméia”.

Mas, entendeu-se que esta reestruturação só deveria ocorrer após um ano de adaptação. Então, o ano de 2006 foi escolhido como o período em que o sistema tradicional deveria conviver com o novo sistema organizacional. A “Colméia” da igreja de Vila Yara, uma das oito igrejas do distrito, por suas características peculiares, tornou-se uma espécie de central, servindo tanto às colméias do distrito como às da comunidade. A colméia de Vila Yara, visando divulgar e preservar os registros históricos deste projeto, decidiu criar um projeto intitulado divulgação dos projetos, documentação e registro.

A “Colméia Viva de Cristianismo Prático” no distrito de Vila Rodrigues está alicerçado sob sete pilares, e são eles: membros/discípulos, líderes, doutrinas, organização/departamentos, testemunho, comunhão e o sábado. Ao alicerçar o projeto estes sete pilares, os responsáveis pela implantação deste projeto têm como objetivo fundamentá-lo sob a perspectiva adventista de administração eclesiástica, onde a Bíblia e o Espírito de Profecia são as principais fontes de informação.

Mesmo que tenham inserido alguns novos projetos na ótica adventista de trabalho evangelístico, os organizadores entendem que este projeto é a sistematização de diversas atividades já realizadas pela IASD, mas que nesta nova forma de apresentação, podem obter o interesse tanto dos membros como de parceiros que podem patrocinar a realização de alguns desses projetos.

Por fim, o escritor apresenta o projeto “Família Feliz” como uma sugestão que pode enriquecer o projeto “Colméia”, uma vez que este está aberto para alterações de

acordo com as necessidades. Este projeto busca oferecer as famílias, nas comunidades próximas à igreja, a mesma estrutura oferecida às famílias da igreja pelo departamento de ministério da família.

CONCLUSÃO

A queda da espiritualidade e os constantes abusos pelo uso indevido dos dons espirituais foi o motivo que levou o apóstolo Paulo a escrever o conteúdo de 1 Coríntios 12. Com o sentido original das palavras dom, espiritual e ministério, chega-se à conclusão de que um “dom espiritual” é um poder que inspira e leva o cristão a realizar uma ação em prol de outras pessoas.

Palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, dons de cura, operação de milagres, profecia, discernimento de espírito, variedade de línguas, capacidade de interpretar as línguas, apóstolo, mestre, socorro e governo são os dons espirituais mencionados por Paulo que estavam em vigor nas igrejas de Roma, Corinto e Éfeso. Foi, também, a correta aplicação destes dons que permitiu a sobrevivência dessas igrejas quando o apóstolo se ausentava.

Por sua vez, nota-se um interesse demonstrado pela Trindade em relação à distribuição dos dons, isso se dá pelo fato de serem uma ferramenta relevante para se alcançar o desenvolvimento do corpo de Cristo, Sua igreja. Ao registrar a participação da Trindade na questão dos dons espirituais, o apóstolo Paulo deixa claro, que este tema deve ser considerado com atenção pela a igreja hoje.

O apóstolo Pedro escreve para encorajar cristãos perseguidos e confusos exortando-os a permanecerem firmes na fé. Por isso, o apóstolo dá algumas orientações sobre o correto comportamento cristão em meio aquele sofrimento. Ao falar sobre o dom da hospitalidade, serviço e fala, Pedro estimula aos cristãos a se ajudarem mutuamente.

Tanto Paulo como Pedro escreveram para um auditório que estava passando por problemas. Entre as orientações transmitidas pelos apóstolos, estava à questão dos dons espirituais, isso demonstra que a correta aplicação dos dons espirituais na igreja minimiza os problemas e melhora o desenvolvimento dos membros do corpo de Cristo.

Os métodos evangelísticos “centrípeto e centrífugo” utilizados, respectivamente, no Antigo e Novo Testamentos dão a idéia de que em algum momento Deus entendeu que se não houvesse uma mudança na estratégia, as pessoas do período do Novo Testamento em diante não seriam evangelizadas como Ele gostaria. As vezes, mudar a estratégia ou intruzir novos mecanismos se torna necessário para o cumprimento da missão.

A organização de uma igreja é de fundamental importância, pois sem organização o trabalho se torna mais difícil. E no processo organizacional, é indispensável levar os membros a trabalhar cada um em uma área conforme os dons dados por Deus a cada um. Isso pode ser feito, levando através de testes, os membros a descobrir qual ou quais os seus dons e depois apresentar-lhes ministérios onde possam aplicá-los.

O distrito de Vila Rodrigues na cidade de Osasco em São Paulo, decidiu sob liderança do pastor Sidionil Biazzini e Elcio Magalhães, pastor desse distrito, implantar um projeto nos moldes do que fora apresentado pela Sra. White no livro *Beneficência Social* e intitulado “Colméia de São Francisco”. Essa nova versão em Osasco recebe o nome de “Colméia Viva de Cristianismo Prático”.

Os líderes das igrejas do distrito de Vila Rodrigues entenderam que para tornar possível a implantação deste projeto, o distrito deveria passar por uma reestruturação departamental. Mas, entendeu-se que esta reestruturação só deveria ocorrer após um ano de adaptação. Então, o ano de 2006 foi escolhido como o período em que o sistema tradicional deveria conviver com o novo sistema organizacional.

A “Colméia” da igreja de Vila Yara, uma das oito igrejas do distrito, por suas características peculiares, tornou-se uma espécie de central, servindo tanto as colméias do distrito como as da comunidade.

A “Colméia Viva de Cristianismo Prático” no distrito de Vila Rodrigues esta alicerçada sob sete pilares, e são eles: membros/discípulos, líderes, doutrinas, organização/departamentos, testemunho, comunhão e o sábado. O objetivo ao se estabelecer estes pilares, era fundamentá-lo sob a perspectiva adventista de administração eclesiástica, em que a Bíblia e o Espírito de Profecia são as principais fontes de informação.

Na verdade o projeto “Colméia” faz uma sistematização das atividades já realizadas na IASD, introduzindo alguma novidade. Os departamentos ganharam um novo visual inseridos neste pacote de atividades. Departamentos como o ministério da família, ministério da saúde e outros, não mais atendem os interesses dos membros somente, agora estão voltados à comunidade de forma a ministrar-lhes suas necessidades.

Afinal, que proveito há em realizar alguma atividade na igreja sem que esta esteja diretamente envolvida na missão de ganhar almas? No trato com o ser humano, as atividades da igreja devem suprir também as necessidades físicas, sociais e mentais. Uma vez que estas necessidades são atendidas, o processo de evangelização torna-se mais fácil e eficaz. Durante este período de análise, foi possível perceber transformações não somente na vida dos amigos atendidos, mas também na vida dos que atendiam. Alguns membros que até então estavam inativos na igreja integraram-se ao projeto, tendo a oportunidade de servir ao próximo e tiveram seus ânimos revigorados.

Então, o escritor apresenta o projeto “Família Feliz” como uma sugestão que pode enriquecer o projeto “Colméia”, uma vez que este está aberto para alterações segundo as necessidades de implantação e aprimoramento do mesmo.

Por fim, como escritor deste trabalho e alguém que esteve envolvido na implantação deste projeto, admito que haja dificuldades no ato da implantação do mesmo. Porém, reconheço a eficácia deste projeto em realizar o que se propõe. Todavia, entendo que o projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático” não deve ser a única atividade missionária a ser desenvolvida pela IASD.

Mas, os bons resultados decorrentes da implantação deste projeto são evidentes. Ao se envolverem com essa atividade, as oito igrejas do distrito experimentaram um envolvimento maior por parte dos membros. Em média, o envolvimento chegou à casa dos 50% no distrito de Vila Rodrigues. A igreja de Jardim Oriental alcançou o melhor resultado. Nesta igreja o envolvimento ultrapassou a casa de 70%. Além disso, de fevereiro a outubro deste ano, 92 pessoas foram batizadas neste distrito. Um excelente resultado numa região onde a média por distrito é de 50 pessoas batizadas por ano.

Portanto, sugere-se à IASD, o projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático”, como mais um método evangelístico que visa o cumprimento da missão desta igreja, que é o de tirar do pecado e guiar no serviço, homens e mulheres de diversas raças, tribos, línguas e nações, preparando-os para a volta de Cristo.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, Clifton J. *Efésios, Comentário bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
- Analytical Greek Lexicon*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers. 435, ver “*Karismata*”.
- _____ Peabody, MA: Hendrickson Publishers 433, ver “*Kairo*”.
- Beare, Francis W., *Exposition of the book of Ephesians, Interpreter’s Bible*. New York: Abingdon Press, 1953.
- Burril, Russell. *Revolução na igreja*. Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico S.A., 1999.
- Champlin, Russell N. *O Novo Testamento interpretado. 4 vols.* São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- Crisler, C. C. *Organization, its Character, Purpose, Place and Development in the Seventh-day Adventist Church*. Takoma Park, Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1938.
- Douglass, Herbert E. *Mensageira do Senhor, O ministério profético de Ellen Gold White*. Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2003.
- Endrueit, Wilson H. *Movimento carismático*. Petrópolis, RJ: Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, 1976.
- Filho, João A Souza. de *Dons espirituais – O poder de Deus em você*. Belo Horizonte, MG: Editora Atos, 1999.
- Foulkes, Francis. *Efésios introdução e comentários – Série Cultura Bíblica, 2º Edição*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1983.
- “Fourteenth Year” [I Co 14:2], *Seventh-day Adventist Bible Dictionary*, (SDABC) ed. Francis D. Nichol, Hagerstown, MD: Review And Hehald, 1946, 6:789-791.
- Gomez, Elias G. *Movimentacion laica*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1995.
- Grudem, Wayne A. *The First Epistle of Peter*. Michigan, Eesdmans, 1998.

- Kornfield, David. *Desenvolvimento, dons espirituais e equipes de ministério*. São Paulo: Editora Sepal, 1998.
- Knight, George R. *Uma igreja mundial*. Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2000.
- _____. *Organizing to Beat the Devil – the Development of Adventist Church Struture*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2001.
- Kosmin, Barry A., Egon Mayer e Ariela Keysar, *American Religious Identification Survey*. New York, The Graduate Center of the City University of New York, 2001.
- Lessa, Rubens S. “Adventistas de 203 países participam da 58ª sessão da Associação Geral”. *Revista Adventista*, Agosto de 2005.
- Lincoln, Andrew T. *Ephesians*, Word Biblical Commentary. Dallas, TX: Word Books, 1957.
- Manual de Atividades, “*Lar – Campo para Sementes... Frutos para Eternidade*”, do Ministério da Família da Associação Paulistana do ano de 2002.
- Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2005.
- Nisto cremos*. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- Oliveira, Enoch de. *A mão de Deus ao leme*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.
- Oliver, Barry D., *SDA Organizational Structure: Past, Present and Future. Ausdds 15*, Berring Spring: Andrews University Press, 1989.
- Reis, Emilson dos. “Dons Espirituais”. *Revista Adventista*, Janeiro de 2004, 12.
- Rocha, José Miranda. *Organização e administração eclesiástica*. Uma monografia para o SALT “Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia sede Brasil Sul”, segundo semestre de 2006, 1-2.
- Rusconi, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.
- Schwarz, Christian A. *O Teste dos seus dons*, Série: O Desenvolvimento Natural da Igreja. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1997.
- _____. *As 3 cores dos seus dons*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2003.
- _____. Christian A. *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996.

- Stott, John R.W. *A mensagem de Efésios*. São Paulo: Abu Editora, 1994.
- Timm, Albert R. *O Santuário e as três mensagens angélicas*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002.
- _____ “Seventh-day Adventist Ecclesiology, 1844-2001: A Brief Historical Overview”, *Pensar en la iglesia hoy: Hacia una eclesiologia Adventista*. Entre Rios, AR: Editorial Universidad Advesntista Del Plata Libertador San Martín, 2002.
- _____ “Podemos ainda ser considerados uma igreja missionária”. *Revista Adventista*. Fevereiro de 2002.
- Wagner, C. Peter. *Descubra seus dons espirituais*. São Paulo: Editora Abba Press, 1995.
- Warren, Rick. *Uma igreja com propósitos*. SP: Editora Vida, 1958.
- Welch, W. Wilbert. *Primeira Epistola de Pedro*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1978.
- White, Ellen G. *Administração eficaz*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- _____ *Atos dos apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- _____ *Beneficência social*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- _____ *Este dia com Deus*, Meditação matinal. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira 1980.
- _____ *Filhos e filhas de Deus*, Meditações diárias. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____ *A maravilhosa graça de Deus*, Meditação matinal. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1974.
- _____ *Paulo o apóstolo da fé e da coragem*. São Paulo: Certeza Editora, 2004.
- _____ *Serviço cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____ *Testemunhos para ministros*. Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 1993.
- _____ “The Judgments of God on our Cities”, *The Review and Herald* July 5, 1906.
- Zackrison, James. “Dons Espirituais – Chave para o Ministério”. *Lição da Escola Sabatina*, Janeiro-Março de 1997.

WEBGRAFIA

Biazi, Sidionil “Colméia viva do cristianismo prático”. Pesquisa realizada na Internet, no site <http://www.colmeiaviva.org.br>, no dia 15 de Outubro de 2006.

Conferência Geral, “Estatísticas mundial da igreja”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldAbr=GC, no dia 12 de Novembro de 2006.

Portal Adventista, “Declaração de Missão”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igrejaadventista.org.br/sobreadventistas.asp>, no dia 12 de Novembro de 2006.

Wikipédia a enciclopédia livre. “Igreja Adventista do Sétimo Dia”. Pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Adventista_do_S%C3%A9timo_Dia, no dia 30 de Agosto de 2006.

_____ “Organização Mundial da Saúde”. Pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Adventista_do_S%C3%A9timo_Dia, no dia 20 de Novembro de 2006.

APÊNDICES

Na realização das diversas reuniões na fase de implantação do projeto “Colméia Viva de Cristianismo Prático” foram utilizadas algumas fichas onde constavam as informações necessárias para a implantação do projeto. Uma ficha continha a definição dos projetos. Também foi utilizada uma ficha para cada um dos projetos das áreas física, mental/evangelística e social. Outra ficha foi utilizada para se fazer um acompanhamento inicial dos projetos. E por fim, uma ficha de compromisso de missão foi distribuída para que cada pessoa envolvida pudesse preencher, informando em qual área gostaria de atuar e em qual horário da semana estaria disponível para a realização dessa atividade.

Além dessas fichas, foi elaborado um programa de atividades semanais da “Colméia” da igreja de Vila Rodrigues, sede do distrito. Um diagrama onde foi registrada a estrutura dos departamentos da igreja na fase transitória da implantação do projeto e outro diagrama foi elaborado para registrar a estrutura departamental definitiva após a fase de implantação. E por fim, um informativo foi desenvolvido com o fim de divulgar o projeto “Colméia”, bem como ser um veículo para se obter parceiros interessados em apoiar as atividades da “Colméia”.

DEFINIÇÃO DOS PROJETOS – ÁREA FÍSICA

ASSOCIAÇÃO PAULISTANA DA IASD COLMÉIA VIVA DO CRISTIANISMO PRÁTICO DEFINIÇÃO DOS PROJETOS ÁREA FÍSICA	
PROJETO:	COLMÉIA:
O QUE É:	
O QUE FAZER? (ABRANGÊNCIA E LIMITAÇÕES)	
QUANDO E ONDE FUNCIONA? (DIAS DA SEMANA E LOCAIS)	
EQUIPE EXECUTIVA DO PROJETO	
COMO EXECUTA? (DETALHAMENTO DO PROJETO)	
RECURSOS NECESSÁRIOS E OUTRAS OBSERVAÇÕES	

DEFINIÇÃO DOS PROJETOS – ÁREA MENTAL / EVANGELÍSTICA

**ASSOCIAÇÃO PAULISTANA DA IASD
COLMÉIA VIVA DO CRISTIANISMO PRÁTICO
DEFINIÇÃO DOS PROJETOS
ÁREA MENTAL/EVANGELÍSTICA**

PROJETO:

COLMÉIA:

O QUE É:

O QUE FAZER? (ABRANGÊNCIA E LIMITAÇÕES)

QUANDO E ONDE FUNCIONA? (DIAS DA SEMANA E LOCAIS)

EQUIPE EXECUTIVA DO PROJETO

COMO EXECUTA? (DETALHAMENTO DO PROJETO)

RECURSOS NECESSÁRIOS E OUTRAS OBSERVAÇÕES

DEFINIÇÃO DOS PROJETOS – ARÉA SOCIAL

ASSOCIAÇÃO PAULISTANA DA IASD COLMÉIA VIVA DO CRISTIANISMO PRÁTICO DEFINIÇÃO DOS PROJETOS ÁREA SOCIAL	
PROJETO:	COLMÉIA:
O QUE É:	
O QUE FAZER? (ABRANGÊNCIA E LIMITAÇÕES)	
QUANDO E ONDE FUNCIONA? (DIAS DA SEMANA E LOCAIS)	
EQUIPE EXECUTIVA DO PROJETO	
COMO EXECUTA? (DETALHAMENTO DO PROJETO)	
RECURSOS NECESSÁRIOS E OUTRAS OBSERVAÇÕES	

PROGRAMA DE ATIVIDADES SEMANAIS DA COLMÉIA DE VILA RODRIGUES

HORÁRIO	DOMINGO PROJETO (SALA)	SEGUNDA PROJETO (SALA)	TERÇA PROJETO (SALA)	QUARTA PROJETO (SALA)	QUINTA PROJETO (SALA)	SEXTA PROJETO (SALA)
09h00- 10h00	AVENTUREIROS (PT) DESBRAVADORES (NV) CLASSE BÍBLICA (02) HABIT.SAUDÁVEIS(03)	CLASSE ALFABET. (01)	CLASSE ALFABET. (01) ARTESANATO (01)	CLASSE ALFABET. (01) GERAÇÃO RENDA (02)	CLASSE ALFABET. (01)	CLASSE ALFABET. (01)
10h00- 11h00	AVENTUREIROS (PT) DESBRAVADORES (NV) CLASSE BÍBLICA (02) HABIT.SAUDÁVEIS(03)	CLASSE ALFABET. (01)	CLASSE ALFABET. (01) ARTESANATO (01)	CLASSE ALFABET. (01) GERAÇÃO RENDA (02)	CLASSE ALFABET. (01)	CLASSE ALFABET. (01)
11h00- 12h00		CLASSE ALFABET. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05)	CLASSE ALFABET. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05)	CLASSE ALFABET. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05)	CLASSE ALFABET. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05)	CLASSE ALFABET. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05)
12-13h00						
13h00- 14h00	ENF.COMUNITÁR. (NV)					
14h00- 15h00	ENF.COMUNITÁR. (NV)	HOME CARE (ext)	HOME CARE (ext)	HOME CARE (ext)	ESCOLA MÚSICA (NV)	
15h00- 16h00		HOME CARE (ext) EXCELENTE IDADE (NV)	HOME CARE (ext)	HOME CARE (ext)	EXCELENTE IDADE (NV)	
16h00- 17h00	ORIENTAÇ.SEXUAL (NV)	HOME CARE (ext) EXCELENTE IDADE (NV) HIPERTENS./DIAB. (01)	HOME CARE (ext) HIPERTENS./DIAB. (01)	HOME CARE (ext)	EXCELENTE IDADE (NV)	
17h00- 18h00	ORATÓRIA (NV)	SL TRAT.NATURAIS(02) HIPERTENS./DIAB. (01)	SL TRAT.NATURAIS(02) HIPERTENS./DIAB. (01)		SL TRAT.NATURAIS(02)	
18h00- 19h00	BIBLIOTECA COMUN.(05) CLASSE BÍBLICA (02)	HIPERTENS./DIAB. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05) SL TRAT.NATURAIS(04)	HIPERTENS./DIAB. (01) BIBLIOTECA COMUN.(05) SL TRAT.NATURAIS(04)	BIBLIOTECA COMUN.(05) ORATÓRIA (NV)	SL TRAT.NATURAIS(02) BIBLIOTECA COMUN.(05)	
19h00- 20h00	EVANG. PUBLICO (NV)	CLASSE BÍBLICA (03) DIST. LITERATURA (02)	CLASSE BÍBLICA (02)	ENF.COMUNITÁR. (NV)	ORIENTAÇ.SEXUAL (NV)	
20h00- 21h00	EVANG. PUBLICO (NV)	ORAÇÃO INTERCES.(NV) HABIT.SAUDÁVEIS(03) DIST. LITERATURA (02)	COMB.TABAG.Acomp(02)			PEQ. GRUPOS (ext)

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO: DEFINIÇÃO, REALIDADE E RELEVÂNCIA NAS PROGRAMAÇÕES DA IGREJA

Giulian Lopes Vasques e Thyago Evangelista

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2006

Orientador: Emilson dos Reis, MTP

giulian_vasques@yahoo.com.br / tesfy@ibest.com.br

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é definir o ministério de recepção, averiguar seu funcionamento nas igrejas adventistas, mostrar sua relevância para as programações eclesiais e propor um modelo de recepção ideal. O estudo apresenta também uma pesquisa de campo com algumas igrejas adventistas de médio porte do interior de São Paulo. Conclui-se que esse ministério tem a função de integrar os novos membros na comunidade local, bem como de proporcionar aos membros mais experientes o senso de que pertencem à igreja.

PALAVRAS-CHAVE: ministério de recepção, integração, membros, igreja.

THE GREETING MINISTRY: DEFINITION, REALITY AND RELEVANCE FOR THE CHURCH

ABSTRACT: The goal of this research is to define what is a Greeting Ministry, how does it actually works in Adventist churches, to verify its relevance and to propose ideal Greeting Ministry models. The research implemented also a field research developed among some middle sized Adventist churches in the State of São Paulo, Brazil. The conclusions reached indicated that this kind of ministry has the function to integrate new members into the local community, as well as to promote between the general membership of the church a sense of belonging.

KEYWORDS: Greeting Ministry; integration; members; Church.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO:
DEFINIÇÃO, REALIDADE E RELEVÂNCIA
NAS PROGRAMAÇÕES DA IGREJA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Giulian Lopes Vasques e Thyago Evangelista

Dezembro de 2006

O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO:
DEFINIÇÃO, REALIDADE E RELEVÂNCIA
NAS PROGRAMAÇÕES DA IGREJA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Giulian Lopes Vasques e Thyago Evangelista

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Emilson dos Reis
Orientador

Avaliação

Natanael Bernardo P. Moraes
Leitor

Data da Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

INTRODUÇÃO

A Igreja é um corpo formado por membros. Para que esse corpo seja desenvolvido saudavelmente, os seus vários departamentos e ministérios devem atuar harmonicamente segundo os seus princípios e propostas e, interligados, para promover o bem-estar daqueles que vêm adorar a Deus.

No entanto, a realidade acerca de alguns departamentos e ministérios da Igreja tem apenas ficado “no papel”. Muitas pessoas não crêem em sua importância, especialmente se acompanhadas a outros ministérios. Dentre esses departamentos e ministérios, destaca-se o Ministério de Recepção.

A tarefa da recepção anteriormente ficava a cargo de outros departamentos como o do Diaconato e o do Ministério da Mulher. Mas o Ministério de Recepção foi elaborado e desenvolvido com o intuito de promover com excelência uma boa acolhida aos que vêm à Igreja, quer sejam membros ou visitantes, proporcionando um ambiente agradável à adoração. Entre outras funções, destaca-se a integração que deve ser promovida entre membros e visitantes a fim de que esses voltem em outras oportunidades. No entanto, percebe-se que existem falhas no planejamento e na execução das tarefas desse ministério. Em muitas Igrejas, é notório, não existe recepção, quanto mais o ministério.

Diante da negligência de muitas Igrejas Adventistas do Sétimo Dia em não promover a existência e o funcionamento do Ministério de Recepção, faz-se necessário um estudo mais detalhado sobre o mesmo, já que em algumas vezes, visitando Igrejas pentecostais no norte do país, no trabalho de colportagem, todos são muito bem recebidos. O objetivo deste estudo é buscar conhecer a definição desse ministério, sua relevância para cada reunião de adoração na Igreja, bem como detectar as possíveis falhas existentes, procurando corrigi-las através de um projeto de recepção ideal.

O estudo será dividido em três partes. O primeiro capítulo buscará conhecer, através de uma pesquisa bibliográfica e em *sites* na Internet, em obras sobre “Crescimento de Igreja” e “Ministério de Recepção”, a definição desse Ministério e sua importância para os membros locais e visitantes, além de fazer conhecida, ainda, a função do Ministro de Recepção e as características que este deve possuir. O segundo capítulo, será executado com a apresentação de

uma pesquisa de campo e seus resultados realizada em Igrejas Adventistas do Sétimo Dia, de médio porte, no interior do Estado de São Paulo, na circunvizinhança do Centro Universitário Adventista de São Paulo – campus Engenheiro Coelho, a saber: de Águas de Lindóia; Central de Socorro; Central de Jaguariúna; Jd. Santana, Jd. Santa Genebra e Jd. das Oliveiras, em Campinas e Central e Jd. Planalto em Conchal. Ainda, buscará analisar as informações obtidas através de um cruzamento de dados. Com um perfil traçado do que seja a realidade do Ministério de Recepção, o terceiro capítulo propõe-se a sugerir um modelo de Ministério de Recepção ideal e acessível a todas as Igrejas e Grupos. Finalmente, após a discussão, será apresentada uma conclusão encerrando o estudo.

CAPÍTULO I

O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO

Nesse capítulo, através de pesquisas bibliográficas e em *sites* da Internet, será definido o que é o ministério de recepção, sua importância e função nas reuniões de culto.

1.1. O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO

1.1.1. Definição

O ministério de recepção é o departamento responsável por receber todos os que vêm à igreja e por providenciar, aos mesmos, um ambiente no qual possam sentir-se bem acolhidos, como se estivessem num grupo bem familiar.

1.1.2. A importância do ministério

O ministério de recepção exerce um papel fundamental tanto para o visitante quanto para o membro local. Parrott (1993, p. 21) afirma que “é o recepcionista quem abre a porta para uma igreja agradável, para um ministério de ajuda pastoral, e para o potencial de uma experiência espiritual e de adoração refrigeradora”.

Por isso, primeiramente analisaremos a importância desse ministério para o visitante e a seguir, sua importância para o membro local.

1.1.2.1. A sua importância para o visitante

Uma das características da personalidade humana é a timidez, apesar de nem todas as pessoas possuírem-na. Essa marca é mais visível quando uma pessoa, a que possui, se encontra num local ou numa circunstância que não é muito comum ao seu dia-a-dia, por exemplo, quando é convidada a vir à igreja.

Podemos dizer que há, por parte do visitante, uma ansiedade gerada pelo desconhecido, ou seja, pelo o que vai encontrar na igreja quando ali chegar. É um ambiente estranho à sua pessoa e o ministério de recepção, o seu primeiro contato direto com a igreja, precisa minimizar esse sentimento causando-lhe uma boa impressão e permitindo que o mesmo sintá-se à vontade, como num meio familiar, e tenha o desejo de voltar outras vezes.

Laurie (2002, p. 45) menciona que mesmo havendo algum sentimento de insegurança por parte do visitante, “as pessoas esperam uma igreja com serviço completo”, principalmente ao serem recepcionadas. Cremos que elas precisam disso para que o contato seja definitivamente estabelecido, e de forma eficiente.

White (1984, p. 117) afirma que “devemos nos aproximar dos homens individualmente com simpatia semelhante à de Cristo e procurar despertar-lhes o interesse nas coisas da vida eterna”.

Analisando o desempenho dos cristãos dentro de sua atuação no corpo de Cristo, a igreja, Russell e Russell (2003, p. 116-118) apóiam a idéia de que todos devem exercer sua função com esmero, pois assim estarão honrando o nome de Cristo. Ainda, ressaltam que esse “capricho” é uma forma eficaz de evangelização.

1.1.2.2. A sua importância para o membro local

O membro local, embora pertença à igreja, tem a necessidade de ser notado. Há muitos que se sentem perdidos nos bancos da igreja e não sabem para onde ir. Eles apenas chegam, sentam-se, permanecem por algumas horas e vão embora.

Laurie (2002, p. 48, 53-54), ao analisar a seção bíblica de Atos 2:42-47, consegue enxergar quatro qualidades fundamentais que a igreja primitiva possuía. Além de adorar, evangelizar e aprender da Palavra, a igreja primitiva amava as pessoas.

Ele deixa de lado toda a possibilidade de que a igreja primitiva fosse um “plano socialista”, mas sim que todos possuíam um amor cristão prático. Ele fundamenta sua idéia em frases do próprio texto como “Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum” (v. 44), “Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo” (v. 46a) e “Louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo” (v. 47). A Igreja primitiva, segundo Laurie, apreciava e aceitava as pessoas.

Quando alguém está emocionalmente fraco, um pouco de bondade é melhor que uma tonelada de pregação. Essa é uma das razões porque os recepcionistas da igreja têm um ministério tão importante. Qualquer um pode entregar boletins. Mas a bondade cristã é um ministério para os recepcionistas da igreja, que se importam profundamente com as pessoas. (PARROTT, 1993, p. 17)

Bem recepcionados, ou seja, externando apreciação e aceitação, os membros sentem-se queridos e importantes, e isso contribui para que sua fé seja firmada cada vez mais. Laurie (2002, p. 42) ainda comenta que “devemos fazer o nosso melhor para que mais pessoas firmem-se na igreja”. Enfim, o ministério de recepção deve contribuir diretamente para que haja uma integração entre os membros no Corpo de Cristo, demonstrando os valores da fé, do amor e do serviço.

1.2. O MINISTRO DE RECEPÇÃO

1.2.1. A Função do Ministro de Recepção

Uma das principais funções do ministério de recepção pode ser descrita da seguinte forma, segundo Parrott (1993, p. 11):

O recepcionista é um veículo através do qual a liderança da igreja e a congregação podem providenciar para seu próprio povo, e especialmente visitantes, uma expressão pessoal do calor cristão e de boas vindas.

A recepção é muito mais do que um aperto de mão e um “bom dia”, é uma função que exige do ministro de recepção amor e um ardente desejo de fazer com que o visitante sinta-se bem acolhido na igreja. De acordo com Johnson (apud. Hadaway, 1991, p. 134)

uma diferença entre uma congregação vital e uma não-tão-vital pode ser medida pela maneira como muitas pessoas recebem os visitantes e freqüentadores regulares... É um cumprimento caloroso e amigável, não superficial.

O ambiente deve ser tão acolhedor a ponto de o adorador exclamar o que está escrito no Salmo 84:1, “Como é agradável o lugar da tua habitação, Senhor dos Exércitos!”, e é de responsabilidade do ministro de recepção proporcionar para que isso aconteça. O ministro deve trabalhar de tal forma com aqueles que vêm à igreja, como se os visitantes e os membros fossem recebidos em sua própria casa.

Outra função que pode ser atribuída ao ministro de recepção é o de integrar os visitantes com a comunidade da igreja. Como já foi dito, há no visitante um desconhecimento quanto ao que o espera na igreja, e mesmo quando esse já está no templo o ambiente ainda é estranho para ele, sendo necessário que alguém o acompanhe e o ajude - quanto a liturgia e eventuais dúvidas -

e quem pode fazê-lo é o membro da igreja. Cabe ao ministro de recepção providenciar para que haja esse encontro entre o visitante e o membro.

Para C. Kirk Hadaway (1991, p. 133) o ministro de recepção é também o responsável em guiar, principalmente os visitantes, na igreja para que os mesmos não se sintam perdidos no prédio e saibam bem aonde ir. O ministro de recepção também deve prover aos participantes do culto um guia para aquilo que vai acontecer no serviço de adoração.

Uma vez que as primeiras impressões são importantes, a função do ministro de recepção é garantir ao visitante e ao membro um ambiente de fraternidade e amor para que ele possa sentir-se parte da família de Deus e assim adorá-Lo.

1.2.2. Características do Ministro de Recepção

Paulo em sua carta aos Romanos apresenta sete vezes a expressão “uns aos outros” e Parrott (1993, p. 18-24) aplica essas admoestações como base bíblica a ações assumidas pelos ministros de recepção, são elas: (1) dedicação e honra (Rm 12:10); (2) amor (Rm 13:8); (3) compreensão (Rm 14:13); (4) aceitação (Rm 15:7); (5) instrução (Rm 15:14) e (6) saudação (Rm 16:16).

A dedicação e a honra aos outros são extremamente necessárias aos ministros de recepção. O ministro deve compreender que não há lugar para a exaltação própria na recepção. Os que se dedicam a esse ministério precisam dedicar-se integralmente ao adorador e honrá-lo ao invés de procurar seus próprios interesses.

Amor é a qualidade maior que um ministro de recepção deve ter. É o amor pelas pessoas que tornam o ministro de recepção capaz de superar suas limitações, sentimentos e conceitos para que a pessoa que vá a igreja sinta-se bem nesse local.

A compreensão deve substituir o julgamento prévio. O ministro de recepção, principalmente, não pode ser uma “pedra de tropeço” aos que vêm à igreja, pois como já vimos, são as primeiras impressões que serão determinantes quanto ao benefício da adoração para aquela pessoa.

É importante que o ministro de recepção aceite aqueles que vêm à igreja. Independente do seu modo de vestir, da expressão em seu rosto, todos precisam ser aceitos pela comunidade cristã. Se uma pessoa vai à igreja é necessário que ela seja aceita por alguém a fim de que volte mais vezes.

A instrução do ministro de recepção não é feita por palavras, mas através dos seus atos ele deve instruir os que entram em contato com a Igreja.

A saudação é indispensável para o ministro de recepção. Embora não deva beijar as pessoas, como Paulo aconselha aos crentes romanos, ele deve sempre cumprimentar as pessoas com um aperto de mão, uma saudação realmente sincera e deve demonstrar felicidade por receber o visitante e o membro ali na igreja.

1.3. CONCLUSÃO

Nesse capítulo foi mostrado (1) que o Ministério da Recepção é o departamento responsável por receber os que vêm à igreja e por prepará-los a participar do culto; (2) a importância desse ministério para os membros da igreja e para os visitantes e, ainda, (3) as funções do ministro da recepção, que são: recepcionar, acolher, integrar e guiar. Finalizando o capítulo, as ações “uns aos outros” recomendadas por Paulo aos crentes romanos, foram aplicadas às ações do ministro de recepção. No próximo capítulo será mostrado como isso acontece na prática em algumas Igrejas Adventista do Sétimo Dia.

CAPÍTULO II

A REALIDADE DO MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO

Nesse capítulo, serão analisados todos os resultados obtidos através de uma pesquisa sobre o Ministério de Recepção realizada em Igrejas Adventista do Sétimo Dia, de médio porte, no interior do Estado de São Paulo, na circunvizinhança do Centro Universitário Adventista de São Paulo – campus Engenheiro Coelho, no território da Associação Paulista Central, a saber: Águas de Lindóia; Central de Socorro; Jaguariúna; Jd. Santana, Jd. Santa Genebra e Jd. das Oliveiras, todas em Campinas, e Central e de Jd. Planalto, em Conchal.

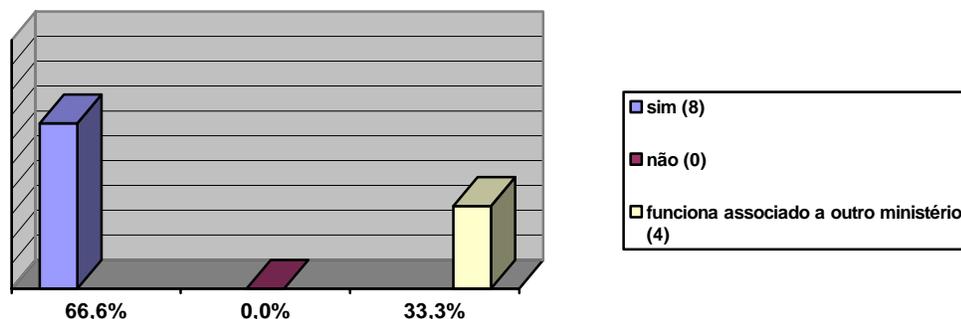
A pesquisa foi realizada nos sábados 27 de Maio e 03 de Junho de 2006, com 155 pessoas e foram direcionadas a três públicos-alvos: (1) os líderes do Ministério de Recepção local e os Anciãos locais, (2) os membros da Igreja e (3) os visitantes. Crianças e juvenis não foram consultados.

2.1. O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO SOB A PERSPECTIVA DE SEUS LÍDERES E DOS ANCIÃOS LOCAIS

2.1.1. Pesquisa com os líderes de recepção e anciãos

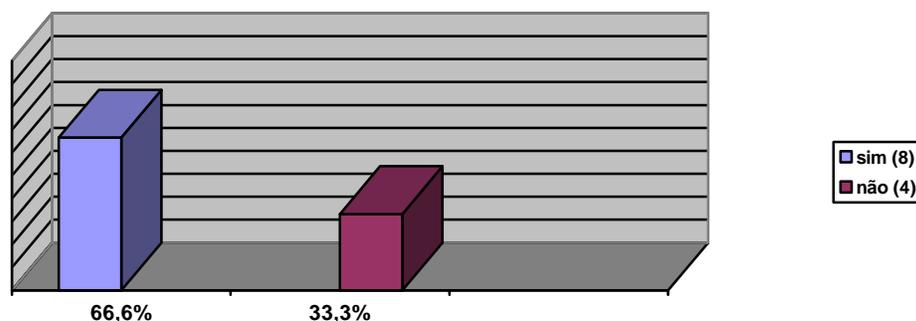
Para esta seção, foram pesquisadas 12 pessoas, sendo elas diretores do Ministério de Recepção, Recepcionistas e Anciãos. Foram feitas 18 perguntas, que aparecem a seguir, enumeradas e acompanhadas de uma descrição do resultado.

1) Há um Ministério de Recepção em sua Igreja? Obteve-se o seguinte resultado: 66,6% dos líderes responderam que há um Ministério de Recepção, enquanto 33,3% responderam que funciona associado a outro Ministério.



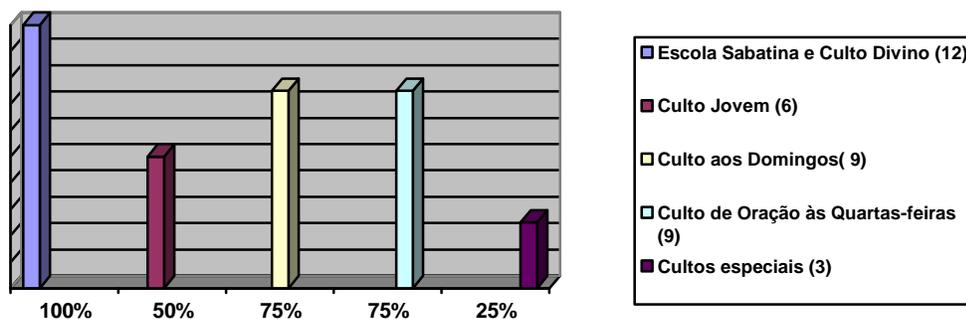
2) Quantos membros atuam na recepção da Igreja? Em média, apenas 2 pessoas são encarregadas pela recepção dos que vêm à Igreja. Em apenas uma das Igrejas pesquisadas 5 pessoas atuam na Recepção. Com base nessa informação perguntou-se:

3) Você acredita que esse número é suficiente? 66,6% dos líderes responderam que sim, o número de recepcionistas era suficiente, enquanto que os outros 33,3% responderam que o número de recepcionistas em sua Igreja não era suficiente.

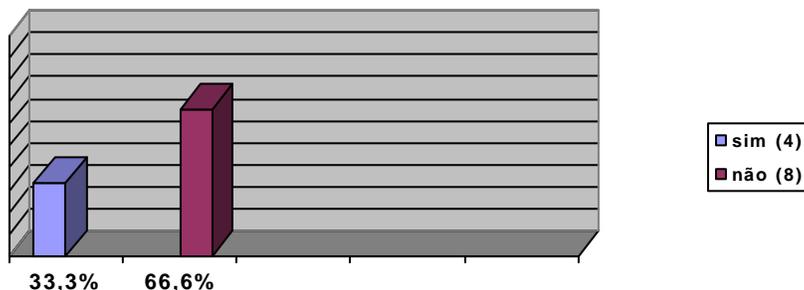


Uma vez que uma boa recepção é fundamental em todos os cultos da Igreja, pediu-se:

4) Marque os cultos nos quais o Ministério de Recepção atua em sua Igreja. O resultado foi o seguinte: 100% dos líderes responderam que em suas Igrejas há recepção na Escola Sabatina e no Culto Divino; 50% acrescentaram que também há recepção no Culto Jovem; 75% incluíram os cultos aos Domingos e às Quartas-feiras e 25%, apenas, responderam que há recepção em programas e cultos especiais.

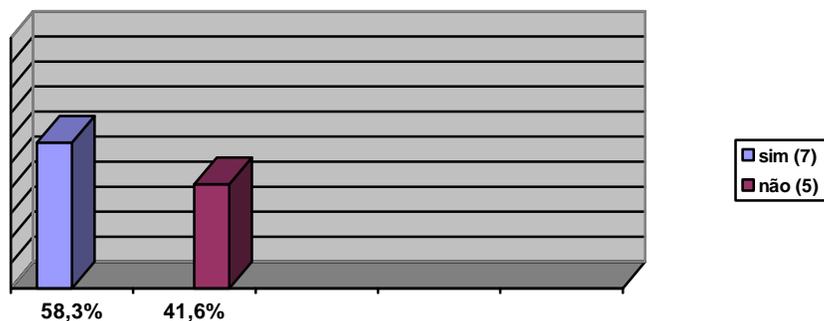


5) Em sua Igreja já foi realizado um teste de Dons Espirituais? 33,3% dos líderes responderam que sim, e 66,6% responderam que nunca foi realizado.

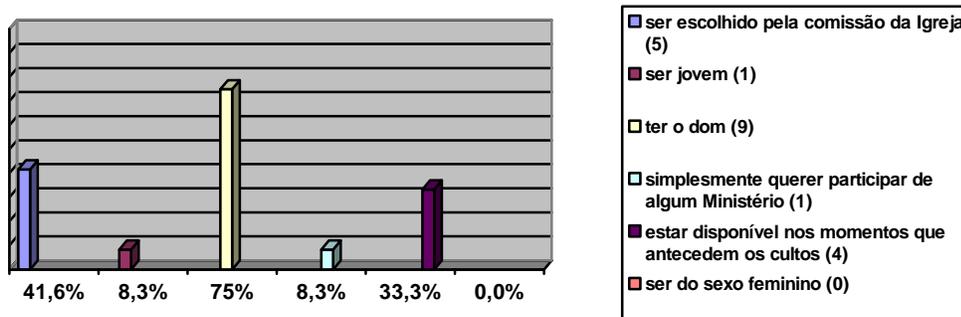


Ainda sobre os Dons Espirituais, perguntou-se:

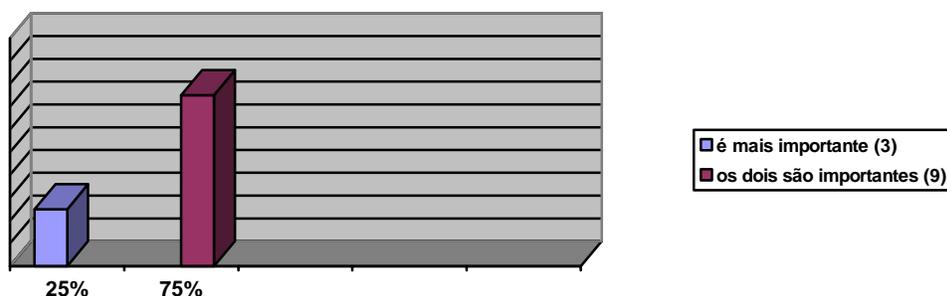
6) Você acredita que todos os que atuam no Ministério de Recepção da sua Igreja são vocacionados para isso, ou seja, possuem o dom da hospitalidade? 58,3% dos líderes responderam que sim, e 41,6%, responderam que não.



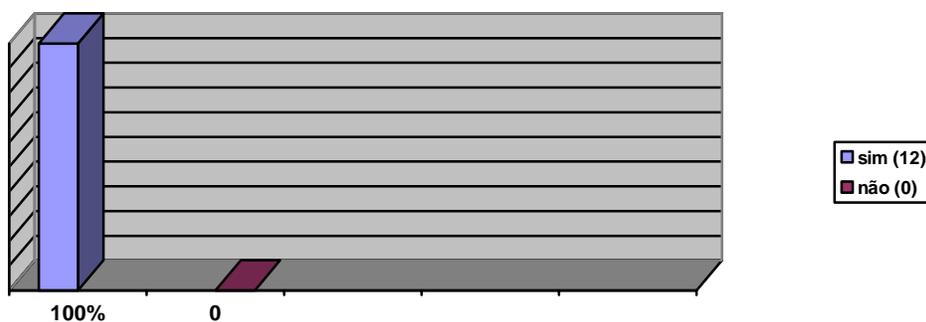
7) O que você julga necessário para ser um Ministro de Recepção? O resultado foi o seguinte: 41,6% dos líderes responderam que o Ministro de Recepção deve ser escolhido pela comissão da Igreja. Apenas 8,3% dos líderes responderam que ele deve ser jovem. No entanto, 75% disseram que o membro deve possuir o dom da hospitalidade. 8,3% dos líderes responderam que o importante é querer participar de algum Ministério. 33,3% líderes disseram que este deve estar apenas disponível nos momentos que antecedem o culto, e finalmente, nenhum dos líderes pesquisados respondeu que o Ministro de Recepção deve ser do sexo feminino, apenas.



8) Você acredita que esse Ministério é tão importante quanto um sermão? 25% dos líderes disseram que sim, ao passo que 75% responderam que ambos são importantes.



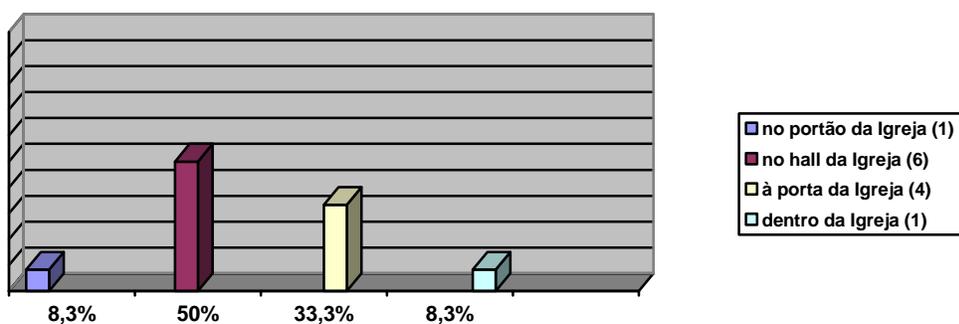
9) Você acredita que uma boa recepção influencia na imagem da Igreja? Todos os líderes afirmaram que sim.



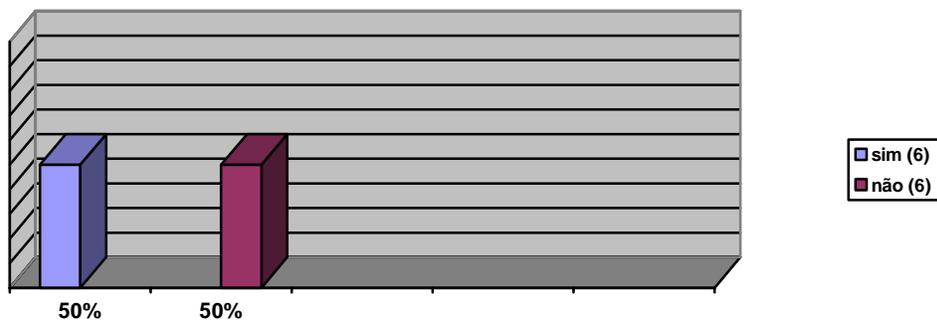
10) Os membros são orientados quanto à forma de lidar (tratar) com os visitantes? 66,6% dos líderes responderam que sim, e 33,3% afirmaram que não.



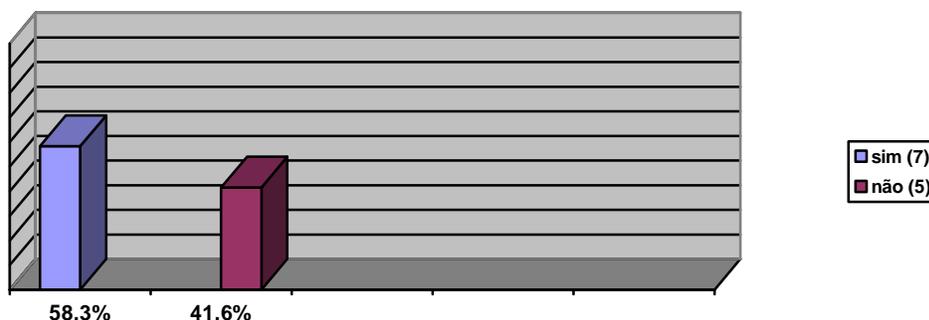
11) Onde é realizada a recepção em sua Igreja? Obteve-se o seguinte resultado: 8,3% dos líderes responderam que em sua Igreja a recepção é realizada no portão da mesma. 50% responderam que é realizada no hall de entrada da Igreja. 33,3% disseram que a recepção é executada à porta da Igreja e apenas 8,3% dos líderes responderam que a recepção acontece dentro da Igreja.



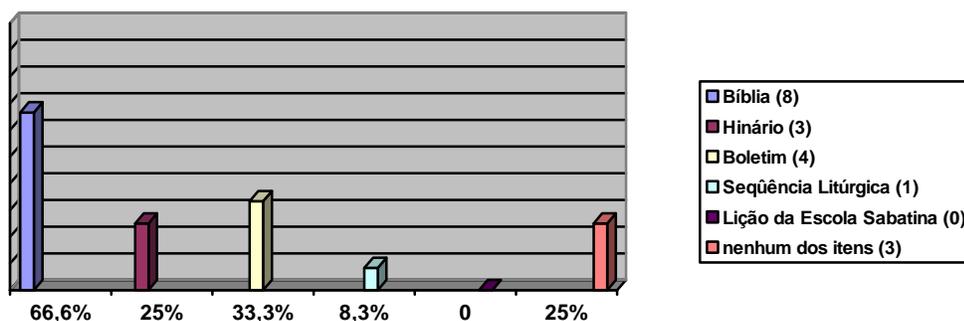
12) A Igreja possui acesso para deficientes físicos? 50% dos líderes disseram que sim e outros 50% disseram que não.



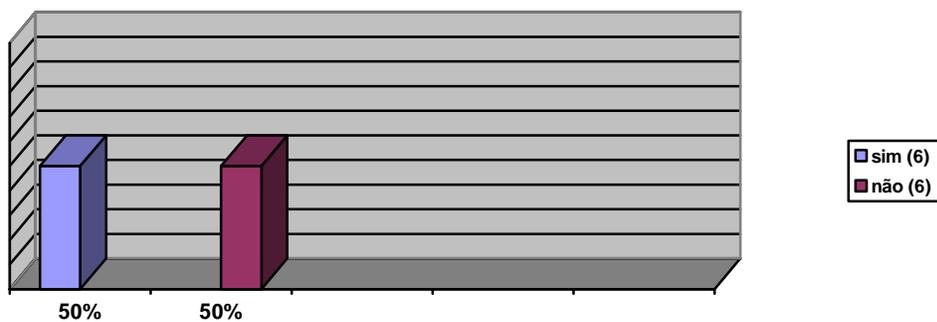
13) A Igreja possui placas de identificação em todas as portas? 58,3% dos líderes responderam que sim, e 41,6% responderam que não.



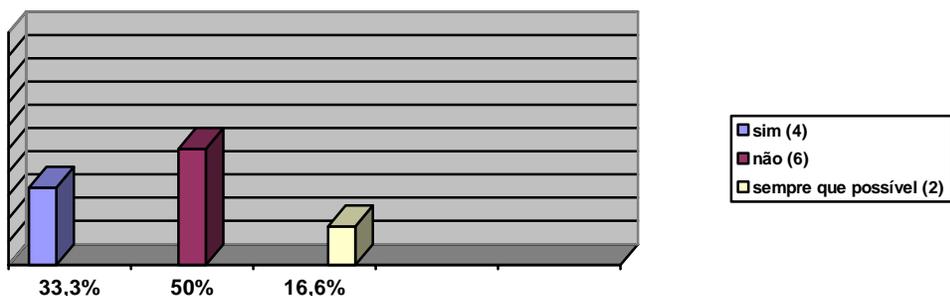
14) Quais dos itens (Bíblia, Lição da Escola Sabatina, Hinário, Boletim Informativo, Seqüência Litúrgica) são disponibilizados aos visitantes e/ou membros? Obteve-se o seguinte resultado: 66,6% dos líderes responderam que em sua Igreja a Bíblia é cedida. 25% responderam que o Hinário também é disponibilizado. 33,3% líderes responderam que são disponibilizados boletins informativos e 8,3% dos líderes responderam que há disponibilização de uma seqüência litúrgica. Nenhum deles respondeu que a Lição da Escola Sabatina é disponibilizada e, 25% líderes afirmaram que em sua Igreja, nenhum desses itens são distribuídos.



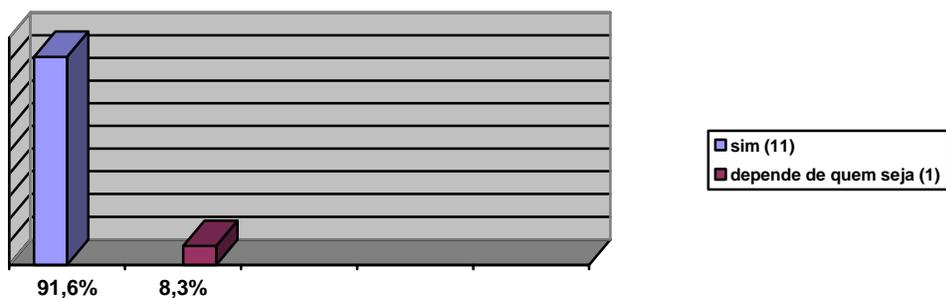
15) A Recepção possui um sistema de cadastramento para os visitantes? 50% dos líderes responderam que sim, e 50% responderam que não.



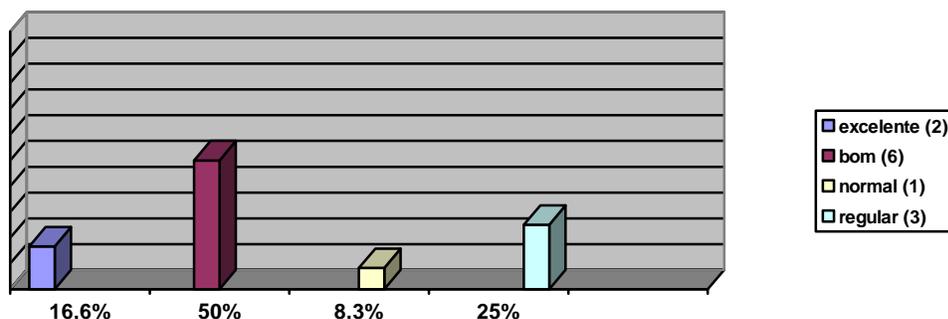
16) Os visitantes são visitados? 33,3% dos líderes responderam que os visitantes recebem algum tipo de visita, 50% disseram que não há essa prática, e 16,6% responderam que sempre que possível.



17) Todos os visitantes são bem recebidos independentemente da forma como estejam vestidos? 91,6% dos líderes responderam que sim e apenas 8,3% responderam que não.



18) Concluindo, perguntou-se: Como você avalia o Ministério de Recepção de sua Igreja? 16,6% dos líderes responderam que o Ministério de Recepção de sua Igreja é excelente, 50% responderam que é bom, 8,3% afirmaram que é normal e 25% afirmaram que é regular.



2.1.2. Análise dos resultados e comentários adicionais

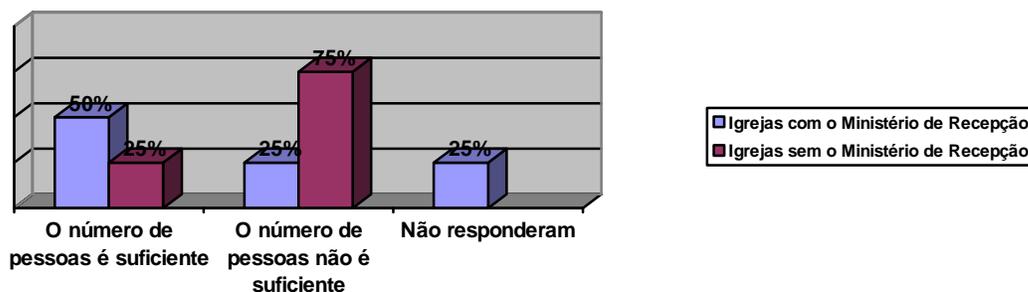
O objetivo dessa pesquisa era descobrir se os que lideravam e atuavam no Ministério de Recepção estavam fazendo-o de maneira adequada e proporcionando aos membros e visitantes um bom contato inicial com a Igreja. A pesquisa também foi realizada com os anciãos das Igrejas.

As três primeiras perguntas buscavam informações sobre o Ministério de Recepção, propriamente dito. Buscava-se descobrir se havia um Ministério de Recepção na Igreja, saber quantas pessoas atuam nesse Ministério e se as pessoas que responderam à pesquisa concordavam ser esse o número ideal.

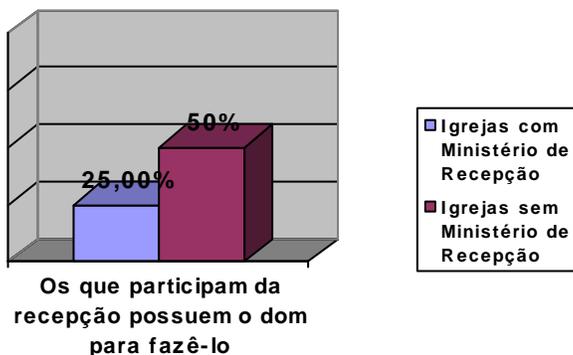
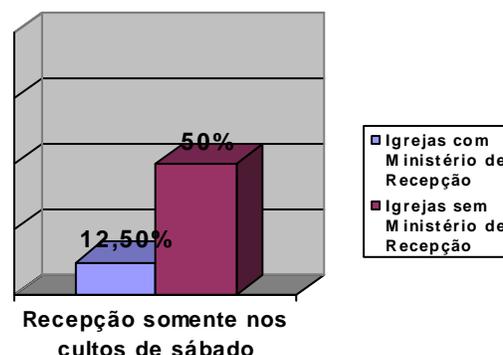
Nessa seção, constatou-se que 33,3% dos líderes responderam que em sua Igreja o Ministério de Recepção funciona relacionado a outro Ministério, nesse caso o diaconato; os outros 66,6% responderam que há um Ministério de Recepção organizado¹.

Entre os líderes, cuja Igreja tem a recepção relacionada a outro Ministério, 25% acharam que o número de diáconos, ou diaconisas, atuando na recepção não é o suficiente. No caso das Igrejas nas quais existe um Ministério de Recepção, há um equilíbrio, 50% acham que o número é suficiente, enquanto 25% acham que o número não é suficiente e 25% não respondeu.

¹ Ver gráfico pág. 8.

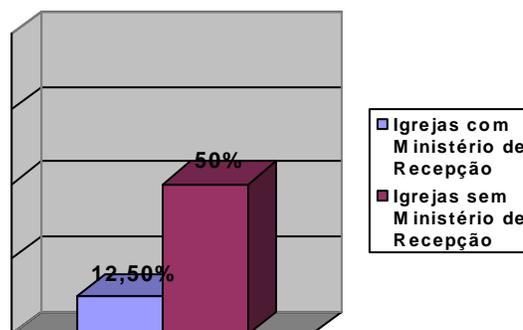


Outra diferença entre a recepção ligada ao Diaconato e o Ministério de Recepção é no número de cultos nos quais o Ministério atua. Nas Igrejas onde há Ministério, apenas em 12,5% a recepção é realizada apenas no culto, de sábado. Entre a recepção realizada pelos diaconos, 50% dos líderes indicou que em suas igrejas a recepção ocorre apenas aos sábados.



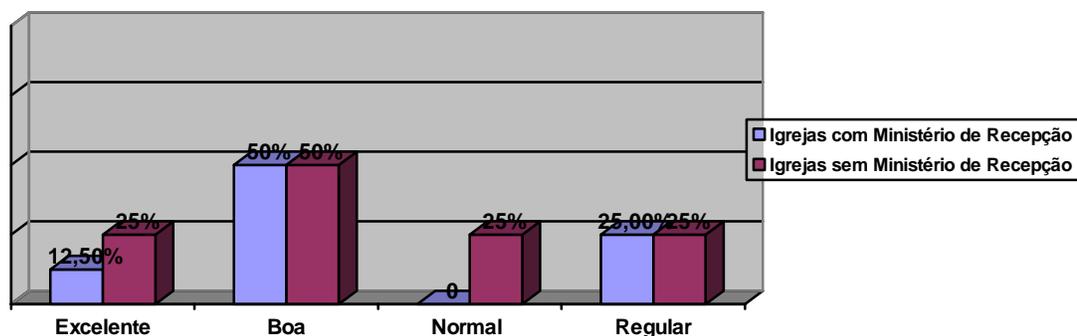
Nas Igrejas onde a recepção é responsabilidade do diaconato, 50% dos líderes não crê que as pessoas atuantes nesse ministério tenham o dom para fazê-lo. Enquanto onde há um Ministério de Recepção a proporção é menor, 25%.

Apenas 12,5%, entre os que fazem parte das Igrejas com Ministério de Recepção, respondeu que em sua Igreja os membros não são orientados quanto à forma de tratar os visitantes. Das Igrejas onde o diaconato recebe, 50% não orienta quanto à forma de lidar com visitantes.



Apenas 25% entre os líderes das Igrejas onde a recepção é realizada pelos diáconos, respondeu que em sua Igreja há um cadastro dos visitantes e eles são visitados. Entre os que são de Igrejas nas quais há Ministério de Recepção 25% responderam que não há um sistema de cadastro de visitantes e 37,5% responderam que eles não são visitados.

Na avaliação, 50% líderes consideraram a recepção feita pelo Ministério de Recepção boa, 12,5% considerou excelente e 25% considerou regular. A avaliação da recepção feita pelo diaconato foi a seguinte: 25% considerou excelente, 50% considerou boa, 25% normal e 25% regular.

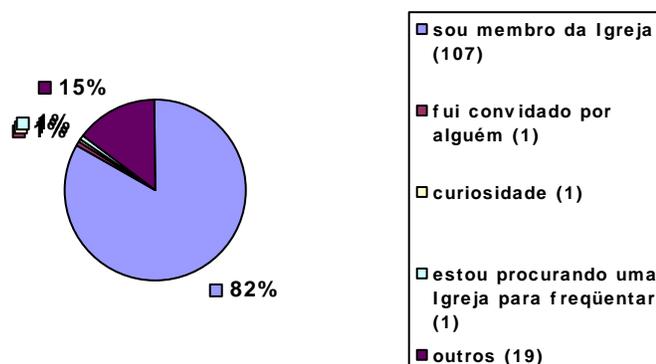


2.2.O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO SOB A PERSPECTIVA DOS MEMBROS LOCAIS

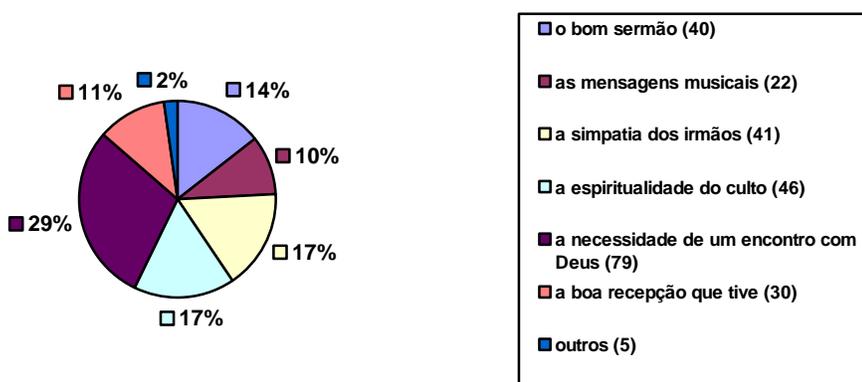
2.2.1. Pesquisa com os membros locais

Para esta seção foram pesquisadas 129 pessoas.

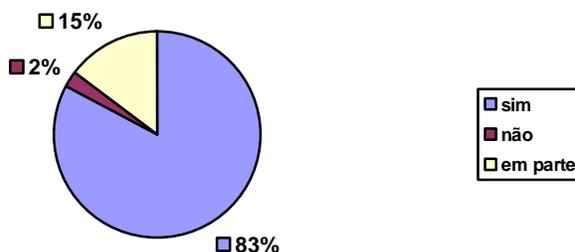
Perguntou-se: O que fez você vir à Igreja hoje? 107 pessoas disseram que eram membros da Igreja, 1 pessoa havia sido convidada por alguém, 1 veio à Igreja por curiosidade, 1 afirmou estar procurando uma Igreja para freqüentar e 19 pessoas responderam que eram por outros motivos.



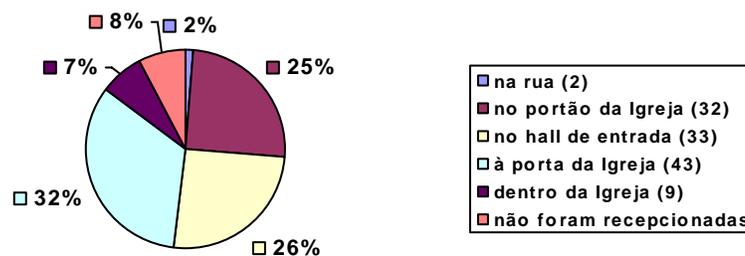
O que faria você voltar à Igreja numa outra oportunidade? 40 pessoas responderam que o bom sermão que presenciaram as motivaria a voltar numa outra ocasião. 22 pessoas disseram que voltariam por causa das mensagens musicais. A simpatia dos irmãos seria o principal motivo para que 41 pessoas voltassem à Igreja. 46 pessoas responderam que a espiritualidade do culto as impressionou a voltar. 79 pessoas responderam que voltariam por uma necessidade de encontro com Deus. 30 pessoas disseram que a boa recepção que tiveram as faria voltar e 5 pessoas alegaram outros motivos.



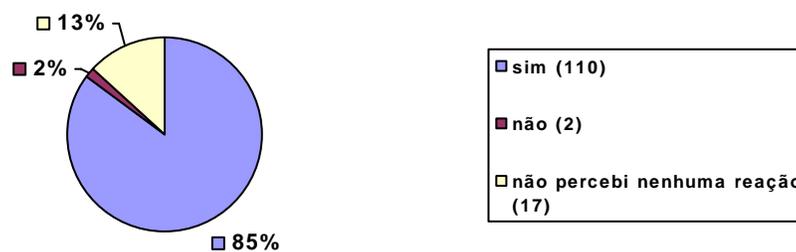
Você acredita que o fato de ser bem recepcionado pode auxiliar no crescimento de sua fé? 106 pessoas responderam que sim, 3 afirmaram que não e 20 pessoas responderam que em parte.



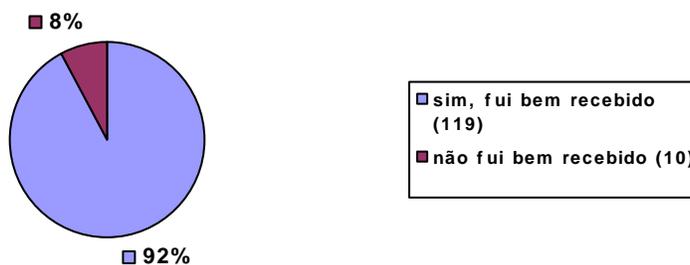
Onde você foi recepcionado? 2 pessoas disseram que foram recepcionadas na rua, 32 foram recepcionadas no portão da Igreja, 33, no hall de entrada, 43 pessoas forma recepcionadas à porta da Igreja, 9 afirmaram ter sido recepcionadas dentro da Igreja e 10 pessoas, não foram recepcionadas.



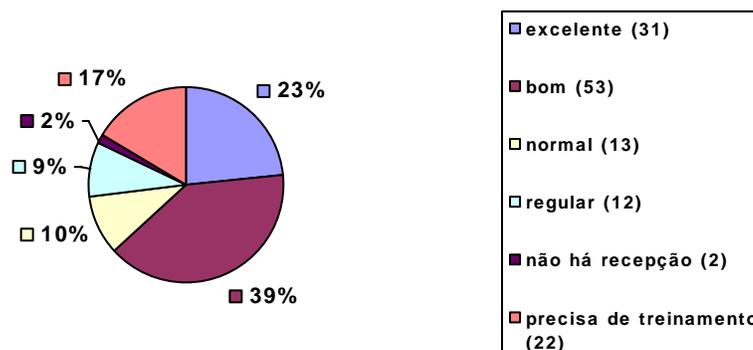
Ao chegar à Igreja, você sentiu que as pessoas estavam felizes com a sua presença? 110 pessoas responderam que sim, 2 afirmaram que não, e 17 pessoas não perceberam nenhuma reação.



Você foi bem recebido, ou seja, bem recepcionado? 119 pessoas afirmaram positivamente e 10, negativamente.



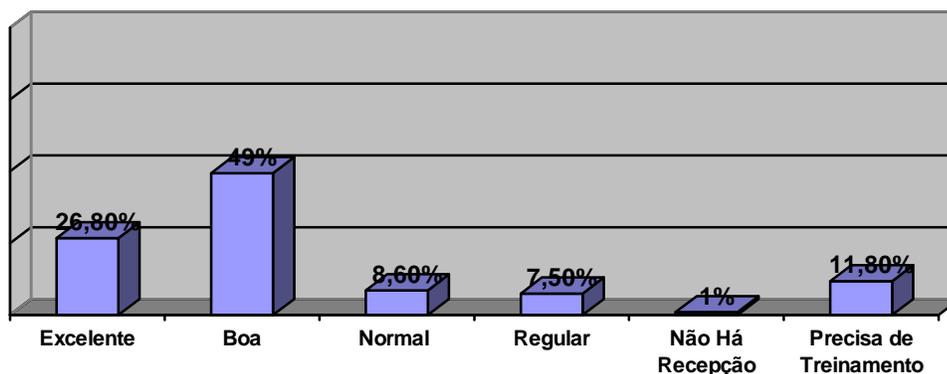
Concluindo, perguntou-se: Como você avalia o Ministério de Recepção dessa Igreja? 31 pessoas disseram que é excelente; 53, bom; 13, normal; 12, regular; 2 pessoas disseram que não houve recepção, e 22 sugeriram que precisa haver um treinamento com esse Ministério.



2.2.2. Análise dos resultados e comentários adicionais

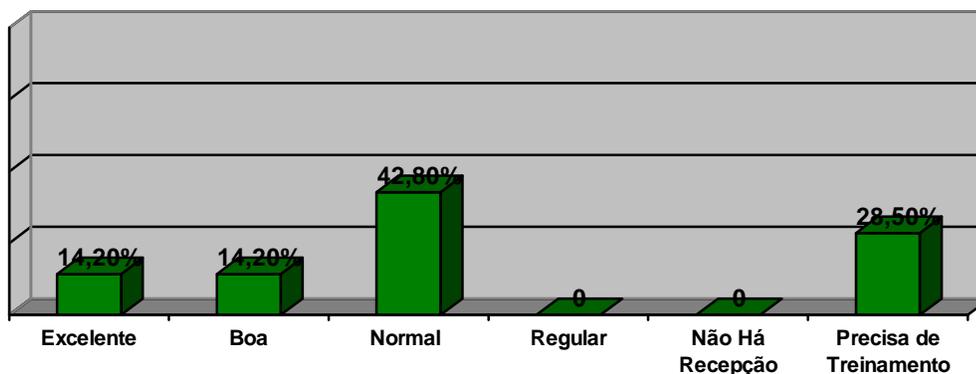
Os membros foram separados em grupos, levando-se em conta a maneira como foram recebidos e sua crença se, quanto a ser bem recebido influencia no crescimento da fé.

No primeiro grupo, estão os membros que foram bem recebidos, perceberam uma reação positiva à sua presença e acreditam que ser bem recebido ajuda no crescimento da fé. Dos 129 membros que responderam a pesquisa, 72% fazem parte desse grupo. 26,8% desses, avaliaram o ministério de recepção de sua igreja como excelente; 49,4% avaliaram como bom; 8,6% como normal; 7,5% como regular; apenas 1% declarou não haver recepção na Igreja e 11,8% responderam que o Ministério de Recepção de sua Igreja precisa de treinamento.

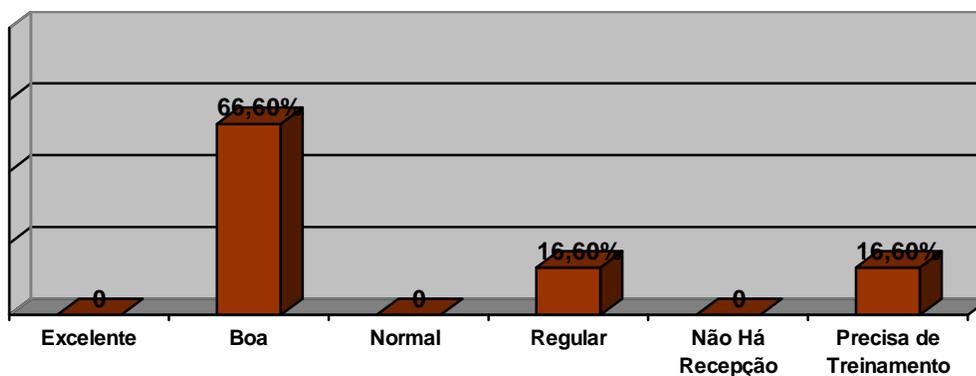


O segundo grupo é formado por membros que foram bem recebidos, perceberam uma reação positiva, mas não crêem que a recepção influencia no crescimento de sua fé. 2,32% dos membros se encontram nesse grupo. Mas eles concordam que apesar disso o Ministério de Recepção de sua Igreja é excelente.

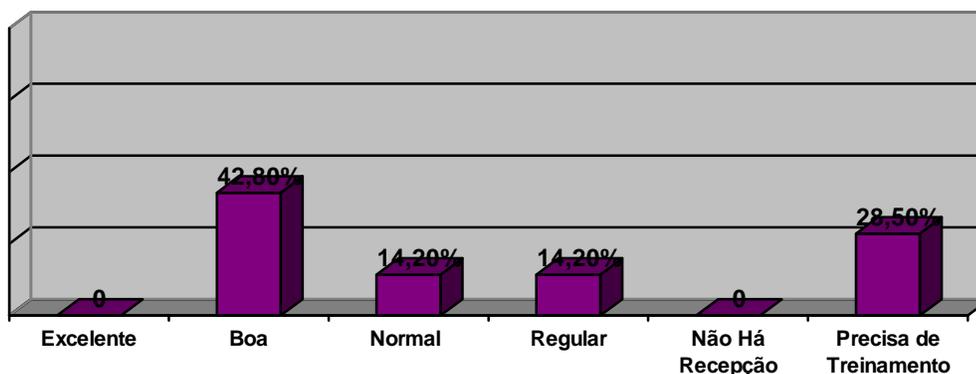
O terceiro grupo é formado por 5,42% dos membros. Eles declaram que foram bem recebidos, perceberam uma reação positiva à sua presença e acreditam que a recepção ajuda em parte para o crescimento da fé. 14,2% deles classificou o Ministério de Recepção como excelente; outros 14,2% como bom; 42,8% deles como normal e 28,5% declararam que o Ministério precisa de Treinamento.



Um quarto grupo é formado pelos que foram bem recebidos, não perceberam nenhuma reação positiva e acreditam que uma boa recepção influencia para o crescimento da fé. Foram 4,65% dos membros que responderam dessa forma à pesquisa e na avaliação de 66,6% deles, o Ministério de Recepção é bom. 16,6% deles considera o Ministério apenas regular e 16,6% que ele precisa de treinamento.

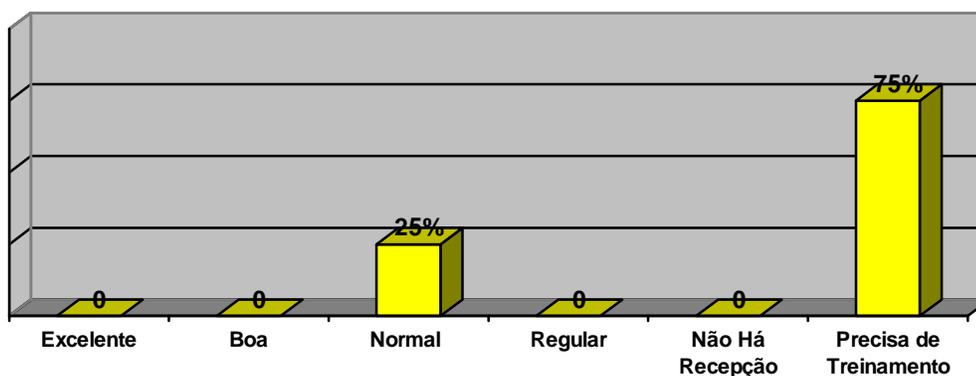


Há ainda o grupo dos membros da Igreja que foram bem recebidos, embora não tenham percebido nenhuma reação positiva à sua presença e que acreditam que uma boa recepção colabora, apenas em parte, para o crescimento de sua fé. Esses 5,42% avaliaram esse Ministério de sua Igreja da seguinte forma: 42,8% assinalaram que ele é bom; 14,2% normal; 14,2% assinalou a opção regular e para outros 28,5%, ele precisa de treinamento.



Estranhamente, 0,7% dos membros foram bem recebidos, mas não sentiram que as pessoas estavam felizes com sua presença, e ainda, acreditam que uma boa recepção influencia para o crescimento de sua fé. Eles classificaram o Ministério de Recepção dessa igreja como Regular. Mais estranho ainda é o que outros 0,7% dos entrevistados responderam. Disseram que não foram bem recebidos, embora tenham percebido que as pessoas estavam felizes com sua presença e ainda, acreditam que uma boa recepção influencia no crescimento da fé. Eles também classificaram o Ministério de Recepção de sua Igreja como regular.

3,10% dos membros não foram recebidos; não perceberam nenhuma reação e ainda acreditam que uma boa recepção influencia no crescimento de sua fé. 25% deles classificou a recepção em sua Igreja como normal, mas 75% deles apenas indicaram que esse Ministério precisa de treinamento.

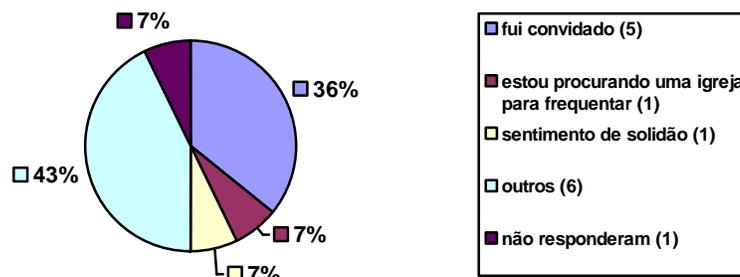


2.3.O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO SOB A PERSPECTIVA DOS VISITANTES

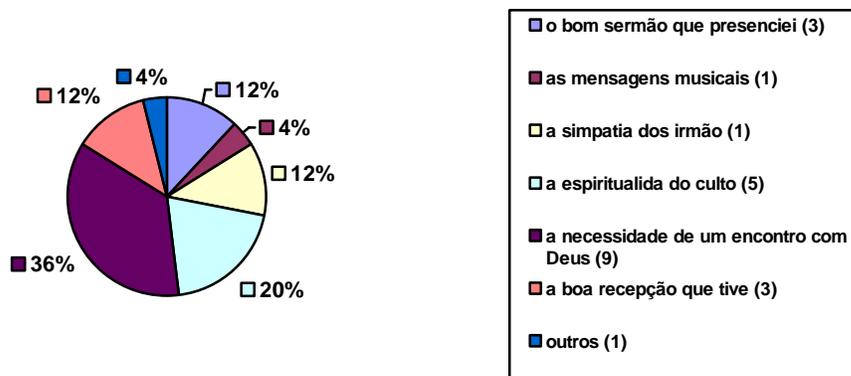
2.3.1. Pesquisa com os visitantes

Esta seção contou com a avaliação de 14 visitantes.

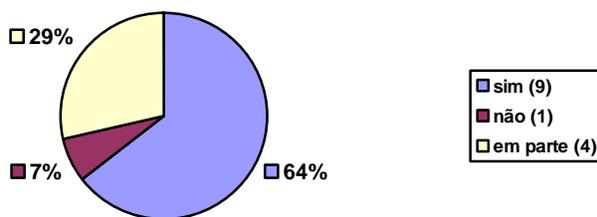
O que fez você vir à Igreja hoje? 5 vieram a Igreja porque foram convidados, 1 estava procurando uma Igreja para frequentar, 1 foi à Igreja porque estava se sentindo só, 6 deram outros motivos e 1 não respondeu.



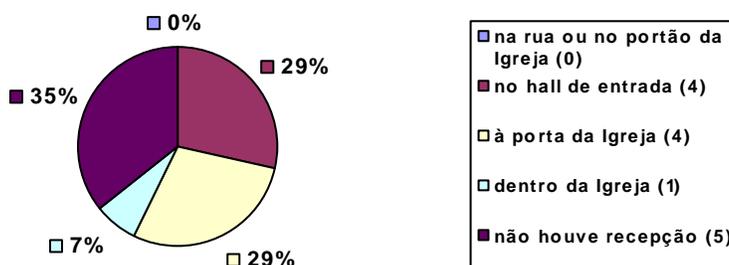
O que faria você voltar à Igreja numa outra oportunidade? 3 voltariam por causa do sermão; 1 pessoa voltaria por causa das mensagens musicais; 1 voltaria por causa da simpatia dos irmãos; 5 voltariam por causa da espiritualidade do culto; 9 pessoas voltariam pela necessidade de um encontro com Deus; 3 voltariam por causa da recepção e 1 deu um outro motivo.



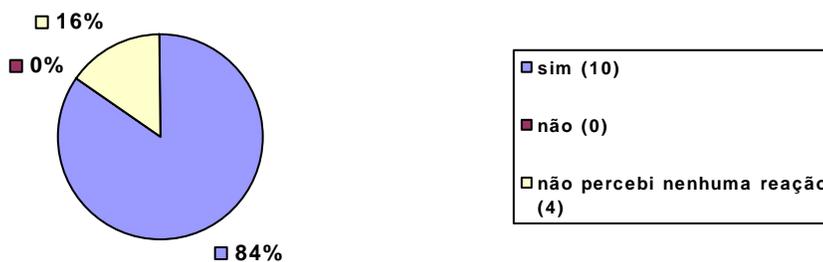
Você acredita que o fato de ser bem recepcionado pode auxiliar no crescimento de sua fé? 9 acreditam que sim, 1 disse que não e 4 responderam que em parte.



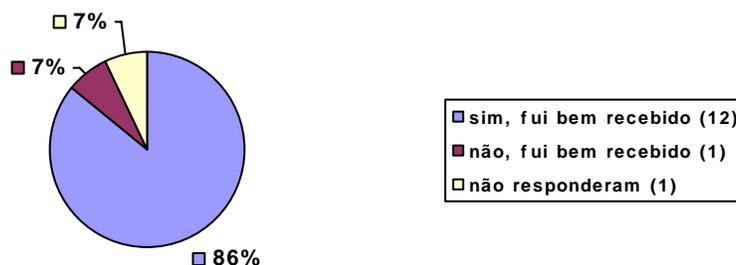
Onde você foi recepcionado? Ninguém foi recepcionado na rua ou no portão da Igreja, 4 foram recebidos no hall de entrada, 4 foram recepcionados à porta da Igreja, 1 foi recebido dentro da Igreja e 5 não foram recepcionados.



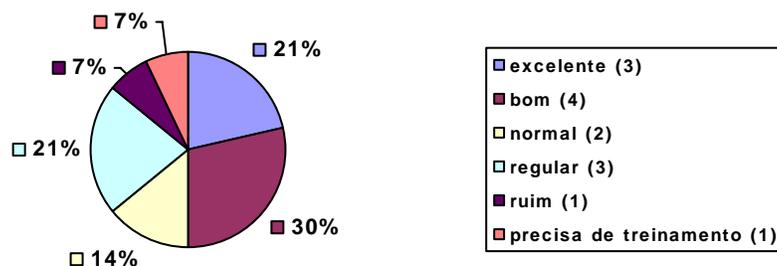
Ao chegar à Igreja, você sentiu que as pessoas estavam felizes com a sua presença? 10 responderam que sim, ninguém respondeu não e 4 não perceberam nenhuma reação.



Você foi bem recebido, ou seja, bem recepcionado? 12 foram bem recebidos, 1 não foi bem recebido e 1 não respondeu.

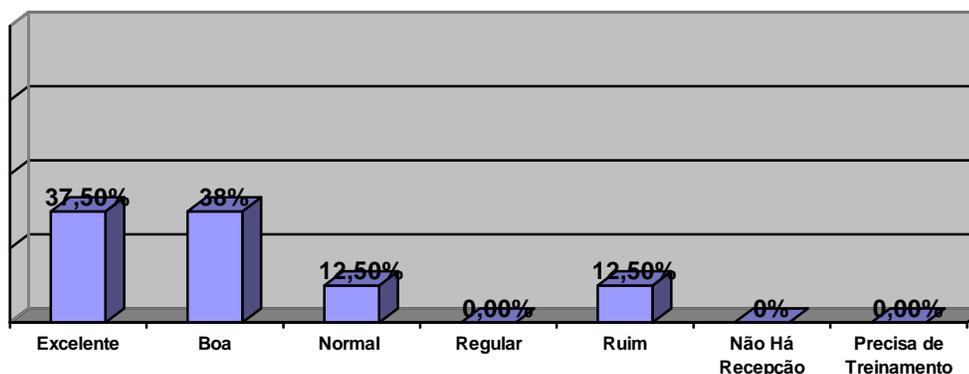


Como você avalia o Ministério de Recepção dessa Igreja? 3 avaliaram como excelente, 4 como bom, 2 como normal, 3 como regular, 1 como ruim e 1 sugeriu treinamento.



2.3.1. Análise da pesquisa e comentários adicionais

A pesquisa feita com os visitantes foi a mesma realizada com os membros. Portanto, por suas respostas foram separados em grupos. O primeiro é formado por 57,4% que foram bem recebidos, perceberam uma boa reação à sua presença e acreditam que uma boa recepção influencia no crescimento de sua fé. 37,5% classificaram esse Ministério como excelente; 37,5% como bom; 12,5% como normal e 12,5% como ruim.



7,1%, dos visitantes, que foram bem recebidos, sentiram uma reação positiva à sua presença, mas não acreditam que uma boa recepção influencie em sua fé, classificaram o Ministério de Recepção da Igreja que visitavam como regular.

No próximo grupo, encontram-se 14,2% dos visitantes que foram bem recebidos, embora não tenham percebido nenhuma reação à sua presença e que acreditam que uma boa recepção influencia apenas em parte no crescimento da sua fé. 50% deles classificou o ministério como normal, outros 50% como regular.

Os últimos 7,1% dos visitantes não foram bem recebidos, não perceberam nenhuma reação à sua presença e acreditam que a boa recepção influencia no crescimento da fé. Para eles, esse Ministério necessita de treinamento.

2.4. CONCLUSÃO

Neste capítulo, foram estabelecidos, através de gráficos e da correspondente descrição, os resultados de pesquisas realizadas sobre o Ministério de Recepção.

Analisando as pesquisas respondidas pelos líderes do Ministério de Recepção, recepcionistas e anciãos, percebeu-se que nas Igrejas onde há um Ministério de Recepção existe uma vantagem no modo de lidar com a recepção em relação a Igrejas onde ela fica à cargo do diaconato, sendo a única desvantagem, o número de pessoas que atuam na recepção.

Nas pesquisas dos membros e visitantes, percebe-se que as melhores avaliações vêm daqueles que são bem recebidos, percebem que as pessoas estão felizes com a sua chegada na Igreja e acreditam que a recepção influencia no crescimento de sua fé.

No próximo capítulo será proposto um modelo de recepção, baseando-se nos dados acima citados.

CAPÍTULO III

PROJETO PARA UMA RECEPÇÃO IDEAL

Neste capítulo, será proposto um projeto modelo de recepção ideal, levando-se em consideração todos os argumentos anteriormente citados e, também, os estudos realizados através da bibliografia e webgrafia deste trabalho.

Esse projeto baseia-se em dois pensamentos. O primeiro, o de Russell e Russell (2003, p. 116-118), com relação aos visitantes, o qual destaca que o trabalho de recepção é uma forma eficaz de evangelização, e portanto, deve ser realizado com esmero. O segundo, por sua vez, com relação aos membros, é o de Laurie (2002, p. 42), afirmando que “devemos fazer o nosso melhor para que mais pessoas firmem-se na Igreja”.

3.1. PROJETO MODELO

3.1.1. A missão do Ministério de Recepção

O Ministério de Recepção deve ter os seguintes propósitos quanto à missão:

- Glorificar a Deus atendendo amorosa, atenciosa, respeitosa e eficientemente a todos os membros e visitantes;
- Manter o grupo atento às necessidades daqueles que chegam à Igreja, demonstrando hospitalidade, contribuindo para a integração dos mesmos no corpo de Cristo;
- Apoiar os demais Ministérios na execução dos projetos da Igreja contribuindo para que haja um ambiente adequado e agradável à realização dos cultos e eventos.

3.1.2. A equipe do Ministério de Recepção

Propõe-se que o Ministério de Recepção deva ser composto de um mínimo de 3 equipes, composta por 6 pessoas, cada, levando-se em consideração a realidade de uma Igreja de médio porte. Igrejas com um grande número de membros devem possuir um número maior de equipes, cerca de 8, ao passo que o número de componentes deve ser de 12 pessoas. Igrejas menores devem possuir pelo menos 1 equipe de recepção.

A Igreja que possuir mais de uma equipe não teria as mesmas sobrecarregadas, pois poderia haver um rodízio entre elas ao longo dos cultos e programações durante o mês. A posição de

atuação e a atribuição de cada ministro serão descritas em detalhes logo abaixo. As equipes devem ser compostas por pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias possíveis, levando-se em consideração que para ser um ministro de recepção é imprescindível possuir o dom da hospitalidade.

A liderança do Ministério de Recepção está a cargo de um coordenador geral e de um secretário. A suas atribuições estão descritas a seguir.

3.1.2.1. O Coordenador de Recepção

Este deve ter um bom conhecimento dos membros da Igreja, e também dos demais líderes da Igreja e do Pastor local. Pode ser um homem ou uma mulher. Tem a responsabilidade de liderar os treinamentos de seu ministério e escalar as equipes que atuarão nos cultos, definindo a tarefa de cada ministro de recepção. Ainda, é o responsável por providenciar os materiais que serão usados pelo ministério na recepção dos membros e visitantes, bem como manter-se informado sobre o estoque. Os treinamentos devem ser bimestrais e as reuniões de orientação, avaliação, motivação e confraternização, mensais. Vale ressaltar que a pauta para os treinamentos que serão realizados são de caráter específico mediante a necessidade do grupo de ministros de recepção.

3.1.2.2. O Secretário de Recepção

Essa função pode ser exercida tanto por um homem quanto por uma mulher, desde que o mesmo seja responsável, dedicado e zeloso. É o responsável por recolher, ao final de cada culto e/ou programação, dos ministros de recepção, as fichas² contendo os dados dos visitantes atualizando, assim, o cadastro geral que possui. Essas informações devem ser fornecidas ao Coordenador de Interessados, que deverá mobilizar a sua equipe e também a Equipe de Contato Imediato³. Cabe, ainda, como sua função lembrar antecipadamente a escala aos ministros de

² Ver Anexo III.

³ A “Equipe de Contato Imediato” é uma sugestão para todas as Igrejas que possuem um Ministério de Recepção e uma Coordenação de Interessados. Essa equipe deve estabelecer contato imediato, por carta ou telefone, à visita de alguém que não pertença à Igreja ou que esteja afastada. Embora a União Central Brasileira demonstre que essa equipe deva pertencer ao Ministério de Recepção, acredita-se que melhor seria estar vinculada à Coordenação de Interessados. Maiores informações sobre este item ver: *O Ministério de Recepção: coordenador*. Artur Nogueira/SP: União Central Brasileira. p. 11-13.

recepção informando-lhes seus dias e horários de atuação. Também deve auxiliar no controle do estoque de materiais e na reposição em algum culto, caso esgote.

3.1.3. As atividades do Ministério de Recepção

3.1.3.1. Quanto ao número de membros atuantes por culto e suas atribuições

Exemplificando numa Igreja de médio porte, por local de atuação e atribuição dos ministros de recepção, teríamos:

- 1 ministro de recepção no estacionamento da Igreja, ou na rua, auxiliando os membros e visitantes a estacionarem seus veículos;
- 2 ministros de recepção, de ambos os sexos, entre o portão de entrada da Igreja e a porta principal, confraternizando e recebendo os membros e visitantes. A atuação destes consiste na condução de todos os que chegam à mesa de recepção localizada próximo à porta principal da Igreja onde serão atendidos por outro ministro. A recepção deve ser calorosa, no entanto, cristã. Deve-se desejar boas-vindas aos que chegam expressando sinceramente a sua alegria por tê-los ali, cumprimentando-os com um aperto de mão e, se possível, um abraço, lembrando-se que as mulheres devem abraçar somente as mulheres, e os homens somente os homens. Ainda, devem atuar no auxílio aos portadores de deficiência física ou mesmo àqueles que necessitem de ajuda para locomoção como pode ser o caso de idosos e/ou gestantes;
- à porta principal da Igreja deve estar a mesa ou balcão de recepção. Aqui, 1 ministro de recepção está munido de um livro de registro de visitas. Neste livro serão registrados os dados de cada visitante ou membro de outra Igreja Adventista que ali comparece. Após o cadastramento deve ser oferecido aos visitantes, em geral, o boletim informativo da Igreja ou seqüência litúrgica, Bíblia, Hinário, Lição da Escola Sabatina, revistas, folhetos missionários, papel, caneta, etc. Os membros locais também serão recepcionados por este ministro, que disponibilizará os materiais necessários à sua atuação;
- 2 ministros de recepção à porta da Igreja para conduzir o(s) visitante(s) até o assento. Deve-se perguntar ao visitante se há preferência acerca do lugar em que deseja sentar-se. Sempre os visitantes devem ser conduzidos a sentar perto dos membros para que não fiquem isolados na nave da Igreja. Esses ministros, ainda,

deverão procurar providenciar entre os membros disponíveis, algum convite a fim de que os visitantes sejam motivados a participar de um almoço, ou lanche, no mesmo dia, ou a combinar. Sabedores e disponíveis, ao final do culto, o membro deve aproximar-se do(s) visitante(s) e estender-lhe o convite.

- O coordenador geral ou o secretário de recepção é responsável por todos os demais, verificando a execução de suas atividades. Revezando-se em cada reunião, é de sua responsabilidade o “Momento do Visitante”, circunstância em que estes serão apresentados à Igreja de forma interativa e não constrangedora.

3.1.3.2. Quanto aos horários de atuação nos cultos, reuniões e eventos

Propõe-se que os ministros de recepção escalados estejam presentes à Igreja ou ao local de reunião 30 minutos antes do início da programação. Exemplificando, será utilizado o programa litúrgico do sábado da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

- **07:30 – chegada dos ministros de recepção.** Ao chegar, a equipe deve reunir-se em oração pedindo as bênçãos sobre os trabalhos que serão realizados, bem como interceder por todos aqueles que virão à Igreja. Logo após, a equipe deve organizar os materiais da recepção (conferir Bíblias, Hinários, Lições da Escola Sabatina, boletins ou seqüências litúrgicas, cartões de boas-vindas, livro de cadastro, revistas, folhetos missionários, canetas, papéis, etc.) colocando-os em seus devidos lugares e, a partir de então, cada ministro deve assumir o seu posto de atuação e aí permanecer até o final da reunião.
- **08:00 ao final do Culto Divino – início da programação.** Geralmente, o início das atividades sabáticas se dá com a Classe de Professores e então, aqui está o início das atividades do Ministério de Recepção aos membros e, posteriormente, aos visitantes. Caso não seja realizada a Classe de Professores no sábado de manhã, a equipe deve começar suas atividades 30 minutos antes do início da Escola Sabatina.
- **Apresentação dos visitantes.** Antigamente, logo após o término do estudo da lição da Escola Sabatina havia um momento de confraternização onde os visitantes eram apresentados à Igreja. Infelizmente, essa prática em algumas Igrejas foi abolida. Hoje, em geral, esse momento é ocupado por um louvor ou até mesmo por anúncios de interesse geral e a apresentação dos visitantes tem ficado a cargo das unidades de

estudos da Escola Sabatina. A proposta desse projeto é que haja um momento específico na liturgia sabática (e na de outros cultos) onde o Ministério de Recepção possa ter sua parte apresentando à Igreja os visitantes. Propõe-se que esse momento seja o intervalo entre o término da Escola Sabatina e o início do Culto Divino. Em outros cultos, esse momento deve ser logo após a oração inicial. Os visitantes devem ser apresentados, cumprimentados pelos membros, e quem sabe, um ou outro, com muito tato para não constrangê-los, até mesmo, entrevistados. Todos devem receber um cartão ou uma lembrança da Igreja. Ao final, deve haver um hino especial, congregacional ou individual, para esse momento. Deve-se cuidar para que não se use termos separatistas como “visitantes”, mas sim “amigos que nos visitam”.

- **Despedida.** À porta, ao finalizar o Culto Divino, os ministros de recepção devem com muita simpatia, sinceridade e amor cristão despedir-se dos membros e visitantes convidando-os a participar na próxima reunião.

3.2. CONCLUSÃO

Diante de tal proposta, os problemas detectados nas pesquisas de campo, corrigidos, e associado às práticas já desenvolvidas pelo Ministério de Recepção, contribuirão para uma boa imagem da Igreja, por parte dos membros e visitantes, e ainda, colaborarão como meio evangelístico.

Deve-se atentar para o fato de que deve haver um Ministério de Recepção em cada Igreja, algo especializado, diante da importância dos tópicos apresentados anteriormente, e não esse ministério associado a outro, sendo desenvolvido de qualquer forma.

CONCLUSÃO

O Ministério de Recepção é o responsável na Igreja em acolher os que vêm a ela, proporcionando-lhes um ambiente no qual se sintam como numa família. Ele é responsável em quebrar as barreiras que os visitantes têm quando chegam a um ambiente com o qual não estão acostumados, cuidando para que eles sejam integrados com os que já fazem parte da comunidade. Para os membros da Igreja, o ministério também tem uma relevância no sentido de fazê-los sentir-se parte do Corpo de Cristo. É desse ministério, também, a responsabilidade de guiar as pessoas no espaço da Igreja e em sua liturgia.

Na pesquisa realizada em 8 Igrejas Adventistas do Sétimo Dia do interior de São Paulo, percebeu-se que a maioria delas têm um Ministério de Recepção, mas em algumas as funções desse ministério são realizadas pelo Diaconato. Através dessa pesquisa, descobriu-se que algumas das funções têm sido realizadas deficientemente. Há falhas em pontos específicos. A pesquisa entre os líderes de recepção, recepcionistas e anciãos de Igreja demonstrou que há uma vantagem na forma de lidar com a recepção nas Igrejas onde há um Ministério de Recepção organizado.

Quando os membros e visitantes foram pesquisados demonstrou-se que muitos deles acreditam que uma boa recepção influencia no crescimento da fé. Para esses, o ministério é excelente quando eles são bem recebidos e quando percebem que as pessoas estão felizes pela sua presença.

Esse trabalho propôs-se a mostrar a importância do Ministério de Recepção para a Igreja e o quanto ele por ser melhorado. O modelo apresentado no último capítulo é uma sugestão para que as ações desse ministério sejam mais eficazes e ainda, para que os membros e os visitantes vindos à Igreja sintam que estão num lugar que é para eles.

BIBLIOGRAFIA

Gibbs, Eddie. *I Believe in Church Growth*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981.

Hadaway, C. Kirk. *Church Growth Principles: separating fact from fiction*. Nashville/TN: Broadman Press, 1991.

Laurie, Greg. *A Igreja que Abala o Mundo*. Trad. Célia Regina Chazanas Clavello. Campinas/SP: Editora United Press, 2002.

Logan, Robert E. *Beyond Church Growth: action plans for developing a dynamic church*. Grand Rapids/MI: Baker Book House, 1989.

O Ministério de Recepção: coordenador. Artur Nogueira/SP: União Central Brasileira.

Parrott, Leslie. *The Greeter's Manual: a guide for warm-hearted churches*. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1993.

Russell, Bob e Russell, Rusty. *Umas Igreja de Sucesso: 10 princípios bíblicos testados e aprovados*. Trad. Bruno G. Destefani. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2003.

Schaller, Lyle E. *Growing Plans: strategies to increase your church's membership*. Nashville/TN: Abington Press, 1983.

Weld, Wayne e McGavran, Donald A. *Principles of Church Growth*. Pasadena/CA: William Carey Library, 1974

White, Ellen G. *Serviço Cristão*. Santo André/SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

WEBGRAFIA

Alves, João Luís. *Ministério de Recepção*. <<http://www.metodistas.org.br/ministerios/recepcao.htm>> . Acessado em 04 de abril de 2006.

Beshir, Victor. *The Greeting Ministry*. <http://www.suscopts.org/evangelism/frames/greeting_ministry.html>. Acessado em 04 de abril de 2006.

Center Greeter Role. <<http://www.efcc.org/ministries/LifeDesign/Membership/welcome-team.html>>. Acessado em 04 de abril de 2006.

Garay, Mary. *Greeting Ministry*. <http://www.pccfwa.org/greeting_ministry_profile.pdf>. Acessado em 04 de abril de 2006.

Nascimento, Rogério Azevedo. *Ministério de Recepção*. <http://www.pibrecreio.org.br/ministerios/recepcao_2006/1_portal_recepcao/1_lateral_dir_portal_recepcao_2006.htm>. Acessado em 04 de abril de 2006.

Perilo, Vandir. *Ministério da Recepção*. <<http://www.ibmemorial.org.br/oslinks/ministerios/mrecep.php>>. Acessado em 04 de abril de 2006.

ANEXO I

PESQUISA SOBRE O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO
formulário a ser respondido pelos <i>líderes</i> locais e do Ministério de Recepção local
<p>1. Há um Ministério de Recepção em sua Igreja? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> funciona associado à outro Ministério</p> <p>2. Quantos membros atuam na recepção da Igreja? _____</p> <p>3. Você acredita que esse número é suficiente? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>4. Marque os cultos nos quais o Ministério de Recepção atua em sua Igreja? <input type="checkbox"/> Escola Sabatina e Culto Divino <input type="checkbox"/> Culto Jovem <input type="checkbox"/> Culto aos Domingo <input type="checkbox"/> Culto de Oração às Quartas-feiras <input type="checkbox"/> Cultos especiais <input type="checkbox"/> Nenhum culto</p> <p>5. Em sua Igreja já foi realizado um teste de Dons Espirituais? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>6. Você acredita que todos os que atuam no Ministério de Recepção da sua Igreja são vocacionados para isso, ou seja, possuem o dom da hospitalidade? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>7. O que você julga necessário para ser um Ministro de Recepção? <input type="checkbox"/> ser escolhido pela Comissão da Igreja <input type="checkbox"/> ser do sexo feminino <input type="checkbox"/> ser jovem <input type="checkbox"/> ter o dom <input type="checkbox"/> simplesmente querer participar em algum Ministério <input type="checkbox"/> estar disponível nos momentos que antecedem os cultos</p> <p>8. Você acredita que esse Ministério é tão importante quanto um sermão? <input type="checkbox"/> é mais importante <input type="checkbox"/> os dois são importantes <input type="checkbox"/> o sermão é mais importante <input type="checkbox"/> esse ministério não tem importância</p> <p>9. Você acredita que uma boa recepção influencia na imagem da Igreja? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>10. Os membros são orientados quanto a forma de lidar (tratar) com os visitantes? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>11. Onde é realizada a recepção em sua Igreja? <input type="checkbox"/> na rua <input type="checkbox"/> no portão da Igreja <input type="checkbox"/> no <i>hall</i> de entrada <input type="checkbox"/> à porta da Igreja <input type="checkbox"/> dentro da Igreja <input type="checkbox"/> não há recepção</p> <p>12. A Igreja possui acesso para deficientes físicos? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>13. A Igreja possui placas de identificação em todas as portas? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>14. Quais dos itens são disponibilizados aos visitantes e/ou membros? <input type="checkbox"/> Bíblia <input type="checkbox"/> Hinário <input type="checkbox"/> Lição da Escola Sabatina <input type="checkbox"/> Boletim informativo <input type="checkbox"/> Sequência da Liturgia do Culto</p> <p>15. A Recepção possui um sistema de cadastramento para os visitantes? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>16. Os visitantes são visitados? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sempre que possível</p> <p>17. Todos os visitantes são bem recebidos independentemente da forma como estejam vestidos? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> depende de quem seja</p> <p>18. Como você avalia o Ministério de Recepção de sua Igreja? <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Normal <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim</p>

ANEXO II

PESQUISA SOBRE O MINISTÉRIO DE RECEPÇÃO
formulário a ser respondido pelos <i>membros e visitantes</i> da Igreja
<p>1. Por gentileza, identifique-se:</p> <p><input type="checkbox"/> sou um membro da Igreja</p> <p><input type="checkbox"/> sou um visitante na Igreja</p>
<p>2. Ao chegar à Igreja, você sentiu que as pessoas estavam felizes com a sua presença?</p> <p><input type="checkbox"/> sim</p> <p><input type="checkbox"/> não</p> <p><input type="checkbox"/> não percebi nenhuma reação</p>
<p>3. Você foi bem recebido, ou seja, bem recepcionado?</p> <p><input type="checkbox"/> sim</p> <p><input type="checkbox"/> não</p>
<p>4. Onde você foi recepcionado?</p> <p><input type="checkbox"/> na rua</p> <p><input type="checkbox"/> no portão da Igreja</p> <p><input type="checkbox"/> no <i>hall</i> de entrada</p> <p><input type="checkbox"/> à porta da Igreja</p> <p><input type="checkbox"/> dentro da Igreja</p> <p><input type="checkbox"/> não houve recepção</p>
<p>5. O que fez você vir à Igreja hoje?</p> <p><input type="checkbox"/> sou membro da Igreja</p> <p><input type="checkbox"/> fui convidado por alguém (vizinhos, parentes, membros da Igreja, etc.)</p> <p><input type="checkbox"/> curiosidade</p> <p><input type="checkbox"/> sentimento de solidão</p> <p><input type="checkbox"/> estou procurando uma Igreja para freqüentar</p> <p><input type="checkbox"/> outros: _____</p>
<p>6. Você acredita que o fato de ser bem recepcionado pode auxiliar no crescimento de sua fé?</p> <p><input type="checkbox"/> sim</p> <p><input type="checkbox"/> não</p> <p><input type="checkbox"/> em parte</p>
<p>7. O que faria você voltar à Igreja numa outra oportunidade?</p> <p><input type="checkbox"/> o bom sermão que presenciei</p> <p><input type="checkbox"/> as mensagens musicais</p> <p><input type="checkbox"/> a simpatia dos irmãos</p> <p><input type="checkbox"/> a espiritualidade do culto</p> <p><input type="checkbox"/> a necessidade de um encontro com Deus</p> <p><input type="checkbox"/> a boa recepção que tive</p> <p><input type="checkbox"/> não voltaria à Igreja</p> <p><input type="checkbox"/> outros: _____</p>
<p>8. Como você avalia o Ministério de Recepção dessa Igreja?</p> <p><input type="checkbox"/> Excelente</p> <p><input type="checkbox"/> Bom</p> <p><input type="checkbox"/> Normal</p> <p><input type="checkbox"/> Regular</p> <p><input type="checkbox"/> Ruim</p> <p><input type="checkbox"/> não há</p> <p><input type="checkbox"/> precisa de treinamento</p>

ANEXO III

Ficha de Cadastro dos Amigos Visitantes

Frente

Nome:	
Endereço:	n°:
Bairro:	Cidade/Estado:
CEP.:	Telefone:
Convidado por	

Verso

1° contato [<input type="checkbox"/>] telefônico [<input type="checkbox"/>] correspondência	
Nome:	Data: / /
2° contato [<input type="checkbox"/>] telefônico [<input type="checkbox"/>] correspondência	
Nome:	Data: / /
Observações:	

Fonte: O Ministério de Recepção: coordenador. Artur Nogueira/SP: União Central Brasileira.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

DESMOND FORD E A DOCTRINA DO SANTUÁRIO: ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS FASES DISTINTAS

Glauber S. Araújo

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2006
Orientador: Alberto R. Timm, Ph.D.
glauberaraujo@yahoo.com

RESUMO: Desde Glacier View, em 1980, uma quantidade considerável de literatura relacionada às profecias de Daniel, o santuário, Hebreus, o juízo investigativo e temas correlacionados tem sido publicada por adventistas em busca de refutações às idéias apresentadas por Desmond Ford nesse evento. Embora isso tenha sido feito, não foi encontrado um estudo mostrando que suas idéias eram revogadas pelo próprio Ford anos antes. O propósito deste estudo foi prover uma análise comparativa das idéias de Desmond Ford durante as reuniões em Glacier View com suas idéias antes desse evento, a fim de mostrar que muitas das idéias expostas naquela ocasião podem ser refutadas através de seus próprios argumentos publicados previamente. Após uma análise das críticas de Ford relacionadas à (1) interpretação profética, (2) o juízo investigativo e (3) Ellen G. White e o dom profético, são providos argumentos publicados anteriormente por Ford contra suas críticas. Esse estudo está primariamente baseado em livros, artigos e outras obras de Desmond Ford.

PALAVRAS-CHAVE: Daniel, Santuário, Hebreus, Juízo Investigativo, Ellen G. White.

DESMOND FORD AND THE DOCTRINE OF THE SANCTUARY: A COMPARATIVE ANALYSIS OF TWO DISTINCT PHASES

ABSTRACT: Since Glacier View, in 1980, a considerable quantity of literature related to the prophecies of Daniel, the sanctuary, the book of Hebrews, the investigative judgment and related themes has been published by Adventists, in a search for arguments against the ideas presented by Desmond Ford in that event. Nonetheless, no study showing that Ford himself, years earlier, has refuted the same ideas that he later espoused seems to have been undertaken up to now. The purpose of this study is to provide a comparative analysis of Desmond Ford's ideas during the meetings at Glacier View with his ideas before that event, in order to demonstrate that many of his later ideas can be refuted through his own arguments, previously published. After an analysis of Ford's critics related to the (1) prophetic interpretation, (2) investigative judgment, and (3) Elle G. White's prophetic gift, it will be provided a critic appraisal of these question on the basis of Ford's previous argumentation on these issues. This study is primarily based on books, articles and other works published by Desmond Ford.

KEYWORDS: Daniel; Sanctuary; Hebrews; Investigative Judgment; Ellen G. White.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Curso de Teologia

DESMOND FORD E A DOUTRINA DO SANTUÁRIO:
ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS
FASES DISTINTAS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Título de
Bacharel em Teologia

por

Glauber S. Araújo

Novembro de 2006

SUMÁRIO

Capítulo

I. INTRODUÇÃO	1
Definição do problema	2
Propósito do Estudo	2
Escopo e Delimitações do Estudo	2
Metodologia	3
Organização do Estudo	4
II. BIOGRAFIA DE DESMOND FORD	5
III. INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA	19
O princípio dia-ano	19
Críticas	19
Respostas Anteriores.....	21
O chifre pequeno e Antíoco Epifânio	25
Críticas	25
Respostas Anteriores.....	26
Jesus e o Novo Testamento	29
Críticas	29
Respostas Anteriores.....	31
O princípio apotelesmático	32
Críticas	32
Respostas Anteriores.....	35
Conclusão	35
IV. O JUÍZO INVESTIGATIVO	38
O juízo investigativo	38
Críticas	38
Respostas Anteriores.....	40
Daniel 7	41
Críticas	41
Respostas Anteriores.....	41
Daniel 8	42

Contaminação e purificação do santuário em Daniel 8:14	42
Críticas.....	42
Respostas Anteriores.....	43
O Dia da Expição em Daniel 8:14	44
Críticas.....	44
Respostas Anteriores.....	45
Hebreus	45
Críticas	45
Respostas Anteriores.....	47
Apocalipse	48
Críticas	48
Respostas Anteriores.....	49
Conclusão	49
V. ELLEN G. WHITE E O DOM DE PROFECIA	51
A inspiração de Ellen G. White	51
Críticas	51
Respostas Anteriores.....	52
Ellen G. White e sua época	53
Críticas	53
Respostas Anteriores.....	54
Conclusão.....	54
VI. CONCLUSÃO	56
BIBLIOGRAFIA	60

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Desde o final do século 18 o mundo cristão contemporâneo vem assistindo ao cumprimento da profecia de Daniel 12:4 concernente ao interesse no estudo e na compreensão das profecias de Daniel: “Muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará”.¹ A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu devido a este interesse no estudo do livro de Daniel. Temos observado uma intensificação desse interesse desde as reuniões de Glacier View, em agosto de 1980, em que líderes e teólogos da igreja discutiram assuntos sobre o livro de Daniel, o santuário, 1844, o juízo investigativo, Hebreus e temas correlacionados.

Esse evento desencadeou uma grande quantidade de publicações tratando dos assuntos acima citados. A interpretação tem permanecida praticamente inalterada, mas houve um aprofundamento considerável nessas áreas. Esse aprofundamento surgiu numa busca por respostas às críticas feitas por Desmond Ford em Glacier View quanto à interpretação desses temas.

¹Para um estudo mais detalhado das interpretações de Daniel ver Alberto R. Timm, Amin A. Rodor, e Vanderlei Dorneles, eds., *O futuro* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004), 265-302; Francis D. Nichol, ed., “History of the Interpretation of Daniel”, *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1977), 4:39-78; LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation* (Washington, DC: Review and Herald, 1946-1954), Vols. 3 e 4.

Definição do Problema

Uma quantidade considerável de literatura tem sido publicada por adventistas buscando trazer maior compreensão de Daniel 8:14, o santuário e o juízo investigativo. Embora isto tenha sido feito para refutar as idéias apresentadas por Desmond Ford em Glacier View, até hoje não encontramos um estudo que visa mostrar o contraste de suas propostas durante Glacier View e suas idéias antes deste evento. Vários estudos foram apresentados, procurando revogar a nova interpretação feita por Desmond Ford naquele evento, mas não foi encontrado um estudo mostrando que estas idéias eram revogadas pelo próprio Ford anos antes.

Propósito do Estudo

O propósito deste estudo é prover uma análise comparativa das idéias de Desmond Ford durante as reuniões em Glacier View com suas idéias antes dessa reunião, a fim de mostrar que muitas das idéias expostas naquela reunião podem ser refutadas através de seus próprios argumentos publicados previamente.

Escopo e Delimitações do Estudo

Para que o assunto possa ser melhor compreendido, uma breve descrição histórica da vida de Desmond Ford é apresentada. Também são providos alguns detalhes quanto ao contexto no qual Ford vivia e como ele acabou influenciando o mundo teológico adventista. Atenção é dada aos escritos de outros autores somente quando estes provêm alguma contribuição significativa para a compreensão do contexto histórico.

O estudo comparativo das idéias de Desmond Ford antes e durante Glacier View limita-se a uma análise comparativa entre as principais propostas feitas por Ford

neste evento, atacando a posição tradicional adventista e suas idéias anteriormente mantidas, defendendo a mesma.

O ano de 1959 foi o ano escolhido como o ponto de partida para análise das publicações de Desmond Ford, pois foi naquele ano que aparece sua primeira contribuição significativa sobre o tema do presente estudo. O ano de 1980 foi o ano escolhido para o término do estudo pois nesse ano foi publicado seu livro contendo todas as suas propostas apresentadas em Glacier View.

Metodologia

O presente estudo analisa os livros, manuscritos não publicados, e artigos publicados por Desmond Ford até Glacier View que tratem do livro de Daniel, o santuário, o juízo investigativo e temas correlacionados. É também pesquisada sua dissertação de mestrado sobre Daniel 8:14 e os últimos dias,² sua tese doutoral sobre a abominação da desolação na escatologia bíblica³ e o texto publicado para Glacier View intitulado “Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment”.⁴ Duas abordagens são utilizadas neste estudo. No estudo biográfico, é usada uma metodologia histórico-cronológica, e no estudo da compreensão de Ford sobre os princípios de interpretação profética, o juízo investigativo e o dom profético de Ellen G. White é empregada uma

²Desmond Ford, *Daniel 8:14 and the Latter Days* (dissertação de M.Th., Potolomac University, Washington, DC, setembro de 1959).

³Idem, *The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology* (tese de Ph.D., University of Manchester, julho de 1972).

⁴Desmond Ford, *Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment* (Casselberry, FL: Euangelion Press, 1980); doravante, estaremos nos referindo a esta obra como *Daniel 8:14*.

metodologia temático-comparativa.

Organização do Estudo

Este estudo constitui-se de seis capítulos. O primeiro introduz a presente pesquisa. O capítulo 2, intitulado “Biografia de Desmond Ford”, trata de uma breve descrição histórica da vida de Desmond Ford e do contexto teológico de seu tempo. Também são abordados alguns pontos fundamentais que levaram a Glacier View. No próximo capítulo, sob o título “Interpretação profética”, é oferecida uma comparação dos escritos de Desmond Ford relacionados (1) ao princípio dia-ano, (2) ao chifre pequeno e Antíoco Epifânio, (3) a Jesus e o Novo Testamento, e (4) ao princípio apotelesmático.

O capítulo 4 – “O juízo investigativo” oferece uma comparação dos escritos de Desmond Ford relacionados aos juízos investigativos mencionados (1) no Antigo Testamento e (2) no Novo Testamento. O quinto capítulo “Ellen G. White e o dom de profecia” analisará, comparativamente, os escritos de Desmond Ford relacionados à Ellen White e o dom profético. O último capítulo contém um resumo e as conclusões finais.

CAPÍTULO 2

BIOGRAFIA DE DESMOND FORD

Desmond Ford nasceu em Townsville, Austrália,¹ em 1929² e cresceu em uma família anglicana.³ Ainda jovem, Ford desenvolveu uma paixão pela leitura de livros sobre “religião, história, assuntos contemporâneos, biografia, ciência e saúde”.⁴ Além de seu interesse pela leitura, Ford também era um aluno brilhante, mas teve que abandonar temporariamente seus estudos devido à Segunda Guerra Mundial, na qual seu país também estava envolvido.⁵

Aos 14 anos, Ford começou a trabalhar no *Newspaper of Sidney* e a se interessar por assuntos religiosos. Seu interesse o levou a ler *O Grande Conflito* de Ellen G. White.⁶ Refletindo sobre esta ocasião, Ford relembra:

¹“Des Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006.

²Currículo de Desmond Ford concedido por sua filha Elenne.

³Enoch de Oliveira, *A mão de Deus ao leme* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 135.

⁴“Des Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006.

⁵Ibid.

⁶Alberto R. Timm, *Desenvolvimento da doutrina do santuário no contexto do conflito cósmico*, Apostila da aula de Doutorado (Argentina: Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, 1997), 53; Oliveira, 135.

Foi o livro *O Grande Conflito*, de Ellen G. White, que o Senhor usou para tornar-me um adventista do sétimo dia. Quando tinha 16 anos, eu o lia nos trens, bondes, e nos cinemas ao ar livre enquanto esperava nas filas por um tíquete de entrada. Eu levava o livro comigo ao trabalho nos sábados de manhã e o lia quando possível. Eu vivia em outro mundo conforme aquelas maravilhosas páginas eram devoradas; e quando terminei de lê-lo, já era, em essência, um adventista do sétimo dia, mesmo tendo meu batismo ocorrido meses depois.⁷

Ford se tornou um evangelista seis anos após seu batismo,⁸ e posteriormente cursou o Seminário de Teologia no Avondale College, em New South Wales, concluindo-o em 1958.⁹ Ele está atualmente casado com Gillian, e tem três filhos.¹⁰

Desde sua infância, a vida de Ford foi marcada por uma sede e busca pelo conhecimento. Terminando o Bacharelado em Teologia, Ford iniciou seu Mestrado em Teologia Sistemática no Seminário Teológico Adventista, em Washington, DC, o qual concluiu em 1959 com uma dissertação sobre Daniel 8:14 e os últimos dias.¹¹ Terminando o Mestrado, Ford iniciou seu Doutorado em Comunicação na Michigan State University, tendo encerrado em 1961.¹²

⁷Desmond Ford, “The ‘Everlasting Gospel’ as Found in ‘The Great Controversy’”, *Australasian Record*, outubro de 1977, 6-7.

⁸Idem, “Investigative Judgment Forum”, Palestra oferecida em Pacific Union College, 27 de outubro, 1979, 3 [digitado].

⁹“Des Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006.

¹⁰Desmond Ford, *Discovering God’s Treasures* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1972), contra capa; idem, *Right with God Right Now: How God Saves People as Shown in the Bible’s Book of Romans* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1999), xii.

¹¹Idem, *Daniel 8:14 and the Latter Days*.

¹²Timm, 53-54.

Em 1972, ele obteve seu segundo Doutorado pela Manchester University com uma tese sobre a abominação da desolação na escatologia bíblica.¹³ Nos 16 anos seguintes, Ford foi diretor do departamento de Teologia no Avondale College e membro do Comitê de Pesquisa Bíblica da Associação Geral.¹⁴

Durante as décadas de 1960 e 1970, surgiu uma discussão no meio adventista sobre a justificação pela fé. Na Austrália, Robert D. Brinsmead promovia idéias com um forte teor perfeccionista,¹⁵ idéias estas que eram contestadas por Desmond Ford. Para Ford, a justificação

tem uma significação forense... possui associações legais e está vitalmente ligada com questões da lei... Assim, quando o pecador, pessoal e gratamente, aceita o pagamento de Cristo, em lugar de seus próprios pecados... a divina absolvição imputa inocência, em razão da aceitação, pelo pecador, dAquele que somente possui perfeita justiça...¹⁶

Ele continua dizendo:

o crente consagrado tem pecado nele, mas não pecado sobre ele, tal como Cristo tinha pecado sobre si, mas não em si... toda alma convertida tem ainda sua velha natureza para combater... Nossa velha natureza será finalmente destruída, na glorificação, quando nosso Senhor retornar. Então não teremos pecado nem em nós, nem sobre nós.¹⁷

¹³Timm, 54. Sua dissertação foi posteriormente publicada como Desmond Ford, *Abomination of Desolation in Biblical Eschatology* (Lanham: University Press of America, 1978).

¹⁴“Desmond Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006; Geoffrey J. Paxton, *O abalo do adventismo* (Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1987), 135.

¹⁵*Ibid.*, 109-172.

¹⁶Desmond Ford, *Signs of the Times*, ed. Australiana, julho de 1959, citado em *O abalo do adventismo*, 135.

¹⁷Desmond Ford, *Signs of the Times*, ed. Australiana, 1º de agosto de 1967, citado em *O abalo do adventismo*, 130.

Ford não rejeitava a necessidade de santificação, mas a separava da justificação pela fé. Em sua opinião, “santificação nunca é perfeita e não deveria ser considerada como ‘justificação pela fé’. Ela é o *fruto* de justificação pela fé. Porque sempre é imperfeita nesta vida, ela nunca pode nos justificar”.¹⁸ As discussões sobre a justificação pela fé atingiram seu auge em uma série de reuniões entre pastores e teólogos em Palmdale, Califórnia, de 23 a 30 de abril de 1976. A partir de então, Ford se tornou o centro das atenções.¹⁹

¹⁸Idem, *The one way of salvation*, não publicado, 2.

¹⁹Paxton, 34. Para um estudo mais aprofundado sobre a compreensão de Ford sobre justificação pela fé, ver Desmond Ford, “Sinai’s Three Secrets”, *These Times*, outubro de 1973, 9-10; idem, “The Two Faces of Redemption”, *Australasian Record*, v.80, fevereiro de 1975, 12-14; Idem, “From Death to Life”, *These Times*, v.84, agosto de 1975, 6-7; Idem, “The Everlasting Ten”, *Australasian Record*, v.80, agosto de 1975, 10-11; Idem, “The Scope and Limits of the Pauline Expression ‘Righteousness by Faith’”, *Document from the Palmdale Conference on Justification by Faith*, 1-13; idem “The relationship between the Incarnation and Righteousness by Faith”, *Document from the Palmdale Conference on Justification by Faith*, 25-41; idem, Ellen G. White and Righteousness by Faith, *Document from the Palmdale Conference on Justification by Faith*, 42-60; idem, “Best News Ever!” *Signs of the Times*, v.104, janeiro de 1977, 18-21; idem, “What Think ye of Christ?” *These Times*, v.86, janeiro de 1977, 22-23; idem, “Is your Wheelbarrow Inverted?” *Australasian Record*, v.82, fevereiro de 1977, 6; idem, “Ignorance and his Modern Counterparts”, *Australasian Record*, v.82, maio de 1977, 6-7; idem, “The Valley of Desperation”, *Australasian Record*, v.82, agosto de 1977, 10-13; idem, “Letter to a Failure”, *Australasian Record*, v.82, agosto de 1977, 6-7; idem, “I Believe in the Righteousness of Christ”, *These Times*, v.86, outubro de 1977, 17-20; idem, “The ‘Everlasting Gospel’ as Found in ‘The Great Controversy’”, *Australasian Record*, v.82, outubro de 1977, 6-7; idem, “I Believe in the Sacrifice of Jesus Christ”, *These Times*, v.86, novembro de 1977, 17-20; idem, “The Greatest Book, the Greatest Invitation, the Greatest Opportunity,--all yours!” *Signs Of The Times* (Australian), v.93, janeiro de 1978, 22-24; idem, “Paul--Pattern of Perfection”, *Australasian Record*, v.83, fevereiro de 1978, 6-7,14; idem, “The Lamb is the Hinge”, *Ministry*, v.51, maio de 1978, 4-7; idem, “How to Turn the World Upside down” *Signs of the Times* (Australian), v.93, junho de 1978, 24-26; idem, “The Truth of Paxton’s Thesis”, *Spectrum*, v.9, nº 3, julho de 1978, 37-45; idem, “Love that Bled at Calvary”, *Ministry*, v.51, setembro de 1978, 16-18. Ver também idem, *Unlocking God’s Treasury* (Waburton, Bict., Australia: Signs Pub. Co., 1964), 10, 11, 15-18; idem, *Right with God Right Now: How God Saves People as Shown in the Bible’s Book of Romans* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1999).

Em 1977, Ford mudou-se com sua família para os Estados Unidos, pois fora convidado a lecionar no departamento de Religião do Pacific Union College, Califórnia, as matérias de “Oratória, Homilética, Evangelismo, Vida e Ensinos de Cristo, Epístolas Paulinas, Apologética, Daniel e Apocalipse, Profetas Maiores e Menores do Antigo Testamento, Introdução à Teologia e Teologia Bíblica”.²⁰ Durante sua estada no Pacific Union College, Ford foi convidado a apresentar uma palestra em 27 de outubro de 1979 sobre Hebreus 9 e suas implicações sobre a doutrina adventista da purificação do santuário em 1844 e o juízo investigativo.

Nesta ocasião, Ford foi contra a interpretação tradicional adventista sobre a doutrina do santuário. Ele afirmou que, enquanto lia o capítulo 9 de Hebreus, pensava: “Isto é estranho, é diferente do que os adventistas dizem. Há um problema aqui”. Isso o acompanhou, admite ele, durante seus últimos 35 anos como adventista. “Desde o tempo em que era episcopal até hoje, tenho estado consciente de inconsistências e incongruências em nossa apresentação escatológica”.²¹ Para ele, é inquestionavelmente claro que Hebreus 9 e 10 apresentam Cristo perante Deus no Santíssimo após sua ascensão em 31 d.C. O antítipo Dia da Expição, portanto, deveria ter iniciado naquele ano, e não em 1844.²²

Segundo Ford,

naquela ocasião, foi declarado que Daniel 8:14 não tem nenhuma ligação lingüística com o capítulo sobre o Dia da Expição em Levítico, e nem Hebreus, em sua exposição do santuário, nos aponta para Daniel 8:14. *Foi sugerido que o bem conhecido conceito teológico da escatologia inaugurada e consumada – onde eventos a se cumprirem materialmente em conexão com o fim do mundo tinham uma*

²⁰“Des Ford” [http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm], acessado em março de 2006.

²¹Ford, *Daniel 8:14*, i.

²²Oliveira, 135.

*aplicação legal prévia com a cruz – nos oferece uma chave para nosso problema principal.*²³

Para sustentar sua argumentação, Ford afirmou que vários dos principais editores e escritores do Comentário Bíblico Adventista “declaram que não há bíblicamente como provar o juízo investigativo”.²⁴ Ele então exortou os adventistas a deixarem suas tradições, caso não fossem verdadeiras.²⁵

Preocupada com a palestra e suas implicações, a liderança da Associação Geral decidiu conceder-lhe seis meses para desenvolver suas idéias e apresentá-las perante um grupo representativo de teólogos e administradores da igreja.²⁶ Durante esses seis meses, Ford e sua família foram para Washington, onde a Associação Geral lhe cedeu um escritório, ajuda secretarial e livre acesso aos arquivos do Patrimônio Literário de Ellen G. White.²⁷

O resultado desses seis meses de estudo foi um texto de quase 1.000 páginas, intitulado “Daniel 8:14, o Dia da Expição e o Juízo Investigativo”.²⁸ Este documento foi estudado, analisado, e discutido por 114 líderes e teólogos da igreja em uma série de

²³Desmond Ford, *Daniel 8:14*, 21.

²⁴Idem, “Investigative Judgment Forum”, 4-5.

²⁵Ibid., 3.

²⁶“Des Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006; Timm, 54.

²⁷Oliveira, 135.

²⁸Este documento foi posteriormente publicado como Desmond Ford, *Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment* (Casselberry, FL: Euangelion Press, 1980).

reuniões em Glacier View, perto de Denver no Colorado, de 10 a 15 de agosto de 1980.²⁹

As reuniões em Glacier View causaram tal impacto que o evento acabou sendo mencionado em revistas como *Newsweek*, *Time* e *Christianity Today*.³⁰ Em seu texto, Ford alegou as seguintes posições:

1. Hebreus não ensina nossa posição tradicional sobre o santuário.
2. Hebreus ensina que Cristo, em sua ascensão, entrou no Lugar Santíssimo à direita de Deus.
3. Hebreus ensina que o primeiro compartimento era um símbolo da era tipológica e não afirma em qualquer lugar que possui um significado celestial com respeito a uma fase do ministério.
4. A purificação do santuário em Hebreus 9:23 refere-se ao que Cristo realizou por ocasião de sua morte, e já havia sido realizado na época em que a epístola foi escrita.
5. A Bíblia não ensina em lugar algum que um dia representa um ano nas profecias.
6. Daniel 9 não usa o princípio dia-ano. Ele não faz referência a dias.
7. O contexto de Daniel 8:10-14 nada diz sobre a contaminação do santuário celestial pelos pecados dos santos, mas refere-se muito a um vil poder terrestre lançando o santuário terrestre por terra. Como esperado, a promessa do **qdcn** em 8:14 é “vindicar”, “justificar”, ou restaurar” – nenhum dos quais surge do cerimonial de Levítico 16.
8. Apenas Antíoco Epifânio cumpre os detalhes específicos da ponta pequena de Daniel 8 e do homem vil de Daniel 11. Todos os outros cumprimentos, tais como Roma pagã e papal, são cumprimentos mais de princípio do que de detalhes.
9. Daniel 8:14 é uma resposta a uma pergunta sobre a duração do sucesso de um poder vil – e não um aviso sobre um juízo investigativo dos pecados dos santos.
10. Daniel 7:9-13 é uma cena de juízo com foco na chifre pequeno, não nos santos.
11. Apocalipse 14:7 fala de um juízo sobre Babilônia, não sobre os santos.
12. O Novo Testamento em lugar algum antecipa 20 séculos entre os dois adventos, mas antecipa o retorno iminente de Cristo no mesmo século em que os evangelhos e as epístolas foram escritos.
13. Nada no Novo ou Antigo Testamento ensina que o santuário é contaminado apenas quando confessamos nossos pecados.
14. O sangue das ofertas do povo comum nunca entrava no primeiro compartimento. Era um evento raro quando o sangue era levado para lá.

²⁹J. R. Spangler, “Editorial Perspectives”, *Ministry*, especial ed., outubro de 1980, 6.

³⁰“Des Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006.

15. O Novo Testamento não ensina que Cristo está atualmente ministrando pelo pecado no santuário celestial assim como o sacerdote terreno tem sido apresentado pelos adventistas atuando no santuário típico.
16. É impossível ser dogmático quanto a datas precisas de cumprimentos proféticos.
17. Não há evidência de que 22 de outubro era o décimo dia do sétimo mês de 1844.
18. Quando nossos pioneiros, incluindo Ellen G. White, aplicaram Mateus 25:1-13 ao movimento de 1844 e juntaram a entrada de Cristo no Santíssimo com a vinda do noivo em 22 de outubro de 1844, eles assumiram uma posição que é extremamente indefensível exegeticamente.
19. Nossos pioneiros, incluindo Ellen White, erraram quanto à “porta fechada”, e mantiveram seu erro até aproximadamente 1851.
20. Não há textos bíblicos claros que ensinam o juízo investigativo.³¹

Ford tentou justificar sua nova abordagem das profecias de Daniel alegando que “desde o começo da exegese científica entre os adventistas do sétimo dia – aquela exegese que leva em consideração as línguas originais, contextos históricos e literários, e à luz da arqueologia”, todas as nossas crenças fundamentais sobre o santuário celestial, o serviço sacerdotal de Cristo e 1844 “têm sido repetidamente desafiadas por teólogos adventistas” ou pelo menos “rejeitadas pela maioria daqueles que são especialistas nesta área bíblica em particular”.³²

Estudando a mudança de Ford de uma interpretação adventista tradicional para aquela que ele mais tarde manteria e defenderia arduamente, surge a pergunta: O que provocou tal mudança? Segundo Ford, quando alguém é convertido a Cristo, ele é justificado forensicamente. Em outras palavras, justificação é sinônimo de salvação. Por que então a necessidade de um juízo investigativo dos justos já que todos aqueles que aceitaram Jesus como Salvador e Senhor já estão salvos? Sua concepção de justificação pela fé teve um impacto direto na sua compreensão do juízo investigativo. Conforme Ford:

³¹Ford, *Daniel 8:14*, 292-293.

³²*Ibid.*, 291.

Por que nós, assim como todos os outros cristãos, fomos encarregados do “evangelho eterno”, é essencial que nada em nossa apresentação doutrinária compita ou contradiga este evangelho. Chegar a inferir que a obra expiatória de Cristo no Calvário não foi completa, mas necessitava de uma fase seguinte; sugerir que os méritos do sangue do Salvador não alcançaram o Lugar Santíssimo até 1844; declarar que nosso Senhor esteve durante dezoito séculos envolvido em um ministério que representava os privilégios limitados da era judaica pré-cruz (Hb 9:6-9); criar o medo de que nossa salvação eterna repousa em certa medida em obras ao invés da fé, e que a questão do juízo dependa desta medida de obras no crescimento cristão – é pôr em risco o evangelho abençoado, esquecer a advertência de Judas 3, e convidar a maldição de Gálatas 1:8, (ver Gl 2:16-21; Rm 3:19-28; Ef 2:8; Tt 3:4-7). Estes são assuntos sérios, e mesmo que a vida profissional de alguns de nós corra perigo por ouvirem à voz da consciência, tal custo é valioso demais quando envolve deslealdade ao evangelho. Certamente todos nós concordaríamos com a escolha de Whitefield, quando este exclamou: “Seja meu nome esquecido, seja eu pisado pelos homens, para que Jesus seja glorificado”.³³

Glacier View causou um significativo impacto sobre a denominação. Membros da igreja e alguns teólogos seguiram Desmond Ford, deixando de crer nas doutrinas do santuário celestial e do juízo investigativo. Muitos pastores devolveram suas credenciais e deixaram a igreja.³⁴ Ford se recusou a mudar de posição e, por isso, a igreja se sentiu obrigada a pedir que suas credenciais fossem devolvidas. Desde então, Ford esteve trabalhando com a *Good News Unlimited* em Auburn, Califórnia.³⁵ Ele se mantém ocupado

³³Ibid., i.

³⁴Richard W. Schwarz and Floyd Greenleaf, *Light Bearers* (Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2000), 634.

³⁵“Des Ford” [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>], acessado em março de 2006.

apresentando palestras, escrevendo artigos³⁶ e livros.³⁷ Mesmo depois de retornar à Austrália e estar fora do cenário teológico adventista, Ford continua sendo discutido.

Olhando para as reuniões de Glacier View, podemos afirmar que a igreja conseguiu lidar com a crise de maneira sábia e madura. Desde aquelas reuniões, uma série

³⁶Desmond Ford, “Parmenter-Ford Correspondence”, *Ministry*, v.53, outubro de 1980, 10-11; idem, “Ford's Second Reply”, *Spectrum*, v.11, n.2, 1980, 78; idem, “Ford's First Reply”, *Spectrum*, v.11, n.2, 1980, 77; idem, “Daniel 8:14 and the Day of Atonement”, *Spectrum*, v.11, n.2, 1980, 30-36; idem, “The Sabbath Brinsmead's Polemic”, *Spectrum*, v.12, n. 1, setembro de 1981, 66-69; idem, “Ford Responds to Shea”, *Spectrum*, v.11, n.4, 1981, 54-57; idem, “Ford Responds”, *Spectrum*, v.12, n. 2, dezembro de 1981, 64; idem, “Value of Questioning”, *Spectrum*, v.12, n. 3, abril de 1982, 63; idem, “Ford Defends Sabbath on a Round World”, *Spectrum*, v.13, n. 2, dezembro de 1982, 67-68; idem, “Responding to Paulson on Theological Change”, *Spectrum*, v.14, n. 2, 1983, 63; idem, “Creationism”, *Spectrum*, v.16, n.1, 1985, 67-68; idem, “Desmond Ford on Adventist Doctrine”, *Spectrum*, v.19, n. 2, 1988, 60-61; idem, “Good News Bursting Forth”, *Spectrum*, v.22, março de 1992, 12-22; idem, “Ford on God and Creation”, *Spectrum*, v.22, outubro de 1992, 60; idem, “Desmond Ford on the Danger of SDAs Joining the Anti-Christ”, *Spectrum*, v.23, outubro de 1993, 54-55; idem, “Is the Seventh-Day Sabbath Christian?” *Adventist Today*, v.4, julho-agosto de 1996, 11-14; idem, “Sabbath in the New Testament”, *Adventist Today*, v.5, março-abril de 1997, 6; idem, “Jesus Seminar”, *Adventist Today*, v.5, janeiro-fevereiro de 1997, 4; idem, “NPUC Critics of Ratzlaff Answered”, *Adventist Today*, v.6, julho-agosto de 1998, 4-6; idem, “How To Understand The End-time Prophecies Of The Bible [Review]”, *Adventist Today*, v.6, julho-agosto de 1998, 11-12; idem, “Ellen White Was Right ‘Increasing Light is to Shine Upon Us’”, *Spectrum*, v.26, janeiro 1998, 59-60; “Dr. Desmond Ford's Reply”, *Adventist Today*, v.10, setembro-outubro de 2002, 4.

³⁷Idem, *Physicians of the Soul: God's Prophets Through the Ages* (Nashville: Southern Pub. Association, 1980); idem, *The Forgotten Day* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1981); idem, *Crisis: A Commentary on the Book of Revelation* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1982); idem, *The Adventist Crisis of Spiritual Identity* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1982); idem, *Will There Be a NUCLEAR World Holocaust?* (Auburn, CA: Good News Unlimited, 1984); idem, *How to Survive Personal Tragedy* (Auburn, CA: Good News Unlimited, 1984); idem, *Worth More than a Million!: What Medical Science and Scripture Say about Immunity to Disease* (Auburn, CA: Good News Unlimited, 1984); idem, *A Kaleidoscope of Diamonds* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1986); idem, *Daniel and the Coming King* (Rocklin, CA: J & M Printing, 1996); *Eating Right for Type 2 Diabetes : A Christian Perspective on a Traumatic Disease* (Lincon, NE: IUniverse Book Publisher, 2004); idem, *Right with God Right Now: How God Saves People as Shown in the Bible's Book of Romans*.

de estudos acadêmicos,³⁸

³⁸Gerhard F. Hasel, *Redenção divina hoje*, Apostila de aula de Teologia (Brasília-DF: Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, 1981); William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.1 (Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1982); Frank B. Holbrook, ed., *Symposium on Daniel: Introductory and Exegetical Studies*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.2 (Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1982); idem, *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.3 (Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1986); idem, *Issues in the Book of Hebrews*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.4 (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1989); idem, *Doctrine of the Sanctuary: A Historical Survey (1845-1863)*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.5 (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1989); idem, *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Theological, and Historical Studies* (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute, 1989); idem, *Symposium on Revelation, Book 1: Introductory and Exegetical Studies*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.6 (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1992); idem, *Symposium on Revelation, Book 2: Exegetical and General Studies*, Daniel and Revelation Committee Series, vol.7 (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1992).

³⁹Roy Adams, *The Sanctuary Doctrine: Three Approaches in the Seventh-day Adventist Church*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 1 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981); Richard M. Davidson, *Typology in Scripture: a Study of Hermeneutical τυπος Structures*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 2 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981); Angel M. Rodriguez, *Substitution in the Hebrew Cultus*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 3 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979); Arthur J. Ferch, *The Son of Man in Daniel 7*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 6 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979); Samuel Nuñez, *The Vision of Daniel 8: Interpretations from 1700 to 1800*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 14 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987); Gerhard Pfandl, *The Time of the End in the Book of Daniel*, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 1 (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992); Brempong Owusu-Antwi, *The Chronology of Daniel 9:24-27*, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 2 (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1995); Nilton D. Amorim, “Desecration and Defilement in the Old Testament” (tese de Ph.D., Andrews University, 1986); R. Dean Davis, “The Heavenly Court Scene of Revelation 4-5” (tese de Ph.D., Andrews University, 1986); Richard Fredericks, “A Sequential Study of Revelation 1-14 Emphasizing the Judgment Motif : with Implications for Seventh-day Adventist Apocalyptic Pedagogy” (tese de Ph.D., Andrews University, 1987); Alberto R. Timm, *O santuário e as tres mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002); Winfried Vogel, “The Cultic Motif in Space and Time in the Book of Daniel” (tese de Ph.D., Andrews University, 1999); Merlin D. Burt, “The Historical Background, Interconnected Development and Integration of the Doctrines of the Sanctuary, the Sabbath, and Ellen G. White's Role in Sabbatarian Adventism from 1844 to 1849” (tese de Ph.D., Andrews University, 2003); Elias Brasil de Souza, *The Heavenly Sanctuary/Temple Motif in the Hebrew Bible: Function and Relationship to the Earthly Counterparts* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 2005).

e livros⁴⁰ têm sido publicados, na busca de uma melhor compreensão dos assuntos relacionados a Daniel, Apocalipse, Levítico, Hebreus, o santuário, 1844 e o juízo investigativo.

Conclusão

Desmond Ford se uniu à Igreja Adventista do Sétimo Dia aos 16 anos de idade através da leitura do livro *O Grande Conflito* de Ellen G. White. Ele ingressou no

⁴⁰C. Mervyn Maxwell, *God Cares: The Message of Daniel for you and your family* (Boise, ID: Pacific Press, 1981); Morris Venden, *Good News and Bad News about Judgment* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1983); C. Mervyn Maxwell, *God Cares: The Message of Revelation for you and your family* (Boise, ID: Pacific Press, 1985); Hans K. LaRondelle, *The Israel of God in Prophecy: Principles of Prophetic Interpretation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987); Clifford Goldstein, *1844 Made Simple* (Boise, ID: Pacific Press, 1988); idem, *How Dare You Judge Us, God* (Boise, ID: Pacific Press, 1991); Leslie Hardinge, *With Jess in His Sanctuary: Walk Through the Tabernacle Along His Way* (Harrisburg, PA: American Cassette Ministries, 1991); Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment: From the Pentateuch to Revelation* (Sioam Springs, AR: Creation Enterprises International, 1992); Clifford Goldstein, *False Balances: The Truth about the Judgment, the Sanctuary, and Your Salvation* (Boise, ID: Pacific Press, 1992); Roy Adams, *The Sanctuary: Understanding the Heart of Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1993); C. Mervyn Maxwell, *Magnificent Disappointment: What Really Happened in 1844... and Its Meaning for Today* (Boise, ID: Pacific Press, 1994); Frank B. Holbrook, *The Atoning Priesthood of Jesus Christ* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1996); Morris Venden, *Never Without an Intercessor: the Good News about the Judgment* (Boise, ID: Pacific Press, 1996); Hans K. LaRondelle, *How to Understand the End-Time Prophecies of the Bible: The Biblical-Contextual Approach* (Sarasota, FL: First Impressions, 1997); Normand Gulley, *Christ is Coming* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998); Paul A. Gordon, *The Sanctuary, 1844 and the Pioneers* (Nampa, ID: Pacific Press, 2000); Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000); Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002); Juarez Rodrigues Oliveira, *Chronological Studies Related to Daniel 8:14 and 9:24-27* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2004); Gerhard Pfandl, *Daniel: The Seer of Babylon* (Hagerstown, MD: Reviews and Herald, 2004); Alberto R. Timm, Amim A. Rodor, and Vanderlei Dornelles, *O futuro: A visão adventista dos últimos acontecimentos* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2004); Clifford Goldstein, *Graffiti in the Holy of Holies* (Nampa ID: Pacific Press, 2004); William H. Shea, *Daniel: A Reader's Guide* (Nampa, ID: Pacific Press, 2005).

Seminário Teológico em Avondale College e prosseguiu seus estudos acadêmicos até conseguir dois doutorados. Durante os anos em que foi pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ford se aprofundou em duas áreas da teologia adventista: (1) a justificação pela fé e (2) temas relacionados ao livro de Daniel. Durante seus últimos anos como pastor adventista, Ford começou a assumir uma posição contrária à sua posição anterior com respeito à interpretação do livro de Daniel devido à sua compreensão de justificação pela fé. Esta mudança de pensamento acabou levando-o a discutir sua posição diante de um grupo representativo de teólogos e líderes da Igreja. Ford defendia uma interpretação diferente da posição adventista nas seguintes áreas: (1) a interpretação profética, (2) o juízo investigativo e (3) o dom profético de Ellen G. White. Suas idéias causaram um impacto significativo sobre a denominação, e ainda continuam sendo discutidas.

CAPÍTULO 3

INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA

Analisando a obra de Desmond Ford *Daniel 8:14*, percebemos que ele não concorda com a interpretação profética feita pelos adventistas. Este utiliza vários argumentos para mostrar que tal interpretação não é bíblica e, assim, não deveria ser usada. Ford procura mostrar que: (1) o princípio dia-ano não é válido, (2) o chifre pequeno não é apenas Roma pagã e papal, (3) Jesus pretendia voltar no primeiro século de nossa era e (4) apenas através do princípio apotelesmático podemos interpretar corretamente as profecias de Daniel. Estudaremos cada um desses argumentos procurando mostrar como suas idéias se contradizem quando comparadas com o que ele havia publicado anteriormente sobre os mesmos assuntos.

O princípio dia-ano

Críticas

Em *Daniel 8:14*, Desmond Ford apresenta seis argumentos contra o princípio dia-ano e a interpretação de que o Dia Antitípico da Expição teria ocorrido em 22 de outubro de 1844. Em primeiro lugar, ele procura mostrar que o princípio dia-ano – no qual um dia profético equivale a um ano literal – não deveria ser empregado na interpretação de profecias de tempo, tais como as 2.300 tardes e manhãs, as 70 semanas, os 1.260 dias, os 42 meses, ou um tempo, tempos, e metade de um tempo. Este princípio pode ser encontrado

em Números 14:32-35 e Ezequiel 4:1-8, mas não é “um princípio designado a governar outras passagens”.¹

Como segundo argumento, Ford enfatiza que Daniel 8:14 não fala de 2.300 dias, já que não encontramos a palavra “dias” no texto. “No lugar, temos a expressão ambígua ‘tardes e manhãs’ que mais provavelmente se aplica aos sacrifícios da tarde e da manhã. Portanto, no lugar dos 2.300 dias, *se* estes exegetas estão corretos, apenas 1.150 dias estão em vista”.² Em terceiro lugar, Ford afirma também que “Daniel 9:24-27 não menciona dias em nenhum lugar. O hebraico *shabuim* significa meramente setes – setes de seja o que o contexto indicar, e aqui anos estão em vista. Muitas traduções modernas, incluindo a *Revised Standard Version*, reconhecem este fato”.³ “Setes” ou “hebdômadadas” como literalmente traduzido, “não tem necessariamente conexão com dias”.⁴

Ford oferece outro argumento mostrando que, quando o contexto é analisado, os 2.300 dias se aplicam “à duração de tempo em que a ponta pequena pisaria por terra o santuário e suspenderia os sacrifícios diários”. Ele portanto, nega que os 2.300 anos começaram séculos antes que o “chifre pequeno” iniciasse seu ataque ao santuário, ou seja, ao mesmo tempo em que as 70 semanas começaram. “A palavra hebraica *chathak* [em Dn 9:24] significa ‘cortar’ ou ‘decretar’, e não há como provar que estava designado cortar 490 de 2.300”.⁵

¹Desmond Ford, *Daniel 8:14*, 200.

²Ibid., 174-176.

³Ibid., 197.

⁴Ibid., 203.

⁵Ibid., 175.

Em seu quinto argumento, ele alega que nada em Esdras 7 fala do decreto para a restauração de Jerusalém. Aliás, “o contexto diz que esse decreto, assim como aquele de Ciro e Dario, tinha a ver com o templo. Os magistrados estavam encarregados de aplicar as leis do templo. Veja Esdras 6:14 que situa este decreto entre os decretos do templo”.⁶ O ano de 457 a.C., portanto, não poderia ser uma data para o início das 70 semanas⁷.

Finalmente, Ford argumenta que “mesmo se estabelecêssemos o ano de 457 a.C., não há como demonstrar que devemos datar o decreto para o dia 22 de outubro daquele ano. Pelo contrário, há indícios que parecem apontar para a direção oposta... Teriam todos os judeus caraítas observado o dia 22 de outubro como o Dia da Expição em 1844? A evidência mostra que a maioria não”.⁸ Para ele, o Dia da Expição teria caído no dia 23 de setembro no calendário caraíta.⁹

Respostas Anteriores

Como é o propósito deste estudo, as declarações de Ford podem ser revogadas pelos seus próprios argumentos anteriormente publicados. Em seu livro Laynd,¹⁰ podemos encontrá-lo apresentando seis argumentos a favor do uso do princípio dia-ano. Ele afirma que (1) “dias” comuns não poderiam estar aqui tencionados por estas profecias, pois como “as visões abarcam temas amplos, ao invés de temas insignificantes, assim também os

⁶Ibid.,174-176.

⁷Ibid.

⁸Ibid., 195-196.

⁹Ibid., 196-197.

¹⁰Idem, Laynd (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1978).

períodos de tempo enfatizados são símbolos de eras extensas, ao invés de limitadas”.¹¹ (2) Da mesma forma que em Daniel 2, os quatro metais da imagem são símbolos de quatro reinos e em Daniel 7, os quatro animais são representações de quatro reinos, “os períodos de tempo incorporados em tais profecias devem... ser necessariamente simbólicos ao invés de literais e passíveis de elucidação”.¹² (3) “O método em particular no qual os períodos de tempo em Daniel e Apocalipse são expressos também indica que estes devem ser aplicados simbolicamente”. A expressão “um tempo, dois tempos, e a metade de um tempo” de Daniel 7:25 não poderia ser literal. “Em dois outros lugares este intervalo ocorre nas Escrituras, e em ambos os casos são expressos em sua forma natural de ‘três anos e seis meses’ (ver Lc 4:25; Tg 5:17)”. “A teoria dia-ano requereria que o símbolo fosse expresso de tal forma a indicar que não seja interpretado literalmente. Daniel 7:25 não o faz de forma admirável?”¹³ (4) O mesmo acontece com a expressão “duas mil e trezentas tardes e manhãs”. Esta não seria a expressão normal e literal para um período entre seis a sete anos.

Há apenas três eventos em toda a história bíblica onde um período de tempo maior do que 40 dias é expresso em dias apenas, e é absolutamente sem precedentes nas Escrituras que períodos de mais de um ano sejam assim descritos (Gn 7:24; 8:3; Ne 6:15; Et 1:4).

As diferentes expressões usadas para denotar o mesmo período são provas adicionais que o “um tempo, dois tempos, e a metade de um tempo” de Daniel 7:25 não pode representar três anos e meio normais. Duas vezes é mencionado como “tempo, dois tempos, e a metade de um tempo” (Dn 7:25; 12:7); uma vez como “um tempo, tempos, e a metade de um tempo” (Ap 12:14); duas vezes como “quarenta e dois meses” (Ap 11:2; 13:5); e duas vezes como “mil duzentos e sessenta dias” (Ap 11:3; 12:6). Comparando o contexto em cada caso, é evidente que todos estes se aplicam ao mesmo período, mas a expressão natural de “três anos e seis meses” não é

¹¹ Ibid., 301.

¹² Ibid., 301

¹³ Ibid.

usada uma só vez. Obviamente Deus está indicando a natureza simbólica da expressão...¹⁴

Ele também argumenta que (5) assim como “animais de vida curta são utilizados como símbolos de impérios duradouros”, seria mais lógico que os tempos mencionados fossem também apresentados proporcionalmente, “com uma unidade de tempo menor representando uma unidade maior”.¹⁵ Finalmente, Ford argumenta que até esse ponto, a única medida de tempo não empregada no simbolismo de Daniel é a do ano.

Dias, semanas, e meses são utilizados (1.260 *dias*, setenta *semanas*, quarenta e dois *meses*), mas a palavra para ano não é encontrada... A explicação mais óbvia para esta omissão da palavra para ano em Daniel e Apocalipse, enquanto que os outros termos de um calendário *são* encontrados, é que o ano é a medida tipificada nessas profecias, e que o dia, o período de tempo mais curto do calendário simbólico, é utilizado para o representar. Há uma propriedade natural no princípio dia-ano sendo escolhido pelo Criador quando lembramos que existem duas grandes rotações da Terra. Uma em seu eixo, durando 24 horas, a qual dá origem ao dia; e a outra em sua órbita, durando 365 dias, que dá surgimento ao ano. É realmente apropriado que o menor se torne símbolo do maior...¹⁶

Sobre a expressão “tardes e manhãs” de Daniel 8:14, Ford cita Keil,¹⁷ mostrando que Daniel tinha um dia completo em mente:

Quando o hebraico procura expressar separadamente o dia e a noite, as partes componentes de um dia da semana, então o número de ambos é expresso. Eles dizem, por exemplo, 40 dias e 40 noites (Gn 7:4, 12; Êx 24:18; 1Re 29:8), e três dias e três noites (Jn 1:17; Mt 12:40), mas não 80 dias e noites ou três dias e noites, quando procuram se referir a 40 dias ou três dias completos. Um leitor do hebraico não poderia compreender o período de tempo de 2.300 tardes e manhãs de 2.300 meiodias ou 1.150 dias completos; porque manhã e tarde, na criação, não constituíam

¹⁴ Ibid., 301-302.

¹⁵ Ibid., 302

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid., 197.

metade, mas o dia completo... Devemos, portanto, ler as palavras como elas são, ou seja, 2.300 dias completos.¹⁸

Em Laynd, Ford também mostra que apesar da palavra “dias” não aparecer em Daniel 9:24, o autor estava se referindo a dias:

Enquanto que a palavra aqui [Dn 9:24] encontrada para semanas, *shabûa*’, simplesmente significa hebdômada (uma unidade de sete dias), não obstante, o uso bíblico deste termo é sempre para uma semana de dias (ver Gn 29:27, 28; Dn 10:2. Não é usado, por exemplo, em Lv 25:1-10 para o período de sete anos). Considerando que outras evidências indicam que este período de 490 anos é cortado de um período maior dos 2.300, é óbvio que o último consiste em anos também. Deste modo, aqui em Daniel 9 acertamos no teste pragmático, e o princípio dia-ano justificado, apesar do fato que a palavra *dia* não apareça nesta passagem.¹⁹

Ele procura comprovar a conexão existente entre Daniel 8 e 9, mostrando que:

(1) o mesmo anjo do capítulo 8 vem para “fazer entender” a visão no capítulo 9. Suas primeiras palavras a Daniel se referem à visão do capítulo 8; (2) o tema de ambos os capítulos é o mesmo – o futuro do santuário; (3) Daniel 9:24 se torna relevante quanto ao “que”, e ao “quando” do evento prometido em 8:14;²⁰ (4) ambas profecias se referem a Cristo e ao anticristo como os protagonistas na guerra pelo santuário; (5) ambas começam com a Medo-Pérsia; (6) ambas culminam com o juízo sobre o anticristo no fim dos tempos; e (7) ambas apontam para o surgimento da justiça eterna.²¹ Mais adiante, Ford afirma que “se Gabriel está cumprindo a comissão de Daniel 8:16 para explicar 8:1-14 a Daniel, e se é o *que* e *quando* do verso 14 que continuam preeminentes e requerem explicação, parece

¹⁸Carl Friedrich Keil, *Biblical Commentary on the Book of Daniel*, Commentary on the Old Testament (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1975), 303 e 304.

¹⁹Desmond Ford, Laynd, 302 e 303.

²⁰Ibid., 207.

evidente que esta primeira declaração de Gabriel afirma que as 70 semanas de anos sejam ‘cortadas’ dos 2.300 dias simbólicos ou anos atuais”.²²

Infelizmente não encontramos Ford explicando o motivo pelo qual concordava com 457 a.C. anteriormente. A única coisa que ele comenta é que à margem de Esdras 7, todas as Bíblias indicam o ano de 457 a.C. como sendo o ano do decreto.²³ Aliás, todas as datas que são geralmente aceitas no cristianismo, como 457 a.C. para o decreto da reconstrução de Jerusalém, 27 d.C. para o batismo de Cristo, 31 d.C. para Sua crucificação, e 34 d.C. para o apedrejamento de Estevão, eram também aceitas por Ford, mas ele não procurou apresentar argumentos para sua posição.

O chifre pequeno e Antíoco Epifânio

Crítica

Ford procura mostrar que Roma não é a única alternativa para o “chifre pequeno”, já que devemos “procurar por um poder surgido do mundo grego nos anos 300 a.C. e antes da supremacia romana em 30 a.C.”. Em sua opinião, o “chifre pequeno veio de um dos quatro chifres, e não de um dos quatro ventos. Afirmar, como alguns têm feito, que o chifre pequeno surge de um dos quatro ventos, ao invés dos quatro chifres, destrói a unidade visual do símbolo”.²⁴ Para Ford, Antíoco preencheria o simbolismo perfeitamente já que suas operações se encaixam dentro da profecia, o que não aconteceria com Roma.

²¹Idem, “More Evidence of the Connection Between Daniel 8 and 9”, *Ministry*, julho de 1968, 30-32.

²²Idem, Laynd, 225.

²³Idem, “Arithmetic Proves Christianity True”, *Ministry*, outubro de 1974, 17.

²⁴Idem, *Daniel 8:14*, 235.

Ele não limita o cumprimento apenas a Antíoco Epifânio mas, através do princípio apotelesmático, amplia para vários outros possíveis cumprimentos. Ford acredita que a aplicação sobre o abominável da desolação feita por Jesus em Mateus 24:15 como ainda para dias futuros “apenas mostra que o significado da profecia não tinha ainda sido completamente esgotado. Em outras palavras, a declaração de Cristo valida o princípio apotelesmático”.²⁵ Ele afirma que “*a profecia, enquanto originalmente cumprida em Antíoco, e somente com ele em relação aos detalhes, também se aplica de maneira geral às manifestações posteriores do anticristo, incluindo Roma pagã e papal. Seu cumprimento final ainda está no futuro, quando o homem da iniquidade se assentar no templo de Deus e se mostrar como Deus – não meramente a apostasia papal mas a contrafação final de Satanás*”.²⁶

Para encaixar os períodos de tempo encontrados na profecia, Ford propõe que

períodos de tempo bíblicos são normalmente números arredondados, ao invés de precisos... Daniel 8 apresenta todo o período de perseguição, não apenas o período de interrupção dos serviços do santuário. Esta perseguição começou em 171 a.C. e incluiu o assassinato do embaixador judeu em Tiro em 170 a.C., o morticínio e cativo de 80.000 judeus no mesmo ano, e a profanação do templo nesta época. Em 168 a.C. ocorreu a suspensão total dos ritos do santuário, uma suspensão que durou até 165 a.C. O período aproximado da opressão por Antíoco foram 2.300 dias”.²⁷

Respostas Anteriores

Por outro lado, podemos encontrar Ford enfatizando inúmeras vezes que um poder na época dos macabeus não se enquadra no perfil da profecia. Ao comentar sobre a

²⁵Ibid., 245.

²⁶Ibid.

²⁷Ibid., 239.

data em que o livro de Daniel foi escrito, ele mostra que “se o livro de Daniel foi escrito no segundo século a.C. e seu horizonte está ligado às façanhas de Antíoco Epifânio, então o nono capítulo tem por tema “profético” não o Messias mas um tirano Sírio”.²⁸ Ford nunca assumiu essa posição, pelo contrário, sempre admitiu que o livro de Daniel foi escrito durante o cativeiro babilônico.²⁹ Neste caso, Deus estaria preocupado com uma esfera mais ampla do que o problema nacional.³⁰ “Ver isto [a profecia de Dn 9:24] como apenas uma esperança piedosa associada ao restabelecimento do serviço do santuário após Antíoco Epifânio significa restringir sua perspectiva sem uma razão legítima”.³¹ Este capítulo contém uma profecia apocalíptica, não esquecendo que

o propósito de toda profecia apocalíptica é apontar para o fim dos tempos... A natureza apocalíptica do capítulo [Dn 8] automaticamente pede não apenas por uma interpretação escatológica, mas uma que se estende além das fronteiras nacionais. A apocalíptica é cósmica em sua extensão, e seu término é o reino de Deus em glória.³²

Além do mais,

O princípio da repetição e aumento característico das profecias de Daniel e Apocalipse também oferecem luz aos períodos de tempo empregados nestes livros... o quarto esboço em Daniel, o dos capítulos 11 e 12, cobrem o mesmo conteúdo dos capítulos 2, 7 e 8. A descrição encontrada em 11:31-45 claramente se encaixa com 8:11-13, 23-25. O capítulo final de Daniel oferece, em maiores detalhes, o que é encontrado nos versos 44 e 45 do capítulo 2. Deste modo, para podermos interpretar o

²⁸Idem, “The Dating of the Book of Daniel, Part 1”, *Ministry*, julho de 1973, 12.

²⁹Idem, “The Dating of the Book of Daniel, Part 1”, *Ministry*, julho de 1973; idem, “The Dating of the Book of Daniel, Part 2”, *Ministry*, agosto de 1973; idem, Laynd, 30-44.

³⁰Idem, *Daniel 8:14 and the Latter Days*, 27 e 28.

³¹Idem, “The Dating of the Book of Daniel, Part 1”, 14.

³²Idem, laynd, 167.

período mencionado em 8:14, é essencial que levemos em consideração o fato que o principal poder para os 2.300 dias é representado no capítulo 11 como durando até que o reino de Deus seja estabelecido. Neste caso, a inadequabilidade de interpretar as 2.300 tardes e manhãs como apenas dias durante a era macabéia é aparente.³³

Ford relembra que “Cristo, Paulo e João aplicaram o chifre pequeno às manifestações do anticristo, começando com a Roma pagã e atingindo o clímax com as ilusões satânicas nos últimos dias”.³⁴ “Mateus 24 deixa claro que ambas as profecias se referem à destruição de Jerusalém em 70 d.C., mas continuam a se cumprirem na guerra contra o Israel espiritual pelo anticristo durante os séculos... Esse fato apenas desqualifica a posição dos críticos que aplicam Daniel 8 aos tempos de Antíoco Epifânio”.³⁵ Ele compara as palavras de Jesus em Mateus 24:15 com Daniel 8:13 e mostra que ambos os textos tratam dos mesmos assuntos: a “abominação da desolação”, o santuário, e este sendo pisado por terra.³⁶ “Em suma, pode ser afirmado que no primeiro livro do Novo Testamento temos uma referência específica a Daniel 8:13, 14, e a aplicação feita não é apenas para o futuro; mas é conectada especificamente ao fim do mundo e o estabelecimento do reino de Cristo”.³⁷ O mesmo acontece com Paulo em 2 Tessalonicenses 2:3, 4. Tanto a “abominação da desolação”, o santuário, e este sendo pisado por terra, são temas encontrados em Daniel 8:13 e 2 Tessalonicenses 2:3, 4. Paulo os aplica nestes textos ainda para o futuro.³⁸

³³Ibid., 303.

³⁴Ibid., 172.

³⁵Idem, “More Evidence of the Connection Between Daniel 8 and 9”, 32.

³⁶Idem, “Daniel Eight in the New Testament”, *Ministry*, novembro de 1961, 28.

³⁷Ibid.

³⁸Ibid.

Crítica

Uma das principais suposições de Ford é que todas as profecias, mesmo as que envolvem períodos de tempo, estavam tencionadas a se cumprirem até o primeiro século d.C. Assim sendo, Cristo pretendia retornar naquele mesmo século. Quando, por exemplo, Jesus em seu discurso no Monte das Oliveiras, encontrado em Marcos 13, fala sobre o fim de Jerusalém e do mundo, Ford entende que a predição de Jesus aponta para um evento interligado: a destruição de Jerusalém e o fim do mundo, e não como dois eventos separados.³⁹ Ele assume que, como a expressão “esta geração” é encontrada 14 vezes nos evangelhos, Jesus pretendia enfatizar a sua volta naquela mesma geração.⁴⁰ A declaração de Jesus em Marcos 13:30, afirmando “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”, é entendida por Ford como sendo uma profecia condicional. Para ele, Jesus “acreditava que se a igreja primitiva se mostrasse fiel à comissão missionária, e se a nação judaica se arrependesse, o fim ocorreria na mesma época. É a junção da proclamação evangélica ao mundo com fim naquela era que provê a indicação do elemento contingente. Tal proclamação dependeria da dedicação total da igreja”.⁴¹ Ele continua: “A evidência de Mateus 24:34 (Mc 13:30) torna claro o fato de que não era originalmente o plano divino que o pecado durasse séculos após a cruz. Profecias como Daniel 7:25; 8:14;

³⁹Idem, *Daniel 8:14*, 180.

⁴⁰Ibid., 178-188.

⁴¹Ibid., 184.

Apocalipse 1:2; 12:16; 13:5, teriam se cumprido em escala menor se a igreja tivesse rapidamente entendido e proclamado o evangelho em sua pureza".⁴²

*O plano ideal de Deus era de que Jesus voltaria no primeiro século d.C., não muito tempo após sua ascensão ao céu. Isto é ensinado claramente de Mateus a Apocalipse e é reconhecido por uma vasta maioria de estudiosos do Novo Testamento. Isto nos ajuda a entender porque Hebreus podia aplicar o Dia da Expição para a ascensão de Cristo "além do véu" e prometeu que logo sairia para abençoar todos aqueles que, no pátio terrestre, ansiavam pela sua vinda (ver Hb 9:26-28).*⁴³

Além disso, o livro de Apocalipse teria sido escrito para "preparar e fortalecer espiritualmente" os cristãos daquela época a fim de espalharem o evangelho para que "o fim do mundo fosse consumado em seus dias".⁴⁴ Qualquer tentativa de dissolver a iminência e urgência dos eventos relatados em Apocalipse seria uma eisegese.⁴⁵ O uso que alguns fazem de 2 Pedro 3:8 para explicar a aparente urgência destes textos não somente é errada como também "um estratagema humano para evitar a dificuldade".⁴⁶

Ford conclui: "Repetimos – a evidência é clara que o livro de Apocalipse foi escrito a fim de fortalecer a Igreja daqueles dias para completar a comissão evangélica. O céu pretendia que fiéis daquela geração pudessem ver Cristo voltando nas nuvens e serem arrebatados nos ares para encontrá-lo sem passar pelos portais da tumba".⁴⁷

⁴²Ibid., 185.

⁴³Ibid., 178.

⁴⁴Ibid., 185.

⁴⁵Ibid., 186.

⁴⁶Ibid., 187.

⁴⁷Ibid., 188.

Mas em sua tese doutoral, Ford discute extensivamente a conexão feita por Jesus entre o *bde,lugma th/j evrhmw,sewj* de Marcos 13:14, e o *~mevom. ~yciWQvi* de Daniel. Ele mostra que “Cristo está se referindo ao *bde,lugma th/j evrhmw,sewj* em conexão com a destruição de Jerusalém, e o único momento no livro de Daniel onde *~mevom. ~yciWQvi* é especificamente ligado à destruição da cidade santa é Daniel 9”.⁴⁸ Ao fazer isto, Cristo não tinha apenas Daniel 9:26-27⁴⁹ em mente, mas Daniel 7,⁵⁰ 8:13-14,⁵¹ e 11:36.⁵² Há, inclusive, um paralelismo peculiar entre o capítulo 13 de Marcos, e todo o livro de Daniel “quando se referindo ao poder abominável”.⁵³ Tendo em mente este paralelismo existente, é necessário não esquecermos que “algumas porções [das profecias de Daniel] estavam ‘seladas’ até ‘o tempo do fim’” e que “a aplicação vital destas profecias ‘seladas’ pertencem não ao tempo dos macabeus, mas aos últimos dias desta era”.⁵⁴ Se o livro de Daniel profetisa o estabelecimento final do reino de Deus e sua

⁴⁸Idem, *The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*, 181.

⁴⁹Ibid., 199.

⁵⁰Ibid.

⁵¹Ibid., 181.

⁵²Ibid., 199.

⁵³Ibid., 144; idem, *Daniel 8:14 and the Latter Days*, 42.

⁵⁴Ibid., 16.

vitória sobre o mal,⁵⁵ então os períodos de tempo apresentados neste livro são extensos, e não poderiam se cumprir no primeiro século de nossa era.

Ali, Ford também mostra que é importante “não confundir imediação e iminência”.⁵⁶ Os sinais apresentados em Apocalipse “podem indicar um tempo relativo, sem revelar o dia ou hora específico”.⁵⁷ A imagem apresentada por Cristo é de que a vinda de seu reino

será repentina e inesperada para um mundo ao qual, assim como nos dias de Noé, se entregou para as coisas da carne. Assim como a destruição veio repentinamente aos habitantes de Sodoma e Gomorra apesar dos avisos de Ló, que compreendia os sinais dos tempos, assim será no fim dos tempos. Esta explicação... se harmoniza com Marcos 13:34 que admoesta os discípulos da impossibilidade de apontar para o momento exato da Parousia e ainda impele-os a *grhgoH/sai*.⁵⁸

“Em nenhum lugar no Antigo ou Novo Testamentos é a segunda vinda do Senhor caracterizada como sujeita a uma demora interminável”.⁵⁹ A sua iminência é enfatizada, mas não o tempo específico.

O princípio apotelesmático

Crítica

Para resolver as dificuldades exegéticas até agora discutidas, Ford propõe o princípio apotelesmático. Segundo ele, o “princípio apotelesmático” afirma que “uma profecia cumprida, ou parcialmente cumprida, ou até não cumprida no tempo designado,

⁵⁵Idem, Laynd, 167.

⁵⁶Idem, *The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*, 51.

⁵⁷Ibid.

⁵⁸Ibid., 54.

⁵⁹Ibid., 58.

pode ter uma recorrência posterior ou cumprimento consumado. O cumprimento final é o mais abarcante, mesmo que os detalhes da previsão original sejam limitados ao primeiro cumprimento”.⁶⁰ Em outras palavras, é o “conceito de que uma profecia específica, em seu esboço ou ao considerar uma característica dominante na profecia pode ter mais de uma aplicação no tempo”.⁶¹ Quando aplicando este princípio ao livro de Daniel, Ford nos lembra que

Israel não foi fiel, e a profecia de Daniel 8 tinha um cumprimento limitado para os dias de Antíoco Epifânio, outro com Roma pagã, outro com Roma papal, e ainda terá outro cumprimento final na manifestação de Satanás logo antes do milênio e seu fim. Mas em cada era, o juízo aconteceu. Antíoco chegou a seu fim, Roma pagã foi destruída, o papado perdeu seu poder para a Reforma, e o último anticristo será destruído pela glória da segunda vinda de Cristo. Estes juízos sucessivos foram preditos pelo ‘então o santuário será justificado’. Cada era de reavivamento das verdades simbolizadas pelo santuário pode ser considerada um cumprimento de Daniel 8:14.⁶²

Ford acredita que o princípio dia-ano “quanto a sua essência prática, sempre esteve correto – aquilo que podia se cumprir em dias caso a igreja tivesse permanecido fiel, agora está levando anos”. Este interpreta o princípio dia-ano como uma “base filosófica para a provisão permissiva de Deus na hermenêutica”. Ele então conclui dizendo que “temos também errado (com exceção de Ellen G. White e alguns outros) por usar um historicismo rígido quanto à exegese profética. Enquanto que as Escrituras mostram claramente que as profecias podiam ter mais do que um único cumprimento, e Ellen G. White amplamente exemplificou essa verdade – como denominação temos sido lentos em

⁶⁰Idem, *Daniel 8:14*, 302.

⁶¹Ibid. Para um estudo mais aprofundado sobre a compreensão de Ford sobre o princípio apotelesmático, ver *ibid.*, 301-329.

⁶²Ibid., 302.

apreciar o princípio apotelesmático”. Para ele, o princípio apotelesmático é “a chave principal que precisamos para autenticar nossa apropriação denominacional de Daniel 8:14 para nosso próprio tempo e obra”.⁶³

Para fortalecer seu argumento, ele cita passagens onde Ellen G. White teria supostamente “endossado” o princípio apotelesmático. Passagens onde ela comenta sobre um “cumprimento parcial” ou “cumprimento final” tais como a de Joel 2:28 apontam, segundo Ford, para a aceitação de Ellen White deste princípio.⁶⁴ Ele declara que podemos encontrá-la diversas vezes, aplicando a mesma profecia a instantes diferentes.⁶⁵ “Ela aplica Apocalipse 11 à Revolução Francesa, que coincide com a abertura do livro selado de Daniel; os sinais preditos sobre os céus são aplicados ao famoso Dia Escuro de 1789 e a chuva de meteoros de 1833; a parábola profética de Mateus 25:1-13 é usada como predizendo o movimento de 1844; e Daniel 8:14; 7:9-13, assim como Malaquias 3:1-4 são aplicados similarmente... Ellen G. White não considerava esses cumprimentos como sendo finais, na perspectiva bíblica. A Revolução Francesa é apresentada como sendo ‘um’ (não

⁶³Ibid., 215.

⁶⁴Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 11.

⁶⁵Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 24, 757; idem, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 33; idem, *Carta 230*, 1907, também citado em *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed. F. D. Nichol (Washington, DC: Review and Herald, 1953-1957), 5:1109; Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 386; idem, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 251, 253; idem, *O Grande Conflito*, 417-432; idem, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), 358.

o) ‘cumprimento marcante’ da profecia de Apocalipse 11”.⁶⁶ Isso também acontece com Daniel 8:14 e 1844.⁶⁷

Respostas Anteriores

Não encontramos publicações por Desmond Ford argumentando contra o princípio apotelesmático, já que este é encontrado não apenas na obra *Daniel 8:14* mas também em Laynd,⁶⁸ em sua dissertação de mestrado⁶⁹ e tese de doutorado.⁷⁰ Ford não é o único a apoiar o uso deste princípio. Já em 1955 encontramos encontrar George McCready Price se referindo a “um cumprimento *apotelesmático* da profecia”, “*sempre que condições semelhantes predominam*” na história do mundo.⁷¹

Conclusão

Na obra *Daniel 8:14*, Ford apresenta vários argumentos contra os princípios de

⁶⁶Desmond Ford, *Daniel 8:14*, 338.

⁶⁷Ibid., 350; “*Existem vários outros símbolos além do Dia da Expição, ao qual Ellen G. White os aplica a um primeiro momento, e então a um segundo momento mais tarde. Por exemplo, logo após 1844, ela aplicou o abalo, a ira das nações, o selamento, os sinais nos tempos e especialmente Mateus 25:1-13 à eventos relacionados a 1844. Mas em anos posteriores, os mesmos símbolos são aplicados a eventos ainda no futuro, relacionados ao segundo advento. Este é um forte paralelo para seu uso do simbolismo do Dia da Expição*”. Ibid., 338-340.

⁶⁸Idem, Laynd, 49, 172, 187, 197.

⁶⁹Idem, *Daniel 8:14 and the Latter Days*, 18-25.

⁷⁰Idem, *The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*, 195, 197, 199, 202, 241, 286, 288, 322.

⁷¹George McCready Price, *The Greatest of the Prophets: A New Commentary on the Book of Daniel* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1955), 30.

interpretação profética usados por adventistas. Ford procura mostrar que: (1) o princípio dia-ano não é válido, (2) o chifre pequeno não é apenas Roma pagã e papal, (3) Jesus pretendia voltar no primeiro século de nossa era e (4) apenas através do princípio apotelesmático podemos interpretar corretamente as profecias de Daniel.

Contra o princípio dia-ano, Ford argumenta que apesar desse princípio ser encontrado na Bíblia, ele não deve ser usado para interpretar outras passagens além das quais é referido. Como não encontramos a palavra “dia” em Daniel 8:14 e 9:24, Ford acredita que este princípio não deveria ser aqui empregado. Ele também alega que as 70 semanas não foram cortadas das 2.300 tardes e manhãs e que não há como provar que ambas profecias começam no ano 457 a.C. Mesmo se isso fosse possível, não há como demonstrar que o Dia da Expição cairia no dia 22 de outubro. Para isso, foram apresentadas algumas citações anteriormente publicadas por Ford, mostrando que (1) o princípio dia-ano é válido e deve ser utilizado para que haja uma clara interpretação das profecias envolvendo tempo, (2) Daniel estava se referindo a dias em Daniel 8:14 e 9:24 mesmo se a palavra não aparece no texto, (3) há uma forte ligação entre os capítulos 8 e 9 de Daniel, e que, portanto, (4) ambas as profecias começam na mesma data.

Contra a interpretação de que o chifre pequeno seja Roma, Ford afirma que esta não cumpre a profecia assim como Antíoco Epifânio o faz. Ford também propõe que profecias de tempo não são precisas, mas arredondadas. Mais uma vez, encontramos Ford argumentando, anos antes, contra esta posição. É possível encontrar citações afirmando que um poder na época dos macabeus não se enquadra no perfil da profecia. Além do mais, Jesus, o apóstolo Paulo, e João aplicaram o chifre pequeno para o futuro de seus dias.

Com relação a visão neo-testamentária das profecias de Daniel, Ford afirma que Jesus pretendia retornar naquele mesmo século. Não era plano divino que a volta de Jesus demorasse tanto tempo. As profecias de Daniel, portanto, deveriam se cumprir até o fim do primeiro século d.C. Novamente, é possível encontrar Ford negando tais posições, alegando que as profecias de Daniel estavam seladas até o fim, e não ao tempo dos macabeus. Os períodos de tempo encontrados em tais profecias são extensos, e não poderiam se cumprir no primeiro século d.C.

Finalmente, Ford propõe o princípio apotelesmático como solução. Uma profecia poderia se cumprir várias vezes, e no caso do chifre pequeno, poderia se cumprir em Antíoco Epifânio, Roma, e o anticristo que surgiria nos últimos dias ao lado de Satanás. Contra esta posição, não foi encontrada uma citação anteriormente publicada, já que Ford sempre advogou tal princípio.

A mudança de interpretação das profecias de Daniel relacionadas ao santuário levou Ford a também modificar sua compreensão do juízo investigativo e da purificação do santuário. Se a purificação do santuário de Daniel 8:14 não ocorreu em 1844 d.C., a natureza desse evento é conseqüentemente alterada.

CAPÍTULO 4

O JUÍZO INVESTIGATIVO

O juízo investigativo é negado por Ford em *Daniel 8:14*. Ele o faz, alegando que não podemos encontrar referências a esse evento no Antigo ou Novo Testamento. Para tanto, estudaremos sua compreensão desse assunto e suas críticas relacionadas aos capítulos 7 e 8 de Daniel e aos livros de Hebreus e Apocalipse.

O juízo investigativo

Crítica

Ford reconhece que os santos serão julgados, assim como é mencionado por Paulo em 1 Coríntios 4:4, 5:10 e Romanos 14:10. Ele reconhece que em Apocalipse 20, encontramos “duas ressurreições, onde todos os santos se levantam da prisão da morte”. Isto indica que “seu julgamento é antes da volta de Cristo. O fato de que é mencionado que crentes não apenas comparecem perante o julgamento, mas que devem também, como assistentes de Cristo, julgar o mundo e os anjos caídos – requer uma decisão antes do advento a seu favor, antes do julgamento dos perdidos”.¹ Mas este julgamento dos justos é algo contínuo durante sua vida. “Apenas aquele que permanecer fiel até o fim será salvo. A decisão de fé deve ser continuamente reafirmada. São aqueles que permanecem em Cristo e

¹Desmond Ford, *Daniel 8:14*, 391.

confiam inteiramente em Seus méritos, demonstrado em uma vida de obediência fiel, que ‘continuam na prática da justiça’ quando a porta da graça fechar”.²

O fato de que há dois grupos de textos sobre os santos concernente ao juízo – um declarando que até eles devem passar pelo exame divino, e o outro que eles julgarão os ímpios – requer um juízo pré-advento para estes. Daniel 12:10 e Apocalipse 22:11 apontam para isto – não um processo que se prolonga por séculos, mas um reconhecimento por nosso Sumo Sacerdote dos nomes daqueles que estão no livro da vida que, através da fé, estão intitulados à justificação final e irrevogável.³

Ford acredita que não há necessidade de um juízo investigativo.

Deus não precisa de livros e de 140 anos para definir o destino do homem. Os anjos, ou os mundos não-caídos ou os habitantes desta terra aproveitariam de um juízo investigativo como o temos descrito. De acordo com Ellen G. White, os anjos já sabem as intenções e pensamentos de nosso coração, assim como Deus certamente sabe nosso estado espiritual e ‘aqueles que são Seus’. Ele sabe quem são Suas ovelhas atualmente. Assim, as Escrituras nos dizem que o destino de muitos já foi traçado muito tempo atrás sem a necessidade de um juízo investigativo. Abraão, Isaque, Jacó, os profetas, os apóstolos, os heróis de Hebreus 11, e a multidão ressuscitada no primeiro advento são apresentados com destino já definido tempos atrás. É o juízo visível ao fim dos tempos que confirma a vindicação que Deus realizou na cruz, e não um processo judicial invisível que seria inútil para os mortos, quanto a informá-los de seu destino.⁴

Novamente, Ford propõe o princípio apotelesmático como solução. A purificação do santuário seria “dar fim aos pecados, e trazer a justiça eterna. É expiar a iniquidade – ou seja, erradicar o mal. Forensicamente, isto ocorreu na cruz, mas sua consumação está no último juízo, que purificará o universo do pecado e dos pecadores. Aqui está a inspirada interpretação bíblica de Daniel 8:14. Ela aponta para o Dia da Expição cumprido no calvário, e brevemente ‘consumada’ no juízo final de Deus”.⁵ Logo,

²Ibid., 230.

³Ibid., 403.

⁴Ibid., 403.

⁵Ibid., 259.

1844 seria “um cumprimento apotelesmático, ao invés de primário, da passagem apocalíptica, o que não a torna insignificante, mas deixa de competir com o calvário e o segundo advento”.⁶

Respostas Anteriores

Por outro lado, em 1974, Ford enfatiza que “o juízo do professo povo de Deus é apresentado em Daniel como cobrindo um período referido como ‘tempo do fim’... se referindo a um tempo durante o qual ocorrem eventos climáticos antes do advento. A Daniel foi dito que os 2.300 dias alcançariam o começo do “tempo do fim” (Daniel 8:17). A ele foi dito que compareceria perante o juízo ‘ao fim dos dias’ (ver Daniel 12:13)”.⁷

Em seu artigo “Some Reflections on the Investigative Judgment”, Ford relembra que

é evidente que um juízo não é para o benefício do Todo Onisciente, mas para tornar pública Sua justiça. De fato, isso parece ser a única razão para o Senhor ter permitido o pecado em primeiro lugar – para que Suas criaturas pudessem adorá-lo em amor como resultado da exaltação de seu caráter... É também evidente que se Deus considera parte de sua justiça permitir que Suas criaturas vejam os resultados de Sua rejeição por muitos antes de Sua execução de juízo (Ap 20:4, 5; 2Co 5:10; Sl 149:9), assim também os seres caídos deveriam ser permitidos a ver as razões para a recompensa envolvida na primeira ressurreição, e isto requer um juízo investigativo... as Escrituras claramente descrevem um trabalho judiciário ocorrendo antes da *segunda* ressurreição, ou seja, seres criados são permitidos a ver nos registros as razões para a exclusão de milhões do novo mundo – a lógica sugere um processo paralelo antes da primeira ressurreição.⁸

⁶Ibid., 229.

⁷Idem, “How Long, O Lord”, *Ministry*, setembro de 1974, 15.

⁸Idem, “Some Reflections on the Investigative Judgment”, *Ministry*, outubro de 1965, 8.

Daniel 7

Crítica

Desmond Ford reconhece que a cena encontrada em Daniel 7:9-10 é uma cena de juízo. Mas esse é um juízo (1) do chifre pequeno⁹ e (2) dos ímpios, e não dos santos. Ele argumenta que “Daniel 7 e a cena do juízo são o coração do livro. Vemos os ímpios sendo examinados, condenados, e destruídos. O juízo está ‘a favor’ dos santos, por que seus inimigos são acusados e condenados. Esse é o verdadeiro significado do juízo em Daniel 7, e não uma investigação dos pecados dos santos”.¹⁰ Para ele, a vindicação dos justos em Daniel 7:22 tem o mesmo significado de Daniel 8:14 ou seja, a condenação dos ímpios, e a vindicação dos justos.¹¹

Respostas Anteriores

Em resposta a esta crítica, encontramos Ford em 1965 mostrando que, quando comparamos Daniel 7 e 8, a cena de juízo de Daniel 7:9-10 é paralela com a purificação do santuário de Daniel 8:14. O detalhe interessante é que “Daniel 8, ao seguir a seqüência idêntica, mas substituindo uma representação interpretativa para a cena do juízo, confirma nossa interpretação de cada cena. Também não é sem significado que o termo hebraico aqui usado para ‘purificado’ é declarado por estudiosos como tendo um significado ‘forense’. Isto é, se referindo à lei e ao juízo”.¹²

⁹Idem, *Daniel 8:14*, 176.

¹⁰Ibid., 229.

¹¹Ibid., 230.

¹²Idem, “Some Reflections on the Investigative Judgment”, 9.

Daniel 8

Relacionado a Daniel 8, Ford nega que (1) a purificação do santuário em Daniel 8:14 está relacionada aos pecados dos professos crentes em Cristo, (2) “purificado” seja uma tradução apropriada para Daniel 8:14 e (3) a purificação do santuário começou em 1844.¹³

Contaminação e purificação do santuário em Daniel 8:14

Crítica

Em *Daniel 8:14*, Ford argumenta que a contaminação feita sobre o santuário de Daniel 8:14 provém dos ímpios, e não dos pecados dos santos. Analisando o contexto, ele procura mostrar que a pergunta feita em Daniel 8:13 se refere à profanação do chifre pequeno.

Quando interferiria o céu e puniria o agressor? O verso 14 [de Daniel 8] é a resposta a esta indagação, mas a exposição tradicional de adventistas do sétimo dia nunca relaciona os dois. Ao invés, pulamos do tema dos versos sobre as ações do poder que está contra Deus, e nos concentramos nos pecados dos santos que contaminam o santuário. Não seja esquecido que o contexto nada diz sobre crentes profanando o santuário, mas os descrentes.¹⁴

Em outras palavras, Daniel 8:14

trata do reparo da maldade, da punição daqueles que estão longe de Cristo, e da vindicação dos crentes. Esse juízo revelado tem em foco os perdidos – não o povo de Deus. É o chifre pequeno que está sendo investigado, não os santos sofredores. Os livros guardam os registros das transgressões deliberadas dos seguidores de Satanás, e não as falhas dos adoradores de Javé.¹⁵

¹³Idem, *Daniel 8:14*, 175 e 176.

¹⁴Ibid., 216.

¹⁵Ibid., 219.

Conseqüentemente, ele acredita que o santuário aqui descrito precisa ser vindicado do pisotear do chifre pequeno e não uma purificação ritual. “Daniel 8:14 fala de restauração e vindicação – estas são bem diferentes da purificação ritual encontrada em Levítico 16 e do processo de investigação dos pecados dos santos... Como poderia esse último ser considerado restauração ou vindicação?”¹⁶

Outro argumento oferecido por Ford é de que o significado primário da palavra hebraica *qd;c'* (*tsadaq*) encontrada em Daniel 8:14 e traduzida por “purificar”,

não é “purificar”, mas “vindicar”. O verbo usado, automaticamente nos leva para a indagação do verso 13 – isto é, a necessidade de vindicação. Mas vindicação é algo bem diferente de expiar os pecados dos santos. Enquanto é verdade que entre os outros significados de *sadaq*, “purificar” pode ser evocado, a purificação aqui indicada teria de se limitar ao que o contexto fala sobre a necessidade de purificação. E o contexto nada fala sobre os santos criando uma necessidade de purificação quando confessam seus pecados... Nem o Antigo nem o Novo Testamento ensinam o que temos tradicionalmente ensinado quanto aos pecados confessados dos santos profanarem o santuário celestial. Até o santuário terrestre era profanado pelo *ato* do pecado, não sua confissão.¹⁷

Segundo ele, *rhej'* (*taher*), usado em Levítico 16 para descrever a purificação ritual do santuário no Dia da Expição, não é encontrado em Daniel 8. “Esse verbo [*tsadaq*] não possui ligação vital com o *taher* da purificação ritual em Levítico 16. Assim sendo, *taher* não é encontrado em Daniel 8, e nem *tsadaq* em Levítico 16”.¹⁸

Respostas Anteriores

Já em 1965, Ford argumenta que

¹⁶Ibid., 247.

¹⁷Ibid., 216 e 217.

¹⁸Ibid., 217.

a pergunta feita em Daniel 8:13 é uma que aparece freqüentemente nas Escrituras, e foi professada por lábios humanos desde a queda. É uma indagação sobre quando Deus se levantará para vindicar a Si mesmo, Seu povo e Sua verdade, ao recompensar a justiça e punir a iniquidade... Quanto tempo durará até que a poluição do santuário seja expiada, até que suas corrupções sejam removidas, seus erros corrigidos, sua autoridade vindicada? Quanto tempo durará até que o sistema substituto de culto idólatra será exposto e Deus e Seu povo triunfará...

estes eram os pensamentos na mente do profeta inspirado. Obviamente, esperamos uma resposta ampla o suficiente que vá ao encontro de tudo que é requerido nesta compreensiva indagação... apenas uma palavra hebraica envolve tudo que esta situação requer. Esta palavra é *tsadaq*, encontrada na forma *niphal* na resposta de Daniel 8:14. *Tsadaq* inclui tudo que é implícito por *kaphar* e *taher*, mas vai além destas duas, expressando vindicação e salvação.

Caso os escândalos na época de Antíoco Epifânio estivessem na mente de Daniel, como alguns estudiosos não-adventistas advogam, ao escrever Daniel 8, ele poderia ter usado o termo *taher*, que teria sido suficiente para expressar a correção pelos heróis Macabeus dos erros de sua época. No lugar de *taher*, no entanto, encontramos em Daniel 8:14 uma palavra que é mais inclinada forensicamente do que cerimonialmente, sendo totalmente apropriada quando lembramos que Daniel 8:14 faz paralelo tanto com a cena de juízo de Daniel 7:9 e 10, quanto a situação clamando por juízo descrita em Daniel 11:16-45, especialmente no verso 31. Apenas o juízo com sua revelação completa das obras de Cristo e do anticristo e seus seguidores poderá vindicar Deus perante o Universo.¹⁹

O termo hebraico usado para “purificado” é declarado por estudiosos como tendo um significado “forense”, ou seja, tendo referência à lei e o juízo.²⁰

O Dia da Expição em Daniel 8:14

Críticas

Ford afirma que a purificação do santuário ocorreu nos dias dos Macabeus, mas esta não é apenas limitada a estes dias, pois seria “perder a glória da Palavra profética que, assim como o seu Autor, abrange passado, presente e futuro. Daniel 8:14 é um clímax vitorioso paralelo à cena da ‘pedra se tornando em grande montanha’ de Daniel 2, ao Filho do Homem tomando posse do reino em Daniel 7, ao cessar da transgressão e à vinda da

¹⁹Idem, “The Linguistic Connection Between Daniel 8:14 e 11:31”, *Ministry*, dezembro de 1965, 35 e 36.

justiça eterna em Daniel 9, e ao levantar de Miguel para fazer dos Seus santos as estrelas do céu para todo sempre em Daniel 12”.²¹

Desta forma, Daniel 2:44; 7:9-13; 8:14; 9:24-27; e 12:1

são apotelesmáticos em aplicação, se cumprindo não somente na vitória sobre o anticristo típico, Antíoco, em 165 a.C., mas na grande redenção na cruz, e finalmente no juízo final... *É aplicado também a cada reavivamento da verdadeira religião, onde elementos do reino de Deus, espelhados no santuário pelas tabuas de pedra e a arca da aliança, são proclamados novamente, como em 1844.*²²

Respostas Anteriores

Com relação à aplicação apotelesmática da purificação do santuário, não encontramos qualquer citação anterior de Ford contestando esta posição, já que o encontramos apoiando esta interpretação anteriormente.²³

Hebreus

Crítica

Quanto tratando do livro de Hebreus, Ford nega que as 2.300 tardes e manhãs tenham findado com o início do antitípico Dia da Expição, pois “Hebreus aplica claramente o Dia de Expição em antitípico à auto-oferta sacerdotal de Cristo no Calvário, apesar de a era cristã estar inclusa enquanto esperamos nosso Sumo Sacerdote retornar”.²⁴ Para ele, “a obra deste compartimento simbolizava as ofertas ineficientes da era levítica quando o homem tinha acesso restrito a Deus, e experimentava a purificação cerimonial

²⁰Idem, "Some Reflections on the Investigative Judgment", 9.

²¹Idem, *Daniel 8:14*, 247.

²²Ibid., 221.

²³Ver página 34 deste estudo.

²⁴Idem, *Daniel 8:14*, 175.

externa ao invés da perfeição da consciência”.²⁵ Cristo não poderia ter entrado no Santíssimo 1.800 anos depois da cruz, já que Hebreus 9:8, 12, 24, 25; 10:19, 20; 6:19, e 20 dizem que Cristo entrou “por trás do segundo véu” em sua ascensão.²⁶

Expressões encontradas em Hebreus, tais como “Santo dos Santos”, “Santíssimo”, “Lugar Santo” e “Santuário”, levam Ford a crer que “Cristo tinha, na época em que a carta [de Hebreus] tinha sido escrita, já entrado e permanecia no *ta hagia* – se envolvendo, portanto, na ministração do *ta hagia* por pelo menos 30 anos”.²⁷ Ele afirma que “praticamente cada estudioso da era cristã entende *ta hagia* em Hebreus como sendo o segundo compartimento do santuário – chamado de ‘Lugar Santo’ em Levítico 16:2, 3, 16, 17, 23, e 27”.²⁸ “O autor [de Hebreus] está repetidamente dizendo que o que o Sumo Sacerdote fazia anualmente, Cristo já o fez”.²⁹ A expectativa de Hebreus é a saída de Cristo do Santíssimo, e não sua entrada.³⁰ O primeiro compartimento em Hebreus “representa a era antes da cruz, e o segundo compartimento a era após a cruz”.³¹ “Em nenhum lugar no Novo Testamento é mencionado que o santuário celestial possui dois compartimentos”. É verdade que o livro de Apocalipse menciona os símbolos e os móveis de ambos compartimentos, “mas não há sinal de um véu. Cristo, por sua morte, uniu ambos

²⁵Ibid., 174-176.

²⁶Ibid., 174-176.

²⁷Ibid., 104.

²⁸Ibid., 105.

²⁹Ibid.

³⁰Ibid.

³¹Ibid., 107.

compartimentos, rasgando o véu de separação”.³² Para Ford, interpretar o santuário terrestre como uma imagem perfeita do santuário celestial “é ignorar o testemunho repetido do resto do livro [de Hebreus] que alguns dos símbolos eram meramente uma parábola sobre a natureza temporária do sistema que servia como sombra, ao invés de uma imagem do sacerdócio de Cristo durante a era cristã”.³³

Outro argumento oferecido por Ford é que Hebreus nunca faz alusão a Daniel 8:14. “A purificação do santuário é mencionada neste capítulo, repetidamente, *mas é sempre aplicada ao que já tinha ocorrido com Cristo antes que a epístola fosse escrita – i.e. a purificação é passada, não futura*”.³⁴

Respostas Anteriores

Por outro lado, Ford, em 1965, mostra que o antítipo Dia da Expição se cumpre antes da segunda vinda, e não no começo de nossa era. Ele afirma que as festas judaicas “prefiguravam toda a era cristã”.³⁵

Enquanto que a páscoa, a festa das primícias e o pentecostes, respectivamente tipificavam a cruz, a ressurreição, e o dom do Espírito à Igreja; as últimas festas – das trombetas, Dia da Expição, e dos tabernáculos – prefiguravam eventos associados ao segundo advento de Cristo – a proclamação mundial do fim iminente, o juízo, e a colheita das multidões.³⁶

É conclusivo que, o último livro da Bíblia, com suas profecias especialmente relacionadas aos últimos tempos, nutra a imagem deste dia especial [Dia da Expição], para expressar verdades vitais. É igualmente significativo que essas imagens são usadas em referência às outras festas do sétimo mês: trombetas e

³²Ibid., 133.

³³Ibid., 134.

³⁴Ibid., 111.

³⁵Idem, “The Apocalypse and the Day of Atonement”, *Ministry*, março de 1961, 28.

³⁶Idem, “The Desert Play of Destiny”, *These Times*, fevereiro de 1976, 30.

tabernáculos, oferecendo um testemunho duplo sobre a aplicação destas ocasiões para os últimos dias.³⁷

Ele também declara que “é certo que nosso Senhor Jesus Cristo entrou na presença de Deus imediatamente após sua ascensão, mas o trabalho distinto do segundo compartimento concernente à transferência de pecados sobre o bode expiatório prefigura Seu trabalho ao fim do tempo”.³⁸ “Expição completa para o pecado foi provida no calvário e é finalmente aplicada no juízo. O juízo examina vidas para ver se seus frutos apontam para uma confiança constante nos méritos do Cordeiro de Deus. Daniel 8:14 e Daniel 7:9, 10 apontam para este ponto”.³⁹

Apocalipse

Críticas

Comentando o juízo investigativo no livro de Apocalipse, Ford relembra que “juízo na [literatura] apocalíptica é sobre os ímpios e a favor dos santos. O foco da investigação divina nunca está sobre os santos. Se estes se encontram em um relacionamento correto com Deus, seu status não está aberto para investigação”.⁴⁰ Ford concorda que encontramos referência ao juízo em passagens como Apocalipse 6:9-11; 14:7, 18-20; 16:5, 7; 17:1; 16:8, 10, 20; 19:2, 11; e 20:11-15. Ele adverte, no entanto, que “*João nunca, em seu evangelho, epístolas, ou Apocalipse, usa a palavra ‘juízo’ além de negativamente quando se referindo aos ímpios. Aqueles que crêm em Cristo não sofrem a*

³⁷Idem, “The Apocalypse and the Day of Atonement”, 18.

³⁸Idem, “The Desert Play of Destiny”, 30.

³⁹Ibid.

⁴⁰Ibid., 220.

condenação do juízo. Assim sendo, Apocalipse 14:7 faz um paralelo com Daniel 7:9, 10, tendo os ímpios como foco, e oferecendo vindicação aos santos”.⁴¹

Respostas Anteriores

Relacionado ao juízo investigativo dos justos no livro de Apocalipse, não encontramos citações de Ford argumentando a favor de tal posição.

Conclusão

Desmond Ford nega o juízo investigativo baseado na argumentação de que não há referência na Bíblia de tal juízo. Ele afirma que (1) o juízo enfrentado pelos santos é contínuo, oferecendo reconhecimento aos nomes daqueles que já estão inscritos no livro da vida; (2) a cena de juízo de Daniel 7:9-10 não trata dos santos, mas do chifre pequeno e dos ímpios; (3) a purificação do santuário de Daniel 8:14 está relacionada à ponta pequena, e não aos pecados dos santos; (4) a palavra *tsadaq* em Daniel 8:14 deveria ser traduzida como “vindicado”; (5) a purificação do santuário ocorre cada vez que há reavivamento da verdadeira religião e verdades relacionadas ao santuário são proclamadas novamente; (6) Jesus começou o antítipo Dia da Expição logo após sua ascensão ao céu; e (7) o juízo sempre tem como foco os ímpios, oferecendo vindicação aos santos.

Conforme o objetivo desse trabalho, oferecemos argumentos publicados pelo mesmo autor, mostrando que (1) assim como haverá uma investigação da vida dos ímpios antes da segunda ressurreição, também o mesmo ocorrerá antes da primeira ressurreição; (2) a cena de Daniel 7:9-10 faz um paralelo com Daniel 8:14, envolvendo a lei e o juízo, e que portanto trata do juízo dos santos; (3) “purificado” é a melhor tradução para Daniel 8:14, já que esse termo se molda melhor ao contexto do grande conflito entre Deus e

Satanás encontrado no livro de Daniel; e (4) o Dia da Expição faz parte das festas que se cumprem logo antes da segunda vinda, portanto o ministério sacerdotal de Cristo no Santíssimo ocorre no fim dos tempos, e não no começo de nossa era.

Para fortalecer seus argumentos quanto à interpretação de profecias e sua compreensão do juízo investigativo, Ford procura apoiar seus argumentos em citações de Ellen G. White relacionados a esses temas. Como nem sempre ambos concordam, Ford sente-se obrigado a também alterar seu ponto de vista com relação ao dom profético encontrado em Ellen G. White.

CAPÍTULO 5

ELLEN G. WHITE E O DOM DE PROFECIA

Em *Daniel 8:14*, Ford apresenta argumentos criticando o uso que adventistas tem feito dos escritos de Ellen G. White e seu conceito de inspiração. Seus argumentos se direcionam a duas áreas: (1) a inspiração de Ellen White e (2) Ellen White em sua época.

A inspiração de Ellen G. White

Críticas

Sobre a inspiração de Ellen G. White, Ford argumenta que “porque a atenção divina para diferentes assuntos é proporcional à sua importância, Deus exerceu maior superintendência sobre as Escrituras, do que sobre os escritos de Ellen White. Não falo de graus de inspiração, mas graus de revelação”.¹ Ele reconhece que os escritos de Ellen White são uma luz, mas esses devem ser lidos como “admoestações pastorais, iluminação espiritual, e não como um comentário sobre tudo, ou como meio de evitar a tarefa rigorosa da exegese bíblica”.² “*Não deveríamos esperar o mesmo tipo de precisão necessária como na Palavra*”.³

¹Idem, *Daniel 8:14*, 377.

²Ibid., 379.

³Ibid., 389.

Outro argumento apresentado por Ford, é de que “*Ellen G. White, em seu capítulo sobre o juízo investigativo, fala verdadeiramente, mas não literalmente*, quando se refere à cuidadosa pesquisa divina de cada pensamento, palavra e ato, assim como seus motivos. Os livros são a memória de Deus, e as decisões instantâneas, de acordo com uma fé genuína nos méritos de Cristo (fé que leva à obediência) é evidenciada”.⁴ “Sua [Ellen White] apresentação detalhada da investigação divina de nossas vidas é uma aplicação homilética da lei sobre nossas almas, para que possamos analisar nosso coração e voltarmos para Aquele que pode nos cobrir com Sua justiça”.⁵ Desta forma, “Ellen G. White foi uma mensageira especial ao remanescente, confiada com o dom de profecia. Sua inspiração deveria ser definida nos termos que ela mesmo usou como ‘para propósito prático’, ‘imperfeita’, não refletindo ‘a lógica e retórica’ divina”.⁶

Respostas Anteriores

Em 1965, encontramos Ford contra-argumentando ao afirmar que Deus revela sua luz progressivamente. Luz revelada posteriormente não deixa de ser tão importante quanto a luz anteriormente revelada. “Concluiríamos estas reflexões declarando a convicção de que não é estranho que esboços completos desta doutrina [o juízo investigativo] sejam, baseados no princípio da revelação progressiva, reservados para a mensageira divinamente inspirada da Igreja Adventista do Sétimo Dia – Ellen G. White”.⁷

⁴Ibid., 392.

⁵Ibid., 393.

⁶Ibid., 406.

⁷Idem, "Some Reflections on the Investigative Judgment", 40.

Ellen G. White e sua época

Críticas

Ford acredita que muitos dos escritos de Ellen G. White relacionados ao santuário, Daniel 8:14 e o juízo investigativo se destinavam àquela época, e não são necessariamente aplicáveis aos nossos dias. Seus escritos “não são mais úteis para um povo que teve mais de 100 anos para aprender do Novo Testamento, o significado da arca da aliança na sala do trono celestial. O significado do santuário israelita e o epítome do serviço do Yom Kippur já deveria ter raiado em nosso meio”.⁸ Suas aplicações “eram apropriadas para seus leitores originais, mas certamente não constituem a palavra final de Deus para nossos dias”.⁹

A compreensão que os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia tinham sobre o juízo investigativo “era essencial no século 19 para a sobrevivência do desapontado e confuso remanescente que permaneceu fiel à ênfase milerita. Isto proveu uma razão lógica para sua posição”. Ele acredita que Ellen G. White teria “obtido sua compreensão do juízo investigativo de Uriah Smith e J. N. Andrews... e incorporado não somente os desvios doutrinários, mas também erros bíblicos e históricos. Tal compreensão da profecia era apropriada para aquela época, mas não hoje”. Seus escritos teriam sido publicados apenas “com propósito prático”.¹⁰ “A interpretação adventista foi cunhada para enfrentar o desapontamento, e não é bíblica”.¹¹

⁸Ibid., *Daniel 8:14*, 341.

⁹Ibid., 345.

¹⁰Ibid., 368 e 369.

¹¹Ibid., 343.

Ele também acredita que

poucos adventistas estão cientes de que a crença no juízo investigativo é ‘tardia’ em nosso meio. Ela não foi ensinada por nossos pioneiros de 1845. Ela não foi mantida por Edson, Crosier, ou a família White durante a década de 1840. Quando Ellen G. White se refere à experiência de buscar nossos marcos históricos na década de 1840, é um fato histórico de que o juízo investigativo não se encontrava entre esses. Muito menos encontramos na visão original qualquer referência ao juízo investigativo”.

A purificação do santuário era um marco histórico, mas não o juízo investigativo.

*Este autor não questiona que a purificação escatológica do santuário, e o fato de que o Dia da Expição e Daniel 8:14 apontam para o mesmo. Tais posições são marcos históricos de nossos pioneiros e os aceito prontamente. O final das conferências sabáticas de 1848 encontrou um grupo que acreditava nisso, mas não no juízo investigativo.*¹²

Respostas Anteriores

Por outro lado, em seu livro *Physicians of the Soul*, publicado em 1980, encontramos Ford defendendo o dom profético de Ellen White, advogado que “Ellen White não caiu na armadilha exegética de interpretar a profecia com eventos atuais. Mais de 35 anos gastos estudando Ellen White ilustraram seu jeito habilidoso de evitar erros os quais seus contemporâneos, grandes homens como Smith, cometeram”. Ele chega a afirmar que “sua perspectiva se assemelha a de uma águia” – pairando acima dos erros.¹³

Conclusão

Desmond Ford critica as interpretações de Ellen White, e o uso que adventistas tem feito de seus escritos. Para ele, Ellen White possui um grau de revelação menor do que

¹²Ibid., 374.

¹³Idem, *Physicians of the Soul*, 117.

a Bíblia. Ela deveria ser interpretada como oferecendo admoestações pastorais, e para fins práticos. Desta forma, ela não teria autoridade doutrinária. Não encontramos muitas citações de Ford sobre Ellen White, já que esta não era sua área de conhecimento. Mas podemos perceber o uso inconsistente que ele faz de Ellen White em *Daniel 8:14*. Quando suas interpretações vão de encontro com as de Ellen White, isto acontece porque ela “incorporou os erros de sua época”, mas quando ambos supostamente concordam quanto ao princípio apotelesmático, então ela é inspirada.

CAPÍTULO 6

CONCLUSÃO

Desmond Ford, após tornar-se membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, passou a cursar Teologia, ingressando posteriormente no ministério. Ford prosseguiu seus estudos de pós-graduação até obter dois títulos doutorais. Durante seus anos como pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ford se aprofundou em duas áreas da teologia adventista: (1) a justificação pela fé e (2) temas relacionados ao livro de Daniel. Durante seus últimos anos como pastor adventista, ele começou a assumir uma postura contrária à sua posição anterior com respeito à interpretação do livro de Daniel. Esta mudança de pensamento acabou levando-o a discutir suas novas idéias diante de um grupo representativo de teólogos e líderes da Associação Geral.

Ele acreditava que (1) o princípio dia-ano não é válido; (2) o chifre pequeno encontrado no livro de Daniel não é apenas Roma pagã e papal; (3) Jesus pretendia voltar no primeiro século de nossa era; e (4) apenas através do princípio apotelesmático podemos interpretar corretamente as profecias de Daniel.

Contra o princípio dia-ano, Ford argumentava que apesar desse princípio ser encontrado na Bíblia, ele não deve ser usado para interpretar outras passagens além de Números 14:34-35 e Ezequiel 4:1-8. Como não encontramos a palavra “dia” em Daniel 8:14 e 9:24, Ford acreditava que este princípio não deveria ser aqui empregado. Ele

também alegava que as 70 semanas não devem ser cortadas das 2.300 tardes e manhãs e que não há como provar que ambas profecias começam no ano 457 a.C. Para isso, foram apresentadas algumas citações anteriormente publicadas por Ford, mostrando que (1) o princípio dia-ano é válido e deve ser utilizado para que haja uma clara interpretação das profecias envolvendo tempo; (2) Daniel estava se referindo a dias em Daniel 8:14 e 9:24 mesmo que a palavra não aparece no texto; (3) há uma forte ligação entre os capítulos 8 e 9 de Daniel, e que, portanto, (4) ambas as profecias começam na mesma data.

Ford afirmava que a chifre pequeno de Daniel não poderia ser Roma papal, pois esta não cumpre a profecia assim como Antíoco Epifânio o faz. Ele propõe que profecias de tempo não são precisas, mas arredondadas. Mais uma vez, encontramos Ford argumentando, anos antes, contra esta posição. Foi possível encontrar citações afirmando que um poder na época dos macabeus não se enquadra no perfil da profecia. Além do mais, Jesus, o apóstolo Paulo, e João aplicaram o chifre pequeno para o futuro de seus dias.

Ford argumentava que Jesus pretendia retornar naquele mesmo século. Não era plano divino que a volta de Jesus demorasse tanto tempo. As profecias de Daniel, portanto, deveriam se cumprir até o fim do primeiro século d.C. Novamente, foi possível encontrar Ford negando tais posições, alegando que as profecias de Daniel estavam seladas até o fim, e não ao tempo dos macabeus. Os períodos de tempo encontrados em tais profecias são extensos, e não poderiam se cumprir no primeiro século d.C.

Finalmente, Ford propõe o princípio apotelesmático como solução. Uma profecia poderia se cumprir várias vezes e, no caso do chifre pequeno, poderia se cumprir em Antíoco Epifânio, Roma, e o anticristo que surgiria nos últimos dias ao lado de Satanás.

Contra esta posição, não foi encontrada uma citação anteriormente publicada, já que Ford sempre advogou tal princípio.

A mudança de interpretação das profecias de Daniel relacionadas ao santuário levou Ford a modificar sua compreensão do juízo investigativo e da purificação do santuário. Se a purificação do santuário de Daniel 8:14 não ocorreu em 1844 d.C., a natureza desse evento é conseqüentemente alterada. Para ele, não há referência ao juízo investigativo na Bíblia.

Ele afirma que (1) o juízo enfrentado pelos santos é contínuo, oferecendo reconhecimento aos nomes daqueles que já estão inscritos no livro da vida; (2) a cena de juízo de Daniel 7:9-10 não trata dos santos, mas do chifre pequeno e dos ímpios; (3) a purificação do santuário de Daniel 8:14 está relacionada à ponta pequena, e não aos pecados dos santos; (4) a palavra *tsadaq* em Daniel 8:14 deveria ser traduzida como “vindicado”; (5) a purificação do santuário ocorre cada vez que há reavivamento da verdadeira religião e verdades relacionadas ao santuário são proclamadas novamente; (6) Jesus começou o antítipo Dia da Expição logo após sua ascensão ao céu; e (7) o juízo sempre tem como foco os ímpios, oferecendo vindicação aos santos.

Oferecemos, em contra partida, argumentos publicados pelo mesmo autor, mostrando que (1) assim como haverá uma investigação da vida dos ímpios antes da segunda ressurreição, também o mesmo ocorrerá com os justos antes da primeira ressurreição; (2) a cena de Daniel 7:9-10 faz um paralelo com Daniel 8:14, envolvendo a lei e o juízo, e que portanto trata do juízo dos santos; (3) “purificado” é a melhor tradução para Daniel 8:14, já que esse termo se molda melhor ao contexto do grande conflito entre Deus e Satanás encontrado no livro de Daniel; e (4) o Dia da Expição faz parte das festas que se

cumprem logo antes da segunda vinda, portanto o ministério sacerdotal de Cristo no Santíssimo ocorre no fim dos tempos, e não no começo da era cristã.

Ford não se limita a mudar sua opinião quanto ao que a Bíblia fala sobre os temas acima mencionados, mas crítica também o dom profético manifestado em Ellen G. White. Para ele, Ellen White possui um grau de revelação menor do que a Bíblia. Ela deveria ser interpretada como oferecendo admoestações pastorais, para fins práticos. Desta forma, ela não teria autoridade doutrinária. Não encontramos muitas citações de Ford sobre Ellen White, já que esta não era sua área de conhecimento. Oferecemos, no entanto, uma citação de Ford argumentando que revelação posterior não deixa de ser tão importante quanto a anterior. Portanto, Ellen G. White não teria um grau de revelação inferior ao da Bíblia. Podemos perceber também o uso inconsistente que ele faz de Ellen White em *Daniel 8:14*. Quando suas interpretações vão de encontro com as de Ellen White, ele alega que ela “incorporou os erros de sua época”, mas quando ambos supostamente concordam quanto ao princípio apotelesmático, então ela é inspirada.

O presente estudo demonstra que muitos dos argumentos apresentados por Ford contra a interpretação tradicional da Igreja Adventista do Sétimo Dia, relevante às profecias de Daniel, o santuário, o juízo investigativo e o dom profético de Ellen G. White podem ser revogados pelos próprios argumentos usados por Desmond Ford, tempos antes, ao defender a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Essa mudança de opinião ocorreu como consequência à sua compreensão de justificação pela fé. Como justificação, para ele, é forense, não há necessidade de um juízo investigativo, já que o fiel é automaticamente salvo no momento da conversão. Dessa forma, sua mudança de compreensão não foi repentina, mas contínua ao longo dos anos, apesar de nem sempre evidente.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

Livros

Ford, Desmond. *Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*. Lanham: University Press of America, 1978.

_____. *A Kaleidoscope of Diamonds*. Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1986.

_____. *Crisis: A Commentary on the Book of Revelation*. Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1982.

_____. *laynd*. Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1978.

_____. *Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment*. Casselberry, FL: Euangelion Press, 1980.

_____. *Daniel and the Coming King*. Rocklin, CA: J & M Printing, 1996.

_____. *Discovering God's Treasures*. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1972.

_____. *Eating Right for Type 2 Diabetes : A Christian Perspective on a Traumatic Disease*. Lincon, NE: IUniverse Book Publisher, 2004.

_____. *How to Survive Personal Tragedy*. Auburn, CA: Good News Unlimited, 1984.

_____. *Physicians of the Soul: God's Prophets Through the Ages*. Nashville: Southern Pub. Association, 1980.

_____. *Right with God Right Now: How God Saves People as Shown in the Bible's Book of Romans*. Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1999.

_____. *The Forgotten Day*. Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1981.

_____. *Unlocking God's Treasury*. Waburton, Bict., Australia: Signs Pub. Co., 1964.

_____. *The Adventist Crisis of Spiritual Identity*. Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1982.

_____. *Will There Be a NUCLEAR World Holocaust?* Auburn, CA: Good News Unlimited, 1984.

_____. *Worth More than a Million!: What Medical Science and Scripture Say about Immunity to Disease*. Auburn, CA: Good News Unlimited, 1984.

Artigos

“Des Ford”. [<http://www.goodnewsunlimited.org/bioford.cfm>]. Acessado Março de 2006.

Ford, Desmond. “Arithmetic Proves Christianity True”. *The Ministry*. Outubro de 1974.

_____. “Best News Ever!” *Signs of the Times*. Janeiro de 1977.

_____. “Creationism”. *Spectrum*. Vol.16, n.1, 1985.

_____. “Daniel 8:14 and the Day of Atonement”. *Spectrum*. Vol.11, n.2, 1980.

_____. “Daniel Eight in the New Testament”. *The Ministry*. Novembro de 1961.

_____. “Desmond Ford on Adventist Doctrine”. *Spectrum*. Vol.19, n. 2, 1988.

_____. “Desmond Ford on the Danger of SDAs Joining the Anti-Christ”. *Spectrum*. Outubro de 1993.

_____. “Dr. Desmond Ford's Reply”. *Adventist Today*. Setembro-Outubro de 2002.

_____. “Ellen G. White and Righteousness by Faith”. *Document from the Palmdale Conference on Justification by Faith*.

_____. “Ellen White was Right ‘Increasing Light is to Shine upon us’”. *Spectrum*. Janeiro 1998.

_____. “Ford Defends Sabbath on a Round World”. *Spectrum*. Dezembro de 1982.

_____. “Ford's First Reply”. *Spectrum*. Vol.11, n.2, 1980.

_____. “Ford on God and Creation”. *Spectrum*. Outubro de 1992.

_____. “Ford Responds”. *Spectrum*. Dezembro de 1981.

_____. “Ford Responds to Shea”. *Spectrum*. Vol.11, n.4, 1981.

- _____. "Ford's Second Reply". *Spectrum*. Vol.11, n.2, 1980.
- _____. "From Death to Life". *These Times*. Agosto de 1975.
- _____. "Good News Bursting Forth". *Spectrum*. Março de 1992.
- _____. "How Long, O Lord". *The Ministry*. Setembro de 1974.
- _____. "How to Turn the World Upside Down". *Signs of the Times*. ed. Australiana. Junho de 1978.
- _____. "How to Understand the End-time Prophecies of the Bible [Review]". *Adventist Today*. Julho-Agosto de 1998.
- _____. "I Believe in the Righteousness of Christ". *These Times*. Outubro de 1977.
- _____. "I Believe in the Sacrifice of Jesus Christ". *These Times*. Novembro de 1977.
- _____. "Ignorance and his Modern Counterparts". *Australasian Record*. Maio de 1977.
- _____. "Investigative Judgment Forum". Palestra oferecida em Pacific Union College. 27 de outubro, 1979. Digitado.
- _____. "Is the Seventh-Day Sabbath Christian?" *Adventist Today*. Julho-Agosto de 1996.
- _____. "Is your Wheelbarrow Inverted?" *Australasian Record*. Fevereiro de 1977.
- _____. "Jesus Seminar". *Adventist Today*. Janeiro-Fevereiro de 1997.
- _____. "Letter to a Failure". *Australasian Record*. Agosto de 1977.
- _____. "Love that Bled at Calvary". *Ministry*. Setembro de 1978.
- _____. "More Evidence of the Connection Between Daniel 8 and 9". *The Ministry*. Julho de 1968.
- _____. "NPUC Critics of Ratzlaff Answered". *Adventist Today*. Julho-Agosto de 1998.
- _____. "Parmenter-Ford Correspondence". *Ministry*. Outubro de 1980.
- _____. "Paul – Pattern of Perfection". *Australasian Record*. Fevereiro de 1978.

- _____. "Responding to Paulson on Theological Change". *Spectrum*. Vol.14, n. 2, 1983.
- _____. "Sabbath in the New Testament". *Adventist Today*. Março-Abril de 1997.
- _____. *Signs of the Times*, ed. Australiana. Julho de 1959.
- _____. *Signs of the Times*, ed. Australiana. 1º de Agosto de 1967.
- _____. "Sinai's Three Secrets". *These Times*. Outubro de 1973.
- _____. "Some Reflections on the Investigative Judgment". *The Ministry*. Outubro de 1965.
- _____. "The Apocalypse and the Day of Atonement". *The Ministry*. Março de 1961.
- _____. "The Apocalypse and the Day of Atonement". *The Ministry*. Abril de 1961.
- _____. "The Dating of the Book of Daniel, Part 1". *The Ministry*. Julho de 1973.
- _____. "The Dating of the Book of Daniel, Part 2". *The Ministry*. Agosto de 1973.
- _____. "The Desert Play of Destiny". *These Times*. Fevereiro de 1976.
- _____. "The 'Everlasting Gospel' as Found in 'The Great Controversy'". *Australasian Record*. Outubro de 1977.
- _____. "The Everlasting Ten". *Australasian Record*. Agosto de 1975.
- _____. "The Greatest Book, the Greatest Invitation, the Greatest Opportunity – all Yours!" *Signs Of The Times*. ed. Australiana. Janeiro de 1978.
- _____. "The Lamb is the Hinge". *Ministry*. Maio de 1978.
- _____. "The Linguistic Connection Between Daniel 8:14 e 11:31". *The Ministry*. Dezembro de 1965.
- _____. "The one way of salvation". Não publicado.
- _____. "The Sabbath Brinsmead's Polemic". *Spectrum*. Setembro de 1981.
- _____. "The Truth of Paxton's Thesis". *Spectrum*. Julho de 1978.
- _____. "The Two Faces of Redemption". *Australasian Record*. Fevereiro de 1975.

_____. “The Valley of Desperation”. *Australasian Record*. Agosto de 1977.

_____. “Value of Questioning”. *Spectrum*. Abril de 1982.

_____. ““What Think ye of Christ?”” *These Times*. Janeiro de 1977.

Documentos

Ford, Desmond. “The Relationship Between the Incarnation and Righteousness by Faith”. *Document from the Palmdale Conference on Justification by Faith*.

_____. “The Scope and Limits of The Pauline Expression ‘Righteousness by Faith’”. *Document from the Palmdale Conference on Justification by Faith*.

Teses e Dissertações

Ford, Desmond. *The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*. Tese de Doutorado, University of Manchester, 1972.

_____. *Daniel 8:14 and the Latter Days*. Dissertação de M.Th. Potolomac University, Washington, DC, setembro de 1959.

Fontes Secundárias

Livros

Adams, Roy. *The Sanctuary: Understanding the Heart of Adventist Theology*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1993.

Doukhan, Jacques B. *Secrets of Daniel*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.

Francis D. Nichol, ed. “History of the Interpretation of Daniel”. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1977. Vol 4.

Froom, LeRoy E. *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*. vols 3 e 4. Washington, DC: Review and Herald, 1946-1954.

Goldstein, Clifford. *1844 Made Simple*. Boise, ID: Pacific Press, 1988.

_____. *False Balances: The Truth About the Judgment, the Sanctuary, and Your Salvation*. Boise, ID: Pacific Press, 1992.

- _____. *Graffiti in the Holy of Holies*. Nampa ID: Pacific Press, 2004.
- _____. *How Dare You Judge Us, God*. Boise, ID: Pacific Press, 1991.
- Gordon, Paul A. *The Sanctuary, 1844 and the Pioneers*. Nampa, ID: Pacific Press, 2000.
- Gulley, Normand. *Christ is Coming*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998.
- Hardinge, Leslie. *With Jess in His Sanctuary: Walk Through the Tabernacle Along His Way*. Harrisburg, PA: American Cassette Ministries, 1991.
- Holbrook, Frank B., ed. *Doctrine of the Sanctuary: A Historical Survey (1845-1863)*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 5. Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1989.
- _____. *Issues in the Book of Hebrews*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 4. Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1989.
- _____. *Symposium on Daniel: Introductory and Exegetical Studies*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 2. Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1982.
- _____. *Symposium on Revelation, Book 1: Introductory and Exegetical Studies*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 6. Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1992.
- _____. *Symposium on Revelation, Book 2: Exegetical and General Studies*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 7. Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1992.
- _____. *The Atoning Priesthood of Jesus Christ*. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1996.
- _____. *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Theological, and Historical Studies*. Silver Spring, MI: Biblical Research Institute, 1989.
- _____. *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 3. Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1986.
- Keil, Carl Friedrich. *Biblical Commentary on the Book of Daniel*. Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1975.

LaRondelle, Hans K. *How to Understand the End-Time Prophecies of the Bible: The Biblical-Contextual Approach*. Sarasota, FL: First Impressions, 1997.

_____. *The Israel of God in Prophecy: Principles of Prophetic Interpretation*. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987.

Maxwell, C. Mervyn. *God Cares: The Message of Daniel for you and your Family*. 2 vols. Boise, ID: Pacific Press, 1981, 1985.

_____. *Magnificent Disappointment: What Really Happened in 1844... and Its Meaning for Today*. Boise, ID: Pacific Press, 1994.

McMahon, David, ed. *An Answer to "Conflicting Concepts of Righteousness by Faith in the Seventh-day Adventist Church"*. Sydney: Wittenberg Steam Press Pub. Assn., 1976.

Oliveira, Enoch de. *A mão de Deus ao leme*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

Oliveira, Juarez Rodrigues. *Chronological Studies Related to Daniel 8:14 and 9:24-27*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2004.

Paxton, Geoffrey J., *O abalo do adventismo*. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1987.

Pfandl, Gerhard. *Daniel: The Seer of Babylon*. Hagerstown, MD: Reviews and Herald, 2004.

Price, George McCready. *The Greatest of the Prophets: A New Commentary on the Book of Daniel*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1955.

Spangler, J. R. "Editorial Perspectives". *Ministry*, ed. especial, Outubro de 1980.

Schwarz, Richard W. e Floyd Greenleaf. *Light Bearers*. Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2000.

Shea, William H. *Daniel: A Reader's Guide*. Nampa, ID: Pacific Press, 2005.

_____. *Selected Studies on Prophetic Interpretation*. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 1. Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1982.

Stefanovic, Ranko. *Revelation of Jesus Christ*. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002.

Timm, Alberto R., Rodor, Amin A. e Dorneles, Vanderlei, eds. *O futuro*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004.

Treyer, Alberto R. *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment: From the Pentateuch to Revelation*. Siloam Springs, AR: Creation Enterprises International, 1992.

Venden, Morris. *Good News and Bad News about Judgment*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1983.

_____. *Never Without an Intercessor: the Good News about the Judgment*. Boise, ID: Pacific Press, 1996.

White, Ellen G. *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999).

_____. *Desejado de todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000).

_____. *O grande conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004).

_____. *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000).

_____. *Patriarcas e profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990).

_____. *Primeiros escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988).

Apostilas

Timm, Alberto R. *Desenvolvimento da doutrina do santuário no contexto do conflito cósmico*. Apostila de aula para Doutorado, Argentina: Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, 1997.

Hasel, Gerhard F. *Redenção divina hoje*. Apostila de aula de Teologia. Brasília-DF: Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, 1981.

Artigos

White, Ellen G. *Signs of the Times*. April 19, 1905.

_____. *Youth's Instructor*. June 21, 1900.

Dissertações e Teses

- Adams, Roy. *The Sanctuary Doctrine: Three Approaches in the Seventh-day Adventist Church*. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 1. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981.
- Amorim, Nilton D. *Desecration and Defilement in the Old Testament*. Tese de Ph.D., Andrews University, 1986.
- Burt, Merlin D. *The Historical Background, Interconnected Development and Integration of the Doctrines of the Sanctuary, the Sabbath, and Ellen G. White's Role in Sabbatarian Adventism from 1844 to 1849*. Tese de Ph.D., Andrews University, 2003.
- Davidson, Richard M. *Typology in Scripture: a Study of Hermeneutical τυπος Structures*. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 2. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981.
- Davis, R. Dean. *The Heavenly Court Scene of Revelation 4-5*. Tese de Ph.D., Andrews University, 1986.
- Ferch, Arthur J. *The Son of Man in Daniel 7*. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 6. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979.
- Fredericks, Richard. *A Sequential Study of Revelation 1-14 Emphasizing the Judgment Motif : with Implications for Seventh-day Adventist Apocalyptic Pedagogy*. Tese de Ph.D., Andrews University, 1987.
- Núñez, Samuel. *The Vision of Daniel 8: Interpretations from 1700 to 1800*. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 14. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987.
- Owusu-Antwi, Brempong. *The Chronology of Daniel 9:24-27*, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 2. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1995.
- Pfandl, Gerhard. *The Time of the End in the Book of Daniel*. Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 1. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992.
- Rodriguez, Angel M. *Substitution in the Hebrew Cultus*. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 3. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979.

- Souza, Elias Brasil de. *The Heavenly Sanctuary/Temple Motif in the Hebrew Bible: Function and Relationship to the Earthly Counterparts*. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 2005.
- Timm, Albert R. *O santuário e as três mensagens angélicas: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002.
- Vogel, Winfried. *The Cultic Motif in Space and Time in the Book of Daniel*. Tese de Ph.D., Andrews University, 1999.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

O TRABALHO MÉDICO-MISSIONÁRIO ADVENTISTA: SUA BASE BÍBLICA E UTILIZAÇÃO COMO MÉTODO DE EVANGELISMO PELOS LEIGOS ADVENTISTAS

Ricardo Cypriano dos Santos

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2006
Orientador: Jorge Lucien Burlandy, MTP
ricardo.cypriano@terra.com.br

RESUMO: O trabalho médico-missionário, no meio adventista, tem gerado diversas controvérsias. Estas polêmicas têm levado o trabalho a descrédito, inibindo a sua utilização e conseqüente desenvolvimento. Este estudo pretende ressaltar a relevância do trabalho médico-missionário para os dias atuais, baseando-se no papel que esse método evangelístico teve no Antigo e Novo Testamento, bem como no desenvolvimento do adventismo. Verificou-se também sua relevância para avanço e término da obra adventista. A pesquisa conclui que o trabalho médico-missionário é mais que um método, constitui ferramenta essencial no avanço e conclusão da missão adventista, além de ser parte integrante da mensagem da denominação.
PALAVRAS-CHAVE: obra médico-missionária, ferramenta evangelística, método de penetração.

THE ADVENTIST MEDICAL MISSIONARY WORK: ITS BIBLICAL BASIS AND ITS DEPLOYMENT AS AN EVANGELISTIC METHOD BY ADVENTIST LAITY

ABSTRACT: The medical missionary work, in the Adventist context, has been the subject of much controversy. The Polemics around it have led to its discredit, inhibiting its deployment and development. The present study aims to explore the relevance of the medical missionary work for nowadays, starting a survey of its usage as an evangelistic method in the Old and New Testaments, as well as in the Adventist context. Its relevance for the advance and the conclusion of the Adventist mission was also explored. The research concluded that the medical missionary work is more than only another evangelistic method, it rather constitute an essential tool for advancement and conclusion of the Adventist mission, besides being a essential part of the Adventist message.

KEYWORDS: medical missionary work; evangelistic tool; breakthrough method.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

A OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA ADVENTISTA:
UM ESTUDO DE SEU USO NA BÍBLIA E
PRÁTICA DO MÉTODO NO MEIO
ADVENTISTA EM NÍVEL
LEIGO

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Ricardo Cypriano dos Santos

Dezembro de 2006

A OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA ADVENTISTA:
UM ESTUDO DE SEU USO NA BÍBLIA E
PRÁTICA DO MÉTODO NO MEIO
ADVENTISTA EM NÍVEL
LEIGO

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado de Teologia

Por

Ricardo Cypriano dos Santos

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Jorge Lucien Burlandy
Orientador

Avaliação

Natanael Moraes
Leitor

Data de Aprovação

Amim A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

AGRADECIMENTOS

- A Deus, por ter possibilitado a conclusão de mais esta importante etapa de minha vida;
- Aos professores da Faculdade Adventista de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, foram eles que construíram o conhecimento que me será de grande valia no ministério;
- Ao meu orientador, Pr. Jorge Burlandy, pela dedicação e empolgação com o tema proposto, meu muito obrigado;
- A Adrieli, pela paciência de revisar todo material e pela companhia;
- A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULOS	
I. O USO DA OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA NA BÍBLIA	2
1.1. O uso da obra médico-missionária no Antigo Testamento	2
1.2. O uso da obra médico-missionária no Novo Testamento	4
1.3. Considerações finais do capítulo.....	15
II. A OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA SOB A PERSPECTIVA DOS ESCRITOS DE ELLEN WHITE E DA TEOLOGIA ADVENTISTA	19
2.1. A obra médico-missionária sob a perspectiva dos escritos de Ellen White	19
2.2. A obra médico-missionária sob a perspectiva da Teologia Adventista.....	25
2.3. Considerações finais do capítulo.....	29
III. TRABALHO MÉDICO-MISSIONÁRIO COMO FERRAMENTA EVANGELÍSTICA	32
3.1. Descrição dos objetivos do departamento de saúde da Igreja Adventista do Sétimo Dia	32
3.2. Fontes bibliográficas acerca da prática do trabalho médico-missionário	34
3.3. Perigos a se evitar na prática do trabalho médico-missionário	37
3.4. Entrevistas com especialistas da área	37
3.4.1. Entrevista: Dr. Cleber Pinheiro	38
3.4.2. Entrevista: Dr. Helder Arco	39
3.4.3. Entrevista: Pr. Gerson P. Araújo	41
3.5. Considerações finais do Capítulo	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA	48
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

O tema da saúde no meio adventista sempre me intrigou. Ao observar discussões acerca deste assunto aqui e acolá sempre percebia divisão de opiniões. Depois de ter trabalhado em uma instituição médica adventista me surgiram também indagações sobre o tema como um fator evangelístico. Foi daí que surgiu a curiosidade de explorar o tema da obra médico-missionária como ferramenta evangelística para o membro leigo. Seria a obra médico-missionária um método validado pela Bíblia? Seria ele um meio eficaz de evangelismo para os dias atuais? Como este trabalho é encaixado dentro dos moldes da estrutura teológica adventista? Como os adventistas podem realizar tal trabalho nos dias atuais?

Justamente por causa destas divisões de opiniões, faz-se necessário uma pesquisa acerca do assunto. Este trabalho tem por objetivo verificar: 1) a validade bíblica desta obra; 2) sua importância, papel e lugar dentro da teologia adventista; 3) e, como os adventistas poderiam praticá-la nos dias atuais.

O trabalho será dividido em três partes: 1) em um capítulo será analisado o uso do método como ferramenta evangelística na Bíblia, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. Para tanto, será utilizado a ajuda de comentários bíblicos acerca dos respectivos versos onde aparece o uso do método; 2) em um outro capítulo, serão analisados textos de Ellen G. White onde fala do trabalho médico-

missionário. Especial atenção será dada quando for mencionado o trabalho por membros leigos. Além desta análise, ainda dentro do mesmo capítulo, será feita uma análise da obra médico-missionária dentro do contexto teológico adventista; 3) no último capítulo serão apresentadas descrições de fontes bibliográficas no que se refere a prática da obra médico missionária, além da opinião de especialistas da área através de entrevistas. Após, faz-se as considerações finais ao trabalho.

CAPÍTULO 1

O USO DA OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA NA BÍBLIA

Este capítulo contém material bíblico, tanto do Antigo como do Novo Testamento dos quais serão extraídos elementos como princípios filosóficos da obra médica missionária. Pretende-se dizer como obra médico-missionária o trabalho de saúde realizado pelos adventistas do sétimo dia com fins evangelísticos (Neufeld [ed.], vl. 10, p. 766). A pesquisa bíblica pretende também verificar se o texto escriturístico dá apoio ao método. Para tanto, foram pesquisados relatos onde o mesmo método esteve presente, como foi usado e, quais foram os resultados observados. Para esta pesquisa serão utilizados comentários bíblicos que possam ampliar a visão acerca do assunto.

1.1. O uso da obra médica missionária no Antigo Testamento

O primeiro texto bíblico relevante onde se pode observar o método é I Reis 17:17-24. Neste relato, Elias ressuscita o filho da viúva de Sarepta. O relato não traz simplesmente uma cura, mas uma ressurreição. O verso 24 parece mostrar o propósito do milagre: confirmar a autoridade de Elias como profeta de Deus. Champlin (2001, vl. 2, p. 1436) concorda ao afirmar que “a posição de Elias como verdadeiro profeta também foi confirmada, pois ele foi agente do milagre. Os milagres são, com freqüência, modos de autenticação. Por certo, ninguém se equiparou a Jesus, naquilo que Ele disse e realizou.” Fica bem evidente o uso da obra médico-missionária neste relato como confirmação de ministério.

Champlin (Ibid, vl. 2, p.1435) também sugere que estaria envolvida uma apresentação do verdadeiro caráter de amor de Deus, já que ela havia ficado chocada com o ocorrido justamente quando Elias passara por lá, assim sendo ele afirma que “... era claro para ela que Elias havia trazido consigo o onisciente Yahweh, o qual havia descoberto algum ‘pecado secreto’ que causara a morte da [sic]. Talvez a mulher tivesse algum pecado particular oculto. Ou talvez quisesse dizer que Yahweh (estando presente com Elias) descobrira algum pecado do qual ela não tinha consciência, e, desgostoso, enviara punição através da morte da criança.” Revelar o verdadeiro caráter de Deus seria um elemento bem sugestivo a se destacar deste relato como um dos objetivos do método da obra médico-missionária.

Autores adventistas (Nichol [ed.], vl. 2, 1980, p. 812) destacam que não apenas o milagre poderia trazer confirmação da autenticidade da missão de Elias. Há milhares de formas na qual Deus poderia ter Se revelado. Fazendo uma aplicação à obra médico-missionária, pode-se conjecturar que não apenas por milagres sobrenaturais o amor de Deus poderia ser revelado ao ser humano sofredor, mas também através do cuidado dispensado a ele através de seus servos.

Esta cena de ressurreição se repete com o profeta Eliseu (II Reis 4:32-37). Desta vez o filho era de uma sunamita. O texto não faz nenhuma referência ao propósito de cura. Autores adventistas (Ibid, p. 867) afirmam que possivelmente Eliseu estaria imitando Elias no método de contato com o corpo. Porém o mesmo comentário traz a idéia de que mesmo com a oração pode se aplicar outros métodos em conjunto com esta. Isto nos sugeriria, em caso de cura, a aplicação de métodos naturais em conjunto com a oração. O homem fazendo aquilo que pode e Deus àquilo que é impossível ao homem.

O melhor exemplo de obra médico-missionária do Antigo Testamento podemos encontrar em II Reis 5: 1-14. Por indicação de uma menina hebréia, Naamã, comandante do exército da Síria (com lepra) é conduzido a Eliseu. A lepra referida muitas vezes na Bíblia, não era necessariamente em todos os casos a que conhecemos hoje (Champlin, 2001, vl. 6, p. 4229). Mas, de acordo com as características do relato bíblico, era com certeza uma doença muito constrangedora e que trazia muita preocupação ao doente. A fé da

menina em seu Deus, despertou a fé do comandante dos exércitos da Síria. Ela aproveitou a oportunidade para encaminhá-lo a quem viu realizar muitos milagres em sua terra através de Deus. O método simples de se banhar no rio Jordão por sete vezes, sugerido por Eliseu, serviu para quebrar o orgulho de Naamã. O mais importante é que com a cura ele abandonou a adoração dos deuses sírios e reconheceu o Deus de Israel como o verdadeiro Deus (Nichol [ed.], 1980, vl. 2, p. 874). Este relato nos sugere que, a obra médico-missionária, aliado com o bom exemplo e o testemunho, poderá alcançar pessoas que de outra forma jamais seriam alcançadas.

Isaias 61:1-3 é uma profecia da obra Messiânica a ser realizada por Cristo quando ele viesse. Os cristãos interpretam Jesus Cristo como sendo o Messias e a Ele conferem este trabalho. O Novo Testamento concorda com esta idéia quando se refere a Cristo citando o cumprimento da profecia nEle mesmo em Lucas 4:18 e 19. Esta profecia denota algo de antemão planejado por Deus como método de trabalho no Novo Testamento. Autores adventistas (Ibid, vl. 4, p. 355) afirmam que Cristo é o grande médico que veio curar os corações e almas dos homens. Ele veio libertar da escravidão do pecado. O método sugere levar da cura física para a espiritual, sendo esta última o grande objetivo final da obra médico-missionária. Visto que Cristo é o grande médico dos homens, predito na profecia, ungido para tal, fica evidente que o objetivo principal da obra médico-missionária seja levar os enfermos ao encontro do médico dos médicos.

Estes são os textos mais relevantes do Antigo Testamento acerca da obra médico-missionária. O que se podem extrair destes relatos são princípios deduzidos sob a observação das ocorrências e, desta forma, apresentá-los de forma mais detalhada e elaborada. O que podemos observar até aqui é que eles não apresentam nenhum método curativo natural, mas sim milagres. Um plano evangelístico intencional e estruturado não é notado aqui, mas sim ocasiões circunstanciais em que o método foi utilizado.

1.2. O uso da obra médico-missionária no Novo Testamento

O primeiro texto onde podemos encontrar um relato do método da obra médico-missionária sendo utilizada no Novo Testamento é Mateus 9: 27-31. Este relato apresenta a cura de dois homens cegos. Esta referência é exclusiva de Mateus. Jesus é reconhecido como “Filho de Davi” e/ou “Messias”. O clamor deles era por compaixão. Eles queriam ser curados. Champlin (2002, vl 1, p. 355) sugere que Jesus não queria dar-lhes somente cura física, mas também espiritual. Os versos 28 e 29 destacam que Jesus exigiu fé da parte deles. Champlin (Id) comenta que “...alguns comentaristas observam nesta narrativa que Jesus exigiu gradualmente a prova da fé, ao passo que antes curou sem esta evidência. Então começou a salientar o elemento espiritual, para mostrar que a parte espiritual exerce efeito sobre o físico, ao mesmo tempo que é mais importante que a vida física.”

Isto pode levar a concluir que Cristo chamava a atenção de seus pacientes para o mais importante: que é a vida espiritual que garante a vida eterna e não a vida física em si. Desta forma o relato nos sugere algo ao tratar os pacientes na obra médico-missionária: levá-los a perceber que a cura espiritual é mais importante do que a cura física.

No relato de Mateus 12:22-32 (também encontrado em Lucas 11:14-23 e 12:10, Marcos 3:20-30) encontra-se uma cura realizada por Jesus, envolvendo possessão demoníaca. Este caso demonstra que o ministro deve também estar envolvido com a obra médico-missionária, sendo perspicaz em aplicar métodos tanto para cura física como espiritual. Um outro ponto a ser notado é que no verso 23, Mateus destaca que a multidão ficava maravilhada, desta forma Jesus era confirmado como Messias. É evidente que a obra de cura chama a atenção de muitas pessoas. Este fato torna sem dúvida o método médico-missionário de grande eficácia na área evangelística.

Em Mateus 15:21-28 (também encontrado em Marcos 7:24-30) podemos observar a cura da filha da mulher siro fenícia. Autores adventistas (Nichol [ed.], 1980, vl. 5, p. 409 e 410) nos sugerem que apesar da obra de Jesus estar centralizada em Israel ele não negligenciou os pagãos, mostrando que nesta obra não deveria haver acepção de pessoas.

Marcos 1:32-34 (também encontrado em Mateus 8:16, 17; Lucas 4:40, 41) apresenta uma multidão indo em direção a Jesus para serem curados. Champlin (2001, vl. 1, p. 669) argumenta que da grande

multidão que afluía a Jesus para ser curada, muitos somente desejavam a cura física e não a espiritual. O texto diz que Jesus curava a todos. Apesar disto, muitos se tornaram discípulos dEle.

Em Marcos 1:40-45 (também encontrado em Mateus 8:1-4; Lucas 5:12-16) se encontra o relato da cura de um leproso. Champlin (2001, vl. 1, p. 671) chama a atenção para a profunda simpatia de Jesus. Ele argumenta que “Jesus era dono de personalidade profundamente compassiva, e usou tudo quanto tinha para aliviar o sofrimento humano. Ele não realizou Suas maravilhas a fim de dar um espetáculo, mas somente para demonstrar seus direitos messiânicos. E também agia daquele modo porque o sofrimento humano levava-o a simpatizar e agir.”

É interessante notar que Cristo usou a obra médico-missionária como forma de chamar a atenção para um cumprimento escatológico: a chegada do Messias. Não seria este método eficaz também para chamar a atenção das pessoas para a Sua segunda vinda? Cristo assim fez, utilizando-se de amor e simpatia.

O relato de Marcos 2:1-12 (também encontrado em Mateus 9: 1-8; Lucas 5:17-26) discorre acerca de um paralítico que ajudado por amigos chegou até Jesus pelo telhado da casa onde Jesus estava. No relato se observa a persistência de seus amigos em levá-lo a Cristo para que então fosse curado. Champlin (2002, vl. 1, p. 672) argumenta que:

“não esticamos o sentido desta história quando paramos para admirar o engenho e a persistência daqueles homens.

E nem exageramos quando vemos e sentimos nisso uma eloqüente persuasão ao ‘trabalho de evangelismo’, no profundo significado daquele termo – trazer pessoas para que sejam curadas por Cristo. O engenho e a persistência são qualidades notadas...”.

Esta última frase do comentário é bem sugestiva no sentido de ‘criar’ maneiras inteligentes de levar as pessoas a Cristo e persistir quando a dificuldade aparece. Não seria a obra médico-missionária uma forma inteligente de levar pessoas a Cristo? Outro ponto a ser destacado é o fato de que Jesus ligou a sua enfermidade com o pecado (verso 5). Pois é bem evidente que “...apesar de admitirmos que há muitas doenças inteiramente físicas, o pecado se acha com freqüência a raiz das enfermidades, mesmo quando elas não são obviamente psíquicas.” (Champlin, 2002, vl. 2, p. 672). Já autores adventistas (Nichol [ed.], 1980, vl. 5, p. 568) nos trazem a idéia de que o paralítico tinha certo complexo de culpa. Ele ansiava por cura física, assim como espiritual. Desta forma, poderíamos concluir que a obra médico-missionária pode atuar na área espiritual de duas formas: apresentando ao doente as verdadeiras causas da enfermidade e mostrar-lhe o perdão de Cristo como algo que lhe pode trazer paz mental.

Em Marcos 3:1-6 (também encontrado em Mateus 12:9-14; Lucas 6:6-11) Jesus mostrou, por exemplo, que o ministério de curar pode também ser realizado aos sábados. É interessante notar neste relato que o caso do homem da mão ressequida não era urgente, mas podia esperar até o dia seguinte. O próximo relato a ser observado é

Marcos 5:25-34 (também encontrado em Mateus 9:20-22; Lucas 8:43-48). Neste relato se encontra a cura da mulher com fluxo de sangue. Esta história chama atenção para a medicina da época. O verso 26 nos diz que ela consultou diversos médicos sem resultados positivos e gastou todo o seu dinheiro. Acerca da medicina da época um especialista comenta que “esta mulher, por exemplo, teria sido deixada numa encruzilhada qualquer, com um copo na mão por algum tempo, até que o ‘médico’ viesse silenciosamente por traz e lhe pregasse um susto violento, na tentativa de curá-la. Um outro tratamento ainda mais ‘avançado’ a que teria sido submetida seria comer um grão de cevada encontrado no excremento de uma mula branca. Não nos admira que, com o passar do tempo, seu estado de saúde só piorasse.” (Paroschi, 1997, p. 14).

Nos dias atuais a medicina, é bem mais séria e precisa, porém muitas pessoas ainda gastam muito dinheiro sem resolver seus problemas de saúde ou, até mesmo, passam a adquirir outros. Em muitos casos tratamentos simples poderiam ser a melhor solução e maior economia. Champlin (2002, vl. 2, p. 699) vai mais além destacando a parte espiritual. Ele afirma que “algum dia o mundo virá a Cristo como o seu último recurso. ‘E não há salvação em nenhum outro... pela qual importa que sejamos salvos’ (Atos 4:12). Os medicamentos do mundo antigo eram crus e com freqüência eram prejudiciais. Na questão espiritualidade, os medicamentos do mundo continuam crus, e com freqüência são prejudiciais”. Poderíamos

colocar que, a obra médico-missionária, deste ponto de vista, proporciona tanto economia ao paciente, como saúde espiritual oferecendo-lhe aquilo que o mundo não lhe pode dar: Cristo.

Em Marcos 5:35-43 (também encontrado em Mateus 9:23-26; Lucas 8:49-56) encontramos o relato da ressurreição da filha de Jairo. Esta história traz outro interessante aspecto do método de Jesus na qual poderia ser aplicado à obra médico-missionária. Jairo era o chefe da sinagoga, era aquele que organizava os cultos. Ele era quem selecionava os que dirigiriam as orações e também aqueles que leriam as Escrituras e pregariam. Em outras palavras, Jairo era alguém muito importante na sociedade (Morris, 1990, p. 149). Fica muito evidente que a técnica da obra médico-missionária, usada por Jesus, atraía a atenção não somente dos pobres e humildes sofredores, mas também de gente importante como Jairo. No capítulo 5:22, Marcos chama a atenção para o fato de Jairo se prostrar diante de Jesus e adorá-Lo. O fato de ser ele um dos principais da sinagoga (ver Marcos 5:22) e Jesus um humilde nazareno, nos sugere a eficácia do método de Jesus em quebrar barreiras religiosas sociais e culturais. Isto claro, sem desconsiderar quem era Jesus, e que Sua presença atraía as pessoas. Não seria o método da obra médico-missionária, em conjunto com um bom caráter cristão, eficaz também para alcançar as pessoas nos dias atuais?

Uma outra questão neste quadro nos leva a observar a maneira de Deus agir frente à dor. Jesus Se demorou em atender Jairo, nesta

demora a menina veio a falecer. O relato mostra claramente que Jesus era Senhor da situação, tudo era intencional e Ele tinha o propósito de mostrar que Ele é o doador da vida. O pedido inicial de Jairo era de cura (ver Marcos 5:23), Jairo afirmava que ela estava a beira da morte e a urgência era necessária. Há indícios de que Jesus tinha dois propósitos. O primeiro era de mostrar Seu poder diante da morte para os discípulos. Ele convidou Pedro, Tiago e João (ver Marcos 5:37). Pohl (1998, p. 192) sugere que “esta convocação de testemunhas diferencia a ressurreição iminente de outras ressurreições na Bíblia. Aqui se trata mais do que acrescentar alguns anos á vida de uma pessoa. Trata-se de revelar Jesus como a vida do mundo”. O outro propósito mais esclarecedor acerca da maneira como Jesus lidava com a dor é o de aproveitar o momento para provar a fé de Jairo e também Se revelar de maneira mais eficaz ao chefe da sinagoga. Pohl (Ibid, p. 191) afirma que “o sentido da palavra crer, na Bíblia de Jesus, isto é, na língua hebraica, é: adquirir perseverança, firmar-se, aquietar-se, em oposição direta a: tremer, preocupar-se, temer.” “Não temas, crê somente, pode ser assim parafraseado: pare de ficar amedrontado, continue apenas confiando” (Allen [ed.], 1988, p. 380).

O fato de ter ido a Jesus e se prostrado (ver Marcos 5:22), indica que ele já tinha fé, mas a sua fé ainda era limitada. Jesus não precisava ter pressa, Seu poder era capaz de por fim a própria morte e isto Jairo ainda não compreendia. Sugiro que a obra médico-missionária deva respeitar este fator providencial de Deus diante da dor. Ele (aquele que

se utiliza do método) deve cooperar ‘com Cristo’ no trabalho, inculcando fé no paciente, e deixar com Deus os resultados.

Em Marcos 7:31-37, podemos encontrar o relato da cura de um surdo e gago. O relato apresenta Jesus em meio aos pagãos. A fama de Jesus havia chegado até aquela região em grande parte devido aos milagres por Ele realizados. É interessante notar que este método de atrair as pessoas à mensagem do evangelho possa chegar de maneira rápida e eficaz a lugares distantes, possibilitando que a mensagem seja espalhada de maneira rápida. O relato afirma que Jesus toca com os dedos a boca e o ouvido do homem para operar o milagre em vez de lhe impor as mãos. Parece difícil precisar o motivo pelo qual Jesus agiu desta forma. Porém, existem indícios de que havia uma crença pagã na qual se acreditava que acontecia troca de energia no toque físico (ver Pohl, 1998, p. 238 e Champlin, 2002, vl. 2, p. 722). Desta forma, Jesus teria evitado a imposição de mãos para mostrar que seu poder não dependia disso. Porém, Champlin (2002, vl. 2, p. 722) também argumenta que o contato físico não era “... elemento necessário em todos os casos, portanto, tal energia pode ser enviada através de grandes distâncias, pois as curas de enfermos ausentes também são possíveis”.

Pohl (1998, p. 238) sugere um motivo bem interessante para a ação de Jesus. Ele argumenta que estas “... medidas tinham o objetivo de estabelecer um contato pessoal com este homem excluído e fechado, talvez já embrutecido”. Se assim for, poderíamos inferir na

importância da comunicação através do toque em pacientes que sofrem com o isolamento decorrente de suas deficiências.

Em Marcos 10:46-52 podemos encontrar o relato da cura do cego Bartimeu. Este relato também é encontrado em Mateus 20:29-34 e Lucas 18:35-43. Ele traz um elemento que não poderia ser desconsiderado. Ele se encontra a beira do caminho e era um mendigo (verso 46). Tudo indica que ele era alguém discriminado pela sociedade. Jesus não o deixou de lado e não o repudiou como fez a multidão. Sobre este elemento, diz Champlin (2002, vl. 1, p. 754) que “os homens buscam a multidão, a vantagem e a glória pessoal, a segurança de fazer parte de algo grande. Em contraste, Jesus parou e se inclinou para ajudar um pobre homem”. Levando isto em consideração, poderíamos dizer que a obra médico-missionária não deveria excluir aqueles que estão marginalizados pela sociedade; podem existir ali muitas pessoas, as quais, Deus pretende salvar.

Lucas 7:1-10 nos traz um relato envolvendo um centurião romano. Este relato também é encontrado em Mateus 8:5-13. O fato de o centurião romano ser atraído por Jesus é justamente o que chama atenção neste relato. Este homem era comandante de cerca de cem soldados (Nichol [ed], 1987, vl. 5, p. 734). Segundo os versos 3 e 9 ele era um gentio, e “possivelmente um romano alocado para poder servir com as forças de Herodes Antipas”. (Morris, 1990, p. 129). Mais uma vez pode-se notar que pessoas de diferentes camadas sócio-econômicas poderão ser atingidas por este método.

Um pouco mais adiante, em Lucas 13:11-17 encontra-se o relato da cura de uma mulher que andava encurvada, havia já dezoito anos. Este relato traz a tona a discussão acerca da cura no dia de sábado; lembrando novamente que o princípio para o sábado é realizar o bem. Podemos também observar neste relato a ligação feita por Jesus entre enfermidade e pecado (Morris, 1990, p. 211). Pode ser observado que a aflição da mulher era devida à atividade satânica, e o Diabo devia ser derrotado. Isto não significa, naturalmente, que a mulher era ímpia. Estava freqüentando o culto, e a descrição que Jesus deu sobre ela parece demonstrar que ela era piedosa. Mas a doença dela era maligna. Isto nos leva a concluir que este ministério de curar deve andar junto com a espiritualidade. O espiritual não deve ficar a parte.

Lucas 14:1-4 traz mais uma vez a discussão acerca das curas de Jesus no Sábado. Neste relato, Jesus curou um homem hidrópico. A cura no Sábado parece ser intencional por parte de Jesus para provocar reflexão teológica nos fariseus e intérpretes da lei. É interessante notar que Jesus muitas vezes utilizou-se deste método (obra médico-missionária) como arma para provocar reflexão teológica em seus oponentes.

Mais adiante, em Lucas 17:11-19, pode-se encontrar a cura dos dez leprosos. Neste episódio, apenas um voltou para agradecer a Jesus, e este, era samaritano. O episódio traz algo importante na maneira como Jesus agia em relação às leis sanitárias da época e por Ele mesmo instituídas no Antigo Testamento (Levítico 14:2). Ele

pediu aos leprosos que se apresentassem aos sacerdotes para que estes se certificassem que realmente a cura havia acontecido. Cristo não dispensou os métodos da época, simplesmente os utilizou em conjunto com os Seus.

Pode-se também verificar no evangelho de João alguns episódios relevantes para extração de princípios. A primeira ocorrência se verifica em João 4:43-54, onde é narrada a cura do filho de um oficial do rei. Este relato nos mostra mais uma vez a eficácia do método médico-missionário atraindo inclusive pessoas importantes. Boor (2002, p.120) diz que “...ele é uma pessoa respeitada e rica, que possui uma ‘casa’ com ‘escravos’ em Cafarnaum”.

Jesus trabalhou com a fé deste oficial. Ele não atendeu seu pedido imediatamente. “Pelo que Jesus detectou a falta de sinceridade pelo modo de falar e pelo comportamento do oficial, e compreendeu que sua fé era imperfeita”. (Nichol [ed], vl. 5, 1987, p. 921). O ato curador de Jesus não atingiu apenas o coração do oficial, mas, também o de sua família. Ele mesmo se torna uma testemunha de Cristo e “...arrasta toda a sua ‘casa’ nessa confiança. Sua mulher, o filho curado, os escravos, que sem dúvida faziam parte de sua ‘casa’, todos eles reconhecem agora que Jesus é o Salvador, que vence a morte e é capaz de conceder ‘vida’ (Boor, 2002, p. 122).

No relato do enfermo que estava à beira do tanque de Betesda (João 5:1-15) pode-se notar algo novo, Jesus indo ao encontro do doente. Este não estava intencionalmente procurando Jesus.

“Com a peculiar brevidade da narrativa, que sempre de novo podemos notar no evangelho, João não nos informa nada sobre como foi que Jesus durante a festa teve a idéia de procurar este local de sofrimento. Contudo, em toda a Sua vida na terra, é assim que Jesus e a miséria das pessoas se atraem mutuamente com uma força misteriosa. A miséria humana em todas as suas formas converge em Jesus, e, como ‘médico’, Jesus não procura os sãos, fortes e justos, mas sim os doentes, os cativos, os pecadores. Sabemos que sua comida é praticar a vontade daquele que o enviou (João 4:34)” (Ibid, p. 124).

Fica bem evidente, no ministério de Jesus, que Ele Se importava com os sofrimentos das pessoas. Este não utilizava apenas um método evangelístico, mas tornava-se uma maneira intencional de aliviar o sofrimento das pessoas e apontá-las a causa real. O verso 14 mostra Jesus advertindo o doente acerca do pecado.

Em João 9:1-41, podemos encontrar o relato da cura de um cego narrado por João. Este relato, contém um importante elemento acerca dos “porquês” do sofrimento. Jesus deixa bem claro aos Seus discípulos que a doença daquele jovem nada tinha que ver com castigo divino. Seu ministério de cura serviu em muito para revelar o verdadeiro caráter de Deus. A cura foi uma experiência marcante na vida do cego. Segundo Boor (Ibid, p. 232) “para o cego de nascença a cura por Jesus torna-se uma experiência extraordinária, a qual compensa todo o sofrimento, conferindo à sua vida um rumo completamente novo.”

No verso 6 encontra-se uma cena curiosa, Jesus cuspiu no chão, fez lodo e aplicou no olho do cego. Talvez esta cena sugerisse algum

método natural utilizado por Jesus para curar a cegueira naquele momento. Champlin (2002, vl. 2, p. 427) cita que este método era utilizado na época e pela qual se obtinha cura. Segundo Champlin (Id), não há comprovação científica de que o método funcione, o autor sugere que Jesus estaria exercitando a fé do cego nEle, já que pediu ao cego que fosse se lavar no tanque de Siloé (verso 7).

Boor (2002, p. 233) parece concordar com Champlin no sentido de que Jesus intencionalmente quis provar a fé do cego ao colocar barro com saliva em seus olhos e depois pedir que fosse ao tanque de Siloé se lavar. Além disso, Boor (Id) também sugere que Jesus poderia estar provocando uma reflexão acerca do Sábado, já que o referido episódio se deu justamente neste dia. Para os fariseus cuspir no chão e fazer lodo era terminantemente proibido. Para Morris (1990, p. 184) o sentido do ato de Jesus, pode estar no fato Dele ter mandado o cego “se lavar” no tanque de Siloé (que significa enviado). Morris (Id), sugere que Jesus estaria chamando à atenção para Si, o enviado de Deus, como o único que poderia trazer iluminação, ou seja, que o poder não estava no barro, como acreditava a crença popular, mas sim nEle, o enviado de Deus.

É difícil precisar a intenção de Jesus neste episódio, pois até então, as pesquisas não comprovam a eficiência instantânea da geoterapia no tratamento da cegueira. Este estudo adota a posição de que Jesus estaria chamando à atenção para Si, como sugere Morris. Pois, parece que os métodos de Deus mudam conforme a necessidade

da época e, nos dias de Jesus a grande necessidade do povo era reconhece-Lo como Messias.

O livro de Atos (2:43) indica uma continuação da obra de Jesus através dos apóstolos no estabelecimento da igreja primitiva. Pois, “as palavras são aquelas que foram empregadas para descrever as obras poderosas de Jesus (2:22) – estavam sendo operadas pelos apóstolos, e Lucas passaria em breve a relatar exemplos específicos”. (Marshall, 1985, p. 84). Lucas deixa claro em Atos que, o método a ser seguido pelos apóstolos seria o mesmo de Cristo.

Os apóstolos oraram pedindo pelo poder para realizarem curas (4:30). Marshall (1985, p. 105) argumenta que eles tinham “consciência de quanto a eficácia da sua pregação (de Jesus) foi ajudada pelas curas e outros sinais milagrosos operados pelo Senhor mediante o nome de Jesus, e oravam, pedindo a continuação dos mesmos.”

A igreja primitiva cresceu extraordinariamente rápida (5:12, 15 e 16). O que ajudou tal crescimento? Como os apóstolos conseguiram tão rápido chamar a atenção das pessoas? Lucas enfoca o ministério de cura dos apóstolos. Marshall (1985, p. 112) assim descreve tal eficácia: “O quadro geral é de um poderoso ministério de cura que fez uma impressão poderosa sobre o povo e ajudou a espalhar o evangelho para fora de Jerusalém”.

O ministério de cura exercido pelos apóstolos nitidamente contribuiu para melhorar a imagem pública da igreja que sofria muitas

críticas por parte das autoridades. Sobre isto, Marshall (Ibid, p. 113) argumenta que “um aspecto novo é a divulgação da reputação da igreja às cidades vizinhas a Jerusalém. A implicação é que, nesta etapa, Pedro e os demais apóstolos se confinavam a Jerusalém, de tal modo que era necessário que os doentes fossem levados a eles. Mais tarde, passariam a ser itinerantes como missionários.”

Estevão, um dos sete diáconos, se valia do mesmo método dos apóstolos. Champlin (2002, vl. 3, p. 134) chama a atenção para o fato de que:

“o uso do tempo imperfeito: [denota que] Estevão fazia continuamente estas coisas. Assim fica subentendida a passagem de algum tempo, talvez até mesmo alguns meses, desde a primeira menção de Estevão, no quinto versículo deste capítulo; e durante todo este tempo ele se ocupava de um ministério que muito se aproximava ao dos apóstolos”.

Atos 8:7 faz referência ao ministério de Filipe. Ele também se utilizava do mesmo método evangelístico de curas e seu sucesso é bem evidente, como destaca Marshall (1985, p. 150) “havia um movimento em massa entre o povo na medida em que escutava atentamente a mensagem de Filipe. Sua atenção foi despertada por aquilo que ouviram e viram. Filipe tinha a mesma capacidade dos apóstolos para operar sinais que serviam como confirmação da sua mensagem”. Ele continua dizendo que “o povo podia ver por si mesmo como as pessoas que tinham sido paráliticas e coxas agora conseguiam andar; mais uma vez, a atividade de Filipe tem correspondência com a de Pedro (3:1-10) e de Jesus”.

1.3. Considerações finais do capítulo

No Antigo Testamento os milagres foram usados para confirmar a autenticidade da mensagem de um profeta. Foi usado também como forma de revelar o verdadeiro caráter de Deus. Observou-se que, mesmo utilizando estes métodos, a prática da oração não foi dispensada. Pode-se notar que o método serviu para quebrar barreiras fazendo com que o conhecimento do Deus de Israel chegasse ao conhecimento da alta sociedade em nações de grande influência. Nestes casos houve abandono de adoração a ídolos. Percebeu-se que para algumas pessoas este seria o único meio, pelo qual, poderiam ser alcançadas. O Antigo Testamento apresenta uma profecia acerca da obra médico-missionária de Cristo como algo planejado com antecedência. Autores de comentários bíblicos salientaram que o método serviu para melhorar a saúde física em conjunto com a espiritual e mental. As profecias vetero-testamentárias indicam Cristo como o médico-missionário principal, levando a concluir que todos os outros devam levar seus pacientes até Ele. Através dos relatos observados no Antigo Testamento foi possível extrair princípios da obra médico-missionária. Não foi detectado o uso de métodos curativos naturais, apenas se observou a ocorrência de milagres sobrenaturais. Não foi possível observar um plano evangelístico intencional que use o método como ferramenta.

No Novo Testamento o método foi muitas vezes utilizado para ensinar lições espirituais através das curas. Muitos daqueles que foram curados tiveram de exercitar a sua fé. Observou-se que a vida espiritual exerce influência sobre a vida física. Desta forma Cristo muitas vezes levava Seus pacientes da observação do problema físico a observação do espiritual. Foi percebido que a utilização do método atraiu muitas pessoas comprovando sua eficácia como ferramenta evangelística. Foi destacado que neste trabalho não deve ser feita acepção de pessoas. Pessoas que vinham a Jesus com intenções que não correspondiam ao evangelho eram por Ele também atendidas, muitas delas mais tarde se converteram. Foi observado que Jesus apresentava uma personalidade compassiva. Ele não demonstrava desejo de dar espetáculos, mas, agia para mostrar seus direitos messiânicos que envolvia cuidar das pessoas. O sofrimento humano levava Jesus a simpatizar-se e agir.

Jesus usou a obra médico-missionária para chamar a atenção a um cumprimento escatológico da profecia messiânica. Poderia este mesmo método ser usado nos nossos dias como técnica para chamar a atenção das pessoas ao cumprimento escatológico das profecias atuais? A história do paralítico sendo colocado pelo telhado sugere criatividade e persistência na obra de levar as pessoas a Cristo. Foi também observado que, Jesus ligou a enfermidade ao pecado. O método foi utilizado também para sanar sentimentos de culpa e abrir espaço para o perdão. A obra mostra as verdadeiras causas da

enfermidade, proporcionando uma ponte para que o obreiro leve a pessoa ao conhecimento de Cristo e uma conseqüente cura espiritual, física e mental. Autores de comentários bíblicos salientaram a obra médico-missionária como fonte de economia, saúde e espiritualidade para as pessoas.

A história de Jairo sugere uma grande eficácia do método na quebra de barreiras religiosas, sociais e culturais. Não seria o método também eficaz nos dias atuais onde se encontram muitas barreiras e dificuldades em pregar o evangelho? Neste caso o método serviu também como ferramenta para desenvolver a fé de Jairo. Esta forma de evangelizar mostrou-se rápida no quesito de espalhar a mensagem. Foi observado que Jesus se utilizou de empatia e gestos adaptados a cada situação para estabelecer contato com doentes que viviam em determinado isolamento social, como por exemplo, tocar um surdo. O envolvimento com as pessoas, demonstrando preocupação e despendendo atenção, mostrou-se como ponto forte da obra médico-missionária.

Em algumas circunstâncias, foi observado que Jesus Se utilizou do método para provocar reflexões teológicas. Em outra ocasião foi observado que, Jesus não descartou o uso das leis sanitárias da época. Foi percebido, entretanto, que o método além de ter eficiência na evangelização do doente mostra-se também eficaz na evangelização da família do doente. O método causa, muitas vezes, impacto profundo na vida das pessoas, podendo remover anseios à muito

“enraizados” no coração. Em João 8:6, encontramos Jesus cuspiendo na terra e aplicando lodo no olho de um cego, a cura se dá quando Jesus o envia ao tanque de Siloé lavar-se. Seria difícil querer precisar a intenção de Jesus neste episódio, talvez o uso deste texto para apoiar o uso de tratamentos naturais, como a geoterapia, para curar, neste caso cegueira; nos traria mais problemas do que soluções. Não parece haver indicações científicas de que a geoterapia seja um eficiente tratamento contra a cegueira. Portanto, parece sensato concordar com Morris, ao afirmar que, a ênfase da cura estava no Messias e, não no método de cura. O que parece é que Deus se utilizou do método médico-missionário de diferentes formas no decorrer da história. Isto, porque a necessidade era diferente em cada época, na época de Jesus seria a de colocá-Lo em evidência como o verdadeiro Messias da profecia, o enviado de Deus.

No livro de Atos pode-se observar uma continuidade da obra de Cristo através dos apóstolos. Sendo que Cristo instruiu e capacitou os Seus discípulos na realização de tais métodos, não seria este também válido para os dias atuais? Foi observado que os apóstolos pediram poder para curar. O método ajudou os apóstolos a espalhar rapidamente a mensagem. Podemos salientar aqui que, esta é uma necessidade da igreja em sua fase atual. Os diáconos também se utilizaram do método com muito sucesso.

Pôde ser observado neste capítulo que, no Novo Testamento há uma estratégia evangelística intencional no uso da obra médico-

missionária. Em cada fase pode ser observado um enfoque. Nos evangelhos, eram os judeus; em Atos, os judeus e os gentios. Foi possível a extração de muitos princípios nos relatos do Novo Testamento, porém aqui, como no Antigo Testamento, não se observa o uso de métodos curativos naturais; a técnica está baseada no sobrenatural. Porém, aparecem bem evidentes as mudanças de método na obra médico-missionária de Deus em atrair a humanidade em cada fase da história.

CAPÍTULO 2

A OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA SOB A PERSPECTIVA DAS OBRAS DE ELLEN WHITE E DA TEOLOGIA ADVENTISTA

Este capítulo objetiva descrever a intenção da obra médico-missionária dentro do movimento adventista do sétimo dia. Para tanto, será realizado primeiramente uma pesquisa nas obras de Ellen White (pioneira do movimento), nas quais, contêm muitas orientações que determinaram a direção da obra médico-missionária dentro do

movimento. Será feito também uma pesquisa dentro da teologia adventista com o objetivo de se verificar se há apoio bíblico para a ênfase adventista neste segmento de trabalho, em especial para os dias atuais. Portanto, verificar-se-á de que forma os adventistas do sétimo dia encaixam este método evangelístico dentro de sua escatologia.

2.1. A obra médico-missionária sob a perspectiva dos escritos de Ellen White

Para se ter uma boa compreensão da visão adventista acerca da obra médico-missionária é necessário que se faça uma abordagem nos escritos de Ellen G. White acerca do assunto. Seus escritos contêm muito material diretivo acerca deste método (Douglass, 2002, p. 278). Portanto, é necessário averiguar qual o objetivo por ela traçado para este trabalho, em especial como ferramenta evangelística.

White é bem enfática em salientar que o principal modelo de obra médico-missionária seria o modelo utilizado por Cristo aqui na terra. No primeiro capítulo deste trabalho foi abordado este modelo do ponto de vista bíblico. White (1991, p. 20) salienta que:

“Cristo permaneceu à frente da humanidade na roupagem da humanidade. Tão cheia de simpatia e amor era Sua atitude, que os mais pobres não se sentiam receosos de ir a Ele. Era bom para com todos, facilmente acessível aos mais humildes. Ia de casa em casa, curando os enfermos, alimentando os famintos, confortando os que choravam, aliviando os aflitos, falando de paz aos angustiados”.

A partir deste ponto de vista, delineado por White, acerca da obra médico-missionária de Cristo, ela enfoca que Ele “...permanece diante

de nós como um Homem-Modelo, o grande missionário médico – um exemplo para todos os que viessem depois” (Ibid, p. 20).

Colocando Cristo como modelo, a autora claramente faz referência aos dias atuais, quando o mesmo modelo deve ser seguido. Ela diz que “em suas pegadas ao pé do leito dos doentes, nas choças da pobreza, nos apinhados becos das grandes cidades e em qualquer lugar onde há corações humanos necessitados de consolação. Fazendo como Jesus fazia quando na terra, andaremos em seus passos” (White, 1996, p. 119). Ela coloca em seus escritos um alto teor de solenidade no fato de que todos aqueles que desempenham esta obra devem fazê-la segundo o modelo de Cristo (White, 1991, p. 21).

White (1998, p. 140,141) também destaca a obra dos discípulos como um modelo a ser seguido. Ela enfatiza que pelo fato de Lucas ser um médico, muitas portas entre os gentios foram abertas para que a mensagem fosse pregada. Ela diz que “é o plano divino que trabalhemos como os discípulos fizeram. A cura física está ligada à incumbência evangélica. Na obra do evangelho, o ensino e a cura nunca se devem separar” (Id). Ainda falando sobre o estilo de trabalho da obra médico-missionária, White (1996, p. 132) faz referência a João 4:10, onde se encontra o relato da mulher junto ao poço de Jacó. Ela enfatiza que neste episódio Jesus “desviou a conversa para o tesouro que tinha a dar, oferecendo à mulher alguma coisa melhor do que ela possuía, a própria água viva, a alegria e a esperança do evangelho. Isto é uma ilustração do modo por que devemos trabalhar”.

Em outra citação, White (1996, p. 237) diz que “em ligação com a apresentação das verdades espirituais, devemos (os adventistas do sétimo dia) também apresentar o que diz a Palavra de Deus quanto às questões da saúde e da temperança. Cumpre-nos, por todos os meios possíveis, pôr as almas sob o convincente e convertedor poder de Deus”. Desta forma, poderíamos observar que educar nos princípios de saúde, não somente seria um método de se alcançar as pessoas como também é parte integrante da mensagem.

Segundo White (1996, p. 118), o objetivo central da obra médico-missionária é o de salvar pessoas. Sendo assim, este foco central do trabalho nunca deveria ser perdido de vista. Cristo, como Salvador da humanidade e modelo deste método é quem conduz tal obra e a autora lembra que aqueles que estão empenhados em tal obra e se utilizando deste método, devem com Ele cooperar. A palavra cooperar com Deus, parece nos sugerir que Cristo continua realizando tal obra por intermédio de pessoas que a Ele se dedicam. A autora afirma que “um nobre aspecto da obra de Deus é revelado nas palavras ‘médico-missionário’. Ser um médico-missionário significa ser um colaborador de Deus. Esta obra deve ser um grande auxílio e força para causa, deve ser promovida com todo cuidado e sabedoria. Nesta obra não deve ser entretido nem um só fio que prejudique o belo padrão que Deus deseja seja produzido” (White, 1996, p. 121). Este objetivo soteriológico da obra deve, portanto, ser levado em conta, do contrário, se tornaria ela um fim em si mesma e não um meio.

Outro ponto salientado pela autora é que a obra deve ser utilizada para chamar a atenção do povo para a Verdade Presente deste tempo. White (Ibid, p. 122,123) afirma que, a obra médico-missionária deve funcionar para o grande corpo da obra como uma mão direita que abre portas. É no sentido de abrir portas para a passagem do todo que ela se refere à expressão ‘mão direita’. Ela diz que através deste trabalho o caminho à verdade para este tempo será aberto. Segundo ela, este método “será uma cunha pela qual a verdade encontrará terreno sólido” (Ibid, p. 132).

A autora destaca que, os observadores da reforma pró-saúde devem ensiná-la a outros. Ela salienta que se as pessoas perceberem que os adventistas têm bom conhecimento acerca das leis naturais elas deduzirão que eles também têm correta compreensão acerca das leis de Deus. E diz que “se apostatarmos da reforma pró-saúde, perderemos muito de nossa influência para com o mundo lá fora” (White, 1978, p. 514). Ela ainda destaca que é necessário ensinar as pessoas como se libertarem de condescendências pecaminosas, nas quais impedem a compreensão do plano divino; ela afirma que sem isto é impossível trabalhar pela salvação destas pessoas (White, 1996, p. 127). Ela vai mais longe ao afirmar que, a transgressão das leis da natureza é transgressão da lei de Deus (White, 1993, p. 206).

Podemos encontrar muitas citações nas obras de White se referindo a obra médico-missionária como uma forte ferramenta evangelística no sentido de quebrar barreiras. Ela afirma que “uma

demonstração dos princípios da reforma pró-saúde muito fará no sentido de remover preconceitos contra nossa obra evangélica” (White, 1978, p. 514). Ela salienta ainda, que este tipo de trabalho pode ser eficiente para alcançar todas as classes de pessoas, altos, humildes, ricos e pobres (Ibid, p. 532).

Pode-se perguntar de acordo com este estudo de quem seria, dentro da igreja, a responsabilidade de desenvolver tal obra? Já que o presente trabalho tem focalizado a obra médico-missionária como ferramenta evangelística na obra do pastor distrital, onde seria encontrado recurso humano para a realização de tal trabalho? Começando com a pergunta inicial, White (1996, p. 121) chama a atenção para o desejo de Deus em “que os pastores e os membros da igreja manifestem um interesse ativo e decidido na obra médico-missionária”. A autora, sobre esta obra, diz que “as igrejas em cada localidade – norte, sul, leste e oeste – devem fazer. Às igrejas tem-se dado à oportunidade de responder a esta obra. Por que não a têm feito?” (ibid, p.122) pergunta ela. Em outra citação, White chama a atenção para o objetivo do estabelecimento da igreja aqui na terra, dizendo que “o estabelecimento de igreja e sanatórios é apenas mais uma manifestação do amor de Deus, e nesta obra todo o povo de Deus deve ter parte. Cristo instituiu Sua igreja aqui na terra com o propósito expresso de revelar por meio dos membros a graça de Deus.” (White, 1993, p. 223).

Desta forma, sabendo que todos na igreja devem ter parte neste trabalho, qual seria esta parte especificamente, já que membros leigos de igreja não têm a mesma orientação que um médico ou enfermeiro? Sobre isto, White (1996, p. 120) diz que “os que não tiverem instrução especial numa de nossas instituições médicas podem pensar que só lhes é possível fazer muito pouco; mas, meus queridos coobreiros, lembrai-vos de que na parábola dos talentos Cristo não representou todos os servos como havendo recebido a mesma soma.” Desta forma, ela não isenta a responsabilidade do membro leigo da igreja em se envolver com tal obra. Porém, já que a autora faz menção à parábola dos talentos, onde então estaria a capacitação que Deus outorgou aos membros da Sua igreja? Nos mesmos escritos em que White salienta tal dever, ela também sugere vários princípios de saúde e formas de tratamento natural. A autora, sobre o desenvolvimento da obra médico-missionária, salienta que “ela [a obra médico-missionária] encontrará, porém, seu devido lugar, quando, como um povo que tem tido grande luz, os adventistas do sétimo dia despertarem para suas responsabilidades, e aproveitarem as ocasiões que lhes são proporcionadas.” (White, 1978, p. 518).

A responsabilidade de aprender e praticar tais princípios, segundo a autora é dos próprios membros da igreja. Segundo ela “o povo de Deus deve ser genuinamente médico-missionário. Deve aprender a ministrar às necessidades da alma e do corpo. Deve saber como ministrar tratamentos simples que fazem tanto em aliviar dores e

remover enfermidades. Deve estar familiarizado com os princípios da reforma de saúde, a fim de que possam mostrar a outros como, mediante hábitos corretos no comer, beber e vestir, podem as enfermidades ser evitadas e reconquistada a saúde.” (White, 1996, p.127). Outro aspecto importante a ser observado em nossos dias, na qual daria mais relevância à necessidade dos membros da igreja em utilizar os métodos da obra médico-missionária, seria o crescente número de enfermidades. White (Ibid, p. 138) salienta que estamos vivendo em tempos onde todos deveriam ter conhecimento de tais métodos e deles fazer uso. Em decorrência desta tão grande necessidade, ela recomenda que todos os lugares tenham representantes da obra médico-missionária com locais apropriados para se ministrarem os tratamentos (Id).

White (Ibid, p. 139) menciona que “logo não haverá outra obra no setor ministerial senão a obra médico-missionária” e que os pastores jamais serão “ministros segundo a ordem evangélica enquanto não mostrarem decidido interesse no trabalho médico-missionário, o evangelho de cura, de benção e fortalecimento”. Outro importante ponto a ser salientado, é que White (Ibid, p. 123) recomenda aos pastores e aos professores um trabalho de capacitação aos membros da igreja, no sentido de, aprenderem a trabalhar com atividades da obra médico-missionária. A autora lembra que “muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinasse a começar. Necessitam ser instruídos e animados” diz ela (White, 1998, p. 149).

O motivo pela qual White (Ibid, p. 127) parece sugerir que este trabalho seja realizado também pelos membros da igreja, e não somente pelas instituições médicas, é pelo motivo de que a imagem pública da igreja ganhe força e preconceitos sejam removidos permitindo o avanço da obra evangélica.

Quanto aos benefícios decorrentes da prática médico-missionária na igreja, White (Ibid, p. 124) destaca o reavivamento. Ela sugere que se coloquem nas igrejas “obreiros que estabelecerão os princípios da reforma de saúde em conexão com a terceira mensagem angélica perante cada família e cada indivíduo. Encorajai todos a tomar parte na obra pelo seu próximo, e vede se o fôlego de vida não retornará depressa a essas igrejas”.

White (1998, p. 152), chama a atenção para o fato de que os membros da igreja podem trabalhar em sua vizinhança utilizando o método médico-missionário, sem ter a necessidade de ir a algum lugar distante. É importante salientar que apesar de toda ênfase dada à importância da obra médico-missionária White faz muitas recomendações em relação ao perigo de “super” enfatizá-la. Ela diz que esta não deve tomar o lugar da mensagem (White, 1978, p. 549), nem tão pouco tomar o lugar de outros métodos como, por exemplo, a obra de publicações (Ibid, p. 547). A autora argumenta que “a obra médico-missionária não deve tornar desproporcionada. Precisa achar-se em harmonia com o resto da obra” (Ibid, p. 550).

Douglass (2001, p. 291-294) observa que White em seus escritos liga a mensagem de saúde com a salvação. Ele argumenta que esta ligação se baseia em três princípios: humanitário, evangélico e soteriológico. Humanitariamente a obra médico-missionária diminui o sofrimento da humanidade. No evangelho, a ela é uma ponte para a pregação, e soteriologicamente, no sentido de santificação. O autor chama a atenção para que estes três princípios estejam unidos. Ele argumenta que “o propósito primordial era unir o espiritual e o físico no nível prático diário da pessoa normal” (Ibid, p. 292).

2.2. A obra médico-missionária sob a perspectiva da teologia adventista

Os adventistas do sétimo dia vêem as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 como a missão dos remanescentes (Damsteegt [ed], 2000, p. 226). A primeira mensagem angélica destaca o evangelho e o juízo. Esta mensagem diz que o remanescente de Deus conduz o evangelho eterno a todo o mundo. “Este evangelho são as mesmas boas novas do infinito amor de Deus que os antigos profetas e os apóstolos proclamaram (Hebreus 4:2)” (Id). O objetivo desta mensagem, segundo a crença adventista, é chamar a humanidade ao arrependimento. Os adventistas observam que “João predissera que o movimento que prepararia o mundo para o retorno de Cristo, haveria de enfatizar de modo especial à questão bíblica da glorificação de Deus” (Id). A argumentação adventista continua dizendo que:

“como nunca dantes esse movimento deverá apresentar o apelo do Novo Testamento no tocante á santidade da mordomia de nossa vida: ‘Vosso corpo é o templo do Espírito Santo’. Não possuimos direitos exclusivos sobre nossas capacidades físicas, morais ou espirituais; Cristo comprou estas capacidades com Seu sangue no calvário. ‘Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus’. (I Coríntios 6:19 e 20). ‘Portanto quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus’. (I Coríntios 10:31)” (Ibid, p. 227).

De acordo com o adventismo mordomia do corpo é o cuidado com aquilo que não é seu, mas de Deus. Uma das formas em que os adventistas cumprem esta missão é através dessa obra. Da mesma forma, White (1978, p. 519) afirma que “a obra médico-missionária não se deve divorciar em caso algum do ministério evangélico.” Ela continua argumentando que “o Senhor especificou que os dois estarão tão intimamente ligados, como braço o está com o corpo. Sem esta união, nem uma nem outra parte da obra está completa. A obra médico-missionária é o evangelho ilustrado” (Id), diz ela.

Em outras palavras, pode-se dizer que, a obra médico-missionária é parte integrante do evangelho e conseqüentemente parte integrante da missão adventista na proclamação deste. Muitas vezes, Cristo utilizou seus milagres para ensinar verdades espirituais, como observado no primeiro capítulo do presente estudo. Sobre a multiplicação dos pães, White (Ibid, p. 524) afirma que “neste milagre mostrou Cristo como a obra médico-missionária se deve achar ligada ao ministério da palavra”. Ela destaca ainda que “a obra médico-

missionária é a mão direita do evangelho. É necessário ao progresso da causa de Deus” (Ibid, p. 536).

Desta forma, pode-se concluir que, a obra médico-missionária tem um espaço importante na proclamação escatológica da mensagem evangélica por parte do remanescente. Na linha de pensamento adventista acerca das três mensagens angélicas, o conflito pela adoração tem centralidade. Segundo os adventistas “a mensagem do primeiro anjo proclama o evangelho eterno e convida a restauração da verdadeira adoração de Deus como Criador, uma vez que a hora do juízo é chegada. O segundo anjo adverte contra todas as formas de adoração originadas em mecanismos humanos. Finalmente, o terceiro anjo proclama o mais solene aviso divino contra a adoração da besta e de sua imagem – que é o procedimento no qual se envolvem, em última análise, todos aqueles que rejeitam o evangelho da justificação pela fé” (Damsteegt [ed], 2000, p. 227). A obra médico-missionária, dentro do movimento adventista, tem parte especial na proclamação das três mensagens angélicas, pois, parte da adoração está vinculada ao cuidado do corpo humano.

Pode-se perceber no decorrer deste estudo que, é introduzido um elemento novo para o adventismo em relação à obra médico-missionária. Ou seja, ela não é simplesmente um método, mas, ela se torna ‘parte’ da mensagem a ser dada. Sendo assim, poder-se-ia concluir que, esta seria uma verdade essencial para o presente século, o que tornaria a obra médico-missionária de maior relevância ainda

para os adventistas. Biazzi (1980, p. 6) observa que Deus, em relação à obra de salvar os homens, tem agido de formas diferentes no decorrer dos séculos, muito embora os princípios e a essência da verdade sejam os mesmos, os métodos e forma de agir tem sido diferentes. Não só isso, o autor (Id) salienta que Deus amplia aquilo que ensinou aos seres humanos, tornando a mensagem mais completa. Este desdobramento de princípios é chamado por Biazzi, em consonância com White, de verdade presente (Id). Segundo ele, este método de Deus tem a ver com a necessidade de cada época (Id). Biazzi (Ibid, p. 7) cita diversos exemplos bíblicos e a forma como Deus agiu em cada época. Por exemplo, no Éden, Deus falava com o homem face a face, após a queda passou a falar através dos anjos, dos sonhos, e das visões entre outros. No período de Abraão e Noé, os serviços religiosos eram dirigidos pelo chefe de família, já no Sinai, eram os sacerdotes que ministravam tais serviços.

Biazzi (Id) chama ainda a atenção para o fato de que, em toda a história o homem foi salvo pela fé nas promessas de Deus. Ele destaca os episódios de Noé e Abraão, quando eles tiveram que seguir as ordens de Deus, dado diferentemente uma da outra, correspondente à necessidade de suas épocas. Um deveria construir um barco e, o outro, deixar a sua cidade natal e seguir para um lugar que ele nem conhecia. Biazzi (Ibid, p. 9), no caso de Noé, salienta que “a arca foi ao mesmo tempo um instrumento de salvação e evangelização” (Id). No caso de Abraão, ele argumenta que podemos ver “a verdade presente

chamando-o para uma vida que testemunhasse contra a idolatria reinante” (Id). O autor argumenta que o êxito na obra de Deus depende do cumprimento da verdade presente por parte de seu povo (Id).

Biazzi (Ibid, p. 11) também faz ligação entre a mensagem de saúde e as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 como missão do remanescente de Deus; em outras palavras, verdade presente. Porém, ele inclui um outro elemento importante, o surgimento profético da Igreja Adventista do Sétimo dia, em Apocalipse 10, e a descrição de sua missão (Id). O ponto central de contribuição de seu trabalho para o presente estudo estaria na pergunta chave, extraída de Apocalipse 10:11 : “E ele me disse: Importa que profetizes (ensines) outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.” O autor traça um paralelo desde verso com a comissão evangélica de Mateus 28:19 e 20. Desta forma, ele coloca que a grande missão dos adventistas do sétimo dia seria “ensinar outra vez” o evangelho. A pergunta chave então seria: ensinar o que? Pelo estudo já realizado, pode-se concluir que as três mensagens angélicas são partes integrantes da mensagem adventista, e que elas incluem o ensino do: evangelho, juízo e adoração. Vimos também que a adoração, no seu sentido mais amplo, tem um destaque especial para a mordomia do corpo. Sendo assim, considera-se que este ensino de Apocalipse 10:11, salientado por Biazzi, como parte integrante a obra médico-missionária que, em sua essência é o ensino das leis naturais do corpo e a cura através dos mesmos princípios e

agentes naturais. Poder-se-ia inferir com bases seguras, pelo que foi apresentado até aqui que a obra médico-missionária é de extrema importância dentro do contexto atual do movimento adventista.

Em entrevista a revista Ministério (Santos [ed], 2006, p. 7) o presidente geral da igreja Adventista do Sétimo Dia, Jan Paulsen, afirmou que: “... temos sempre sentido e crido que a saúde do corpo e da mente é importante. Como templos de Deus, temos diante dEle o sagrado dever, como ato de adoração, de nos conservarmos sadios. Consequentemente, operamos muitas instituições de saúde, não apenas como um tipo de reparadoras do corpo, mas como centro de ministérios da saúde, nos quais oferecemos orientação preventiva, e também restauradora quando este é o caso. Temos feito isso em todo lugar ao redor do mundo. Essas coisas têm sido marcas distintivas de nossas atividades missionárias. Enfatizamos profundamente a Bíblia e, ao mesmo tempo, desenvolvemos o ministério da saúde”.

Paulsen (Id) concordou com o entrevistador quando este afirmou que “a obra da educação e o ministério de saúde não são coisas que fazemos em adição ao evangelho. É parte dele”. Portanto, poder-se-ia concluir que a igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma razão consistente, embasada em textos bíblicos, para a prática da obra médico-missionária nos dias atuais e que de forma bem coerente e lógica o encaixa em seu plano escatológico. A Igreja Adventista do Sétimo Dia vê este trabalho como essência do próprio evangelho,

como salienta o presidente em exercício da organização, na atualidade.

2.3. Considerações finais do capítulo

O capítulo fez em primeira instância uma pesquisa nos escritos de Ellen White, pioneira do movimento adventista. Pioneira esta que escreveu uma diversidade de materiais com conteúdo diretivo para obra médico-missionária dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. White enfatizou que o plano adventista de trabalhar com a saúde como ferramenta evangelística deve encontrar o seu modelo em Cristo que, segundo ela, seria o grande médico-missionário. White coloca que os mesmos princípios utilizados por Cristo devem ser os princípios que direcionem o trabalho na atual conjuntura adventista. Além de Jesus como modelo, White faz referência aos discípulos de Jesus que seguiram o mesmo modelo, ela salienta que estamos no mesmo processo de discipulado, muito embora a ênfase do trabalho seja um pouco diferente para os dias atuais como observado dentro do plano teológico adventista acerca do assunto.

A autora adventista liga o ensino à cura, que segundo ela seria a essência do evangelho, ou, em outras palavras, faria parte dele. Ela coloca que o principal objetivo do trabalho seja sua ênfase soteriológica, colocando Cristo como o grande Salvador. Ela argumenta também que tal trabalho deva ser utilizado para chamar à atenção das pessoas para a verdade presente, expressão utilizada pelos

adventistas para identificar a necessidade maior de cada época, no caso da mensagem adventista atual, as leis de Deus como objeto de transgressão pela humanidade. Ela diz que este trabalho é uma mão direita que abre portas para que o corpo da mensagem, em sua totalidade possa entrar. Outro ponto importante é que a autora coloca que os adventistas observadores da mensagem de saúde devam ensiná-las a outras pessoas, que segundo ela concluirão que o conhecimento adventista se estenda também ao correto entendimento bíblico.

É neste ponto que se introduz o membro leigo da igreja como agente “médico-missionário”. A autora salienta a responsabilidade destes na realização de tal trabalho. Ela coloca que apesar de Deus não cobrar deles o mesmo que se cobra de um médico ou enfermeiro há uma responsabilidade de aprender o básico e ensinar aos outros; além de se ministrar tratamentos simples quando estes não exigirem cuidados de um profissional mais capacitado. White enfatiza que todo membro do movimento adventista é responsável por aprender os princípios de saúde e saber aplicá-los. Além disso, ela destaca que professores e pastores devam realizar treinamentos para que os membros saibam realizar tal trabalho.

É colocada uma grande importância deste trabalho pela autora nos dias atuais, já que, segundo ela, as doenças devam aumentar cada vez mais. E ela chega a dizer que logo não haverá outro trabalho senão o trabalho médico-missionário. White faz recomendações quanto ao uso de forma errada da obra médico-missionária ou sua super

ênfase em detrimento de outras alas do ministério adventista. Douglass salienta que os escritos de White, no que se trata de saúde, devem ser visto de uma ênfase tripla para que haja equilíbrio, são elas: humanitário, evangélico e soteriológico.

Quanto a perspectiva teológica adventista do sétimo dia acerca da mensagem de saúde e seu espaço no plano profético do movimento, as três mensagens angélicas são vistas como missão adventista para os dias finais. Segundo os adventistas, há uma ligação destas três mensagens com a obra de saúde nos dias finais. A mensagem de saúde não seria o conteúdo propriamente dito da mensagem e sim parte dela, além de uma cunha de entrada para toda a mensagem adventista para a atual época. As três mensagens angélicas de Apocalipse 14 dão uma forte ênfase a verdadeira adoração e esta, além de aspectos litúrgicos e devocionais, incluiria também o aspecto de cuidado para com o corpo, que segundo I Coríntios 10:31 seria parte da adoração. Os adventistas do sétimo dia utilizam o princípio de que a Bíblia é a sua própria interprete, portanto, a definição de adoração deveria logicamente ser extraída da própria Bíblia.

Outro ponto importante é a questão colocada por Biazzi, onde ele cita Apocalipse 10, capítulo interpretado pelos adventistas do sétimo dia como profecia do surgimento da igreja adventista. Sua principal contribuição neste ponto seria o de traçar um paralelo da expressão “importa que profetizes (ensine) outra vez” de Apocalipse 10:11 com a grande comissão evangélica de Mateus 28:19 e 20. Este paralelo

apontaria, dentro do contexto adventista, para o ensino e a prática da obra médico-missionária através de seus meios naturais mantenedores e curativos da saúde. Em entrevista a revista Ministério o presidente geral dos Adventistas do Sétimo Dia confirma que a mensagem de saúde é parte integrante do evangelho e está contido dentro do trabalho adventista ao redor de todo o Mundo.

CAPÍTULO 3

TRABALHO MÉDICO-MISSIONÁRIO COMO FERRAMENTA EVANGELÍSTICA

Este capítulo tem por objetivo apresentar alternativas ao trabalho médico-missionário leigo como ferramenta evangelística sem, contudo, detalhar um projeto específico para cada atividade apresentada, nem dissecar todas as alternativas possíveis. Para tanto, foram consultadas fontes que indicassem como e o que fazer. Além disso, serão apresentadas entrevistas com especialistas da área, nas quais foram elaboradas sugestões para que o trabalho se realize.

3.1. Descrição dos objetivos do Departamento de Saúde da Igreja Adventista do Sétimo Dia

A Divisão Sul Americana dos Adventistas do Sétimo assinala as seguintes funções para o departamento de saúde de uma igreja local:

1. *Servir como fonte de informação e conselho sobre questões de saúde e temperança.*
2. *Aconselhar a igreja, e seus departamentais, quanto ao desenvolvimento e administração dos programas de saúde e/ou temperança.*
3. *Aproveitar as publicações denominacionais e os serviços sabáticos para promover entre nossos membros um estilo de vida saudável, baseado na Bíblia e no Espírito de Profecia.*
4. *Dar ao mundo, através de publicações, **serviços e programas**, um testemunho permanente acerca dos efeitos destrutivos que têm o fumo, o álcool, as drogas e outras substâncias nocivas, sobre o corpo e a alma.*
5. *Apoiar e/ou organizar simpósio/congressos para unir adventista e não adventistas em esforço conjunto para promover a abstinência total do fumo, do álcool, das drogas e de outras substâncias danosas a saúde.*
6. *Participar nos esforços evangelísticos da Igreja, desenvolvendo **programas de saúde** e temperança e utilizando os meios de comunicação para conquistar a confiança das pessoas, convidando-as a assumir um compromisso espiritual.*
7. *Supervisionar e apoiar as instituições médicas adventistas e os programas de saúde e temperança da igreja. Espera-se que os diretores no departamento nos diferentes níveis sejam membros das comissões diretivas e das comissões de avaliação de todas*

*as instituições médicas compreendidas por sua jurisdição, e colaborem com as mesmas **no recrutamento de pessoal, nos programas para a comunidade, e nos aspectos espirituais do ministério médico-missionário, incluindo o ministério dos capelães.***

8. *Manter contato com os profissionais adventistas da saúde, vinculados as nossas instituições ou não, tais como dentistas, nutricionistas, enfermeiros, oftalmologistas [sic] e médicos.*
9. *Promover e/ou patrocinar seminários e congressos sobre saúde e temperança.*
10. *Preparar e/ou catalogar materiais para programas educativos sobre saúde e temperança (Grifo nosso).*

(Regulamentos Eclesiástico-administrativos, 2002, p. 301-302).

Segundo o primeiro item apresentado, uma das funções primordiais do departamento seria a de informar educativamente e preventivamente, como sugerem os itens 3-5, 9 e 10. Onde existem instituições médicas adventistas próximas, o departamento de saúde da igreja local pode promover um trabalho no sentido de apoiar e complementar o trabalho da instituição, como sugere o item sete. Um aspecto importante é sugerido no oitavo item. Membros leigos podem trabalhar em conjunto com profissionais adventistas da área da saúde sendo eles vinculados a alguma instituição adventista ou não. Isto daria mais credibilidade ao trabalho, além de apoio e suporte a um trabalho leigo.

Percebe-se nitidamente uma ênfase dada nas descrições acima no sentido educacional. Nada é mencionado acerca de tratamentos naturais e nem de instrução a membros leigos acerca do assunto como sugere White. Parece haver certa cautela ou relutância neste sentido. Sugiro que apesar da importância da cautela ser mantida, não deveria ser descartado o avanço adventista na área de tratamento natural, assim como tratamentos a doenças simples que não ofereçam riscos em curto prazo e que não exijam intervenção cirúrgica. Sugiro também que por traz de todo trabalho médico-missionário leigo estejam pessoas capacitadas e profissionais que orientem e acompanhem tal trabalho. Exames médicos profissionais jamais deveriam ser descartados de um trabalho como este. O presente estudo adota a posição de que a tecnologia esteja aliada ao tratamento natural, de forma que este seja aplicado com segurança e precisão.

3.2. Fontes bibliográficas acerca da prática do trabalho médico-missionário

As associações locais sempre dispõem de algum material de orientação. A Casa Publicadora Brasileira, editora dos Adventistas do Sétimo Dia, edita livros que ensinam a prática de tratamentos naturais para doenças simples. O conteúdo destes materiais é uma rica fonte de informações para a prática do trabalho médico-missionário comunitário, em especial, os destinados à colportagem que é um trabalho de venda de literaturas nas casas. Abaixo, em conjunto com

as sugestões da obra de Azevedo, citarei as mais recentes publicações que auxiliem em cada item sugerido.

Azevedo (1995, p. 12-16) sugere em sua obra, diversas alternativas ao trabalho médico-missionário leigo além de materiais que possam auxiliar em tal trabalho. Dentre eles estão o plano de “Como deixar de fumar em cinco dias” (ver Costa, 1996). Outro método é a “Escola de recuperação de alcoólatras”.

Na área informativa educacional podem ser feitos “Cursos de arte culinária saudável” (ver Vidal, 2005 e Pamplona, 2006) e “Palestras sobre estilo de vida” (ver Ludington, 2002) incluindo o cuidado com a obesidade e técnicas saudáveis de emagrecimento (ver Nogueira, 1992).

Azevedo (Ibid, p.12) sugere para áreas mais carentes um projeto chamado “Assistência primária em saúde”. Segundo ele o projeto “abrange orientação aos habitantes rurais, ou de pequenas comunidades, ou habitantes de periferia, no setor de primeiros socorros (ver Trevilato, 2002), cuidados maternos, nutrição, e ligado a isto, cultivo de hortas, até, e princípios de higiene”. O autor (Id.) menciona que este tipo de trabalho é geralmente feito em conjunto com o hospital denominacional local e que normalmente é coordenado pelo departamento de ADRA (Agência de Desenvolvimento de Recursos Assistenciais) da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Outro projeto citado pelo autor (Ibid, p. 13) chama-se “Impacto do viver melhor”, trata-se de uma “Série para oito apresentações, mostrando

princípios e orientações básicas sobre saúde, à luz das mensagens que a igreja tem a oferecer sobre isto”.

Sobre nutrição, o autor cita um projeto chamado “Curso de instrutores em nutrição para o lar”. Ele informa que “é um curso de trinta horas para instrutores de Escola Culinária; instrutores recebem educação completa de práticas saudáveis de dieta, bem como a metodologia para a transmissão deste conhecimento, segundo a filosofia adventista do sétimo dia.” Uma outra série contendo informações acerca da saúde do corpo e do espírito, mencionada pelo autor (Id.), é chamada de “século XXI”. Consiste em uma série de leituras ilustradas e “estimula os ouvintes a tentarem os métodos naturais simples para obter melhor saúde. Os princípios de saúde para o corpo e o espírito como encontrados nas Escrituras Sagradas, são apresentados á luz da moderna ciência. Incluso no programa, há demonstrações práticas do cozinhar saudável e medidas físicas corporais convenientes, padrões.”

Na área da comunicação, o autor (Ibid, p. 13) cita diversos campos que podem ser utilizados com muito sucesso, como por exemplo: periódicos, como Vida e Saúde da Casa Publicadora Brasileira, revistas e jornais locais onde podem ser publicadas matérias sobre saúde preparada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, livros de saúde publicados pela Casa Publicadora Brasileira inclusive os de Ellen G. White, o rádio, com inserção de assuntos de saúde, fitas de vídeo, programa de atendimento através do telefone, exposições em

locais públicos e passeatas, são alguns dos exemplos de como o trabalho pode ser feito através dos veículos de comunicação.

A Divisão Sul-Americana dos Adventistas do Sétimo (Pinheiro, 2006, p. 28) tem planejado para os próximos anos os seguintes itens:

“1. Cada União realizar, ao menos, um congresso para profissionais de saúde.

2. A formação ou atualização de cadastro com esses profissionais, oferecendo oportunidades de envolvê-los no serviço de Deus em seu ambiente de trabalho e tornar a sua atividade um verdadeiro ministério.

3. A criação de métodos, seminários e estudos sobre saúde básica para tornar os Pequenos Grupos em canal de disseminação da filosofia adventista de saúde.

4. Um estudo consciente e espiritual dos livros de saúde, iniciando em 2007 com a livro a Ciência do Bom Viver; e, em 2008, com Vida Dinâmica.

5. Oferecer a Igreja um plano específico de ação em três grandes áreas de atividades comunitárias e atividades religiosas. Dentro do setor de atividades sociais, a sugestão é que se realizem “junta-panela” e outras refeições (chá, caldos, sopas, delícias de milho, etc.), caminhadas, trilhas ecológicas, escaladas, cachoeiras, ciclismo, patinação, cursos de culinária sobre a utilização da soja, pães, substitutos do leite, entre outros.

No setor das atividades comunitárias, fica a proposta da realização de: vacinação, cursos (antitabágicos, etc), biblioteca da saúde; anúncio e divulgação de todos os eventos. Na área religiosa, podem ser programados momentos para a saúde (pequenas mensagens semanais), “gotinhas” ou “cinco minutos” para a igreja, centro de estudos (palestras ou aulas com temas atuais e de grande interesse), e a leitura do livro do ano (para estudo em família, por membros de Pequenos Grupos), testemunhos e divulgação da literatura denominacional.”

Até aqui, pode-se concluir que, para a realização da obra médico-missionária leiga existem muitos meios à disposição; ela é bem abarcante e, com o envolvimento de pessoas da área, muitos membros podem aprender o trabalho e assim cumprirem seu papel nos dias finais deste mundo dentro do movimento adventista.

3.3. Perigos a se evitar na prática do trabalho médico-missionário

No desejo de querer ajudar e procurar métodos naturais, muitos membros leigos sinceros, porém, desinformados, podem se utilizar de meios que contradizem a filosofia do verdadeiro trabalho médico-missionário adventista e do evangelho de Cristo. Segundo Gomes (1999, p. 9) “ao buscarem os benefícios da medicina alternativa naturalista, muitos estão se expondo à assimilação de conceitos espirituais falsos.” O autor (id.) afirma que “na medicina oriental não há lugar para o Deus pessoal da Bíblia – Criador e Mantenedor da vida – preocupado diretamente com as Sua criaturas”. E este é o

principal motivo porque estes estilos de medicina devem ficar fora da prática do trabalho médico-missionário adventista. O ponto central desta prática está na base e o objetivo com a qual foi construída. Gomes (ibid, p. 11) diz que “a verdadeira medicina deve antes de tudo buscar manter o ser humano harmonizado com as leis que Deus criou, as quais regulam o bem estar do homem e do Universo.” Por de trás de todo o trabalho médico-missionário adventista deve estar este foco; o trabalho não deve se tornar um fim em si mesmo, mas sim, uma mão que abre portas para o evangelho (ver Gomes, 1999 e Grellman, 2002).

A União Sul-Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia tomou um voto oficial proibindo a prática da medicina alternativa dentro do meio adventista (ver anexo 1).

3.4. Entrevista com especialistas da área

3.4.1. Entrevista: Dr. Cleber Pinheiro (ver anexo 2)

Segundo Pinheiro (2006), a religião está intimamente ligada com a saúde pelo motivo do homem ter uma composição indivisível: mental, espiritual e físico. Por este motivo, ao se abordar uma pessoa com o assunto de saúde pode-se introduzir a religião como algo conjunto. Pinheiro argumenta que muitas doenças são provenientes de uma vida de pecado. O ponto é que, pode-se usar a abordagem de saúde para introduzir a religião por que uma coisa não está dissociada da outra. Pinheiro enfatiza bastante que a cura é proveniente de Deus e

não dos remédios e médicos, estes últimos são apenas um meio muitas vezes utilizados por Deus.

Pinheiro afirma que o médico profissional adventista pode contribuir com o trabalho médico-missionário de uma igreja local dando palestras de orientação sobre saúde, sobre remédios naturais e principalmente sobre prevenção. Segundo ele, a influência do médico poderia contribuir muito na reforma de saúde dos membros. Outro ponto importante de contribuição do médico na igreja local, diz, é que “o médico pode ser a pessoa que vai ampliar o conhecimento do leigo e direcionar o trabalho. Não é bom que qualquer membro leigo fique independente por que simplesmente crê no Espírito de Profecia e fazer coisas que se torne em perigo a vida do ser humano”.

Uma das orientações de Pinheiro quanto aos limites do trabalho de um leigo que se utilize de tratamentos naturais para auxiliar outras pessoas é saber diferenciar uma doença aguda de uma doença crônica. Ele argumenta que a doença aguda exige um tratamento profissional e mais urgente. Porém, as doenças crônicas podem ser tratadas com terapias e medicamentos naturais por que não oferecem riscos. Pinheiro salienta que qualquer membro leigo pode praticar uma medicina preventiva sem riscos de infringir as leis do nosso país. Tratamentos naturais simples que aliviam o sofrimento das pessoas que vem lutando contra alguma doença crônica a muito tempo. Além de não ser proibido a ninguém, também não oferece riscos à saúde.

Para Pinheiro, as instituições adventistas deveriam se preocupar em fazer pesquisas de comparação entre pessoas que se tratam de forma natural e pessoas que se tratam de forma convencional, para descobrir as diferenças. Isto poderia indicar a eficácia do tratamento natural em relação ao convencional.

Pinheiro argumenta que o médico-missionário não pode ser frio e despercebido do momento de emoção e fragilidade do paciente, isto possibilita a oração e falar de Deus. Segundo ele, este método desperta a curiosidade do paciente em descobrir a religião do médico. Isto se aplicaria também ao trabalho leigo.

3.4.2. Entrevista: Dr. Helder Arco (ver anexo 4)

Para Arco (2006), ser médico-missionário é seguir o exemplo de Jesus em satisfazer as necessidades físicas das pessoas não apenas de forma assistencialista. Segundo ele, o médico-missionário deve promover saúde para que a mente das pessoas possam estar mais preparadas em receber a mensagem de salvação. Para ele, o pastor de uma igreja local pode ajudar no trabalho médico-missionário, primeiramente inculcando na mente de seus membros a necessidade de cuidar do corpo. Segundo Arco, se os membros viverem a mensagem de saúde, eles já estarão fazendo um grande trabalho médico-missionário. Para ele, quando o membro percebe o real sentido da mensagem de saúde, ele automaticamente sentirá o interesse de partilhar disso com pessoas não adventistas. Arco salienta as vantagens de se trabalhar com um programa de vida saudável para que

a religião possa ser introduzida. Segundo ele “você não enfoca em dogma, não enfoca em letra, não enfoca em religiosidade, você enfocará no relacionamento com Deus, é só no relacionamento com Deus que você consegue reativar e reformar seus hábitos, senão, você não vai conseguir. Quando você consegue fazer com que a pessoa ame o autor da vida, o Criador do corpo, ele com certeza vai entender o mecanismo científico e vai por gratidão mudar o seu estilo de vida.”

Arco salienta que dentro de um programa evangelístico médico-missionário leigo deve haver uma forte ênfase de testemunhar com um estilo de vida saudável. Ele cita um abarcante campo missionário no ramo em simplesmente o membro leigo viver o que sabe, segundo ele, através desta vivência, muitas oportunidades de testemunho irão surgir dando uma possibilidade ao membro leigo que de outra forma ele não teria. Ele cita exemplos como: fazer um bom pão integral e dar ao vizinho, fazer um suco natural na páscoa, partilhar com o vizinho e aproveitar para explicar o real sentido da páscoa. Segundo ele, este não deixa de ser um trabalho médico-missionário e é algo simples que todo membro pode fazer.

No caso de um empresário, Arco salienta que o influenciar se torna ainda mais fácil, no simples fato de trocar o café da empresa por um chá de erva-doce e explicar aos funcionários e simpatizantes o porquê. Além disso, o empresário pode promover palestras acerca de saúde. Arco cita ainda a possibilidade do membro que é profissional da área de saúde poder exercer a sua profissão com um sentido

evangelístico. Ele salienta ainda que pode ser montado programas de exercício e incentivo a beber água, baseado nas oportunidades e na classe social em que ele vive.

Segundo Arco, a obra médico-missionária é muito importante para os dias em que vivemos. Ele argumenta que esta será a última a sofrer rejeição, segundo o médico, ela tem a função de apagar a luz. Para ele, ela tem uma grande vantagem na abordagem às pessoas que não crêem na Bíblia, como no caso de judeus, islâmicos e budistas, como falar de Jesus para estas pessoas. Um programa de evangelismo com a saúde de forma contextualizada pode ser uma eficiente cunha para entrar onde a igreja tem sentido dificuldade.

Arco diz que orar com um paciente é um fator muito importante, pois gera confiança neste. Quando isto ocorre, o paciente percebe que a pessoa está interessada nela e não no que ela tem a oferecer, segundo ele, este é um fator muito importante dentro de um mundo materialista e egoísta.

3.4.3. Entrevista: Pr. Gerson Pires de Araújo (ver anexo 3)

Para Araújo, o pastor que cuida de sua saúde tem mais interesse em trabalhar o evangelismo da saúde em sua igreja. Araújo sugere os motivos pelas quais as descrições de objetivos dos departamentos de saúde das igrejas locais enfatizem apenas a parte educacional e não a prática. Seria pelo fato de as instituições de saúde estarem desvinculadas do dia a dia do trabalho da igreja local. Segundo ele,

aparentemente nas igrejas locais não há mais divulgação do aspecto terapêutico. Araújo argumenta que em cada igreja “deveria haver um centro de recuperação de saúde para ensinar as pessoas, não somente a viver bem no sentido de estilo de vida, mas, também, conhecer estes tratamentos.” Em sua opinião, estes centros deveriam ensinar tanto membros da igreja local como pessoas de fora da igreja. Para ele “as nossas instituições de saúde deveriam promover nas igrejas, ensinar os membros, da igreja, para que pudessem levar ao conhecimento dos membros em geral”. Araújo, concordando com a declaração de White, de que em cada igreja deveria haver locais apropriados para se ministrar tratamentos simples, salienta que “cada igreja não deveria ser simplesmente a nave da igreja onde se faz os cultos... nossas igrejas deveriam ter salas onde pudesse haver ensino, como cozinhar bem, como ministrar estes tratamentos naturais e inclusive sala de projeções educativas, onde pudessem ser feitas palestras para os membros e preparar a igreja para usar este recurso da mensagem de saúde como um meio de evangelismo”.

Este centro, argumenta Araújo, deveria ensinar como fazer uso dos remédios da natureza: água, luz, terra, calor e etc, em substituição à remédios alopáticos. Como esquema de trabalho médico-missionário em uma igreja local, Araújo sugere que cada Associação tenha um centro educacional que ensine a recuperação da saúde através do estilo de vida e também através de tratamentos naturais. Para ele, os pastores deveriam ser levados para lá todos os anos para aprenderem e

ensinarem os membros a fazer tratamentos naturais. A idéia seria fazer deste centro um meio propagador do conhecimento na área de saúde e que em cada igreja haja também um mini centro com a mesma finalidade. Os membros poderiam aprender a se utilizar de meios como: uma boa cozinha, um viver saudável, uso de formas terapêuticas naturais como hidroterapia, hidromassagem, lavagens, sem ser proibidos pela lei e nem taxados de charlatães.

Para Araújo a obra de saúde adventista tem relevância para os dias em que vivemos, pois muitas pessoas estão doentes por transgredirem as leis de saúde, que são também leis de Deus. Ao se ensinar as pessoas a obedecerem as leis de saúde automaticamente se ensinam elas a obedecerem às leis de Deus. É desta forma que a obra de saúde é uma cunha de entrada para a mensagem evangélica para os dias atuais.

3.3. Considerações finais do capítulo

Este capítulo definiu parâmetros de como a obra médico-missionária pode ser praticada dentro do âmbito adventista. Os manuais de descrição dos objetivos dos departamentos de saúde das igrejas locais dão diversas diretrizes. Embora enfoquem principalmente um trabalho a nível educacional existem materiais de apoio publicados pela Casa Publicadora Brasileira que orientam a prática de uma medicina natural com tratamentos simples, além de

fornecerem informações importantes quanto à boa alimentação e estilo de viver saudável.

Foi salientada também a preocupação com práticas de medicinas alternativas que descaracterizam o trabalho de saúde adventista tais como: acupuntura, iridologia, reflexologia entre outros. Foram também observados a opinião de especialistas da área, dentre eles dois médico-missionários adventistas com formação profissional e atuação na obra: Dr. Cleber Pinheiro e Dr. Elder Arco, além de se buscar a opinião de um pastor: Pr. Gerson Pires de Araújo. A principal contribuição de Pinheiro foi no sentido de delimitar a área de atuação entre um médico profissional e um membro leigo. A principal contribuição de Arco para o presente trabalho foi de mostrar uma abrangência maior de campo de trabalho para o membro leigo, sem que ele precise necessariamente de uma instrução mais aprofundada, mas simplesmente no viver o que sabe pode ter um grande campo de atuação. Outro ponto importante salientado por Arco, encontra-se na sugestão de utilizar a obra de saúde para alcançar classes de difícil acesso, como por exemplo: judeus, árabes, budistas entre outras. A principal contribuição de Araújo foi no sentido de sistematizar um trabalho para a igreja local, onde o membro possa encontrar suporte para o seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, fizemos uma análise de textos, tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento, onde aparecem situações em que é utilizado um método relacionado à saúde, como cunha de penetração no ensino de verdades espirituais. Podemos perceber que no Antigo Testamento, mesmo que em menor escala em relação ao Novo Testamento, o método já é utilizado. Parece não

haver ali uma estruturação desse método como chave mestra para se alcançar pessoas descrentes, porém a eficácia do trabalho é bem evidente. Não se nota também a existência de alguma medicina natural. O método era desenvolvido basicamente por atividades milagrosas.

O Antigo Testamento introduz o método da obra médico-missionária como a principal ferramenta de evangelismo no Novo Testamento através da profecia de Isaías 61:1-3. No Novo Testamento, se percebe uma estruturação intencional da obra médico-missionária como principal método de trabalho para se alcançar tanto judeus, como gentios. Além do mais, o método tem continuidade através dos discípulos, com a mesma eficácia de Jesus. Ficou bem evidente que seu uso é eficaz tanto para causar influência em pessoas das classes mais simples e mais elevadas. O Novo Testamento demonstrou que o próprio ato de curar é parte integrante do evangelho, que por sua vez, é uma mensagem que tem por objetivo proporcionar cura mental, espiritual, e também física. No Novo Testamento também não se percebe a existência de alguma técnica medicinal, o método se baseia praticamente em curas milagrosas.

No segundo capítulo, foi feita uma revisão da literatura de White no que diz respeito a obra de saúde como ferramenta evangelística no meio adventista. Ênfase especial foi dada quando ela mencionou o trabalho leigo. Além desta revisão foi feita também uma análise onde

se procurou harmonizar a teologia adventista e sua escatologia com a obra de saúde utilizada como ferramenta evangelística.

Nas obras de White se percebeu uma forte ênfase no trabalho de Cristo como modelo para os dias atuais, ou seja, curar e depois ensinar. Ela destaca atributos de um verdadeiro médico-missionário não isentando nenhuma classe da igreja. Ela salienta que todos podem participar dentro de sua esfera de capacitação. Coloca que os membros da igreja devem ser treinados por pastores e médicos para desempenhar tal trabalho. A autora diz que este vai ser um trabalho que vai acompanhar os adventistas até o término da história deste mundo, e que todo cristão adventista deve ser genuinamente médico-missionário.

A teologia adventista dá forte ênfase ao trabalho médico-missionário dentro de sua estrutura como verdade presente, para o contexto em que ela está inserida. Os adventistas vêem as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 como missão para a igreja adventista. Dentro destas mensagens está inserida também a mensagem de saúde como parte da verdadeira adoração a Deus e obediência as suas leis.

Os adventistas do sétimo dia vêem Apocalipse 10 como uma referência profética direta ao movimento adventista do sétimo dia. Biazzini sugere que ali está inserida uma segunda comissão evangélica que envolve ensinar a mensagem de saúde a um mundo intemperante.

No terceiro capítulo, foram analisadas fontes que dão diretrizes ao trabalho médico-missionário adventista no nível de igreja local. Foram encontradas muitas sugestões de como o trabalho pode ser realizado dentro do contexto adventista para que este cumpra seu papel profético. Percebeu-se uma ênfase no lado educacional do trabalho médico-missionário dentro do meio adventista nas descrições de objetivos para os departamentos de saúde da igreja local. No entanto, como instituição, a Igreja Adventista do Sétimo Dia produz materiais que dão orientações básicas acerca de práticas com terapias naturais. Foi analisada também a opinião de três especialistas da área, dois médicos adventistas e um pastor adventista.

A principal contribuição de Pinheiro para o presente trabalho foi no sentido de delimitar o trabalho médico missionário profissional, do trabalho médico missionário leigo. As principais contribuições de Arco para o presente trabalho foram no sentido de ampliar a esfera de trabalho médico-missionário do leigo no simples fato de viver o que conhece. Além de sugerir que um programa de evangelismo com saúde, pode ser um eficaz meio de adeptos de religiões aos quais o adventismo tem dificuldade de alcançar como: judeus, islamitas, budistas, entre outras. A principal contribuição de Araújo foi sugerir a sistematização de um programa médico-missionário para que o membro leigo possa dispor de um forte suporte.

Depois destas conclusões podem-se responder as perguntas feitas na introdução: Seria a obra médico-missionária um método

evangelístico validado pela Bíblia? Sim, há argumentos de sobra para se afirmar positivamente tal questionamento, e não apenas um método válido, mas também como parte integrante da mensagem bíblica. Seria a obra médico-missionária um meio eficaz de evangelismo de nível leigo para os dias atuais? Podemos também afirmar que sim, há espaço tanto para profissionais e leigos trabalharem conjuntamente, inclusive White sugere que ao envolver o leigo no trabalho médico-missionário os pastores estariam automaticamente reavivando suas igrejas. Como este trabalho é encaixado dentro dos moldes da estrutura teológica adventista? A pesquisa nos permitiu perceber que o trabalho médico-missionário não somente se encaixa dentro da teologia adventista, mas que também se apresenta como missão adventista, dentro de seu contexto para poder apresentar sua mensagem central. Como este trabalho é encaixado dentro dos moldes da estrutura teológica adventista? A pesquisa nos permitiu perceber que o trabalho médico-missionário não somente se encaixa dentro da teologia adventista, mas que também se apresenta como missão adventista, dentro de seu contexto para poder apresentar sua mensagem central.

Como desdobramento do que foi aqui exposto, sugiro que: 1) Seja feita a introdução do aspecto prático da obra médico-missionária na lista de objetivos do Departamento de saúde e temperança da IASD. O departamento poderia ajudar os membros a compreenderem e usarem as ferramentas da obra médico-missionária na evangelização

local. 2) Que se sistematizem outros métodos dentro da área da obra médico-missionária e produzir material a baixo custo para uso das igrejas, assim como foram produzidos materiais descrevendo, orientando, dizendo como se usa o “Curso como deixar de fumar em cinco dias” e palestras sobre “Os oito remédios da natureza”. Alargar o leque de opções, com material de baixo custo.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Clifton [ed], **Comentário Bíblico Broadman**, Rio de Janeiro: JUERP, 3º ed., 1988.

AZEVEDO, Paulo César. **O Ministério da Saúde Adventista/Brasil 2000**, Artur Nogueira-SP: Publicado pelo Departamento de Saúde da União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 1995.

BIAZZI, Elisa M. S. **Recursos para uma Vida Natural**, Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

BIAZZI, Sidionil e Eliza. **Aspectos Teológicos e Práticos das Leis Naturais**. São Paulo: Editora Viva Natural, 1982.

BOOR, Werner, **Evangelho de João I: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

CHAMPLIN, Russell Norman, **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002, 7 volumes.

_____. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002, 6 volumes.

COSTA, João Batista D. **Deixar de Fumar Ficou Mais Fácil**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

DAMSTEEGT [ed.], **Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

DOUGLASS, Herbert, **Messageira do Senhor: O Ministério Profético de Ellen G. White**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

GOMES, Silas de Araújo. **Medicina Alternativa: A Armadilha Dourada.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

GRELLMANN, Hélio Luiz. **Cristianismo e Terapias Alternativas: Filosofia e Misticismo.** São Paulo: (material não publicado), 2002.

LIMA, Elias Oliveira. **Sete Dias Para Começar a Viver: Um Plano de Vida Saudável.** Tatuí-SP, 2005.

LUDINGTON, Aileen e HANS Diehl. **Vida Dinâmica: Como Assumir o Controle de Sua Vida.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

MARSHALL, I. Howard, **Atos, Introdução e Comentário: Série Cultura Bíblica.** São Paulo: Sociedade Religiosa Vida Nova e Associação Editora Mundo Cristão, 1985.

MORRIS, Leon L., **Lucas, Introdução e Comentário: Série Cultura Bíblica,** São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.

NEUFELD, Don F. [ed.]. **Seventh-Day Adventist Encyclopedia.** Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 12 volumes, 1966.

NICHOL, Francis D. [ed.]. **Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia.** Califórnia: Pacific Press Publishing Association, 7 volumes, 1980.

NOGUEIRA, Hélnio J. **Viva mais leve e de bem com o seu corpo.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

PAMPLONA, Jorge. **O Poder Medicinal dos Alimentos.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

PAROSCHI, Wilson. **Só Jesus: Porque em nenhum outro há salvação.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

PINHEIRO, Miguel. Departamento dos Ministérios da Saúde. **Revista do Ancião:** Casa Publicadora Brasileira, Tatuí-SP, v. 24, p. 28, outubro – dezembro. 2006.

POHL, Adolf, **Evangelho de Marcos: Comentário Esperança.** Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

Regulamentos Eclesiástico-administrativos. Brasília: Secretaria da Divisão Sul-Americana da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 2002.

SCHNEIDER, Ernest. **A Cura e a Saúde pela Natureza: Como Prevenir e Tratar Doenças,** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

SATELMAJER, Nicolaus. Focalizados no Reino. **Ministério:** Casa Publicadora Brasileira, Tatuí-SP, v. 77, p. 7, maio-junho. 2006.

TREVILATO, Gerson. **Primeiros Socorros.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

VIDAL, Eunice Leme. **Saúde com Sabor.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo.** Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1978.

_____. **Conselhos Sobre Saúde.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

_____. **Medicina e Salvação.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

_____. **Temperança.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

_____. **Beneficência Social.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

_____. **Ciência do Bom Viver.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

ANEXO 1

RELATÓRIO DA COMISSÃO QUE ESTUDOU A PROPOSTA SOBRE MEDICINA ALTERNATIVA – APROVAÇÃO

2006-041 **VOTADO** registrar o voto 2005-248 da USB
conforme segue:

Considerando que o ser humano, criado a imagem e semelhança de Deus, é uma unidade indivisível; considerando que os processos de cura usados pela medicina alternativa se baseiam, de modo geral, em ideologias que se opõem aos princípios da revelação divina e, ao mesmo tempo, são incompatíveis com as leis científicas fundamentais; considerando que há um crescente número de medicinas alternativas baseadas em filosofias místicas e/ou espiritualistas, tais como: iridologia, acupuntura, homeopatia, reflexologia, medicina ayurveda, magnetismos, águas imantadas, frenologia, yoga, hipnotismo, uso de cristais, pirâmides, uso de florais de Bach, macrobiótica e muitas outras; considerando que os adeptos das práticas vitalistas advogam erroneamente que a doença é resultado de desequilíbrio da “energia vital” do universo, dos astros, do zodíaco e etc, e considerando o interesse da Igreja Adventista do Sétimo Dia pelo bem-estar de seus membros e da sociedade em geral:

VOTADO:

1. Que os Adventistas do Sétimo Dia não pratiquem, não utilizem, nem promovam as medicinas alternativas místicas e/ou espiritualistas.
2. Que as pessoas envolvidas em qualquer filosofia mística e/ou espiritualista de saúde não seja concedido acesso ao púlpito, nem a quaisquer outras atividades oficiais da igreja para expor ou defender suas idéias.
3. Que, de preferência, se elejam como oficiais da igreja membros não envolvidos em tais práticas.
4. Que os conselhos de saúde dos campos, distritos e igrejas preparem materiais sobre este assunto e façam chegar aos membros as orientações do Espírito de Profecia sobre a filosofia adventista de saúde e cura.

ANEXO 2: Entrevista Dr. Cleber Pinheiro

1. Como surgiu o interesse do Sr. Pela área médica e a quanto tempo é médico?

R. Surgiu quando eu estava cursando o terceiro ano de teologia, justamente lendo os livros da Senhora White, Ciência do Bom Viver, tendo classes de princípios de Saúde com o Pr. Gerson Pires. Ali foi o momento que eu tomei o interesse de ser um médico nesta área da saúde. Meu objetivo inclusive era trabalhar em uma clínica de repouso, de tratamentos naturais, mas não foi assim o meu destino. Aprecio muito esta área, creio nela. Isto se deu desde 1981, eu estava

neste curso e foi está a época que eu tomei esta decisão e eu sou médico desde 1989, eu me formei neste ano.

2. Como relaciona a sua profissão com religião, ou seja, como procura exercer a sua religião em conjunto com a sua profissão?

R. Está intimamente ligada uma com a outra, diz a Sra. White que o corpo está intimamente ligado com a mente, quando um é afetado o outro resente, então as pessoas hoje em dia, elas estando em pecado, vêm as doenças com mais facilidade nelas. Por exemplo: uma pessoa com sentimento de culpa, uma pessoa que não tem o perdão, uma pessoa que não perdoa, isto tudo vai causando liberações no nosso organismo de substâncias, como a adrenalina e vai diminuindo aquelas outras substâncias que faz em ter saúde, como já foi comprovada, a endorfina. E uma pessoa que tem paz no coração é diferente, ela tem muito mais saúde, então existe uma ligação entre a saúde e a religião, a medicina e a religião. Hoje em dia o mundo desconhece isto, eles não tem este conceito, eles colocam o homem como uma pessoa divisível, o corpo e a alma são totalmente separáveis, e não é isto. Nós cremos que somos indivisíveis, quando se pisa no dedão do pé, reagimos de imediato, e ao mesmo tempo quando sentimos tristeza, a defesa do corpo baixa, como as células que são formadas lá na medula óssea, os anticorpos com que ele diminui esta secreção e a defesa do organismo baixa. Por exemplo, uma pessoa idosa, quando o marido idoso morre, logo depois, morre também a esposa idosa. Então, a

saúde é muito importante para honrar o nosso Deus, uma pessoa que está doente não tem prazer em cantar, não tem prazer em ir à igreja, é claro que ela fica sensível para as coisas de Deus, mas ela não consegue transmitir o seu potencial, a sua alegria, então, uma está relacionada com a outra, e nós como médicos cristãos, que vemos deste ponto de vista, sabemos que a maioria das doenças vem por causa do pecado da falta de relacionamento da pessoa com Deus. A depressão por exemplo, é muito comum a pessoa estar com senso de culpa, é claro que existem as exceções, mas as doenças são decorrentes do pecado e quem cura é Deus. A Sra. White diz bem claro que quem cura é Deus, não são os médicos, não são os remédios. Os remédios ajudam, é verdade, mas quem cura é Deus. Então, tendo esta visão, desta maneira, podemos fazer um trabalho mais completo.

3. Já esteve envolvido em alguma atividade médico-missionária?

R. Sim, no meu trabalho eu me considero um médico-missionário nas cidades grandes. Quando eu vejo uma porta aberta, um paciente que vem carente, que vem especialmente em depressão, como por exemplo, triste, choroso, aí é a atuação do médico-missionário. O médico aí tem de deixar a ciência e falar daquele que cura. Eu já fui médico-missionário também lá no México depois que eu terminei a minha faculdade eu trabalhei um ano para o Governo de lá, no serviço social, onde fui para um local muito pobre. Passei um ano inteiro lá, então, eu trabalhei como médico-missionário. Mas, eu considero

médico-missionário aquele que fala de Deus em qualquer lugar, porque em qualquer lugar tem pessoas carentes e quando o médico percebe isto, ou seja, que é a hora de falar, ele não pode ficar quieto, ele tem que falar porque Deus está ali dando a oportunidade para ele e ele tem que perceber este momento, tem que ser sensível a este momento e aí está a atuação do médico-missionário.

4. Como acha que um médico pode ajudar na atividade médico-missionária de uma igreja local?

R. Pode ajudar de várias maneiras, a) dando orientação na questão da saúde sobre a prevenção das doenças, b) a Sra. White fala que qualquer membro da igreja pode ser um médico missionário em simplesmente fazer um pão integral, a Sra. White fala que isto é obra médico-missionária da melhor qualidade, a prevenção vale mais do que o curar, do que os medicamentos, um grama de prevenção vale mais do que um quilo de cura, desta forma, nós em nossas igrejas devemos primeiramente ter o senso do Espírito Santo em nossa vida. Esta missão é um dever e, ao ministrarmos palestras acerca de saúde e prevenção e orientação acerca dos remédios naturais, acerca da arte culinária, ou seja, de como ter uma boa alimentação. Porém, sempre com o principal ingrediente que é o Espírito Santo, porque sem o Espírito de Deus haverá críticas, haverá fanatismos, haverá extremismos e este não é o nosso objetivo, nossa igreja tem perdido muito com isto porque um acusa ao outro, um come isto o outro come

aquilo ou não faz isto, então, isto causa um atrito. Portanto, tem que haver uma unidade, quando um pregador fala pelo Espírito Santo, o Espírito de Deus, a igreja entende e é tocada e sente a necessidade de uma reforma, porque as pessoas estão ficando doentes sem saber, e porque elas estão ficando doentes? Êxodo 16:20 fala bem claramente que Deus não enviaria as doenças que tinham os egípcios adquirido se nós o buscarmos de coração elas não vão vir até nós, então temos que crer nisto, muitas das doenças são preveníveis realmente, hoje as pessoas estão contraindo doenças pelos hábitos errados que formam. Hoje é comprovado que os adventistas vivem bem mais como um povo que controla os seus hábitos, então, isto é um privilégio para nós. Então na nossa igreja podemos fazer um trabalho bonito de reforma.

5. Como um profissional da área de Saúde o que diria sobre o equilíbrio no exercício da obra médico-missionária leiga, ou seja, até onde o membro leigo pode ir e onde ele deve passar o trabalho para um médico profissional? Em sua opinião, que precauções ele deveria tomar?

R. É sempre bom ter uma orientação de um profissional médico para ele poder ser direcionado. Por exemplo: existem as doenças agudas e as doenças crônicas. Na doença aguda, por exemplo, uma crise asmática, uma criança que está em uma crise asmática forte, está com falta de ar, se for ministrado um tratamento natural neste momento é perigoso, porque a criança pode entrar em uma piora e morrer. Então,

o membro da igreja necessita saber disto, existem crises, e o tratamento natural é uma coisa lenta, é devagar. É mais recomendado para aquelas doenças crônicas, degenerativas, que estão consumindo a pessoa. Então, por exemplo, uma artrite crônica, não vai causar uma morte aguda. Então, nestes casos a pessoa pode fazer um tratamento natural. Portanto, é muito importante diferenciar uma doença aguda, uma febre, por exemplo, uma pneumonia, não vai tratar-se com um tratamento natural, uma pneumonia é uma coisa grave, tem que ser um antibiótico. Desta forma está-se colocando em risco a vida daquele paciente com um tratamento natural, vai morrer com uma pneumonia. Então, uma doença crônica tem que se saber diferenciar de uma doença aguda e ele tem que sempre estar sob a supervisão de um médico, ele tem que ter o conhecimento do tratamento natural e da fisiologia do ser humano. A Sra. White fala muito sobre isto, todo membro deveria conhecer um pouco sobre a fisiologia, isto é, como funciona o nosso organismo. E não simplesmente fazer um experimento com as vidas. É muito importante isto, e quando houver dúvidas, peça opinião a uma pessoa que entenda mais.

Então, complementando a pergunta anterior, esta orientação profissional ao membro leigo seria também uma forma importante de o médico profissional estar contribuindo no trabalho médico leigo em uma igreja local?

R. Sim, o médico pode ser a pessoa que vai ampliar o conhecimento do leigo e direcionar o trabalho. Não é bom que qualquer membro

leigo fique independente porque simplesmente crê no Espírito de Profecia e fazer coisas que se tornem perigo a vida do ser - humano.

6. Como poderíamos exercer o nosso papel médico-missionário hoje sem infringir as leis de nossa país?

R. O trabalho médico-missionário com tratamento natural, qualquer leigo pode fazer porque é um trabalho preventivo também. A medicina preventiva é uma medicina que qualquer um de nós podemos fazer. Esta medicina é melhor que a alopática, então nós estamos prevenindo, uma boa alimentação está fazendo uma medicina preventiva. É claro que, como disse anteriormente, tem que se ter o cuidado para não ir mais além do que podemos ir. Estaríamos desta forma colocando em perigo a vida do ser – humano. Nós podemos fazer a melhor medicina, é a medicina preventiva, quando chega a medicina curativa e nas fases agudas aí a pessoa tem que reconhecer as suas limitações. Nesta fase é necessário medicamentos fortes, para atuar, para salvar a vida. Então, esta é a delicadeza que tem que haver, e o membro cristão tem que saber até onde ele pode ir, não pode ser aventureiro, colocar em perigo a vida do ser - humano, apesar de se ter boas intenções, ele tem que ser honesto consigo mesmo e reconhecer as suas limitações.

7. Como vê a medicina natural nos dias atuais, como poderíamos encontrar um ponto de equilíbrio entre medicina convencional e natural?

R. A medicina natural, como por exemplo a que praticamos aqui no CEVISA (Centro de Vida Saudável), dando ênfase na prevenção, na alimentação, no exercício. Utilizando os oito remédios da natureza, as pessoas são beneficiadas, amenizam doenças crônicas degenerativas como a diabetes, obesidade, hipertensão. A maioria das doenças vem pela obesidade, a hipertensão, a diabetes, as artrites, a osteo-artrite que é o desgaste dos ossos. São doenças que a obesidade tem causado, então, se a pudéssemos fazer com que as pessoas tivessem o seu peso adequado, e a melhor maneira de perder peso é através dos hábitos saudáveis, não é através de remédios e mais remédios. Desta forma, se conseguirmos mudar os hábitos, as pessoas vão ter saúde. É claro então que o tratamento natural tem o seu lugar. Por exemplo: um escalda-pés, este é um tratamento simples, a pessoa que tem uma enxaqueca, dor de cabeça, se ela fizer um escalda pés alternados, por exemplo: quente e depois frio, a circulação que está lá no cérebro vem para os pés e este choque do frio sobe, e desce, sobe e desce, isto faz com que melhore a circulação e descongestione o sangue do cérebro e a pessoa pode melhorar com uma coisa simples. Porém, deve se ter sempre este cuidado, quando chega no seu limite, a pessoa leiga deve pedir ajuda ao profissional.

8. Acha que como um povo deveríamos nos desenvolver melhor nos estudos científicos acerca da medicina natural? Como nós poderíamos alcançar uma maior precisão e segurança neste tipo de tratamento?

R. Seria muito bom se a nossa igreja fizesse estudos comparativos entre uma pessoa que está realizando tratamento natural com outra que está se tratando com medicamento. Tenho conhecimento de uma doutora que se formou a pouco tempo em Montemorelos (México), é a filha do Dr. José Silveira. Ela está lá no México fazendo seu ano de serviço social, e ela está fazendo um estudo desta espécie, ela obteve a permissão de lá para fazer uma comparação entre pessoas tratadas com tratamento natural e pessoas com tratamento convencional e ela está fazendo este estudo para comparar. A nossa igreja possui estudos sobre o assunto e o povo americano está bem convencido disto de que nós, adventistas, temos melhor saúde em comparação ao povo em geral. O adventista que cuida da alimentação, dos hábitos alimentares, da atividade física, ele vive mais. Realmente, para fazer estes estudos científicos é muito delicado, pelo motivo de que muitas vezes é um estudo pequeno, porque para envolver muita coisa tem que se ter o patrocínio de uma empresa, e estas empresas farmacêuticas não tem nenhum interesse em fazer este tipo de estudo porque não é envolvido medicamento para seus interesses pessoais. Por causa disso, perdemos muito. Porém, um centro como o CEVISA, Clínica Natural São Roque, eu creio realmente que deveria de fazer um catalogamento das

pessoas que estão indo lá, o quando estão perdendo de peso, como é que melhorou a sua diabetes, como é que melhorou a sua pressão alta e fazer uma comparação e ver a diferença em relação aos que ficam tomando remédio cronicamente toda a vida e só piorando. Devemos ir à raiz do ponto da doença e tentar mudar a direção de vida daquela pessoa. Este seria o ideal, mas, a nossa igreja ainda está engatinhando e é necessário delicadeza.

9. Como médico, já orou com algum paciente, e se sim, qual a reação deste paciente?

R. Sim, já tive várias experiências neste aspecto, sem dúvidas é uma experiência muito bonita, quando nós vemos um paciente que está carente e ele percebe que diante do tom de voz do médico, da percepção do médico, do interesse do médico, ele se abre e conta as suas dores, suas lutas, e muitos mostram a razão de sua tristeza, da sua depressão e contam para nós e nós o respeitamos e estendemos o convite para orarmos juntos. A minha experiência tem sido muito bonita, porque quando terminamos a oração sentimos que Deus toca no coração da pessoa. Muitos pacientes saem agradecidos do consultório. Com a receita na mão, porém eles dizem: Dr. Esta receita é importante, mas, a sua oração fez a diferença “é uma gratificação muito grande quando eles retornam e agradecem a nós por aquela oração.” Dr., estou outra pessoa, Deus tem me ajudado, o remédio fez efeito, mas a sua oração, faça outra vez a oração, aquela que o Sr. fez.

Então oramos, nos abraçamos e choramos. Podemos, desta forma, fazer o trabalho que Jesus fez. Neste momento, o médico não pode ser frio, ele tem que sentir a emoção do toque do Espírito Santo, tem que haver esta harmonia de razão e emoção, o médico tem que ser equilibrado neste aspecto. Porque o pastor é muito emotivo, o médico é muito racionalista, frio, e não deve ser assim. Jesus era um pastor e era médico, Jesus tinha seus controles emocionais, era racional ao mesmo tempo, porém era sempre a emoção que dominava, porque a compaixão pela doença, a compaixão pelo ser humano deve prevalecer acima dos livros, ou seja, da razão e é aí que toca o Espírito de Deus e é aí que há a transformação da vida.

10. Como falaria de religião na área médica sem ferir a ética profissional? Sem forçar a religião? Como introduziria o assunto religião?

R. Eu sempre procuro não mencionar o nome da minha igreja, até mesmo alguns procuram saber: Dr., de que igreja o Sr é? E eu procuro falar, não se preocupe com isso, se preocupe em seguir ao seu Jesus. É claro que posteriormente ela vai tomar iniciativa de saber qual a religião do médico. Mas, é uma maneira de quebrar o preconceito, que o médico não está interessado que ela seja adventista, mas que ela conheça o chefe (Jesus) dos adventistas. Esta é a maneira mais importante. E eu sempre digo para ela: a senhora tem ido a sua igreja? Como eu não falei que ela tem que ir a minha igreja, pergunto se ela

tem ido a sua igreja e se tem orado ao Senhor. Então, esta é uma maneira de introduzir, para que ela entenda. E ela com a confiança naquele médico, com o tempo ela vai saber, aquele médico é adventista. Ela vai querer saber mais, vai despertar o interesse, se ela está vendo que o médico não está interessado que ela seja adventista, e sim que ela conheça a Jesus como um Salvador. Então, esta é uma maneira inteligente de fazer as coisas, sem preconceito, introduzir a fonte de vida e de saúde e de vagar ela vai tendo confiança no médico. Jesus ganhava a confiança das pessoas, supria as suas necessidades, curava as suas feridas, dava o seu alimento, curava as suas almas, o seu pecado, depois dizia: vem, segue-me. É isto que nós devemos fazer, tomar a iniciativa como Jesus fazia.

ANEXO 3: Entrevista Pr. Gerson Pires de Araújo

1. Quanto tempo tem de ministério, que ano se formou e em que áreas da obra já trabalhou?

R. Eu terminei o curso de teologia em 1956 e a partir de Janeiro de 1957 eu entrei na obra. Nos primeiros quatro anos trabalhei em um distrito pastoreando algumas igrejas, realizando conferências também de maneira que estes quatro anos passaram-se desta maneira. No último ano, além de igrejas, eu tive o privilégio de ser um ano o capelão do Hospital Belém. Então, eu fazia o trabalho na igreja e na parte da manhã eu fazia visitas no hospital o que me permitiu ter um

certo contato com o problema de saúde. Depois, me solicitaram para ir ao campo educacional e durante seis anos eu trabalhei na administração e como construção, o primeiro externato de 2º Grau no Brasil. No último ano em que trabalhei fui departamental de educação e saúde e temperança da Missão Baixo Amazonas. Depois recebemos um chamado e fomos para o ENA, trabalhamos lá por dois anos lecionando para o segundo grau e para a faculdade de Teologia. Quando viemos para o IASP, onde trabalhamos por três anos como professor e dirigindo o Coral na parte de música e então fomos para o UNASP, C1, quando começaram a faculdade de Educação. Durante dezenove anos trabalhamos lá, no UNASP, lecionando diferentes matérias, disciplinas, desde o segundo grau até a faculdade de Teologia. E então viemos para o UNASP, C2, onde estamos por quinze anos. Dando um total de quarenta e nove anos de trabalho de ministério e magistério.

2. Quando estudou teologia havia alguma matéria relacionada a evangelismo da saúde?

R. Não, porque o problema da saúde estava inserido dentro de um plano geral de evangelismo. Nós nos preparamos para fazer o evangelismo, a saúde era um capítulo a parte deste programa de evangelismo. Então, não havia nenhuma matéria específica, mas, tínhamos uma matéria chamada primeiros socorros. E nesta matéria aprendemos a dar os tratamentos de urgência que na época além de termos as aulas, fazíamos um curso de socorrista na cruz vermelha

brasileira. Quem conseguia passar nestes exames recebia um certificado de socorrista. Esta matéria nos ajudava a ter um acesso na parte de saúde, ao estudarmos na área de teologia.

3. Quando surgiu o interesse pela área de saúde?

R. Quando eu fui para o colégio estudar. Senti o chamado de Deus aos dez anos de idade para fazer teologia, sofria muito de bronquite, tive que passar um ano sem estudar por causa da doença. Passava mensalmente uma semana na cama com bronquite e para aquela doença não adiantou tratamento nenhum, continuava do mesmo jeito, e quando decidimos ir para o colégio, decidimos que íamos mudar o nosso estilo de vida e deixar que Deus cuidasse das coisas. E de fato, com o estilo de vida, a mudança de hábitos de vida a questão da saúde foi mudando. É verdade, levou mais de vinte anos para recuperar totalmente a saúde, mas, finalmente, nós nunca mais tivemos bronquite como era o caso, e graças a Deus, estamos até hoje modificando aos poucos os nossos hábitos. A mudança de hábitos de vida é gradativa, nós não mudamos de um dia para o outro e essas mudanças tem sido benéficas.

4. Acha que um pastor temperante mostra mais interesse pela área de saúde, ou seja, dá uma ênfase maior nesta área?

R. Não tenha dúvida, porque ele experimenta pessoalmente os resultados da modificação de hábitos de vida. Como ele goza maior saúde e maior disposição, isto é defendido pelo Espírito de Profecia, a pessoa terá uma compreensão melhor do lugar e da importância da

reforma da saúde dentro do seu ministério. Então, pode ver que em geral os pastores que seguem a linha de temperança, procuram evitar aquilo que é prejudicial e ser então praticante da reforma da saúde, é estes que com mais frequência promovem o programa da saúde dentro da igreja.

5. O trabalho médico-missionário dentro da igreja tem dois enfoques, um é educacional, o outro é prático, onde se ministra tratamentos naturais simples para ajudar na cura das doenças. Nós vendemos livros que ensinam uma medicina caseira, porém, na declaração de objetivos do departamento de saúde da nossa igreja nos enfatizamos muito mais a área educacional do que a área prática. Tem idéia do porque disto ocorrer?

R. Falar é fácil, pregar é fácil, praticar é que são elas e como na nossa igreja, nossas instituições de saúde estão bastante desvinculadas do dia a dia da igreja. Aparentemente nas igrejas não há mais divulgação do aspecto terapêutico, isto é, dos tratamentos que cada um deveria conhecer, cada pastor deveria conhecer, e também em cada igreja. Nossa opinião é que deveria haver um centro de recuperação de saúde para ensinar as pessoas, não somente a viver bem no sentido de estilo de vida, mas, também conhecer estes tratamentos. Estes centros na igreja, não deveriam ensinar somente membros mas também pessoas de fora a como fazerem tratamentos simples, usando os meios naturais para recuperação da saúde em vez de tomar muitos medicamentos, que na realidade não passam de venenos, que poderiam ser

substituídos por tratamentos naturais e caseiros, coisas simples, o uso da água, o uso da terra, o uso do calor, da luz e outras coisas mais para a recuperação da saúde. Então, nossas instituições de saúde deveriam promover, ensinar os membros da igreja, para que pudessem levar ao conhecimento dos membros em geral.

6. O que acha da declaração de Ellen White de que deveríamos ter igrejas com locais apropriados para ministrarmos tratamentos simples?

R. Cada igreja não deveria ser simplesmente a nave da igreja onde se faz os cultos, onde se realizam as reuniões espirituais, nossas igrejas deveriam ter salas onde pudessem haver ensino, como cozinhar bem, como ministrar estes tratamentos naturais e inclusive salas de projeções educativas onde pudessem ser feitas palestras para os membros e preparar a igreja para usar deste recurso da mensagem de saúde como um meio de evangelismo.

7. Se fosse um presidente de campo como sugeriria um esquema de trabalho médico-missionário leigo para os pastores distritais?

R. Antes de tudo, eu penso que cada Associação deveria ter um centro educacional não somente para ensinar a recuperação da saúde no sentido de ter um estilo de vida mas, também onde houvesse um centro que pudesse a fazer estes tratamentos e daí então os pastores deveriam ser levados a cada ano ter, quem sabe uma semana de preparo, para que depois eles pudessem fazer isto nas igrejas, então este centro de ensino de recuperação de saúde em cada campo seria

um meio, um centro propagador de conhecimento e de processos para que os pastores pudessem levar isto para as suas igrejas. E, em cada igreja, logicamente ter um mini-centro para ensinar os membros e aqueles interessados que viessem para conhecer isto.

8. Em relação a nossa doutrina, como poderíamos encontrar um ponto de equilíbrio em relação à mensagem de saúde e a mensagem bíblica?

R. A mensagem da saúde deve ser inserida dentro do todo, muitas pessoas que são entusiastas pela questão da saúde acabam indo para o extremo de só falarem nisso. Eu digo às vezes, e as pessoas se assustam quando digo que fanatismo não é nada mais do que um pedaço da verdade que ficou louca. Então ele só pensa naquilo e só fala naquilo, é verdade que nós devemos ser cuidadosos, para não extrapolar e fazermos com que toda a mensagem adventista, ou a mensagem do advento seja só a mensagem de saúde. A mensagem da saúde tem o seu lugar dentro do todo da mensagem e este equilíbrio nós devemos manter. Mas, é verdade que há pessoas que se especializam numa área ou na outra, no entanto nunca devem esquecer que é uma parte do todo. É uma das coisas importantes porque quando a pessoa está doente, está passando por problemas de saúde, ela está aberta para receber influências, especialmente do testemunho de pessoas que já passaram por aquilo. Então, se o membro da igreja, já passou pela experiência, pode partilhar da sua experiência pessoal da recuperação da saúde seguindo os princípios exarados nas escrituras

sagradas então terá uma influência muito grande para conquistar a pessoa. E eu vejo como, e a senhora White também diz, que o braço direito da mensagem é a mensagem da saúde. Outras pessoas que, por exemplo, não entrariam em uma igreja para ouvir a mensagem, aceitam vir para uma reunião onde vai aprender fazer alguma coisa de bom para a saúde. Não somente o preparo de alimentos saudáveis, mas também fazendo pequenos tratamentos que se faz em casa usando os meios naturais. Seria está a maneira de quebrar o preconceito, usando a mensagem de saúde como uma cunha de entrada e neste sentido é que eu acho que a mensagem de saúde é o braço direito da mensagem.

9. Poderia citar alguns tratamentos simples que o membro leigo poderia estar fazendo como um trabalho médico-missionário?

R. Coisas simples como por exemplo fomentações quentes, banho quente e frio, pode se fazer clister, ou lavagem. São coisas muito simples, ou também ensinar a cozinhar, preparar alimentos saudáveis, fazer pão ou coisa semelhante. A hidroterapia, hidromassagem. Poderão também aprender coisas que ninguém pode proibir e sem serem taxados de charlatões ou coisas semelhantes.

10. Em sua opinião, qual a relevância do trabalho médico-missionário dentro da igreja adventista para os dias atuais?

R. Nos temos que entender o seguinte, na realidade o mundo hoje é um hospital e se nós fossemos levar em consideração as pessoas que sofrem de alguma coisa, alguma doença, de algum problema de saúde,

veríamos que mais de 50% da população sofre. Então, a coisa é simples, deve haver mudanças de temperança, de uso, de hábitos prejudiciais. Os membros da igreja poderiam alertar outros e trazê-los para verdade através desta mensagem. Portanto, nos dias atuais a questão da saúde, em vez de começarmos a orar por milagres permitindo que a pessoa continue na sua desobediência as leis da saúde, vamos ensinar as pessoas a obedecerem as leis da saúde e o milagre virá automaticamente, naturalmente na cura das doenças porque, Deus age através das leis naturais e se nos ensinarmos as pessoas a compreenderem a situação de que eles precisam e devem obedecer as leis que estão colocadas dentro de seu próprio organismo então se enquadrando dentro destas leis automaticamente, elas irão aceitar mais facilmente a mensagem.

ANEXO 4: Entrevista: Dr. Helder Arco.

1. Há quanto tempo é médico e qual é sua experiência dentro do meio adventista?

R. Nós nos formamos em 1989, portanto aproximadamente dezoito anos já como médico. Nos primeiros nove anos eu trabalhei desvinculado a instituições adventistas, nosso trabalho era mais nas igrejas e ajudando a saúde através de falas em encontro de casais, porque quando você consegue estabelecer harmonia no lar você

consegue evitar uma série de doenças psicossomáticas, portanto está fazendo saúde também. A partir de 1999 para cá comecei a trabalhar em instituições adventistas, inicialmente no Hospital Adventista do Pênfigo, depois na Clínica Adventista de Curitiba e agora aqui no Cevisa, Centro de Vida Saudável em São Paulo, então estas foram às experiências ligadas às instituições. Nessas instituições como as três são diferentes entre si as ações eram diferentes, o primeiro era em um hospital, o segundo, em uma clínica ambulatorial e aqui é um centro de vida saudável. As ações são diferentes entre si, mas, todas elas ajudando o próximo e em todas elas tendo a oportunidade de orar com as pessoas no consultório e de dar um direcionamento não somente sobre saúde, mas também qual é o caminho correto que se deve seguir.

2. Quando surgiu o seu interesse pela área de saúde?

R. Aos oito anos de idade. Meu pai é pastor jubilado hoje, na época havia uma pequena escola de estudos em religião no fundo da igreja e ele mesmo me disse que quando eu tinha poucos anos ele me perguntou e desde os meus oito anos de idade eu já dizia que queria ser médico, então eu atribuo isto a minha infância.

3. A partir de sua experiência, defina em breves palavras o que é ser um médico missionário?

R. Eu creio que ser um médico missionário é fazer valer a premissa de que o ser humano deve ser sacerdote porém, profissional. Todos nós devemos ter a noção de que estamos passando por este mundo e temos um papel a desempenhar, uma missão a desempenhar e obviamente

cada um vai usar a sua profissão para alcançar esta missão, no caso do médico ele vai tentar estar mais próximo de fato do que Jesus foi na Terra. Porque se tem uma coisa que Jesus fez na Terra foi ser médico-missionário. Era alguém que satisfazia as necessidades físicas primeiro das pessoas que o procuraram para depois lhes falar a mente e direcionar ao céu. A nossa missão como médico missionário é satisfazer as necessidades físicas das pessoas, resolvendo não de forma assistencialista a fome, por exemplo, mas satisfazendo, promovendo saúde, ou curando, ou sendo usado por Deus para curar algum problema, porque o médico é o meio, e o executor da verdade é Jesus. Então, quando ele estiver trabalhando de tal forma que possa ser usado que possa mostrar como ter um estilo de vida adequado de tal forma que a mente seja desembotada para que a verdade principal da salvação possa chegar de maneira plena. Ao estar fazendo isto, orientando o estilo de vida, curando e orando obviamente com o paciente, mostrando para ele qual é o caminho a seguir, não somente na área de saúde, mas como vida, ele está sendo médico missionário.

4. Como acha que um pastor distrital pode ajudar no trabalho de uma instituição médica que esteja nas redondezas da igreja?

R. O pastor distrital pode ajudar basicamente trabalhando com os seus membros. Quando ele incute a necessidade para seus membros cuidarem de seu corpo, quando eles conseguem ver e obviamente o pastor dando estímulo pastoral, que ele consegue ver que através de um cuidado aprimorado com o corpo ele estará pregando. Muitos não

darão a oportunidade de você falar a respeito da doutrina do sábado, do santuário, da imortalidade da alma, mas irão perguntar por que você não come carne, por que você é saudável, porque que você não toma café, porque que você não fuma, não toma bebida alcoólica e ao você explicar isto e muito mais. A saúde é uma coisa tremenda, pois, desta forma você vai tendo espaço para demonstrar para estas pessoas o porque você é assim. Não é uma regra, e se você não cumprir, Deus te puxa a orelha e sim você tem um estilo de vida baseado na orientação de quem te criou, pois Ele sabe muito bem como funciona este corpo. Até porque o corpo não é teu como diz Salmos 24:1, Deus então nos dá um corpo para nós administrarmos para Ele. A partir do momento que isto fica claro para o membro, ele vai se interessar também nos não-adventistas, para que estes tenham também um estilo de vida saudável e vão conseguir mostrar a estas pessoas e instituições que irão contribuir com ele para que ele vença o cigarro, controle o estresse a depressão, a hipertensão e a diabetes e quais são as medidas para não ter todas estas coisas e ele vai fazer um trabalho de campo e estará aumentando com a instituição de maneira abalizada, científica, sem desfazer de todo o conhecimento espiritual e bíblico que possa passar com segurança. Por exemplo: é importante nós, como instituição, enviar para o pastor depoimentos de pessoas com depressão, tirando o estigma de que depressão é estar longe de Deus. Quando você mostra todo o misticismo, a experiência de Jó, uma pessoa que estava alinhada com Deus e, no entanto teve depressão, ele

vai começar a ver encanto, pois dentro da verdade que professamos existe interesse personalizado pelas pessoas e então começam a ver salvação no cuidado do corpo, até porque como diz lá em I Tessalonicenses 5:3, nós deveremos apresentar a mente, alma e o corpo irrepreensíveis para o nosso Senhor Jesus.

5. Através de sua experiência, como podemos interagir religião no trabalho de saúde, ou seja, como e quando eu posso testemunhar de minha fé no trabalho médico sem forçar a religião?

R. É o método nosso no CEVISA, tentar mostrar para as pessoas sem proselitismo, primeiro colocarmos a Jesus. A vantagem que você tem dentro de um programa como do Centro de Vida Saudável que reforça a necessidade de um estilo de vida. Você não foca em dogma, não foca em letra, não foca em religiosidade, você foca no relacionamento com Deus, é só no relacionamento com Deus que você consegue reativar e reformar seus hábitos, se não, você não vai conseguir. Quando você consegue fazer com que a pessoa ame o autor da vida, o Criador do corpo, ele com certeza vai entender o mecanismo científico e vai por gratidão mudar o seu estilo de vida.

6. Se tivesse que montar um projeto médico missionário para pessoas leigas dentro de uma igreja local, que tipo de programa sugeriria para os membros?

R. A coisa mais importante que o membro deve fazer é viver o que sabe, por exemplo: se pretensamente levarmos em consideração que uma família come adequadamente vamos pensar que esta mulher (a

dona de casa) sabe fazer um bom pão, quando a mulher em uma sexta feira faz uns pães para si e uns pães para o vizinho e chegar um pouco antes do por do sol e levar de presente um pão saudável estará fazendo um trabalho adequado. Minha esposa descia para o play ground com o meu filho, quando morávamos em um condomínio, e se juntava com outras mães, então as outras mães começaram a dizer que o nosso filho era diferente das outras crianças, tem mais força, o que você dá para ele comer de manhã. E ela explicava: frutas, iogurte, fibras, aveia entre outros. Eles assustavam e diziam, mas só isto no desjejum. Então perguntavam o que comiam no almoço. Então ela explicava e elas respondiam: mas só isto o deixa tão forte. Ao dizer para a pessoa como você educa seu filho você estará dizendo para a pessoa como ela deve viver, comer forte de manhã cedo, intermediariamente no almoço, e menos no jantar. Devagar você está plantando na mente das pessoas, então, a primeira coisa que o membro deve fazer é viver, testemunhar e dizer para as pessoas o que aconteceu quando passou a viver aquela experiência. Meu pai, por exemplo, se batizou quando tinha vinte anos, ele tem máculas na perna até hoje. Mas ele disse: quando parei de comer carne não apareceu mais nenhuma ferida nas pernas. Então, quando você começa a testemunhar sobre a sua vida prática é mais eficaz, este é o grande motivo pelo qual temos dificuldade de pregar hoje, por não viver a verdade falada. Em Êxodo 15:26 entre parêntesis aparece a frase: nenhuma enfermidade virá sobre ti das que enviei sobre o Egito. Podemos nos perguntar: será que

Deus enviava enfermidades para os egípcios? Com certeza não. O que Deus estava querendo dizer é que se o povo usasse o estatuto que tinha, teria uma vida saudável diferente da vida dos egípcios. No entanto, deveriam seguir as orientações escritas. Será que o egípcio moderno está padecendo das mesmas doenças ou de doenças diferentes dos israelitas modernos. Talvez por estarmos tendo as mesmas doenças às pessoas não conseguem perceber um estilo de vida adequado. Na verdade não estamos tendo um estilo de vida adequado, estamos tendo um estilo de vida parcialmente adequado, a primeira coisa que o membro de igreja deveria fazer é viver de forma saudável e comunicar isto. Por exemplo, na páscoa em vez de dar um chocolate para o vizinho, leva um bom suco para conversarem sobre o real significado desta data, e no Natal a mesma coisa. Aos poucos vai plantando, quando a pessoa quiser conversar sobre este assunto para pedir um conselho, ela mesma vai te procurar. Dependendo da classe social a qual você pertence do lugar onde você trabalha poderá, induzir uma sipat da empresa a qual você trabalha para que lá seja feita uma palestra sobre depressão, abandono do tabaco, do álcool, importância de uma vida pura, evitando as DSTs, por trás disso alguém poderá estar mostrando a estabilidade daquilo que você tem como norma na vida e por isso tem mais saúde. Aproveitando o dia 31 de maio, que é o dia internacional do não fumar, podendo usar a mídia da cidade de forma gratuita ou o dia 29 de Agosto que é o dia nacional do não fumar. Motivar uma caminhada, utilizando o conhecimento

com criatividade as coisas que estão acontecendo no mundo, porque senão nós ficamos espantados quando aparece uma matéria da revista *National Geographic*, como apareceu o ano passado, colocando as pessoas que vivem centenariamente, os adventistas dizem: oh que maravilha, mas era para estarmos vivendo muito mais do que os outros. A carga genética nossa hoje, pós diluviana, como a própria Bíblia fala é para viver 120 anos. Hoje se tivermos um estilo de vida saudável, nos vamos viver cento e vinte anos, não vive mais novecentos, como os ante diluvianos, por causa da deteriorização da natureza e a permissão de algumas coisas que Deus fez. Após o dilúvio Deus permitiu que o homem comesse carne para que vivesse menos. Nós às vezes ficamos em dúvida se devemos ou não devemos comer carne. Deus fez relação direta da esperança de vida com o comer ou não comer carne. Longe de pensar que a obra médico-missionária é comer ou não comer carne. Até porque muitas pessoas que são ovo-lacto-vegetarianas abusam muito do doce, pois, quando mistura leite, ovo e açúcar isto é muito pior do que a carne. Os membros que são enfermeiros junto com outros profissionais da saúde podem trabalhar junto ao INCRA transformando aquela instituição de saúde desvinculada da instituição adventista como uma instituição livre do tabaco. Montar programas de exercícios, incentivo a beber água baseado nas oportunidades e na classe social em que ele vive. Como empresário, por exemplo, será muito mais fácil influenciar as

peessoas da empresa a trocar o café por um chá de erva doce explicar para os funcionários, fornecedores e simpatizantes.

7. Que cuidados enfatizaria neste trabalho, ou seja, o que fazer para não cair em extremos e como identificar os limites do trabalho?

R. A coisa mais importante é nós sabermos que o mundo carece de pessoas equilibradas, eu acho que a própria definição de temperança explica tudo isto. O que é viver saudavelmente? E alguém diz: é viver temperante e a pessoa para e fala: temperança é moderação. Então a pessoa diz: então eu vou fazer um pouquinho de coisa ruim e um pouquinho de coisa boa que vai dar tudo certo e a temperança não é isso. Eu não uso o que me faz mal e eu vou ser moderado nas coisas que me faz bem. Desta forma eu vou me abster das coisas que me fazem mal e vou usar judiciosamente o que me faz bem. Quando eu vejo isto aí eu vou errar menos e não posso colocar, por exemplo, que algum hábito de saúde se torne maior que pessoas. As vezes somos capazes de brigar com alguém por causa da carne e a pessoa é mais importante que comer ou não comer a carne, somos capazes de brigar com alguém que não faz exercícios e apesar de exercícios serem importantes a pessoa é mais importante. Então a primeira coisa que temos que colocar em mente é o que Jesus tem em mente é a prioridade na pessoa e não no hábito que ela tem. Isso não significa que eu amando as pessoas ela tem o hábito que quiser, mas é justamente no amor que eu tenho pelas pessoas que eu vou saber

conduzir os hábitos de tal forma que as pessoas mudem até por sentir a minha dedicação em relação a elas. Puxa como você é altruísta, está sempre aqui do meu lado me provendo isto, me provendo aquilo, me dando um bolinho aqui, me dando um assado ali, tudo dentro dos nossos moldes. Quando entendermos isto dificilmente iremos a extremos. Agora, quando quisermos fazer da obra de saúde o que ela não é, e aqui existe uma coisa importante, a Bíblia usa três partes do corpo apenas. Quando ela fala de cabeça, ela fala de Jesus como sendo a cabeça apenas, como a igreja não é edifícios e sim pessoas, Jesus é a nossa cabeça. Quando ela fala de corpo, se referindo ao tronco, ela está falando do ministério evangélico, e quando ela fala de braço direito, ela está falando da obra médico-missionária, ou mensagem de saúde, quando entendermos isto nós daremos o devido tamanho a mensagem de saúde e ao braço direito. Não é a cabeça e nem o corpo, mas também não deve ser amputado. Quando entendermos isto, que saúde tem um papel preponderante, quando eu digo que uma pessoa é o meu braço direito, estou dizendo que esta pessoa é muito importante. Então, quando Deus fala que a obra de saúde é parte da terceira mensagem angélica, não é qualquer obra, é a obra. O braço direito é uma obra especial, e se a terceira mensagem angélica está dentro da verdade presente, por que, com certeza, se Deus quer fazer do nosso corpo morada do Espírito Santo, Santuário, com certeza Ele quer que cuidemos adequadamente do nosso corpo para ele.

8. Que importância vê no trabalho médico-missionário dentro da nossa igreja para os dias em que vivemos? Como ele facilita a penetração adventista em comunidades de difícil acesso?

R. A obra médico-missionária nesta época é, quando pegamos todos os relatos do Espírito de Profecia, quando diz que as escolas serão as primeiras a serem fechadas e por último as instituições de saúde, ela tem a função de apagar a luz do trabalho missionário da Terra. Quando entendermos isto, que ela vai ser última, porque se usada adequadamente ela vai ser a última a receber rejeição, desde quando você perguntou na questão anterior, que seja usado sem proselitismo, sem radicalismo, agora me preocupo quando uma pessoa diz assim: você está usando isto de forma muito radical, por que rotular pessoas é a melhor forma de não mudar. Quando alguém me fala alguma coisa e eu não quero fazer, eu a rotulo para não fazer mudança alguma. Já a mais de quarenta anos ouço as pessoas falando que quando alguém vai tratar de saúde que aquela pessoa é radical e eu não tenho visto os liberais evoluírem nesta área. Acho importante que as pessoas tenham isto claro, para que possamos mudar de hábito nós precisamos fazer uma radicalização para o bem, o que quero dizer com radicalização para o bem, vou dar um exemplo: eu tinha um colega médico que não conseguia beber água fora de casa, ele se esquecia, ele colocou o relógio de pulso para as 9:30 da manhã despertar, para que no intervalo da consulta se lembrasse de tomar dois copos de água. E as 15:30 da tarde a mesma coisa. Hoje ele não precisa mais fazer isto,

por que, porque agora virou um hábito, ele se disciplinou. Então este “radicalizar” para o bem, significa tomar uma atitude que vai fazer com que aquilo se torne um hábito. Quando caminharmos desta forma, nós conseguiremos realmente bastante avanço. Eu vejo que quando nós trabalharmos, e podemos trabalhar sem medo. Temos visto aí pessoas: Osmar Santos, Cid Moreira, os artistas todos, a maioria é vegetariano. E às vezes eles dão mais valor para um estilo de vida adequado do que nós mesmos. O que precisamos é chegar firme com isto mostrando que temos uma verdade diferenciada para falar. Dizer: eu estou vivendo algo que você não conhece. E muda para ver como vai ser diferente a sua vida. Quando tivermos esta noção as coisas vão acontecer melhor, não precisamos ter medo, precisamos ir às rádios, fazer programas de minuto de saúde. Concluindo o que vinha dizendo, posso dizer que, através da saúde você poderá falar tranquilamente para pessoas diferenciadas, é muito mais fácil você alcançar a classe A e B com saúde do que com outro mecanismo de evangelismo. Segundo aspecto, você pode contextualizar isto no meio judaico, no meio islâmico, no meio budista. Por que talvez seja o único jeito de poder entrar, por que não se precisa, para colocar saúde, colocar de início a Bíblia e em nossa religião não tem como entrar sem a Bíblia. E se ele não aceita a Jesus, como é que vamos falar e abrir a Bíblia para ele, vai ter que ter um outro tipo de abordagem. Por que se ele tiver simpatia com você através da saúde, como diz o Espírito de Profecia, usando realmente como cunha de entrada, lembrando que

aquilo foi a obra pioneira e vai ser também a derradeira, onde estaríamos batizando um poderíamos estar batizando dois. Por que as pessoas começariam a entender com mais facilidade que, ao eles terem saúde serão pessoas melhores, que isto afeta a sua maneira de ser, serão pessoas mais sadias, e é lógico, ao conseguirmos estes avanços, teremos que estar preparados para os ataques satânicos. E aqui existe uma coisa importante, não sei se seria nesta pergunta o melhor momento para responder, nos precisamos passar algo seguro para os nossos membros e para as outras pessoas, falar sobre saúde hoje, tem sido muito superficial. Temos que cuidar, o inimigo tem entrado muito pelas medicinas alternativas, e nós não temos tido estudos fortes contra a homeopatia, acupuntura, a iridologia e assim por diante. Enfim, energizações, vitalismos, nós temos que criar defesas. Temos que conseguir uma maneira em que ele não possa desvirtuar a saúde, quando a igreja começou com a mensagem do viver saudável o mundo entrou pra valer com o mesmo assunto. Só que ele vai trabalhando em cima de um monte de teorias orientais, reflexologias, cromoterapias, energizações de cone, vibrações, temos que cuidar bastante neste aspecto, fazer a boa saúde. Porque vários são os métodos que curam, diz a irmã White, mas apenas um é o aprovado por Deus. E a medicina adventista também tem que se cuidar da medicina fitoterápica ou herbática, por que algumas pessoas acham que medicina adventista, saúde, é viver como querem e quando adoecer usa planta, chazinho e assim por diante, e a medicina

adventista não é nada disso. Como diz uma das crenças fundamentais isto está dentro da conduta cristã. Nós precisamos prevenir e sempre ter uma vida e uma conduta que previna a doença e caso a doença venha, como temos um corpo ferido pelo pecado, o que nós temos de mais científico, o que nós temos de mais seguro, e nós precisamos ser um reduto seguro para os nossos membros através das nossas instituições e também para as pessoas daí de fora. As pessoas de fora têm enxergado isto, e voltando aquela sua pergunta lá de trás, é muito importante que os pastores distritais mostrassem o valor das instituições como reduto seguro para obra de saúde nos nichos onde estão inseridos.

9. Qual a reação de um paciente quando sabe que está sendo atendido por um médico religioso? Que oportunidades vê nestas reações do paciente?

R. O paciente demonstra aquilo o que ele mais espera em um médico. Quando alguém procura por um médico ele procura por algo chamado segurança. Ele vai ao médico porque confia nele. 68% dos pacientes não voltam para os seus médicos, por que não sentem que seus médicos estavam interessados nele, eles percebem que os médicos estavam interessados no convênio que ele tem, na técnica em que ele ia empregar, na doença que o paciente tem, mas, não nele, e quando um médico cristão começa a dedicar dando atenção aquele paciente, entendendo de gente e não de doença, entendendo de vida e de saúde e não de doença. Mostrando como pode ser diferente e não apenas

remediando a doença ele começa a ter segurança. Quando você começa a mostrar em pequenos detalhes interesse nele ele não deixa de voltar, e principalmente quando ao sair do consultório orar com o paciente pedindo a Deus que ajude a ele, mas que dê sempre sabedoria a nós médicos para poder tratá-lo, então ele tem segurança. E isto, tem feito com que as pessoas voltem, às vezes para resolver problemas que nem são de nossa especialidade por causa da segurança que adquiriram. Por isso, creio que dentro de um consultório, se o paciente se encanta com aquilo que nós somos vai ser mais fácil ele saber quais são os valores que nós seguimos.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DO CONHECIMENTO QUE A JUVENTUDE ADVENTISTA POSSUI DOS TEMAS PROFÉTICOS DE DANIEL E APOCALIPSE

Thiago de Oliveira Silva e Waltenes Caetano da Silva Vieira

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2006

Orientador: José Carlos Ramos, D.Min.

thiago_oliver@hotmail.com / w7caetano@hotmail.com

RESUMO: Objetiva-se determinar o nível de conhecimento dos jovens adventistas quanto às profecias de Daniel e Apocalipse, e sugerir uma estratégia para levá-los a ampliar a compreensão desse assunto. A pesquisa apresenta um estudo de campo com os jovens de algumas igrejas adventistas do interior de São Paulo, além dos que assistem nos templos do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (SP) e da Faculdade Adventista de Minas Gerais, em Lavras (MG). Concluí-se que o conhecimento dos jovens entrevistados sobre profecia é muito deficiente, e que existe uma carência na abordagem do tema por parte dos líderes das igrejas locais e de preparo de material adequado para esse tipo de instrução.

PALAVRAS-CHAVE: profecias, conhecimento, jovens.

A STUDY ON THE KNOWLEDGE LEVEL OF THE ADVENTIST YOUTH CONCERNING THE PROPHETIC THEMES OF DANIEL AND REVELATION

ABSTRACT: The goal of this research is to verify the level of knowledge of the prophecies of Daniel and Revelation among Adventist youth, and to suggest strategies to improve it. This study was built upon a field investigation among Adventist young people of some churches in the State of São Paulo, besides the youth members of the Adventist churches of the Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (SP), and young people from the Faculdade Adventista de Minas Gerais, in Lavras (MG). It was verified that the general level of knowledge is rather low, and that these prophetic themes are seldom dealt with by local church leaders, and there is a lack of adequate material on the subject.

KEYWORDS: prophecies; knowledge; youth.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Curso de Teologia

**UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DO CONHECIMENTO QUE A
JUVENTUDE ADVENTISTA POSSUI DOS TEMAS PROFÉTICOS
DE DANIEL E APOCALIPSE**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
a Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Thiago de Oliveira Silva
e
Waltenes Caetano da Silva Vieira

Dezembro de 2006

UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DO CONHECIMENTO QUE A JUVENTUDE ADVENTISTA POSSUI DOS TEMAS PROFÉTICOS DE DANIEL E APOCALIPSE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
a Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Thiago de Oliveira Silva
e
Waltenes Caetano da Silva Vieira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

José Carlos Ramos, DMin
Orientador

Avaliação

José Miranda Rocha, DMin
Leitor/Adjunto

Data da Aprovação

Amim A. Rodor, Th D
Coordenador do Curso de Teologia

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	01
Definição do problema e Justificativa do Estudo	01
Propósito do Estudo	02
Escopo	02
Delimitação	02
Pressuposições	02
Uso de Fontes	03
Bibliografia Básica	03
II. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO EM PROFECIA.....	04
2.1. A Bíblia e a Importância do Estudo Profético	04
2.2. O Papel das Profecias no Antigo Testamento	04
2.3. O Papel das Profecias no Novo Testamento	05
2.4. Ellen G. White e a Importância do Estudo das Profecias	06
2.5. Conclusão.....	08
III. PESQUISA: CONHECIMENTO PROFÉTICO EM DANIEL E APOCALIPSE... 10	
3.1. Idade.....	10
3.2. Sexo	11
3.3. Você Gosta de Temas Proféticos?	11
3.4. Com que Freqüência Você tem Ouvido Sobre Temas Proféticos nos Sermões?.....	12
3.5. Em Sua Opinião, Qual o Nível de Conhecimento Sobre Profecia Que Você Julga Ter?	12
3.6. Quem Escreveu o Livro de Daniel?	13
3.7. Que Rei Teve Um Sonho Profético?.....	13
3.8. No Sonho Profético, Qual Era o Reino Representado Pelo Bronze? ..	14
3.9. Quando Terminam As 2.300 Tardes e Manhãs de Daniel 8:14?	14

3.10. Quando Terminam as 70 Semanas de Daniel 9?	15
3.11. Qual o Significado de “O Dia do Senhor” de Apocalipse 1:10?	15
3.12. Quem Escreveu o Livro do Apocalipse?	16
3.13. Qual Igreja Representa o Período da Historia em Que Vivemos?.....	16
3.14. Quem São as Duas Testemunhas de Apocalipse 11:3?	17
3.15. Quantas São as Mensagens Angélicas de Apocalipse 14?.....	17
3.16. Conclusão.....	18
IV. ESTRATÉGIAS PARA O ESTUDO DE DANIEL E APOCALIPSE.....	19
4.1. Estudo Bíblico.....	19
4.2. Pequenos Grupos (Estudo Direcionado)	20
4.3. Programas JÁ.....	20
4.4. Semanas de Oração.....	21
4.5. Seminário Jovem de Daniel e Apocalipse aos Domingos.....	21
4.6. Revista <i>Conexão JÁ</i>	21
4.7. Conclusão.....	22
CONCLUSÃO.....	23
APÊNDICE A	
Modelo Sugerido de Estudo Bíblico Apocalipse 3.....	24
APÊNDICE B	
Modelo Sugerido de Estudo Bíblico Daniel1	28
APÊNDICE C	
Pesquisa Realizada com os Jovens.....	32
BIBLIOGRAFIA	34

INTRODUÇÃO

Deixando de parte todos os livros, exceto a própria Bíblia e a concordância de Gruden, ele (Miller) começou pelo primeiro verso de Gênesis 1 e não avançava mais depressa do que podia tratar dos problemas que as passagens levantavam. Usando a margem e a concordância, ele permitiu que a Bíblia se interpretasse a si própria. Uma por uma, a maior parte de suas aparentemente insolúveis contradições desapareceram.

Melhor do que tudo, ele havia descoberto que Jesus, seu amável amigo e Salvador prometera retornar à Terra! Descobriria que muitas outras promessas proféticas haviam sido cumpridas, então por que não esta? Um dia, então, deparou com o texto que haveria de marcá-lo para o resto da vida – Daniel 8:14:” *Até duas mil e trezentas tarde e o santuário será purificado.*¹

A igreja Adventista surgiu de um movimento profético. A igreja crê que faz parte do povo de Deus para os últimos dias e crê no Espírito de Profecia, manifestado na pessoa de Ellen G. White. Tudo isso faz com que, como denominação, estejam intimamente ligados à profecia, e é impossível exagerar a importância do conhecimento profético da parte do povo Adventista. O tema proposto como trabalho de conclusão do curso de teologia é: “Um estudo sobre o nível do conhecimento que juventude Adventista possui dos temas proféticos de Daniel e Apocalipse”.

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Embora estudo das profecias tenha sempre sido algo primordial para os adventistas, deveria haver uma preocupação desta igreja face ao eventual desconhecimento profético que vem ocorrendo no seio de um dos seus segmentos mais importantes, os jovens. Considerando que o mundo vive o tempo do fim, e que há a necessidade de se preparar para os últimos acontecimentos e para a volta de Jesus, um plano viável que os conduza a um conhecimento mais significativo das profecias bíblicas é imperativo.

PROPÓSITO DO ESTUDO

Objetiva-se determinar o nível de conhecimento dos jovens da IASD quanto às profecias de Daniel e Apocalipse, e sugerir uma estratégia para levá-los a ampliar o conhecimento nesse assunto.

¹C. M. MAXWELL. *História do Adventismo*, (Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira. 1982), 12 – 13.

ESCOPO

O estudo será desenvolvido em quatro capítulos: No primeiro será feita uma introdução ao tema proposto, compreendendo uma definição do problema, o propósito do estudo, um escopo do material, definição de termos, a metodologia utilizada e um resumo do que será abordado.

No segundo capítulo será analisada a Bíblia quanto à importância do estudo das profecias, com uma abordagem do Antigo e Novo Testamentos. Ainda no mesmo capítulo, mostrar-se-á textos de Ellen G. White que dão suporte à importância do estudo das profecias, principalmente nos livros de Daniel e Apocalipse, alvo de nosso estudo.

No terceiro capítulo será apresentado o resultado de uma pesquisa de campo, com gráficos comentados.

Finalmente no quarto capítulo dar-se-á sugestões de como aumentar o interesse por parte da juventude adventista no estudo destes importantes livros Bíblicos.

DELIMITAÇÃO

A pesquisa será feita com jovens adventistas apenas da região onde ocorrem os estágios do 4º ano de teologia, e com alunos do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC) campus Engenheiro Coelho/SP e da Faculdade Adventista de Minas Gerais (FADMINAS), em Lavras, Minas Gerais. Por essa pesquisa ter sido realizada nos colégios de regime interno, a abrangência de seus resultados é muito grande, pois, nos colégios concentram-se jovens de várias regiões do país. Isso faz com que o estudo não apresente apenas os resultados de uma região, mas também os de outras representadas por esses alunos.

PRESSUPOSIÇÕES

Levou-se em conta a condição laodiceana do povo e da maioria dos jovens da igreja. A Bíblia é clara em dizer que “não havendo profecia o povo se corrompe” (Pv. 29: 18);² pode-se, então, concluir que, mesmo que haja profecia, se não houver um

² Salvo de outra forma indicado, as citações deste estudo serão extraídas da *Versão Almeida Revista e Atualizada, segunda edição*.

conhecimento orientado do estudo dela o povo entra em mornidão, o que é um tipo de “corrompimento”.

A presente pesquisa estabelece o pressuposto de que os jovens adventistas carecem estudar as profecias para a obtenção do conhecimento que os levará a superar o superficialismo religioso, levando-os a uma experiência espiritual concreta e efetiva.

USO DE FONTES

Como fonte do estudo profético algumas obras de autores adventistas e não adventistas são de inestimável valor; elas substanciam a importância da profecia. Tais obras aparecem na bibliografia ao final deste trabalho.

Também foram utilizados trechos dos escritos de Ellen G. White onde ela enfatiza a necessidade de se estudar os livros de Daniel e Apocalipse.

TERMINOLOGIA

Neste estudo, a sigla IASD refere-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por outro lado, a fórmula “Jovens Adventistas” aponta para o segmento jovem da Igreja Adventista.

CAPITULO II

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS PROFECIAS

Neste capítulo será analisado na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White a importância do tema proposto. Procurar-se-á mostrar o valor do estudo das profecias, para os judeus e então para os Adventistas do Sétimo Dia.

2.1. A BÍBLIA E A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO PROFÉTICO

“Como nação à vida de Israel gravitava entre política e religião, ambas interligadas, a primeira sendo normatizada pela segunda”¹. O espírito religioso do povo era nutrido e orientado pela revelação divina, tornada efetiva pela palavra profética. O profeta era o porta voz de Deus, e não ouvi-lo era ignorar as orientações divinas, o que significava a queda moral e social do povo. Por outro lado, a atenção à mensagem profética e aceitação de suas injunções eram a garantia de segurança e prosperidade. Num momento de crise, o piedoso rei Josafá conclamou o seu povo com as significativas palavras: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis” (II Cr 20: 20).

Em outra parte da Bíblia Deus diz: “o meu povo perece por falta de conhecimento” (Os 4:6). A ruína dos israelitas acontecia não por serem eles ignorantes ou por possuírem um quociente de inteligência abaixo do normal, mas sim porque conscientemente rejeitavam a orientação divina; não buscavam a direção dAquele que sabe todas as coisas e vê o fim desde o princípio.

2.2. O PAPEL DAS PROFECIAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Ao estudarmos a Bíblia, percebemos alguns motivos pelos quais as profecias foram dadas. Elas propiciam esperança. Em Gênesis se encontra a promessa da vinda do Messias. Ele viria, esmagaria a “serpente” e aniquilaria o pecado (ver

¹ Citação feita pelo Professor José Carlos Ramos em uma entrevista pessoal.

Gênesis 3: 15). Essa profecia foi dada como fruto da misericórdia para suscitar esperança e expectativa para o povo de Deus.

Outra profecia alentadora aparece em Isaías 53. Ali há uma descrição do Messias e de Sua obra. Mesmo uma leitura apressada do texto leva o leitor à convicção de que cada detalhe profético aí exposto se cumpriu em Jesus. Cada palavra aí registrada solidifica o cumprimento do maior de todos os anseios: a erradicação do pecado.

As profecias também tinham a intenção de consolar o povo. Tal é o caso da profecia dos 70 anos de cativo que o profeta Jeremias fez. Embora fosse algo que estaria causando grande sofrimento para o povo, Deus os consolou com a esperança de que após 70 anos eles retornariam para Jerusalém.

Deus desejava que o povo recebesse Suas orientações, seguisse-as e continuasse vivendo. Assim foi com os ninivitas. Deus em Sua misericórdia, mesmo contra a vontade de Jonas, levou-o até Nínive com a mensagem de que em 40 dias a cidade seria subvertida (ver Jonas 3: 4). A profecia foi dada com o desejo de que aquele povo se arrependesse de seus maus caminhos e se voltasse ao Senhor, o que, de fato, aconteceu. Os ninivitas obedeceram aos reclamos de Deus e permaneceram vivos.

O Antigo Testamento está repleto de profecias que foram direcionadas a Israel, nações gentílicas, a determinadas pessoas, à humanidade, e a todo o planeta, sempre com o intuito de dar esperança, consolar, converter e anunciar de antemão o juízo divino. Estas mesmas características estão presentes no material profético do Novo Testamento, com implicações para seus receptores.

2.3. O PAPEL DAS PROFECIAS NO NOVO TESTAMENTO

Conforme II Pedro 1: 21, “jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”. O mesmo Deus foi quem deu as profecias de ambos os Testamentos, e o mesmo Espírito inspirou a todos os escritores bíblicos. A profecia sempre teve o mesmo objetivo.

Como visto, as profecias traziam esperança, consolação, conversão, anunciavam o juízo de Deus, e esclareciam Sua vontade para o homem. Com essas

virtudes as profecias no Antigo Testamento tinham o objetivo de apelar para um relacionamento mais íntimo com Deus e desenvolver a esperança messiânica.

Já no Novo Testamento, temos o cumprimento dessas promessas vétero-testamentárias na pessoa de Jesus, mas agora as profecias dadas pelo próprio Jesus (Jo 14: 1-3), por Paulo (I Ts 4: 15-18), por João (Ap 22: 6 e 7) e outros escritores sagrados apontam para uma realidade futura que chegou até nossos dias: a esperança de uma Nova Terra, sem morte, dor, sofrimento - um lugar onde viveremos eternamente. Ambas as profecias, do Antigo e Novo Testamentos, completam-se, pois o principal objetivo delas é trazer o homem de volta a Deus, anunciando-lhe Jesus e movendo-o a se preparar para o Seu reino.

Em toda a Bíblia, muitos são os livros que contêm profecias. No entanto, entre os do Antigo Testamento classificamos o livro de Daniel, e o de Apocalipse no Novo Testamento, como livros que trazem uma mensagem que merece um estudo mais profundo. As profecias destes dois livros estão em conexão não só entre elas, mas também com o tempo em que vivemos.

2.4. ELLEN G. WHITE E A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS PROFECIAS

Como dito antes, os Adventistas crêem no Espírito de Profecia (ver Apocalipse 19: 10) manifesto na pessoa e escritos de Ellen G. White. Torna-se, então, indispensável à análise de alguns textos desta autora, em que é feita referência aos livros de Daniel e Apocalipse, bem como sua importância para o povo remanescente.

A profecia tem estado a cumprir-se, ponto por ponto. Quanto mais firmes estivermos sob a bandeira da mensagem do terceiro anjo, tanto mais claro havemos de compreender a profecia de Daniel; pois o Apocalipse é o suplemento de Daniel. Quanto mais plenamente aceitarmos a luz apresentada pelo Espírito Santo mediante os consagrados servos de Deus, tanto mais profundas e seguras, mesmo como o trono eterno, parecerão às verdades da profecia antiga; teremos a certeza de que homens de Deus falaram segundo foram inspirados pelo Espírito Santo. Os próprios homens devem estar sob a influência do Espírito Santo a fim de compreenderem Suas declarações mediante os profetas. Essas mensagens foram dadas, não para aqueles que enunciaram as profecias, mas para nós que vivemos entre as cenas de seu cumprimento.³

Ela enfatiza a importância do estudo profético, especialmente dos livros de Daniel e Apocalipse os quais, outras como diz, complementam-se. Vale salientar

³ Ellen G. White; *Mensagens Escolhidas*, Vol. III (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002) pp. 448.

que várias profecias destes livros já estão se cumprindo, outras são de cumprimento atual, próximo e mais distante, apontando para o fim dos tempos.

“No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem”.⁴ O Apocalipse é o clímax do glorioso plano da salvação. Nele vemos a história do povo de Deus e sua caminhada até a Terra restaurada. “Há grande necessidade de examinar o livro de Daniel e o de Apocalipse, e aprender os textos, a fim de sabermos o que está escrito”.⁵ Os livros de Daniel e Apocalipse devem ser estudados em conexão um com o outro; dessa forma podemos ter um vislumbre do plano de Deus para Seu povo.

“Há necessidade de um estudo mais acurado da Palavra de Deus; especialmente Daniel e Apocalipse devem merecer atenção, como nunca dantes na História de nossa obra”.⁶ Nossa verdadeira estrutura distintiva como povo, e que mantém unido nosso quadro de verdades bíblicas, é nossa compreensão das profecias de Daniel e Apocalipse. Nestas profecias o povo Adventista tem encontrado seu tempo, sua identidade e seu dever. Vivemos em um tempo de urgência, e, segundo o Espírito de Profecia, a igreja como um todo deve atentar para o estudo de Daniel e Apocalipse. “As profecias devem ser cuidadosamente estudadas e, em ligação com elas, as palavras: ‘Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’”.⁷

“Os jovens que desejam dedicar-se ao ministério, ou que já o fizeram, devem familiarizar-se com os pontos da história profética, e todas as lições dadas por Cristo”.⁸ Aqui um conselho para aqueles que querem ingressar no ministério; ela diz que esses novos ministros ou aspirantes devem estar familiarizados com a mensagem profética destes livros.

“Deve haver estudo mais acurado e diligente do Apocalipse, e apresentação mais fervorosa das verdades que concernem a todos quantos vivem nestes últimos dias”.⁹ O Apocalipse é um livro que não só revela acontecimentos históricos, mas adverte os servos de Deus quanto a inúmeros riscos, descobrindo armadilhas ocultas do inimigo, aconselhando, orientando, incentivando à luta pelo bem e indicando o caminho da vitória.

⁴ Ellen G. White; *Atos dos Apóstolos*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2002) pp. 584.

⁵ Ellen G. White; *Evangelismo*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2002) pp. 363.

⁶ Ellen G. White; *Counsels to Editors*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2001) pp. 45.

⁷ Ellen G. White; *Obreiros Evangélicos*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2002) pp. 143.

⁸ *Ibid*, p. 95.

⁹ Ellen G. White; *Evangelismo*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2002) pp. 197.

“As solenes mensagens que foram dadas, em sua ordem, no Apocalipse, devem ocupar o primeiro lugar no espírito dos filhos de Deus; não devemos deixar que qualquer outra coisa nos tire a atenção”.¹⁰

Foram reveladas a João cenas de profundo e palpitante interesse na experiência da igreja... Assuntos de vasta importância lhe foram desvendados, especialmente para a última igreja, a fim de que os que voltam do erro para a verdade pudessem ser instruídos em relação aos perigos e conflitos que diante deles estariam.¹¹

Na medida em que nos aproximamos do termo da história deste mundo, as profecias referentes aos últimos dias exigem nosso estudo especial. O último dos escritos do Novo Testamento está cheio de verdades cuja compreensão nos é necessária. Satanás cegou as mentes, de modo que se satisfazem com qualquer desculpa para não estudarem o Apocalipse.¹²

Essa mornidão por parte da igreja e do segmento jovem da igreja Adventista se deve aos constantes ataques de Satanás. É do interesse dele fazer com que o povo não fique atento às coisas que estão acontecendo e que foram previstas no Apocalipse.

“O tempo é breve. Acham-se sobre nós os perigos dos derradeiros dias, e cumpre-nos vigiar e orar, e estudar e dar ouvido às lições que nos são dadas nos livros de Daniel e Apocalipse”.¹³ Estes livros contêm a mensagem de salvação de Deus para o homem através dos séculos. Começando por Daniel, com sua narrativa dos reinos do mundo que passariam, ao detalhar cada um deles de forma precisa, e fazendo revelações sobre o santuário celestial, e terminando com o Apocalipse de João, onde Deus nos mostra as características da igreja verdadeira, é de valor inestimável o estudo dessas profecias para todo o corpo da IASD.

2.5. CONCLUSÃO

Ao longo deste capítulo vimos que as profecias sempre envolveram o ser humano em todas as épocas e lugares. Na vida do povo de Deus ela sempre esteve presente norteando, indicando a direção que Deus queria para ele. Através da análise bíblica, vimos que as profecias foram um meio usado por Deus para orientar

¹⁰ Ellen G. White. *Testemunhos Seletos*. Vol. III (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2001) pp. 279.

¹¹ Ellen G. White. *O Grande Conflito*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2004) pp. 341.

¹² Ellen G. White. *Parábolas de Jesus*. (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2001) pp. 133.

¹³ Ellen G. White. *Testemunhos Seletos*. Vol. II (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira, 2001) pp. 410.

Seu povo e estimula-lo a não se afastar Dele, bem como levá-lo a ter esperança em Suas promessas.

Assim como Deus teve Seu povo no passado, Ele ainda o tem hoje, e o mesmo meio utilizado antes, ainda é utilizado por Ele. Vê-se, assim, a importante contribuição das profecias e sua influência exercida na vida dos crentes. Numa visão mais acurada do tema, chega-se a uma conclusão: as profecias fortalecem a fé, razão porque devem ser tidas por grande apreço e estudadas com afinco, inclusive pela juventude.

CAPITULO III

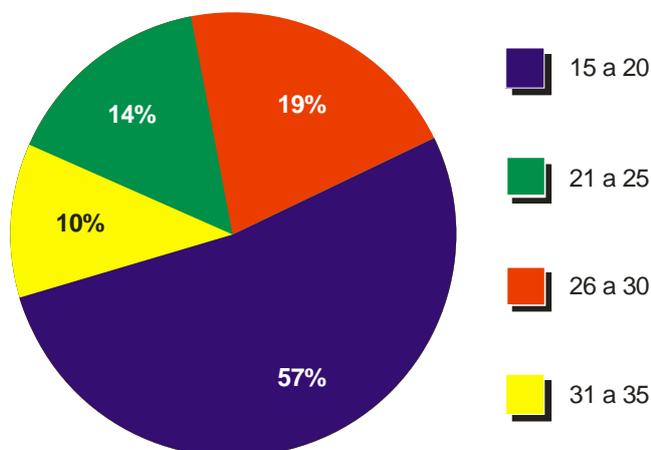
PESQUISA SOBRE CONHECIMENTO PROFÉTICO EM DANIEL E APOCALIPSE

O objetivo deste capítulo é fazer um levantamento de dados de uma pesquisa com jovens adventistas, com o objetivo de avaliar o conhecimento que possuem sobre Daniel e Apocalipse. A pesquisa foi realizada nas igrejas das seguintes localidades: Jaguariúna, Águas de Lindóia, Conchal, Hortolândia e Engenheiro Coelho. Estas cidades estão dentro do território da Associação Paulista Central, sediada em Campinas, no estado de São Paulo.

A mesma pesquisa foi realizada com alunos das seguintes instituições Adventistas: UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo), campus situado na zona rural do município de Engenheiro Coelho, e FADMINAS (Faculdade Adventista de Minas Gerais), que se localiza na zona rural do município de Lavras. Ao todo foram aplicadas mais de 250 pesquisas, 200 das quais retornaram para a análise. O questionário foi feito em diferentes datas e entre Jovens Adventistas de 15 a 35 anos.

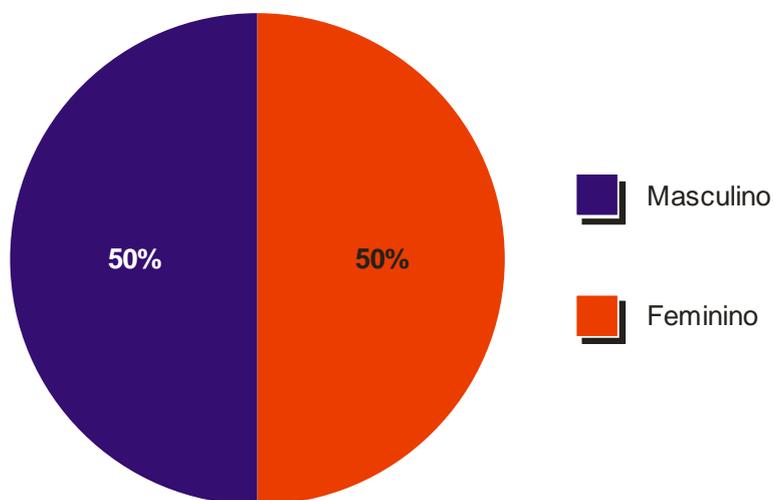
A seguir os resultados da pesquisa em seus diferentes tópicos. No que diz respeito ao conhecimento profético foram inseridas questões elementares.

3.1. IDADE



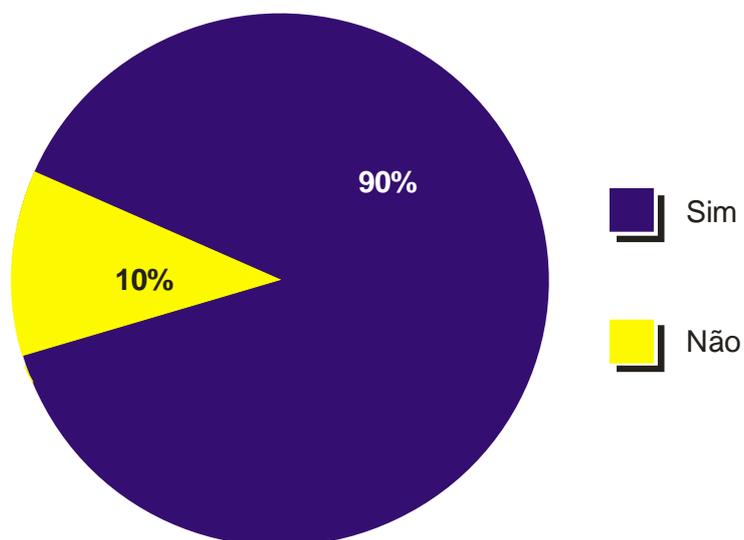
Dos entrevistados prevaleceram os jovens que pertencem à faixa etária de 15 a 20 anos de idade, somando 57%. Os outros 43% ficaram divididos entre 21 e 35 anos.

3.2. SEXO



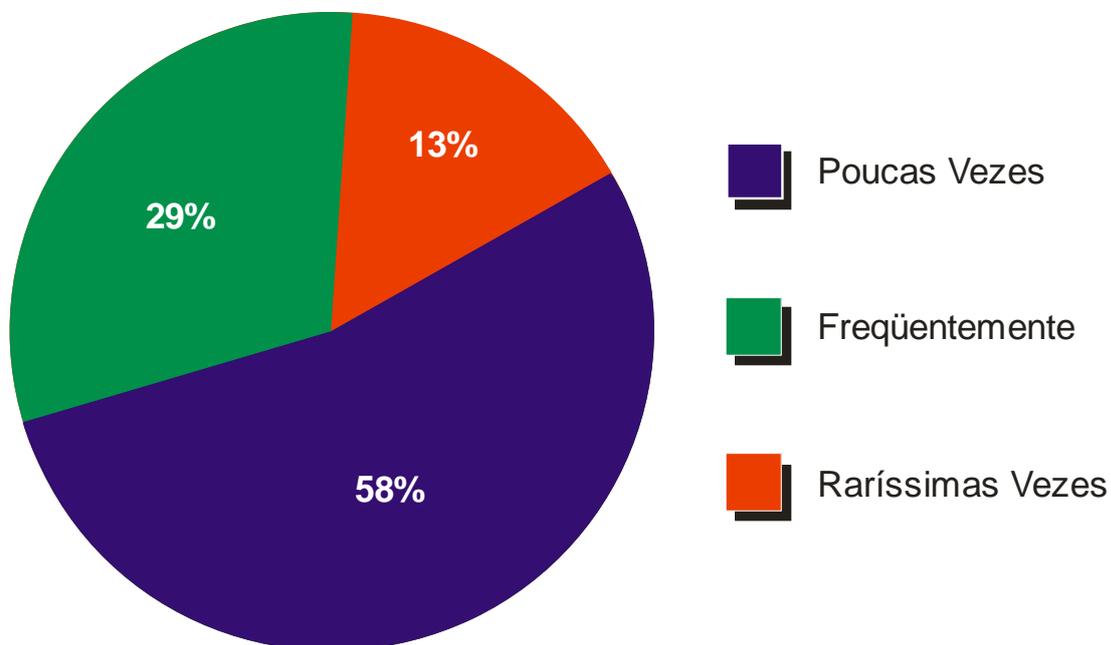
Nesse item houve total equilíbrio, metade dos pesquisados foi do sexo masculino e metade do sexo feminino.

3.3. VOCÊ GOSTA DE TEMAS PROFÉTICOS?



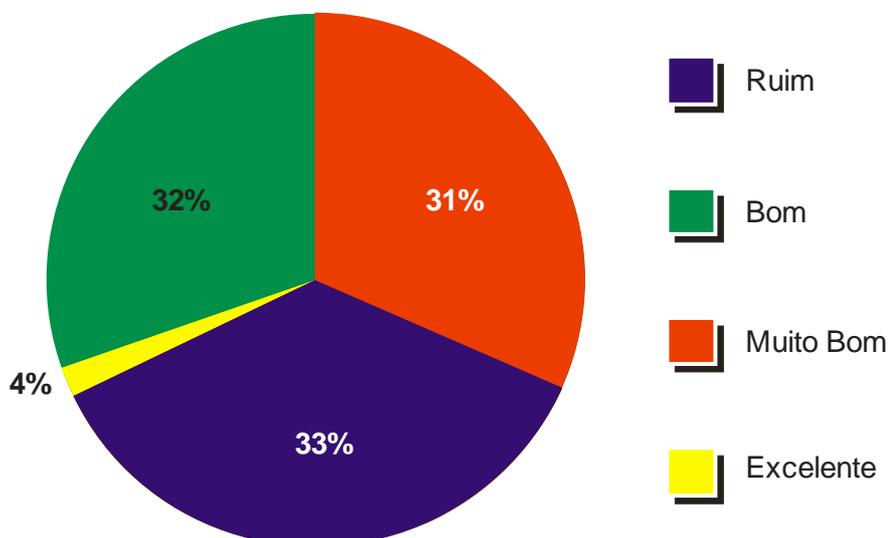
A grande maioria, 90%, declarou gostar de temas proféticos; apenas 10% indicaram o contrário. Isto demonstra que a falta do conhecimento entre eles não ocorre por indiferença, e muito menos por aversão, ao tema proposto. Realça também a necessidade de se estabelecer um plano estratégico que incremente o aprendizado profético entre eles, já que revelam uma apreciação positiva pelas profecias.

3.4. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ TEM OUVIDO SOBRE TEMAS PROFÉTICOS NOS SERMÕES?



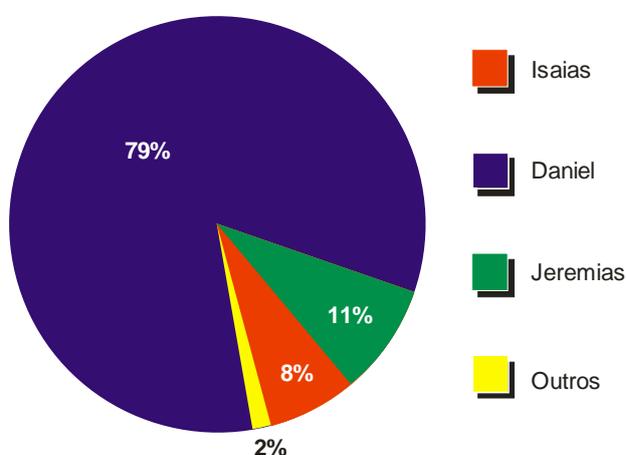
Dos duzentos que responderam o questionário, 58% declararam que poucas vezes os pregadores têm falado sobre temas proféticos. Isso demonstra que, talvez, o problema não seja tanto a negligência por parte da juventude Adventista em estudar profecias, mas certamente não tem havido incentivo e oportunidade ideais para desenvolverem esse aprendizado.

3.5. EM SUA OPINIÃO, QUAL O NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE PROFECIA QUE VOCÊ JULGA TER?



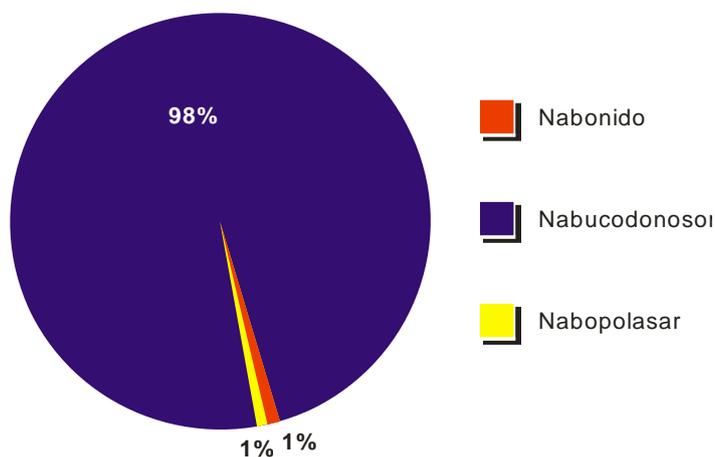
A opinião dos jovens ficou bastante dividida neste ponto, pois 33% disseram que seu conhecimento em profecias bíblicas é fraco, 31% declararam ser bom, e 32%, afirmaram ter um conhecimento médio. Mas apenas 4% afirmaram ter um grande conhecimento em profecias bíblicas. Face à maneira como as questões proféticas foram respondidas, é muito provável que muitos dos que afirmaram possuir um conhecimento bom ou médio, não estejam nem conscientes do pouco que sabem.

3.6. QUEM ESCREVEU O LIVRO DE DANIEL?



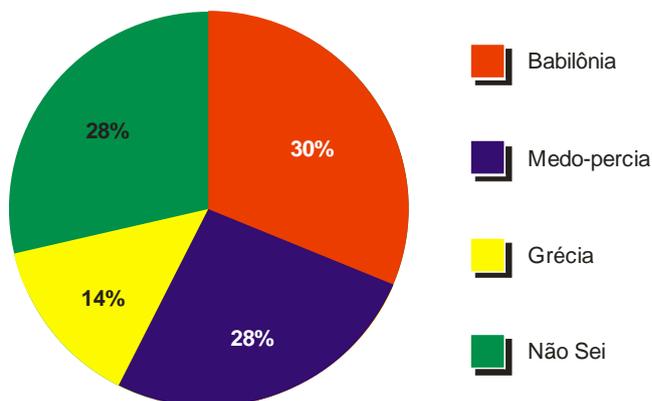
A maioria, 79% das pessoas entrevistadas, acertou ao indicar Daniel como autor do livro. O que nos surpreendeu é que 21% desses jovens entrevistados nem mesmo sabiam que Daniel havia escrito o livro que leva seu nome, e mesmo dos que acertaram a questão, sentimos que havia uma forte dúvida quanto à autoria do livro.

3.7. QUE REI TEVE UM SONHO PROFÉTICO?



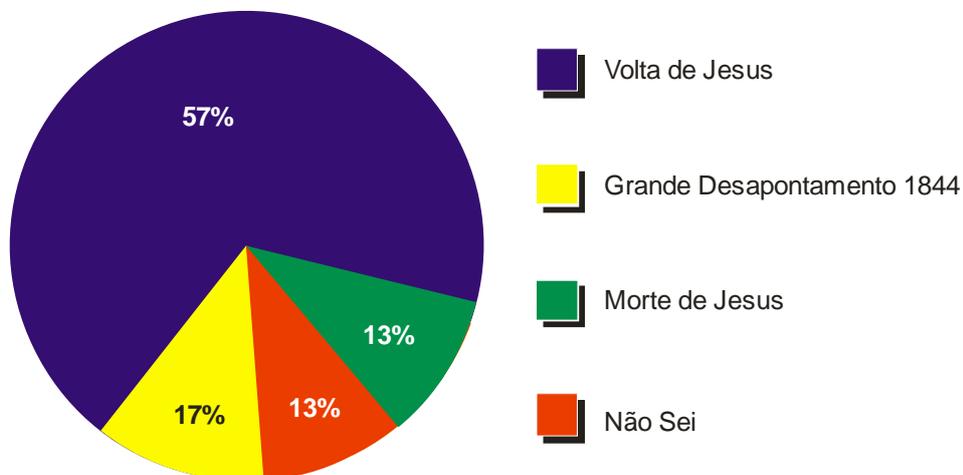
Sem muita dificuldade os entrevistados responderam acertadamente a esta pergunta; 98% deles afirmaram ser Nabucodonosor o monarca que teve o sonho.

3.8. NO SONHO PROFÉTICO, QUAL ERA O REINO REPRESENTADO PELO BRONZE?



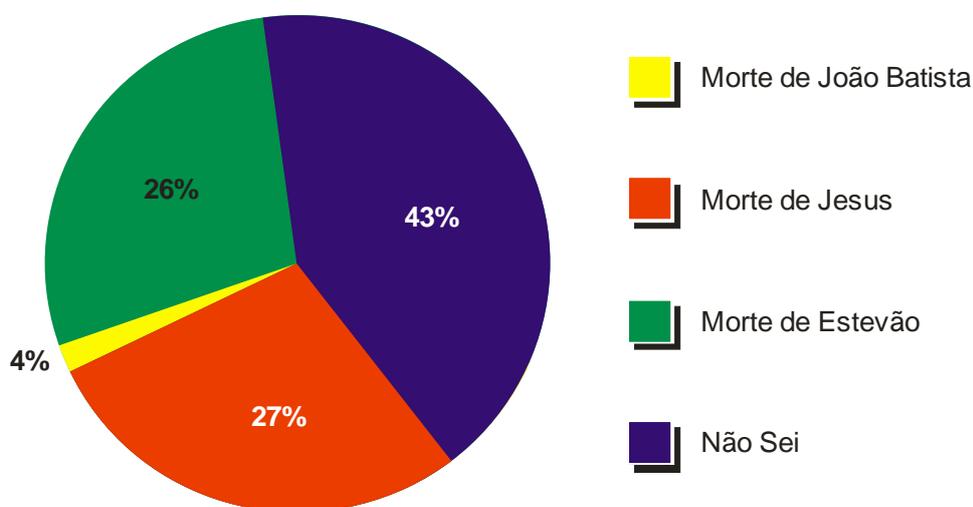
A resposta a esta pergunta é realmente preocupante: apenas 14% dos jovens entrevistados acertaram; 86% erraram uma questão considerada relativamente fácil.

3.9. QUANDO TERMINAM AS 2.300 TARDES E MANHÃS DE DANIEL 8:14?



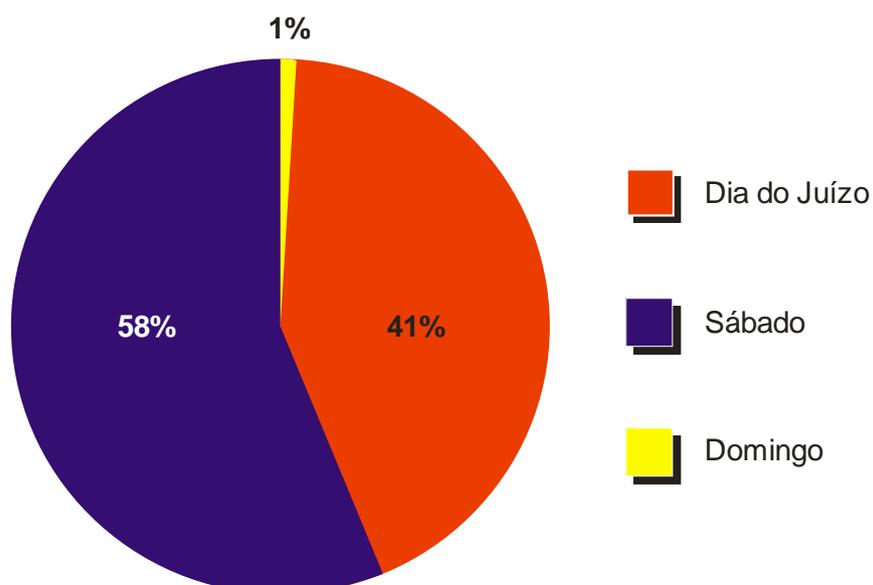
A maioria, 57%, acredita que as 2.300 tardes e manhãs terminam na volta de Jesus; 13% indicaram em sua morte e outros 13% não sabiam a resposta. Apenas 17% responderam corretamente uma questão que envolve algo fundamental para a igreja Adventista.

3.10. QUANDO TERMINAM AS 70 SEMANAS DE DANIEL 9?



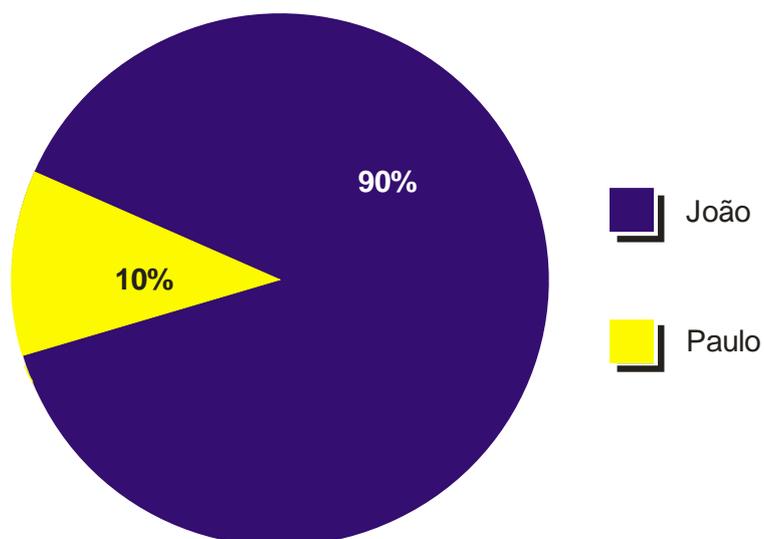
Apenas 26% acertaram a questão, enquanto 31% erraram e 43% afirmaram não saber. Portanto, mais de 70% demonstrou falta de conhecimento de outro detalhe fundamental ligado ao surgimento da igreja Adventista.

3.11. QUAL O SIGNIFICADO DE “O DIA DO SENHOR” DE APOCALIPSE 1:10?



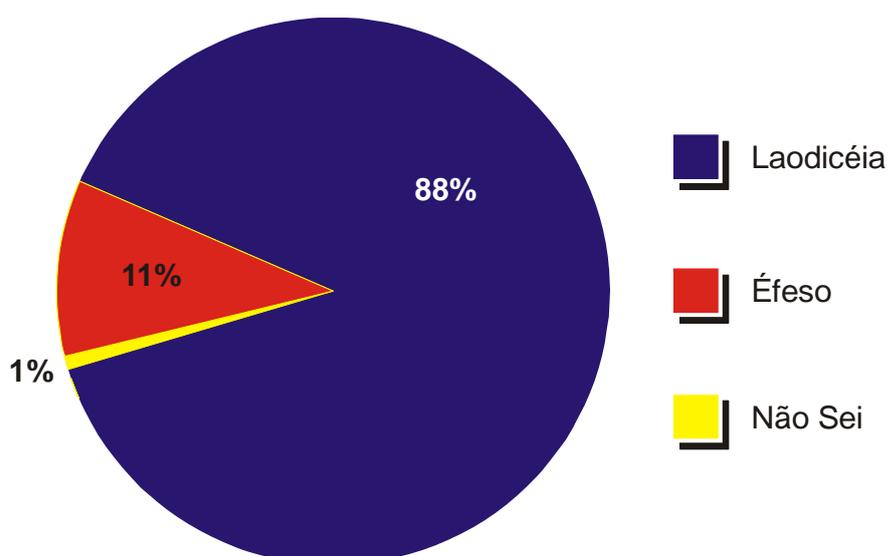
Muitos acertaram, 58%, indicando o sábado. Mas quase a metade, 41%, colocou como sendo o dia do Juízo; mais preocupante ainda é o fato de que 1% indicou como sendo o domingo.

3.12. QUEM ESCREVEU O LIVRO DO APOCALIPSE?



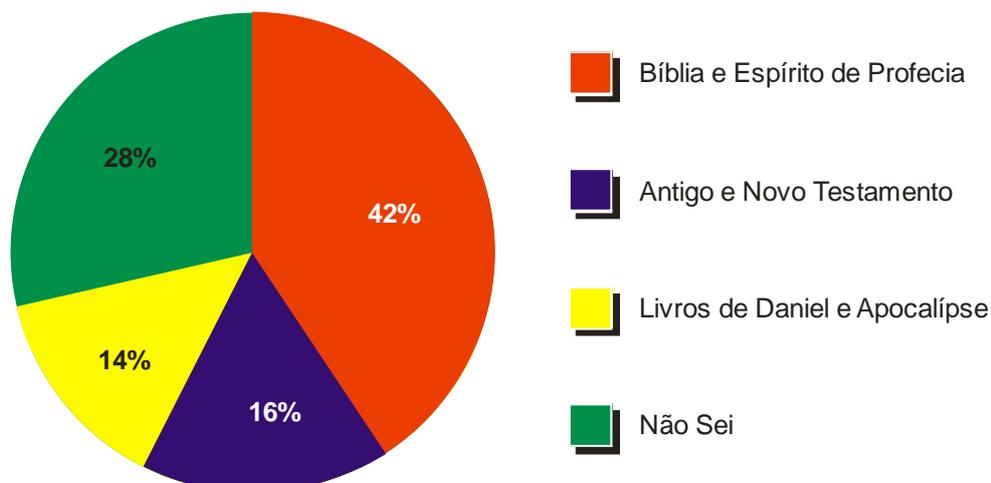
Dos pesquisados, 10% afirmaram ser Paulo o autor do Apocalipse; apesar de pequena porcentagem, isso demonstra falta de familiaridade com a Bíblia. Em contrapartida, 90% dos pesquisados acertadamente indicaram João como resposta.

3.13. QUAL IGREJA REPRESENTA O PERÍODO DA HISTÓRIA EM QUE VIVEMOS?



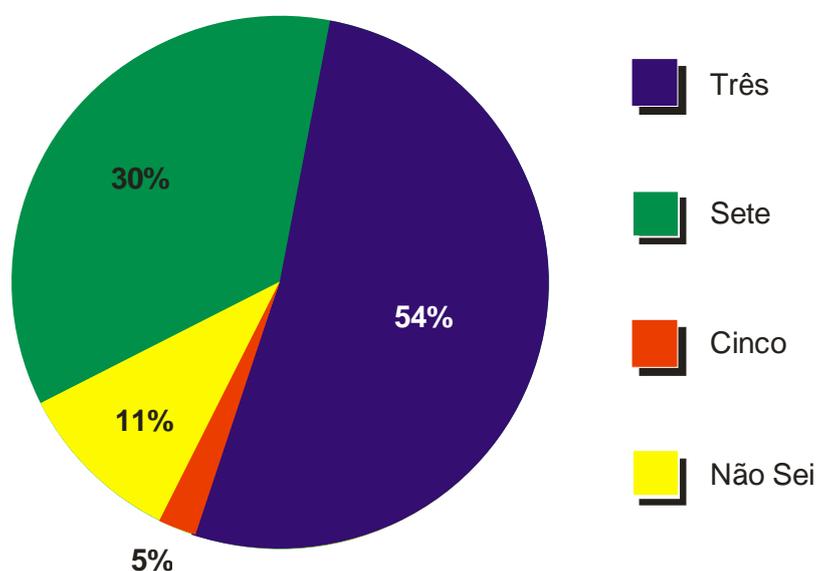
A maioria, 88%, acertou a questão. Dos outros entrevistados, 11% respondeu como sendo Éfeso e 1% disse que não sabia a resposta.

3.14. QUEM SÃO AS DUAS TESTEMUNHAS DE APOCALIPSE 11: 3?



A maioria dos pesquisados respondeu como sendo a Bíblia e o Espírito de Profecias as duas testemunhas. Apenas 16% acertaram a resposta; 28% não sabiam, e 14% indicaram os livros de Daniel e Apocalipse.

3.15. QUANTAS SÃO AS MENSAGENS ANGÉLICAS DE APOCALIPSE 14?



Acertadamente, 54% afirmaram serem três as mensagens angélicas de Apocalipse 14. Uma boa parte, porém, respondeu como sendo sete, 30%; uma minoria, 5%, respondeu como sendo cinco, e 11% não sabiam a resposta. Isto também preocupa, pois este item é por demais elementar na abordagem profética da igreja.

3.16. CONCLUSÃO

Analisou-se neste capítulo as respostas e o percentual demonstrado em cada um dos gráficos. Ficou evidente, através desta análise que existe uma carência na juventude Adventista no que tange ao conhecimento das profecias. Confirma-se aquilo que sempre se ouvia, de que a nossa juventude tem pouca familiaridade com a Palavra de Deus e com os temas de Daniel e Apocalipse. Deve-se considerar também que, na pesquisa, não foram feitas perguntas com algum nível de dificuldade, envolvendo as sete trombetas, sinal e imagem da besta, sete selos, os animais de Daniel 7 e 8, etc. Isso evidencia ainda mais a carência da juventude adventista por um melhor conhecimento profético.

Objetiva-se aqui não apenas levantar o problema, mas sim dar uma direção, um rumo para que o mesmo seja solucionado. Assim, o próximo capítulo apresentará algumas sugestões para que a juventude se sinta motivada a estudar os livros de Daniel e Apocalipse.

CAPITULO IV

ESTRATÉGIAS PARA O ESTUDO DE DANIEL E APOCALIPSE

Ao longo do trabalho, vimos que a falta de compreensão, mesmo de um conhecimento elementar dos livros de Daniel e Apocalipse por parte da juventude adventista é grande. Este capítulo busca mostrar alternativas, com a sugestão de programas que possam ser feitos, visando um aprendizado mais profundo desses livros.

4.1. ESTUDO BIBLICO

Vivemos em pleno século XXI. A juventude tem um leque muito grande de opções quanto a programas e entretenimentos para se divertirem e se distraírem, coisas que não os levam a um contato mais intenso com Deus; muito ao contrário. Além do mais, essa juventude é exigente, justamente por estar cercada de bons programas e atividades; muitos são universitários ou fazem ensino médio, outros já têm independência financeira, têm sua própria vida, estão sempre em contato com internet, televisão, etc, e estão rodeados por um mundo globalizado que lhes oferece coisas atraentes e de alto nível. Não se pode, então, oferecer qualquer material, sem levar em consideração esses pontos, e quais os conceitos que circundam a mente deles.

Pensando nisso, foi desenvolvido um modelo de uma série de estudos bíblicos a serem ministrados, dois dos quais aparecem no apêndice A e apêndice B deste trabalho. Buscar-se-á mesclar informações contextuais dos temas abordados com informações exegéticas, aplicações homiléticas e reflexões. Um estudo bíblico de Daniel e Apocalipse meramente teológico é pesado, e certamente não atingiria nossa juventude. Em contrapartida, um estudo meramente homilético, sem profundidade exegética, poderia até atingir o publico jovem, mas não os doutrinará satisfatoriamente.

Não se pode também nos deter somente no texto do material. Se fosse tão simples atingir a juventude de nossa igreja tudo estaria resolvido, pois temos bons materiais escritos sobre Daniel e Apocalipse, que foram a fonte da pesquisa para

criar este modelo. Uma importância significativa também deve ser dada à roupagem do material, tornando-o atraente e fazendo com que o jovem tenha o desejo de estudá-lo.

4.2. PEQUENOS GRUPOS (ESTUDO DIRECIONADO)

Os pequenos grupos surgiram como nova e forte tendência dentro da IASD. Uma de nossas sugestões seria a elaboração de um guia de estudos de Daniel e Apocalipse preparado para pequenos grupos e voltado para o público jovem. Essa elaboração ficaria a cargo do departamento jovem da Associação.

Já que os pequenos grupos, em sua essência, não têm prioritariamente um cunho evangelístico, mas seu foco inicial, e porque não dizer principal, é fortalecer a fé dos crentes na doutrina, parece-nos uma boa idéia a utilização deste método, para, de certa forma, estimular nossos jovens no aprendizado da profecia.

4.3. PROGRAMAS JA

O culto jovem tem perdido a audiência daqueles que são sua razão de existir, os jovens. Nota-se que em muitas igrejas os programas às vezes são feitos de última hora sem o devido preparo, com conteúdo fraco. Na análise dos gráficos feita no capítulo anterior, observou-se que a juventude tem interesse no estudo das profecias. Aqui no UNASP-EC têm-se tido alguns programas JA muito bons. Programas bem preparados, bem estruturados e com temas escatológicos, como o tempo de angústia, a marca da besta e a perseguição. O efeito nos jovens tem sido animador.

Os jovens adventistas muitas vezes não vão ao culto JA por este ser fraco em conteúdo e apresentação. Eles não aceitam qualquer coisa. Uma boa porcentagem deles é universitária, e, para que esse público seja atingido, deve-se oferecer algo que tenha substância.

Se a liderança se munir com bons programas, visando a exposição inteligente de temas de Daniel e Apocalipse, com certeza a juventude será alimentada, e o conhecimento deles acerca destes temas proféticos será incrementado. E de quebra, a audiência do culto jovem irá melhorar.

4.4. SEMANAS DE ORAÇÃO

Um dos eventos que mais marcam uma igreja é a semana de oração. Sugerimos que seja preparado um sermônário especial com oito temas em Daniel e oito em Apocalipse. Assim o conhecimento profético sem dúvida alguma, aumentaria. As associações sempre separam em seu calendário uma semana de oração jovem a cada semestre para o fortalecimento e resgate dos jovens. Seria de grande valor se as duas semanas do ano tivessem como tema os assuntos de Daniel (1ª semana) e Apocalipse (2ª semana), com o material preparado pelo departamento jovem.

4.5. SEMINÁRIO JOVEM DE DANIEL E APOCALIPSE AOS DOMINGOS

De todas as sugestões, essa é, certamente, a mais viável tanto para grupos quanto igrejas, pois depende apenas dos líderes e pastores locais. É aconselhado que, aos cultos de domingo, sejam pregados sermões de cunho evangelístico nas igrejas. O pastor local, anciãos ou líderes JA podem preparar um seminário e apresentá-lo aos domingos. Isso requer tempo e bastante estudo, mas o custo é mínimo e o retorno, dependendo da audiência, pode ser de valor incalculável, pois nada melhor do que uma juventude interessada e ciente de seu papel em meio ao cenário que ela vive.

4.6. REVISTA CONEXÃO JA

A Casa Publicadora Brasileira recentemente lançou a revista *Conexão JA*. Ao olhar o material, vimos que é uma excelente revista, bem escrita, com temas atuais, com cara jovem. Nesta revista existe uma seção em que temas doutrinários são abordados. O segmento jovem da igreja seria incentivado a conhecer as profecias se nesta seção fossem abordados temas proféticos.

Com a roupagem que a própria revista utiliza, com uma linguagem jovem e atrativa, e expondo condizentemente as verdades contidas em Daniel e Apocalipse, certamente um grande percentual de jovens seria alcançado e de certa forma alertado quanto as mensagens destes livros.

4.7. CONCLUSÃO

Neste capítulo foram apresentadas algumas sugestões de programas visando alcançar os jovens com a mensagem de Daniel e Apocalipse, na linguagem deles, com o perfil deles e sem perder a essência e o conteúdo da mensagem.

Fica a sugestão de que trabalhos futuros sejam desenvolvidos, através dos quais haja a elaboração de uma série de estudos bíblicos pertinentes, de um guia de pequenos grupos, de um sermonário para semanas de oração, tudo direcionado na linha de aprofundamento por parte dos jovens quanto aos temas encontrados em Daniel e Apocalipse.

CONCLUSÃO

Através deste estudo, observou-se que as profecias bíblicas sempre tiveram uma importância singular na vida do povo de Deus. Tornou-se então objeto deste estudo saber o nível de conhecimento que a juventude Adventista possui dos temas proféticos de Daniel e Apocalipse.

Como visto, tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento dão uma importância significativa às profecias. De igual forma se tem a mesma ênfase nos escritos de Ellen G. White. Analisando este quadro, fica caracterizado que Deus, em todas as épocas, utilizou as profecias para revelar Sua vontade e o caminho que o povo deveria seguir.

Foi comprovado ser deficiente o conhecimento que os jovens Adventistas entrevistados têm sobre profecia, e até mesmo do contexto histórico dos livros proféticos. Observa-se, também, que este não é apenas um problema por parte do segmento jovem, mas existe certa carência na abordagem do tema por parte dos líderes da igreja e no preparo de matérias para este fim.

O objetivo, com este trabalho, não era somente levantar um problema que já dava indícios de existir no meio Adventista, mas também mostrar sugestões para que o mesmo fosse minimizado. Há um capítulo separado para esse fim, com sugestões para um crescimento no conhecimento dos jovens Adventistas referente aos temas proféticos.

Ao fim deste trabalho, concluímos que boa parte dos jovens Adventistas entrevistados possui um conhecimento profético fraco, mesmo das seções mais fáceis da profecia. É importante que este trabalho seja implantado na prática e não fique apenas na teoria do que foi sugerido.

O material apenas abre a porta para que, com base em pesquisa, sejam feitos esforços para que a juventude Adventista se mostre mais familiarizada com os temas proféticos estudados pela igreja desde o princípio. Aqueles que, no início do movimento, valorizavam o estudo das profecias conseguiram discernir que direção tomar. Hoje, nos momentos finais deste mundo, há muito mais necessidade de tê-las em apreço, para que também se possa tomar uma direção correta.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, ROY A., *Revelações do apocalipse*; Casa Publicadora Brasileira. Tatuí/SP; 1993.

FEYERABEND, Henry, *Daniel revelações de Deus para nossos dias*, Casa Publicadora Brasileira. Tatuí/SP; 2004.

MAXWELL, C. M., *História do Adventismo*, Casa Publicadora Brasileira. Tatuí/SP; 1982.

MAXWELL, C. M., *Uma nova era segundo as profecias de Daniel*, Casa Publicadora Brasileira. Tatuí/SP; 1996.

MAXWELL, C. M., *Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse*, Casa Publicadora Brasileira. Tatuí/SP; 1996.

ROWLEY, H. H., *A importância da literatura apocalíptica*; Edições Paulinas. São Paulo; 1998.

SILVA, Rodrigo P., *A eternidade começa aqui*, (Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira) 2001.

SMITH, Uriah, *As profecias de Daniel*, Edições Vida Plena. Itaquaquecetuba/SP; 1994.

ZUCK, Roy B., *A interpretação bíblica*, Edições Vida Nova. São Paulo/SP; 1998.

WHITE, Ellen G; *Mensagens Escolhidas*, Vol III (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2002.

_____. *Atos dos Apóstolos*, (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2002.

_____. *Evangelismo*, (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2002.

_____. *Counsels to Editors*, (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2001.

_____. *Obreiros Evangélicos*, (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2002.

_____. *O Grande Conflito*, (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2004.

_____. *Parábolas de Jesus*, (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2001.

_____. *Testemunhos Seletos*, Vol II (Tatuí- Sp: Casa Publicadora Brasileira) 2001.

APÊNDICE A

MODELO SUGERIDO DE ESTUDO BIBLICO SOBRE APOCALIPSE 3

INTRODUÇÃO: AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE

O Apocalipse é a revelação de Jesus Cristo; nenhum outro livro na Bíblia faz tantas referências a Ele. À igreja de Laodicéia, como a qualquer outra igreja, Ele se apresenta como íntimo e conhecedor da situação espiritual do Seu povo.

As igrejas de sete cidades da Ásia Menor foram as destinatárias de sete cartas apocalípticas do Senhor, escritas por intermédio de João. Através de elogios, repreensões e advertências, o povo de Deus foi incentivado a permanecer fiel.

Estas igrejas desempenharam papel importante no cristianismo da Ásia Menor por causa de sua localização, ligando diferentes partes da região. Suas mensagens percorreram os séculos e foram de grande valor a todos os crentes de todas as épocas e, claro, os jovens de nossos dias não sendo exceção.

A CIDADE DE LAODICÉIA

Laodicéia foi fundada por Antíoco II (261-242 AC) nas proximidades de Hierápolis e Colossos, em homenagem a sua esposa Laodice. Era bem desenvolvida em decorrência das atividades comerciais e industriais, bem como por manter um centro de medicina.

Localizada nas margens do rio Lycus, Laodicéia era a cidade mais rica da Ásia Menor. Fazia ligação do Oriente com o Ocidente com grande movimento comercial. Célebre pelos amplos muros, era igual a Roma construída sobre sete colinas. Anteriormente foi chamada de Diosópolis, cidade de Zeus.

Foi devastada por um terremoto em 62 AD, sendo reconstruída pelo próprio povo, o qual se orgulhava de não ter solicitado recursos do Império para tal. Laodicéia significa “direito das pessoas”, ou “governada pelo povo”, ou então “julgamento do povo”. Esta é a última das sete Igrejas.

Qualificada como cidade próspera no tempo do apóstolo João, Laodicéia tornou-se o centro de negócios financeiros, distinguindo-se por sua grande riqueza. Era a principal cidade comercial da região.

1 - Como Jesus é apresentado em Ap. 3: 14?

Aqui Jesus é apresentado como “testemunha fiel e verdadeira”. Jesus é testemunha de tudo o que fazemos, e a verdade é uma de Suas características, em contraste com o Diabo que é o “pai da mentira” (Jo 8: 44).

2 – Jesus conhece nossa situação? Ap. 3: 15 e 16; Sl. 139:7-16; Mt. 10: 30.

Além do que fazemos, Jesus sabe o quê e quem somos. Podemos levar uma vida de aparência, enganando as pessoas que nos rodeiam, mas não podemos nos esconder dAquele que nos conhece e que testemunha tudo o que praticamos.

PENSE NISSO

Você tem tentado viver uma vida dupla? Sua vida tem sido apenas de aparência? O que muda em sua vida saber que Jesus conhece todos os seus pensamentos, ou melhor, está com você em todos lugares, mas nem sempre se agrada de onde, como e com quem você está?

3 – Mornidão é um estado espiritual que agrada a Jesus? Será que Jesus apenas não quer que sejamos frios? Ap. 3: 15 e 16.

Jesus desaprova a mornidão bem como a frieza espiritual. A mornidão, porém, traz consigo um sério agravante: quando vivemos em mornidão não notamos que estamos precisando de ajuda, nem nos sentimos afastados de Jesus. É como um doente que pensa que não precisa de remédios ou de um médico para que seja curado.

4 – Que sentimento a mornidão gera no coração do crente? Ap. 3: 17

Presunção, auto-suficiência, orgulho são alguns dos enganosos e perigosos sentimentos que a mornidão espiritual causa na vida dos crentes.

PENSE NISSO

Quantas e quantas vezes não achamos que estamos “ricos, abastados e que de nada precisamos”? Quando nos afastamos de Deus, não sentimos necessidade de manter contato com Ele, de ler Sua Palavra. Vamos até a igreja, por exemplo, por pressão dos pais, e não para manter um contato com Deus e adorá-LO. É esse o seu estado espiritual? Por que você não busca nesse momento orar, pedindo que, em nome de Jesus, tenha forças para vencer as tentações, para permanecer fiel ao lado dEle? Peça a Ele o fogo do Espírito Santo para que você viva sem máscaras perante Deus e os homens.

5 – Como Jesus considera aqueles que vivem nesse estado espiritual? Ap. 3: 17.

Ele sabe que a vida longe de Seus braços é mera ilusão satânica; não pode haver verdadeira alegria, felicidade plena a não ser junto a Jesus. Nossa situação longe de Jesus é de miséria, cegueira e nudez. O sentido de nudez é que estamos desprotegidos e desnudos da glória e justiça de Deus. Nossa justiça é comparada a um “trapo de imundícia” (Is. 64: 6). Nos tempos em que a Bíblia foi escrita, não existiam absorventes como hoje, e as mulheres usavam um pedaço de pano para deter sua menstruação; é a esse “absorvente” sujo, que Jesus compara nossa justiça, que não serve para nada. Longe dEle não pode haver vida, luz ou esperança, e nossa vida é mero caos; é viver atrás do nada.

6 – Qual é o conselho que Jesus nos dá? Ap. 3: 18.

Ouro> as riquezas espirituais; **Vestes brancas**> a justiça de Jesus; **Colírio**> O Espírito Santo que nos dá o discernimento e nos ajuda a escolher o que Jesus realmente tem preparado pra nós.

7 – O que Jesus espera que façamos mediante este conselho? Ap. 3: 19-20.

Todos os apelos de Jesus visam o nosso bem. O arrependimento é a atitude que Ele espera que tenhamos. No verso 20, a graça de Jesus também nos é revelada; Ele aparece como alguém que bate à porta do nosso coração.

8 – Qual é a recompensa prometida pelo próprio Jesus? Ap. 3: 21.

Isso representa muito mais do que sentar-se à mesa com Jesus; representa reinar com Ele para sempre. Amém.

PENSE NISSO

Já pensou profundamente naquilo que Jesus enfrentou por você? Já pensou como será viver no céu? Jesus está presente em cada sermão, em cada música, em cada estudo bíblico, em cada prece, à porta do seu coração, batendo e pedindo entrada. Ele quer você, quer viver eternamente com você, pois você é precioso demais para Ele. Simplesmente porque foi por você que Ele deixou tudo!

APÊNDICE B

MODELO SUGERIDO DE ESTUDO BÍBLICO SOBRE DANIEL 1

DANIEL, A FIDELIDADE DE UM HOMEM

Daniel era um jovem temente a Deus, estudante das profecias bíblicas, de fidelidade invejável para com Ele. Por ser íntegro e reto, Deus lhe concedeu o privilégio de ser o porta-voz de uma das mais importantes profecias encontradas no Antigo Testamento, as setenta semanas, isto é, “aquela que marcava na História o momento em que o Messias Se revelaria à humanidade”.¹

Daniel 1:1, 2

No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sitiou. O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e alguns dos utensílios da casa de Deus; a estes os levou para a terra de Sinear para a casa do deus, e os pôs na casa do tesouro do seu deus.

CONTEXTO HISTÓRICO: REINO DE JUDÁ

O reino de Judá ficava ao sul e tinha Jerusalém por capital. Seu rei era Jeoaquim, o qual foi entregue as mãos de Nabucodonosor; este tomou parte dos vasos sagrados da casa do Senhor, e os levou para a terra de Sinear, o país de Babilônia (Gênesis 10:10)

Essa tomada foi predita por Jeremias (Jr 25:8-11), e cumprida em 605 a C. O profeta coloca este cativo no 4^a ano de Jeoaquim, enquanto Daniel no 3^o. Isto se explica pelo fato de Nabucodonosor fazer sua expedição próxima ao fim do 3^o Ano de Jeoaquim, ponto inicial do relato de Daniel. Deus puniu seu povo com o cativo, pois havia se afastado e muito de Seu plano para ele.

¹ Rodrigo P. Silva. *A eternidade começa aqui*. (Tatuí-Sp, Casa Publicadora Brasileira) pp. 70.

PENSE NISSO

Se não fosse pela rebeldia do povo, Jerusalém poderia ter se tornado um exemplo para o mundo, através da qual todos os povos veriam as grandes obras que Deus poderia realizar em favor dela. Muitas vezes tomamos atalhos que pensamos serem bons, mas que no final de tudo só nos trazem tristeza e dor. Se fizermos o que Deus nos pede, o plano que Ele tem para nossa vida concretizar-se-á.

1- Qual foi o critério adotado pelo rei de Babilônia? Daniel 1:3-5.

Daniel e seus companheiros, que foram levados em cativeiro para o palácio de Nabucodonosor, eram jovens; o texto coloca que eram versados em sabedoria. Calcula-se que deveriam ter entre 18 a 20 anos.

VOCÊ SABIA?

O rei babilônico era muito sábio, e foi bastante criterioso na seleção dos jovens. Primeiro, ele escolheu aqueles que eram bem educados, e que pudessem ajudar nos assuntos de administração e negócios. Segundo, ao invés de lhes dar outros alimentos, o rei preferiu servir-lhes suas próprias iguarias.

PARE E PENSE

“Apegando-se Daniel a Deus com inamovível fé, o espírito de poder profético veio sobre ele. Enquanto recebia instruções dos homens nos deveres diários da corte, estava sendo ensinado por Deus a ler os mistérios do futuro, e a registrar para as gerações vindouras mediante figuras e símbolos, eventos que cobrem a história deste mundo até o fim do tempo” E.G.W *Profetas e Reis* pp. 485.

Daniel 1: 6-7

“Entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias. O chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: A Daniel o

Beltessazar, a Hananias o de Sadraque, a Misael o de Mesaque, e a Azarias o de Abede-Nego.”

2- Porque o rei trocou os nomes dos jovens Israelitas? Tem isso alguma importância?

Os nomes originais apontavam para o verdadeiro Deus e significavam a relação com Seu culto. Os novos nomes faziam referência às divindades pagãs e eram um incentivo para que aqueles jovens se voltassem ao culto caldeu. Mas Daniel e seus amigos permaneceram fiéis.

CURIOSIDADES

Nomes hebraicos

Daniel ... Deus é meu Juiz

Hananias ...Dom do Senhor

Misael ...Que é o que Deus é

Azarias... Ajuda de Deus

Nomes caldeus

Beltessazar... Guardador dos ocultos tesouros de bel

Sadraque...Inspiração do sol (caldeus adoravam)

Mesaque... deusa Shaca/ cujo nome Vênus era adorada

Abede-Nego... Servo do fogo brilhante.

3- Porque Daniel teria evitado a comida do rei babilônico? Daniel 1: 8-16.

Daniel, na realidade, não agiu com má vontade, ao evitar os alimentos oferecidos pelo rei. Ele sabia muito bem que os alimentos eram previamente oferecidos aos deuses e eram considerados imundos pelas leis judaicas.

4- Deve-se a quê o melhor resultado da robustez e melhora de aparência de Daniel e seus companheiros ? Dan 1: 12-16.

Daniel pediu cereais, legumes, frutas, nozes e verduras, uma dieta vegetariana bem balanceada, junto com a bebida universal para o homem e os animais: água pura.

5- O que havia de especial em Daniel e seus companheiros que os diferenciavam dos magos e encantadores de Babilônia? Daniel 1:17-21.

Torna-se evidente que eles já haviam recebido considerável grau de instrução, como alunos judeus , no reino de Judá. Nos tempos antigos, os filhos das famílias ricas e nobres eram habitualmente educados em várias disciplinas. Observe-se, que um dos melhores aspectos do povo judeu era a sua notável devoção à educação.

REFLEXÃO

Era nítido que os jovens judeus eram muito mais inteligentes; suas capacidades intelectuais e físicas sobressaíram as dos caldeus. Essa inteligência e aptidão física foi dada por Deus por serem eles fiéis aos princípios dEle. Deus em seu infinito poder sempre abençoa aqueles que o procuram. Deus nos convida para sermos santos (ver I Pedro 1: 16). Ser santo, no contexto bíblico, significa ser diferente, ser separado das coisas que esse mundo oferece. Daniel foi assim separado, ele era diferente. Podemos sim, ser cristãos práticos, separados do mundo, dando um testemunho fiel e verdadeiro de Jesus.

APÊNDICE C

PESQUISA REALIZADA COM OS JOVENS.

Idade

15 – 20 21 – 25 26 – 30 31 – 35

Sexo

Masculino Feminino

Você gosta de temas proféticos?

Sim

Não

1) Com que frequência você tem ouvido sobre temas proféticos nos sermões?

raríssimas vezes

poucas vezes

freqüentemente

2) Em sua opinião, qual nível de conhecimento sobre profecia você julga ter?

ruim

Excelente

Bom

Muito bom

3) Quem escreveu o livro de Daniel?

Isaías outro _____

Jeremias

O próprio Daniel

4) Que rei teve um sonho profético?

Nabonido

Nabucodonosor

Nabopolasar

5) No sonho profético, qual era o reino representado pelo bronze?

Babilônia não sei

Grécia

Medo-Pérsia

6) Profeticamente quando terminam as 2.300 tarde e manhãs de Daniel 8: 14?

Na Morte de Jesus não sei

Em 1844 Grande Desapontamento

Na Volta de Jesus

7) Quando termina as 70 semanas de Daniel 9?

Na Morte de João Batista não sei

Na Morte de Jesus

Na Morte Estevão

- 8) Qual o significado de “O Dia do Senhor” de Apocalipse 1: 10?**
 Dia do Juízo
 Sábado
 Domingo
- 9) Quem escreveu o livro do Apocalipse?**
 Paulo
 João
- 10) Qual igreja representa o período da historia em que vivemos?**
 Laodicéia não sei
 Éfeso
- 11) Quem são as duas testemunhas de Apocalipse 11: 3**
 Bíblia e o Espírito de Profecia não sei
 Antigo e Novo Testamento
 Livros de Daniel e Apocalipse
- 12) Quantas são as mensagens angélicas de Apocalipse 14?**
 3 não sei
 5
 7

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

QUEM É MELQUISEDEQUE?: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE HEBREUS 7:1

Wenderson Oliveira Barreto

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2006
Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.
wendersinho@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo identificar uma das pessoas misteriosas da Bíblia: Melquisedeque. E para desvendar este mistério procuramos estudar o livro onde seu nome é mais mencionado, que é no livro de Hebreus. Afinal, quem é Melquisedeque? Seria um ser humano? Seria um anjo? Ou se trata do próprio Cristo? Mesmo que os exegetas, na sua maioria, interpretem como sendo um homem, podemos observar que durante os séculos nunca foi unânime esta posição. Entretanto, através deste estudo é proposto que este Rei-Sacerdote foi provavelmente um ser humano e que era contemporâneo de Abraão.
PALAVRAS-CHAVE: Melquisedeque, sacerdócio celestial, sacerdócio terrestre, sacerdócio dos primogênitos, sacerdócio dos levitas.

WHO IS MELCHIZEDEK?: AN EXEGETICAL STUDY OF HEBREWS 7:1

ABSTRACT: This research has as subject of its study one of the most mysterious personage of the Bible: Melchizedek. With such a goal, we focused in the book where his name is mentioned most frequently than in any other of the Bible, i.e., the Book of Hebrews. Who was this Melchizedek? A man? An angel? Christ Himself? The opinions have been divergents along the centuries, and even today there is no consensus on the issue. Nevertheless, this study proposes that the view that this King-Priest was just a human being, contemporaneous to Abraham, is the opinion that do more justice to the biblical text and data.

KEYWORDS: Melchizedek; heavenly priesthood; earthly priesthood; priesthood of the firstborn; levitical priesthood.

WENDERSON OLIVEIRA BARRETO

QUEM É MELQUISEDEQUE?
um estudo exegético
de Hebreus 7: 1

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Teologia
do Centro Universitário Adventista de
São Paulo como requisito parcial à
obtenção da graduação no
Bacharelado em Teologia sob a
orientação do Prof. Reinaldo W.
Siqueira, Ph.D.

Engenheiro Coelho – S.P.

Dezembro de 2006

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 14 de dezembro de 2006, pela banca constituída pelos professores:

Prof. Reinaldo Wenceslau Siqueira, Ph. D. – Orientador

Prof. Wilson Luís Paroschi Cordeiro, Ph. D – Leitor Externo

Prof. Amim Américo Rodor, Th. D - Diretor da Faculdade de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0.1. O problema	1
0.2. Metodologia	1
CAPÍTULOS	
I. REVISÃO DE LITERATURA	3
1.1. Um ser humano, um sacerdote cananeu	3
1.2. Um ser angelical	3
1.3. Conclusão parcial	4
II. O TEXTO	5
2.1. Delimitação da Perícope	5
2.2. O Texto da Perícope	5
2.3. Tradução	6
2.4. Conclusão parcial	7
III. CONTEXTO HISTÓRICO	8
3.1. Contexto Geral	8
3.1.1. O autor	8
3.1.2. Data e local.....	8
3.2. Contexto específico	9
3.3. Conclusão Parcial	10
IV. CONTEXTO LITERÁRIO	11
4.1. Gênero Literário	11
4.2. Forma Literária	11
4.3. Estrutura Literária	11
4.3.1. Estrutura do Livro	11
4.3.2. Estrutura da Perícope	13
4.4. Figuras de Linguagem	14
4.5. Conclusão Parcial	14
V. ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA E TEMÁTICA	15
5.1. Análise do contexto da palavra no verso	15
5.2. Análise do contexto da palavra na perícope	16
5.3. Contexto do livro e da Bíblia	17
5.4. Conclusão Parcial	19
VI. REAÇÃO CRÍTICA E REFLEXÃO TEOLÓGICA	20
6.1. Reflexão teológica	20

6.2. Reação crítica a literatura	20
CONCLUSÃO	22
BIBLIOGRAFIA	24

INTRODUÇÃO

0.1. O PROBLEMA

Em Hb 7:1 encontramos as seguintes palavras: “*Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,*” (Almeida [trad.], 1993, p. 181). Quem é este Melquisedeque? Seria ele um ser humano? Seria ele um anjo? Ou seria ele o próprio Cristo?

O objetivo deste trabalho é compreender mais claramente quem foi esse Melquisedeque que aparece no texto acima. Para tanto, desenvolveremos uma exegese do texto na tentativa de uma definição de sua identidade à luz do contexto bíblico.

0.2. Metodologia

Para alcançar este objetivo, será empregado o método da “Leitura Atentiva” (Close Reading) do texto. No primeiro capítulo, faremos uma revisão de literatura sobre as diversas interpretações existentes acerca da identidade de Melquisedeque.

No capítulo dois, avaliaremos o texto bíblico da passagem em questão. Primeiro demarcaremos a perícopes na qual se encontra o nosso verso. Depois verificaremos o texto em si no intuito de identificar possíveis variantes e suas implicações para o texto. E concluindo, será fornecido uma tradução do texto da perícopes averiguada.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre o contexto histórico deste verso. Onde discutiremos a autoria, a data e o local onde foi escrito este livro. Entretanto será também investigado o contexto específico da época em busca de resposta do ao nosso problema de pesquisa.

No capítulo quatro será averiguado o contexto literário, verificando qual é o gênero e a forma literária da perícopes. Será também apresentada a estrutura do livro de Hebreus, e posteriormente a estrutura da perícopes. Finalizando esta parte, serão analisadas as figuras de linguagem que aparecem no texto.

No quinto capítulo faremos uma análise léxico-sintática e temática do texto em questão. Analisando o contexto da palavra no verso em que se encontra a problemática, e no contexto da perícopes. Verificaremos também o seu sentido à luz do contexto mais amplo do livro de Hebreus e do restante das Escrituras.

No sexto capítulo, primeiramente faremos uma reflexão teológica acerca da contribuição desse estudo a diferentes áreas da Teologia. Nesse mesmo capítulo, nos posicionaremos criticamente diante das interpretações apresentadas no capítulo um desta pesquisa.

Finalizando, apresentaremos descobertas feitas ao longo desse trabalho e procuraremos responder as perguntas levantadas nessa introdução.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Ao fazer uma revisão da literatura sobre o assunto em questão, podemos observar que existem algumas correntes de pensamentos quanto à identidade de Melquisedeque. Devido sua obscuridade no texto de Hebreus, e da figura de Melquisedeque, tem-se apresentando diversas interpretações conjecturadas acerca do mesmo.

1.1. UM SER HUMANO, UM SACERDOTE CANANEU.

Para uma grande maioria de exegetas (Buttrick [ed.], 1962, v. 4. p. 343; Hagner, 1997, p. 120; Herry, 1989, p. 526; Owen, 1985, p. 112; Nichol [ed.], 1988, v. 7, p. 454; Trenchard, 1958, p. 87), Melquisedeque era um contemporâneo de Abraão que, provavelmente, foi rei da Jerusalém Cananéia. Ele era um ser humano que devido as suas qualificações de caráter e suas funções reais e sacerdotais, pode ser apresentado como um símbolo de Cristo.

1.2. UM SER CELESTIAL.

Nos círculos gnósticos dos primeiros séculos da era cristã se cria que o Melquisedeque apresentado em Hebreus era o anjo mais poderoso de toda a hoste celestial (Hippolytus, *Refutation* 7:36, Epiphanius, *Panarion* 55)¹. Na obra *Pistis Sophia* (33a-35a, 179b-180a, 265b- 266a, 295b, 302a-b, 324b-325a)² Melquisedeque aparece reinando sobre o mundo da luz como o Receptor da Luz. Alguns teólogos cristãos como Cunaeus, Ewald e McCaul (McCaul, 1871, p. 75, 80)³ consideravam que Melquisedeque era a segunda pessoa da Trindade, ou seja, o próprio Jesus Cristo. Mais recentemente Hanson (1965, p. 65, 82)⁴ também propôs a identificação de Melquisedeque com Jesus.

¹ *Apud* Bruce, 1991, p. 159-160, n. 20.

² *id.*

³ *id.*

⁴ *id.*

1.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Ao analisarmos vários exegetas do livro de Hebreus, podemos observar propostas divergentes acerca da identidade de Melquisedeque. Ainda que a identificação de Melquisedeque como um ser humano comum seja a interpretação predominante, a proposta de identificá-lo como um ser celestial (um anjo, ou o próprio Cristo) foi sempre recorrente ao longo do Cristianismo. A questão não é clara e não existe unanimidade sobre o assunto, fato que nos impulsiona à investigação desse problema.

CAPITULO II

O TEXTO

2.1. DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícopre de nossa passagem é todo o capítulo sete de Hebreus. O motivo desta delimitação é o enfoque no tipo do sacerdócio de Cristo, um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, uma ordem superior à do sacerdócio levita. Essa perícopre de Hebreus enfatiza que o sacerdócio superior de Cristo é um cumprimento da profecia bíblica do Antigo Testamento.

A transição de perícopre anterior para a de Hb 7 ocorre em Hb 6:20, onde encontramos a finalização de uma exortação, que é o conteúdo da perícopre anterior. Nossa perícopre começa uma seção de exposição das escrituras, focando o sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque.

Já o capítulo 8 parece marcar o início de uma nova perícopre, onde o enfoque passa do tipo de sacerdócio (Melquisedeque versus Levítico) para o ministério de Cristo no santuário Celestial, com uma especificação mais detalhada desse santuário versus o santuário terrestre.

2.2. O TEXTO DA PERÍCOPE

Ao analisar o texto grego no **The Greek New Testament 4^o ed.** (Aland et al., 1983, p. 754), encontramos uma variante. A variante se encontra em Hb 7 :21⁵, e não traz nenhuma alteração a problemática ao texto.

Apesar de ter esta variante, iremos manter o texto como temos atualmente na Almeida revista e atualizada, 2^a edição.

⁵ {A} εις τον αιωνα P⁴⁶ B 01 50 33 81 436 24 2464 it^{b, comp, u, r} vg syr^{pal} cop^{sa, bopt} arm // εις τον αιωπα κατα την ταξιν Μελχισεδεκ (see 7:17; Ps 110:4) x² A D Ψ 075 6 104 256 424 459 1175 1241 1319 1573 1739 1852 1881 1912 2127 2200 Byz [K L P] lect it^{ar, d} vg^{mss} syr^{p, h} cop^{bopt} eth geo slav Eusebius Chrysotom Theodoret // omit *x.

2.3. TRADUÇÃO (Almeida, [trad.], 1993, p. 181-184)

7: 1 Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,

2 para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;

3 sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não teve princípio de dias, nem fim existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote para sempre.

4 Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu o dízimo dentre os melhores despojos.

5 E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar os dízimos do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que estes também tenham saído dos lombos de Abraão;

6 mas aquele cuja genealogia não é contada entre eles, tomou dízimos de Abraão, e abençoou ao que tinha as promessas.

7 Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior.

8 E aqui certamente recebem dízimos homens que morrem; ali, porém, os recebe aquele de quem se testifica que vive.

9 E, por assim dizer, por meio de Abraão, até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos,

10 porquanto ele estava ainda nos lombos de seu pai quando Melquisedeque saiu ao encontro deste.

11 De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (pois sob este o povo recebeu a lei), que necessidade havia ainda de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?

12 Pois, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei.

13 Porque aquele, de quem estas coisas se dizem, pertence a outra tribo, da qual ninguém ainda serviu ao altar,

14 visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo da qual Moisés nada falou acerca de sacerdotes.

15 E ainda muito mais manifesto é isto, se à semelhança de Melquisedeque se levanta outro sacerdote,

16 que não foi feito conforme a lei de um mandamento carnal, mas segundo o poder duma vida indissolúvel.

17 Porque dele assim se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.

18 Pois, com efeito, o mandamento anterior é ab-rogado por causa da sua fraqueza e inutilidade

19 (pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou), e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual nos aproximamos de Deus.

20 E visto como não foi sem prestar juramento (porque, na verdade, aqueles, sem juramento, foram feitos sacerdotes,

21 mas este com juramento daquele que lhe disse: Jurou o Senhor, e não se arrependará: Tu és sacerdote para sempre),
22 de tanto melhor pacto Jesus foi feito fiador.
23 E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer,
24 mas este, porque permanece para sempre, tem o seu sacerdócio perpétuo.
25 Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, porquanto vive sempre para interceder por eles.
26 Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus;
27 que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo.
28 Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens que têm fraquezas, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, para sempre aperfeiçoado.

2.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Neste capítulo verificamos que o tema central da perícopa é o sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque, e o relacionamento desse tipo de sacerdócio com o levítico. Dentro da nossa perícopa encontramos uma variante textual que não interfere no entendimento do problema. O estudo desse capítulo nos ajudou a delimitar o espaço e conteúdo textual primário que será o foco de nossa pesquisa na busca de respostas quanto a identidade de Melquisedeque segundo o livro de Hebreus.

CAPITULO III

CONTEXTO HISTORICO

3.1 CONTEXTO GERAL

3.1.1. O AUTOR.

Ao pesquisarmos sobre a autoria do livro de Hebreus, observamos que há uma grande discussão a respeito da real identidade do autor (*Bíblia de estudo Genebra*, 1999, p. 1463). Vejamos algumas possibilidades: na igreja oriental, no período de Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) e de Orígenes (185-253 d.C.), a epístola foi atribuída a Paulo, mesmo tendo conhecimento da diferença estilística entre o livro de Hebreus e os escritos paulinos. Entretanto, na igreja ocidental, no período do teólogo Tertuliano (155-220 d.C.), a autoria foi atribuída a Barnabé, um levita da dispersão judaica, notório por encorajar as pessoas. Lucas e Clemente de Roma também foram nomes sugeridos à autoria de Hebreus nesse mesmo período histórico. Mas nos séculos posteriores, séc. V ao XVI, a autoria de Paulo foi aceita tanto no oriente como no ocidente. Quando analisamos o período da Reforma, encontramos Lutero propondo Apolo como autor do livro, um judeu cristão de Alexandria, eloqüente na pregação. Já no período moderno encontramos três sugestões: Priscila, Epafras e Silas.

Embora seja difícil eliminar muito destas propostas, também é difícil encontrar uma evidência convincente a favor de muitas delas. Averiguando o ponto de vista da tradição primitiva, Paulo é o que tem mais chances de ser o autor, todavia, como Calvino observou, Hebreus difere do estilo paulino (id.).

3.1.2 DATA E LOCAL

Dentro da epístola aos Hebreus não existe nenhuma evidência histórica clara que nos ajude a estabelecer a data exata de sua composição. Entretanto, podemos estabelecer os limites prováveis dizendo que não pode ter sido escrito depois de 95 d.C., pois nessa época Clemente de Roma já o havia

citado em sua epístola a Corinto. Se admitirmos que ela foi escrita pelo apóstolo Paulo, provavelmente deve ter sido composta antes de 64 d.C., quando, acredita-se, ocorreu seu martírio (Allen, 1987, p. 16).

As informações acerca da localidade também são insuficientes. Qualquer opinião acerca do assunto se apresenta como mera conjectura. Com relação aos destinatários, encontramos algumas posições não conclusivas: (1) Nos manuscritos do Novo Testamento consta o título “Aos Hebreus”. Desta forma, para os que acreditam nesta posição, evidencia-se que o endereço refere-se aos judeus cristãos helenistas da diáspora (Laubach, 2000, p. 20). Outros têm opinião diversa. Para Moffat e Scott os destinatários foram os cristãos gentios. Eles insistem que o escritor não estava referindo-se à apostasia ao judaísmo, mas à apostasia em relação ao Deus vivo. A freqüência de citações do Antigo Testamento não significa, necessariamente, que os ouvintes originais eram judeus, pois o escritor cria que o Velho Testamento era para todos os cristãos (Allen, 1987, p. 17-18). Outros comentaristas defendem que Hebreus foi escrita para os cristãos, em geral não tendo em vista judeus ou gentios. O argumento é que a tentação é comum a todos: “esfriar”, “perder o interesse” e se tornarem “andarilhos religiosos”. Para estes estudiosos o título “Hebraious” é apenas simbólico, pois, esta palavra significa peregrino ou viajante (ibid, p. 18). Concluindo esta seção, alguns críticos apóiam a idéia de que a carta foi endereçada a Roma devido à quantidade de evidências externas e internas. Para eles, a epístola foi primeiramente conhecida e citada nesta localidade e, visto que assim aconteceu durante a última década do séc. I, demonstra que a epístola deve ter ali chegado numa etapa bem recuada de sua transmissão (Guthrie, 1984, p. 24).

Concluimos então que a data, o local e os destinatários estão carregados de incertezas.

3.2. CONTEXTO ESPECÍFICO.

No judaísmo do primeiro século e no judaísmo rabínico podemos encontrar diferentes pontos de vista com relação à pessoa de Melquisedeque.

Segundo a literatura de Qumrã (11QMelch), os essênios aparentemente o consideravam como um elevado ser angelical, ele era o ser encarregado de executar o juízo divino, estava a cargo da expiação dos pecados do povo, e servia de sacerdote no contexto celestial (Bromiley [ed.], 1986, v. 3, p. 313).

Shurer (1985, p. 712) descreve a visão dos essênios acerca de Melquisedeque e precisa que ele era retratado como o presidente do juízo final onde condenará seu adversário Belial ou Satã. Para Shurer, o manuscrito essênico além de alastrar luz valiosa sobre a figura de Melquisedeque, traz também luz sobre a epístola aos Hebreus e sobre o desenvolvimento do conceito messiânico no Novo Testamento e no cristianismo primitivo.

Dentro da diáspora, nos tempos de Jesus, encontramos a pessoa de Filo. Filo foi um filósofo judeu-helenístico que correlacionou a Bíblia com a filosofia Grega. Este pensador que utilizava a interpretação alegórica, identificou Melquisedeque como sendo uma manifestação do “*logos*” divino (Laubach, 2000, p. 114).

Para um grupo de exegetas judeus do círculo rabínico do primeiro século, o Melquisedeque a quem Abraão tinha pagado os dízimos era Sem. Para eles, o filho de Noé ainda estava vivo no período do patriarca Abraão e continuou vivo por mais 25 anos após a morte do patriarca (Freedman [ed.], 1992, v. 4, p. 686).

3.3. CONCLUSÃO PARCIAL

Ao analisarmos os tópicos deste capítulo encontramos muitos pontos não conclusivos. Com relação à autoria, à datação e aos destinatários infelizmente não temos possibilidade de chegarmos a um denominador comum, pois todas estas questões são incertas. Quanto ao contexto específico encontramos várias interpretações antigas sobre a figura de Melquisedeque no meio judaico do primeiro século, algumas muito pertinentes à compreensão do texto de Hebreus. Mas continuaremos este trabalho para melhor esclarecimento sobre o assunto.

CAPITULO IV

CONTEXTO LITERÁRIO

4.1 GÊNERO LITERÁRIO

O gênero literário analisado é um dos mais complexos que encontramos em toda a Bíblia. Todavia, podemos sugerir que esse documento é mais uma *homilia* do que outro gênero literário (Hale, 2001, p. 355).

4.2 FORMA LITERÁRIA

Dentro da pericope podemos encontrar apenas uma forma literária, ela aborda toda a pericope de Hb 7: 1-28. A forma literária encontrada é a *exposição da escritura* (Barley e Van Der Broek, 1992, p. 192).

4.3. ESTRUTURA LITERÁRIA

4.3.1. Estrutura do livro (extraída de Laubach, 2000, p. 28-30).

Primeira seção: A gloria da pessoa de Jesus, Hb 1:1-5:10

1. A gloria do filho de Deus, Hb 1:1-4
2. A superioridade do filho de Deus sobre o anjos, Hb 1:5-14
3. A superioridade do filho do homem sobre os anjos, Hb 2: 1-18
 - A magnitude de nossa responsabilidade, Hb 2: 1-4
 - Humilhação e exaltação do filho do homem, Hb 2: 5-18
4. A superioridade de Jesus sobre Moisés, construtor do tabernáculo, Hb 3: 1-19
 - A superioridade do filho sobre o servo, Hb 3: 1-6
 - A migração de Israel pelo deserto como exemplo que adverte a igreja, Hb 3:7-19
5. A superioridade de Jesus sobre Josué, o guia de Israel até Canaã, Hb 4: 1-13
 - Desafio para ouvir com fé as promessas de Deus, Hb 4: 1,2
 - As promessas do descanso de Deus para a igreja, Hb 4: 3-11

- A eficácia da palavra de Deus, Hb 12,13
6. A superioridade de Jesus sobre Arão, o primeiro sumo sacerdote, Hb 4: 14-5:10
7. *Primeira exortação*: Advertência contra a apostasia, Hb 5:11-6:20
- Crítica da imaturidade espiritual, Hb 5: 11-14
 - A impossibilidade de renovar o arrependimento, Hb 6: 1-8
 - Encorajamento para perseverar nas promessas de Deus, Hb 6: 9-20

Segunda Seção: A obra de Jesus, seu serviço como eterno sumo sacerdote, Hb 7: 1-10:18

8. A superioridade do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico segundo a ordem de Arão, Hb 7: 1-28
- Melquisedeque e Abraão, Hb 7: 1-3
 - A superioridade de Melquisedeque sobre Abraão e Levi ao receber o dizimo Hb 7: 4-10
 - O novo sacerdócio demanda uma nova ordem de sacerdotes, Hb 7: 11-17
 - A confirmação do sacerdócio melhor pelo juramento, Hb 7: 18-28
9. Jesus Cristo como Sumo Sacerdote celestial tornou-se o mediador da nova aliança melhor, Hb 8: 1-13
10. A limitação temporal e terrena do tabernáculo e de suas ordens, Hb 9: 1-10
11. O cumprimento de todos os sacrifícios, exemplos e promessas do AT pelo único sacrifício de Cristo, Hb 9: 11-28
12. O sacrifício de Jesus efetua perdão, santificação e perfeição, Hb 10: 1-18
13. *Segunda exortação*: Convocação para a fidelidade na fé, Hb 10: 32-39
- Fidelidade ao testemunho, Hb 10: 19-25
 - Advertência sobre o pecado proposital, Hb 10:26-31
 - Exortação para a persistência, Hb 10:32-39

Terceira Seção: Fé e santificação da igreja, Hb 11: 1-12:29

14. As testemunhas da fé, Hb 11: 1-31

- O testemunho de fé dos antigos, Hb 11: 1-7
 - O caminho de fé dos patriarcas, Hb 11: 8-22
 - O poder de fé de Moisés, Hb 11: 23-29
 - Força eficaz da fé diante de Jericó, Hb 11: 30,31
15. Vitória e sofrimento da fé, Hb 11: 32-40
16. Luta de fé como meio pedagógico de Deus, Hb 12: 1-11
17. Vigilância espiritual incansável na vida de santificação, Hb 12:12-29
18. *Terceira exortação*: Discipulado no cotidiano, Hb 13: 1-21
19. *Encerramento da carta*: Saudação e voto de graça, Hb 13: 22-25.

4.3.2. Estrutura da perícopes (adaptada de Laubach, 2000, p. 28-30).

1. Melquisedeque e Abraão, 7: 1-3.
2. A superioridade do Sacerdote de Cristo com relação ao sacerdócio levítico, 7: 4-10.
 - A. Abraão paga os dízimos a alguém superior, 7: 4.
 - B. A lei manda pagar dízimos aos descendentes de Levi, 7: 5.
 - C. Os dízimos foram pagos a alguém que não participava da descendência, 7: 6.
 - D. A benção vem sempre do superior e não o contrario, 7: 7-9.
 - E. A condição superior de Melquisedeque com relação a Levi, 7: 10.
3. O novo sacerdócio demanda uma nova ordem de sacerdotes, 7: 11-17.
 - A. A importância de um novo sacerdócio, 7: 11.
 - B. As leis que regem os dois tipos de sacerdócio, 7: 12-16.
 - C. A confirmação do sacerdócio, 7: 17.
4. A confirmação do sacerdócio melhor pelo juramento, 7: 18-28.
 - A. A inferioridade da antiga aliança, e a exaltação da esperança superior, 7: 18-19.
 - B. O sacerdócio sem juramento e o com juramento, 7: 20-22.
 - C. Sacerdócio de Cristo é eterno, 7: 23-24.
 - D. O único meio de salvação, 7: 25.
 - E. O único sacerdote perfeito, 7: 26-28.

4.4. FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nossa perícopes encontramos algumas figuras de linguagem. Tais figuras são responsáveis por embelezar a perícopes analisada. Em Hb. 7:4 encontramos uma *hipérbole*. Essa figura tem o objetivo de dar um destaque exagerado a quem é pago o dízimo: o sacerdote (Bullinger, 1990, p. 601).

Em Hb 7: 8 encontramos duas figuras de linguagem: a *elipse* e a *enálage*. A primeira tem como alvo omitir os nomes dos personagens em questão. A segunda tem como objetivo alterar o tempo verbal. O propósito de utilizar esta figura é para dar mais vida à narração. Então se usa o tempo no presente e vez do pretérito. Desta forma, o texto deve ser entendido da seguinte forma: “Assim como Melquisedeque foi sacerdote por toda vida (quando ele era mortal), assim também é Cristo, segundo a sua ordem, é sacerdote por toda sua vida, a qual é eterna. Portanto, é sacerdote para sempre” (ibid., p. 104).

4.5. CONCLUSÃO PARCIAL

Verificamos que neste capítulo o gênero provável é a *homilia*. Com relação à forma literária encontramos uma *exposição da escritura* na perícopes. Na estrutura literária, constatamos que a ênfase principal é Cristo como sumo sacerdote, e o tipo do seu sacerdócio em relação ao sacerdócio levítico. Ao analisarmos também as figuras de linguagem, podemos averiguar que possuem diversas figuras para o embelezamento do texto. Todavia, a figura de linguagem que nos deu uma pista de como devemos interpretar o texto de Hb. 7:8, foi à figura *enálage*. Esta figura nos indica que devemos utilizar o tempo presente na tradução do verso indicando assim a situação mortal de Melquisedeque. Desta forma, a figura dá indício de que ele era um humano comum. Entretanto para não chegar a uma posição precipitada continuaremos a desenvolver este trabalho de pesquisa.

CAPITULO V

ANÁLISE LÉXICO-SINTAXE E TEMÁTICA

Iremos fazer uma análise léxico-sintática e temática do nosso verso, onde encontramos o problema do nosso trabalho: Melquisedeque.

“Μελχισεδεκ”- Esta palavra é um nome próprio indeclinável (Rusconi, 2003, p. 300).

5.1. O CONTEXTO DA PALAVRA NO VERSO

Ao analisarmos o contexto no verso, podemos observar que o texto possui três partes. A primeira parte é: “rei de Salém”. Salém tem sido identificada com Jerusalém apoiada na referência bíblica de Sl. 76: 2, e pela antiga citação a essa cidade nas cartas de Tell el-Amarna, do século XIV a.C. As inscrições assírias refere-se a ela muito antes dessa cidade ter qualquer coisa a ver com o povo de Israel, mediante os nomes *Uru-salem* e *Uru-salimmu* (Champlim, v. 1, 2001, p. 4735).

A segunda parte é: “sacerdote do Deus altíssimo”. O título aqui aplicado a Deus é encontrado não somente em Gn 14: 18, como também em Dt 32: 8 e em diversos outros lugares no Antigo Testamento, principalmente no livro de Salmos. Chama atenção ao caráter exaltado de Deus. Qualquer sacerdócio é analisado de acordo com a classe da divindade que é servida, o que significa que Melquisedeque deve ter sido de um indivíduo muito exaltado (Guthrie, 1984, p. 146).

E a terceira parte é: “Quem saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,...”. O encontro entre Melquisedeque e Abraão aconteceu na conclusão da participação de Abraão num conflito entre duas confederações de reis. A vitória notável de Abraão, no entanto, não é o que ocupa o interesse do autor, mas, sim, o fato dele ser abençoado por Melquisedeque, o que imediatamente colocou este último numa posição de superioridade a Abraão. Isto em si mesmo teria sido respeitado como uma alta

dignidade pelos judeus cristãos, bem como pelos judeus ortodoxos, não-cristãos, que tinham altíssima estima por Abraão (ibid., p. 147).

5.2. O CONTEXTO DA PALAVRA NA PERÍCOPE

A perícopes consiste em quatro seções. O objetivo central desta parte é indicar a pessoa do sacerdote e a posição que lhe dá este direito de exercer as funções. A princípio são apresentadas as descrições do rei e sacerdote, que neste caso, possui as mesmas semelhanças de Cristo. Depois de descrever a pessoa de Melquisedeque, são mostrados argumentos dizendo o motivo do sacerdócio de Melquisedeque ser superior aos demais.

Podemos dividir o verso 2 em duas partes para melhor explicá-lo: (1) a primeira parte fala que “Abraão pagou dízimos de tudo a Melquisedeque”, o autor continua a identificação da figura misteriosa de Melquisedeque. O motivo dessa atitude de Abraão constitui uma expressão de sua dependência e gratidão a Deus. O objetivo principal do autor é explicar o acontecimento básico. (2) Na segunda parte do verso dois, encontramos uma interpretação do nome Melquisedeque. Na Bíblia quando é mencionado um nome, certamente não é citado por mero acaso, porquanto possui algum significado. O autor de Hebreus interpreta o nome Melquisedeque como significando: “rei da justiça” e “rei da Salém, ou seja, rei da paz”. Estes nomes são conhecidos como sinais da soberania messiânica. Aquilo que o nome de Melquisedeque representa alcançou consumação plena em Jesus Cristo (Laubach, 2000, p.115).

O centro da problemática acerca da identidade de Melquisedeque é o verso 3. Para entendermos este verso devemos notar que o escritor está afirmando mais pontos do que é encontrado no Antigo Testamento. O autor, aparentemente, usa um método de interpretação bíblica comum no pensamento rabínico do judaísmo antigo, segundo o qual: “o que não consta na Torá, não existe no mundo!” (id.).

O fato do texto bíblico de Gênesis não apresentar as origens de Melquisedeque e nem o seu fim torna esse personagem um mistério. O autor de Hebreus, então, elabora sobre o silêncio do Antigo Testamento acerca do nascimento e morte de Melquisedeque, e sobre a falta de informações

genealógicas a seu respeito (“sem pai, sem mãe, sem genealogia”) para mostrar que ele é de uma ordem totalmente diferente. O fato do Antigo Testamento não indicar o início e o fim da vida de Melquisedeque faz dele um representante do sacerdócio eterno. Isto é confirmado no verso 8 que diz “dele se testifica que vive”; no verso 16 onde é dito que “Ele é sacerdote segundo o poder indissolúvel”; e finaliza no verso 24 onde é declarado que ele representa “um sacerdócio permanente e imutável” (id.).

Contudo, ao aproximar do fim de seu raciocínio o autor esclarece mais a questão: “Feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote perpetuamente”. Esta é a parte que ele dá mais ênfase; Melquisedeque foi semelhante ao Filho do Deus. Cristo é a imagem original, nele persiste a eternidade e a verdadeira ordem sacerdotal; Melquisedeque é a réplica, que aponta por sua vez ao cumprimento pleno do sacerdócio em Cristo (Sl 110: 4: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”). Melquisedeque é o personagem terreno antítipo desse sacerdócio eterno, a sombra na qual não se perdeu nada do seu conteúdo da imagem original. Devido a isto é que o sacerdócio de Melquisedeque é eterno (ibid., p. 117; Bruce, 1990, p. 160, n. 22).

5.3. CONTEXTO DO LIVRO E DA BÍBLIA

Duas linhas de sacerdócio dominam o pensamento do livro de Hebreus. Existe uma linha terrena, que vai de Abraão até Arão e seus descendentes, passando por Levi, e outra linha representada por Melquisedeque. A linha sacerdotal segundo Melquisedeque desemboca no Messias vindouro, ela apontava para Cristo e seu sacerdócio celestial (ver a discussão em Hb 4: 14-10: 25).

Seria Melquisedeque, no entanto, o único exemplo vetero-testamentário dessa linha de sacerdócio messiânica? Seria ele o “exemplo precoce” do sacerdócio de Cristo, como sugere Laubach (2000, p. 117)?

Ao analisarmos o tema do sacerdócio nas Escrituras encontramos dois períodos distintos: 1) do Éden ao Sinai e 2) o sacerdócio desde o Sinai e até Cristo.

O sacerdócio no período entre o Éden e o Sinai funcionava através do sistema da primogenitura. A escritora Ellen G. White explica essa questão: “Nos tempos primitivos cada homem era o sacerdote de sua própria casa. Nos dias de Abraão, o sacerdócio era considerado direito de primogenitura do filho mais velho” (White, 1996, p. 210). É provavelmente dentro desse sistema que vemos personagens como Noé (Gn 8: 20-21); Jó (Jó 1: 5; 42: 8); e o próprio Abraão (Gn 12: 8; 13: 18; 22: 9-13) exercendo funções sacerdotais, e que personagens como Reuel/Jetro eram reconhecidos sacerdotes de Deus (Êx 2: 16; 3:1; 18: 1-12).

Foi posteriormente que o Senhor escolheu a tribo levita para a obra do santuário. Por meio desta honra distinta, Deus manifestou Sua aprovação à fidelidade da mesma em sua prontidão em executar o juízo de Deus quando Israel apostatou com o culto ao bezerro de ouro (Êx 32: 25-29).

O texto Bíblico deixa claro que os levitas foram tomados no lugar dos primogênitos de cada família israelita para o serviço religioso ao Senhor, segundo o que está relatado em Nm 3: 40-45. Deste momento em diante se deveria pagar um resgate por todo o primogênito que nascesse de uma família israelita, pois ele naturalmente pertencia ao Senhor e à classe sacerdotal (Êx 13: 2; 18: 15). O valor que eles deveriam pagar era de cinco ciclos (cf. Nm 3: 46-47; 18: 15-16).

Mesmo com o sacerdócio levita em vigor, podemos encontrar pelo menos um exemplo claro de exercício de sacerdócio através da primogenitura no caso de Samuel, que foi consagrado ao ofício sacerdotal sem ser levita (I Sm 1: 11; 22-28; 2: 18-19). É provavelmente dessa linha do sacerdócio da primogenitura que Melquisedeque servia como sacerdote do Deus Altíssimo em Salém (Gn 14: 18-20).

Chegamos então à conclusão: primeiramente o sacerdócio era exercido pelos primogênitos e posteriormente pela tribo de Levi. Os descendentes de Levi, filho de Jacó, foram separados para exercer as funções sagradas, por uma iniciativa positiva de Deus (Nm 1: 50). Eles foram chamados para tomar o lugar dos primogênitos (Nm 3: 12; 8: 16).

Todavia, devemos entender que o sacerdócio dos primogênitos como os dos levitas são inferiores ao sacerdócio Celestial. A única diferença que podemos encontrar aqui é que o sacerdócio dos primogênitos representa melhor o Messias, sendo a tipologia original vinda do Éden e confirmada pela profecia de Sl 110. Foi por este motivo que o escritor fez esta comparação, utilizando conhecimentos antigos sobre sacerdócio, neste caso referindo-se à figura de Melquisedeque, para ilustrar aos destinatários de sua carta que o sacerdócio levita não era o que solucionaria o problema humano e sim um maior, neste caso da ordem de Melquisedeque, a qual prefigurava o sacerdócio eterno de Cristo (Vaux, 2003, p. 397).

5.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Este capítulo foi determinante para solução do problema desta pesquisa. Em primeiro lugar, é apresentada a descrição da pessoa de Melquisedeque para que os leitores se familiarizassem com o nome. Ele foi provavelmente rei da Jerusalém Cananéia, sendo assim um ser humano. Em segundo lugar, podemos encontrar diversas peculiaridades entre os sacerdotes Melquisedeque e o de Cristo. Já que o livro de Hebreus faz uma alternância entre céu e terra fica clara então o paralelo entre esta duas pessoas. Cristo sendo o sacerdote celestial e Melquisedeque o representante terrestre desse tipo de sacerdócio. Entre eles poderíamos destacar alguns pontos comuns, são eles: sem genealogia; sacerdócio perpetuo; e não tinham nem início ou fim de dias. E em terceiro lugar o sacerdócio de Melquisedeque foi usado em Hebreus para mostrar que o sacerdócio dos levitas não se adequaria à pessoa de Cristo. O único que adequaria a esta situação era um sacerdócio segundo a linha de Melquisedeque, que provavelmente seguia a linha de sacerdócio dos primogênitos. Assim, o Messias prometido viria segundo a ordem de Melquisedeque (cf. Sl 110) e não segundo a ordem dos levitas. Desta forma podemos concluir que a figura de Melquisedeque era a figura humana que mais claramente exemplificou o sacerdócio de Cristo no Antigo Testamento.

CAPITULO VI

REFLEXÃO TEOLÓGICA E REAÇÃO CRÍTICA À LITERATURA

1. REFLEXÃO TEOLÓGICA

A principal contribuição deste trabalho está nas áreas da Tipologia e da Cristologia. Melquisedeque é a figura humana que melhor ilustrou o tipo do sacerdócio de Cristo. Em especial nossa pesquisa chamou atenção para a linha do sacerdócio dos primogênitos como sendo possivelmente a linha do sacerdócio de Melquisedeque e a prefiguração original do sacerdócio celestial de Jesus.

2. REAÇÃO CRÍTICA A LITERATURA

Ao analisarmos o debate acerca da identidade de Melquisedeque em Hebreus, no primeiro capítulo dessa investigação, encontramos duas correntes de pensamento: um ser humano; ou um ser celestial (anjo ou o próprio Jesus). Contudo, a posição mais coerente com os dados que encontramos neste trabalho é a de que ele foi um ser humano contemporâneo de Abraão.

Os pontos que temos a favor desta posição são: (1) Em Hb 7: 8 descobriremos a figura de linguagem *enálage*. Esta figura tem como objetivo desfigurar o tempo verbal. De se aplicar o tempo verbal no pretérito, empregar-se o tempo presente (presente histórico). Com estas explicações o texto seria assim explicado: “Assim como Melquisedeque foi sacerdote por toda vida (quando ele era mortal), assim também é Cristo, segundo a sua ordem, é sacerdote por toda sua vida, a qual é eterna. Portanto, é sacerdote para sempre”. (2) O verso três de Hebreus sete diz: “...Feito semelhante ao filho de Deus”, se é feita a semelhança do Filho automaticamente ele não pode ser o filho, pois são duas pessoas distintas.

A questão da identidade humana de Melquisedeque foi bem resumida por Ellen White:

“O Melquisedeque a quem Abraão pagou os dízimos era um homem. Deus nunca deixou-Se a Si mesmo sem testemunhas sobre a terra. Antigamente

Melquisedeque representou pessoalmente ao Senhor Jesus Cristo, a fim de revelar a verdade do Céu, e perpetuar a lei de Deus. Era Cristo que falava por meio de Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo. Melquisedeque não era Cristo, mas era a voz de Deus no Mundo, o representante do Pai” (Nichol [ed.], 1988, v. 1, p. 1106-1107), grifo nosso.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo fizemos uma revisão de literatura e descobrimos que os autores se dividem em dois grupos. O primeiro grupo, uma maioria, defende a idéia que Melquisedeque foi um sacerdote cananeu. O segundo grupo, uma minoria, se subdivide em duas idéias: (1) que ele era o próprio Cristo; ou (2) que ele era um anjo poderoso.

No segundo capítulo delimitamos nossa perícopes, e precisamos que ela é todo o capítulo 7 de Hebreus. Ao analisarmos as variantes, encontramos uma, porém, ela não implicava em nenhuma alteração para a compreensão do texto. Concluimos o capítulo apresentado uma tradução do texto da perícopes.

No terceiro capítulo, analisamos o contexto histórico geral e o específico da nossa passagem, e vimos que nas questões acerca do autor, da data e dos destinatários são totalmente cobertos de incertezas. Com relação ao contexto específico encontramos muitas posições acerca da pessoa de Melquisedeque no judaísmo antigo: um Anjo; Sem (filho de Noé); o arcanjo Miguel.

No quarto capítulo averiguamos o gênero literário e o identificamos como *homilia*. Quanto à forma literária da perícopes podemos observar que ela é uma *exposição da escritura*. Verificamos a estrutura literária do livro como um todo e da perícopes em particular. Um ponto relevante nesse capítulo foi a identificação da figura de linguagem *enálage* em Hb 7: 8. Isto nos ajudou na identificação de Melquisedeque como um ser humano.

O quinto capítulo foi de suma importância para a solução de nosso problema de pesquisa. O estudo das palavras e do verso no contexto da perícopes e do livro de Hebreus evidenciou a natureza humana de Melquisedeque. Um dos pontos cruciais foi o estudo de Hebreus 7: 3 onde é dito que Melquisedeque era *semelhante ao filho de Deus*, se é semelhante, é parecido, mas não a mesma pessoa. Concluimos então que Melquisedeque era um tipo e que Cristo o antítipo, ou seja, duas pessoas distintas. Vimos também que o sacerdócio de Melquisedeque foi utilizado em Hebreus para explicar que o sacerdócio dos levitas não se adequava à pessoa de Cristo. Havia necessidade de um sacerdócio mais apropriado à pessoa de Cristo, e o

único que se ajustava a esta situação era o sacerdócio dos primogênitos, cujo o maior representante teria sido Melquisedeque, o sacerdote-rei da Jerusalém Cananéia. Assim, o Messias prometido, seria segundo a ordem de Melquisedeque (cf. Sl 110) e não segundo a ordem dos levitas.

No capítulo seis refletimos sobre a continuação de nossa pesquisa para as áreas da Tipologia e da Cristologia. Fizemos também uma análise crítica das interpretações apresentadas no capítulo um à luz das conclusões alcançadas neste trabalho.

Por fim, podemos responder às perguntas levantadas na introdução: Quem é este Melquisedeque? Seria ele um ser humano? Seria ele um anjo? Ou seria ele o próprio Cristo? As duas últimas perguntas devem ser respondidas com uma negação. Melquisedeque não era um anjo, nem Jesus. A análise do texto bíblico, em seu contexto, nos indicou que ele era meramente um contemporâneo de Abraão que servia ao Deus altíssimo como sacerdote, mas cuja linhagem sacerdotal representava o Messias que haveria de vir e se tornar o Rei-Sacerdote Celestial.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt et al. **The Greek New Testament**. 4ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft United Bible Societies, 1983.

Almeida, João Ferreira de (trad.). **Revista e atualizada**. 2ª ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALLEN, Clifton J. (ed.). **Comentário bíblico Brodman: Novo Testamento**. 3ª ed. 12 v. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

BARLEY, James L.; VANDER BROEK, Lyle D. **Literary Form in the New Testament: a Handbook**. Louisville/KY: Westminster/John Knox Press, 1992.

BROMILEY, Geoffrey W. (ed.). **The Internacional Standard Bible Enciclopedia**. 4 v. Grand Rapids/MI: Eerdmans Publishing Company, 1986.

BRUCE, F. F. **The Epistle to The Hebrews**. Grands Rapids/MI: Eerdmans Publishing Company, 1991. (The New International Commentary on the New Testament).

BULLINGER, Etherlbert W. **Diccionario de figuras de dicción usadas em la Bíblia**. Barcelona: Clie, 1990.

BUTTRICK, George Artur. (ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. 4 v. New York: Abingdon Press Nashville, 1962.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 6 v. São Paulo: Hagnos, 2001.

EPIPHANIUS, *Panarion*, 55 *apud* BRUCE, F.F. **The Epistle to The Hebrews**. Grands Rapids/MI: Eerdmans Publishing Company, 1991. p. 159, n. 20. (The New International Commentary on the New Testament).

FREEDMAN, David Noel (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. 4 v. New York: Doubleday, 1992.

GUTHRIE, Donald. **Hebreus: Introdução e comentário**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1984.

HAGNER, Donald A. **Novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Editora Vida, 1997.

HANSON, A..T., Jesus Christ in the Old Testament. London: 1965, *apud* BRUCE, F.F. **The Epistle to The Hebrews**. Grands Rapids/MI: Eerdmans

Publishing Company, 1991. p. 159, n. 20. (The New International Commentary on the New Testament).

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

HENRY, Mathew. **Comentário exegético-devocional a toda la Bíblia**. 5 v. Traduzido por Francisco Lacueva. Barcelona: Clie, 1983.

HIPPOLYTUS, *Refutation*, 7: 36 *apud* BRUCE, F.F. **The Epistle to The Hebrews**. Grand Rapids/MI: Eerdmans Publishing Company, 1991. p. 159, n. 20. (The New International Commentary on the New Testament).

LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2000. (Comentário Esperança).

MCCAUL, J.B. *The epistle to the Hebrews*. London: 1871, *apud* BRUCE, F.F. **The Epistle to The Hebrews**. Grand Rapids/MI: Eerdmans Publishing Company, 1991. p. 159, n. 20. (The New International Commentary on the New Testament).

OWEN, John. **Hebrews: The Epistle of Warning**. Grand Rapids/MI: Editora Kregel Publications, 1953.

PISTIS SOPHIA, *apud* BRUCE, F.F. **The Epistle to The Hebrews**. Grand Rapids/MI: Eerdmans Publishing Company, 1991. p. 159, n. 20. (The New International Commentary on the New Testament).

NICHOL, Francis D. (ed.). **Diccionario bíblico Adventista del Séptimo Dia**. Traduzido por Victor E. Ampuero Matta. 7 v. Boise/ID: Pacific Press, 1987.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

SHURER, Emil. **Historia del pueblo Judío en tiempos de Jesus. Intituciones políticas y Religiosas**. II Tomos. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

TRENCHARD, Ernest. **Exposición de la Epístola a los Hebreus**. Córdoba: Libreía y Editorial "El Amanecer", 1958.

VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

SPROUL, R. C. (ed.). **Bíblia de Estudo Genebra**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

VERMES, G. **Os manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Editora Mercuryo, 1987.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e Profetas**. 2ª ed. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

MARCAÇÃO DE DATAS PARA O FIM DO MUNDO NA ERA CRISTÃ: DESCRIÇÃO HISTÓRICA E IMPLICAÇÕES MISSIONOLÓGICAS

Alceu Lúcio Nunes

Tese defendida em junho de 2006
Orientador: Alberto R. Timm, Ph.D.

RESUMO: A presente investigação teve por objetivo considerar, de forma sintética, a questão da marcação de datas para o fim do mundo na era cristã, provocado pelo Segundo Advento de Cristo ou por alguma catástrofe de dimensões globais. Ênfase especial foi dada tanto ao processo euforia/desapontamento/letargia gerado pela marcação de datas quanto às implicações desse processo sobre o cumprimento da missão evangélica. O estudo da marcação de datas no decorrer da história do cristianismo baseou-se em fontes primárias e secundárias que tratam do assunto, cujas informações básicas foram apresentadas em uma seqüência cronológica. Marcações de tempo para o fim do mundo têm surgido ao longo da história do cristianismo. Diversos movimentos com esta tendência têm aflorado com base em uma hermenêutica bíblica equivocada (cf Mt 24:36; At 1:7). Datas têm sido marcadas em diferentes contextos históricos, sendo que algumas delas prevêem o fim do mundo quando o autor da predição ainda se encontra vivo. Alguns desses marcadores de tempo enfrentaram o opróbrio e a vergonha do não cumprimento do fato anunciado. Outros têm projetado as suas datas para um futuro distante deixando alguma possibilidade de desapontamento àqueles que venham a aceitar tais predições pouco tempo antes do suposto cumprimento. A pregação do evangelho tem sido afetada negativamente em virtude dessa atitude. Geralmente ocorre um reavivamento religioso antes da data sugerida para o fim do mundo. Contudo, em muitos casos, o não cumprimento da predição gera mornidão, quando o entusiasmo inicial é substituído por indiferença e frieza espirituais. Embora o problema possa ter ocorrido dentro de um ramo específico de uma denominação cristã, a denominação como um todo sofre com as críticas que se propagam de forma generalizada. Dessa forma, a pregação do evangelho tem de enfrentar uma nova onda de suspeita e descrença devido ao não cumprimento da predição supostamente baseada nas Escrituras.

PALAVRAS-CHAVE: marcação de datas, fim do mundo, desapontamento, missão.

Setting Time for the End of the World in the Christian Era: Historical Overview and Implications for Mission

ABSTRACT: The present investigation has the purpose of briefly considering the issue of setting time for the end of the world in the Christian Era, specially motivated by the immediate expectation of the Second Coming of Christ, and by the occurrence of catastrophes of global dimensions. Special emphasis was given to both the process of euphoria/disappointment/lethargy generated by setting a time for the end and the implications of that process on the fulfillment of the Gospel mission. The study undertaken throughout the Christian history was based on primary and secondary sources that deal with the subject, and was organized in a chronological sequence. Setting a time for the end of the world has been a common phenomena throughout the Christian history. Many religious movements, here involved, flourished on the basis of a wrong hermeneutic of the Scriptures (cf. Matt 24:36; Acts 1:7). Dates for the end have been proposed within different historical contexts. Some of these dates expected the end of the world to take place within the lifetime of the person who made the prediction. Some of them had to face the disappointment and the shame of not seeing the



fulfillment of the predicted events. Others have placed a date far beyond their own lifetime, leaving any possible disappointment to those who might accept such prediction shortly before the supposed fulfillment. The preaching of the gospel has been negatively affected by these predictions. Usually, a religious revival takes place prior to the date suggested for the end of the world. Yet, in many cases, the non-fulfillment of the prediction generates lukewarmness, when the early enthusiasm is replaced by spiritual indifference and coldness. Although the problem might have occurred within a specific branch of a Christian denomination, the denomination as a whole suffers from criticisms that are spread out in a generalizing way. Thus, the preaching of the gospel has to face a new wave of suspicion and unbelief due to the non fulfillment of predictions supposedly grounded on the Scriptures.

KEYWORDS: setting dates; end of the world; disappointment; mission.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR ADVENTISTA: BRASIL, 1969 – 1999

Renato Stencil

Tese defendida em dezembro de 2006
Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)
Orientador: Dr. Elias Boaventura
renato.stencil@unasp.edu.br

RESUMO: Esta pesquisa tem como propósito estudar a inserção e a dinâmica de expansão que caracterizaram a história da educação superior adventista no Brasil entre os anos de 1969 a 1999, apontando os fatores conjunturais que contribuíram para sua criação e desenvolvimento. Primeiramente, visa analisar os fenômenos que se manifestaram desde os primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), partindo de sua gênese nos Estados Unidos da América (EUA) até sua chegada e desenvolvimento no Brasil. Num segundo momento, analisa os fatores contextuais que caracterizaram a história da educação superior brasileira, indicando o momento em que as confissões protestantes instalaram suas primeiras instituições de nível superior no Brasil nas últimas décadas do século 19. Tal contexto objetiva lançar os fundamentos históricos para se obter uma melhor compreensão quanto ao momento em que a IASD abre seu primeiro curso superior no País. Em terceiro lugar, a pesquisa examina o papel e a importância que a educação adventista exerceu no processo de desenvolvimento da IASD a partir da criação do Colégio Internacional em Curitiba, em 1896, até a concretização da proposta de abertura do primeiro curso de nível superior, Enfermagem, em 1969, no Instituto Adventista de Ensino (IAE), a consolidação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e o ato de instalação do primeiro reitor do Centro Universitário Adventista de São Paulo em 1999 e os respectivos desdobramentos de outros cursos superiores que foram abertos em diversas instituições denominacionais em territórios brasileiros. Finalmente, o trabalho efetua uma análise quanto aos componentes extra e intradenominacionais que atuaram como agentes facilitadores ou inibidores na consecução do ideal quanto à abertura da universidade adventista no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: história, educação superior, adventista, Brasil, universidade, desenvolvimento, Unasp.

“A History of Adventist Higher Education in Brazil: 1969-1999”

ABSTRACT: This research has the purpose to study the insertion and the expansion dynamics that marked the history of SDA higher education in Brazil between 1969 to 1999, pointing the contextual factors that contributed to its creation and development. Firstly, it purports to analyze the phenomena that happened since the beginnings of the SDA Church, starting from its genesis in the USA till its arrival and development in Brazil. In a second moment, it analyzes the contextual factors that characterized the Brazilian higher educational history, pointing the moment in which the protestant movements settled its first higher educational institutes in Brazil in the last decades of the 19th century. This context will cast the historical foundations in order to obtain a better understanding of the very moment in which the SDA Church opens its first college course in the Country. Thirdly, the research examines the role and the importance that the adventist education exercised in the developmental process of the SDA Church since the establishment of the International College, Curitiba in 1896, till the fulfillment of the opening proposal of the first higher educational course, Nursing, in 1969, in the Brazil College, the consolidation of the Brazilian University Center, the installation act of its first rector in 1999 and the unfolding development that happened in several denominational institutions throughout



Brazil. Finally, the work examines the extra and intradenominational components that acted as facilitator or inhibitor agents in the establishment of SDA University in Brazil.

KEYWORDS: history, higher education, adventist, Brazil, university, development, Unasp.

RESENHAS

FÉ, RAZÃO E HISTÓRIA DA TERRA, DE LEONARD BRAND

Dr. Nahor Neves de Souza Júnior

Geólogo, com doutorado em Geotecnia pela USP
e professor de Ciência e Religião no Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP)
nahor.junior@unasp.edu.br

Brand, Leonard. *Fé, razão e história da Terra: um paradigma das origens da Terra e da vida por planejamento inteligente*. São Paulo: Unasp, 2005. 340 pp.

Essa obra é caracterizada pela abrangência dos temas, a qualidade das informações, bem como o espírito despretensioso e verdadeiramente imparcial, o que a coloca como uma das melhores contribuições àqueles que, sinceramente, se interessam pela associação coerente e sustentável entre os conhecimentos científico, filosófico e religioso.

As instituições de ensino e pesquisa no mundo, e particularmente no Brasil, carecem de literatura como esta, em que as questões ligadas às origens (campo das ciências naturais) sejam abordadas de maneira ampla, honesta e isenta.

Leonard Brand elaborou este excelente livro fundamentado em pesquisas científicas pessoais (meticulosamente desenvolvidas), em sua experiência como docente e na utilização de informações pertinentes, oriundas de textos criteriosamente selecionados.

A utilização de uma boa didática e ilustrações apropriadas favorecem uma leitura agradável, elucidativa e acessível, tanto àqueles iniciados, como aos mais experientes nos temas ligados ao confronto entre ciência e religião ou à controvérsia Criacionismo versus Evolucionismo. O autor considera mais apropriado utilizar o termo "Intervencionismo Informado" em substituição ao "Criacionismo".

Questões filosóficas, teológicas e científicas são expostas com habilidade e de maneira interligada, o que é fundamental quando se busca compreender eventos pretéritos, em que os limites da própria ciência são ultrapassados.

É interessante notar, como se pode verificar em muitos dos livros congêneres, a ênfase dada aos conhecimentos pertinentes à geologia, sendo que a maioria dos correspondentes autores, como Brand, desenvolveram suas carreiras universitárias no campo das ciências biológicas. Dentre os possíveis motivos para o referido destaque, mencionam-se pelo menos dois:

(1) No confronto entre o Criacionismo e o Evolucionismo a natureza dos fósseis (paleontologia) e a datação radiométrica (tempo geológico) assumem papel relevante. Se, por um lado, o estudo do registro fóssil pertence a uma interface entre a biologia e a geologia, por outro, a geocronologia padrão é assunto exclusivo da geologia;

(2) Importantes evidências científicas do Criacionismo encontram-se na geologia. O autor – biólogo criacionista – evidentemente explora muito bem essa realidade, dedicando quatro capítulos aos temas geológicos e significativas partes de outros à paleontologia.

Uma interessante estratégia é ainda adotada por Leonard Brand ao interpretar os dados, fatos ou fenômenos naturais. As informações daí advindas são subdivididas em três categorias, correspondendo às evidências: (a) favoráveis ao Criacionismo; (b) neutras; (c) úteis ao Evolucionismo.

No entanto, os critérios subjetivos, adotados para a referida classificação, são passíveis de questionamentos, especialmente quando se procura, sistematicamente, contrabalançar as evidências a favor do Criacionismo com aquelas favoráveis ao Evolucionismo. Tal postura,



provavelmente, reflita uma tentativa de se diferenciar de um criacionismo radical e ufanista (muito comum no país do autor) que, em muitos casos, dificulta um diálogo honesto e respeitoso com cientistas evolucionistas.

Pelo seu rico conteúdo, este livro certamente constitui uma importante referência aos interessados e estudiosos dos temas ligados às ciências das origens. No entanto, este expressivo potencial poderia ser melhor explorado se o autor tivesse dedicado um espaço mais amplo (maior diversidade de termos) para o índice remissivo.

Fé, Razão e História da Terra – um dos poucos livros do gênero – escrito por um cientista honesto e criterioso – que se pode recomendar tanto aos estudiosos do Criacionismo como aqueles pesquisadores evolucionistas que ainda resistem em conhecer o outro lado.